

www.jalla2018.org

XIII JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA LATINOAMERICANA

ÉTICAS E POÉTICAS DOS MUNDOS ANDINOS-AMAZÔNICOS: TRÂNSITOS DE SABERES, LINGUAGENS E CULTURAS

06 a 11 de agosto de 2018 | Câmpus da Universidade Federal do Acre, Brasil



Foto: Gerson Albuquerque

CADERNO DE RESUMOS



**Caderno de resumos: XIII Jornadas Andinas de Literaturas
Latinoamericanas**

Organização

Gerson Rodrigues de Albuquerque
Raquel Alves Ishii

Nepan Editora
Rio Branco - Acre
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborada pela Biblioteca da UFAC

S471s Jornadas Acadêmicas de Literaturas Latinoamericanas (13. : 2018 : Rio Branco, AC)

Cadernos de Resumos da XIII Jornadas de Literatura Latinoamericanas: 06 a 11 de agosto, Rio Branco / organização Gerson Rodrigues de Albuquerque, Raquel Alves Ishii. – Rio Branco: Nepan, 2018.

668 p.

ISBN: 978-85-68914-31-1

1. Literatura – Eventos, Congressos – Acre. 2. Memória – Eventos, Congressos. 3. Linguagem e identidade – Eventos, Congresso. 4. I. Albuquerque, Gerson Rodrigues de. II. Ishii, Raquel Alves. III. Título.

CDD: 401

Bibliotecária: Maria do Socorro de Oliveira Cordeiro. CRB-11/600.

SECRETÁRIOS JALLA

ALBINO CHACÓN GUTIÉRREZ, UNIVERSIDAD NACIONAL DE COSTA RICA, COSTA RICA
CARLOS ALBERTO GARCÍA-BEDOYA MAGUIÑA, UNIVERSIDAD NACIONAL MAYOR DE SAN MARCOS, PERU
CARMEN NOEMI PERILLI, UNIVERSIDAD NACIONAL DE TUCUMÁN, ARGENTINA
CAROLINA ALZATE CADAVID, UNIVERSIDAD DE LOS ANDES, COLÓMBIA
CATHERINE POUPENEY HART, UNIVERSITÉ DE MONTRÉAL, CANADÁ
CONSUELO MEZA MÁRQUEZ, UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE AGUASCALIENTES, MÉXICO
DARÍO HENAO RESTREPO, UNIVERSIDAD DEL VALLE, COLÓMBIA
ELIZABETH MONASTERIOS, UNIVERSITY OF PITTSBURGH, EUA
ENRIQUE ROZAS PARAVICINO, UNIVERSIDAD NACIONAL DE SAN ANTONIO, ABAD DEL CUSCO, PERU
FERNANDO MORENO TURNER, UNIVERSIDAD DE POITIERS, FRANÇA
FRANCISCO JAVIER AMEZCUA PÉREZ, ESCUELA NACIONAL DE ANTROPOLOGÍA E HISTORIA / UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO, MÉXICO
GERSON RODRIGUES DE ALBUQUERQUE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, BRASIL
GILBERT SHANG NDI, UNIVERSIDAD DE LOS ANDES, COLÓMBIA
GRÍNOR ROJO, UNIVERSIDAD DE CHILE, CHILE
GUILLERMO MARIACA ITURRI, UNIVERSIDAD MAYOR DE SAN ANDRÉS, BOLÍVIA
HIDEFUJI SOMEDA, UNIVERSIDAD DE OSAKA, JAPÃO
JOSÉ JAVIER MARISTANY, UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PAMPA / UNIVERSIDAD NACIONAL DE SAN MARTÍN, ARGENTINA
LIVIA REIS TEIXEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL
MAGDA ZAVALA, UNIVERSIDAD NACIONAL DE COSTA RICA, COSTA RICA
MARCIA PARAQUETT, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, BRASIL
MARCO THOMAS BOSSHARD, EUROPA-UNIVERSITÄT FLENSBURG, ALEMANHA
MARIA DEL ROSARIO RODRÍGUEZ MÁRQUEZ, UNIVERSIDAD MAYOR DE SAN ANDRÉS, BOLÍVIA
MARLENE VÁZQUEZ PÉREZ, CENTRO DE ESTUDIOS MARTIANOS, CUBA
MARTIN LIENHARD, UNIVERSIDADE DE ZURIQUE / PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DEL PERÚ, SUIÇA / PERU
MAURICIO HUGO OSTRIA GONZÁLEZ, UNIVERSIDAD DE CONCEPCIÓN, CHILE
MIRLA ALCIBIADES, CENTRO DE ESTUDIOS LATINOAMERICANOS “RÓMULO GALLEGOS”, VENEZUELA
PATRICIA HENRÍQUEZ PUENTES, UNIVERSIDAD DE CONCEPCIÓN, CHILE
RICCARDO BADINI, UNIVERSITÀ DI CAGLIARI, ITÁLIA
SOFÍA YÁNEZ GARCÍA, UNIVERSIDAD CENTRAL DEL ECUADOR, EQUADOR
ULISES JUAN ZEVALLOS-AGUILAR, OHIO STATE UNIVERSITY, EUA
WERNER MACKENBACH, UNIVERSIDAD DE COSTA RICA, COSTA RICA

SUMÁRIO

COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST 01 - A EXPRESSÃO DA MEMÓRIA ANDINA FRENTE À VIOLÊNCIA

A LITERATURA CONTRA A HISTÓRIA EM LA VIOLENCIA DEL TIEMPO, DE MIGUEL GUTIÉRREZ

Romulo Monte Alto.....40

A TRANSGRESSÃO MORAL EM PERÍODOS DITATORIAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA E EN OCTUBRE NO HAY MILAGROS DE OSWALDO REYNOSO

Lara Mucci Poenaru41

DE SCORZA A COLCHADO: POÉTICAS FRENTE AL ACONTECIMIENTO DE LA COLONIZACIÓN Y EL PASO DE LA ÉTICA INDIGENISTA A LA ESTÉTICA ANDINA

Juan Carlos Almeyda Munayco43

DISCURSO DE PROMOCIÓN (2017), DE YUYACHKANI: O PASSADO COMO LIÇÃO

Carla Dameane Pereira de Souza.....45

EL DISCURSO DE LA MEMORIA EN EL PERÚ: ENTRE LA VIOLENCIA Y LA IMAGINACIÓN

Kent Oré de la Cruz47

EL INGRESO DE UNA CANCIÓN QUE ABORDA “OTRAS VIOLENCIAS” AL ESCENARIO MAINSTREAM DE LA MÚSICA COLOMBIANA: EL CASO DE “DE DÓNDE VENGO YO” (2010) DE CHOCQUIBTOWN

Yonier Alexander Orozco Marin.....48

EL TESTIMONIO ANDINO Y LAS POÉTICAS DEL DUELO: ETNOGRAFÍA Y PERFORMANCE

Betina Sandra Campuzano.....50

HUAYNO E CHICHA: MÚSICAS QUE MANTÊM A MEMÓRIA CULTURAL COLETIVA PERUANA

Caterina Blacher Picorelli Aleixo51

ICONOCLASH: IMAGENS DO MUNDO, INSCRIÇÕES DE GUERRA

Danusa Depes Portas52

ITINERÁRIOS DE GUERRA: A POESIA DE CÉSAR VALLEJO E MAX AUB

Vássia Vanessa da Silveira.....54

LA POESÍA TESTIMONIAL DE DOMINGO DE RAMOS. SOLIDARIDAD DISTÓPICA Y EMPATÍA EN LA REPRESENTACIÓN DE LA VIOLENCIA

Riccardo Badini55

LA APARICIÓN DE LA SERRANÍA EN LA LITERATURA PERUANA

Fernanda López Franz56

LA CONFIGURACIÓN DE LA VIOLENCIA EN LADY MASACRE, DE MARIO MENDOZA

Nestor Raul Gonzalez Gutierrez.....57

LA MEMORIA DEL FUTURO EN DE CUANDO EN CUANDO SATURNINA, DE ALISON SPEDDING	
Meritxell Hernando Marsal.....	58
LA PERSECUCIÓN A LAS IDOLATRÍAS EN LOS ANDES PERUANOS Y LOS MITOS ANDINOS EN LA NARRATIVA CONTEMPORÁNEA	
Rosane Maria Cardoso.....	59
LA PURA PENA: EL VALOR LOS LLAKIS (RECUERDOS PENOSOS) EN LOS RELATOS DE LA VIOLENCIA	
Florencia Raquel Angulo Villán.....	60
LAS VIOLENCIAS SOBRE LOS CUERPOS DE TRES MUJERES: PACHACUTIS CRUZADOS EN “LA SANGRE DE LA AURORA” DE CLAUDIA SALAZAR JIMÉNEZ	
Lucía Falón.....	61
LITERATURA, NARCOCRACIA E MEMÓRIA: TANATOGRAFIAS E REPARAÇÃO	
Paulo César Thomaz.....	62
LLAMADO A ALGUNOS DOCTORES DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS: UM CONVITE A ANTROPOFAGIA	
Carlos David Larraondo Chauca, Suerda Mara Monteiro Vital Lima	63
MEMÓRIA DA VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DA MEMÓRIA EM MAGALLANES, DE SALVADOR DE SOLAR	
Alessandra Maia de Lemos, Felipe Gonçalves Figueira	65
MODOS DA CRÔNICA MAPUCHE	
Silvina Liliana Carrizo.....	67
OS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS DE ANALÍA	
Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves.....	68
OTRAS MEMORIAS DE LA GUERRA INTERNA DEL PERÚ (1980-1992)	
Ulises Juan Zevallos-Aguilar.....	69
VIOLÊNCIA E GÊNERO EM RETÁBULOS DE EDILBERTO JIMÉNEZ: OLHARES SOBRE A GUERRA NO PERU	
Karina Lima Sales.....	70
ST 02 - A INFLUÊNCIA DO IMPERIALISMO NO CENÁRIO POLÍTICO DA AMÉRICA LATINA	
MACONDO E McONDO: O PASSADO E A CONTEMPORANEIDADE NA AMÉRICA LATINA	
Sandra Oliveira da Costa.....	72
A CONQUISTA E A COLONIZAÇÃO LATINO-AMERICANA NO LIVRO DIDÁTICO: UM DEBATE SOBRE A COLONIALIDADE	
Elder Andrade de Paula, Êmily Gerusa da Silva Oliveira	74
AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NA AMAZÔNIA: OS PRECONCEITOS CONTRA AS POPULAÇÕES NATIVAS – ALEXANDRE VON HUMBOLDT E SUA VOYAGE AUX RÉGIONS ÉQUINOXIALES DU NOUVEAU CONTINENT	
Maria de Jesus Morais.....	75
BRASIL: A URGÊNCIA DE UMA IDENTIDADE DECOLONIAL E EMANCIPATÓRIA	
Priscila Teixeira de Carvalho	76
COLONIALISMO INTERNO, PROLETARIADO EXTERNO E IMPERIALISMO COMERCIAL: RELENDO NICOLA ZITARA NA AMAZÔNIA ACREANA	
Marcello Messina.....	77

DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO Y LA BARBARIE DE LA CIVILIZACIÓN	
Elton Emanuel Brito Cavalcante	78
O FEMINISMO DECOLONIAL NO BRASIL	
Susana de Castro Amaral Vieira	80
ST 03 - A TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA: ADAPTAÇÕES E APROPRIAÇÕES	
A TRADUÇÃO DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA PRESENTE EM CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM	
Carolina Barcellos	82
DUAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS DE A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR	
Laurieny da Costa Vilela, Válmi Hatje-Faggion	84
HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA: A MEDICINA ILUMINADA EM PORTUGUÊS	
Alessandra Ramos de Oliveira Harden	85
ILUMINISMO, RACISMO E TRADUÇÃO: IMMANUEL KANT	
Hans Theo Harden	86
LUNA CALIENTE: DESEJO E VIOLÊNCIA NA ENCRUZILHADA INTERARTES DE GIARDINELLI E ARANDA	
Wellington Ricardo Fioruci.....	87
O ESTILO DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO DE LEGENDAS: QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS	
Alessandra Ramos de Oliveira Harden, Janailton Mick Vitor da Silva	88
OTRAS VOCES PARA AMÉRICA LATINA	
Jorge Hernán Yerro.....	89
TRADUÇÃO E TEATRO: A PERSONAGEM BLANCHE DUBOIS, DE A STREETCAR NAMED DESIRE, EM TRÊS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL	
Guilherme Pereira Rodrigues Borges.....	90
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: PYGMALION DE BERNARD SHAW EM TRÊS MUSICAIS NO BRASIL	
Válmi Hatje-Faggion.....	91
TRADUÇÃO LITERÁRIA: MANIPULAÇÃO A SERVIÇO DO PODER NO CONTEXTO LATINO AMERICANO	
Andréa Moraes da Costa.....	92
TRADUTORES INEXPERIENTES E SUA CONSTRUÇÃO NO DISCURSO NA ATIVIDADE TRADUTÓRIA DE TEXTOS EM ESPANHOL	
Duí Barroso Lima Farias.....	94
UM PRIMO BASÍLIO À BRASILEIRA: APROPRIAÇÕES CULTURAIS E ESPACIAIS PRESENTES NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA	
Carlos Alberto Correia	95
ST 04 - AFROAMÉRICA: SABERES DIVERSOS E MEMÓRIAS CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO AFRO-LATINO-AMERICANO	
A CORPORALIDADE E A IDENTIDADE AFRODESCENDENTE NO BLOG BRASILEIRO BLOGUEIRAS NEGRAS	
Danae Gallo González	97

A POTÊNCIA DAS TRADIÇÕES ORAIS E DA ARTE CERAMISTA EM PONCÁ VICÊNCIO	
Jacqueline Laranja Leal Marcelino.....	99
ÁFRICA E DIÁSPORA: LEITOR, LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR E INTELLECTUALIDADE FEMININA NA LITERATURA	
Denilson Lima Santos	100
ASPECTOS DA FORMAÇÃO INTELLECTUAL DO CIMARRÓN DO SÉCULO XXI	
Rogério Mendes.....	101
AUTORIA AFRODESCENDENTE CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DE SUA RECEPÇÃO CRÍTICA NO JORNALISMO CULTURAL E NAS RESENHAS ONLINE	
Cristhiano Aguiar	102
CONTRIBUIÇÕES DA MIGRAÇÃO FEMININA DO QUILOMBO DE PEDRAS NEGRAS NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA	
Joely Coelho Santiago, Washington Luiz dos Santos Assis	103
DECOLONIZANDO SABERES: CONCEITOS DE LITERATURA AFRODESCENDENTE APLICADOS À LITERATURA LATINO-AMERICANA DE AUTORIA NEGRA	
Líliam Ramos da Silva	104
DIÁRIO DE UMA FAVELADA: O QUE A DESVALORIZAÇÃO DA OBRA DE CAROLINA DE JESUS TEM A DIZER?	
Jaine Araújo da Silva, José Tarisson Costa da Silva.....	105
HIP HOP CULTURA DE RUA: MINHA FERRAMENTA DE DESCOLONIZAÇÃO	
Jorge Neto de Andrade Nobre.....	106
HISTÓRIA(S) RE-DESENHADA(S): A REPRESENTAÇÃO DE PALMARES EM CUMBE (2014) E ÂNGOLA JANGA (2017), DE MARCELO D'SALETE	
Jasmin Wrobel.....	107
LA COSMOVISIÓN AFRO COMO ESTRATEGIA DE LOCALIZACIÓN DE LAS TERRITORIALIDADES EN EL NORTE DEL CAUCA, COLOMBIA	
Rigoberto Banguero Velasco.....	108
LAS FUENTES POPULARES E HISTÓRICAS EN LA OBRA DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA EN EL PACÍFICO COLOMBIANO	
Darío Henao Restrepo	109
OS EFEITOS PSICO-EMOTIVOS DA OBJETIFICAÇÃO SEXUAL E O ABANDONO À MULHER NEGRA NA POESIA “MULATA EXPORTAÇÃO”, DE ELISA LUCINDA	
Jeissyane Furtado da Silva.....	110
OS SABERES DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ: O LUGAR DA ORALIDADE DA ESCRITA	
Océlio Lima de Oliveira.....	111
PROYECTO LIRICO, POLIFONÍA Y TRANSAFRICANÍA EN ¡NEGRAS SOMOS! Y OTROS TEXTOS	
M'bare N'gom.....	112
TRAVERSÉE DE LA MANGROVE: PREFÁCIO ÀS LITERATURAS NEGRAS AMERICANAS	
Alcione Correa Alves, Gabriella Monteiro Soares	113
VOZES-MULHERES: MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS	
Tássia do Nascimento	114

“LA PALABRA QUE SANA Y SALVA”: O HOME DE MARTA QUIÑÓNEZ Marcela Batista Martinhão	115
ST 05 - AS POÉTICAS ORAIS NAS AMÉRICAS E AMAZÔNIAS: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES	
A POESIA ENTOADA: PERFORMANCES POÉTICAS DA VOZ NO ABOIO DE GADO NORDESTINO	
Amarino Oliveira de Queiroz.....	117
CASMERIM: UM ENCANTO DA FLORESTA	
Evânia Maria Ferraz Araujo, Fernanda Cougo Mendonça.....	118
CÍRIO DE NAZARÉ: UMA POÉTICA IMAGÉTICA	
Nazaré Cristina Carvalho.....	120
HISTÓRIA E O COTIDIANO: MEMÓRIA DA COTIDIANIALIDADE COMO SER PARTICULAR E GENÉRICO	
Ailton Almeida da Silva Castro, Iara da Silva Castro Almeida.....	122
NARRATIVAS, RITUAL Y POLÍTICA: EXPRESIONES CREATIVAS DE UNA AUTONOMÍA INACABADA EN EL CARIBE NICARAGÜENSE	
Denia Román Solano.....	124
O MEMORIAL COMO GÊNERO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE DOCENTES NAS ÁREAS RURAIS DA AMAZÔNIA ACREANA	
Ângela Maria Bastos de Albuquerque, Jorge Fernandes da Silva	125
POÉTICAS AMAZÔNICAS: EL INCA MALO, RELATOS VIAJEROS Y PERCEPCIONES	
Gonzalo Espino Relucé.....	127
POÉTICAS ORAIS AMAZÔNICAS: POSSIBILIDADES DE DESCOLONIZAÇÃO DE IMAGINÁRIOS (E CURRÍCULOS?) CONJECTURAS ACERCA DAS TRADUÇÕES DE CULTURAS VIVAS, DA VOZ VIVA, PARA O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS	
Fernanda Cougo Mendonça, Evânia Maria Ferraz Araujo.....	128
PRÁTICA PEDAGÓGICA COM NARRATIVAS MÍTICAS EM CURRÍCULO INTERCULTURAL	
Heidi Soraia Berg	130
PROPOSTA DE EDIÇÃO DE TEXTOS ORAIS	
Edil Silva Costa.....	131
SABENÇAS DO PADRINHO: TRAJETÓRIA DE VIDA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO A PARTIR DE UM CURANDEIRO AMAZONENSE	
Maria Betânia Barbosa Albuquerque.....	132
VOZES POÉTICAS: A CORRESPONDÊNCIA ENTRE DALCÍDIO JURANDIR E MARIA DE BELÉM MENEZES	
Josebel Akel Fares, Paulo Jorge Martins Nunes	133
ST 06 - CARTOGRAFIAS DO URBANO NAS AMAZÔNIAS: RELATOS DE CIDADES, RIOS E FLORESTAS NA HISTÓRIA E NA LITERATURA	
A AMAZÔNIA ENCANTADA DE MILTON HATOUM: FICÇÃO, MITOS E HISTÓRIA	
Ana Lucia Trevisan	135
BAIRRO TRIÂNGULO: SOCIOAMBIENTALISMO, ESPACIALIDADES E IDENTIDADES	
Marco Antônio Domingues Teixeira.....	136
CAMINHO DE MARAHU: ASPECTOS DA POESIA DE MAX MARTINS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Ney Ferraz Paiva.....	137

CARTOGRAFIA DA MELANCOLIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DE MANAUS NA OBRA DE MILTON HATOUM	
Cristiane de Mesquita Alves.....	138
ENTRE DISCURSOS E IDENTIDADES: A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO AUTONOMISTA NA FORMAÇÃO DA JURUAENSIDADE	
Thiago Muniz da Silva.....	139
LIMA BARRETO E A PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: REPRESENTAÇÕES, HISTÓRIA E LITERATURA	
Francisco Bento da Silva.....	140
MANAUS E A MODERNIDADE: UMA CIDADE EM CAOS E UM “HERÓI PROBLEMÁTICO” NA NARRATIVA DE ERASMO LINHARES	
Joanna da Silva.....	141
O DIREITO À MORADIA: REASSENTAMENTO DOS MORADORES IMPACTADOS PELAS OBRAS DA UHE SANTO ANTÔNIO NOS BAIROS BAIXA DA UNIÃO E TRIÂNGULO EM PORTO VELHO	
Delson Fernando Barcellos Xavier, Rozalino Pereira.....	142
TRAÇO DE INTERCULTURALIDADE NO ROMANCE UM PEDAÇO DE LUA CAÍ NA MATA: CULTURA JUDAICA NA AMÉRICA LATINA	
Maria de Nazaré Cavalcante de Sousa.....	144
“O BAILE DO JUDEU”, DE INGLÊS DE SOUZA, OU APONTAMENTOS SOBRE REALISMO MÁGICO EM UMA NARRATIVA BRASILEIRA	
Márcio Antonio de Souza Maciel.....	145
ST 08 - CRÍTICA DECOLONIAL E COSMOLOGIAS AFROINDÍGENAS: POSTURAS E SABERES NA AMAZÔNIA ORIENTAL	
A ARTE DO GRAFISMO RESISTENTE DO POVO WARI NA COMUNIDADE RIBEIRÃO	
Salatiel Araujo Rodrigues, Tatiane Rodrigues Bianchini.....	147
A CIÊNCIA DOS ENCANTADOS: COSMOLOGIAS AFROINDÍGENAS NO NORDESTE PARAENSE	
Jerônimo da Silva e Silva.....	148
DIÁLOGOS ONTOLÓGICOS: A PERDA DO CAMINHO	
Concita Guaxipiguara Sompré, Hiran de Moura Possas.....	149
DO PEIXE-FRITO A SÃO BENEDITO: BRUNO DE MENEZES EM EXPERIÊNCIAS ETNOGRÁFICAS	
Rodrigo de Souza Wanzeler.....	151
ENTRE SABERES, MARACÁS E DECOLONIALIDADE: PRÁTICAS EDUCATIVAS DA PAJELANÇA	
Maria Betânia Barbosa Albuquerque, Thaís Tavares Nogueira.....	152
MARCADOS PARA VIVER: INDÍGENAS CONTEMPORÂNEOS NA CENA NACIONAL	
Ana Lígia Leite e Aguiar.....	154
O ESTEREÓTIPO, A DISCRIMINAÇÃO E O DISCURSO DE EMBATE PRESENTES EM MEMES REFERENTES À AMAZÔNIA.	
Geovânia de Souza Andrade Maciel, Lusinilda Carla Pinto Martins.....	155
PRÁTICAS EDUCATIVAS QUILOMBOLAS: ACEITAÇÃO, REJEIÇÃO E DISPUTA ENTRE O ORAL E O ESCRITO	
Mayre Dione Mendes da Silva Mascarenhas.....	157

RELIGIÃO E LITERATURA NA AMAZÔNIA: PRÁTICAS AFROINDÍGENAS EM DALCÍDIO JURANDIR	
Agenor Sarraf Pacheco	159
“AQUI EU TENHO MEU CONGARZINHO”: LAURA ROSA EM PRÁTICAS UMBANDISTAS NA REGIÃO DE BREVES (MARAJÓ-PA)	
Dione do Socorro de Souza Leão	162
ST 10 - CURRÍCULO DO DEVIDR: PARA PENSAR A FORMAÇÃO DO PROFESSOR RIZOMÁTICO	
CARTOGRAFIAS DE UMA ESCOLA NA FRONTEIRA DO BRASIL COM A BOLÍVIA: CURRÍCULO, PRÁTICA DOCENTE, INTERCÂMBIO E RESISTÊNCIA	
Zuila Guimarães Cova dos Santos.....	164
CURRÍCULO DO ENSINO FUNDAMENTAL: PLURALIDADE NEGADA	
Valda Inês Fontenele Pessoa	166
CURRÍCULO NA FRONTEIRA: REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DE MATEMÁTICA NAS CIDADES DE GUAJARÁ-MIRIM (RONDÔNIA-BRASIL) E GUAYARAMERIN (BENI-BOLÍVIA)	
André Pereira Lopes, Gislaina Rayana Freitas dos Santos.....	168
O CURRÍCULO COMO ESPAÇO DE INTERCESSÕES ENTRE O INSTITUÍDO E O INSTITUINTE	
Tania Mara Rezende Machado	169
O SUJEITO QUE APRENDE E ENSINA: UMA PERSPECTIVA DE UMA ESCOLA DEFORMADA	
Simone da Silva Pinheiro	170
PEDAGOGIAS DO CORPO: A LEI DE COMBATE À OBESIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ACRE	
Romário Ney Rodrigues de Souza.....	172
PROTAGONISMO FEMININO E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS MOVIMENTOS DE MULHERES NO ACRE (1980-90)	
Liberacy Sousa Oliveira.....	173
PSICOLOGIAS DA EDUCAÇÃO: POR UM CURRÍCULO NOS LIMIARES DO DESENVOLVIMENTO	
Veridiana Chiari Gatto.....	175
SALA DE AULA: APRENDER A DESAPRENDER	
Aluizio Oliveira de Souza.....	176
¿CUÁL CIENCIA, VALIDADA POR QUIÉN Y PARA FORMAR A QUIÉN, SE ENCUENTRA EN LA PROPUESTA DE LOS ESTÁNDARES BÁSICOS DE COMPETENCIAS EN CIENCIAS NATURALES PARA LA EDUCACIÓN BÁSICA Y MEDIA EN COLOMBIA?	
Yonier Alexander Orozco Marin	177
ST11-DASVIAGENSE PAISAGENS DE UM MOSAICO EM TRANSFORMAÇÃO: ANTROPOLOGIA, FLORESTA E ARTES NA AMAZÔNIA INDÍGENA	
CAMINHANDO COM OS CANTOS E AS IMAGENS DE NOSSOS PAIS	
Rosângela Pereira de Tugny.....	180
ARTES VERBAIS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA: EXPERIÊNCIAS DE AUTORIA E PARCERIA	
Cláudia Neiva de Matos	181

AYAHUASCA E TERRITORIALIDADE ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO ALTO JURUÁ	
Terri Valle de Aquino	183
BIO-GRAFIAS DA FLORESTA: METODOLOGIA TRANSDISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO DE LIVRO E WEBSITE MAXAKALI.	
Cinara de Araújo.....	184
COMO O DEVIR PLANTA	
Rafael Otávio Fares Ferreira.....	186
DE SUCURIS E QUEIXADAS: TRANSFORMAÇÕES DOS MITOS PANO DE ORIGEM DA AYAHUASCA	
Marcos de Almeida Matos	187
EDUCAÇÃO INDÍGENA COMO PARADIGMA DO ENSINO TRANSDISCIPLINAR	
Maria Inês de almeida.....	188
EDUCAÇÃO INDÍGENA DIFERENCIADA EM GUAJARÁ-MIRIM	
Albert Silveira de Azevedo	189
EXPOSIÇÃO DE CABEÇAS E FORMAÇÃO DAS ROTAS INDÍGENAS NO RIO TAPAJÓS - AMAZÔNIA	
Daniel Belik.....	190
ÊXTASE RELIGIOSO EM CONTEXTO DE UMA RELIGIÃO USUÁRIA DE AYAHUASCA	
Wladimyr Sena Araújo.....	191
GEOGRAFIA, CARTOGRAFIA E ARTE NA AMAZÔNIA INDÍGENA	
Marcia Maria Spyer de Resende	192
HISTÓRIA, NATUREZA E ETNOGRAFIA INDÍGENA NOS RELATOS DE TASTEVIN, PARRISIER	
Larissa Oliveira dos Santos, Maria Ariádina Cidade Almeida	193
LIVROS E FILMES: O CUIDADO E A CURA DA TERRA E DA VIDA NO “TEMPO DA CULTURA”	
Mara Vanessa Fonseca Dutra	194
MÁS ALLÁ DEL PASAJE VISIBLE. APRENDIZAJE E INTERACCIONES DE LOS CANTOS CABÉCARES DEL BULU SIKÉ (COSTA RICA).	
Alice Lamounier Ferreira	195
MITOLOGIA CINTA-LARGA: O SABER NAS RELAÇÕES ENTRE ANIMAL HUMANO E SERES NÃO HUMANOS	
Helois Helena Siqueira Correia, Márcio Moreira Costa	196
MULTILOCALIDADE NA ALTA AMAZÔNIA: PAISAGENS HÍBRIDAS, CIDADES NÔMADES	
Gisela de Andrade Brugnara	198
O PROPÓSITO DO MAL NOS MITOS INDÍGENAS E NA OBRA DE GEORGES BATAILLE	
Rafaella Dias Fernandez.....	199
OS BORA E OS WITOTO DOS DISTRITOS DOS RIOS IÇÁ-JAPURÁ AOS OLHOS DE UM VIAJANTE BRITÂNICO	
Helio Rodrigues da Rocha	200
OS NÃO-OCIDENTAIS: OLHOS NUS NÃO ENXERGAM ESPÍRITOS	
Fernando Alves da Silva Júnior.....	201

POVOS NATIVOS, LUGARES, MEMÓRIAS E IDENTIDADE: AS IMAGENS NAS NARRATIVAS RESISTENTES DOS WARI	
Auxiliadora dos Santos Pinto, Márcia Dias dos Santos.....	203
RELATOS DE VIAGENS NO SUDOESTE AMAZÔNICO E O PROTAGONISMO INDÍGENA	
Cliverson Pessoa.....	204
SOBRE A NOÇÃO DE AMBIENTE: ENTRE A ACADEMIA E A VIDA NA ALDEIA	
Mariana Ciavatta Pantoja Franco.....	205
TRAMAS DE SABERES E TRADIÇÃO:UM ESTUDO SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM CONTOS INDÍGENAS	
Lilian Castelo Branco de Lima.....	206
UMA SUPERFÍCIE LÍQUIDA BARRENTE E LISA	
Camila Bylaardt Volker.....	207
VARIAÇÕES EM TORNO DA CABEÇA DECEPADADA: DOS CAXINAUÁS À POESIA CONTEMPORÂNEA	
Izabela Guimarães Guerra Leal.....	208
ST 12 - DIÁLOGOS SOBRE SAÚDE, DOENÇAS, SABERES MÉDICOS E OUTRAS ARTES DE CURAR NAS AMÉRICAS E AMAZÔNIAS	
DIÁLOGOS OFICIAIS EM SAÚDE POR MEIO DO SUBSISTEMA DE SAÚDE INDÍGENA	
Alcilene Oliveira Alves.....	210
DSOPPINEJE: SISTEMA DE SAÚDE MADIJA (KULINA) E O USO DE SUBSTÂNCIAS SAGRADAS	
Wladimyr Sena Araújo.....	211
O DIREITO AO CORPO E À CURA: ESCRAVIDÃO, DOENÇA E MORTE NO VALE DO GUAPORÉ - SÉCULOS XVIII E XX	
Tatilene Silva de Oliveira, Uílian Nogueira Lima.....	212
SABERES MÉDICOS, FEITICEIROS E CURANDEIROS NO ACRE TERRITORIAL (1904 A 1930)	
Sérgio Roberto Gomes de Souza.....	213
TRADUÇÃO E AUTORIA EM NARRATIVAS AMERÍNDIAS	
Evelyn Martina Schuler Zea.....	214
ST 13 - DISCURSOS PERIFÉRICOS: PATRIMÔNIO E LITERATURAS	
A EXPERIÊNCIA TRADICIONAL COMO RESISTÊNCIA NO CONGO DO ESPÍRITO SANTO	
Elisa Ramalho Ortigão.....	216
APROXIMACIÓN A LA LITERATURA INDIGENISTA PERUANA EN EL SIGLO XXI	
Amancio Edison Flores Muñoz.....	217
BARBANTES EM MOVIMENTOS: VERSEJOS DE MASSACRES NA BOCA DA NOITE	
Aline Silva e Silva, Hiran de Moura Possas.....	218
CAIS NÃO DORME: O PORTO NO CONTO-REPORTAGEM “UM DIA NO CAIS”, DE JOÃO ANTÔNIO	
Mariana Filgueiras de Souza.....	219
DO CHÃO DA ÁFRICA PARA O CHÃO DO BRASIL: TEMPO, MEMÓRIA E TRADIÇÃO NAS OBRAS DE MIA COUTO E RADUAN NASSAR	
Maria de Nazaré Barreto Trindade.....	220

DOS DISCURSOS LITERARIOS DE LAS DINÁMICAS URBANAS PERIFÉRICAS EN RIO DE JANEIRO Y MEDELLÍN	
Juan Sebastián Rodríguez Amarillo	221
MEMÓRIA, HISTÓRIA E NARRATIVA	
José Otavio Lobo Name	222

ST 14 - ECOCRÍTICA E LITERATURA NA AMÉRICA LATINA

CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA EM ELIZABETH BISHOP: A REPRESENTAÇÃO AMAZÔNICA	
Isabel Cristina Rodrigues Ferreira.....	224
ECOCRÍTICA E LITERATURA NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL	
Susylene Dias de Araujo.....	225
FLAUSINO VALLE: QUESTÕES DA NATUREZA E INFÂNCIA EM SEUS POEMAS	
Leonardo Vieira Feichas, Letícia Porto Ribeiro.....	226
GÊNEROS LITERÁRIOS COM INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE GOIÁS: UMA PROPOSTA ECOCRÍTICA.	
Adriana Gomes Bezerra.....	227
LENDO FRANS KRAJCBERG: A ÁRVORE COMO ARTE E COMO CRÍTICA	
Dennys da Silva Reis.....	228
LITERATURA INDÍGENA: A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR AS NARRATIVAS INDÍGENAS NA SALA DE AULA, SÉRIES FINAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Walquiria Lima da Costa	229
LOS LABERINTOS DE LA MEMORIA: INFANCIA Y CLANDESTINIDAD EN TRES NOVELAS DE LAURA ALCOBA	
Patricia Belén Ricard.....	230
RIO VERMELHO: A POESIA DE CORA CORALINA COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO HUMANA EM RELAÇÃO AO SEU ESPAÇO NATURAL – NÃO HUMANO	
Mislainy Patrícia de Andrade.....	231

ST 15 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM AMBIENTES VIRTUAIS: REFLEXÕES SOBRE LINGUÍSTICA APLICADA, MULTILETRAMENTOS E TECNOLOGIAS DIGITAIS

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR/A DE LÍNGUA ESPANHOLA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE - CAMPUS FLORESTA: UM ESTUDO DE CASO	
Maria Alberlani Morais de Brito	233
A FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA - EAD, NO IFRR: UM OLHAR SOBRE A PROPOSTA PEDAGÓGICA E SUA EFETIVA EXECUÇÃO NO CONTEXTO RORAIMENSE	
Duí Barroso Lima Farias.....	234
FANFICS NO ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA BÁSICA	
Margarete Edul Prado de Souza	236

HETERODISCURSIVIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE: UM ESTUDO SOBRE O OLHAR DA POLÍTICA BRASILEIRA PELOS ESPANHÓIS	
Maria Francisca da Silva	237
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA ESPANHOLA EM FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR	
Maria Francisca da Silva	238
PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA ESPANHOLA: ESTÁGIO COM PESQUISA E GÊNEROS MULTIMODAIS	
Francemilda Lopes do Nascimento.....	239
ST 16 - HETEROGENEIDAD CULTURAL EN LAS LITERATURAS Y PRÁCTICAS ESCÉNICAS ANDINAS	
DEL INKARRÍ A LAS UMAS VOLADORAS. UNA TRAVESÍA PRELIMINAR POR LAS MENTALIDADES ANDINAS EN LA TRADICIÓN ORAL LATINOAMERICANA	
Brayan Jayro Aloysius Jurado Urbina, Raúl Germán Jurado Párraga	241
DESTERRITORIALIZACIÓN Y MARGINACIÓN: EL CASO DE LA GABRIELA BLAS BLAS Y LA RECONSTRUCCIÓN DE LA REALIDAD DE BOSCO CAYO EN LA DRAMATURGIA	
Carolina Alejandra Vallejos Vallejos.....	242
HETEROGENEIDAD CULTURAL E IMAGINARIO EN LA LITERATURA DEL NORTE DE CHILE	
Mauricio Ostria González.....	243
LA TIRANA: TEATRALIDADE ANDINA	
Douglas Henrique de Oliveira.....	244
MEMORIA INCA Y PODER AUTORAL: LA HETEROGENEIDAD COMO ANTECEDENTE DEL DISCURSO DE TESTIMONIO EN COMENTARIOS REALES DE LOS INCAS	
Gustavo V. Garcia	245
ÑO CARNAVALÓN AFRODESCENDIENTE EN SAN MIGUEL DE AZAPA: UNA PERFORMANCE DE REIVINDICACIÓN	
Daniela Andrea Sandoval Villalobos.....	246
O CÁRCERE COMO ESPAÇO PARA A IMUNIDADE E A COMUNIDADE EM LOS DÍAS DE LA PESTE, DE EDMUNDO PAZ SOLDÁN	
Ellen Maria Martins de Vasconcellos	247
TEATRO CHILENO DE TEMÁTICA NORTINA: CARTOGRAFÍA DE UN TERRITORIO INVISIBILIZADO	
Patricia Henríquez Puentes.....	248
TRANSFORMACIONES QUE ASUSTAN: EL ENCLAVE ANDINO-AMAZÓNICO EN LA NARRATIVA DE GAMALIEL CHURATA	
Elizabeth Monasterios.....	249
ST 17 - HISTÓRIA, ECONOMIA, MEMÓRIA, SOCIEDADE, CULTURA E QUESTÕES AMBIENTAIS	
A SERINGUEIRA NA UNIVERSIDADE: MOVIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO NO ESTADO DO ACRE E A QUESTÃO DA TERRA (1970-1980)	
Queila Batista dos Santos.....	251

A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA EM EXPERIÊNCIAS DO PIBID HISTÓRIA UFAC/2017	
Maria Rosana Lopes do Nascimento, Wálisson Clister Lima Martins.....	252
ANÁLISE DE CAPITAL SOCIAL NUMA PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO COM MULHERES NA RESEX CHICO MENDES – ACRE - BRASIL	
Tânia Gomes Façanha.....	253
AS MEMÓRIAS DAS FAMÍLIAS ASSENTADAS NA DÉCADA 90 EM ANAPU/PA	
Edisa Assuncao Correa.....	255
CORONÉIS EM FOCO: EXERCÍCIOS DE PODER DOS SERINGALISTAS EM RIO BRANCO, ACRE	
Daniel da Silva Klein.....	256
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA AMAZÔNIA SOB A ÓTICA DA OBRA DOIS IRMÃOS	
Adão Ferreira de Albuquerque Filho.....	257
ENTRE MACHADINHAS E FACAS: TRANSFORMAÇÕES NO SABER-FAZER DOS SERINGUEIROS	
Eduardo Di Deus.....	258
HINO DO SERINGUEIRO: MÚSICA CANTADA PELOS SERINGUEIROS DE XAPURI NOS EMPATES COMO ENFRENTAMENTO AO PODER	
Marilene Nascimento da Silva.....	259
HISTÓRIA AMBIENTAL E OS RELATOS DA CHEIA DO RIO ACRE EM 2015	
Inayane Melo Lima.....	260
HISTÓRIA AMBIENTAL, HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTÓRIA (SÓCIO) ECONÔMICA NO EXTREMO OCIDENTAL DA AMAZÔNIA: REFLEXÕES SOBRE AS MEMÓRIAS DO, NO E SOBRE O ACRE	
Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque Franco.....	261
MEMÓRIA DA FLORESTA	
Marcos Fábio Freire Montysuma.....	262
MULHERES PERMACULTORAS: ECOFEMINISMO NO SÉCULO 21	
Iana Carla Couto.....	263
O EMPODERAMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA EM SANTA CATARINA –REFLEXÕES SOBRE A INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES (ITCP- UNISUL) DA UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA	
Elisete Gesser Della Giustina Da Correggio, João Antolino Monteiro.....	264
PERSPECTIVAS DOS TRABALHADORES DO PROJETO DE ASSENTAMENTO DIRIGIDO BOA ESPERANÇA EM SENA MADUREIRA ACRE FRENTE ÀS POLÍTICAS AMBIENTAIS 2005-2017	
Cicero Dantas dos Santos Filho.....	266
POVOS INDÍGENAS, CIVILIZAÇÃO E TRABALHO NO ALTO JURUÁ	
Gaby Gama da Mota Lima, Teresa Almeida Cruz.....	267
QUESTÕES DE CIDADANIA DO IDOSO NO JORNALISMO IMPRESSO ACRIANO	
Janaina da Silva Pinheiro.....	268
RACIONALIDADE E EXPLORAÇÃO MADEIREIRA NA AMAZÔNIA: EXPERIÊNCIAS ACRIANAS NO ALVORECER DO XXI	
Carlos Alberto Franco da Costa.....	269

REFORMA AGRÁRIA, CAPITAL SOCIAL E GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS: O CASO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL BONAL	
Ana Paula Diniz Brito.....	271
REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS EM ARQUIVOS DE RIO BRANCO	
Danilo Rodrigues do Nascimento, Teresa Almeida Cruz.....	273
SER SOCIAL E CONSCIÊNCIA: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA “CONSCIÊNCIA AMBIENTAL” NA AMAZÔNIA-ACREANA	
Israel Pereira Dias de Souza	274
SÍMBOLOS INTERAMAZÔNICOS DO SAGRADO NO CORTEJO DA “VIRGEM DE SANTA ROSA” E NA PROCISSÃO DO “BOM JESUS DO ABUNÁ”	
Geórgia Pereira Lima.....	276
TÉCNICA E O MEIO AMBIENTE NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO	
Thaline Luize Ribeiro Fontenele.....	277
VARADOURO - JORNAL DAS SELVAS: MEMÓRIAS E HISTÓRIA AMBIENTAL NO ACRE (1977-1981)	
Lauane Laura da Silva.....	278
VISUALIDADES, SENTIDOS E OUTRAS ARTES NO TEMPLO DE NUESTRA SENORA DEL PILAR - COBIJA	
Romário Ney Rodrigues de Souza.....	279
ST 18 - IMAGINARIOS SOCIALES EN LA CIENCIA FICCIÓN LATINOAMERICANA RECIENTE: ESPACIO, SUJETO-CUERPO Y TECNOLOGÍA	
CIENCIA FICCIÓN E IMAGINARIOS SOCIALES. LA CLONACIÓN COMO MOTIVO CENTRAL EN DOS NOVELAS CHILENAS RECIENTES	
Fernando Moreno Turner.....	281
CIENCIA FICCIÓN EN LAS AULAS: EL ETERNAUTA Y LOS POSIBLES RECURSOS PEDAGÓGICOS	
Stella Maris Poggian.....	282
CUERPO, ESPACIO Y POLÍTICA EN LA LITERATURA DE CIENCIA FICCIÓN CHILENA (1959-2010)	
Pamela Elizabeth Gutiérrez Chavarría.....	284
DEZOITO DE ESCORPIÃO: FICÇÃO CIENTÍFICA, ÍNDIOS, BIOPOLÍTICA	
Vítor Castelões Gama.....	285
DISTOPÍAS, APOCALIPSIS Y UCRONÍAS LATINOAMERICANAS	
Macarena Areco.....	286
ESPACIOS ALTERADOS: EXPERIENCIAS URBANAS Y ESTÉTICAS DE INTERACCIÓN EN LA CIENCIA FICCIÓN CHILENA DEL SIGLO XXI	
Olga Ostría Reinoso	288
IRRUPCIÓN DE LA OTREDAD: PERCEPCIÓN DEL SER HUMANO Y SU RELACIÓN CON EL MEDIO AMBIENTE EN OBRAS DE CF PRODUCIDAS EN CHILE	
Javiera Fuentes Vega.....	289
MISTICISMO, FUTURISMO Y PODER: UNA REFLEXIÓN EN TORNO A DOS CASOS DE NARRATIVA GRÁFICA DE CIENCIA FICCIÓN CHILENA	
Javiera Iribarren Ortiz.....	290
OESTERHELD Y SUS ALEGORÍAS DEL FUTURO	
Ricardo Miguel Haye	291

“O ANO EM QUE VIRAMOS CIBORGUES”, NOTAS DE LEITURA Imara Bemfica Mineiro	292
ST 19 - LATINOAMÉRICA HETEROTÓPICA	
A CIDADE CONFLITUOSA E O FLÂNEUR SEM CASA Tiago de Holanda Padilha Vieira	294
BOLAÑO E BELANO: BIOGRAFIA E UTOPIA Jáder Vanderlei Muniz de Souza	295
CONEXÕES E DESCONEXÕES ENTRE O CAMPO E A CIDADE NO FILME COLOMBIANO PISINGAÑA (1985) Carlos Germán van der Linde.....	296
CRÍTICA DEL ESPACIO OCCIDENTAL EN “EL PEZ DE ORO” DE GAMALIEL CHURATA Cesar Augusto López Nuñez	297
DECOLONIZAR Y TRADUCIR EL ESPACIO: LA EXPERIENCIA INDÍGENA-URBANA DE DANIEL MUNDURUKU Y DAVI KOPENAWA Christian Alexander Elguera Olortegui	298
HETEROTOPÍA, MEMORIA Y VIOLENCIA POLÍTICA EN LOS RETABLOS AYACUCHANOS DE LA FAMILIA JIMÉNEZ Alex Marchand Alvarado, Oscar Giovanni Gallegos Santiago	299
LA VIOLENCIA ANIMALIZADA DE LIMA: LA MIMESIS DEL ESPACIO Y EL PERSONAJE EN QUE TE COMA EL TIGRE DE AUGUSTO HIGA Fabiola Estephanie Guzmán Loayza.....	300
O ESPAÇO LABIRÍNTICO EM “O LARGO DO MESTREVINTE”, DE JOSÉ J. VEIGA (1958) Marcia Machado de Lima.....	301
ROBERTO ÁRLT E A PROBLEMÁTICA DO MAL Leonardo Lani de Abreu.....	302
TERRITORIOS DE TRANSFRONTERÍA Nancy Calomarde.....	303
VAGABUNDO ENTRE MUNDOS NEOBARROSOS. NÉSTOR PERLONGHER E O BRASIL Philipp Seidel	305
ST 20 - LENGUAS Y SONIDOS DE LA INCERTIDUMBRE	
CONTRA LA REDUCCIÓN NOMINAL: TENSIONES DE LA MEMORIA Y RECONFIGURACIÓN DE LAS IDENTIDADES EN FORMAS DE VOLVER A CASA DE ALEJANDRO ZAMBRA Raúl Antonio Estrada Sánchez	307
EL BRAMIDO ANIMAL DE LA POESÍA TESTIMONIAL EN COLOMBIA, UNA TRADICIÓN AL MARGEN Angélica Patricia Hoyos Guzmán	309
INCERTIDUMBRE DE FRONTERA: ESCRITURAS MIGRANTES, DESPLAZAMIENTOS Y BILINGÜISMOS Cristina Burneo Salazar.....	311
INCERTIDUMBRE Y DESVARÍO EN LA NARRATIVA LATINOAMERICANA CONTEMPORÁNEA Juan Manuel Acevedo Carvajal	312

LÍNGUA SOLTA: DO QUE FALAM AS NARRATIVAS DA ESCRITORA PERUANA GABRIELA WIERNER? UM OLHAR QUE PERPASSA A LITERATURA E O JORNALISMO

Joana de Fátima Rodrigues	313
POESÍA, POBREZA Y HAMBRE EN LA OBRA DE IGOR BARRETO	
Gina Saraceni	314
UNA “SOMBRA TERRIBLE”: ENFERMEDAD Y MUERTE COMO INTERDICTOS EN LA CORRESPONDENCIA DE JULIÁN DEL CASAL	
Adriana Kanzevolsky	315
VOZ Y LENGUA EN ANTONIO PORCHIA	
Pablo Gasparini	316
VOZES OUTRAS	
Maria Candida Ferreira de Almeida.....	317

ST 22 - MULHERES E TERRA

(TRANS)BORDA: BORDADO, POESIA E ENCONTRO FEMININO

Jéssica de Pontes Alves.....	319
CAROLINA MARIA DE JESUS. A BUSCA POR TERRA SENDO TERRA	
Raquel Alves dos Santos Nascimento.....	320
COLONIZAÇÃO LUSOTROPICALISTA E FIÇÕES FALOGOCÊNTRICAS EM NOVE NOITES, DE BERNARDO CARVALHO	
Raquel Parrine.....	321
DA EUROPA AO PERU E DO BRASIL À EUROPA: TRÂNSITOS LITERÁRIOS DE FLORA TRISTÁN E NÍSIA FLORESTA NO SÉCULO XIX	
Ana Miriam Wuensch.....	323
ENTRE BECOS E TERRAS: MOVIMENTOS E ESCRIVÊNCIAS NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	
Calila das Mercês	324
EXÍLIO E LINGUAGEM EM DESESTERRO, DE SHEYLA SMANIOTO	
Claudia Cristina Maia.....	325
IXCANUL: LA FUERZA DENTRO DE LA MONTAÑA QUE HIERVE Y BUSCA CÓMO SALIR	
Mariana Ruggieri	326
LA ANIMALIDAD FEMENINA EN LA MODERNIDAD	
Kirca Reyna Yucra Medina	327
LA FUNDACIÓN DE OTRA GAUCHESCA ARGENTINA: EL DESEO Y EL GOCE DE UN MUNDO LIBRE EN LAS AVENTURAS DE LA CHINA IRON (2017) DE GABRIELA CABEZÓN CÁMARA	
Marta Urtasun.....	329
MULHERES E REFORMA AGRÁRIA: DO LUTO À LUTA DESENHAM SUA CORAGEM	
Láise Rabêlo Cabral, Tamiris Lima de Sá	330
O CARIMBÓ “NO MEIO DO PITIÚ” TRANSCENDENDO AS RELÍQUIAS PARAENSES	
Flávia Barros da Silva, Luci Mary Corrêa Lopes.....	332
O PERFIL IDENTITÁRIO FEMININO?	
Larícia Pinheiro Silva Ramos.....	333
O QUE PODE UM LIVRO? VOZES, IMAGINÁRIOS E TERRITÓRIOS	
Laura Castro.....	334

QUESTÃO AGRÁRIA E MULHER NAS LITERATURAS DO CARIBE: PROGRAMA DE PESQUISA ENGATINHANDO	
Paola Giraldo-Herrera.....	335
TERRA EM SANGUE, MÃES NEGRAS EM LUTO: CONDIÇÕES DA CRÍTICA E DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO BRASIL DIANTE DA VIOLÊNCIA RACISTA	
Fabiana Carneiro da Silva.....	338
ST 23 - NARRATIVAS DE FLORESTAS E CIDADES AMAZÔNICAS: PATRIMÔNIOS, HISTÓRIAS E LITERATURAS	
“SERINGAL” POR ENTRE DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES	
Aluizio Oliveira de Souza.....	340
A CASA VERDE E SEMPREVIVA : FRONTEIRAS NARRATIVAS E RELAÇÕES DE PODER	
Suely da Fonseca Quintana.....	341
A COLÔNIA CINCO MIL, O DAIME E OS “CABELUDOS”: CARTOGRAFIAS NÃO MAPEADAS	
Julia Lobato Pinto de Moura.....	342
A CRIANÇA CABOCLA-RIBEIRINHA E AS NARRATIVAS ORAIS	
Cristiane do Socorro Gonçalves Farias.....	345
A IMPORTÂNCIA DE UM ATLAS INTERATIVO DE LÍNGUAS INDÍGENAS DO ACRE E SUA UTILIZAÇÃO NO ENSINO MÉDIO	
Francisco Marcelo da Silva Araújo.....	346
A LITERATURA AMAZÔNICA: O EROTISMO E A AFRICANIDADE NA LITERATURA DE MATIAS MENDES	
João Pedro da Silva Antelo.....	347
A MIGRAÇÃO DE NORTISTAS RUMO A FLORESTA ACREANA: FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	
Priscila da Silva Machado.....	348
A MULTIFACETADA URBE AMAZÔNICA RECONTADA EM CINZAS DO NORTE	
Ivanete da Silva Alves.....	349
A RELAÇÃO CIDADE/ FLORESTA NOS TEXTOS DE JOSÉ MARQUES DE SOUZA-(MATIAS)	
Débora de Almeida.....	350
A RIQUEZA CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS DE GUAJARÁ-MIRIM	
Elizeth Gonzales Cordero.....	351
AMAZONÍA: CUERPO Y FANTASMA	
María Florencia Donadí.....	352
AS DISCURSIVIDADES “INDÍGENAS” E OS PROCESSOS DE NEGOCIAÇÕES CULTURAIS	
Manoel Messias Feitosa Soares.....	354
AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 NO CURRÍCULO DA ESCOLA GLÓRIA PEREZ	
Rafaela da Silva de Lima.....	355
CRIAÇÃO CÊNICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: UMA DÉCADA DE ENCONTROS/DESENCONTOS TEATRAIS (2006-2016)	
Vanessa Nogueira de Oliveira.....	356
DE XIXINAWA A JAMINAWA? IMPLICAÇÕES IDENTITÁRIAS NO USO DE ETNÔNIMO(S) INDÍGENA(S)	
Shelton Lima de Souza.....	357

DO VAZIO AMAZÔNICO E SUAS INCOERÊNCIAS	
Valdir Aparecido de Souza.....	359
EN EL CORAZÓN DE LA AMÉRICA DE JULIO QUIÑONES: CONFLUENCIAS ENTRE LA VOZ DE ORIGEN UITOTO Y EL TESTIMONIO	
Alexis Francisco Uscátegui Narváez.....	361
FIGURAÇÕES DAS AMAZÔNIAS NAS LITERATURAS DE MILTON HATOUM, FERREIRA DE CASTRO E ABGUAR BASTOS	
Gilson Penalva.....	362
HISTÓRIA E CULTURA POPULAR NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: A FESTA DO TORITO	
Estela Chau Ojopi, Ester Chao Ojopi Simo.....	363
HISTÓRIA, CULTURA E LITERATURA NA FRONTEIRA BRASIL/ BOLÍVIA: DIÁLOGOS ENTRE AS OBRAS “ESPERANÇA: 50 ANOS DEPOIS...” E EL REY DE LA GOMA”	
Auxiliadora dos Santos Pinto, Bethânia Moreira da Silva Santos.....	364
LA AMAZONÍA ESCRITA Y DESCRITA EN EL DIARIO MISIONERO DE LA CONGREGACIÓN MISIONERA MARÍA INMACULADA Y SANTA CATALINA DE SENA	
María E. Osorio Soto.....	366
LA VIRGEN DE LOS SICARIOS DE FERNANDO VALLEJO Y SU VISIÓN CRONOTÓPICA DE “MEDALLO” COMO ANTESALA DEL INFIERNO	
Jesús José Díez Canseco Carranza.....	367
LÍNGUA(GEM), CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES, SABERES E PRÁTICAS DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS RIBEIRINHAS DA RESEX RIO OURO PRETO/RO	
Bethânia Moreira da Silva Santos.....	368
LIZZIE HESSEL E MARIANNE NORTH: CIVILIZAÇÃO E TRANSCULTURAÇÃO EM NARRATIVAS DE VIAGEM DO SÉCULO XIX	
Raquel Alves Ishii.....	369
LOURIVAL DO BENFICA: NARRATIVAS NA VARANDA DO MÚSICO AGRICULTOR	
Arthur José de Souza Martins, Joana de Oliveira Dias.....	370
MARIO DE ANDRADE: EL ESCRITOR QUE APRENDE (APRENDE) LA AMAZONIA	
Mónica Bueno.....	371
O FEMININO EM MAD MARIA DE MÁRCIO SOUZA: AS METÁFORAS CONTRACULTURAIS E A CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DE UMA “PERIFERIA” GEOGRÁFICA E DISCURSIVA	
Izis Melo da Silva.....	373
O PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA LITERATURA INDÍGENA: UMA ANÁLISE DE CONTOS DE ETNIAS BRASILEIRAS ORGANIZADOS POR DANIEL MUNDURUKU	
Maria de Lourdes Alcântara da Silva Macedo.....	374
O REI DA GOMA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES CULTURAIS NO DISTRITO CACHUELA ESPERANZA, NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA	
José de Ribamar Muniz Ribeiro Neto.....	375
O RIO E A FLORESTA: UMA ENSAÍSTICA DO ESPAÇO AMAZÔNICO EM EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS	
Luis Fernando Ribeiro Almeida.....	377

O VAGÃO DOS ESQUECIDOS: A LITERATURA AMAZÔNICA NA VOZ DE ANTÔNIO CÂNDIDO DA SILVA	
Sâmela Fernandes da Costa, Tatiane Simão Souza	378
OCO DO MUNDO: O DESMORONAR DA FANTASIA EM UM CONTO AMAZÔNICO	
Maria José da Silva Morais Costa, Raelisson do Nascimento Walter	380
OLHARES E VERTIGENS QUE A PALAVRA INVENTA: DIÁLOGOS COM A OBRA “NOVA SUBÚRBIOS” DE ALDISIO FILGUEIRAS	
Joana de Oliveira Dias, Maria Cristina Lobregat	381
OS SENTIDOS QUE O NEOLOGISMO “FLORESTANIA” GANHA E PERDE NOS LUGARES DE FALA EM SEU PERCURSO	
Lamlid Nobre de Souza	382
PERFORMANCES E ESTÉTICAS NA AMAZÔNIA ACREANA (1970-90)	
Gerson Rodrigues de Albuquerque	384
VISIBILIDADE E ENUNCIADO: A VELHICE PROBLEMATIZADA EM “VIAGEM À PETRÓPOLIS”, DE CLARICE LISPECTOR	
Lays Emanuelle Viêdes Lima	385
ST 24 - NATURALEZA Y CULTURA EN LA LITERATURA LATINOAMERICANA (SIGLOS XIX Y XX)	
A FLORESTA BRASILEIRA: DESTRUIÇÃO E CONSERVAÇÃO NAS PALAVRAS E TRAÇOS DE ARAÚJO PORTO-ÁLEGRE	
Claudete Daflon	387
DEL NATURALISMO A LA ACULTURACIÓN EN TRES NARRADORES PERUANOS: JULIO RAMÓN RIBEYRO ENTRE ARGUEDAS Y VARGAS LLOSA	
Joaquín Castillo Vial	389
INDAGACIÓN SOBRE LOS INICIOS LITERARIOS DE UN “ESPACIO AMERICANO”	
Vanina María Teglia	391
CULTURA Y NATURALEZA: ALUSIONES Y ELUSIONES EN LA OBRA DE PEDRO HENRÍQUEZ UREÑA	
Gabriela Edith Luque	392
NATURALEZA Y PAISAJE: LA IDENTIDAD LATINOAMERICANA EN LA OBRA DE GERMÁN ARCINIEGAS	
Romina Gabriela Salcedo	393
O LUGAR DA NATUREZA EM “DOORWAY TO BRASILIA” E “BUENOS AIRES, BUENOS AIRES”	
Elisa Maria Amorim Vieira	394
PAISAJE Y UT PICTURA POESIS EN EL SIGLO DE LAS LUCES DE ALEJO CARPENTIER	
Carolina Toledo	395
PAISAJES, CARTOGRAFÍAS Y LUGARIZACIONES EN LA POESÍA DEL SUR ARGENTINO	
Luciana Andrea Mellado	396
SIGNIFICACIONES DEL PAISAJE EN ALGUNOS POEMAS DE OCTAVIO PAZ (1958-1961)	
Daniela Evangelina	398

ST 25 - NUEVAS TENDENCIAS EN LA LITERATURA CENTROAMERICANA CONTEMPORÁNEA

A ORALIDADE NARRATIVA ÉTNICA E SUAS REACOMODAÇÕES NA ESFERA LITERÁRIA	
Albino Chacón.....	400
DU BLEUE DE LA MER AU BLANC DE LA NIÈGE: VESTÍGIOS DA ESCRITA DE SI EM PHILOSOPHIE DE LA RELATION (2009), DE ÉDOUARD GLISSANT	
Maria Fernanda Isidoro Chaves	401
EL NARCOTRÁFICO EN LA NARRATIVA CENTROAMERICANA ACTUAL	
Werner Mackenbach	403
ESCRITURA Y MEMORIA: EL VIAJE EN LA NOVELA AMARÁS A DIOS SOBRE TODAS LAS COSAS (2013), DEL ESCRITOR MEXICANO ALEJANDRO HERNÁNDEZ	
Mariana Rodrigues Lopes	404
FLUXOS CULTURAIS NO DEVIR DO MIGRANTE HAITIANO: REFLEXÕES SOBRE “PAÍS SEM CHAPÉU”, DE DANY LAFERRIÈRE	
Jeissyane Furtado da Silva.....	405
LA ESTÉTICA DE LA VIOLENCIA Y LAS TRADICIONES MAYAS EN LA LITERATURA CONTEMPORÁNEA CENTROAMERICANA: UN ESTUDIO SOBRE LOS SORDOS (2012), DE RODRIGO REY ROSA	
Rodrigo de Freitas Faqueri	406
LITERATURA COSTARRICENSE CONTEMPORÁNEA Y EL IMAGINARIO DE LOS CONFLICTOS CIVILES CENTROAMERICANOS	
Verónica Ríos Quesada	407
NUEVOS USOS DE LA CIENCIA FICCIÓN EN LA NARRATIVA CONTEMPORÁNEA CENTROAMERICANA	
Valeria Grünberg Pla.....	408
¿MIRAR NICARAGUA? REENCUADRE Y MONTAJE DEL TIEMPO (POST)UTÓPICO Y AFECTIVO EN EL PROYECTO VISUAL DE SUSAN MEISELAS (1981-2004) Y LA NOVELA ASÍ EN LA TIERRA (2009) DE RAMIRO LACAYO DESHÓN	
Cristina Elena Pardo	409
ST 27 - POÉTICAS AMAZÔNICAS: SABERES E LINGUAGENS	
A VOZ AMERÍNDIA EM PAULINE MELVILLE: A ORALIDADE EM FACE À ESCRITA “CIENTÍFICA”	
Miguel Nenevé.....	411
A “TRILOGIA DE IRENE”: UM BILDUNGSROMAN NA AMAZÔNIA	
Elanir França Carvalho	412
AMAZÔNIA, SEUS SABERES E LINGUAGENS POR JOSÉ VERÍSSIMO (1886)	
Aline Costa da Silva	413
AS MEMÓRIAS COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO NA TRAJETÓRIA POÉTICA DE HELIO MELO: O QUE DIZEM SUAS PRODUÇÕES ACERCA DO HOMEM SERINGUEIRO	
Gertrudes da Silva Jiménez Vargas, Maria Izauníria Nunes da Silva	414
CULTURA AMAZÔNICA: TRADUÇÃO, ORALIDADE E MEMÓRIA NA ARTE E NA POÉTICA DE WALTER FREITAS	
Marlize Borges de Lima	416

DESENHO INFANTIL: A REPRESENTAÇÃO DE DOIS PERSONAGENS DAS NARRATIVAS ORAIS TRADICIONAIS DO MUNDO AMAZÔNICO – CURUPIRA E MAPINGUARI	
Maria Izauníria Nunes da Silva	418
INTERTEXTUALIDADE E OUTRAS REFERÊNCIAS POÉTICAS EM JORGE TUFIC	
Diogo Sarraff Soares	420
LINGUAGEM, MEMÓRIAS E PRÁTICAS CULTURAIS: UM ESTUDO EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO VALE DO MAMORÉ/RO, NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA	
Aline Ferreira de Moraes, Jamita Santos Tirina	421
ORALIDADE E IDENTIDADE RIBEIRINHA EM “TRILHA D’ÁGUA”, DE ALCIDES WERK	
Everton Vasconcelos Pinheiro, Priscila Vasques Castro Dantas	423
VER-O-PESO – CORPO ESPALMADO EM IMAGENS E SONS	
Cilene das Mercês Barreto Nabiça	424
VER-O-PESO[:] _POESIA EM POSTAIS DO[S] SUBMUNDO[S]	
Raphaella Marques de Oliveira.....	425
ST 28 - POÉTICAS ORAIS AMAZÔNICAS: NARRATIVAS DAS CULTURAS POPULARES E SEUS TRÂNSITOS E DIÁLOGOS	
A COLÔNIA CINCO MIL (1975-1983): NOTAS DE PESQUISA	
Rodrigo Monteiro de Carvalho.....	428
AMAZÔNIA: MITOS E LENDAS DA GRANDE FLORESTA	
Andréa Almeida Campelo.....	429
BOTO COR-DE-ROSA: UMA “HIPERNARRATIVA” SOBRE GÊNERO E RAÇA PARA ALÉM DA COMARCA AMAZÔNICA	
Aquésia Maciel Góes	430
CORDEL: A ESCRITURA DA MEMÓRIA DAS VOZES	
Ana Maria de Carvalho.....	431
MITOS E IDENTIDADES: AS REPRESENTAÇÕES DA COBRA NAS NARRATIVAS INDÍGENAS DA REGIÃO DO VALE DO JURUÁ	
Leandro Faustino Polastrini.....	432
NATUREZA E SOBRENATUREZA: A SERPENTE NO IMAGINÁRIO POPULAR NO QUILOMBO DE MATA CAVALO, N^a S^a DO LIVRAMENTO – MT	
Mário Cezar Silva Leite, Ronaldo Henrique Santana.....	433
ST 29 - PROCESSOS E QUESTÕES EM TORNO DA QUESTÃO DA CIRCULAÇÃO LITERÁRIA, CULTURAL E LINGUÍSTICA NA AMÉRICA LATINA	
A COLONIALIDADE DO SABER E SEUS REFLEXOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTO LITERÁRIO	
Julianne Rodrigues Pita.....	435
A VOZ DOS BOOKTUBERS: NOVOS CAMINHOS DA CIRCULAÇÃO LITERÁRIA	
Ana Lucia Trevisan	436
ANTROPOFAGIA, CORPOS ABJETOS E TEORIA QUEER NO ENTRE-LUGAR DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	
Marcelo Spitzner	437

ASSIMILAÇÃO CRÍTICA, APROPRIAÇÕES E “PENSAMENTEAÇÃO” NO TEXTO MARIOANDRADINO	
Sheila Praxedes Pereira Campos	438
CULTURA E LITERATURA NA AMÉRICA LATINA, O ESPAÇO CULTURAL AMAZÔNICO E A LITERATURA INDÍGENA	
Isabel Maria Fonseca	439
DESENREDO, MACUNAÍMA E A TRADIÇÃO ORAL INDÍGENA: METACONTÍSTICA E O NARRADOR BENJAMINIANAMENTE (DES)CONFIÁVEL	
Roberto Mibielli.....	440
DO REGIONAL AO UNIVERSAL: GUIMARÃES ROSA EM DIÁLOGO COM GRACULIANO E PICASSO	
Marli Fantini Scarpelli.....	441
EM QUAL LÍNGUA?	
Fábio Almeida de Carvalho	443
LA NOCHE DE TLATELOLCO - TESTEMUNHO, HISTÓRIA ORAL E VIOLÊNCIA	
Livia Maria de Freitas Reis.....	444
MILTON HATOUN E A CIRCULAÇÃO LITERÁRIA E CULTURAL	
José Luís Jobim.....	445
O COMPARATISMO E SEUS DIÁLOGOS NOS TEMPOS DE HOJE	
Eduardo de Faria Coutinho.....	446
ÓRFÃ DE ESPAÇO COMUM: UMA AMAZÔNIA EM QUE O ESPAÇO MIGRA/MUDA DE FUNÇÃO NA LITERATURA	
Anna Paula Ferreira da Silva.....	447
ÓRFÃOS DO ELDORADO, UMA CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA E SÓCIO-HISTÓRICO-FILOSÓFICA	
Eduany da Luz Siqueira.....	448
OS CAUSOS POPULARES NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA	
João Antolino Monteiro	449
REPRESENTAÇÕES DO SERINGUEIRO EM EUCLIDES DA CUNHA E MÁRIO DE ANDRADE: OLHARES PRETÉRITOS E PERCURSOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS	
Cesar Garcia Lima.....	450
SOSTENIENDO EL BARCO CONTRA VIENTO Y MAREA – O PAPEL DE EDITORAS INDEPENDENTES PARA A CIRCULAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS NA AMÉRICA LATINA: O CASO DA EDITORA ARGENTINA FINAL ABIERTO	
Karina Lima Sales.....	451
TRADUÇÃO E DIÁSPORA: A LITERATURA DO SURINAME TRADUZIDA PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL	
Julio Cesar Neves Monteiro.....	453
ST 30 - PRÓPRIAS CARTOGRAFIAS ALHEIAS - LITERATURA, CULTURA E MOBILIDADES LATINOAMERICANAS	
A CANÇÃO DE PROTESTO “LATINO”-AMERICANA DAS DÉCADAS DE 60 E 70: TRÂNSITOS E DISSOLUÇÕES FRONTEIRIÇAS	
Letícia Porto Ribeiro, Marcello Messina.....	455
A CORRELAÇÃO ENTRE OS MITOS ERÓTICOS INDÍGENAS E A LITERATURA ERÓTICA DE GEORGES BATAILLE	
Rafaella Dias Fernandez.....	456

A LINGUAGEM DO CORPO E DO CABELO NEGRO: DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE NEGRA E A APROPRIAÇÃO CULTURAL NO BRASIL	
Andressa Queiroz da Silva	457
ATRAVÉS E ALÉM DO RIO—A MOBILIDADE DA LÍNGUA EM JOSÉ MARIA ARGUEDAS	
Ezilda Maciel da Silva.....	458
BORDAS DA FLORESTA, MARGENS DO SERTÃO – ITINERÁRIOS DO MIGRANTE GUIMARÃES ROSA E MILTON HATUOM	
Andressa Dávila Silva de Oliveira.....	459
DISIDENCIA HOMOERÓTICA Y RESISTENCIA SEXUAL EN DOS POEMAS DE EL INNOMBRABLE CUERPO DE EL DESEO (1992) DE VIOLETA BARRIENTOS	
Carmen del Pilar Magdalena Suárez Pomar	460
ESCALAS DO ROMANCE, PAISAGENS DA DERIVA – O DESLOCAMENTO EM VIDAS PROVISÓRIA	
Vanessa da Silva Pereira.....	461
MARCAS DO LUGAR, REDES DE AFETO - MAPA DA ESTRANGEIRIDADE EM AMRIK E HANÓI	
Aina de Oliveira Rocha.....	462
TECENDO A TRAMA DAS NARRATIVAS GUAJAJÁRA/TENETEHÁRA: A ESTRUTURA DE UMA TRADIÇÃO	
Lílian Castelo Branco de Lima.....	463
TOPO(GRAFIAS), ORALIDADES E TRÂNSITOS EM MACUNAÍNA	
Simone de Souza Lima	464
TRÊS DAMAS LATINOAMERICANAS – AS FRONTEIRAS DO COMPARATIVISMO EM ANA PIZARRO, TANIA CARVALHAL E ENEIDA MARIA DE SOUZA	
Amilton José Freire de Queiroz	465
VOZES FLUVIAIS: CONFLUÊNCIAS POÉTICAS NA PAN-AMAZÔNIA	
Jaídesson Oliveira Peres	466
ST 31 - TRADUÇÃO, INTERMIDIALIDADE E ADAPTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA	
A ESCRITA IMAGÉTICA DE DANIEL GALERA	
Lucas Furtado Esteves	469
A TRADUÇÃO DE ARTES VERBAIS AMERÍNDIAS: ESPECIFICIDADES E DESAFIOS	
Helena Lucia Silveira Barbosa	470
A TRADUÇÃO EM DIÁLOGO COM A IDENTIDADE LATINO-AMERICANA, OBRAS DE MANUELA INFANTE	
Aléxia de Oliveira Prado	472
A TRADUÇÃO VISUAL EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A IMAGEM TRANSLADADA	
Dennys da Silva Reis.....	473
A TRANSMIDIAÇÃO DA ÉCFRASE ARQUITETÔNICA NO CINEMA	
Miriam de Paiva Vieira.....	474
CORA CORALINA: UMA TRADUÇÃO ECOCRÍTICA	
Mislainy Patrícia de Andrade.....	475
DA ARTE RUPESTRE E DA ARTE ARMORIAL: UMA LEITURA DAS OBRAS DE ARIANO SUASSUNA E MANUEL DANTAS	
Daniella Carneiro Libânio de Almada.....	476

EL ARTE DE LOS CONFINES DE GONZALO KENNY. ¿TRADUCCIÓN HIPERMEDIA O “POSTRADUCCIÓN”?	
María Inés Arrizabalaga.....	477
FOTOGRAFANDO O TRADUTOR E O INTÉRPRETE NA AMÉRICA LATINA	
John Milton.....	478
GUIMARÃES ROSA E “O ÚLTIMO DOS MAÇARICOS”	
Angélica Micoanski Thomazine.....	479
INOCÊNCIA, DE TAUNAY E INOCÊNCIA, DE WALTER LIMA JR: SIMULAÇÃO DE BELEZA NA LITERATURA E NO CINEMA	
Rosana Campos Leite Mendes.....	480
INTERMEDIALIDADE NA DANÇA: ANÁLISE SOBRE CONFIGURAÇÕES ARTÍSTICAS LATINO AMERICANA	
Andréa Ferreira Sampaio Mota Santos.....	481
LENDAS AMAZÔNICAS	
María Angélica Royo.....	482
LITERATURA E ADAPTAÇÃO TELEVISIVA: A TRADUÇÃO DA IDENTIDADE DO ÍNDIO JOE CARIPUNA NA MINISSÉRIE MAD MARIA, DE BENEDITO RUY BARBOSA	
Luciana Maira de Sales Pereira.....	483
NATALIE BOOKCHIN E JORGE LUIS BORGES: A LITERATURA ELETRÔNICA EM JOGO	
Veronica Maria Bianco, Vítor Castelões Gama.....	484
O ESPAÇO DA POBREZA E DA RESISTÊNCIA NAS OBRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS, ELZA SOARES E MARIA AUXILIADORA DA SILVA	
Beatriz Schmidt Campos.....	485
O QUIXOTE ADAPTADO PARA O TEATRO: DO CORDEL ÀS MARIONETES	
Sílvia Cobelo.....	486
OSWALD DE ANDRADE: O TRADUTOR ANTROPÓFAGO	
Edgar Rosa Vieira Filho.....	487
RECEPÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO NA ALEMANHA	
Raquel Alves dos Santos Nascimento.....	488
TRADUÇÃO COMENTADA DE CONTOS FANTÁSTICOS DE SILVINA OCAMPO: UMA SELEÇÃO SOBRE A INFÂNCIA	
Maui Castro Batista Sousa.....	489
TRADUÇÃO DE FANFICTION DE/PARA LÍNGUA ESPANHOLA - COLABORAÇÃO, REVISÃO E COMPARTILHAMENTO NO MEIO DIGITAL	
Fabiola do Socorro Figueiredo dos Reis.....	491
TUÍRA – POLÍTICA E SONORIDADE DA LÍNGUA CAIAPÓ PARA O TEATRO EM MINIATURA	
Cássia Macieira.....	492
“ADMIRÁVEL NOVO MUNDO”: O CONTEXTO CULTURAL BRASILEIRO COMO PALCO SHAKESPEARIANO	
Flávia Rodrigues Monteiro.....	493

COMUNICAÇÃO LIVRE

“DEL LENGUAJE VEGETAL A LAS ECOLOGÍAS AFECTIVAS, Y AL REVÉS”	
Maya Victoria Aguiluz-Ibargüen.....	495

(DES)ENCUENTROS EN “ADIÓS, AYACUCHO”. UN ACERCAMIENTO A LA TRANSCULTURACIÓN EN LA NOVELA DE JULIO ORTEGA	
Ibis Samith Meléndez Macazana.....	497
A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NA OBRA THE EMPEROR OF THE AMAZON	
Tamara Afonso dos Santos.....	498
A (RE) EXISTÊNCIA DOS ESPAÇOS HISTÓRICOS/ POÉTICOS DE VILA MURTINHO – RO: AS VOZES REMANESCENTES NO BERÇO DO RIO MADEIRA	
Cleusimar Dias dos Santos, Márcia Dias dos Santos.....	499
A AUTOFICÇÃO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA, REFLEXÕES A PARTIR DE COMO ME TORNEI FREIRA (2013) DE CÉSAR AIRA	
Luana Marques Fidencio.....	501
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS DO ROMANCE CON LA MISMA HERRADURA, DE RAMÓN AMAYA AMADOR	
Yoslin Rodilio Gómez Galdámez.....	502
A DUPLA CHAMA DO EROTISMO NAS CRÔNICAS DE PIERRE CLASTRES: DUPLA MORTE	
Maria Nalrizete da Silva Costa.....	503
A ENSAÍSTICA CARPENTIERIANA: MANUAL DO ROMANCISTA LATINO-AMERICANO DO SÉCULO XX	
Amanda Brandão Araújo Moreno.....	504
A ESTRUTURA DE CONTOS INDÍGENAS ORGANIZADOS POR DANIEL MUNDURUKU	
Tatiana Santos Oliveira.....	505
A FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE MARECHAL THAUMATURGO: REESCREVENDO HISTÓRIAS E TRANSFORMANDO IDENTIDADES	
Ney Williams Salgado Mazzaro.....	506
A INCONSTÂNCIA DA ALMA AMERÍNDIA NA NARRATIVA DO FILME “O ABRAÇO DA SERPENTE”	
Jairo de Araujo Souza.....	507
A LINGUAGEM DESENHANDO A AMAZÔNIA: IMPRESSÕES DE EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS	
Ana Cláudia de Souza Garcia, Vera Lúcia de Magalhães Bambirra.....	508
A LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO	
Ana Sílvia Moço Aparício, Sandra Cristina da Silva Rebelo.....	510
A MELANCOLIA DE ERNESTO E ACEDIA MEDIEVAL: APROXIMAÇÕES EM LOS RÍOS PROFUNDOS	
Elayne Castro Correia.....	511
A ORGANIZAÇÃO ESPAÇO-SIMBÓLICA DA COSMOVISÃO ANDINA	
Iana Carla Couto, Júlia da Rosa Savian.....	512
A REPRESENTAÇÃO DA FLORESTA E DO SACI NA LITERATURA PARA CRIANÇAS: O FANTÁSTICO E A NARRATIVA VISUAL	
Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araujo.....	513
A RESISTÊNCIA ENTRE AS CONTAS DA MEMÓRIA NO ROSÁRIO METAFÓRICO DO MITO	
Carlos David Larraondo Chauca, Suerda Mara Monteiro Vital Lima.....	514

A TRADIÇÃO CIRCUM-RORAIMA: CANAIMA E A VENEZUELA	
Riane de Deus Lima.....	516
A(S) LEITURA(S) DA MÚSICA “DESPACITO” COMO RECURSO PARA O ENSINO DE E/LE	
Luciana Aparecida da Silva.....	518
AFIRMAÇÃO DE VIDA EM “DOS TRAPOS CORAÇÃO (I)” DE SALGADO MARANHÃO	
Anny Beatriz Machado Lopes.....	519
AL NORTE DE ARGENTINA, EMERGENCIAS URBANAS EN LAS LITERATURAS REGIONALES. POESÍA POSTAUTÓNOMA Y EMANCIPATORIA	
Fernando David Choque.....	520
ALMAS. MADRE LAURA MONTOYA UPEGUI: FUNDADORA, DIRECTORA Y EDITORA	
Dahyana Restrepo Sepulveda.....	521
ANAGNÓRISIS ONTOLÓGICA EN CLARICE LISPECTOR. FLUJO DE CONCIENCIA PARA BAUTIZAR EL SONIDO DE LA INCERTIDUMBRE	
Jade Castellanos Rosales.....	522
ANÁLISE DO DISCURSO: SUJEITO E SENTIDO	
Ane Caroline Rodrigues dos Santos Fonseca.....	524
ANÁLISE LITERÁRIA COMPARADA DOS CONTOS MISS BRILL E ANGÚSTIA A PARTIR DA “INVISIBILIDADE PÚBLICA” E “HUMILHAÇÃO SOCIAL”	
Luiz Eduardo Guedes Conceição.....	525
ANÁLISIS DEL IMAGINARIO DEL “YO” POÉTICO EN NAUFRAGIO DE YOLANDA BEDREGAL	
Karen Paola Escobar Centellas.....	526
ANIMATIC EN EL AULA: PRACTICAS DE ENSEÑANZA LINGÜÍSTICA MEDIADAS POR LAS TIC	
Maria Mercedes Sosa.....	527
ANTONIO GRAMSCI: DEMOCRACIA, EDUCAÇÃO, HEGEMONIA	
Claudia Cristina Zanela.....	528
ARTE NA ESCOLA NARRATIVAS E OS CONTEÚDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS EM SALA DE AULA	
Jamila Nascimento Pontes, Rafaela da Silva de Lima.....	529
AS CONSEQUÊNCIAS DO (NEO) COLONIALISMO NAS CANÇÕES “N.E.G.R.A.” (1) DE CECILE E EM “STIAMO TUTTI BENE” (2) DE MIRKOEILCANE NO FESTIVAL DE SANREMO 2017 E 2018	
Teresa Di Somma.....	530
AS CONSEQUÊNCIAS PERNICIOSAS DO BULLYING NO CONTO RAQUINHO, DE JOHN BARROSO	
Maria Ivonete Santos Silva.....	531
AS NARRATIVAS DE ALGOT LANGE EM VIAGEM AO ALTO AMAZONAS	
Andressa Almeida de Souza Limeira.....	532
AS REPRESENTAÇÕES COMO PROCESSO CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A NARRATIVA JORNALÍSTICA DO G1/ACRE (2013-2016)	
Francielle Maria Modesto Mendes.....	533

BRECHAS DA NARRATIVA: JORNALISMO E MICRO-HISTÓRIA EM O OLHO DA RUA Francisco Aquinezi Timóteo Queirós.....	534
CAMALEÓN MULTICULTURAL: LA ESTÉTICA Y LA PERFORMANCE “CHOLA” EN LA ARTISTA RUBY PALOMINO Sandra Bernal Heredia.....	535
CARTÃO VERMELHO: FUTEBOL E FAIR PLAY NA FICÇÃO FOCADA NAS MULHERES Shawn Stein.....	536
CATEGORIAS INTERCULTURAIS EM LIVROS INFANTIS CONTEMPORÂNEOS Carlos André Alexandre de Melo, Sara Lavinha Vieira Neri.....	537
CINEMA, LITERATURA E REFLEXÕES SOBRE IDEOLOGIA DE GÊNERO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE José Flávio da Paz.....	538
COR, GÊNERO E ESCOLARIZAÇÃO: OS DISCURSOS ÉTNICO RACIAIS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO LITERÁRIA Francisco Menezes da Silva	539
CULTURA, DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS NA OBRA A NOITE DA ESPERA, DE MILTON HATOUN: REVISITANDO O APRENDIZADO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA Júlio César Barreto Rocha, Patrícia Helena dos Santos Carneiro.....	540
DAS CRIANÇAS IKPENG PARA O MUNDO: ADAPTAÇÃO E CRIAÇÃO Nathália da Costa Cruz	541
DE LA VORÁGINE AL TEATRO DE AHORA (1932). LA SELVA COMO PUNTO DE PARTIDA Alejandro Ortiz Bullé Goyri.....	542
DE NOITES E BOLEROS: A POESIA DA CANÇÃO LATINO-AMERICANA Adriana Alves de Lima, Pedrinho Nascimento da Silva.....	543
DESCODIFICANDO IMÁGENES Y PALABRAS: LOS LENGUAJES COMPARTIDOS ENTRE EL ASESINO Y SUS VÍCTIMAS Margarita Pierini	544
DEUS NO ROMANCE EL HABLADOR DE MÁRIO VARGAS LLOSA Marinete Luzia Francisca de Souza	545
DOIS LUGARES DE ENUNCIÇÃO, UM SÓ ESCOPO: A NEGRITUDE POÉTICA EM AIMÉ CÉSAIRE E BRUNO DE MENEZES. Ysa Almeida Da Silva	546
ECUMENISMO Y DECOLONIZACIÓN Fernando Martínez Ramírez.....	547
EDUCAÇÃO DO CAMPO E POESIA: ARTE E RESISTÊNCIA Ângelo Rodrigues de Carvalho	549
EL ALEIJADINHO EN LEZAMA Edinson Aladino	550
EL CONTRA MONUMENTO 43 EN LA AVENIDA REFORMA DE LA CIUDAD DE MÉXICO: MEMORIA Y PODER Blanca Gutierrez Galindo.....	551
EL ESTEREOTIPO DEL Matriarcado EN LAS OBRAS LITERARIAS RIACHO DOCE, DE JOSÉ LINS DO REGO Y LOS FUNERALES DE LA MAMÁ GRANDE, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ Alba Lúcia da C. de López, Terezinha de Jesus R. Barbagelata.....	552

EL NACIMIENTO DE LA CONCIENCIA EN BALÚN CANÁN DE ROSARIO CASTELLANOS	
Pilar Osorio Lora	554
EL REVÉS DE LA MATERNIDAD: DEGENERACIÓN Y PROSTITUCIÓN EN BLANCA SOL (1888) DE MERCEDES CABELLO DE CARBONERA	
Rubí Eloisa Huamán Durand	556
ENCUENTROS CON EL OTRO: ELEMENTOS DE RUPTURA, Y LA DESCONFIANZA DE LA PALABRA EN LA VANGUARDIA ANDINA PERUANA, EL CASO DE ANDE (1926) DE ALEJANDRO PERALTA	
María de los Angeles Morales Isla	557
ENTRE COLONIA E IMPERIO. EL PERSONAJE POLÍTICO FEMENINO EN LA NARRACIÓN HISTÓRICA CONTEMPORÁNEA HISPANOAMERICANA: REELABORACIONES DEL PODER Y LA FICCIÓN EN LAS NOVELAS LA GOBERNADORA DE MIRTA GONZÁLEZ SUÁREZ Y EL IMPERIO ERES TÚ DE JAVIER MORO	
Karen Alejandra Calvo Díaz	558
ENTRE OS LIMITES DA FORMAÇÃO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA: CONCEPÇÕES DE ALUNOS(AS) DO ENSINO MÉDIO NAS ESCOLAS PÚBLICAS, SOBRE A POSSIBILIDADE DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE	
Ângela Maria Bastos de Albuquerque, Jorge Fernandes da Silva	559
ESCRITORES-CRÍTICOS NA PRÁTICA DO JULGAMENTO: O CONCURSO LITERÁRIO NO BRASIL	
Mônica Fernanda Rodrigues Gama	561
ESCRITURA Y HETEROPATRIARCADO: LA ECONOMÍA DE LA VIOLENCIA EN EL PIPE BARULO DE OSVALDO LAMBORGHINI	
Sonia Berton	562
ESCRITURA Y PAISAJE EN LEÑADOR DE MIKE WILSON, LA TRANSFORMACIÓN DEL INVIDIDUO EN EXPERIENCIA	
Daniel Plaza	563
ESTRATEGIAS DISCURSIVAS DE DOMINACIÓN: EL CASO DE DOS CRONISTAS TOLEDANOS	
Vanessa G. Vera Chaparro	564
ETNIA E REPRESSÃO PENAL	
Marcos Antonio Cavalcante Vitorino	565
EUGENIO GRANELL EN LATINOAMÉRICA	
Ruben Daniel Castiglioni	566
FELIPE: EL (ANTI) MODELO PLATÓNICO	
Melissa Mariana Orozco Lemus	567
GÉNERO, CLASE Y ETNIA-RAZA EN RASTROJO (1944) DE MARÍA ROSA MACEDO O CUANDO ES POSIBLE IMAGINAR A LA MUJER AFRODESCENDIENTE MÁS ALLÁ DE SU CUERPO	
Richard Angelo Leonardo Loayza	568
GUAMAN POMA DE AYALA, LETRADO INDÍGENA	
Carlos García Bedoya Maguiña	569
HACIA LA POÉTICA CORPÓREA DE UN MITO DE EXTRAMURO: PROSOPOGRAFÍA Y DANZA SECRETA DE LAS ÁGUAS	
Juan Carlos Miranda Ponce	570

HISTÓRIAS EM LÍNGUA GERAL DO AMAZONAS: EXEMPLO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA EM LÍNGUA INDÍGENA SUPRA-ÉTNICA	
Eduardo de Almeida Navarro	571
HISTORIZAR EL MITO, MITIFICAR LA HISTORIA: UNA LECTURA PARÓDICA DEL CICLO NOVELÍSTICO LA GUERRA SILENCIOSA DE MANUEL SCORZA	
Ana Lucía Salazar Vilela	572
HOMENAJE A JUAN JOSÉ ARREOLA, ESCRITOR MEXICANO A CIEN AÑOS DE SU NACIMIENTO EN ZAPOTLÁN EL GRANDE, JALISCO	
Luz Elena Zamudio Rodríguez	573
HORTA-OCA: ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA, HABITAÇÃO, TROCAS, APRENDIZAGEM E CULTIVO DE IDEIAS	
Joana da Costa Lyra, Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes	574
IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DE CONTOS INDÍGENAS	
Maria Carolyunny Doana Brito Teixeira	576
IDENTIDADE, ARTICULAÇÃO E HEGEMONIA NO ROMANCE LATINO-AMERICANO DO ESTADO FALIDO	
Dionisio David Marquez Arreaza	577
LA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. UNA APROXIMACIÓN A LA EXOTIZACIÓN DE LOS NATURALES DE LA TERRA DE VERA CRUZ	
Haydee Mercedes Salcedo Fonseca	578
LA COLONIALIDAD DE LA NATURALEZA: DIFERENCIAS ECOLÓGICAS Y PERSPECTIVAS MITOLÓGICAS DEL MITO DE INKARRÍ	
Ginett Pineda	579
LA CONCEPCIÓN DE LA MUJER EN LOS CORRIDOS REVOLUCIONARIOS	
Ana Liliana Pastrana Ramos, Daniel Guzman Flores	581
LA DESFAMILIARIZACIÓN Y LA MULTICIIDAD DE LOS UNOS EN LA “CLASE DE ANTROPOLOGÍA VISUAL” (2015) DE BRUS RUBIO	
Andrea Cabel García	582
LA DISFORME DISTANCIA: INJUSTICIA IMPERIAL E INDIGENEIDAD EN DOS MANIFIESTOS DE VICENTE MORA CHIMO	
Jaime Vargas Luna	583
LA IDENTIDAD TRANSNACIONAL EN LA NARRATIVA CONTEMPORÁNEA: UNA LECTURA DE LAS OBRAS UNA VEZ ARGENTINA, DE ANDRES NEUMAN, Y ÁRBOL DE FAMILIA, DE MARÍA ROSA LOJO	
Juliana Bevilacqua Maioli	585
LA IRRUPCIÓN DE LA MODERNIDAD COMO DESTRUCTORA DEL AYLLU EN QAPARIKUY / GRITO DE DIDA AGUIRRE	
Laura Lucía Gómez Rojas	586
LA MIRADA CRÍTICA HACIA OCCIDENTE EN LA TRIADA HERAUD, CALVO Y HERNÁNDEZ, COMO EJES REPRESENTATIVOS DE LA POÉTICA PERUANA DE LOS AÑOS 60	
Sofía Yanez	587
LA NOVELA CENTROAMERICANA SOBRE EL MIGRANTE: AL OTRO LADO DEL SAN JUAN	
Gustavo Camacho Guzmán	588

LA NOVELA DE MI VIDA DE LEONARDO PADURA: EL EXILIO EN LA LITERATURA Y LA HISTORIA CUBANAS	
Sonia Berton	589
LA POESÍA DE DAVID AÑIÑIR: FRICCIONES Y PROBLEMÁTICAS DEL DISCURSO POÉTICO EN EL CAMPO IDEOLÓGICO	
Gonzalo Rojas Canouet	590
LA POESÍA DE GABRIELA MISTRAL EN REVISTA SUR DE ARGENTINA (1937 - 1948): UN ESTUDIO DE EDICIONES Y MANUSCRITOS	
Yenny Ariz Castillo	591
LA SELVA HISPANOAMERICANA EN LA NOVELA HISTÓRICA	
Vicente Francisco Torres Medina.....	592
LA SORDERA COMO REPRESENTACIÓN SIMBÓLICA: UN ACERCAMIENTO SEMIÓTICO, EN LOS SORDOS, DE RODRIGO REY ROSA	
José Francisco Bonilla Navarro.....	593
LAS POÉTICAS DEL DESPLAZAMIENTO Y LA BÚSQUEDA DEL TERRITORIO COMO LUGAR DE ENUNCIACIÓN	
Elvira Rodríguez Droguett	594
LEITURA LITERÁRIA E PEDAGOGIA DE PROJETOS: OS TEXTOS DE LEITOR NA GERAÇÃO DE TEMAS DE PESQUISA	
Arthur Ribeiro Costa e Silva.....	595
LOS SABERES MILENARIOS ANDINOS VS EL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO-ACADÉMICO: CHOZA COMO DISCURSO INTERCULTURAL, LA APROPIACIÓN DE LOS MECANISMOS DEL OTRO CULTURAL Y LA REIVINDICACIÓN DE LA CULTURA ANDINA	
Evelyn Isamar Huarcaya Gutierrez	596
LOS TESTIGOS: LITERATURA E HISTÓRIA	
Isis Milreu.....	597
MADRINHA ANTÔNIA, A CONSELHEIRA DO MESTRE	
Antônia Aparecida Lima Lopes	598
MARINA VILTE, DOCENTE DESAPARECIDA, PASADO Y PRESENTE DE SU LUCHA. CONTRA LA AMNESIA SINDICAL DOCENTE EN LA JUJUY MACRISTA	
Maria Mercedes Sosa, Silvia Alejandra Torres	599
MÁS ALLÁ DE LA LA CULPA O LA FOMULACIÓN DE UNA JUSTICIA ALTERNATIVA EN EL DESIERTO DE CARLOS FRANZ	
Lenin Lozano Guzmán	601
MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: VIOLÊNCIA E SILENCIAMENTO EM EDUARDO GALEANO	
Elizabeth Cavalcante de Lima	602
METAFICÇÃO E ENCAIXE NO CONTO O COCO QUE GUARADAVA A NOITE	
Danielle dos Santos Pereira Lima	603
MEUS DOCUMENTOS E FORMAS DE VOLTAR PARA CASA: O ATO CONFSSIONAL E O TRAÇO AUTOBIOGRÁFICO EM ALEJANDRO ZAMBRA	
Raianny de Andrade Amaral.....	604
MUJERES, ENFERMEDAD Y SOBREVIVENCIA EN VIVIR CON VIRUS DE MARTA DILLON	
Jose Maristany.....	605

MULHER, VELHICE E AVÓ: REPRESENTAÇÕES NAS LITERATURAS DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS	
José Flávio da Paz.....	607
NARRADORES MENINOS E CLANDESTINIDADE EM CONTOS DE OS CAVALINHOS DE PLATILANTO, DE JOSÉ J. VEIGA	
Marcia Machado de Lima.....	608
NARRATIVAS DEL RETORNO EN PERÚ Y CONGO: RECUERDOS DE PERDIDA EN LOS TEXTOS DE JULIÁN PÉREZ HUARANCCA Y DE CHARLES DJUNGU-SIMBA	
Gilbert Shang Ndi.....	609
NATUREZA E ESPAÇO HISTÓRICO NA TRILOGIA INDIANISTA DE JOSÉ DE ALENCAR	
Ana Maria Amorim Correia.....	610
NATUREZA VIVA: UMA AÇÃO-BANQUETE-PERFORMANCE-COLETIVA	
Ana Adelaide Lyra P. Balthar, Maria Lucia Vignoli R. de Moraes.....	611
NOTAS SOBRE A NARRATIVA FICCIONAL BREVE DE MARÍA ROSA LOJO	
Gracielle Marques.....	612
O APLICATIVO DUOLINGO COMO FERRAMENTA DE ENSINO NO CAP: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DOS ALUNOS	
João Romário Sinhasique, Marileize França.....	613
O CONCEITO BAKHTINIANO DE CRONOTOPO EM CONTOS DE JORGE LUIS BORGES	
Juciane dos Santos Cavalheiro.....	614
O DÉFICIT DECOLONIAL DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE	
Thor João de Sousa Veras.....	615
O ESCRITOR CANIBAL: DEVORAÇÃO COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA	
Ivana Teixeira Figueiredo Gund.....	616
O GLOBAL, O LOCAL, O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (NTIC)	
Jannice Moraes de O. Cavalcante, Vanessa Castelo Branco de Melo.....	618
O JESUS DE SARAMARGO EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO	
Edivaldo Da Silva Bernardo.....	619
O NOVO REALISMO E SEUS EFEITOS NA OBRA “LUGARES QUE NÃO CONHEÇO, PESSOAS QUE NUNCA VI”, DE CECÍLIA GIANETTI	
Tatiele da Cunha Freitas.....	621
O PAPEL DA TRADUÇÃO NA DIFUSÃO DA LITERATURA NÁHUATL	
Sara Lelis de Oliveira.....	622
O PROCESSO JUDICIAL COMO FONTE E CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA	
Francisco Pereira Costa.....	623
O PROJETO ESTÉTICO DE NA ETERNIDADE SEMPRE É DOMINGO (2015), DE SANTIAGO SANTOS	
Marcia Romero Marçal.....	624
O RIO AMAZONAS E A COLONIALIDADE DA MÃE NATUREZA	
Rita de Cássia Miranda Diogo.....	626

O TEATRO COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ESTIMULO A LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO	
Ane Caroline Rodrigues dos Santos Fonseca	627
O USO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NA ALFABETIZAÇÃO	
Arlete Pereira de Oliveira	628
ORALIDAD, RITMO Y FLUJOS DE CONCIENCIA ANIMALIZADOS EN EISEJUAZ“ DE SARA GALLARDO	
Marco Thomas Bosshard.....	630
PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA HIPERMÍDIA E SUAS TONALIDADES DIALÓGICAS NO COMPONENTE CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA DA BNCC	
Aline Kieling Juliano Honorato Santos, Paula Tatiana da Silva Antunes	631
PRODUÇÃO DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO PARKATÊJÊ LÍNGUA DE HERANÇA	
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.....	633
PROJETO “FAMÍLIA E LEITURA: LAÇOS DE AMOR E SABER”	
Arlete Pereira de Oliveira	634
QUEM VÊ CARTEIRA NÃO VÊ CORAÇÃO	
Alanessa Nikole Carvalho da Silva	635
RE-DESCOBRINDO O ACRE “EXISTIDO”	
Glauco Capper da Rocha	636
RECORDANDO OUTRA VEZ A MARCELO	
Lis Mollinedo, Wara Shirley Varela Oropeza	637
RELAÇÕES IDENTITÁRIAS EM MEIA PATA DE RICARDO DANTAS	
Beatriz Ferreira Salles Freire.....	639
REPRESENTACIONES PARÓDICAS EN ROSAS MATINALES DE NELLY FONSECA	
Judith Mavila Paredes Morales	640
RUBEM FONSECA: DEL CONFLICTO SOCIAL AL “CONFLICTO DE SI”. OTRA MANERA DE LEER LA NOVELA NEGRA	
Dahanna Andrea Borbón Hernández.....	641
RUEDAS DE CONVERSACIONES: UM ESPAÇO DE INTERAÇÃO BILÍNGUE COM PROFESSORES BOLIVIANOS NA FRONTEIRA DO BRASIL COM A BOLÍVIA	
Silene Espinosa Quintão Alencar, Zuila Guimarães Cova dos Santos	642
SANGAMA, LA SABIDURÍA ANCESTRAL Y SELVÁTICA EN LA AMAZONIA PERUANA	
Felipe de Jesús Ricardo Sánchez Reyes	643
SERINGA E CAUCHO - SERINGAIS E CAUCHERIAS: OS DITOS E NÃO-DITOS SOBRE O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA PAN AMAZÔNIA NAS SOCIEDADES DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO, DE LIMA E DE LA PAZ	
Maria de Jesus Morais.....	644
SEXUALIDAD, GÉNERO Y PODER EN “LA NEGRA MÁS MÁS LINDA” DE ZELMIRA AGUILAR: LA MUJER AFRODESCENDIENTE EN EL TESTIMONIO PERUANO	
Janellis Guadalupe Leonardo Masías.....	646
SOBRE A RECONFIGURAÇÃO DO CONCEITO DE LITERATURA EM DYONÉLIO MACHADO	
Fernando Simplicio dos Santos.....	648

TRAYECTORIA DEL MARGEN EN LA OBRA NARRATIVA DE LUIS CORNEJO	
Sergio Francisco Pérez Ojeda.....	649
UM ESTUDO SEMIÓTICO ATRAVÉS DAS LETRAS DO CANTOR E COMPOSITOR XAPURIENSE JORGE CARDOSO GRAVADAS DE 1980-1989	
José Eliziário de Moura.....	650
UM LUGAR PARA MARIA BONITA NA CIDADE DAS DAMAS	
Maria Carreiro Chaves Pereira.....	651
USO DO APLICATIVO DUOLINGO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CAP/UFAC	
Guadalupe Justa Delgadillo Torrez.....	652
VIAJES DESCOLONIZANTES: LO FRONTERIZO Y LO QUEER COMO INTERSECCIÓN PARA LA CONSTRUCCIÓN DE COMUNIDADES EN LA ESTRATEGIA DE CHOCHUECA (2003) DE RITA INDIANA Y SEÑALES QUE PRECEDERÁN AL FIN DEL MUNDO (2009) DE YURI HERRERA	
David Jonathan Montecino Vicira.....	653
ZONAS DE AMBIGÜEDAD Y CONFLICTO EN LO ÍNTIMO DE JUANA MANUELA GORRITI	
Ana Gabriela Angulo.....	654
ASCESIS FORESTAL: GLOSIA Y PROYECTO DEL AUTO DO SANTO DAIME, DE NÉSTOR PERLONGHER	
Enrique Flores Esquivel.....	655
LA CONFIGURACIÓN AUTORAL DE JULIO RAMÓN RIBEYRO	
Joaquín Castillo Vial.....	656
LA CONSTRUCCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD FEMENINA EN LA NOVELA DE GIOCONDA BELLÍ: PASIONES, CUERPO Y ENTORNO EN LA CONFORMACIÓN DISCURSIVA DE LAS MUJERES	
Silvia Alejandra Torres.....	657
“LA DOCTRINA MONROE HA MUERTO”: BENJAMÍN VICUÑA MACKENNA FRENTE A LOS ESTADOS UNIDOS Y EUROPA	
Marcelo Sanhueza.....	658
“LA EROTIZACIÓN DEL COLONIZADO” : REPRESENTACIONES DE AFRODESCENDIENTES EN LA LITERATURA CHILENA RECIENTE	
Iris de Fátima Lima Barbosa.....	660
LAS TRES MITADES DE INO MOXO... VALORES Y AUTONOMÍA CULTURAL DE LOS INDIOS AMAZÓNICOS DEL PERÚ	
Ezequiel Maldonado López.....	661
“SÓLO TÚ SABES DE MI VIDA, LA VIDA DE LOS RUNAS.” DIFERENCIA SEXUAL Y EPISTÉMICA EN CHASKASCHAY DE CH’ASKA EUGENIA ANKA NINAWAMAN	
Carolina Ortiz Fernández.....	662
“TU AMOR, TU DOLOR, SE QUEDA EN MI MEMORIA, GRABADO EN LA HISTORIA”: ¿EL HIP HOP ANDINO COMO UN REMEZCLA CH’IXI DEL TALLER DE HISTORIA ORAL ANDINA?	
Caroline Rebecca Edella Shipley.....	663

“A FAVELA CONTRA-ATACA?” A FESTA LITERÁRIA DAS PERIFÉRIAS NO RIO DE JANEIRO”

Gundo Rial y Costas Geuss.....	664
¿CÉSAR VALLEJO, POR BULERÍAS?	
Pedro José Granados Agüero.....	665
¿CULTURA PORTEÑA DEL PACÍFICO SUR? SÍ. TRES RAZONES Y UNA MUESTRA	
Marco Chandía Araya.....	666



COMUNICAÇÕES
ORAIS EM SIMPÓSIOS
TEMÁTICOS

ST 01 - A EXPRESSÃO DA MEMÓRIA
ANDINA FRENTE À VIOLÊNCIA

**A LITERATURA CONTRA A HISTÓRIA EM LA VIOLENCIA DEL TIEMPO, DE
MIGUEL GUTIÉRREZ**

Romulo Monte Alto

Universidade Federal de Minas Gerais


Em um caudaloso romance de 1.044 páginas, *La violencia del tiempo*, publicado em 1991, Miguel Gutiérrez reescreve a história de sua região, a terra de Piura, ao norte do Peru, a partir de uma confluência de olhares e discursos sobre a família Villar, centro da narrativa, que atravessam distintas classes e grupos sociais, vinculando os eventos ali ocorridos com a história não apenas peruana, mas também universal. Romance coral em que as vozes de muitas nacionalidades se cruzam no inverossímil povoado de Congará, elabora seu argumento a partir da morte do patriarca de uma família local que, sem pertencer ao cume da hierarquia social da região, verá na procura obsessiva do descendente letrado pela genealogia das desgraças familiares, a redenção de sua controversa história que guarda um abominável segredo. Nessa operação de voltar à terra natal em busca de uma arqueologia da verdade, o autor recoloca o continente latino-americano na rota dos grandes eventos mundiais, revelando em sua contingência histórica problemas derivados ou motores do acontecer ocidental, numa perspectiva que descortina as operações sinistras que a história realiza em seu papel de repositora da verdade, frente à qual oferece a imagem da literatura como a via que preserva os caminhos da memória nacional. A operação simbólica que realiza Miguel Gutiérrez (1940-2016), um polêmico autor e crítico literário peruano, encontra ressonância na história literária e cultural de seu país e seu continente. Propomos analisar quatro momentos dessa história, na qual se inclui o texto de Gutiérrez, em comparação com outros quatro textos canônicos – *Nueva Corónica y Buen Gobierno* (1615/16), de Felipe Guamán Poma de Ayala, *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha e *Cien años de soledad* (1967), de Gabriel García Márquez – a partir do pressuposto de que esses textos se encontram na junção entre literatura e história, no vértice desde o qual as duas disciplinas colocam em disputa narrativas sobre o acontecer histórico do continente. Cada um desses momentos incorpora uma perspectiva que rege a relação da história local com a ocidental: a simultaneidade, a insularidade, a circularidade e a complementariedade.

PALAVRAS-CHAVE: MIGUEL GUTIERREZ. LA VIOLENCIA DEL TIEMPO. LITERATURA. HISTÓRIA

**A TRANSGRESSÃO MORAL EM PERÍODOS DITATORIAIS: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DAS OBRAS FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA E
EN OCTUBRE NO HAY MILAGROS DE OSWALDO REYNOSO**

Lara Mucci Poenaru
Instituto Federal do Pará

Por um lado, as duas guerras mundiais, a revolução russa, a guerra fria, o nazismo, o fascismo, os campos de concentração, a grande crise financeira internacional, a revolução cubana; por outro, os militarismos precedentes, os golpes de Estado, as ditaduras, a pobreza em grande escala. Diversos fatores internos e externos convergiram para criar uma atmosfera propícia de desolação e queda do indivíduo. Os livros *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca, e *En Octubre no hay milagros* (1965), de Oswaldo Reynoso, nascem nesse contexto de tristeza e desesperança, dor e angústia, solidão e morte. Dentro dessa perspectiva, nesta pesquisa, busco realizar uma aproximação entre duas obras escritas em contextos ditatoriais que tematizam a cidade em uma perspectiva inaugural, ao articularem ao cenário urbano o crime e a perversão. Provocativas, as produções se tornam uma elegia ao prazer e à delinquência. É no limiar entre gozo e lei – entre transgressão e limite – que se encontra a essência da moral que resiste a toda monstruosidade daquelas cidades. Interessa-nos compreender como se dá a relação entre moral – tomando como base o conceito de ética proposto por Foucault (2010) e política, explicitamente demarcado por estados de exceção. Como se articulam as dimensões moral e política nos livros estudados? O que implica a opção pela temática e pela linguagem pervertidas em um contexto de violência brutal aos direitos individuais? Por que serem os motivos morais – e não políticos – os operadores apresentados para justificar, a princípio, a censura das obras? A partir das considerações tecidas sobre moral e marginalidade nas obras *En Octubre no hay milagros* e *Feliz Ano Novo*, faz-se necessário adotar uma abordagem metodológica que contemple essa perspectiva. Proponho trabalhar a partir de dois marcos teóricos: Ricardo González Vigil (2008), que elucidará a perspectiva da Geração dos 50; e Antonio Cornejo Polar (2003 e 2008), que faz um histórico da trajetória da literatura peruana. No contexto brasileiro, visa-se utilizar os estudos de Alfredo Bosi (1977), especialmente sua análise sobre a corrente “brutalista”; Antônio Cândido (1976, 2006) trará os aportes sobre a influência dos fatores sociais na composição da obra literária; Marisa Lajolo & Regina Zilbermn (1996) introduzirão a perspectiva do leitor




para a discussão. Necessários ainda para o estudo das obras são os trabalhos que dissertam sobre o conceito de moral e transgressão. Nesse sentido, a obra de Georges Bataille (2013, 2014, 2017) alicerça os conceitos de transgressão, literatura autêntica e dispêndio. Os livros de Foucault (1978, 1988, 2001, 2003) dialogam com a obra de Bataille e propõem estudos sobre a ética; o livro de Julio Jeha, Lyslei Nascimento e Laura Juárez (2016) propõe novos olhares sobre a violência e a transgressão; enquanto a tese de Maria Suzete Salib (2001), e os artigos de Diogo Sardinha (2010), Leonardo Pinto de Almeida (2008) e François Warrin (1974) relacionam os estudos de Bataille e Foucault sob a perspectiva literária. Através da bibliografia teórica selecionada poderemos contemplar os aspectos históricos fundamentais para um estudo mais denso sobre a produção das obras. Soma-se a isso uma tentativa de relacionar possíveis leituras de romances anteriores às publicações que possam nos guiar para uma possível filiação na busca pelo caminho percorrido para se chegar a duas obras inaugurais como aquelas. Finalmente, espera-se realizar um estudo sobre o papel da arte como resistência e sopro de liberdade aos regimes totalitários instaurados no Brasil e no Peru.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA PERUANA. MORAL E
TRANSGRESSÃO. DITADURAS. OBRAS CENSURADAS.

DE SCORZA A COLCHADO: POÉTICAS FRENTE AL ACONTECIMIENTO DE LA COLONIZACIÓN Y EL PASO DE LA ÉTICA INDIGENISTA A LA ESTÉTICA ANDINA

Juan Carlos Almeyda Munayco
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

La presente ponencia analiza comparativamente las obras de Manuel Scorza y Óscar Colchado Lucio, connotados escritores peruanos que se pronuncian sobre el irresoluto conflicto de la heterogeneidad cultural en los países andinos. Centrándose en las novelas *Historia de Garabombo*, *el Invisible*, segunda balada de la pentalogía de Scorza, y en *Rosa Cuchillo*, notable relato de Colchado enmarcado en el contexto del conflicto armado interno surgido en el Perú a fines del siglo pasado, señalamos que ambas novelas se ubican frente al acontecimiento, siguiendo las propuestas de Alain Badiou, de la colonización. En el primer caso, se trata de una idealización del poder de la literatura con respecto a la realidad: la ficción afecta la historia; así como de una confusión entre estos planos de referencia. En el segundo, tras la verificación de la indecidibilidad, al preferir el mundo quechua, se opta por la aceptación de la imposibilidad de la juntura entre las culturas andina y occidental, en un soporte textual que manifiesta, en su forma, lo contrario. Al estudiar ambas poéticas, podemos señalar el paso de un indigenismo que se rige por la ética, o archiética en términos de Jacques Ranciere, a una novela de estética andina. En la primera etapa, existe una intencionalidad explícita de remediación de lo cometido en contra del indio. En la segunda, se trata de una superación artística, donde es la estética, “desinteresada”, la que modifica la realidad según su política. Si bien ambas novelas presentan fisuras en su definición, nos permiten vislumbrar posibilidades para una periodización de la literatura “indigenista” (en realidad, más que indigenista) en el Perú. El objetivo de esta investigación es revelar las estrategias discursivas que novelas como *Historia de Garabombo*, *el Invisible*, de Manuel Scorza, y *Rosa Cuchillo*, de Óscar Colchado, presentan frente al acontecimiento de la colonización. Ello permitirá establecer la transformación de una ética indigenista a una estética andina. La metodología utilizada apelará a las reflexiones de Alain Badiou en *El ser y el acontecimiento*. Asimismo, tomará en cuenta los aportes de Jacques Ranciere con respecto al arte, la estética, y la política. Tomaremos en cuenta, asimismo, algunos trabajos de Antonio Cornejo Polar, Miguel Ángel Huamán, Antonio Cándido, Frank Salomon y Mercedes Niño-Murcia, entre otros.




PALAVRAS-CHAVE: GARABOMBO. EL INVISIBLE. ROSA CUCHILLO.
ACONTECIMIENTO DE LA COLONIZACIÓN. ÉTICA INDIGENISTA.
ESTÉTICA ANDINA

DISCURSO DE PROMOCIÓN (2017), DE YUYACHKANI: O PASSADO COMO LIÇÃO

Carla Dameane Pereira de Souza
Universidade Federal da Bahia

Em 2017 o Grupo Cultural Yuyachkani estreou sua montagem Discurso de Promoción. Trata-se de uma criação coletiva que dialoga com a performance, com as artes plásticas, com a estética do teatro documento e o colecionismo como dispositivo dramaturgico, no qual objetos e o espaço teatral são poeticamente explorados pelos artistas. Nesta obra a experiência do espectador é central, na medida em que será confrontado, durante toda a encenação, com fragmentos discursivos e imagens que se referem aos duzentos anos de proclamação da independência do Peru, a serem cumpridos em 2021. Com um tom de celebração, porém contestador, Discurso de Promoción leva à cena sujeitos andinos peruanos, em especial a mulher andina peruana, ausentes nas produções de arte representativas do período de independência. Anacronicamente, simbologias míticas e personagens históricos tornam-se presenças ou são invocados, no espaço teatral, expondo as cicatrizes do corpo e da memória nacional como vestígios dos acontecimentos que marcaram e têm marcado a história republicana deste país. Atravessadas pela presença de corpos ausentes afetados pela violência, as performances ativam memórias traumáticas relacionadas, por exemplo, à Guerra do Pacífico (1879 a 1883) e ao Conflito Armado Interno (1980 a 2000). Ao mesmo tempo, temáticas como a luta em defesa dos recursos naturais como as que protagonizam mulheres, a exemplo de Máxima Acuña de Chaupe e denúncias contra a exploração da mulher como corpo humano e telúrico – em referência à Pachamama – são levadas ao espaço teatral a partir da exploração de imagens e imaginários dos sujeitos andinos reproduzidos pela indústria cultural. Considerando o exposto, o objetivo desta comunicação é apresentar uma análise teórica e crítica da montagem Discurso de Promoción, chamando atenção para a construção dramaturgica do espetáculo e a expressão da memória frente à violência levada à cena. No que se refere à performance como gênero artístico e chave conceitual para a análise da encenação da memória traumática serão considerados os embasamentos teóricos de Sara Rojo (2010, 2016), Diana Taylor (2013) e Miguel Rubio Zapata (2008). Dialogarei com Ramón Griffero (2011), para analisar o modo como a dramaturgia desta obra tem como base a exploração poética de objetos e do espaço teatral, considerando sua teoria sobre “la dramaturgia del espacio”.



Em relação aos estudos sobre memória e testemunho no contexto peruano contemporâneo utilizaremos os aportes de Elizabeth Jelin (2012); Carlos Iván Degregori, Tamia Portugal Teillier, Gabriel Salazar Borja e Renzo Aroni Sulca (2015) e Francesca Denegri, Alexandra Hibbert e Rocío Silva Santisteban (2016). A partir de uma análise que apresentará imagens discursivas e visuais do espetáculo, nossa proposta é vislumbrar os fatos históricos e as temáticas que os artistas do Yuyachkani selecionaram para levar à cena em um espaço que, ao referenciar os colégios secundários e os “discursos de promoción” próprios deste contexto escolar, o passado de guerra e violência aparece com uma lição pendente de ser estudada, aprendida e revisada.

PALAVRAS-CHAVE: SUJEITOS ANDINOS. YUYACHKANI.
PERFORMANCE. VIOLÊNCIA. MEMÓRIA.

EL DISCURSO DE LA MEMORIA EN EL PERÚ: ENTRE LA VIOLENCIA Y LA IMAGINACIÓN

Kent Oré de la Cruz

Universidad Nacional de Educación Enrique Guzmán y Valle


La memoria de una cultura se construye por medio de sus acciones y de sus deseos. La historia de Hispanoamérica es la memoria de una sociedad multicultural, afectada por la violencia del discurso hegemónico en la época del renacimiento europeo y, a su vez, por la herida de un quebranto de los ideales y la cosmovisión de una cultura. Por ello, el presente trabajo de investigación literaria pretende analizar la configuración y representación de la memoria andina en el Perú, abundante en frustraciones, guerras civiles, abusos, racismo y aventuras (durante las décadas de los años ochenta e inicios de los noventa del siglo anterior), a través del discurso imaginario de la violencia. Con este fin, estableceremos como objeto de estudio e interpretación las novelas “La pasajera” y “Confesiones de Tamara Fiol”, de los peruanos A. Cueto y M. Gutiérrez, logrando observar en estas cómo la memoria de la sociedad andina se construye y es finalmente producto y efecto irresoluto de actos trágicos sociales y psicológicos, dado que la vida es el conflicto entre el pasado glorioso y el presente abominable de la sociedad peruana. Nuestro método de trabajo estará sustentando en la hermenéutica, comparación y relación semántica narrativas, utilizando categorías culturales y antropológicas de Rama, Dorfman, Lienhart, M. Rostworowski, entre otros.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. TRADICIÓN. SOCIEDAD. VIOLENCIA. CULTURA.

EL INGRESO DE UNA CANCIÓN QUE ABORDA “OTRAS VIOLENCIAS” AL
ESCENARIO MAINSTREAM DE LA MÚSICA COLOMBIANA: EL CASO DE “DE
DÓNDE VENGO YO” (2010) DE CHOCQUIBTOWN

Yonier Alexander Orozco Marin
Universidade Federal do Acre

Escasas son las oportunidades y ocasiones en las cuales el discurso sobre la violencia en Colombia ha sido abordado en el escenario musical mainstream del país. El escenario mainstream en Colombia se configura como una plataforma de producción artística con proyección internacional que participa de la invención de una Colombia nacionalista, higienizada, alegre, feliz, diversa, fiestera, colorida y sin memoria de las diversas violencias que históricamente y en la actualidad aun golpean el país. Tenemos como ejemplos: Shakira ft Wyclef Jean – Hips dont lie (2005); Carlos Vives ft varios cantautores colombianos – La tierra del olvido (2015); Jorge Celedón y Jimmy Zambrano – La invitación (2009); J. Balvín, Willy William - Mi gente (2017). El escenario independiente (sin desconocer que algunas de las producciones de este escenario han ganado una amplia circulación nacional en públicos específicos) ha sido más consiente sobre estos aspectos, abordando el registro de las violencias en Colombia en diferentes momentos espacio-temporales. Tenemos como ejemplos: 1280 almas – El platanal (1996); Aterciopelados – Siervo sin tierra (1996); Masacre – Éxodo (2001); Systema Solar – El amarillo (2010). Estas producciones han adquirido un carácter principalmente pedagógico en diversas regiones y contextos del país, abordando principalmente la violencia asociada al narcotráfico, el desplazamiento forzado, las guerrillas, las FARC, las muertes extrajudiciales comandadas por diversos entes gubernamentales, la limpieza social, entre otros. En este trabajo analizo el carácter pedagógico de la canción “De dónde vengo yo” (2010) del grupo Chocquibtown, del departamento del Chocó en el Pacífico colombiano, región del país con la mayoría de su población afrodescendiente, región históricamente olvidada por las políticas gubernamentales, de altos índices de biodiversidad biológica, muy diversa culturalmente e invisibilizada en el escenario nacional. La canción inicialmente circuló en festivales regionales y posteriormente en el escenario nacional e internacional siendo ganadora del Latin Grammy Award for Best Alternative Song. La canción aborda elementos identitarios de la región del Pacífico de Colombia, la invisibilidad de la zona y la opresión racial. Aborda otras violencias, en el sentido de que más allá de enfocarse en el



discurso de la guerra asociado al conflicto armado y el narcotráfico (a pesar de que también los aborda), ubica la extracción de recursos por multinacionales extranjeras como una de las principales formas de violencia de la región. Analizo la recepción de la canción por parte del público colombiano e internacional en comentarios de estos usuarios en la plataforma Youtube al video de la canción y en algunos reportes realizados en diversos medios de comunicación nacionales e internacionales. Encuentro que al entrar al contradictorio escenario de mercado mainstream, para parte del público la canción fue significada como elemento para reforzar la imagen de Colombia nacionalista, feliz e higienizada. Sin embargo, destaco el carácter pedagógico de la canción con otra parte de la población que desconocía la región, promoviendo reflexiones y debates (aunque a veces muy superficiales) sobre raza, violencia, conservación biológica, abandono del estado, progreso y atraso.

PALAVRAS-CHAVE: CHOCQUIBTOWN. MEMORIA DE LA VIOLENCIA. MÚSICA COLOMBIANA. PACÍFICO COLOMBIANO.

EL TESTIMONIO ANDINO Y LAS POÉTICAS DEL DUELO: ETNOGRAFÍA Y PERFORMANCE

Betina Sandra Campuzano
Universidad Nacional de Salta

La vinculación entre la voz y la letra es una de las variables ineludibles para el abordaje de las problemáticas del género testimonial de corte etnográfico. Así, cuestiones como el rol del letrado solidario (Achugar), las huellas de la voz (Lienhard), los discursos ventrílocuos y heterólogos (De Certeau y Sklodowska) son una constante en las relaciones entre informante y editor que se entretajan en los textos testimoniales. En el caso de la guerra interna del Perú reciente, los testimonios continúan inscribiéndose en los lineamientos antropológicos y desarrollando una serie de mediaciones propia de los procesos de traducción cultural. En ese sentido, podemos considerar estos textos como elementos residuales del sistema literario, pues recuperan variables genéricas ya cristalizadas pero también se actualizan con la incorporación de nuevas traducciones: en este caso, la imagen. Se incorporan, por ejemplo, testimonios fotográficos; historietas acompañadas de breves ensayos; retablos que se convierten en libros testimoniales, luego muestras artísticas y finalmente videos de youtube. Podemos pensar en estos dispositivos culturales, a los que se les llamó poéticas del duelo (Vich), en términos de performance, desde una perspectiva posdisciplinaria, pues “combinan diferentes elementos para crear algo inesperado, chocante o llamativo” (Diana Taylor). Performance y duelo son signos de la historia andina de este tiempo presente, girado hacia las subjetividades. Voz, letra e imagen se convierten en una tríada indispensable para pensar en las batallas de la memoria reciente.

PALAVRAS-CHAVE: TESTIMONIO ANDINO. DUELO. PERFORMANCE.
VOZ Y LETRA. IMAGEN.

HUAYNO E CHICHA: MÚSICAS QUE MANTÊM A MEMÓRIA CULTURAL COLETIVA PERUANA

Caterina Blacher Picorelli Aleixo
Universidade Federal de Minas Gerais


O objetivo deste trabalho é discutir a relação entre a música chicha e o huayno por meio dos conceitos de heterogeneidade e hibridismo culturais na América Latina, abordados respectivamente por Antonio Cornejo Polar (1996) e Néstor García Canclini (1989). Busca-se refletir de que maneira esses conceitos podem contribuir na tentativa de se encontrar a resposta quanto a medida em que as letras de dois expressivos gêneros musicais, o huayno e a chicha, tornam-se marcadores culturais da passagem da tradição para a modernidade, fenômeno regulado pela migração rumo aos grandes centros urbanos. Procura-se discutir a relação entre as ondas migratórias da metade do século XX com as formas de expressão cultural dos sujeitos que passam a residir nas periferias da capital peruana. A hipótese sobre a qual se assenta é a de que estes estilos e suas diferenças espelham as contradições que os processos inacabados de modernização operam na construção da identidade dos sujeitos cholo e chicha, sendo dessa maneira, mantenedores da memória cultural coletiva peruana.

PALAVRAS-CHAVE: HUAYNO. CHICHA. MEMÓRIA. MIGRAÇÃO. CULTURA.

Danusa Depes Portas

Pontifícia Universidade Católica-Rio

A dimensão transnacional do tráfico e da produção de imagens situa a imagem no centro dos debates sobre o papel da representação nas culturas globais. Estas questões poderiam cumprir-se em dois problemas fundamentais, a hibridação dos campos disciplinares e a relação entre a imagem e o arquivo com relação à memória, à história, à justiça. Os Estudos Visuais e a Crítica Cultural têm colocado na agenda a importância de considerar as imagens num campo ampliado de produção, circulação, consumo, nas relações geopolíticas em que a assimetria cultural a nível internacional é a norma. Qualquer esforço parece estar destinado ao fracasso se não encontra a forma de estabelecer a relação constitutiva entre visualidade e geopolítica no contexto da modernidade ocidental, no debate sobre as matrizes de poder geradas pela colonização nos campos do conhecimento, da cultura, das representações, e sua constante reestruturação através das diferentes ondas de modernização e ocidentalização pelas quais tem passado a América Latina. É preciso notar que os processos de visualidade em nosso subcontinente propõem singularidades históricas, culturais, epistêmicas que ainda não foram abordadas na ‘nova era do mundo’: a Transmodernidade. Pergunto: como rastrear práticas que apontem caminhos outros, diante da ditadura das formas de representação e poder enraizadas na concepção ocidental da arte e da cultura? O horizonte epistêmico do ‘giro decolonial’ permite articular, simultaneamente, uma série de contribuições conceituais para entender a heterogeneidade histórica estrutural do regime de visibilidade e enunciados na região. No entanto, um dos desafios pendentes para os Estudos Visuais que se encontra em desenvolvimento na América Latina é a construção de um lugar de enunciação a partir do qual situar histórica e geopoliticamente seus conhecimentos. No horizonte desses problemas, portanto, o objetivo desse trabalho será distinguir o papel constitutivo das sobrevivências na dinâmica da imaginação ocidental e as funções políticas dos agenciamentos memorialísticos de que se revelam portadores, valendo-se do projeto ‘Caja Negra’ (2005) de Alfredo Márquez e Ángel Valdez como intercessor. O trabalho dos dois artistas visuais peruanos realiza uma arqueologia do saber visual através da prospecção e montagem de tempos heterogêneos, mediante imagens animadas por uma energia expressiva e por uma enorme espessura histórico-cultural. A análise desses agenciamentos procura delinear sua inserção ambivalente na cena contemporânea em



que o sistema de comunicação impõe-se como força estruturante de novas formas de socialização através de práticas culturais e tecnologia, com amplas consequências para o campo humanístico, oferecendo enfoques inovadores à dinâmica de articulação de formas de vida e de cultura com as tecnologias de imediação. ‘Caja Negra’ recicla e reelabora um patrimônio iconográfico e estético, e destaca a dimensão apropriadora do arquivo de imagens que integra essa cultura a um só tempo contemporânea e pré-hispânica. O nome da peça visual é um convite a ler os códigos nela inseridos para decifrar um hieróglifo da violência peruana.

PALAVRAS-CHAVE: CULTURA VISUAL. DECOLONIAL. REGIME REPRESENTATIVO. VISUALIDADE.

ITINERÁRIOS DE GUERRA: A POESIA DE CÉSAR VALLEJO E MAX AUB

Vássia Vanessa da Silveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Esta comunicação pretende abordar traços convergentes, na forma e no conteúdo, em poemas de Espanha, aparta de mi este cáliz, de César Vallejo (Peru, 1892 - França, 1938), e no Diário de Djelfa, de Max Aub (França, 1903 - México, 1972). O primeiro livro foi publicado em 1940, no México, dois anos após a morte do poeta peruano; e o segundo, em 1944, também no México, nos primeiros anos do longo e definitivo exílio vivido por Aub, após sua saída do campo de concentração de Djelfa (1941-1942), na Argélia, durante a 2ª Guerra Mundial. A leitura aqui proposta leva em consideração a imagem do desabrigo (STEINER, 1990) em itinerários percorridos, na primeira metade do século XX, por Vallejo e Aub. E defende os deslocamentos, assim como a postura política de ambos os autores em relação à Guerra Civil na Espanha (1936-1939) como elementos importantes para refletir sobre a força dos poemas reunidos nos dois livros, marcados pela violência da guerra, o testemunho e o exílio.

PALAVRAS-CHAVE: CÉSAR VALLEJO. MAX AUB. POESIA. GUERRA.

EXÍLIO.

**LA POESÍA TESTIMONIAL DE DOMINGO DE RAMOS. SOLIDARIDAD
DISTÓPICA Y EMPATÍA EN LA REPRESENTACIÓN DE LA VIOLENCIA**

Riccardo Badini

Università degli Studi di Cagliari

Hijos de inmigrantes quechuahablantes, Domingo de Ramos escribe desde Lima, junto con otros poetas de la generación del Ochenta, al interior del clima de violencia debido a la guerra interna peruana y de la crisis económica provocada por el ingreso del país en los circuitos del mercado neoliberal. En su poética, a través de un imaginario visionario y globalizado, reelabora formas de pensamiento andino en una visión del futuro como un viaje sin destino. Procedente de las zonas de reciente asentamiento humano, conocidas en Lima como pueblos jóvenes, Domingo logra con un lenguaje polifónico e inédito, mixto de elementos populares y culto, ser testimonio de la violencia y de la degradación que sufrió su generación, aunque su poética se manifiesta deliberadamente distante de recursos realísticos. Como si fuera algo estructuralmente conocido el poeta se inmerge en los núcleos de la violencia, colectiva e individual, para salir y dar informaciones a sus lectores. En la ponencia se quiere demostrar como gracias a estrategias elaboradas al interior de una conciencia de clase y étnica, más que a través del filtro de la marginalidad bohemia como mito generacional, Domingo de Ramos logra romper el cerco de una ciudad sitiada como lo era Lima en los Ochenta y establecer lazos de solidaridad reconociendo como compañeros de viajes migrantes, víctimas de la violencia y sujetos marginados.

PALAVRAS-CHAVE: POESÍA. DOMINGO DE RAMOS. TESTIMONIO.
VIOLENCIA.

Fernanda López Franz
Universidad de San Martín

El presente trabajo se propone estudiar las representaciones intelectuales de los indígenas en la literatura peruana, a partir del análisis de la obra de José María Arguedas, *Yawar Fiesta* (1941). Se parte de una ponderación de los hechos del discurso como fuente privilegiada para el “desciframiento de la historia que no se obtiene por otros medios” (Altamirano, 2005:15) tras lo cual entendemos que la literatura peruana ha tenido un papel fundamental en la construcción de la memoria (o contra memoria) indígena. En Perú, el régimen oligárquico obligó a los intelectuales a pensar la cultura nacional fuera y del espacio estatal. Por otro lado, la idea de nación peruana se erigió sobre ideales blancos y mestizos excluyentes de toda identidad que no cupiera dentro de dichos parámetros. En el discurso hegemónico el Perú invisible, espacio mayormente indígena, es resultado del diagnóstico hegemónico que sitúa a los indígenas en un tiempo pre-moderno. La obra de Arguedas, inscrita dentro de la literatura indigenista, es una fuente relevante para estudiar las múltiples interacciones entre el Estado, los intelectuales e indígenas tejidas conflictivamente alrededor de la idea de Nación peruana y las inclusiones y las exclusiones que de ellas se desprenden. En base a lo anterior, nos preguntamos ¿cuáles son las representaciones de los territorios indígenas y los indígenas en *Yawar fiesta*? ¿en qué sentido dicho relato cuestiona y desafía el poder estatal y a las autoridades locales y regionales? Finalmente ¿cuáles son las posibilidades para las voces subalternas en la literatura peruana?

PALAVRAS-CHAVE: REPRESENTACIONES. MEMORIA.
INTELECTUALES. SUBALTERNIDAD. IDENTIDAD.

LA CONFIGURACIÓN DE LA VIOLENCIA EN *LADY MASACRE*, DE MARIO MENDOZA.

Nestor Raul Gonzalez Gutierrez

Universidade do Estado de Mato Grosso

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la configuración de la violencia a través de las diversas voces del discurso consolidadas por los personajes conflictivos y dialogantes en la obra *Lady Masacre*, escrita por el autor colombiano Mario Mendoza abordando las concepciones de agresiones psicológicas, ideológicas y de género que permean la cosmovisión de una Colombia en fase de post conflicto. Al tratarse de una propuesta investigativa de índole bibliográfica, este trabajo resultará en la construcción de un artículo dividido en tres capítulos, comenzando con una breve indagación de los procesos de denuncia social presentes en las obras del autor que establece, a partir de la literatura negra, una forma de resistencia social e ideológica por medio de la verosimilitud y la parodia, siguiendo de una articulación entre violencia y sociedad presentes en la obra estudiada para finalmente analizar las manifestaciones de conflicto y agresión que circundan a los personajes en términos políticos, religiosos y socio-culturales.

PALAVRAS-CHAVE: VIOLENCIA Y SOCIEDAD. MARIO MENDOZA.
LITERATURA COLOMBIANA.

**LA MEMORIA DEL FUTURO EN DE CUANDO EN CUANDO SATURNINA,
DE ALISON SPEDDING**

Meritxell Hernando Marsal
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabajo procura pensar las formas de la memoria y la experiencia que se postulan en la novela de ciencia ficción de Alison Spedding *De cuando en cuando Saturnina* (2004). Situada a finales del siglo XXI en Qullasullu Marka (la actual Bolivia y Puno), el presente y su contingencia se despliegan como memoria y adquieren características marcantes: es una memoria oral, a veces proferida por los muertos, lingüísticamente abigarrada, desafecta a las versiones oficiales, alimentada por el anarquismo, intencionadamente feminista. El protagonismo estructural que se da a la voz de los personajes conecta el relato con el género del testimonio, y abre el debate a las relaciones entre literatura e historia y a una evaluación de estas. La voz demanda una respuesta, y en su constitución artística, como señala Víctor Vich, frente a otros discursos, activa la discusión. Por ello, se trata de una memoria crítica, que cuestiona la permanencia de la opresión en el contexto andino, y que se enfrenta con la violencia que marca toda la experiencia. La ambivalencia de esta violencia, dolorosa en la rememoración, pero promovida desde el propio género de la ciencia ficción, será analizada en el trabajo. Desde la cárcel, esto es desde la punición, la protagonista se enfrenta a aquellos que gestionan la memoria, como espectáculo en Perú, o como revelación en Qullasullu, e intenta promover formas alternativas de construir la historia por los propios sujetos, como el rumor, el sueño o el mito, que serán pensadas a partir de las reflexiones de Silvia Rivera Cusicanqui, Víctor Vich y Ricardo Piglia.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. ORALIDAD. VIOLENCIA. CIENCIA FICCIÓN. LITERATURA ANDINA.

LA PERSECUCIÓN A LAS IDOLATRÍAS EN LOS ANDES PERUANOS Y LOS MITOS ANDINOS EN LA NARRATIVA CONTEMPORÁNEA

Rosane Maria Cardoso

Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior

Durante los primeros siglos de la conquista española, ocurrió una violenta investida de los misioneros para convertir a los indígenas andinos peruanos en practicantes de la fe católica. Para ello, había la necesidad de eliminar las prácticas consideradas paganas que, sin embargo, continuaban. Frente a la permanencia de las antiguas costumbres y rituales, los doctrineros decidieron erradicar, a través de la represión, a todos los ídolos y dioses andinos, lo que generó, en el siglo XVII, campañas de extirpación de idolatrías. Aún así, la tradición andina se mantuvo, aunque con algún perjuicio a la oralidad y a lo vernáculo. Esta ponencia presenta la trayectoria de esa persecución, las formas de supervivencia de las tradiciones de cada uno de los ayllu y extiende su mirada hacia recientes narrativas literarias andino-peruanas que, además de ofrecer posibilidades de lectura de las tradiciones que sobreviven al tiempo, abordan la complejidad simbólica donde la fe abarca la hibridez religiosa entre lo pagano y la cristiandad.

PALAVRAS-CHAVE: IDOLATRÍA. TRADICIÓN ANDINA PERUANA.
VIOLENCIA. MEMORIA. NARRATIVA CONTEMPORÁNEA.

LA PURA PENA: EL VALOR LOS LLAKIS (RECUERDOS PENOSOS) EN LOS RELATOS DE LA VIOLENCIA

Florencia Raquel Angulo Villán

Facultad de Humanidades y Ciencia Sociales

Proponemos examinar la pertinencia de la palabra andina llakiy o llaki como rasgo constitutivo de los relatos que recuperan el dolor, la angustia, la tristeza de los recuerdos asociados a situaciones traumáticas en el mundo andino. El término fue utilizado por la antropóloga médica Kimberly Theidon (2004) que entiende que los llakis son pensamientos o recuerdos penosos que llegan al corazón, donde son cargados con afecto, agobiando el cuerpo haciendo que las personas enfermen y lleguen incluso a morir. El concepto de llakiy en las lenguas quechua y aymara hace referencia al sentimiento de congoja, de aflicción y como dice el filósofo Mario Vilca puede ser asociado a los lloros de humanos y no humanos, propiciadores de lluvia (2014) En la esfera del arte y la literatura, el concepto permitiría distinguir los relatos que traen a la memoria las historias del dolor y del agobio, relatos que pueden tener un sentido terapéutico o reparador, de denuncia, o propiciador de los contactos entre el hombre y la naturaleza en su complementariedad. La necesidad de nominar los recuerdos penosos con una palabra en lenguas andinas permite hacer visible un conocimiento del mundo desde una perspectiva no hegemónica y tomar posición desde un espacio fronterizo que tenga como principio rector los valores y sentidos propios de la relacionalidad andina. Desde esta perspectiva epistémica nos interesa observar cómo estos llakis o “recuerdos penosos” funcionan como núcleo narrativo en dos novelas peruanas contemporáneas: *La sangre de la aurora* de Claudia Salazar Jiménez y *Rosa Cuchillo* de Óscar Colchado Lucio.

PALAVRAS-CHAVE: LLAKI. CATEGORÍA ANALÍTICA. MUNDO ANDINO. MEMORIA. RELATOS TRAUMÁTICOS.

**LAS VIOLENCIAS SOBRE LOS CUERPOS DE TRES MUJERES: PACHACUTIS
CRUZADOS EN “LA SANGRE DE LA AURORA” DE CLAUDIA SALAZAR
JIMÉNEZ**

Lucía Falón
**Facultad de Filosofía y Humanidades
Universidade do Contestado**

En 1995, en su artículo “La narrativa andina”, Juan Alberto Osorio postula la existencia de una nueva narrativa andina, deudora de la literatura indigenista, pero que toma distancia de ésta, y que entraría en tensión con la ‘narrativa criolla’, abriendo una larga serie de diálogos críticos sobre estas dos vertientes literarias. Desmarcada ya de un mandato limitado solo a ‘lo indigenista’, la narrativa andina sostiene una mirada crítica sobre la exclusión y la violencia, se ocupa de los intensos procesos de migración hacia las grandes ciudades, la reforma agraria, la aparición de sendero luminoso, los efectos de la globalización, y los nuevos sujetos culturales, y lo hace a través de una diversidad de temas y enfoques, que, según Ricardo Virhuez (2005), da cuenta de una matriz inclusiva que potencialmente no deja nada fuera de sí. En este trabajo me pregunto si lo que se ha llamado narrativa andina, revisa la idea de vuelco, de pachacutí, si recupera algún tipo de propuesta utópica andina, como la que puede leerse en la obra de José María Arguedas, a quien estos narradores reconocerían como su antecedente más importante. ¿Es la violencia política de los ’80 el tema que más convoca a estos narradores?. En la novela ‘La sangre de la aurora’ de Claudia Salazar Jiménez la violencia es un eje que atraviesa las tres historias de las que se ocupa. El relato se aleja de abstracciones y lugares comunes en el discurso político que por lo general se opone a las acciones y desbordes de Sendero Luminoso, para volvernos testigos de una violencia más íntima, más privada, más impresionante. La narración se nos presenta fragmentada, de modo que nos vamos encontrando con ‘el vuelco’ en la vida de tres mujeres: una campesina, una periodista y una guerrillera, todas ellas víctimas de maltratos en situaciones muy disímiles. Las diferencias e incluso antagonías ideológicas que identificamos en los discursos de estos personajes, y entre los discursos de sus agresores, llevan a profundizar una lectura acerca de los distintos tipos de violencia que son válidos desde el paradigma del patriarcado. Nos preguntamos si esta novela puede considerarse parte de la narrativa llamada andina. Nos preguntamos si en su escritura se construye algún tipo de horizonte utópico. Salazar Jiménez trabaja el tema de la violencia en los ’80, de las asimetrías de poder, apunta a desarmar ciertos discursos para ocuparse de incoherencias discursivas en algunos casos en los que el reclamo de justicia e igualdad parece no contemplar una perspectiva de género.

**LITERATURA, NARCOCRACIA E MEMÓRIA: TANATOGRÁFIAS E
REPARAÇÃO**

Paulo César Thomaz
Universidade de Brasília


A proposta deste estudo é compor uma reflexão, maiormente desde um conjunto de textos narrativos literários de autores hispano-americanos recentes, sobre as assinaladas e reconhecidas políticas de destruição da vida que atingem no presente partes significativas do continente americano - e mais particularmente as zonas andinas. No interior da precariedade democrática em que vivemos, as zonas de exceção, em que a morte recai diariamente sobre os segmentos mais vulneráveis da população, se multiplicam e parecem reforçar as teses mais comuns de íntima solidariedade entre o passado ditatorial e os regimes civis atuais. Um componente medular dessas necropolíticas consiste na formação de uma inédita narcocracia responsável por estruturar os mecanismos tanatológicos vigentes. A hipótese deste trabalho é assinalar que, para além de um diagnóstico mortificante e imobilizante, e encarando o esgotamento discursivo ou até mesmo o verbicídio que a escala do desastre praticado impõe, uma série de textos literários recentes conformam um mapeamento criativo desse horror, ainda que sem avançar as fronteiras da irrecuperabilidade da experiência plena benjaminiana. Estes textos parecem dessemantizar e resemiotizar as formas discursivas mais frequentes com as que nos referimos à violência com o propósito de constituir, de certo modo, o poder reparador da memória dessa sociedade pós-genocida e instalarnos novamente em uma potência de agir como enfrentamento a esse rebaixamento global da existência, nas palavras de Peter Pal Pelbart. PALAVRAS-CHAVE: NARCOCRACIA. MEMÓRIA. TANATOGRÁFIA. REPARAÇÃO. POTÊNCIA

**LLAMADO A ALGUNOS DOCTORES DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS: UM
CONVITE A ANTROPOFAGIA**

Carlos David Larraondo Chauca
Universidade Federal do Acre- Campus Cruzeiro do Sul

Suerda Mara Monteiro Vital Lima
Universidade Federal do Acre

Despidos do olhar colonizador, que nas limitações do cogito ergo sun europeu, pretere lógicas-outras de entender a vida, a natureza e o humano, enclausurando as cosmogonias e narrativas dos povos originários, do território que hoje se conhece como América-Latina, nas gavetas do exotismo, da magia e da fantasia. Propomos uma leitura do poema Llamado a algunos doctores do intelectual, escritor, indígena e peruano José Maria Arguedas, analisado a partir do conceito de antropofagia, o devorar o outro, que segundo a lógica indígena significa reconhecê-lo como igual, como aquilo que me falta, que dá continuidade à vida desafiando o espaço/tempo. Esta incrível metáfora nos permite sensibiliza-nos e estar abertos a outras-lógicas e sentidos que inconformem nosso olhar para novas experiências de entender a vida e perceber os movimentos, deslocamentos e as sinergias que convergem com outros pensares e sentimentalidades dos espaços e tempos, uma vez que, pelo etnocentrismo que rege nossas leituras, tais outras-lógicas acabam sendo aniquiladas pelo/no discurso acadêmico que as restringe limitando-as a uma lógica que não é a sua. Neste sentido percebemos no poema de José Maria Arguedas um convite a antropofagia, permeado pela afetividade de um eu-lírico que na voz individual/coletiva de corpos e espaços andinos, defende seu posicionamento e provoca os doutores da ciência e do conhecimento institucionalizado, a devorar seu corpo, a permitir-lhe entrar dentro de si, a conhecer e reconhecer uma outra experiência sensitiva e cognitiva que os faça problematizar seu olhar e (des)construir-se epistêmica e ontologicamente. Maria Arguedas, ergue sua voz de amauta para argumentar com o próprio corpo multiplicado, com a natureza, desenhando uma cartografia andina permeada pelo íntimo relato dos seres vivos que aí coexistem. Sem dúvidas um campo discursivo que nos permite problematizar os efeitos nefastos da colonização que se perpetua nos mecanismos da colonialidade nos contextos nacionais “latino-americanos”, sistematizando a destruição dos valores culturais de povos que não se encaixam nos projetos da modernidade. Nossos pensamentos e reflexões serão trilhados, principalmente, a partir dos textos A




chegada do estranho (1992) de José de Souza Martins; Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Manifestos, teses de concursos e ensaios (1978) de Oswald de Andrade; El pensamiento Andino de la diferencia (2016) de Jacques Fehlaeur; La idea de América Latina-La herida colonial y la opción decolonial (2007) de Walter Mignolo. PALAVRAS-CHAVE: JOSÉ MARIA ARGUEDAS. ANTROPOFAGIA. DECOLONIALIDADE. AMÉRICA-LATINA.

**MEMÓRIA DA VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA DA MEMÓRIA EM
MAGALLANES, DE SALVADOR DE SOLAR**

Alessandra Maia de Lemos
Universidade do Estado do Rio Janeiro

Felipe Gonçalves Figueira
Universidade Federal Fluminense

Os vinte anos de guerra civil entre militares do Estado peruano e militantes de grupos armados, como Sendero Luminoso e Movimento Revolucionário Tupac Amaru, teve o saldo de cerca de setenta mil peruanos mortos ou desaparecidos, sendo a maior parte de indígenas falantes de Quéchua. O departamento de Ayacucho foi a região que mais sofreu com a violência do conflito. Em relatório, a Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR) do Peru, após investigação baseada principalmente em cerca de dezessete mil testemunhos, afirma que 54% das mortes foram de responsabilidade do grupo Sendero Luminoso e 1,5% do Movimento Revolucionário Tupac Amaru. Embora reconheça violações de direitos humanos por parte das forças armadas estatais, a CVR peruana não expõe os mesmos dados relacionados a elas, o que nos leva a uma informação implícita: policiais e militares, que deveriam “enfrentar a los grupos subversivos que vulneraban los derechos fundamentales de los ciudadanos” (CVR, 2004) foram responsáveis por quase metade das mortes ocorridas durante as duas décadas de conflito. Há sempre uma tentativa recorrente de manipular os discursos constitutivos da história e as informações para beneficiar os que detêm o poder e apagar a versão das vítimas; de se contar a história na perspectiva dos vencedores, silenciando os vencidos. Nesse sentido, a arte vem como um meio de dar voz – ou ser a voz – destes silenciados. Neste trabalho destaco a sétima arte, o cinema, como meio de enxergar a versão das vítimas deste conflito, despertando-nos empatia pela sua história e desfazendo possíveis conceitos prévios que tenhamos sobre os envolvidos nos acontecimentos. Apresento, assim, uma leitura do filme dirigido por Salvador de Solar, Magallanes (Peru, 2015), que não aborda o período da guerra civil no Peru, mas suas consequências, principalmente para a personagem Celina, mulher, indígena, adolescente, de povoado rural e humilde de Ayacucho, e que, por ser encaixar nestas categorias, se tornou alvo fácil da violência cometida por um general, que teve a ajuda do soldado Magallanes, à época do conflito. Pretendo apresentar como a linguagem cinematográfica trabalha a questão da memória e do



esquecimento nestas personagens, da violência física, moral e psicológica e da culpa, bem como busca dar voz à vítima na tentativa desta sobrepor à voz do ofensor, ainda que não haja reparação ou final feliz. Dessa forma, busco mostrar como Salvador de Solar nos desconcerta, desfaz nossas expectativas e nos mostra que ninguém fica ileso às consequências da violência e à dolorosa memória desta, mesmo quem a praticou, mas principalmente quem a sofreu.

PALAVRAS-CHAVE: VIOLÊNCIA. MEMÓRIA. CINEMA

MODOS DA CRÔNICA MAPUCHE

Silvina Liliana Carrizo

Universidade Federal de Juiz de Fora

Nüttram, pentukun, koyaktu, trawün; conversação, cumprimento, parlamento, reunião. Assim faz referência Pedro Cayuqueo, no seu livro de crônicas Solo por ser indios y otras crônicas mapuches, de 2012, às práticas culturais das comunidades mapuches. Lendo e analisando para aprender escrevendo pretendo, nessa comunicação, destacar os modos da crônica mapuche de Cayuqueo. Para tanto, buscarei compreender as formas do relato mapuche que vão sendo elencadas nessa antologia de crônicas no compasso da construção da memória, da crítica intracultural e da crítica política perante os embates com o Estado neoliberal chileno. Extrativismo, violência territorial, racismo e pobreza, são algumas das temáticas abordadas pelo cronista. No entretecido dos textos, diferentes procedimentos discursivos e cenas de interpelação vão compondo um mapa atual do que é “estar mapuche” na região sul de América Latina. Ao entender a crônica, enquanto cena de interpelação – no sentido pensado por Butler -, e, portanto, como uma das formas do ato interlocutório, destacarei a performatividade almejada pelo autor, tanto estabelecida sobre o si mesmo, o escritor/cronista, quanto sobre o interlocutor, pretendendo assim capturar os modos de relacionalidade comunitários e, ao mesmo tempo, políticos, que ativam e atualizam as memórias das práticas culturais através de táticas persuasivas, entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: CRÔNICA MAPUCHE. MEMÓRIA. CENAS DE INTERPELAÇÃO.

OS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS DE ANALÍA

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves
Universidade Federal de Juiz de Fora

A literatura boliviana vem experimentando, desde os últimos anos do século XX, uma série de transformações em quanto à linguagem, temas e perspectivas. A presença de escritoras mulheres, raro no cenário literário da Bolívia, vem se fazendo cada vez mais presente. Nesse contexto se insere a jovem escritora Liliana Colanzi, nascida em 1981 em Santa Cruz de la Sierra. Escritora e Jornalista, Colanzi vem se destacando não só no cenário nacional boliviano como no internacional. Suas obras vem sendo traduzidas a vários idiomas. Baseando nosso trabalho nas considerações de Jesús Martín-Barbero sobre o posnacional e no conceito de multiterritorialidade desenvolvido por Rogério Haesbaert, propomos uma leitura de *Vacaciones Permanentes* (2010), livro composto por sete contos com histórias e personagens interconectados, que lidos em conjunto nos apresenta a trajetória de Analía, uma jovem de Santa Cruz de la Sierra. Ao narrar seus dramas íntimos, a história de sua família e de seus amigos, a mudança da personagem para a Europa e a sua vida no velho continente, Colanzi, além de inserir-se em uma proposta de literatura boliviana que põe em cheque diferentes projetos modernizadores ao questionar modelos de nação, família, relações etc.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA BOLIVIANA. POSNACIONAL.
MUTITERRITORIALIDADE

OTRAS MEMORIAS DE LA GUERRA INTERNA DEL PERÚ (1980-1992)

Ulises Juan Zevallos-Aguilar
Ohio State University

En esta ponencia se abordarán *Los rendidos. El don de perdonar* (2015) de José Carlos Agüero, *Saber matar, saber morir* (2014) de Augusto Higa Oshiro, *Memorias de un soldado desconocido* (2012) de Lurgio Gavilán y *Retablo* (2003) de Julián Pérez. Esos cuatro libros se han constituido en una memoria prostética que desmantela y matiza dos grandes narrativas hegemónicas sobre la primera fase de la guerra interna (1980-1992). La primera señala que los indígenas fueron víctimas que se encontraron entre los fuegos de Sendero Luminoso y las fuerzas represivas del Estado Peruano. La segunda sostiene que Sendero Luminoso estaba constituido por resentidos y desadaptados sociales que se revelaron en contra del Estado Peruano por lo tanto merecían morir. Estas narrativas y sus variaciones se han convertido en sentido común. Se ha tenido que esperar más de veinte años para aparezcan varias manifestaciones culturales que constituyen un espacio de memoria donde se recuerdan de manera distinta o se recuperan detalles desconocidos. De esta manera contribuyen a la construcción de una memoria colectiva más rica y compleja de una época que se quiere olvidar.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. PERÚ. GUERRA INTERNA. MEMORIA PROSTÉTICA. OLVIDO.


VIOLÊNCIA E GÊNERO EM RETÁBULOS DE EDILBERTO JIMÉNEZ: OLHARES SOBRE A GUERRA NO PERU

Karina Lima Sales

Universidade Federal de Minas Gerais

O texto discute violência e gênero em três retábulos produzidos por Edilberto Jiménez, relativos a acontecimentos violentos ocorridos no Peru entre 1980 e 2000, durante o conflito interno armado de maior duração, intensidade e com os mais elevados custos humanos e econômicos de toda a história republicana peruana. Os retábulos foram produzidos a partir da passagem do retabulista e antropólogo por Chungui, um dos nove distritos da Província de La Mar, Departamento de Ayacucho, quando Jiménez recolheu testemunhos de camponeses, que geraram desenhos e, posteriormente, retábulos que retratam a violência perpetrada durante o conflito interno armado no Peru. Os retábulos delimitados são Basta, no a la tortura, Abuso a las mujeres e Asesinato de niños en Huertahuaycco. Os dois primeiros retábulos foram pautados em desenhos produzidos a partir do testemunho de Antonia Ramírez Orihuela. Em todos eles, a violência contra a mulher, direta ou indiretamente perpetrada, é analisada sob a perspectiva da memória como luta política.

PALAVRAS-CHAVE: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. RETÁBULOS DE EDILBERTO JIMÉNEZ. CONFLITO INTERNO ARMADO NO PERU. CHUNGUI.




ST 02 - A INFLUÊNCIA DO
IMPERIALISMO NO CENÁRIO
POLÍTICO DA AMÉRICA LATINA

MACONDO E McONDO: O PASSADO E A CONTEMPORANEIDADE NA AMÉRICA LATINA

Sandra Oliveira da Costa
Universidade Federal do Acre

Este trabalho propõe uma análise da relação entre a obra *Cem anos de solidão*(1967), de Gabriel García Marquez e a *MacOndo*(1996), de Albert Fuguet. A obra *Cem anos de solidão* do gênero Realismo Fantástico, foi ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1982 e é conhecida no mundo todo. Nela, o autor nos conta a saga da família Buendia por várias gerações, vividas na cidade fictícia de Macondo, com todos os elementos exuberantes do Realismo Fantástico que nos surpreendem pela riqueza de particularidades dos personagens que encantam seu leitor e o faz refletir sobre a condição humana, a história brutal e até os acontecimentos inacreditáveis dos países latino-americanos, mencionados através de alegorias. Por sua vez, a antologia de contos organizada pelos escritores chilenos Alberto Fulguet e Sergio Gomez, que reuniu escritores latino-americanos especialmente do Chile, Colômbia, Argentina e México, denominada “McOndo” faz uma alusão irônica a Macondo e as marcas icônicas do consumo moderno MacDonald’s e Macintosh. O livro traz contos urbanos, multiculturalistas, cosmopolitas e realistas, centrados em realidades privadas, como enfatiza Fuguet. McOndo teve como principal objetivo mostrar uma faceta mais moderna da literatura Latino-americana, sem os estereótipos exóticos de Macondo. Seus idealizadores, todos nascidos depois das ditaduras, buscam mostrar as transformações ocorridas com o fim da ditaduras, podendo-se falar de modo realístico sobre a atualidade, o processo de globalização e especialmente o processo identitário dos latinos frente a todas as transformações mundiais. A partir da leitura das obras de Marquez (1967) e Fuguet (1996), que embora não dialoguem diretamente com a história, são influenciadas pela sociedade de suas épocas, farei uma análise das duas obras, buscando questionar que força na América Latina nos impele a opressão, conservadorismo e a crise de identidade, seja ela a repressão das ditaduras, o mercantilismo que nos vende como seres exóticos, ou o individualismo moderno e o caos urbano. Para embasar o trabalho, farei uso do pensamento da professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, que dedicou sua pesquisa ao estudo das intersecções entre história e literatura, em sua obra *História e História Cultural* (PESAVENTO, Sandra Jatahy. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2004), e da obra do sociólogo e filósofo Sigmund Baulman na obra *O mal estar da pós-modernidade* (BAULMAN, Sigmund. São Paulo, Editora Zahar,



1998), que retrata em seu pensamento as inquietações e conexões individualizadas no mundo moderno.

PALAVRAS-CHAVE: REALISMO. LITERATURA. HISTÓRIA.

**A CONQUISTA E A COLONIZAÇÃO LATINO-AMERICANA NO LIVRO
DIDÁTICO: UM DEBATE SOBRE A COLONIALIDADE**

Elder Andrade de Paula
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Êmily Gerusa da Silva Oliveira
Universidade Federal do Acre

A presente comunicação tem por objetivo geral analisar o discurso da conquista e colonização da “Nossa América” em livros didáticos de história para o ensino médio, propor uma análise comparativa entre discursos didáticos e acadêmicos. Apoiada teoricamente em Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo, e o debate da colonialidade, também buscando estabelecer um diálogo com autores como Edward Said. Ainda como parte de nossos objetivos está discutir a relação de influência/dependência que se alastrara desde a chamada “descoberta” da América Latina até a contemporaneidade. Os procedimentos metodológicos apoiaram-se em uma pesquisa descritiva e bibliográfica. Além da introdução e considerações finais, esse trabalho está dividido em três partes, a saber: 1) Colonialismo e colonialidade: um olhar sobre o debate latino-americano contemporâneo, onde apresenta-se a teoria da colonialidade, sua aplicação é fundamental, tendo em vista que em contextos tidos como pós-coloniais se dá a produção/reprodução de conhecimentos ditos eurocêntricos. 2) O livro didático como instrumento difusor de ideologias, apresenta-se um diálogo sobre o papel e a importância do livro didático, uma vez que a colonialidade se consolida entre outros no LD, conhecido como um mero reprodutor de conhecimento, 3) Uma análise comparativa do discurso da conquista e colonização da América Latina nos livros didáticos, onde apresenta-se uma análise acerca da presença ou não das aplicações da nova historiografia, exposição das coleções do professor Gilberto Cotrim - História Global: Brasil e Geral - e dos professores Rosiane de Camargo e Renato Mocellin - História em debate, ambas as coleções sugeridas no guia de livros didáticos PNLN 2015, e ainda faz-se uma análise discursiva comparativa entre os discursos abordados nos livros acadêmicos e os discursos reproduzidos nos materiais didáticos, proximidades com o discurso proposto, por exemplo por Ruggiero Romano em Os mecanismos da conquista colonial: Os conquistadores. PALAVRAS-CHAVE: AMÉRICA LATINA. COLONIALIDADE. LIVRO DIDÁTICO.CONQUISTA. COLONIZAÇÃO.

AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NA AMAZÔNIA: OS PRECONCEITOS CONTRA AS POPULAÇÕES NATIVAS – ALEXANDRE VON HUMBOLDT E SUA VOYAGE AUX RÉGIONS ÉQUINOXIALES DU NOUVEAU CONTINENT

Maria de Jesus Morais
Universidade de São Paulo

O período de ocupação não indígena da Amazônia entre o século XVI e a primeira metade do século XIX foi marcado pelo discurso europeu. Primeiros vieram os ‘descobridores’ e missionários, depois os cientistas viajantes. As expedições enviadas eram apoiadas por algum “potentado ou reino europeu” e, os expedicionários “vinham palmilhar as paragens da selva”. A partir do século XVIII os discursos sobre a Amazônia adquiriram um caráter racional, científico. Neste contexto surgem os discursos de naturalistas como Alexandre von Humboldt. As novas expedições eram enviadas pelas sociedades científicas, como a Académie Française, criada em 1653 e a The Royal Society of London, em 1645 (PIZARRO, 2012). Alexandre von Humboldt, apesar de ser alemão, conseguiu autorização do governo espanhol para empreender a viagem aos trópicos, mas não conseguiu do governo português, portanto durante a viagem este só contorna a Amazônia brasileira. Humboldt viveu a “orgia da natureza dos trópicos” e revelou aos europeus a “evidência de sua alteridade”. Este, percorreu os lhanos, a savana e andou pelo rio Apurímac até o Orinoco, para subi-lo e encontrar “o ponto de encontro com o rio Negro”, o canal de encontro do Orinoco com o Amazonas. Com suas observações “desmitifica a lenda do Eldorado”, pois no local encontra só “uma pequena lagoa com pouca água e algumas ilhotas” (p.108), que “não merecem a morte de tantos infelizes, sacrificados pela cobiça e pela crueldade” (HUMBOLDT, 1980). Humboldt teve uma visão preconceituosa contra os nativos, como podemos ver nesta passagem do Viaje, “é curioso ver como, no mais baixo grau da civilização humana, a existência de toda uma população depende de uma única espécie de palmeira, semelhante aos insetos que só se alimentam de uma única flor” (HUMBOLDT, 1991). O objetivo desta comunicação é discutir como o olhar do estrangeiro imprime um discurso sobre a Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: EXPEDIÇÕES. POPULAÇÕES NATIVAS. DISCURSO. AMAZÔNIA.

BRASIL: A URGÊNCIA DE UMA IDENTIDADE DECOLONIAL E EMANCIPATÓRIA

Priscila Teixeira de Carvalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A presente comunicação tem por objetivo problematizar valores morais ancorados em marcadores sociais generificados, racializados e extratificados que subjazem à identidade supostamente nacional ao mesmo tempo em que a relaciona com os interesses do capitalismo imperialista internacional, extremamente dependente da manutenção de culturas nacionais colonializadas, característica da herança do projeto de modernidade para países que foram, e ainda são, tratados e diagnosticados como periféricos em relação à centralidade atribuída aos países europeus. Em lugar da cultura da diversidade, pretendo mostrar que está em vigência na identidade brasileira uma visão que resulta na permanência de diásporas socioeconômicas. São vastas as personagens eternizadas na literatura brasileira, de excelente produção, diga-se de passagem, que caricaturam diversos marcadores constitutivos da identidade dita nacional, assim como são significativas as análises antropológicas e sociológicas de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda, respectivamente, para a consolidação de uma visão emotivista e de tolerância e diversidade democrata que o Brasil sustenta e importa para o mundo. Ambas, mais a primeira que a segunda, vão ao encontro de um projeto identitário que serve mais à colonialidade produzida em consonância com os interesses do capitalismo nacional e internacional do que à possibilidade de criação de uma identidade emancipatória. A hipótese levantada é de que os descritores que compõem tal visão não somente deixam de contribuir para a criação de uma identidade, política, moral e epistemologia nacional democrática como mantêm intocáveis os elementos diatópicos e colonialistas em vigência. Apontar questões pós-colonialistas foi um passo importante da leitura crítica eurocentrada ao projeto de modernidade e colonialidade do “saber-poder”, como nos Michel Foucault, por exemplo. Porém tais análises precisam ser associadas ao nosso contexto latino-americano, que pede uma leitura decolonial capaz de conectar tais críticas ao projeto da modernidade e ao imperialismo eurocentrado. Pensando teoricamente com Gayatri Spivak, com Jessé de Souza e com María Lugones a comunicação aqui apresentada seguirá o caminho metodológico baseando- na análise filosófica-política do espaço social que resulta desse universo de considerações.

PALAVRAS-CHAVES: PENSAMENTO DECOLONIAL. JUSTIÇA SOCIAL.
CLASSE. BRASIL. GÊNERO.

COLONIALISMO INTERNO, PROLETARIADO EXTERNO E IMPERIALISMO COMERCIAL: RELENDO NICOLA ZITARA NA AMAZÔNIA ACREANA

Marcello Messina

Universidade Federal do Acre

O intelectual calabrês Nicola Zitara foi um dos mais ostracizados entre os intelectuais socialistas italianos. O seu trabalho enfrentou de maneira radical a questão da disparidade socioeconômica que caracteriza a relação entre o Norte e o Sul da Itália. Algumas questões importantes que emergem do trabalho de Zitara incluem: a denúncia do colonialismo interno italiano, no qual o Sul do país é descrito como colônia do Norte; a caracterização do proletariado sulista como externo, ou seja excluído das lutas de libertação conduzida pelos partidos nacionais esquerdistas em prol da classe trabalhadora nortenha; o encaixamento das trocas comerciais entre o Norte e o Sul da Itália dentro do modelo de troca desigual que caracteriza o imperialismo comercial a nível global; a militância intelectual em prol duma libertação nacional independentista do Sul da Itália. Neste trabalho, a partir de diálogos e fricções com o modelo de subalternidade e libertação proposto por Gramsci, serão propostas releitura do pensamento de Zitara situadas na Amazônia Acreana, com foco particular mas não exclusivo sobre o sindicalismo rural das décadas de 1970 e 1980.

PALAVRAS-CHAVE: ZITARA. SUL DA ITÁLIA. COLONIALISMO INTERNO. PROLETARIADO EXTERNO. TROCA DESIGUAL.

DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO Y LA BARBARIE DE LA CIVILIZACIÓN

Elton Emanuel Brito Cavalcante
Universidade Federal de Rondônia

Domingos Faustino Sarmiento fue uno de los más distinguidos personajes argentinos, ejerciendo la carrera de periodista por largos años hasta llegar a la Presidencia de la república. Toda su vida coincidió con un periodo de gran agitación social en el país. Del seno de una familia clase media, nació en San Juan, Argentina, en 1811, a solo pocos meses de la Revolución del 25 de mayo de 1810, cuya insurgencia en contra de la corona española había marcado el inicio del proceso de independencia argentina. Garantizada esta, se tornaba imprescindible la organización estructural y gubernamental del nuevo país, lo que no vino, empero, sin otro colosal conflicto armado, cuyo epicentro era decidirse que forma política republicana se adoptaría, es decir, si se crearía una confederación, en la cual no habría un poder centralizado, algo semejante a la de los Estados Unidos; o, al contrario, una federación cuya sede se encontraría en Buenos Aires. A los defensores del primer grupo se les llamaban federalistas, mientras que el otro, unitarios. Sin lugar a dudas, esta guerra civil fue tan sangrienta cuanto la librada contra España, por lo que, desde la cuna, la vida de Sarmiento estuvo impregnada por manifestaciones sociales violentas que le hicieron reflexionar sobre el porqué de tanta confusión. Sin embargo, estos incidentes y su fuerte personalidad le motivaron pronto a posicionarse políticamente sobre los más dispares temas, lo que, por supuesto, se iba a chocar con intereses hegemónicos de los caudillos de entonces. Debido a que jamás supo mantenerse callado ante las adversidades o el autoritarismo, se le infligieron varios exilios y escarmientos, de modo que aprendió a odiar a quienes lo contrariaba o contradecía. Así obtuvo muchos enemigos a lo largo de su vida, sobre todo a los caudillos Rosas y Facundo Quiroga. Por consiguiente, de Sarmiento se puede decir que fue la imagen viva y contradictoria de un tiempo oscuro que le tocó vivir. Por su férrea voluntad, logró superar la pobreza y la falta de una educación formal adecuada, sin jamás dejarse doblegar frente a los adversarios o dificultades. Fue un gaucho que renegó la viola, la yerba y el chiripá; asimismo fue un hombre a quien le tocó solo los estudios primarios, pero se obligó, por cuenta, a aprender el latín, las ciencias y, por consiguiente, escribir con un rasgo típico de los grandes literatos. Sus escritos recordaban una ametralladora que disparaba para todos las direcciones, incluso en el rumbo de sus propios aliados. No por casualidad, se le apodaron “el loco.” Fue considerado uno de los más brillantes pensadores argentinos, aunque, para sus enemigos, tal brillo

intelectual no se le floreció en los demás rasgos del carácter. Quizá una de sus mayores virtudes era justo decir todo lo que pensaba, incluso cuando eso le costase caro. En efecto, dominó la pluma y la política con maestría, destacándose como una voz polémica y sincera a la vez, pero lo de la polémica se le transformaba a menudo en desprecio, sobre todo por aquellos que no se empeñaban en obtener las nuevas filosofías y ciencias oriundas de Europa. Pero no de toda Europa, sino solo de la parte “civilizada”, es decir, Francia e Inglaterra, de donde las luces habrían de partir y alumbrar a la oscuridad casi medieval en la cual la América española se hallaba. En 1845 escribió uno de los libros más importantes para comprenderse la Argentina, “Facundo: civilización y barbarie”, en el que se demuestran las paradojas y contradicciones entre el campo y la ciudad, entre los dos mundos que forjaron la nación argentina, es decir, el mundo rural, donde el indio y el gaucho son las máximas expresiones, y el urbano, donde buenos aires se destaca como el polo irradiante del progreso y acercamiento al nuevo paradigma socio-cultural impuesto por los métodos científicos. Este libro se nos permite una visión profunda y a la vez panorámica de las fuerzas sociales que aún hoy vigoran en argentina, haya vista los distintos enfrentamientos sociales que se puede observar en los discursos de peronistas y liberales, por ejemplo. Pero tal libro no se puede comprenderlo si no se miran las fuerzas antagónicas que se agredían desde hace siglos en Europa y que vinieron a continuar sus choques aquí en América. De esta forma, comprender a fondo el “Facundo” de Sarmiento es una invitación para el entendimiento de las ideas que conforman el mundo contemporáneo y, por supuesto, el actual imperialismo político y económico en boga.

PALAVRAS-CHAVE: FACUNDO. SARMIENTO. CIVILIZACIÓN.

BARABARIE.


O FEMINISMO DECOLONIAL NO BRASIL

Susana de Castro Amaral Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Partindo (i) da ideia de colonialidade do poder de Quijano, caracterizada pela crítica à noção de sujeito moderno, fundado na percepção do outro como racializado, neste caso o outro somos nós, os nativos das Américas, os periféricos, os semi-civilizados, os sem cultura, os primitivos, (ii) da leitura de Edward Said a respeito da forma como os sujeitos acadêmicos europeus constroem o discurso sobre os não - europeus de tal modo a construir uma pseudo narrativa verdadeira sobre quem são (o Oriente) em oposição ao que eles próprios são (racionais, civilizados etc), e (iii) da crítica de Maria Lugones ao feminismo liberal norte-americano e a não incorporação da temática das mulheres de cor e sua racialização pela sociedade colonial-global-moderna, pretende-se nesta apresentação discutir a situação das mulheres periféricas brasileiras, as indígenas, as negras, e de que maneira elas, mais do que as brancas, carregam em seus corpos as marcas da empresa colonial-patriarcal. Pretendemos discutir acerca da impertinência do uso do vocabulário liberal individualista para discutir as formas de socialização das comunidades indígenas e quilombolas, e de que maneira essas experiências representam formas alternativas de sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: DECOLONIALISMO. PATRIARCADO. LIBERALISMO.




ST 03 - A TRADUÇÃO NA
AMÉRICA LATINA: ADAPTAÇÕES E
APROPRIAÇÕES

A TRADUÇÃO DA HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA PRESENTE EM CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM

Carolina Barcellos
Universidade de Brasília

A tradução literária é influenciada por fatores diversos como, por exemplo, a distância entre a cultura que produziu o texto-fonte e a cultura que receberá o texto traduzido, o ponto de vista do tradutor e seu grau de envolvimento com a obra do autor, e também possíveis restrições do mercado editorial e de aceitação do público-alvo. Nesse contexto, é sempre desafiador traduzir o que é específico de uma determinada narrativa, ambientada em um dado lugar e período histórico, atentando-se ainda ao estilo do autor e do texto-fonte. A crescente – embora ainda relativamente pequena – abertura dos mercados editoriais de língua inglesa à literatura brasileira tem apresentado desafios aos seus tradutores justamente pela demanda do que é culturalmente específico e exótico em um contexto social pouco acostumado à leitura de literatura traduzida. Fundamentando-se nesse cenário e partindo dos conceitos de normalização, uso criativo da linguagem (BAKER, 1997, 1999, 2000; MUNDAY, 2008) e sanitização (KENNY, 1998), a presente pesquisa investigou o corpus paralelo formado pelas obras *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, e sua tradução para o inglês britânico *Ashes of the Amazon*, por John Gledson. Baseando-se na metodologia dos Estudos da Tradução baseados em Corpus, foram investigadas as escolhas linguísticas do tradutor e identificadas as mudanças na tradução em vários níveis, do morfema à oração. A classificação dessas mudanças considerou também o uso criativo da linguagem pelo autor e as formas como o tradutor respondeu a isso. A obra de Hatoum foi escolhida por encerrar uma multiplicidade de vozes que contrastam não apenas classes sociais como também o embate entre o cosmopolita e o provinciano. Ao acrescentar um forte viés político e irônico à narrativa de *Cinzas do Norte*, o autor cria algo ainda mais particular, um tipo de heterogeneidade linguística que estabelece a fragmentação da narrativa (GARCIA, 2016; REIS-BUZZINI, 2014). Os resultados obtidos apontaram duas direções opostas. Enquanto o modo de falar típico de uma região e classe social foi normalizado, referências à Amazônia e a elementos da fauna e da flora brasileiras foram ressaltadas. As imposições linguísticas do inglês não são capazes de justificar grande parte das alterações feitas em estruturas sintáticas, particularmente aquelas feitas para acomodar o acréscimo de expressões convencionais típicas da língua



alvo. As ocorrências de explicitação, por sua parte, indicaram com mais clareza o ponto de vista do tradutor imprimindo mudanças na percepção da passagem do tempo e resolvendo ambiguidades do texto-fonte, o que, por consequência, acabou por alterar o caráter fragmentado e a heterogeneidade linguística da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO LITERÁRIA. ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS. MILTON HATOUM. HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA.

**DUAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS DE A HORA DA ESTRELA, DE
CLARICE LISPECTOR**

Laurieny da Costa Vilela
Universidade de Brasília

Válmi Hatje-Faggion
Universidade de Brasília

Clarice Lispector figura entre os autores brasileiros mais traduzidos no exterior (BIBLIOTECA NACIONAL, 2016). Dentre suas obras, *A hora da estrela* é a mais requisitada por editoras internacionais, conforme dados do Programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior, da Fundação Biblioteca Nacional (2016). Esta investigação tem como objetivo analisar as duas traduções do português para o inglês de *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector, para mostrar como foram traduzidos os estranhamentos idiossincráticos da escrita clariceana. A primeira tradução dessa obra foi feita por Giovanni Pontiero, em 1984, e publicada pela editora Carcanet Press, no Reino Unido. A versão analisada desta primeira tradução é a publicada em 1992, nos Estados Unidos, pela editora New Directions Paperwork. A segunda tradução foi feita por Benjamin Moser, em 2011, e publicada pela editora New Directions, nos Estados Unidos. As duas traduções receberam o mesmo título: *The hour of the star*. No cotejo das duas traduções entre si e, também, com o seu texto correspondente em português, propõe-se analisar e descrever a questão do uso da pontuação, uma das características que torna a escritura da autora idiossincrática. Esta pesquisa se insere nos Estudos Descritivos da Tradução e considera autores como Even-Zohar (1978), Toury (1980), Bassnett (1980) e Newmark (1988). A análise do emprego da pontuação nos textos em língua inglesa está embasada em Baker (2000), Venuti (2008) e Berman (2013). Os resultados preliminares indicam que Giovanni Pontiero (1964) tem a tendência de “corrigir”, normalizar a pontuação em sua tradução para o inglês, empregando a pontuação de forma mais domesticadora (VENUTI, 2008) e gerando destruição do ritmo (BERMAN, 2013), enquanto Benjamin Moser (2011) tende a utilizar a pontuação mais alinhado às escolhas de Clarice Lispector (1977), preservando o estranhamento idiossincrático da escrita da autora.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUTOR. MÚLTIPLAS TRADUÇÕES.
PONTUAÇÃO. CLARICE LISPECTOR. A HORA DA ESTRELA.

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA: A MEDICINA ILUMINADA EM PORTUGUÊS

Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Fundação Universidade de Brasília

A história da tradução se confunde em muitos momentos com a história do conhecimento. De fato, os muitos avanços nas diferentes áreas de saber que o mundo testemunhou só foi possível pela ação de homens e mulheres que se dedicaram a romper barreiras linguísticas e culturais. Com base nesse pressuposto, o que se quer neste trabalho é abarcar a tradução de textos de medicina, vertidos para o português no período do Iluminismo luso-brasileiro (final do século XVIII e início do século XIX). Mais especificamente, a partir de dados coletados em pesquisa em história da tradução (OLIVEIRA HARDEN, 2010) e reconhecendo o vínculo entre as nações de raízes culturais ibéricas (aqui consideradas as potências coloniais e as nações colonizadas), um primeiro objetivo é apresentar tradutores, traduções e obras originais que fazem parte da história da medicina na América Latina, mas que são pouco conhecidas pela historiografia da tradução, como a obra Observações sobre as enfermidades dos negros (1776) e Divisão das enfermidades, feita segundo os princípios do systema de Brown (1800). Assim, Nessa etapa, é dada ênfase aos tradutores e autores dessas obras, especialmente quanto a sua ligação com a medicina iluminista. Num segundo momento, os dados biográficos de tradutores e obras, e os bibliográficos, acerca das obras, são combinados com o as perguntas 1) Quem?; 2) O quê?; 3) Onde?; 4) Com o apoio ou auxílio de quem?; 5) Por quê?; 6) Como?; e 7) Quando? (D'HULST, 2001), na tentativa de avaliar a relevância desses textos e das ideias que transmitiam no contexto cultural, político e social vivido no Império Lusitano da época e suas relações com a medicina na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA DA TRADUÇÃO. MEDICINA. ILUMINISMO LUSO-BRASILEIRO.

ILUMINISMO, RACISMO E TRADUÇÃO: IMMANUEL KANT

Hans Theo Harden
Universidade de Brasília

O veredito de Hegel a respeito da África é bastante conhecido. Na obra ‘Filosofia da história’, encontramos a seguinte citação: “Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar” (HEGEL, 1995, p. 88). Essa conclusão é uma consequência lógica do que foi dito por esse grande filósofo sobre esse continente. A África dele é com certeza um lugar que deveria ser evitado a todo custo. Menos conhecidas do que esse trecho de Hegel são as elaborações de outro gigante da filosofia, Immanuel Kant. Na obra Geografia física (Physische Geographie), de 1839, Kant aborda detalhadamente, entre outras coisas, as raças humanas (Kant foi, aliás, o primeiro a usar o termo ‘raça’ na língua alemã). O ‘negro’ recebe uma avaliação péssima, baseada em uma incrível coletânea de ‘fatos’ absurdos. Neste trabalho, o objetivo é apresentar trechos relevantes dessa obra e propor para eles traduções para o português, levando em conta que esse tipo de racismo ‘científico’ influenciou gerações de pensadores e pesquisadores, moldando as noções ocidentais relacionadas à África e aos povos africanos.

PALAVRAS-CHAVE: ILUMINISMO. TRADUÇÃO. KANT. RACISMO.

**LUNA CALIENTE: DESEJO E VIOLÊNCIA NA ENCRUZILHADA INTERARTES
DE GIARDINELLI E ARANDA**

Wellington Ricardo Fioruci
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

O trabalho ora proposto visa a explorar a relação intersemiótica constituída pelo diálogo resultante da adaptação do romance *Luna Caliente* (1983), de Mempo Giardinelli, pelas mãos do diretor Vicente Aranda. O filme, homônimo à obra literária, foi lançado em 2009, portanto mais de vinte anos depois da obra de partida. Tanto o romance como o filme se apropriam, em alguma medida e de modo idiossincrático, do gênero policial para construir suas narrativas. Interessa nesta análise compreender como ocorre, do ponto de vista das relações interartes, o processo de transposição semiótica do romance para o cinema, no qual se destaca a distância temporal, a diferença de códigos e as estratégias poéticas e narrativas de ambos os criadores. Para tal, lançar-se-á mão de teóricos como André Bazin (2015), Linda Hutcheon (2011), Robert Stam (2006) e Sánchez Noriega (2004), cujos conceitos e respectivas leituras são relevantes para o campo de estudos em questão, a saber, a teoria da adaptação. Assim, espera-se com a análise proposta contribuir para a compreensão dos processos interartes, mais especificamente no que tange aos estudos da adaptação, assim como se busca explorar a atualização do gênero policial na contemporaneidade a partir de uma perspectiva crítica e histórica.

PALAVRAS-CHAVE: LUNA CALIENTE. MEMPO GIRADINELLI. VICENTE ARANDA. GÊNERO POLICIAL. ADAPTAÇÃO.

O ESTILO DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO DE LEGENDAS: QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Fundação Universidade de Brasília

Janailton Mick Vitor da Silva
Universidade de Brasília

O tradutor, enquanto mediador cultural (KATAN, 1999), é capaz de enlaçar povos de culturas distintas. Por meio de suas escolhas linguísticas no ato tradutório, ele deixa sua marca e (re)escreve discursos que serão lidos e interpretados por diferentes indivíduos em contato com a obra traduzida. Nesse sentido, o tradutor é, antes de tudo, um produtor de linguagens, cujas escolhas linguísticas realizadas, para além de aproximarem culturas, auxiliam na constituição de um estilo individual. Levando em conta esses fatos, este trabalho busca apresentar questões teóricas e práticas acerca do estilo do tradutor na tradução de legendas de obras audiovisuais, dentro de pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, na Universidade de Brasília (POSTRAD/UnB). Com vias de compreensão teórica, o estilo é aqui entendido como uma impressão digital do tradutor, expressa em itens lexicais específicos, padrões sintáticos, recursos coesivos e demais escolhas, que, em conjunto, caracterizam um comportamento linguístico individual, nas palavras de Baker (2000). Para o estudo nesse âmbito, ferramentas da Linguística de Corpus foram utilizadas para detectar padrões recorrentes em mais de uma tradução do tradutor, no intuito de caracterizar esse estilo próprio. Indo ao encontro de outras pesquisas na área (BAKER, 1999, 2000; SALDANHA, 2011a; 2011b), este artigo tece considerações acerca do impacto do estilo do tradutor para o entendimento da capacidade criativa e tradutória do legendista, seu posicionamento cultural e ideológico, e sua função de mediador cultural entre diferentes povos, línguas e, por conseguinte, culturas.

PALAVRAS-CHAVE: ESTILO DO TRADUTOR. ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS. LEGENDAGEM PROFISSIONAL.

Jorge Hernán Yerro
Universidade Federal da Bahia

A seguinte comunicação visa divulgar os resultados parciais do projeto de pesquisa A tradução como mediadora cultural na América Latina (UFBA), cujo objetivo é refletir sobre o processo de tradução e legendagem de uma série de documentários do programa La voz de los sin voz (UNESCO), programa que procura documentar fenômenos representativos de tradições culturais determinadas que são desconhecidos ou não valorizados nos centros de consumo econômico e cultural da América Latina. A pesquisa parte do entendimento de que a tradução se constitui como um espaço de mediação cultural que, através da apropriação da voz estrangeira, permite seu ingresso no espaço doméstico. Entende, também, que esta configuração se desenvolve tanto na escolha do texto a ser traduzido, quanto na tradução propriamente dita e em sua leitura posterior. Sendo assim, o projeto propõe a realização de legendas marcadamente estrangeirizadoras para cada documentário com a intenção ético-política de enfatizar a alteridade, de acordo com Venuti. O propósito é expor o espectador ao estranhamento provocado pelo acesso à voz do outro presente no texto de partida e, desta forma, provocar o incômodo da incompletude de sentido, inevitável no contato com a diferença. Pretende-se, também, através desta proposta, estimular a hospitalidade, no sentido da ética derridiana, frente à diferença. Os documentários com suas respectivas legendas serão veiculados através do Youtube, ferramenta que permitirá ter um retorno espontâneo dos internautas para, assim, verificar os resultados da recepção. Nesta comunicação, serão apresentados alguns dos trechos das traduções produzidas por meio da estratégia estrangeirizadora, como também os critérios estabelecidos para realizar a estrangeirização. Uma vez que o corpus está composto por produtos audiovisuais concentrados em expressões culturais que não encontram espaço nos meios hegemônicos de ampla divulgação entende-se que os resultados contribuirão para um maior contato entre estas manifestações da América hispana e o público de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO E LEGENDAGEM.

ESTRANGEIRIZAÇÃO. LA VOZ DE LOS SIN VOZ. PATRIMÔNIO CULTURAL.

**TRADUÇÃO E TEATRO: A PERSONAGEM BLANCHE DUBOIS, DE A
STREETCAR NAMED DESIRE, EM TRÊS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS
DO BRASIL**

Guilherme Pereira Rodrigues Borges
Universidade de Brasília

Esta comunicação tem como objetivo apresentar e analisar três traduções do inglês para o português do Brasil da peça teatral *A streetcar named Desire* (1947), de Tennessee Williams (1911-1983), para mostrar como foram traduzidos aspectos da composição da personagem Blanche Dubois, com base nas traduções de dois de seus mais importantes monólogos. A primeira tradução é de Brutus Pedreira (Abril Cultural, São Paulo, 1976), a segunda é de Vadim Nikitin (Peixoto Neto, São Paulo, 2004) e, a terceira tradução, é de Beatriz Viégas-Faria (L&PM, Porto Alegre, 2008). Essas três traduções receberam o mesmo título, Um bonde chamado Desejo. A análise realizada demonstra que os tradutores assumem papéis relevantes no processo tradutório (MUNDAY, 2014) e que suas escolhas efetivadas textualmente produzem um efeito e têm implicações importantes na leitura do texto, principalmente em relação aos atributos expressivos e psicológicos das personagens. Para Beth Brait (1990, p. 11), já que esses são seres de papel e não existem fora das palavras, quando se quer saber qualquer coisa a respeito das personagens, deve-se encarar a construção do texto, a maneira linguística que o autor encontrou para dar forma às suas criações. Partindo desse pressuposto, os elementos observados nas três traduções dos dois monólogos analisados são pontuação, itálicos, repetições, construções frasais e escolhas léxicas para termos específicos. Blanche, na tradução de Pedreira, é uma personagem resignada a sua posição, monótona e enfadonha, a julgar especialmente pela falta, na tradução, das inflexões e ênfases presentes nos diálogos e da pontuação do texto de partida. A Blanche de Nikitin está mais alinhada ao texto de partida. Muito da caracterização da personagem está na sutileza de uso de itálicos e de pontuação característica, recursos que receberam atenção especial do tradutor. Viégas-Faria também demonstra um grande zelo ao traduzir as falas de Blanche, que, às vezes, ficam até mais dramáticas que as da Blanche de Williams.

**PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO DRAMÁTICA. MÚLTIPLAS TRADUÇÕES.
MONÓLOGOS. TENNESSEE WILLIAMS. UM BONDE CHAMADO
DESEJO.**

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: PYGMALION DE BERNARD SHAW EM TRÊS MUSICAIS NO BRASIL

Válmi Hatje-Faggion
Universidade de Brasília

O objetivo da presente comunicação é abordar as traduções/adaptações de *Pygmalion* (1916) de Bernard Shaw para três musicais no Brasil (1962, 2007, 2016). Serão considerados o musical “*Minha querida lady*” (1962) de Victor Berbara e os dois musicais “*My fair lady*” (2007; 2016) de Jorge Takla. A pesquisa visa a demonstrar como diferentes agentes (tradutores, diretores, produtores) lidaram com aspectos que incluem linguagem, enredo e espaço nas traduções/adaptações dessa peça teatral no Brasil. Serão abordadas, também, as fontes primárias e extratextuais (Munday, 2013; 2014) que incluem comentários, entrevistas, blogs, vídeos e redes sociais dos agentes institucionais envolvidos na produção para compreender melhor as diversas manipulações (omissões, acréscimos) que eles fazem no texto de partida ao trazê-lo para o público brasileiro. Essas fontes servirão também para compor a (micro) história e a crítica da tradução desses três musicais. A análise dos dados terá como respaldo teórico autores como Bassnett (1991), Cattrysse (2014), Munday (2013, 2014), Sanders (2006) e Walton (2006). Os dados obtidos indicam que Victor Berbara se manteve bastante alinhado com o texto de partida da peça nos quesitos linguagem, enredo e espaço. O diretor Jorge Takla e o tradutor Cláudio Botelho também tendem a preservar boa parte dessas características nos seus dois musicais. Entretanto, esses dois agentes nem sempre estão alinhados com o texto de partida pois, ao se apropriar do discurso de Shaw, reescrevem a obra inserindo nela algumas de suas marcas fazendo alterações no âmbito de personagens, cenas e subgênero. Os três musicais evidenciam o complexo processo que envolve a produção de um musical, a partir de uma peça teatral clássica, revelando que as modificações promovidas pelos agentes institucionais estão imbuídas de significado, e podem contribuir para criar modos particulares de se entrar em contato com esta obra teatral no Brasil.


PALAVRAS-CHAVE: PYGMALION. BERNARD SHAW. MUSICAL. AGENTES INSTITUCIONAIS. FONTES PRIMÁRIAS E EXTRATEXTUAIS.

TRADUÇÃO LITERÁRIA: MANIPULAÇÃO A SERVIÇO DO PODER NO CONTEXTO LATINO AMERICANO

Andréa Moraes da Costa

Universidade Federal de Rondônia

Não é novidade que a tradução oferece aos autores a possibilidade de estenderem suas obras até outras culturas. É certo, no entanto, que sua participação no que diz respeito a questões culturais, não se limita a isso. Ela também pode funcionar como tarefa importante, revelando problemas de toda ordem: religiosos, sociais, econômicos, por exemplo, de uma determinada cultura. Por isso, discutir a tradução a partir desses aspectos pode auxiliar na compreensão do conceito de reescritura como “manipulação, realizada a serviço do poder” em sua face positiva. O conceito de tradução como reescritura, empregado nesta afirmativa, se refere ao resultado de uma complexa articulação do sistema literário com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas – religiosas, étnicas, científicas – (LEFEVERE e BASSNETT, 1990, p. 13). Há uma relação interessante entre reescritura e poder, bem como uma relação entre tradução, literatura, religião, raça, política e ciência, pois evidenciam uma das características mais significativas da tradução, isto é, sua vocação interdisciplinar, tomando como princípio as possibilidades que seus estudos emanam. O envolvimento entre poder, tradução, religião e política esteve sempre presente nas relações sociais de forma ora mais, ora menos contundente. Cumpre observar aqui que as relações sociais, de acordo com Denys Cuche (1999 p.143) “são sempre relações desiguais”, logo, geradoras de conflito. Nessa direção, circundam novas propostas de estudos no eixo da tradução, procurando entender como as práticas sociais funcionam nas interações dos diversos segmentos da sociedade, por meio do texto traduzido na sua recepção. No processo de tradução, isso pode manifestar-se, por exemplo, na medida em que a hegemonia da língua inglesa impeça ou dificulte que obras literárias oriundas da América Latina transitem em seus países. André Mattelard e Érik Neveau (2004, p.74), ao discutirem acerca dos Estudos Culturais, destacam que “a hegemonia é fundamentalmente uma construção do poder pela aquiescência dos dominados aos valores da ordem social, pela produção de uma ‘vontade geral’ consensual”. Pode-se compreender aqui que culturas detentoras do poder podem implantar necessidades, vontades, incluindo as que envolvem consumo material ou intelectual, em uma dada sociedade, a qual aceita as imposições sobre sua cultura e, como uma consequência, a hegemonia cultural passa a ser uma realidade. Assim, este artigo, objetiva jogar luz à relação existente entre a tríade reescritura, cultura



receptora e poder, e, ainda, a relação entre tradução, literatura, religião, raça, política e ciência, dando ênfase ao contexto Latino Americano em que essas relações ocorrem. Para tanto, o estudo contemplará discussões de estudiosos como Susan Bassnett (1998), André Lefevere (2007), Heloisa Barbosa (1994), Eva Kowalská (2009), dentre outros, que abordam a temática proposta.

PALAVRAS-CHAVE: ESTUDOS DA TRADUÇÃO. CULTURA RECEPTORA. PODER. REESCRITA. TRADUÇÃO LITERÁRIA.

TRADUTORES INEXPERIENTES E SUA CONSTRUÇÃO NO DISCURSO NA ATIVIDADE TRADUTÓRIA DE TEXTOS EM ESPANHOL

Duí Barroso Lima Farias

Instituto Federal de Sergipe-Campus Lagarto

Este trabalho aborda o uso da tradução como ferramenta no ensino/aprendizado de língua estrangeira (LE) no Instituto Federal de Sergipe, Campus Lagarto, nas aulas de língua espanhola, com o objetivo de mostrar possibilidades de aplicação de atividades de tradução, ao apresentar algumas atividades realizadas com os alunos do ensino médio. Objetiva-se, também, observar como o sujeito se constrói em seu discurso, e a partir das estratégias utilizadas, no momento em que os informantes, na categoria de tradutores inexperientes, traduzem textos específicos. Verifica-se que, no momento da tradução, o leitor se apoia na língua materna e utiliza seus conhecimentos prévios para traduzir o texto. Além disso é possível perceber que, em alguns momentos, esses informantes interrompem a atividade tradutória por falta de compreensão. É importante salientar ainda, que neste contexto existe um contrato tradutório e um contrato de fidelidade, em que existem ligações estabelecidas entre o autor e o tradutor na produção deste texto. Partindo desta visão, busca-se analisar como é realizada esta atividade tradutória, e ainda, de que maneira os alunos se comportam durante a tarefa proposta. Charaudeau (2009, p. 52) considera o sujeito como o lugar de produção da significação linguageira, um lugar de produção/interpretação da significação. De acordo com o lugar que ele ocupa, pode ser denominado como protagonista (sujeito enunciador e sujeito destinatário) ou como parceiro (sujeito comunicante e interpretante).
PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO. SUJEITO. ESTRATÉGIAS. DISCURSO.


UM PRIMO BASÍLIO À BRASILEIRA: APROPRIAÇÕES CULTURAIS E ESPACIAIS PRESENTES NA ADAPTAÇÃO FÍLMICA

Carlos Alberto Correia

Universidade Federal Rural da Amazônia

A literatura integra um sistema cultural amplo que estabelece diversas relações com outras artes e mídias. A diversidade de meios e a hibridação de linguagens exigem um leitor que não se prenda apenas a letra e esteja aberto à diversidade de suportes pelos quais a literatura circula, bem como as suas combinações com outras artes. Nesse contexto, as produções audiovisuais de obras literárias são recursos cada vez mais presentes na formação do leitor contemporâneo. O ato de se adaptar no audiovisual denota um gesto criativo por parte de seus elaboradores, pois ao se executar estas transcodificações há de se organizar as novas estruturas exigidas por esta adaptação, suas táticas, diálogos com os aspectos culturais, éticos e políticos presentes nestas novas produções, agora reafirmados por estes outros suportes e contextos. As categorias narrativas de espaço e tempo reconfiguradas nas adaptações audiovisuais contribuem para este papel. Desse modo, a partir dos apontamentos de: Roberto Damatta (2007), André Lefevere (2007), Clifford Geertz (2012), Martin-Barbero (2006) e Douglas Kellner (2001), pretende-se analisar a configuração dos espaços internos e externos ocupados pelas personagens Luísa e Juliana, a fim de estabelecer as relações existentes entre diversos estratos sociais, culturais e espaciais, que a reconfiguração deste cânone, em uma perspectiva brasileira, apropriou-se para construção do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: ESPAÇO FICCIONAL. ADAPTAÇÃO AUDIOVISUAL. BRASIL. O PRIMO BASÍLIO. RECONFIGURAÇÃO.




ST 04 - AFROAMÉRICA: SABERES
DIVERSOS E MEMÓRIAS CULTURAIS
NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO
AFRO-LATINO-AMERICANO

A CORPORALIDADE E A IDENTIDADE AFRODESCENDENTE NO BLOG BRASILEIRO BLOGUEIRAS NEGRAS

Danae Gallo González
Justus-Liebig-Universität Gießen

Segundo um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017 o Brasil é o país em que os afrodescendentes sofrem mais desigualdades, apesar de serem uma maioria em termos demográficos. A retórica da democracia racial, sustentada durante séculos a partir de diferentes perspectivas (Telles, 2003), não fez mais que invisibilizar a discriminação desta parte da população e sustentar práticas e retóricas culturais que fomentam comportamentos e padrões de beleza heteronormativos e branco-eurocêtricos, os quais contribuem para a implantação do endoracismo. Isso afeta com maior vigor mulheres negras (Crioula, 2013) que, além de tudo, seguem ocupando o lugar mais desprivilegiado da pirâmide social no Brasil (Melo e Moita, 2013: 238). Os meios de comunicação de massa têm contribuído de forma considerável para esse cenário, tanto com a (re-)produção do racismo e do endoracismo no país, quanto pela falta de circulação de vozes que lutam pelo empoderamento dos afrodescendentes. Sem exagerar o alcance da democratização promovida pelas mídias pós-massivas - já que apenas 63% da população brasileira tem acesso à internet em seus domicílios (IBGE) e nem todos possuem o mesmo grau de alfabetização digital - pode-se afirmar que meios digitais de comunicação em rede rompem com alguns entraves até então impostos por meios de comunicação de massa. Além disso, mídias pós-massivas fazem com que a produção e circulação de conhecimento ocorra de maneira mais equitativa, ao passo que possibilitam um aumento exponencial do número e a diversificação do perfil de emissores e receptores (Lemos, 2009, p. 9; Garde-Hansen, 2009). Assim, sites de redes sociais e demais espaços digitais se convertem em recipientes e meios de produção participativos na (re)negociação, disputa e/ou contestação de significados (Moita, 2010: 398; Vergès, 2017: 46). Dentro dessa lógica, esta comunicação propõe o seguinte estudo de caso: a análise discursiva do blog *Blogueiras Negras*, que conta com grande popularidade entre a comunidade afrobrasileira e internacional. Já existem outros artigos que examinam este blog como um local de luta pelo empoderamento coletivo (Valim de Melo, 2017; Pereira da Silva, 2017, entre outros). Alguns ainda abordam as postagens que reivindicam o corpo negro e o cabelo natural como eixos da identidade afrodescendente constituída através do blog (p.ex.: do Nascimento Oliveira, 2016). Entretanto, não foram encontradas análises discursivas



e de conteúdo que permitam deduzir quais são os eixos de articulação identitárias dos corpos a que se referem as postagens. Este é o hiato que se pretende preencher através de um close reading focado nas semânticas audiovisuais e textuais que se entramam, no sentido de Stuart Hall, nas postagens sobre o corpo na seção “saúde e beleza” do blog. Desta forma, pretende-se contribuir para a sistematização das epistemologias sobre o corpo negro produzidas por afrodescendentes no Brasil e articuladas em sua construção identitária.

PALAVRAS-CHAVE: CORPORALIDADE. BLOG. AFRODESCENDENTE. BRASIL. IDENTIDADE.

A POTÊNCIA DAS TRADIÇÕES ORAIS E DA ARTE CERAMISTA EM PONCIÁ VICÊNCIO

Jacqueline Laranja Leal Marcelino
Universidade do Estado da Bahia

Este estudo trata das tradições orais africanas e da potência da arte da cerâmica como um saber-fazer passado de geração à geração na obra Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo (afro-brasileira). A narrativa selecionada marca a tradicional forma de ensinar e aprender pela oralidade, conforme descrevem Hampaté Bâ (1982), e Jan Vansina (1961). O trabalho culmina com a análise de selecionadas marcas das tradições orais de matrizes africanas que integram a obra em estudo, na perspectiva do estudo de oralidades proposto por Ana Mafalda Leite (2012), bem como com a análise da potência da arte de modelar o barro, também como um saber/fazer transmitido de geração em geração, porém como vivência. A arte ceramista presente na obra é estudada especialmente sob a perspectiva de Lalada Dalglish (2004), David Serra e Mercedes Taravilla (2007). Em Ponciá Vicêncio destacam-se cantos afro-brasileiros que incluem cantos de trabalho que segundo Aires da Mata Machado Filho (1985) ainda hoje são reconhecidos como vissungos. Tais cantos promovem a preservação de vocábulos da língua materna dos antepassados dos negros escravizados. Por meio da textualização de diferentes expressões de oralidades que servem de ensinamentos, essa narrativa difunde o valor da palavra verbalizada na cultura africana preconizada por Hampaté Bâ (1982), capaz de garantir e preservar conhecimento. Já a arte da cerâmica com suas singularidades, materializa outra forte ligação com memória e ancestralidade e também confere pertencimento à comunidade específica. Compreende-se que esses conhecimentos são essenciais para que a protagonista afro-brasileira conheça sua origem a fim de (re)elaborar sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: TRADIÇÕES ORAIS. CANTOS. CERÂMICA.
ANCESTRALIDADE. MEMÓRIA.

**ÁFRICA E DIÁSPORA: LEITOR, LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR E
INTELECTUALIDADE FEMININA NA LITERATURA**

Denilson Lima Santos

**Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira**

A literatura permite-nos estabelecer diálogos múltiplos. Neste contexto, apresentamos as autoras Isabel Ferreira (Angola), Conceição Evaristo (Brasil), Amália Lú Posso Figueroa (Colômbia) e María Nsue Angüe (Guiné Equatorial) como exemplos de mulheres escritoras que elaboram narrativas em que podemos observar e refletir sobre três categorias, a saber, o leitor, a leitura e a formação do leitor, no processo criativo textual e no espaço da intelectualidade feminina africana e afro-latino-americana. Para isso, lançamos mão da literatura comparada como método de investigação com o objetivo de compreender o texto em uma perspectiva ampla e capaz de formar outras epistemologias e estéticas. Faz-se necessário entender e visibilizar outras vozes e letras no cenário da arte escrita. Por esta razão, a narrativa destas autora podem ser consideradas como mote para perceber e dialogar sobre o papel da mulher no processo de criação das estruturas e formas literárias na contemporaneidade. Assim, podemos dizer que as autoras se inserem na discussão da tradição da palavra preñe de saberes africanos e diaspóricos presentes no contexto literário.

**PALAVRAS-CHAVE: LEITOR. LEITURA. FORMAÇÃO DO LEITOR.
INTELECTUALIDADE FEMININA. NARRATIVA.**

ASPECTOS DA FORMAÇÃO INTELECTUAL DO CIMARRÓN DO SÉCULO XXI

Rogério Mendes

Universidade Federal de Pernambuco

A palavra cimarrón foi utilizada em toda a América Colonial para referir-se aos escravos, índios ou negros que, individual ou coletivamente, rebelaram-se contra a servidão dos seus “senhores”. A “rebeldia” foi um recurso, sem dúvida dramático, no qual o escravo expressou rechaço à ordem social estabelecida utilizando-se da fuga para garantir a liberdade. Entretanto, o status de foragidos situou-os como cimarrones em locus marginalizados obrigando-os a viver em áreas distantes e isoladas. Com o passar do tempo o africano deixa de ser estrangeiro e integra uma nova realidade e, com ela, o sentido de resistência assume outras nuances ao reivindicar legitimidades distantes da resistência e fuga e mais integrada ao processo de participação e reconhecimento social. Para o desenvolvimento do presente estudo o conceito de cimarronaje deixa de estar relacionado aos negros que resistem e fogem para referir-se aos negros que resistem porque pensam. E quem hoje eles são e o que pensam? O presente trabalho, estimulado por bases que revisitam cânones da epistemologia moderna e aproximam América e África têm como objetivo apresentar perfil dos pensadores e ideias afrodescendentes além de suas respectivas contribuições no processo de formação das literaturas e sociedades americanas de língua espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: COLONIALIDADE DO SABER. ENSAÍSMO.
AFRODESCENDÊNCIA.

AUTORIA AFRODESCENDENTE CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DE SUA RECEPÇÃO CRÍTICA NO JORNALISMO CULTURAL E NAS RESENHAS ONLINE

Cristhiano Aguiar

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Entre as pautas mais importantes suscitadas pelo atual debate sobre literatura brasileira, encontra-se a questão da autoria afrodescendente. O debate é composto por diversos tópicos, passando tanto pela problematização da literatura de escritores brancos que incorporam em suas representações literárias influências culturais de matriz africana, até a revisão do modo como nós, leitores, enxergamos a identidade de escritores canônicos. No primeiro caso, podemos citar escritores como Castro Alves, ou Jorge de Lima, por exemplo, ou autores contemporâneos como Marcelino Freire, ou Alberto Mussa, cujas obras são discutidas à luz desses novos questionamentos, inclusive relacionados ao polêmico tema do “lugar de fala”. No segundo caso, escritores como Machado de Assis, Lima Barreto ou Gilka Machado têm a sua recepção ressignificada ao serem relidos, por parcela significativa dos seus leitores, com ênfase na afrodescendência de cada um deles. No campo de estudos da literatura brasileira contemporânea, a autoria afrodescendente também se faz presente com bastante pertinência tanto nos estudos universitários, quanto fora da academia. Um importante exemplo foi a curadoria da Flip 2017, cuja programação e autor homenageado (Lima Barreto) mostraram a necessidade de se discutir quem são, quais as dificuldades de publicação e qual a literatura dos nossos escritores e escritoras afrodescendentes. O presente trabalho, vinculado ao projeto de pesquisa “Crítica literária: valores, pressupostos, historicidade” tem como objetivo discutir de que maneira se dá a recepção crítica de algumas das vozes afrodescendentes contemporâneas brasileiras. Escolhemos pensar, no campo da poesia, de que modo ocorre a recepção crítica da obra do poeta pernambucano Miró da Muribeca. Por outro lado, no campo da prosa de ficção, pensaremos a recepção da escritora mineira Conceição Evaristo. Por fim, contemplaremos a recepção das histórias em quadrinhos criadas por Marcelo D’Salet. A fim de empreender nossa análise, tomaremos como corpus a crítica literária não acadêmica, tanto no caso do jornalismo cultural, como é o caso dos Jornais Folha de São Paulo ou o Suplemento Pernambuco, quanto resenhas publicadas em sites, blogs e canais do YouTube. Como fundamentação teórica, trabalharemos a partir das reflexões de Stuart Hall, Hans Robert Jauss, Edward Said, Mário Medeiros e Regina Dalcasgтанè.

PALAVRAS-CHAVE: CRÍTICA LITERÁRIA. LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

**CONTRIBUIÇÕES DA MIGRAÇÃO FEMININA DO QUILOMBO DE PEDRAS
NEGRAS NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS NA
AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA**

Joely Coelho Santiago
Universidade Federal de Rondônia

Washington Luiz dos Santos Assis
Universidade Federal de Rondônia

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a mobilidade de mulheres nascidas e criadas no Quilombo de Pedras Negras – comunidade remanescente de ex escravos, situada no Alto Guaporé, região Sul-Occidental da Amazônia brasileira, que migraram para o município de Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil, sob o imaginário da constituição de uma melhor qualidade de vida. Durante a pesquisa os dados foram levantados por meio de entrevistas, aplicações de questionários e conversas informais, analisados em diálogo com textos de autores como Abdelmalek Sayad, Adriana Piscitelli, Giralda Seyferth, Stuart Hall, dentre outros. Por meio dos quais, evidenciou-se que as mulheres remanescentes do sítio de Pedras Negras, apesar do diverso contato com práticas culturais diferentes das vivenciadas em sua comunidade de origem, ainda preservam muitos traços de sua cultura tradicional, que pode ser observado em seus modos de viver e na manutenção dos saberes tradicionais recebidos de seus antepassados, bem como, em alguns aspectos da linguagem, da culinária, da cultura, da música e, principalmente, da religiosidade, que, nesse contexto, se tornam imprescindíveis para a manutenção da cultura e preservação das memórias ancestrais do quilombo. Não obstante, percebeu-se, ainda, que a mobilidade dessas mulheres contribuiu significativamente na constituição histórica e identitária do município de Guajará-Mirim, que, apesar de, também, possuir grande presença de moradores indígenas, bolivianos, gregos e nordestinos, por se localizar em região de fronteiras, mantém fortes traços da cultura negra ribeirinha trazida pelas mulheres do Quilombo de Pedras Negras.

**PALAVRAS-CHAVE: MIGRAÇÃO INTERNA. MULHERES. MEMÓRIA.
CULTURA. IDENTIDADES QUILOMBOLAS.**

**DECOLONIZANDO SABERES: CONCEITOS DE LITERATURA
AFRODESCENDENTE APLICADOS À LITERATURA LATINO-AMERICANA DE
AUTORIA NEGRA**

Liliam Ramos da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A produção de uma teoria literária a partir da América Latina mostrou-se fecunda e próspera no século XX ao possibilitar a construção de categorias de interpretação para uma literatura que despontava para o mundo ocidental. No entanto, obras escritas por autores negros não foram incluídas em um projeto que resgatava a cosmovisão indígena como elemento base da cultura do continente. Esses autores, com exceção do poeta cubano Nicolás Guillén, não entraram nos manuais de história da literatura latino-americana. Este artigo proporciona uma visão panorâmica de conceitos desenvolvidos por escritoras, escritores e intelectuais afro-latino-americanos que comprovam e fortalecem os diálogos que acercaram as culturas negras na América Latina de língua portuguesa e espanhola no século XX por meio de uma rede de afetos a partir da experiência traumática da diáspora (malungaje, Jerome Branche) e da resistência à opressão (quilombismo, Abdias Nascimento). Nesse sentido, entende-se a decolonização do saber (Walter Mignolo) como prática didático-pedagógica que inclui escolha de corpus de análise que contemple a literatura afro-latino-americana nos currículos das universidades brasileiras. Trata-se de uma proposta que auxilie professores da educação básica e superior ainda não familiarizados com a temática a compreender os textos de autoria negra sob a ótica de conceitos desenvolvidos para dar conta de uma literatura cujas características devem ser analisadas de forma a abranger saberes diversos, sem priorizar as teorias ocidentais. Dessa forma, é possível visualizar o espaço acadêmico como efetivamente universal, plural e democrático.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA AFRO-LATINO-AMERICANA.
MALUNGAJE. QUILOMBISMO. AFROREALISMO. ESCRIVIVÊNCIAS.
POÉTICA.

DIÁRIO DE UMA FAVELADA: O QUE A DESVALORIZAÇÃO DA OBRA DE CAROLINA DE JESUS TEM A DIZER?

Jaine Araújo da Silva
Universidade Federal do Acre

José Tarisson Costa da Silva
Universidade Federal de Pernambuco

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”: a fala é de Carolina Maria de Jesus, mulher que carregou em si a negritude, a pobreza e a falta de estudos ocupando uma das primeiras favelas de São Paulo: a Favela do Canindé. No livro Quarto de Despejo (2013), que teve origem a partir de mais de 20 cadernos nos quais Carolina Maria registrava seus dias, a autora discorre sobre temas tão atuais quanto na década de 50. A fome é uma das personagens principais dessa história narrada por quem a viveu. Partindo da obra mais conhecida da autora, o artigo se propõe a analisar o lugar de Carolina Maria de Jesus enquanto escritora e a entender como Carolina Maria se incluía em um contexto de produção no qual a mulher era privada dos espaços – um deles era o reconhecimento em produções literárias. É preciso destacar que Carolina, enquanto mulher, negra e pobre, traz um olhar que é atravessado por condições que a definiam não apta à escrita e à literatura, de acordo com os padrões de escritores da época. Para tal proposta, será empregado o conceito pós-estruturalista de lugar de fala, destacando a importância do local de onde Carolina falava para que sua produção transmitisse a sensibilidade de quem vivia em situação desfavorável. O conceito também evidencia que esse lugar do qual ela falava limitou seu acesso ao mainstream das obras clássicas literárias. A escritora sabia do que falava porque vivia tal realidade, isso é perceptível em seu texto. A percepção e demonstração por um indivíduo da sua condição de subalternidade o torna mais fiel e fidedigno da realidade da qual fala. Por fim, o conceito de interseccionalidade será trabalhado, não só com o intuito de perceber as dificuldades de uma escritora em contexto de produção que a limitava, mas para evidenciar que outras condições de existência – raça e situação socioeconômica – se combinam colocando Carolina no anonimato, por não se encaixar em um sujeito universal existente dentro do campo de atuação literária. PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. FAVELA. INTERSECCIONALIDADE. LUGAR DE FALA.

HIP HOP CULTURA DE RUA: MINHA FERRAMENTA DE DESCOLONIZAÇÃO

Jorge Neto de Andrade Nobre
Universidade Federal do Acre

Começo minha abordagem explicitando os caminhos e motivações que me levaram a pesquisa, as metodologias desenvolvidas por mim durante o trabalho, meus referenciais teóricos e o meu objeto de estudo. Abordo de maneira sucinta as dificuldades da pesquisa e de como ela se transformou ao longo do percurso trilhado. Trabalho questões relacionadas a minhas memórias onde trago um pouco de minha trajetória no hip hop, bem como minha atuação no movimento e a partir das minhas experiências e ações vou tentando evidenciar e destacar pessoas importantes do movimento hip hop no Acre contando assim um pouco da história do hip hop acreano. Utilizo como ferramenta para acesso a minhas memórias letras de rap tanto minhas como de outros artistas nacionais e locais. Trabalho também assuntos como o “hip hop cultura de rua” aponto através de uma revisão bibliográfica um pouco dos conceitos acerca do hip hop e um pouco de sua história no Brasil e no mundo, relacionando aqui com os escritos de Fanon tentando esclarecer do porquê julgo o hip hop a minha ferramenta de descolonização. E por fim busco fazer uma análise de minhas próprias letras e eventualmente de outros artistas, para trabalhar a questão do rap especificamente como a ferramenta que em minha visão me possibilitou um processo, ou ao menos um abrir de olhos para a necessidade de se descolonizar e descolonizar o meu mundo, trago aqui uma discussão para buscar entender melhor essa ferramenta e essa cultura tão diversa como é o hip hop.

PALAVRAS-CHAVE: CULTURA. HIP HOP. RUA. DESCOLONIZAÇÃO.
MEMÓRIAS.

**HISTÓRIA(S) RE-DESENHADA(S): A REPRESENTAÇÃO DE PALMARES
EM CUMBE (2014) E ANGOLA JANGA (2017), DE MARCELO
D'SALETE**

Jasmin Wrobel

Lateinamerika-Institut, Freie Universität Berlin

Nos últimos anos, podemos observar a tendência de que experiências e acontecimentos históricos traumáticos sejam retrabalhados em forma de HQ que, como meio, permitem um enfoque novo e também mudanças de perspectivas. A arte dos quadrinhos possibilita releituras de temas complexos de uma forma transartística, considerando também que as formas de representação podem variar entre imagens meramente simbólicas e uma representação (imagética) explícita, quase brutal. Na América Latina, essa tendência se estende, por exemplo, à história colonial, à escravidão, às ditaduras no século XX, mas também a situações de discriminação e abuso contemporâneas (no contexto de HQ e memória pode-se citar, por exemplo, a recente publicação de Carrasco, Drinot e Scorer, *Comics & Memory in Latin America*; 2017). O artista e ilustrador paulistano Marcelo D'Salete tem recebido muita atenção por suas obras nos últimos anos. Enquanto nas *graphic novels* *Noite Luz* (2008), *Encruzilhada* (2011) e *Risco* (2014), problematiza as condições de vida de jovens brasileiros afrodescendentes nas periferias de São Paulo, em *Cumbe* (2014) e *Angola Janga* (2017), obras que resultam de uma pesquisa extensa sobre a temática de mais de dez anos, o autor recupera a história do Quilombo dos Palmares, contada, até hoje, principalmente a partir de uma perspectiva branca. D'Salete narra em vários episódios, o que possibilita a enunciação de perspectivas diferentes, incluindo a resistência de Zumbi dos Palmares (*Angola Janga*) e outros atores, sem deixar de lado a perspectiva das mulheres. Em minha apresentação, pretendo mostrar as estratégias visuais usadas por D'Salete para representar o ponto-de-vista dos subalternos e discutir em que medida o autor consegue contar as histórias dos seus protagonistas sem simplesmente vitimizá-los, mas sim tematizando sua resistência e suas personalidades complexas. Pretendo ainda ilustrar de que forma o autor entrelaça elementos das culturas Bantu simbolicamente em suas obras. Finalmente, gostaria de mostrar como essas duas últimas obras se relacionam, quase como numa continuidade invertida, com as primeiras obras que tematizam a situação problemática dos jovens afrodescendentes no espaço urbano brasileiro na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: QUILOMBO DOS PALMARES. HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO. HQ. MARCELO D'SALETE.

LA COSMOVISIÓN AFRO COMO ESTRATEGIA DE LOCALIZACIÓN DE LAS TERRITORIALIDADES EN EL NORTE DEL CAUCA, COLOMBIA

Rigoberto Banguero Velasco
Universidad del Valle

Esta ponencia indaga el sentido de la espiritualidad (Muntu), en la existencia de los pueblos afro, en su cotidianidad. Lo que permite analizar sus estructuras jerárquicas, religiosas y paganas y como se insertan en las actividades diarias de su existencia colectiva e individual. En ese sentido, es preciso, recrear la necesidad de reflexionar acerca de la profunda conciencia que tienen estos pueblos de ascendencia africana ante la percepción estimativa de lo sagrado y lo profano, y como esas representaciones se reproducen aun en sus comunidades diaspórica. Se plantea, la emergencia histórica-política de investigar, como los negros libres reinventaron sus especialidades para poder pervivir como cultura, y como desde sus interacciones cognitivas desarrollaron un proyecto de sociabilidad, articulando su cosmovisión, sus prácticas ancestrales mágico-religiosas, medicina tradicional, calendarios eco-culturales, funebria y rituales, a la territorialidad, definida como territorio más cultura, y donde el sistema de conocimiento no es el territorio sino la libertad. Esto tiene una doble implicación: primero la de proponer la construcción de una nueva historicidad, a partir de la recuperación de la memoria del pueblo afro, sumergida en un proceso de escrituralidad por los historiadores e investigadores de la academia, que terminan finalmente en la desmemorización del pensamiento afro. Desde esta perspectiva teórico-investigativa se viene planteando la construcción de una episteme de frontera, como sistema de conocimiento propio, que conecte las prácticas ancestrales, gastronómicas, de funebria, de convivencia y socioculturales consecuentes con la realidad actual de los pueblos afros de esta región nortecaucana.

PALAVRAS-CHAVE: COSMOVISIÓN. ESTRATEGIA DE LOCALIZACIÓN. REINVENCION. MUNTU. NEGRO LIBRE.

LAS FUENTES POPULARES E HISTÓRICAS EN LA OBRA DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA EN EL PACÍFICO COLOMBIANO

Darío Henao Restrepo
Universidade Del Valle

Desde muy joven, siendo estudiante de medicina de la UN en Bogotá, Zapata Olivella intentó su primer viaje al exterior por Buenaventura. La falta de dinero se lo impidió y terminó trabajando en varios pueblos de la zona, experiencia que marcaría su vida como futuro médico obstetra y su primer intento como novelista, la fallida novela *El Cirujano de la selva*. A partir de estas vivencias, durante las décadas posteriores, Zapata estableció vínculos profundos con esta región con sus gentes, su cultura y sus intelectuales. Destacar estos vínculos será el propósito de la presente ponencia: su labor como investigador junto con su hermana Delia en el Instituto Popular de Cultura de Cali sobre el folclor del Pacífico; sus relaciones con los intelectuales del Cauca, Chocó, Valle y Nariño; el Primer Congreso de las Culturas negras de las Américas realizado en Cali en 1977; su amistad con Rogelio Velázquez y su investigación sobre Manuel Saturio Valencia sobre el cual escribiera *El fusilamiento del diablo*, novela que lo llevó a encontrar la dimensión mítica que plasmaría en su obra mayor *Changó, el gran putas*. Se trata, pues, de presentar hitos de la fructífera relación de Zapata Olivella con el Pacífico colombiano.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA AFROCOLOMBIANA. MANUEL ZAPATA OLIVELLA. GENEALOGÍA LITERARIA. MITOS DE MATRIZ AFRICANA.

**OS EFEITOS PSICO-EMOTIVOS DA OBJETIFICAÇÃO SEXUAL E O
ABANDONO À MULHER NEGRA NA POESIA “MULATA EXPORTAÇÃO”,
DE ELISA LUCINDA**

Jeissyane Furtado da Silva
Universidade Federal do Acre

A proposta de uma literatura afro-americana surge ainda no período em que a escravidão vingava em alguns países, como os EUA e o Brasil. Narrativas com teor ficcional são difundidas ao longo dos anos, permitindo-nos a experiência da dimensão da construção identitária dos povos afro-americanos. Silenciados por uma política literária que privilegia homens brancos, a literatura negra ressurge num cenário pós-colonial a fim de resgatar e verificar a proposta de uma literatura afro-americana, que parte desde Harriet Jacobs e Maria Firmina dos Reis à Toni Morrison e Eliza Lucinda. Comum à literatura feminina afro-americana, encontramos um conflito particular à mulher negra, no qual sua sexualidade é a culpa pelo ataque do Outro, comumente representado pela figura do homem branco. A solidão da mulher negra, como debatido pela filósofa Angela Davis, surge em conjunto à objetificação sexual como um dos dilemas identitários deste perfil em questão, refletindo em consequências psico-emotivas que beiram o descaso, como apontam os dados de Instituições Governamentais e ONG's. Adentrando nestas questões, abordaremos os postulados teóricos de Zilá Bernd, Angela Davis, Hommi K. Bhaba, Frantz Fanon e Stuart Hall a fim de uma análise sociológica e feminista da poesia de Eliza Lucinda, “Mulata Exportação”.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA AFRO-AMERICANA. MULHER NEGRA. SOLIDÃO AFETIVA.

OS SABERES DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ: O LUGAR DA ORALIDADE DA ESCRITA

Océlio Lima de Oliveira
Universidade Estadual Paulista

O candomblé é uma religião hierárquica e ritualística, baseada em cargos sacerdotais e senioridade, portanto, o conflito e o poder estão presentes entre os participantes do culto. Segundo Castillo (2010), o discurso religioso do candomblé torna-se parte fundamental no processo de iniciação, já que os conhecimentos serão repassados “oralmente” de acordo com uma escala iniciática. Nesse interstício, o iaô (o recém-iniciado na religião) será observado enquanto sua capacidade de guardar o segredo, haja vista que nem todos os filhos-de-santo serão alvo de confiança por parte do pai ou mãe-de-santo. Além disso, a oralidade torna-se uma forma de conexão entre os integrantes da comunidade. A palavra proferida pela mãe ou pai-de-santo é considerada portadora de axé – força vital responsável pelo equilíbrio espiritual do terreiro. Através da palavra, o sacerdote ou sacerdotisa torna-se mediador ou mediadora entre os homens e o divino e logo no início da convivência com os adeptos, o abiã, que ainda não passou pelo processo iniciático, percebe o poder da palavra. Pode-se afirmar que foi na religião onde os africanos e os seus descendentes construíram novos laços de solidariedade, novas identidades e novas comunidades. O que se convencionou chamar de práticas mágico-religiosas, por meio das quais os homens entram em contato com entidades sobrenaturais, espíritos, deuses e ancestrais, foi um aspecto central da vida de todos os africanos trazidos ao Brasil, assim como viria a ser na de seus descendentes brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: ORALIDADE. ESCRITA. CANDOMBLÉ.

PROYECTO LIRICO, POLIFONÍA Y TRANSAFRICANÍA EN ¡NEGRAS SOMOS! Y OTROS TEXTOS

M'bare N'gom

Institut d'Etudes Hispaniques, Université de Paris-Sorbonne

La literatura colombiana escrita por autoras de ascendencia africana ha recibido una atención teórica y crítica muy limitada al estar centrada en unos pocos escritores considerados “clásicos” o “canónicos” como Candelario Obeso, Manuel Zapata Olivella, Jorge Artel, Arnoldo Palacios y Juan Zapata Olivella, entre otros. En este sentido, los proyectos culturales producidos por las mujeres colombianas de ascendencia africana brillan por su ausencia tanto desde el punto de vista editorial como de la crítica en general. Hasta los albores del siglo XXI, la institucionalidad cultural oficial había relegado la historiografía literaria colombiana de los autores de ascendencia africana, entendiéndose la producción cultural de hombres, a la periferia de lo que Pierre Bourdieu llama “le champs littéraire”. En cuanto a las mujeres de ascendencia africana, sus proyectos culturales estaban mediadas por la invisibilidad cultural institucional. En esta ponencia, nos proponemos examinar, de forma específica, la creación cultural de las autoras colombianas de ascendencia africana desde la periferia del llamado “canon literario” y que nosotros definimos como Institucionalidad cultural oficial. Esta ponencia se apoyará en la antología ¡Negras Somos! Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas (2008), así como los poemarios de Mary Grueso y Dora Isabel Berdugo Iriarte, entre otras. ¡Negras Somos! es una de las primeras colecciones de su género publicada en Colombia y posiblemente en América Latina dedicada exclusivamente a la producción cultural de autoras de ascendencia africana. Por un lado, se examinará el discurso lírico como plataforma de recuperación y construcción de un espacio de expresión ;por el otro lado, como plataforma de construcción de lo que Jacques Chévrier llama “nouvel espace identitaire” definida por una identidad multifacética: femenina, negra y colombiana. Intentaremos responder a la pregunta: ¿qué significa o representa la experiencia de “ser-mujer y negra” en una realidad que niega la experiencia de ese “ser mujer y negra” definida por, entre otras cosas, por la compleja interacción e intersección entre género, clase, raza y la doble opresión y la invisibilidad.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. MUJER NEGRA. INVISIBILIDAD.

**TRAVERSÉE DE LA MANGROVE: PREFÁCIO ÀS LITERATURAS NEGRAS
AMERICANAS**

Alcione Correa Alves
Universidade Federal do Piauí

Gabriella Monteiro Soares
Universidade Federal do Piauí

Esta comunicação oral ora proposta, à luz das noções de prefácio e rizoma, conforme Édouard Glissant em *Introduction à une poétique du Divers*, visa a compreender processos de construções identitárias nas literaturas negras americanas, mediante interpretação do romance *Traversée de la mangrove*, de Maryse Condé. Para tanto, examina-se uma hipótese central: a possibilidade de interpretar o romance *Traversée de la mangrove* enquanto prefácio possível às literaturas negras americanas. Em outros termos: busca-se uma verificação mais explícita de possibilidades e limites a uma apropriação da noção de prefácio, no atual estágio do Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, ao qual ambas autoras(es) estamos vinculadas(os). A conexão entre esta comunicação oral e nosso Projeto de Pesquisa se evidencia ao investigar a natureza da relação entre o romance *Traversée de la mangrove* e um corpus mais amplo das literaturas negras caribenhas – e, por conseguinte, americanas – para compreender seus processos de construções identitárias, em uma análise da obra. Como tópico secundário, espera-se que as análises desenvolvidas interpretem a obra de Condé à luz dos procedimentos metodológicos formulados no Projeto de Pesquisa. Esta comunicação oral se mostra tributária do Projeto de Iniciação Científica e, precisamente, do Plano de Trabalho discente intitulado “*Traversée de la mangrove: prefácio às literaturas negras americanas*”, ambos vigentes e em execução, pela discente coautora desta comunicação, na Universidade Federal do Piauí.

**PALAVRAS-CHAVE: MARYSE CONDÉ. ROMANCE. PREFÁCIO.
RIZOMA. LITERATURAS NEGRAS AMERICANAS.**

Tássia do Nascimento

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Em nosso imaginário transbordam representações que associam a identidade da mulher negra a um conjunto de significados construídos a partir da noção desta enquanto corpo-objeto desprovido da capacidade de produzir história e cultura. Em contrapartida, podemos mencionar a existência de uma cotidianidade silenciada pelas referências oficiais em que sobejam significados constituídos pela ordem da vivência e reiterados de acordo com as demandas de um grupo duplamente subjugado por uma sociedade etno e falocêntrica. Neste sentido, as lacunas abertas pelos novos caminhos propostos pela poética afro-feminina trabalham no contra sentido das estereotípias engessadas na literatura canônica, revelando um rompimento com determinadas normas de significação da identidade da mulher negra no Brasil. As memórias subterrâneas destas mulheres passam de um espaço não-dito ao espaço das contestações e reivindicações e esta pesquisa pretende observar os significados dessas memórias materializados no corpus da literatura afro-feminina. Nesta comunicação pretende-se aprofundar a análise de um conjunto de narrativas pertencentes ao corpus da literatura afro-feminina, observando a constituição de uma discursividade questionadora da noção de sujeito universal. A partir de uma perspectiva transnacional, objetivamos compreender a especificidade do processo de produção das mulheres negras utilizando o conceito de ‘escreviver’ cunhado pela escritora Conceição Evaristo. De acordo com ela escrever refere-se o ato de representar algo por meio de signos gráficos, relacionando este exercício à própria existência. A descrição estabelecida pela escritora remete-nos a uma atmosfera que toca concomitantemente as noções de memória, ficção e imaginário cultural. Perpassa nos pormenores das narrativas afro-femininas aquilo que Halbwachs (2003) determina como os quadros sociais da memória. São descrições ficcionais que possuem um caráter não somente pessoal, adstritas a um mundo solitário, mas, sim, pertencentes a um grupo social e às instituições que os circundam. Ao recolher a voz do outro, fazendo-a sua, Conceição Evaristo reitera uma memória coletiva relacionando-a à expressão da singularidade histórica e cultural de um grupo.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. NEGRITUDE. IDENTIDADE. MEMÓRIA. MULHER NEGRA.


“LA PALABRA QUE SANA Y SALVA”: O HOME DE MARTA QUIÑÓNEZ

Marcela Batista Martinhão

Universidade Federal de Juiz de Fora

Esta comunicação trata sobre o home da poeta negro-colombiana Marta Quiñónez sendo este seu próprio trabalho poético intrínseco à sua vida. Marta Quiñónez nasceu em Apartadó, Colômbia, em 1970 e mudou-se para Medellín ainda muito jovem, onde vive atualmente, cujo movimento migratório compreendemos a partir do trabalho de Carole Boyce Davies (1994), sobre a mulher negra escritora. Ainda que a poeta afirme ser a literatura um destino percebido desde tenra idade, seu primeiro livro de poemas, *Continente Mohino*, foi publicado em 1996, a partir do qual floresceram muitos outros, contando atualmente com uma vasta obra de 13 livros de poesias e um livro de contos, publicado em outubro de 2017. As dificuldades e desafios encontrados como mulher negra homossexual migrante foram sentidos desde muito cedo, como um sentimento de desarraigo profundo, o que ocasionou seu jovem deslocamento para uma cidade grande, o que entendemos como sua desterritorialização, nos termos de Rogério Haesbaert (2007). Como a desterritorialização implica necessariamente seu movimento inverso, ou seja, a reterritorialização, a de Marta Quiñónez ocorre em seu próprio poema, o que entendemos como seu home, por ser este seu lugar de pertencimento e conexão, onde sua intimidade e identidades fluem sem amarras e em ritmo próprio de liberdade. Para tanto, as discussões em torno de home perpassam as contribuições da geógrafa Theano S. Terkenli (1995), de Gastón Bachelard (1978), de Doreen Massey (2009) e Linda McDowell (2007), de modo a elaborar sobre a transformação e resignificação do espaço do “lar”, de um espaço gendrado e cerceador da liberdade feminina, para um espaço de recriação e subversão dos lugares comuns social e historicamente atribuídos às mulheres negras. Nesse sentido, pretendemos elucidar em como esse deslocamento para fora das amarras sociais impostas sobre o corpo e sexualidade feminina negra, gera, através da criação poética, um espaço renovado onde a liberdade e autonomia primam sobre a desigualdade de gênero e racial sentidos também dentro do campo literário.

PALAVRAS-CHAVE: MARTA QUIÑÓNEZ. POESIA FEMININA NEGRO-COLOMBIANA. ESCRITAS MIGRANTES. POESIA LATINO-AMERICANA.



ST 05 - As POÉTICAS ORAIS NAS
AMÉRICAS E AMAZÔNIAS: DESAFIOS
TEÓRICO-METODOLÓGICOS E
EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES

A POESIA ENTOADA: PERFORMANCES POÉTICAS DA VOZ NO ABOIO DE GADO NORDESTINO

Amarino Oliveira de Queiroz

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A poesia oral no Brasil e, particularmente, na região Nordeste, é marcada pelo signo de uma diversidade cultural que se enuncia não apenas através de suas tradicionais matrizes indígenas, africanas e ibéricas, mas igualmente pelas trocas e fusões interculturais realizadas ao longo de sua trajetória até a contemporaneidade. Aspectos importantes dessa produção, contudo, carecem de uma investigação mais efetiva e abrangente, trazendo maior visibilidade sobre elas também a partir da perspectiva literária. Nesse sentido, apesar de sua cada vez mais rareada presença como prática poética nos tempos atuais, entendemos que a poesia produzida pelos vaqueiros aboiadores sinaliza um importante leque investigativo. Na perspectiva de registrar outras formas de expressão cultural dinamizadas pela voz, é interesse deste breve estudo investigar a poesia dos vaqueiros cantadores do Nordeste do Brasil, realçada pela sua condição de produto cultural inserido no conjunto maior representado pela arte dos cantadores e repentistas. Dialogando, pois, com o pensamento de Paul Zumthor (2000) em torno do uso performático da voz, recortaremos as toadas e aboios de gado dos vaqueiros nordestinos como representantes de uma tradição oral onde a voz e a palavra poética entoada alcançam um singular protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE: ABOIO DE GADO. TOADA DE VAQUEIRO. PERFORMANCE VOCAL.

Evânia Maria Ferraz Araujo
Universidade Federal do Acre

Fernanda Cougo Mendonça
Universidade Federal do Acre

Nosso objetivo, no presente trabalho é trazer à tona um pequeno recorte da literatura/poesia oral viva, da poética daimista-amazônica de Luiz Mendes, ancião conhecido como o orador do Mestre Irineu. Buscamos formas estéticas para compartilhar a performance/história/dramatização/presença de “Casmerim”: ser encantado da floresta, que nos chega por meio das memórias ancoradas no corpo de Luiz Mendes e da voz poética que desse corpo emana. Objetivamos ainda compartilhar nossa análise cultural (HALL, 2013; WILLIAMS, 1979) tecida em diálogo com Luiz Mendes, suas memórias e artes verbais; análise tecida no interior e a partir da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre (MENDONÇA, 2016). Impossível será trazer à tona todos os sentidos que a performance de Luiz Mendes despertou ou desperta. São muitos e estão abertos às refuncionalizações de acordo com cada situação e com a experiência que proporcionam a cada ouvinte (ou mesmo leitor). (ZUMTHOR, 2010). Além disso, é preciso destacar que sua voz ressoa no interior e a partir da doutrina do Daime. A organização da vida de Luiz Mendes e comunidade se dá a partir do uso do referido chá no contexto ritual implantado por Raimundo Irineu Serra. Seus cantos e narrativas sobre mirações e outras vivências versam sobre experiências cujo eixo central é o Daime, um professor vegetal, e os estados de consciência por ele proporcionados. Tais estados permitem tanto ao orador como aos seus ouvintes percepções mais profundas ou mais ampliadas da experiência vivida e/ou narrada-cantada. Ao procurar realizar uma apreciação cultural da literatura oral de Luiz Mendes, que é ela mesma representação em uma linguagem humana, secular, de vivências profundamente interiores com o sagrado, de suas mirações, muito se esvai. E aqui o desafio de lidar com a experiência proporcionada por sua poética; de verdejar, pois, como lembra o poeta, “poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede: procure ser árvore” (BARROS, 1990). Importa ressaltar que enfrentamos ainda o desafio de escapar à “miopia intelectual” (ZUMTHOR, 2010), escapar ao pensamento abissal (SANTOS,

2009) fundamentado na ilusão do cientificismo, do exclusivismo da ciência moderna ocidental, inclusive com seus cânones literários (ANTONACCI, 2014). Nos encontramos, pois, no entrecruzar de múltiplas traduções (BENJAMIM, 2208; LARROSA, 2004; ZUMTHOR, 1993; PORTELLI, 2010): A tradução realizada pelo próprio narrador, das experiências vividas/lembradas (experiências cotidianas e extáticas) para a linguagem humana; para a voz viva, a voz poética. A tradução (que realizamos/sofremos enquanto pesquisadoras) dessa voz viva, dinâmica, nômade, para a escritura com seus traços gráficos, fixos. E novamente, na comunicação oral que tecemos, a tradução da escritura para a voz encarnada. Sofremos ainda os processos de tradução de contextos: do sagrado ao cotidiano; da comunidade estabelecida ao redor de Luiz Mendes para a academia; da cultura viva daquela comunidade, para a interpretação cultural em outros espaços e tempos.... E sob a inspiração do encanto de “Casmerim” aliada a nosso encantamento em relação às poéticas, às culturas da infância (SARMENTO, 2003), no desejo de subverter modelos educacionais de opressão, modelos do colonizador (FREIRE, 2014; MIGNOLO, 2008; QUIJANO, 2005) nos perguntamos, se seria possível mais uma tradução: dessa poética amazônica, dessa obra viva, para poéticas educacionais; para a narração de histórias no contexto da educação de crianças, contribuindo para sua formação cultural; sem incorrerem na folclorização das práticas (ZUMTHOR, 2005). Enfim, como ocorreu de a cultura nos “arrebatar a alma” nos movemos na tensão dessa contínua “área de deslocamento” (HAAL, 2003). Dentro dela as artes da voz, os saberes da Ayahuasca, a estética diaspórica (HAAL, 2003) e a poética da Diversidade (GLISSANT, 2005) ao nos cativarem, balizam nossa percepção e direcionam nosso olhar e, conseqüentemente, nossa comunicação, nossa análise.

PALAVRAS-CHAVE: CASMERIM-LUIZ MENDES. POESIAS/
LITERATURAS ORAIS AMAZÔNICAS. TRADUÇÕES. POÉTICAS
EDUCACIONAIS DA/NA INFÂNCIA. CULTURA. LINGUAGEM E
IDENTIDADE.

CÍRIO DE NAZARÉ: UMA POÉTICA IMAGÉTICA

Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará

O Círio de Nazaré não se configura apenas como um evento de caráter religioso, ele extrapola o espaço do sagrado e se espraia em direção ao profano e a cultura. Ao direcionar o olhar para o todo que compõe a festividade do Círio de Nazaré, visualizamos a cultura em suas diferentes formas. O Círio é a maior manifestação católica do mundo, elevado à categoria de patrimônio imaterial da humanidade, nele está contido a devoção mariana, a fé, a cultura do povo, o sagrado e o profano que se entrelaçam, não só nos quinze dias da chamada quadra nazarena, mas também no período que a antecede. Belém ganha um ar diferente, na medida em que o mês de outubro se aproxima. Belém se colore para o mês de outubro. O colorido está presente na diversidade das raças, preto, branco, índio e mulato, caminham lado a lado irmanados na mesma fé, na corda que puxa a berlinda. Aqui vale citar Bakthim (1993), quando diz que diferente das festas oficiais, o carnaval e as festas populares todos parecem iguais, as pessoas se misturam sem distinção de classes, eliminando algumas regras e tabus vigentes no seu cotidiano, a vida corrente foge da mesmice legalizada, mesmo que temporariamente. Embora o Círio de Nazaré esteja no âmbito das festas oficiais, mas na realidade se fizermos uma análise mais detalhada vamos ver que a muito tempo ele saiu desse caráter oficial, embora mantenha a aparência, e se inseriu no caráter popular daí vemos durante o círio diversas formas de demonstração de fé. As cores também estão presentes na roupa dos romeiros, nos abraços, no sorriso dos anjos promesseiros, nas camisas alusivas ao círio, nos brinquedos de miriti que fazem a alegria das crianças, são cobras, barcos, canoas, bonecos, passarinhos, os brinquedos de madeira, os cata-ventos, os balões e até os brinquedos “Made in China”; colorido presente no auto do círio e suas fantasias; na festa da chiquita, nas velas acesas dos romeiros nas procissões; nos fogos que iluminam as noites da festa; as luzes coloridas que iluminam não só a cidade, mas a vida de todos. Aqui apresento um trabalho onde mostro meu olhar sobre o Círio de Nazaré por meio de imagens, captadas por uma câmera fotográfica, um olhar através de lentes. Apresento uma narrativa imagética, a partir de fotos feitas em momentos diversos que fazem parte da Festa de Nazaré, são fotos coloridas e em preto e branco que compõe que se resumem em uma poética, a poética do Círio de Nazaré.




PALAVRAS-CHAVE: CÍRIO DE NAZARÉ. NARRATIVA. POÉTICA.
IMAGEM.

HISTÓRIA E O COTIDIANO: MEMÓRIA DA COTIDIANIALIDADE COMO SER PARTICULAR E GENÉRICO

Ailton Almeida da Silva Castro
Universidade Norte do Paraná-Rio Branco

Iara da Silva Castro Almeida
Universidade Federal do Acre

Este trabalho foi construído a partir de uma experiência no programa PARFOR - Plano Nacional de formação de professores de Ensino Básico, no Município de Feijó, na disciplina de Ensino de História I e II. Este programa é constituído de uma clientela predominantemente de professores das zonas rurais sendo realizadas de forma intensiva, que se apresenta como uma alternativa para a formação de professores. A construção deste artigo se deu no contexto das aulas de história, abrangendo o cotidiano/história/memória, problematizando a vida do cotidiano nos aspectos da individualidade, observando as partes orgânicas da cotidianialidade, sendo em grande medida heterogênea e hierárquica. Onde o homem nasce inserido na hierarquia da camada social. O objetivo foi discutir sob uma visão ampliada dos sujeitos históricos, enquanto indivíduo sendo este particular e genérico integrado ao social, sobretudo partindo de ação total da humanidade. A metodologia do trabalho foi construída a partir do resgate da memória familiar dos professores/alunos em formação, a fim de discutir a história do tempo presente, considerando que “ela não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico. [...] a vida cotidiana é a vida do indivíduo, sendo ele simultaneamente ser particular e ser genérico”. (HELLER, 1970). Nesta perspectiva, foi solicitado aos alunos que trouxessem de casa algo que representasse o passado, algo que tivesse valor e representação no âmbito familiar. Como resultado a partir das apresentações dos objetos antigos trazidos pelos alunos, entre eles: ferro de passar roupa de carvão de 1970, bicicleta de 1987, bule de 1930, entre outros objetos que representavam a história familiar, cada aluno explanou sobre o objeto trazido e o valor representado nele, que possibilitou uma discussão e a análise de tempo/espço, representação, história social, heterogeneidade e diversidade, além dos sentidos, o valor das coisas, a relação do “antigo e moderno”. Discussão feita a partir da oralidade e de diferentes linguagens como gestos, silêncios e emoções, permitindo transitar em diversas áreas do conhecimento na busca do resgate histórico, social, cultural e político. Talvez este fosse o maior desafio desta



proposta metodológica que é trabalhar de forma interdisciplinar estes conteúdos. Concluo que na contemporaneidade, sendo esta associada a mudanças aceleradas, pode-se dizer que por diversas motivações os indivíduos se afastam de determinados costumes e se apropriam de outros, principalmente pelo avanço tecnológico, assim os modos de vida sofrem efetivas alterações/transformações, em detrimento de outras práticas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO DE HISTÓRIA. COTIDIANIALIDADE. SUJEITO PARTICULAR. SUJEITO GENÉRICO. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE.

NARRATIVAS, RITUAL Y POLÍTICA: EXPRESIONES CREATIVAS DE UNA AUTONOMÍA INACABADA EN EL CARIBE NICARAGÜENSE

Denia Román Solano

Escuela Antropología, Universidad de Costa Rica

El Caribe Nicaragüense se caracteriza por la diversidad lingüística, cultural y étnica, así como por una historia de autodeterminación que difiere del nacionalismo dominante. En los años ochenta, la región fue el escenario de un movimiento étnico contrarrevolucionario que concluye con la instauración de un régimen autonómico vigente hasta hoy, pero con grandes vacíos democráticos y de representación. Las tradiciones afro-amerindias, su oralidad, la modernidad de la autonomía y la multiculturalidad del mundo global son articulados por los pueblos indígenas de esta región (Miskito, Rama, Sumo-Mayangna, Ulwa, Creoles y Garífuna) en aras de la defensa de sus territorios originales, de su diversidad y permanencia cultural, generando inusitadas estrategias desde donde afirmarse discursiva, poética y políticamente. A la luz de lo anterior, esta ponencia tiene como objetivo analizar la convergencia entre el mito, la oralidad y la invención de espacios rituales de carácter étnico-político en las comunidades de la cuenca baja del río grande Matagalpa, particularmente en la comunidad indígena de Karawala. Propone analizar la emergencia de reinventiones de diversos relatos míticos y comunitarios, así como la escenificación de los mismos en teatralizaciones y danzas que dramatizan la ancestralidad cultural, construyendo una territorialidad discursiva, al tiempo que legitiman cargos formales de representación en el contexto político contemporáneo. Este trabajo dará énfasis a las narrativas de origen o fundacionales de varias comunidades, así como al Saudah, un tipo de teatralización ritual sobre la vida antigua de los Ulwa, en diálogo con las transformaciones sociopolíticas de las últimas tres décadas. En suma, el trabajo pretende explorar a partir de la mirada etnográfica, la memoria y las relaciones políticas y comunicativas locales, como la literatura oral de esta región se constituye a la vez en un espacio de transmisión cultural, reivindicación política y creación colectiva.

PALAVRAS-CHAVE: CARIBE NICARAGÜENSE. INDÍGENAS.

KARAWALA. NARRATIVAS ORALES. POLÍTICA.

**O MEMORIAL COMO GÊNERO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA DE DOCENTES NAS ÁREAS RURAIS DA AMAZÔNIA
ACREANA**

Ângela Maria Bastos de Albuquerque
Universidade Federal do Acre

Jorge Fernandes da Silva
Universidade Federal do Acre

Este trabalho é resultado de uma experiência aplicada no ensino da disciplina Metodologia da pesquisa no processo de construção dos memoriais das alunas e alunos de Pedagogia no programa do Parfor pela Universidade Federal do Acre, na cidade de Feijó no ano de 2018. Tem como principal objetivo evidenciar a relevância do gênero literário memorial como instrumento fundamental no processo formativo de professoras e professores leigos que atuam nas áreas rurais nas cidades interioranas do Estado do Acre. A experiência em uma turma multiétnica de 46 alunas e alunos mesclados entre indígenas, negros e brancos tem como fundamento central as assertivas apontadas por (PIMENTA, 2012), (BAKHITIN, 2011) e (SEVERINO, 2008). As narrativas individuais expressam uma representatividade coletiva de uma formação pessoal local imbricada de múltiplos saberes advindos das práticas sociais dos sujeitos nela envolvidos. O processo metodológico se constrói pelos registros das trajetórias em três dimensões possíveis: escolar, profissional e universitária. A trajetória escolar obstruída pelas ausências de novas oportunidades, a inserção precoce na docência das escolas rurais e a conquista do curso universitário formam os principais eixos a serem inseridos no Trabalho de Conclusão de Curso. A construção do memorial como requisito de avaliação parcial para obtenção do diploma de graduação possibilita aos(as) graduandos(as) a oportunidade ímpar de apropriação de duas competências fundantes no processo formativo: o registro de suas práticas e saberes construídos a partir do conhecimento empírico nas escolas rurais, e a aprendizagem dos métodos e conceitos científicos apropriados no processo da formação universitária. Os resultados parciais evidenciam amplas formas de se ensinar e aprender no cotidiano isolado das áreas urbanizadas. Na junção dos saberes científicos apropriados nas pequenas cidades com aqueles construídos entre ribeirinhos, seringueiros e indígenas, professoras e professores até então leigos, passam pelo processo de formação pessoal individual que lhes permitem narrar em seus memoriais as experiências vividas na construção de conhecimentos diferenciados daqueles produzidos nos livros e pesquisas acadêmicas. Sujeitos ímpares e únicos, com múltiplos saberes agregados aos conhecimentos científicos adquiridos na formação universitária.



PALAVRAS-CHAVE: MEMORIAL. FORMAÇÃO DE PROFESSORES.
NARRATIVAS DE VIDAS.

POÉTICAS AMAZÓNICAS: EL INCA MALO, RELATOS VIAJEROS Y PERCEPCIONES

Gonzalo Espino Relucé
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Nuestra ponencia aborda algunas contingencias contemporáneas en la circulación de las poéticas orales amazónicas (nativos y ribereñas), el transitar del tiempo y el impacto de la modernización que se asocian a las formas del decir, en tanto mediaciones e imposiciones o distancias generacionales respecto a los legados de los ancestros. En esta ocasión reflexionaré sobre el ciclo de El Inca malo. Nos detenemos en las percepciones que los pueblos amazónicos tienen de la figura del Inca, estas narrativas cuestionan la imagen monolítica del Inca que se tiene en los Andes y difiere de la difusión oficial y oficiosa desde el estado. Al hacerlo discutiremos algunos problemas metodológicos, especialmente los referidos a textos comparados, así como las relaciones, dialógicas o no, que se establece entre sujeto de la voz y sujeto de la escritura. Nuestra intervención tiene como referentes las poéticas orales que en el Perú se fueron trabajando desde los años 90 del siglo pasado y cuyos referentes son el Seminario de Tradición Oral y Culturas Peruanas y el Encuentro Intercultural de Literaturas Amerindias.

PALAVRAS-CHAVE: POÉTICAS ORALES. AMAZONIA. TRADICIONES COMPARADAS. METODOLOGÍAS. INCA MALO.

**POÉTICAS ORAIS AMAZÔNICAS: POSSIBILIDADES DE DESCOLONIZAÇÃO
DE IMAGINÁRIOS (E CURRÍCULOS?) CONJECTURAS ACERCA DAS
TRADUÇÕES DE CULTURAS VIVAS, DA VOZ VIVA, PARA O CONTEXTO DA
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

Fernanda Cougo Mendonça
Universidade Federal do Acre

Evânia Maria Ferraz Araujo
Universidade Federal do Acre

No interior e a partir do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, em sua linha de pesquisa Cultura e Sociedade, realizou-se uma imersão em poéticas orais produzidas nas Amazôniaas, onde a vida e a linguagem narrativa são perpassadas por diferentes cosmologias, diferentes formas de percepção. E procurou-se distanciar de uma literatura que versa sobre essa vasta e diversificada região que se convencionou chamar “Amazônia”; literatura de tema amazônico, produzida a partir de um olhar externo que, na maioria dos casos, folcloriza as Amazôniaas, suas culturas e habitantes. Cabe ressaltar que a partir dos Estudos Culturais conforme propostos por Williams (1979) e Hall (2003), e em consonância com Antonacci (2014), Glissant (2005) e Zumthor (1993; 2005; 2010), a linguagem é percebida como uma produção humana subjetiva, que encerra tensões. A abordagem interdisciplinar desses teóricos e pesquisadores nos convida a desconstruir e romper com a lógica que naturaliza narrativas hegemônicas (inclusive a repensar o conceito de literatura) e fazer soar gestos e vozes silenciadas; literaturas não canônicas. A pesquisa aqui destacada tem como foco a pessoa de Luiz Mendes. As memórias gravadas em seu corpo e a voz que desse corpo emana. Corpo e voz que trazem à tona sua poética, sua visão de mundo. Uma voz que ressoa no interior e a partir da doutrina do Daime, de êxtases místicos, de contextos amazônicos. E em contato/diálogo com esse ancião, conhecido como o orador do Mestre Irineu, torna-se possível revisitar alguns aspectos da “cultura daimista”. Sob a ótica dos Estudos Culturais ao invés de ser lida a partir das lentes etnocêntricas, essencialistas e dicotômicas da modernidade ocidental, a literatura/poesia oral daimista-amazônica que se pretende fazer ecoar, a saber, os contos, cantos e preleções de Luiz Mendes, é entendida como “repertório de resistência” (HALL, 2003). Repertório constituído em tensão, mas não em oposição aos repertórios dominantes. É como arte do cotidiano que percebemos

as literaturas/poéticas vivas, centradas na pessoa de Luiz Mendes. E ao penetrarmos nessa cultura daimista viva, nos deparamos com saberes/práticas que, embora sutilmente e dentro do processo de conformismo e resistência, subvertem padrões hegemônicos e podem contribuir para descolonizar o imaginário. Saberes onde foi possível perceber rastros/resíduos (GLISSANT) de culturas da letra e da voz, de florestas e cidades; de Amazônias e Nordeste; de Brasis, Europas e Áfricas... Saberes constituídos no interior e a partir da epistemologia da Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011), de estéticas diaspóricas (HALL, 2013), de poéticas da Diversidade (GLISSANT, 2005). Saberes donde floresce a poética daimista de Luiz Mendes do Nascimento, o orador do Mestre Irineu. A presente comunicação tem como objetivo apresentar aspectos da referida pesquisa bem como conjecturas que impulsionam novas pesquisas. Nesse ponto volta-se o foco para a educação trazendo à tona a necessidade de descolonização de currículos, percepções e comportamentos (MIGNOLO, 2008; QUIJANO, 2005; SANTOS, 2009). E indaga-se se, e de que maneira as poéticas de Luiz Mendes podem ser adequadamente traduzidas para o contexto da educação de crianças em Amazônias e Brasis.

PALAVRAS-CHAVE: POÉTICAS ORAIS. AMAZÔNIAS. LUIZ MENDES. DESCOLONIZAÇÃO. EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS.

PRÁTICA PEDAGÓGICA COM NARRATIVAS MÍTICAS EM CURRÍCULO INTERCULTURAL

Heidi Soraia Berg
Universidade Estadual de Campinas

As narrativas míticas (na língua indígena e traduzidas para a língua portuguesa) que relatam a origem dos grafismos de duas etnias amazônicas, Huni Kuin e Asuriní, fazem parte do repertório poético oral da região. Em trabalhos anteriores, analisou-se um par de imagens-símbolo que compõe cada uma dessas narrativas ao enfatizar teoricamente as noções de simbólico e imaginário. A abordagem da produção artística em contextos nativos é dimensionada esteticamente não só pela Antropologia como também pela área da Linguagem devido a presença de cantos, chamados ou dizeres nesses mitos. À criação dos desenhos, kene e ikwasiat, respectivamente, no âmbito artístico: ainda se pode aproximar seu princípio estrutural com a construção de um fractal. Nesse sentido, observa-se as próprias narrativas fractalizando-se. Destaca-se, por fim, nos fazeres artísticos do trançado, do pintar e do tecer aspectos subjetivos-sensíveis-inteligíveis que realçam a função pedagógica do mito para possibilitar viver nesse ambiente-território amazônico. O objetivo do trabalho é associar essas reflexões ao currículo do curso de Licenciatura para professores indígenas na área de Linguagens e Artes da Universidade Federal do Acre. Assim, apresenta-se a matriz curricular do Curso de Formação Docente para Indígenas, vigente de 2008 a 2013, e procura discutir-se experiências metodológicas e interdisciplinares resultantes da prática pedagógica com e nesse contexto cultural.

PALAVRAS-CHAVE: GRAFISMOS AMAZÔNICOS. NARRATIVAS ORAIS.
FUNÇÃO PEDAGÓGICA DOS MITOS. CURRÍCULO INTERCULTURAL.

PROPOSTA DE EDIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

Edil Silva Costa

Universidade do Estado da Bahia

A pesquisa de campo em oralidade proporciona ao pesquisador um rico contato com as comunidades narrativas e continua sendo uma prática dos estudiosos das poéticas orais, não obstante um número considerável de publicações nos últimos anos. No caso da pesquisa acadêmica, esse movimento vai além da coleta de dados, incluindo a transcrição, adaptação e publicação de textos, em meio impresso ou digital. Discute-se o que vem sendo feito em termos de registro das poéticas orais no Brasil e da divulgação de seus resultados, através de publicações, a partir das questões: por que publicar? como editar? Na busca dessas respostas, o artigo descreve as experiências com as obras Histórias do Fundo do Baú, Contos e Causos da Bahia e Coleção Bocapiu, além de apresentar propostas, baseadas no trabalho de Doralice Alcoforado e Maria del Rosário Albán (1992, 1996). Com isso, procura-se avançar na discussão teórica sobre o tema de como fixar em letra a diversidade da voz.

PALAVRAS-CHAVE: POÉTICAS ORAIS. TRANSCRIÇÃO. NARRATIVAS. LETRA E VOZ.

SABENÇAS DO PADRINHO: TRAJETÓRIA DE VIDA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO A PARTIR DE UM CURANDEIRO AMAZONENSE

Maria Betânia Barbosa Albuquerque
Universidade do Estado do Pará

A comunicação propõe-se a refletir sobre a trajetória de vida e os saberes construídos por Sebastião Mota de Melo (1920 - 1990), seringueiro e curandeiro amazonense com fama de rezador em crianças, picadas de cobra e partos difíceis. Sem ter frequentado escola formal, Padrinho Sebastião, como ficou conhecido, era, contudo, dotado de profunda sabedoria e um carisma nato para o ensino cuja transmissão ocorria nas lidas do dia a dia, nas diversas funções que desempenhou como mateiro, seringueiro, construtor de canoas, músico, rezador, parteiro, curandeiro, além de importante líder religioso que foi capaz de congregar, em torno de si, uma multiplicidade de sujeitos espalhados pelo Brasil e mundo a fora. Metodologicamente, a comunicação resulta de uma pesquisa de campo, onde, com base nos pressupostos da história oral pretende-se a reconstituição dos saberes do Padrinho, considerando narrativas de parentes e amigos que conviveram com ele. Teoricamente, apoia-se no conceito de saberes de Sergio Marctinic (1994); na noção de educação como cultura de Brandão (2002); na micro-história de Ginzburg (1998) e na noção de mediadores culturais de Serge Gruzinski (2003). Ao investigar a trajetória de vida e os saberes de Sebastião Mota pretende-se realizar uma sociologia das ausências (SANTOS, 2008) e, com isso, dar visibilidade aos seus múltiplos saberes os quais, por se pautarem na oralidade e na memória, são submetidos a processos de esquecimento e subalternização, configurando-se como ausentes, em face aos saberes escritos que predominam no âmbito da escolarização formal. Pretende-se, ainda, evidenciar a teia complexa que envolve os processos educativos fincados no cotidiano e na oralidade e que configuram o que os Estudos Culturais denominam de pedagogia cultural.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO. SABERES. PEDAGOGIA CULTURAL. AMAZÔNIA.


VOZES POÉTICAS: A CORRESPONDÊNCIA ENTRE DALCÍDIO JURANDIR E MARIA DE BELÉM MENEZES

Josebel Akel Fares
Universidade do Estado do Pará

Paulo Jorge Martins Nunes
Universidade da Amazônia

A presente comunicação resulta do Projeto “Epístolas Poéticas entre Dalcídio Jurandir e Maria de Belém Menezes” e pretende organizar, analisar e publicar as cartas do romancista Dalcídio Jurandir com sua correspondente, a professora Maria de Belém Menezes, filha do poeta Bruno de Menezes, falecida em 2016. Maria de Belém Menezes tornou-se espécie de herdeira das trocas de cartas de Dalcídio com seu pai. A correspondência ativa/passiva entre os dois, o autor de Marajó e a professora, acontece na década de setenta do século XX, transita entre o Rio de Janeiro/RJ e Belém/PA, e traz parte da história literária de Dalcídio Jurandir, confissões sobre a obra literária, processos criativos, bem como trata de sua sobrevivência no Rio, das dores e das saudades da terra natal. Por outro lado, Maria de Belém enviava ao romancista e o abastecia de notícias da vida cultural de Belém, ensinava receitas, mesinhas, encartava recortes de jornais, e, sempre que havia um portador, remetia, além de doce de cupuaçu, andiroba, copaíba e outros óleos e plantas medicinais, alentos para seu correspondente, que sofria com o mal de Parkinson. As cartas de Dalcídio Jurandir, recebidas por Maria de Belém, foram apresentadas pela signatária aos professores e pesquisadores Josse Fares e Paulo Nunes, em 2009, quando do centenário de vida do escritor. A correspondência de Maria de Belém, por sua vez, pertence ao acervo da Fundação Casa de Ruy Barbosa e, após autorização das famílias de Jurandir e de Belém Menezes, foram copiadas e transcritas. As quase 200 cartas e mais de 100 páginas em recorte de jornais compõem o acervo e transformaram-se em objeto de estudos desta pesquisa. O estudo constitui-se da leitura enunciativa das cartas, a partir de roteiros teóricos como os de Justo Lipisio e Desidério de Rotterdam, conforme, Tin Emerson (2005). A “epistolografia” também incide luzes sobre as escritas de si, tema pouco estudado no campo das letras e da pesquisa autobiográfica, conforme explica Vanessa Rocha (2017).

PALAVRAS-CHAVE: CORRESPONDÊNCIA. HISTÓRIA LITERÁRIA. CONFISSÕES. “ESPÍRITO DO TEMPO”.



ST 06 - CARTOGRAFIAS DO URBANO
NAS AMAZÔNIAS: RELATOS DE
CIDADES, RIOS E FLORESTAS NA
HISTÓRIA E NA LITERATURA

A AMAZÔNIA ENCANTADA DE MILTON HATOUM: FICÇÃO, MITOS E HISTÓRIA

Ana Lucia Trevisan

Universidade Presbiteriana Mackenzie

O trabalho estuda as formas de representação literária da Amazônia presentes na obra do escritor brasileiro Milton Hatoum a fim de perceber como as narrativas históricas e o universo mítico e lendário da territorialidade amazônica conjugam-se e compõem uma expressão metonímica capaz de traduzir a complexidade de uma região marcada por fronteiras geográficas e culturais. As muitas imagens da Amazônia, dispersas na obra Órfãos do Eldorado (2008), surgem em meio a uma estruturação narrativa ancorada na forma do relato oral, configurando, assim, uma composição ficcional que se aglutina de maneira indissociável aos significados míticos. A análise da trajetória da personagem Arminto Cordovil traduz um destino pessoal e cotidiano, porém, os inúmeros relatos que gravitam ao seu redor apontam para um destino coletivo – configurado por meio dos diálogos entre a História e o Mito. Toda a força da historicidade convive com as lendas e os mitos amazônicos, essa duplicidade temporal permanece como um eixo em todo o relato. Em meio à multiplicidade étnica amazônica, o tempo dos mitos e o tempo histórico se conjugam em sua essência formal e temática e, dessa forma, observamos o surgimento de uma Amazônia Encantada, delineada pela ficção. Este trabalho propõe uma análise dos recursos estéticos apresentados na obra Órfãos do Eldorado (2008), tais como a construção do narrador, as múltiplas temporalidades e o espaço como forma de realismo demarcado pela subjetividade. .

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. MILTON HATOUM. FICÇÃO. MITOS. CONTEMPORÂNEO.

BAIRRO TRIÂNGULO: SOCIOAMBIENTALISMO, ESPACIALIDADES E IDENTIDADES

Marco Antônio Domingues Teixeira
Universidade Federal de Rondônia

Roberto Carlos Oliveira de Andrade
Universidade Federal de Rondônia

O bairro Triângulo surgiu em decorrência da construção da Ferrovia Madeira-Mamoré/EFMM, que desde suas origens constitui-se em uma área periférica no contexto social, urbano e econômico. Sua paisagem comporta uma área baixa, que margeia o rio Madeira, uma área de várzeas e igarapés e uma área elevada, de terra firme. Ali se instalaram ferroviários, pescadores, coletores, extrativistas, pequenos comerciantes e funcionários públicos. A urbanização dos espaços do bairro seguiu o ritmo do desenvolvimento da cidade até o início da década de 2000, quando a área passou a sofrer os impactos de grandes projetos públicos que se sobrepuseram uns aos outros e terminaram sendo abandonados por ocasião da instalação da UHE Santo Antônio. Os impactos dos diversos projetos, sobretudo da UHE Santo Antônio e, por fim da grande enchente de 2014, redefiniram a espacialidade do bairro, seu processo de urbanização e as relações dos moradores com o meio natural e o entorno urbano. Este trabalho tem como objetivo analisar a história do bairro, destacando e evolução dos processos de ocupação humana de seus espaços, sua urbanização e as relações socioambientais de seus moradores. A pesquisa é interdisciplinar e baseia-se em ampla revisão da bibliografia acerca da história local, estudos sobre o urbano e a espacialidade e as questões socioambientais. São elementos da pesquisa as documentações produzidas sobre o bairro e suas relações com a cidade e o grandes empreendimentos, narrativas dos moradores e literatura histórica e cultural locais. As metodologias utilizadas na pesquisa passam pelas pesquisas documental, de campo e iconográfica.

PALAVRAS-CHAVE: BAIRRO TRIÂNGULO. HISTÓRIAS.

URBANIZAÇÃO. SOCIOAMBIENTALISMO. IDENTIDADES.

CAMINHO DE MARAHU: ASPECTOS DA POESIA DE MAX MARTINS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Ney Ferraz Paiva

Universidade Federal do Pará

Contemporâneo de Haroldo Maranhão e de Mário Faustino, Max Martins viveu e escreveu na época de apogeu da prosa e da poesia na Amazônia brasileira do século XX. Sem caracterizar ou confessar esse lugar, Max escreveu sempre num trânsito de ruína, delírio e esquecimento, entretanto logo nos primeiros versos de seu célebre livro Caminho de Marahu de 1983, o poeta, seguindo um traço de mudança e ampliação em sua poética, pretende se incorporar a um lugar de retiro próximo à floresta e o rio, e assimila a figura arcaica da cabana, a vida simples do ilhéu e do retirante e sua experiência permeada de elementos memoriais, marcada pela tradição oral. O presente trabalho contará a história dessa viagem e analisará alguns indícios e aspectos da poesia de Max Martins que dela se originaram, interrogando-se sobre a relação entre a escrita do poeta e o ambiente amazônico, uma linha de constante devir e devaneio.

PLAVRAS-CHAVE: VIAGEM. POESIA. AMAZÔNIA BRASILEIRA.

EXPERIÊNCIA. MODERNIDADE.

CARTOGRAFIA DA MELANCOLIA NA (DES)CONSTRUÇÃO DE MANAUS NA OBRA DE MILTON HATOUM

Cristiane de Mesquita Alves
Universidade da Amazônia

O objetivo desta comunicação é apresentar a cartografia da melancolia e da ruína de Manaus no processo de transformação comercial e (des) formação identitária da cidade a partir do olhar melancólico de Nael, narrador e personagem do romance *Dois Irmãos* (2000) de Milton Hatoum, levando-se em consideração, o método cartográfico social (DELEUZE & GUATTARI, 1995) que desenha o mapeamento não físico, mas das relações objetivas e subjetivas humanas, bem como as práticas de resistências, a estetização de si mesmo, como uma estratégia de análise crítica diante da situação de (des) construção da cidade nos contextos históricos da Belle Époque, das Guerras Mundiais e da Ditadura Militar; conseqüentemente, o processo de desenvolvimento urbano-industrial dos espaços flutuantes identitários da cidade, são apresentados de formas despedaçadas, líquidas (BAUMAN, 2005), tanto quanto as vidas das personagens que convivem neste espaço. Desse modo, a cidade acaba refletindo o processo melancólico vivenciado pela personagem principal que narra (ALVES, 2017) o romance; assim a melancolia resulta como um espelho mútuo que reduz a superfície refletora que suporta as formas e as criaturas que se postam a sua frente (STAROBINSKI, 2014), no caso desta investigação, de Nael perante Manaus e vice-versa.

PALAVRAS-CHAVE: CARTOGRAFIA. MELANCOLIA. MANAUS. ESPELHO.

ENTRE DISCURSOS E IDENTIDADES: A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO AUTONOMISTA NA FORMAÇÃO DA JURUAENSIDADE

Thiago Muniz da Silva
Universidade Federal do Acre

Cruzeiro do Sul, cidade localizada no extremo oeste do país e que apresenta na construção da identidade dos que nasceram no Vale do Juruá, os discursos de autonomia e independência. Estes que foram construindo desde sua fundação e que se perdura até a contemporaneidade. Pode-se dizer que o marco inicial deste processo ocorreu com o Movimento Autonomista de 1910 no município de Cruzeiro do Sul, então cidade-sede do Departamento do Juruá. O objetivo deste artigo é o de analisar a influência do movimento autonomista de 1910 para a construção do discurso e da identidade do povo do Juruá. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde se terá como referencial teórico Hall (2005) e Foucault (1998). Num primeiro momento será realizada uma reflexão teórica, depois será dado um aparte histórico do movimento autonomista, para, em seguida, analisar a influência deste na literatura, na música e nas artes, no município de Cruzeiro do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: JURUAENSIDADE. DISCURSOS. AUTONOMIA. INDEPENDÊNCIA. IDENTIDADE.

**LIMA BARRETO E A PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA:
REPRESENTAÇÕES, HISTÓRIA E LITERATURA**

Francisco Bento da Silva
Universidade Federal do Acre

O funcionário público, escritor e jornalista Lima Barreto (1881/1922) foi um arguto observador do seu tempo. Figura destoada do cânone literário da época, também foi atravessado pelas questões de cor e pelas suas posições política que flertavam com o anarquismo. O seu romance *Numa e Ninfa* começou a vir ao público em forma de folhetim através do jornal *A Noite*, a partir de março de 1915. No romance, cujo título remete ao casal protagonista, *Numa Pompilio de Castro* é um jovem ambicioso que vai estudar direito no Rio de Janeiro e, mesmo tendo “aversão a livros”, ao se formar como “doutor” é “despachado promotor de uma comarca de um Estado longínquo” pelo senador *Neves Cogominho*, seu sogro. O casamento com a filha de seu protetor político é mais uma forma que *Numa* encontra de alpinismo social na Primeira República. Com sua sagacidade e oportunismo, ele que se vestia com “apuro exagerado de provincianismo” (Idem, p. 08), chega ao cargo de juiz de direito e depois é eleito deputado com ajuda do sogro. A fina ironia do amanuense Lima Barreto traça um panorama dos meandros da vida política nacional, onde ficção e história se confundem através das personagens humanas e das localidades traçadas no romance. No arcabouço político da federação brasileira ficcional e paródica, Lima Barreto insere unidades federativas inexistentes, tais como os Estados do *Senambi (Acre)*; do *Guaxupé*; das *Palmeiras*; dos *Carapicus*; das *Aboboras*, das *Tâmaras* e dos *Caranquejos*. Nestes, traça as “particularidades” locais onde se mostram de maneira implícita elementos de crítica política e social do país. Temos como objetivos mostrar as semelhanças entre o texto ficcional do romance e contexto histórico e político que o mesmo faz alusão que é o ano de 1910 no Brasil, que marca o retorno de um militar a presidência do país. Como suporte teórico e metodológico, iremos dialogar com as categorias de tipos ideais e da cordialidade circunscritas às representações presentes no texto literário do autor em questão, tendo como referências os estudos de *Weber* (apud *Freund*, 1987; *Saint Pierre*, 1999) e *Holanda* (1976). Além destes, as obras compilatórias e biográficas de *Schwarz* (2010 e 2017) sobre Lima Barreto serão de suma importância para compreender o universo de produção deste autor e seu contexto.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. HISTÓRIA. REPRESENTAÇÕES. LIMA BARRETO. TIPOS IDEAIS.

MANAUS E A MODERNIDADE: UMA CIDADE EM CAOS E UM “HERÓI PROBLEMÁTICO” NA NARRATIVA DE ERASMO LINHARES

Joanna da Silva
Universidade de Brasília

O presente trabalho busca traçar uma discussão em torno dos conflitos sociais, culturais e humanos em meio ao desmoronamento econômico e social que perpassa a cidade de Manaus no momento de transformação frente ao advento da modernidade no período pós-ciclo da borracha na Amazônia, que se faz presente no conto O Tocador de Charamela, que também dá título à obra do escritor amazonense Erasmo Linhares. O fator “modernidade” servirá de elo para fomentar a discussão em torno da falta de estrutura para acolher a população pobre que migra do interior da floresta e se aglomera em favelas nos arredores da cidade em busca de trabalho nas indústrias e montadoras recém-instaladas numa capital em processo de modernização. A crítica sociológica será utilizada como subsídio para diagnosticar o modo como os homens se inserem e se articulam socialmente no tempo e no espaço em meio a uma cidade em caos. O personagem principal da narrativa em foco será aqui denominado “herói problemático”, fruto do advento da modernidade e da luta de classes, que leva o ser humano ao descontrole em meio a luta e aspiração pela ascensão social e capitalista, a ponto de fazê-los degradante em uma sociedade tomada pela inversão de valores. Para o desenvolvimento desta análise, que se caracteriza de cunho teórico analítico, buscamos embasamento teórico em autores como Alfredo Bosi (2002), Antônio Cândido (1972, 1992, 2006), Lucien Goldmann (1976), Marisa C. Silva (2003), Márcio Souza (2009), Flávio Kothe (1987), entre outros.


PALAVRAS-CHAVE: MANAUS E A MODERNIDADE. CIDADE EM CAOS. HERÓI PROBLEMÁTICO. ERASMO LINHARES.

**O DIREITO À MORADIA: REASSENTAMENTO DOS MORADORES
IMPACTADOS PELAS OBRAS DA UHE SANTO ANTÔNIO NOS BAIROS
BAIXA DA UNIÃO E TRIÂNGULO EM PORTO VELHO**

Delson Fernando Barcellos Xavier
Universidade Federal de Rondônia

Rozalino Pereira
Universidade Federal de Rondônia

A história da cidade de Porto Velho sempre foi marcada pelas relações entre o rio Madeira e os projetos de ocupação e exploração dos recursos naturais locais. Da borracha às hidrelétricas, populações diversas desenvolveram espaços de vida urbana ligados às possibilidades que o rio ofereceu. Dois bairros surgidos no início das obras da Ferrovia Madeira Mamoré/EFMM, demonstram de forma emblemática essas relações: a Baixa da União, local do primeiro desembarque dos construtores da ferrovia e o Triângulo, o primeiro bairro de habitação popular dos trabalhadores locais. Ao longo do século XX esses bairros passaram por processos de ocupações e reocupações diversas, até que na primeira década do século XXI a região fosse fortemente impactada pelas obras da UHE Santo Antônio e, especialmente pela enchente de 2014. Essas situações determinaram modificações ambientais, espaciais e urbanísticas locais. Parcelas das populações das áreas ribeirinhas desses bairros foram reassentadas em outras áreas causando impactos sociais diversos. Por outro lado, os processos de reocupação das áreas de risco criaram novos grupos de moradores pauperizados por situações diversas que buscaram novas possibilidades de moradia e subsistência. Esses processos motivaram conflitos entre os moradores antigos, autodenominados tradicionais e os novos ocupantes, denominados como invasores. O estudo tem como objetivo analisar as relações socioambientais dessas populações com o meio natural e os entornos urbanos, bem como as relações dessas populações entre si, na disputa por moradias e territórios. A pesquisa foi realizada de forma interdisciplinar, observando-se a questão da historicidade do povoamento, as relações entre as populações o meio natural e as obras que causaram as modificações na região e no próprio rio Madeira e o direito dessas populações a habitação e permanência comunitária. A metodologia utilizada partiu das revisões da bibliografia produzida sobre o povoamento e os bairros da cidade de Porto Velho, os impactos das UHEs do rio Madeira e os direitos humanos e socioambientais das populações envolvidas nesse processo, passando pela pesquisa documental situada a partir dos enfrentamentos e conflitos judicializados



e de entrevistas e narrativas dos moradores de ambos os bairros.
PALAVRAS-CHAVE: IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS. REASSENTAMENTOS.
CONFLITOS SOCIAIS. PORTO VELHO. RIO MADEIRA.

TRAÇO DE INTERCULTURALIDADE NO ROMANCE UM PEDAÇO DE LUA CAÍÁ NA MATA: CULTURA JUDAICA NA AMÉRICA LATINA

Maria de Nazaré Cavalcante de Sousa
Universidade Federal do Acre

Um pedaço de lua caía na mata, romance do amazonense Paulo Jacob, trata, sem dogmatismo ideológico e/ou religioso, do cotidiano de imigrantes judeus na Amazônia na primeira metade do século XX. Chama atenção a integração orgânica que o narrador deixa transparecer na constituição e vivência dos personagens ao enfrentar, confrontar e reorganizar-se dentro de uma cultura adversa. A obra propõe a todo momento a necessidade de se negociar as relações e as diferenças de formas de existência cooperada e não ignorando os conflitos naturais, Tal temática possibilita a construção do presente artigo que busca refletir sobre as imagens que esta ficção apresenta como formas de interação e interpretação humana. O obra pode ser entendida a partir da teoria decolonial (grupo decolonialidade), focando nos traços de interculturalidade crítica (Catherine Walsh), visando denunciar a formação de colonialidade de que foram vítimas nativos e imigrantes latino-americanos.e, ao mesmo tempo, discutir um projeto de decolonialidade apontado no espaço da literatura latino-americana como um lugar de deleite e reflexão.


PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA.INTERCULTURALIDADE.AMAZÔNIA.
DECOLONIALIDADE.

**“O BAILE DO JUDEU”, DE INGLÊS DE SOUZA, OU APONTAMENTOS
SOBRE REALISMO MÁGICO EM UMA NARRATIVA BRASILEIRA**

Márcio Antonio de Souza Maciel
**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Campo Grande**

Ainda que publicada em 1893, dentro do livro “Contos amazônicos”, a narrativa “O Baile do Judeu”, do escritor paraense Inglês de Souza (1853-1918), para além de uma tímida recepção crítica na região norte do país, no restante do país, não encontra muitos estudos e/ou leituras sobre outras questões que ultrapassem o naturalismo brasileiro, pontual no século XIX. De outro lado, os estudos sobre o Realismo Mágico, enquanto rubrica estética literária, sobejamente, têm-se voltado para os autores e textos hispano-americanos, sobretudo, para os escritores que a crítica literária hispanista cunhou-os de pertencentes ao “Boom (latino) hispano-americano”. Nossos objetivos, neste (e com este) texto, são dois. O primeiro deles, resgatar a figura do escritor d’O missionário (1899), talvez, sua obra mais conhecida, de dentro dos autores brasileiros finesseculares celebrados; o segundo, por fim, utilizando a bibliografia de que trata o conceito de realismo mágico (concepção teórica da segunda metade do século XX), fazer uma leitura do conto “O Baile do Judeu”, do escritor em epígrafe.

**PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA BRASILEIRA. REALISMO MÁGICO.
INGLÊS DE SOUZA. “O BAILE DO JUDEU”.**



ST 08 - CRÍTICA DECOLONIAL E
COSMOLOGIAS AFROINDÍGENAS:
POSTURAS E SABERES NA AMAZÔNIA
ORIENTAL

A ARTE DO GRAFISMO RESISTENTE DO POVO WARI NA COMUNIDADE RIBEIRÃO

Salatiel Araujo Rodrigues

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Tatiane Rodrigues Bianchini

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Resumo: Segundo o ISA (Instituto Socioambiental), no Brasil, existem mais de 227 povos indígenas, falantes de mais de 180 línguas e dialetos que se organizam dentro de suas culturas, tradições, cosmologia e arte. Reconhecendo que entre os povos indígenas a arte do grafismo possui várias funções, dentre elas, expressar os valores históricos, culturais, religiosos, estéticos e sociais dos povos tradicionais, esta pesquisa visa contribuir com um estudo sobre a resistência desta arte na comunidade indígena Ribeirão, composta pelos povos Wari, falantes da língua Txapacura/xapacura. Os objetivos para este trabalho são investigar as pinturas remanescentes na comunidade; compreender o processo de transmissão da cultura da arte entre os membros da comunidade; observar as significações das pinturas para os indígenas e as relações desses conceitos com outros povos e analisar como a escola indígena insere em seu currículo as questões relativas ao ensino da arte tradicional. A pesquisa será realizada pela metodologia da história oral, com a ênfase aos processos de rememoração e resgate de tradição, sendo aportada pelas discussões propostas por ALBERTI (2005) HALBWACHS (2003) BOSI (1999). Teremos como referenciais teóricos também LAGROU (2009); VIDAL (1992) autores que nos apresentam estudos sobre a arte e estética do grafismo no Brasil e SILVA E FERREIRA (2001) que nos indicam caminhos sobre antropologia, história e educação e as questões indígenas na escola. Os resultados apresentados com a pesquisa pretendem ser um olhar para artes indígenas remanescentes nas comunidades tradicionais resistentes no Brasil e desse modo, tem um caráter de luta e resistência que contribui para promover e legitimar o conhecimento dos povos tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: ARTE INDÍGENA. GRAFISMO. CULTURA. RESISTÊNCIA. POVOS TRADICIONAIS.

A CIÊNCIA DOS ENCANTADOS: COSMOLOGIAS AFROINDÍGENAS NO NORDESTE PARAENSE

Jerônimo da Silva e Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

A proposta de comunicação versa sobre aspectos de uma etnografia realizada no nordeste paraense, comunidade de Japerica. Nesta região, através de saberes comunicados por Mãe Ana, uma centenária rezadeira iniciada pela Princesa Oceânica, é possível visibilizar nos dons e nas entidades que se amalgamam no corpo e nas rezas elementos de matrizes culturais africanas e indígenas. Na etnografia é possível perceber como a compreensão da passagem e atualização dos dons e sua negação constituem o que denomina de “Ciência dos Encantados”. A Ciência produzida pelos encantados do fundo e suas habitações decifrada pelo “cavalo” ou portadora do “dom” é um tema enfatizado pela narradora em tom de admiração algumas vezes, em outras, sendo algo a ser evitado. A afirmação e negação da “Ciência dos Encantados” dependia do cenário etnográfico; quando falávamos de cura e proteção as entidades eram apresentadas como “benditas”, quando a conversa enveredava pelas “salas de pajés” o tom negativo e demonizador emergia. Os saberes presentes nas práticas de cura de Mãe Ana brotam como resultado de experiência com “experientes” adquiridos em inúmeros locais por onde percorreu. Investimos na interpretação de convergências de desdobramentos etnográficos e decoloniais, quando lidos sem as generalizações que nomeiam as temáticas, possuem mais um diálogo crítico do que uma oposição terminológica e dogmática.

PALAVRAS-CHAVE: CIÊNCIA DOS ENCANTADOS.


DECOLONIALIDADE. ETNOGRAFIA. AMAZÔNIA.

DIALOGOS ONTOLÓGICOS: A PERDA DO CAMINHO

Concita Guaxipiguara Sompré
Associação Indígena Gavião Kyikatêjê Amtat

Hiran de Moura Possas
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

A pesquisa alinha-se à crítica radical e profunda aos discursos narcísicos-eutocêntricos sobreviventes, graças aos intensos processos de subjetivação, refrangindo predatoriamente a outros exercícios do desejo, seja por tantas redes de manejos, veridicção, totalização e fabricação de seres e saberes. Também compreende que quaisquer reconhecimentos de indígenas, como agência intelectual e revolucionária, atrelam-se a reflexões marxistas universais-heterodoxas, aqui intelecção em movimento alimentando e nos ajudando a tecer leituras com cosmovisões. Delimitando das pesquisas realizadas desde 2014 com o povo da floresta Gavião Kyikatêjê, Terra Indígena Mãe Maria, Km 25 da BR - 222, município de Bom Jesus do Tocantins – PA (sul/suldeste amazônico), serão expostas, das intertextualidades (des) construídas, críticas partilhadas com a intelectual Kyikatêjê Concita Sompré. São análises de gravações (experiências dialógicas) realizadas na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e na aldeia Gavião Kyikatêjê que, dentre tantas tematizações, refutam discursos tentando orientar, determinar, eufemizar, modelar, controlar e assegurar sentidos aos intensos impactos sociais-ambientais sofridos por esses indígenas. Citamos, pelo limites do escrito, o controle de castanhas e das relações entre indígenas (início do século XX); “a política da FUNAI transformando Kyikatêjê em Kupê”; a construção do linhaço da Eletronorte e suas implicações à saúde do povo; a penetração da Estrada de Ferro Carajás na referida Terra Indígena e a realização de pesquisas de “bons propósitos” resumidas ao exercício acadêmico estéril de alimentação de monografias, dissertações e teses. Dessa “cumplicidade subversiva” em construção, a professora Kyikatêjê afirma que “Muitos se perderam no caminho” pelas “políticas do fato consumado”. Sabemos dos riscos, das implicações, mas acima de tudo, da urgência dos diálogos ontológicos, especialmente pelos anúncios de “políticas público-privadas” tardo-capitalistas ou até mesmo de vozes “humanitárias” das esquerdas liberais desse país, tramando para os Gavião, respectivamente, a supressão de indenizações advindas de impactos territoriais históricos na TI e a implementação do eufemizado “turismo ecológico”. Desse modo, a partir do cerne atual do projeto: levantamento e análise de documentações em jornais



das cidades de Belém e de Marabá tematizadas pelo conflitos na T I Mãe Maria em cruzamento com entrevistas realizadas com sábios dessa floresta, tencionamos, pelo conceito/proposta “Cosmopolítica” (situações de sobreposição, convivência ou embate entre práticas e discursos “ocidentais-modernos” e “indígenas”), contribuição para o amadurecimento e fortalecimento dos experimentos decoloniais dialógicos.

PALAVRAS-CHAVE: GAVIÃO KÿIKATÊJÊ. DECOLONIALIDADE.
AGÊNCIAS INDÍGENAS. COSMOPOLÍTICAS.

DO PEIXE-FRITO A SÃO BENEDITO: BRUNO DE MENEZES EM EXPERIÊNCIAS ETNOGRÁFICAS

Rodrigo de Souza Wanzeler
Universidade Federal do Pará

O literato-etnógrafo Bento Bruno de Menezes Costa ou, literariamente, Bruno de Menezes (1893-1963), nascido e criado em Belém do Pará, viu emergir em seus territórios de vida a imagem das contradições de uma cidade abastada para poucos e pobre para muitos. Bruno, reconhecido como o introdutor do Modernismo na Amazônia, a partir de Belém do Pará, nos anos de 1920, obteve destaque no cenário cultural desde a primeira metade do século XX, não apenas pela qualidade de suas obras literárias, mas também por sua liderança em grupos de intelectuais, pelo seu engajamento político-social e, para além, pelo viés etnográfico encrustrado em muitas de suas produções. A presente pesquisa, com a pretensão de ampliar e ressignificar a figura de Bruno, traz consigo uma gama de considerações a respeito do intelectual em questão, ancorada basicamente em suas trajetórias de vida, destacando as diversas representações do cotidiano da cidade advindas de suas experiências sociais, andanças pelas ruas da Cidade Velha, Jurunas, pelo Ver-o-Peso, entre outros espaços, nos quais uma ampla diversidade de vozes emergia, denotando uma pluralidade de falas, cores e sabores provenientes dessa imensa e caótica zona de contato intercultural. Nesse sentido, traçarei o percurso das relações existentes entre Antropologia e Literatura estabelecendo conexões devidas entre tais contextos em busca de correlacioná-los com os trabalhos do intelectual. Discutirei também a crítica sobre o poeta em busca de ressaltar assim sua importância para além dos estudos de Literatura, mas também às pesquisas de outras áreas ligadas às humanidades, principalmente a Antropologia, bem como desvelar a relevância da presente pesquisa no que tange à abordagem diferenciada em relação aos estudos realizados sobre o literato até o atual momento. Exporei o olhar de Bruno acerca de si mesmo e dos outros, além de focalizar, valendo-me dos diversos relatos orais por mim coletados, o olhar destes outros sobre o poeta negro, com o objetivo de captar nestes fragmentos, as marcas de trajetórias de vida dinâmicas e multifacetadas que comporão uma possível observação ressignificada sobre a figura Bruno de Menezes. A fundação teórico-metodológica assenta-se na intersecção entre a Antropologia, os Estudos Culturais, Pós-Coloniais, Estudos Literários e História Oral para estabelecer conexões entre o devir literato e o devir etnógrafo de Bruno.


PALAVRAS-CHAVE: BRUNO DE MENEZES. TRAJETÓRIAS DE VIDA. ETNOGRAFIA. ANTROPOLOGIA. LITERATURA.

ENTRE SABERES, MARACÁS E DECOLONIALIDADE: PRÁTICAS EDUCATIVAS DA PAJELANÇA

Maria Betânia Barbosa Albuquerque
Universidade do Estado do Pará

Thaís Tavares Nogueira
Universidade do Estado do Pará

O presente trabalho aborda o processo educativo que perpassa as práticas de pajelança existentes na Ilha de Colares – PA e parte da pesquisa de dissertação de mestrado que está em andamento, da linha Saberes Culturais e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Neste, percorre-se as trilhas etnográficas em uma pesquisa de campo, buscando um diálogo possível com a história oral, visto que o olhar se direciona a um sujeito (o pajé), suas práticas religiosas e trajetória de vida. Como caminho de análise, este trabalho ancora-se na perspectiva histórico-cultural como unidade teórica e busca pensar essa história do presente sem romper com seu contexto político e social mais amplo, uma história de sujeitos e seus saberes até então subalternizados pela ciência moderna e lógica colonial. Busca-se destacar pelo viés da resistência decolonial, como uma prática religiosa de matriz afroindígena como a pajelança permanece viva até hoje. Portanto, interessa refletir sobre a prática da pajelança enquanto um saber tradicional. Entende-se aqui a decolonialidade como uma corrente de pensamento e ações pautadas no sentimento de liberdade, respeito e alteridade do ser humano, independentemente de sua raça, credo, lugar... e volta-se àqueles que enfrentam a exclusão, todo tipo de preconceito e opressão advindos do processo colonizador europeu. Aborda-se a temática da pajelança como uma prática religiosa com rituais xamânicos de cura que teve sua origem com os povos indígenas e sofreu influências no decorrer do processo colonizador de culturas como a africana e a europeia. Prática em que ocorre circulação de saberes, sejam de cunho religioso, moral, estético, de medicina popular, de formação do próprio pajé. Observa-se em campo que todos que participam dos rituais no terreiro experimentam algum tipo de aprendizagem, como quando se aprende sobre a cultura das entidades nas suas falas e doutrinas; aprende-se onde sentar, onde não entrar, no que tocar e o que cantar para acompanhar os “trabalhos”; aprende-se acerca de quais ingredientes da natureza usar para tomar os banhos ou os chás; a moral repassada pelas entidades sobre caridade, suas missões nesta terra e cuidado com o divino; há uma prática educativa configurada no rito de formação de um pajé, sua iniciação, ao observar



no próprio pajé a figura do educador. O processo educativo no terreiro de pajelança possibilita pensar uma proposta contra hegemônica de construção do conhecimento, a partir de um conceito mais amplo de educação e de respeito aos povos até então invisibilizados. Ao discutir este tema no campo da educação, é preciso ampliar o conceito que se tem de práticas educativas, ao entendê-las como trocas de saberes que não estão apenas no âmbito da educação escolar e sim numa perspectiva cultural, que ocorrem em diversos contextos, em práticas de construção do social e representação deste.

PALAVRAS-CHAVE: PAJELANÇA. RESISTÊNCIA. SABERES. PRÁTICAS EDUCATIVAS.

MARCADOS PARA VIVER: INDÍGENAS CONTEMPORÂNEOS NA CENA NACIONAL

Ana Lúcia Leite e Aguiar
Universidade Federal da Bahia

Em busca de atividades que eviscerem alguns marcos históricos permanentes como problemas, caminhar pela paisagem nacional, como quem caminha em uma pintura de Adriana Varejão, em que a ferida continua sempre aberta, faz-se não só um caminho indispensável, como deseja refletir sobre a natureza dos problemas que agitam o país neste momento. Propõe-se, então, um deslizamento por algumas cenas que nos provocam a rever os termos das genealogias do Outro. Achugar mostra as diversas possibilidades de começo, mapeando: Colombo, Cabral, Shakespeare, Montaigne, Renan. Ou: Las Casas, José Martí, Che Guevara, Frantz Fanon, Guamán Poma de Ayala. Ou Rodó e Fernández Retamar. (Cf. Planetas sem boca, p. 31). Neste caso específico, o Outro é o outro índio. O primeiro disparador é a publicação das palavras de Davi Kopenawa Yanomami na obra *A queda do céu*. Junto a outros escritores, como Daniel Munduruku, Marcelino Freire, Verônica Sigger, que exercem uma escrita literária crítica sobre o presente, aliando-os ao pensamento crítico-teórico de Ailton Krenak, Patricio Guzmán, Claudia Andujar, Cildo Meireles, Vincent Carelli, apresenta-se como diferentes campos da cultura utilizam suas vozes para fabricar desobediências epistêmicas no que concerne às identidades dos povos originários do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: CRÍTICA CULTURAL. INDÍGENAS. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA. BRASIL.

**O ESTEREÓTIPO, A DISCRIMINAÇÃO E O DISCURSO DE EMBATE
PRESENTES EM MEMES REFERENTES À AMAZÔNIA.**

Geovânia de Souza Andrade Maciel
Universidade Federal de Rondônia

Lusinilda Carla Pinto Martins
Universidade Federal de Rondônia

No intuito de romper as relações de poder existente na produção de conhecimentos eurocêntricos, pensadores pós coloniais, como Edward Said, Frantz Fanon, Gayatri Spyvak, Bill Ashcroft, Boaventura de Sousa Santos, Stuart Hall e Homi Bhabha são alguns exemplos de pensadores que procuraram desconstruir as idéias produzidas pelos países dominantes e valorizar sistematicamente as produções marginalizadas. Sob a ótica pós-colonial é possível perceber as relações de embates que existem nos discursos e o quanto as palavras atuam como poderosas forças de subalternidade. Na América Latina, o Pós-colonialismo teve importante recepção no final da década de 1980, aqui sendo chamada como “pensamento decolonial”. Podemos referenciar a obra *O local da cultura* (1998) de Bhabha que problematiza a maneira depreciativa como o Outro Colonizado é caracterizado pelo discurso do colonialismo Europeu. Podemos aludir também Gayatri Spyvak que em sua obra “*Podê o Subalterno falar?*” destaca o implacável descentramento do sujeito questionando as formas de representação do Outro que por vezes são concebidos por discursos hegemônicos que quando referenciados num contexto global, negam a heterogeneidade dos sujeitos, criando imagens estereotipadas e discriminatórias com relação ao Outro. Na atualidade, tais atitudes são práticas constantes por meio de representações simbólicas ou não, e a cibercultura manifesta-se na vida contemporânea na dimensão tecnológica, social, cultural e epistemológica. Esse trabalho procura mostrar alguns exemplos de estereótipos e discriminação presentes em Memes referentes à Amazônia, e consequentemente apresentar as novas ferramentas digitais como espaço “contra” a subalternidade, visto ser um espaço aberto, nos quais o sujeito pode se articular, se expressar e ser ouvido; e não mais conviver com a passividade da exclusão social. Sua ênfase estará no meme: termo que surgiu em 1976 no livro “*O Gene Egoísta*”, do biólogo inglês Richard Dawkins, e que mais tarde passou a ser utilizada pelos usuários digitais como referência a tudo que se espalha aleatoriamente nas Redes Sociais, especialmente com algum teor humorístico. Apresentará as especificidades na liberdade de utilização do espaço discursivo da cibercultura tendo os Memes como exemplo prático de discurso que se propagam na construção e desconstrução da identidade do Outro da Amazônia.




PALAVRAS-CHAVE: ESTEREÓTIPO. DISCRIMINAÇÃO.
DECOLONIALIDADE. SUBALTERNIDADE. MEMES.

PRÁTICAS EDUCATIVAS QUILOMBOLAS: ACEITAÇÃO, REJEIÇÃO E DISPUTA ENTRE O ORAL E O ESCRITO

Mayre Dione Mendes da Silva Mascarenhas
Secretaria do Estado de Educação

Historicamente, as sociedades coloniais sofreram com o processo violento de subordinação cultural. Durante séculos de dominação europeia sobre sociedades latino-americanas prevaleceu um padrão de saber, perpetuado por um padrão de poder, no qual os códigos da escrita ofuscaram conhecimentos oriundos da oralidade. Modernamente, ainda se vivencia a subalternidade da oralidade em relação a escrita. Em meio ao contexto de intensificação das desigualdades sociais e retrocessos, emergem movimentos de contraposição a essa ordem preestabelecida. Na qual as vozes dos sujeitos ecoam por reconhecimento de sua cultura e por direitos. Na Amazônia, os povos da floresta, em particular os quilombolas, dispõem de um corpo de conhecimento acumulado e produzem seus saberes e fazeres a partir de suas sociabilidades – cantos, danças, músicas, mitos, ritos e literaturas coletivas. No entanto, o contato entre os diferentes modelos de produção de conhecimento no interior dessas comunidades é marcado por conflitos, uma vez que prevalece a visão hierarquizada, eurocentrada e excludente, principalmente no espaço escolar, haja vista a baixa escolaridade, o que sugere questionar os processos de dominação colonial por meio da escrita e dar relevo à oralidade como postura decolonial frente a esses processos, o que inspira e justifica a pesquisa. As tensões geradas entre a escrita e a oralidade constituem o ponto central da pesquisa, pois partimos do pressuposto da conflitualidade entre oral e a escrita, esta última se destaca e se impõe como único saber válido, evidenciando a colonialidade dos saberes. Embora não se possa negar a importância da escrita como fonte de registro do mundo letrado, tampouco podemos negar a existência da oralidade presente na Amazônia, a qual se insere como experiência decolonial. Nas comunidades quilombolas da Amazônia a relação de ensino-aprendizagem não se constroi exclusivamente pelo instrumento da escrita. O objetivo dessa pesquisa é analisar tensões entre a oralidade e a escrita presentes nos espaços educativos escolares e não-escolares em comunidade tradicional quilombola, a partir da obra de mestres Jorge, músico e compositor de carimbó, de modo a compreender as imbricações de um sistema simbólico de conhecimento no campo educativo decolonial frente a perspectivas pedagógicas coloniais. Estabelecemos como lócus da pesquisa as comunidades do quilombo de África e Laranjituba situadas, nos municípios de Abaetetuba e Moju (PA). A metodologia envolveu o levantamento de dados por



meio análise de material audiovisual e de entrevistas com 12 membros da comunidade que conviveram diretamente com Mestre Jorge, privilegiando a conversa informal, na qual os entrevistados falaram livremente sobre saberes, fazeres, costumes e práticas educativas não escolares em contexto de aprendizagem. Autores como Quijano (2002; 2005), Bourdieu (2004), Freire (1996), Arroyo (2014), Mato (2008) e outros subsidiam o percurso teórico-metodológico deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: QUILOMBO. EDUCAÇÃO. ORALIDADE.
DECOLONIALIDADE.

RELIGIÃO E LITERATURA NA AMAZÔNIA: PRÁTICAS AFROINDÍGENAS EM DALCÍDIO JURANDIR

Agenor Sarraf Pacheco
Universidade Federal do Pará

O complexo sistema religioso que constitui e orienta vivências, sensibilidades de mundo (MIGNOLO, 2017) e posicionamentos sociopolíticos de instituições, grupos e pessoas no mundo amazônico revela fenômenos de crenças desafiadores para análises monolíticas. Desde o período colonial, os primeiros padres que se estabeleceram na região sentiram embaraços para enquadrar indígenas e depois africanos na ritualística do catolicismo português. Regidos pela incorporação seletiva (WILLIAMS, 1976; CERTEAU, 1998; MARTIN-BARBERO, 2001; HALL, 2003), indígenas e africanos misturaram com maestria elementos de suas religiões com elementos da religião colonizadora. Nessas zonas de contato (PRATT, 2009), para além das formas de estranhamento, dominação, violência, hierarquia, emergiram traduções culturais em práticas de afetamento de lá e de cá, sociabilidades e complementaridades, gestando religiões de matriz afroindígena em territórios da diferença colonial (MIGNOLO, 2013) que desestabilizaram padrões e normas da teologia cristã ocidental. Não por acaso, a forte perseguição e o preconceito contra pajés e pais de santo no período colonial ainda hoje compõem o imaginário das religiões hegemônicas em renitentes práticas de intolerância de norte a sul no Brasil. Marcio Goldman (2015, p. 645) em diálogo com Roger Bastide (1976 [1973], p. 32) observou que a literatura especializada sobre religiões no Brasil pouco enfrentou o “encontro e casamento dos deuses africanos com os espíritos indígenas”. Quando isso ocorreu, o ponto de vista dominante foi o do “branco europeu”, deixando nas sombras a capacidade de afros e indígenas agenciarem e recriarem, em imprevisíveis criatividade, seu complexo sistema de crenças, costumes e tradições (GLISSANT, 2005; WAGNER, 2012). Intelectuais de ponta e de peso como Manuel Nunes Pereira, Arthur Cezar Ferreira Reis, Vicente Salles, Marcos Carneiro de Mendonça, Antonio Carreira, Anaíza Vergolino-Henry e Arthur Napoleão Figueiredo, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, primeiros estudiosos da presença negra na Amazônia, e depois Flávio dos Santos Gomes, Rafael Chambouleyron, Agenor Sarraf Pacheco, Patrícia Sampaio, entre outros, centraram suas preocupações em visibilizar o “enegrecimento das paisagens humanas” nesta parte norte do Brasil. Esses intelectuais, duvidando do “vazio humano africano”, enfrentaram percepções apressadas e restritas de estudiosos nacionais e internacionais que procuraram reforçar o mito

da “Amazônia: Terra de Índio”, “paraíso isolado e parado no tempo”, por não se enquadrar no modelo da plantation verificada no centro-sul do Brasil. Assim, a constituição das religiões de matriz afroindígena em circuitos marajoaras se fez com diferentes nações indígenas que estabeleceram por campos, rios e florestas zonas intersticiais com nações africanas diversas (PEREIRA, 1952; SALLES, 2005; SARRAF-PACHECO, 2009). Assim, o presente texto mergulha nas experiências religiosas interculturais comungadas por indígenas e africanos em zonas de contato na Amazônia sob o olhar da produção literária do romancista paraense e marajoara, Dalcídio Jurandir (1909-1979). Nesses mundos cruzados da literatura com a religião e das cosmologias indígenas com as cosmologias africanas em cenário amazônico, a investigação cartografa narrativas, práticas e saberes de religiosidades afroindígenas nos romances “Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três Casas e Um Rio (1958) e Ribanceira (1978)”. A escolha por trabalhar quatro dos onze romances que compõem o chamado Ciclo do Extremo-Norte de Jurandir, justifica-se por sua ambientação em realidades do arquipélago de Marajó, seja em paisagens de campos, seja em paisagens de florestas, reconstituindo complexas tramas do fenômeno religioso de matriz afroindígena na região. Igualmente, no mapeamento de nomes e trabalhos de literatos brasileiros estudados por pesquisadores da Teopoética (CANTARELA, 2014), Dalcídio Jurandir, um dos maiores romancistas brasileiros, na percepção de seus principais estudiosos e críticos literários como Marli Furtado, Willi Bolle, Gunter Karl Pressler, Paulo Nunes, Olinda Batista Assmar, para citar os principais, ainda não ganhou atenção. Assim, partindo da perspectiva de Antônio Cândido que defende a literatura como uma poderosa chave de leitura e “forma de pesquisa e descoberta do país” (CANDIDO, 1981, p. 112), na percepção de Bolle (2011, p. 44), ler os dez romances do Ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir permite um mergulho no “conhecimento da Amazônia no século XX”, centrando-se em territórios de “Belém, Marajó e do Baixo Amazonas”. A despeito do rico acervo acadêmico e da fortuna crítica que a obra de Dalcídio Jurandir tem produzido nas três últimas décadas, no que tange a relação religião e literatura, até o presente momento, identificamos apenas a dissertação de mestrado “Do Dilúvio à Vida: Chove nos Campos de Cachoeira”, de Sandra Terezinha Perlin (2013) e o projeto de mestrado, “Belém do Grão-Pará: análise dos aspectos religiosa na literatura de Dalcídio Jurandir”, de Daniela dos Santos Brandão (2016), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade do Estado do Pará, sob a orientação do Prof. Dr. Douglas Rodrigues da Conceição. Frente ao exposto, a preocupação em cartografar a dimensão religiosa seja ela de

tradição cristã ou de matriz afroindígena na saga romanesca dalcidiana faz-se necessária. Entendemos por religiões de matriz afroindígena o cruzamento entre o pluriversal mundo dos encantados, caruanas e mundo dos orixás, voduns e inquices, sem esquecer, do ponto de vista afroindígena, a incorporação de santos do catolicismo popular e práticas do espiritismo, assim como os novos sentidos espirituais que passaram a ganhar entidades e ritos no interior das celebrações afroindígenas (MAUÉS, 1995; PRANDI, 2006; SARRAF-PACHECO, 2009; SILVA, 2014). Em radiografia produzida por Cantarela (2014, p. 1247-1248) sobre pesquisas em Teopoética, apreendemos que a maioria dos trabalhos dedicaram atenção ao estudo da Bíblia ou a obras de filósofos e romancistas europeus, latino-americanos, africanos ou de literatos brasileiros. O esforço do pesquisador em repertoriar à produção do conhecimento no Brasil na interface religião-literatura em crescimento exponencial, nas últimas três ou quatro décadas, incentiva explorarmos outros literatos e temáticas fundamentais à compreensão de diferentes realidades geohistóricas e socioculturais brasileiras. Para Serry (2004, p. 129), “tentar compreender as relações da religião e da literatura é trazer à luz a sociogênese de dois sistemas de crenças, cujas lógicas próprias partilham um poder similar de ordenar o mundo”.

PALAVRAS-CHAVE: AFROINDÍGENA. RELIGIÃO. LITERATURA.


DALCÍDIO JURANDIR. AMAZÔNIA MARAJOARA.

“AQUI EU TENHO MEU CONGARZINHO”: LAURA ROSA EM PRÁTICAS UMBANDISTAS NA REGIÃO DE BREVES (MARAJÓ-PA)

Dione do Socorro de Souza Leão
Secretaria Municipal de Educação de Breves

Em cenários como os da região de Breves, no arquipélago de Marajó, no Pará, práticas religiosas de tradição indígena, africanas e europeia se fundem em saberes da Umbanda em diferentes espaços de rios, florestas e cidade, resultantes dos entrelaçamentos sem fronteiras em vivos sistemas de crença. O presente ensaio, fundamentado em pesquisa etnográfica cruzada com a História Oral acompanha e analisa narrativas de dona Laura Rosa, moradora da cidade de Breves, mas que, por ter migrado do Maranhão para o Pará, articulou com maestria entidades de religiões de matrizes diversas com destaque para a pajelança, o catolicismo, o candomblé e o espiritismo, que, na concepção da interlocutora, ajudou inúmeras pessoas a resolverem problemas físicos, mentais e espirituais. Nesse campo, tradição e modernidade, na esfera do fenômeno religioso, cruzam-se e ganham novos tons e sentidos, inspiradas em interesses e necessidades de seus praticantes. Trata-se de observar “como dentro dos padrões atuais são transformadas as relações entre a tradição e modernização socioeconômica e elaborar um pensamento mais aberto para abarcar as interações e integrações reveladas nos redimensionamentos culturais condicionadas ao longo de décadas de convivências entre grupos diferenciados (Canclini, 1997: 28). Por esse ângulo, o trabalho procura visibilizar a relação entre saberes e religiosidades como mecanismos que se entrelaçam para explicar o mundo, na ótica das populações tradicionais, e, ao mesmo tempo, resolver problemas e projetar a vida a novos horizontes de possibilidades (Portelli, 1997).

PALAVRAS-CHAVE: LAURA ROSA. UMBANDA. RELIGIOSIDADE. SABERES.BREVES.




ST 10 - CURRÍCULO DO DEVIR:
PARA PENSAR A FORMAÇÃO DO
PROFESSOR RIZOMÁTICO

**CARTOGRAFIAS DE UMA ESCOLA NA FRONTEIRA DO BRASIL COM
A BOLÍVIA: CURRÍCULO, PRÁTICA DOCENTE, INTERCÂMBIO E
RESISTÊNCIA**

Zuila Guimarães Cova dos Santos
Universidade Federal de Rondônia

O presente artigo é um recorte da minha tese de doutorado em Geografia e tem como objetivo cartografar as dinâmicas construídas por uma escola brasileira situada na fronteira das cidades-gêmeas de Guajará-Mirim (RO/BR) e Guayaramerin (BENI/BOL). A escola situada em fronteira internacional pode parecer uma situação comum a um primeiro olhar; no entanto, cada fronteira tem suas peculiaridades espaciais, as quais envolvem não apenas as condições geográficas da região onde se localizam, mas também, as relações dos sujeitos que aí habitam, vivem e circulam. O movimento que a escola realizou na fronteira envolveu a comunidade escolar, instigou o olhar crítico ao currículo, garantiu a inclusão e o acolhimento de alunos oriundos do país vizinho (Bolívia), contíguo ao limite internacional. O fluxo de alunos bolivianos na Escola Durvalina Estilbem de Oliveira –E.D.E.O, levou a comunidade local e muitas famílias bolivianas da cidade vizinha, Guayaramerin, a identificá-la como uma escola para bolivianos. O espaço escolar é um ambiente com significações, onde são demarcadas as diferenças de quem manda e quem obedece, quem ensina e quem aprende. Ao mesmo tempo, existe a possibilidade da transgressão a essas demarcações institucionalizadas. Nesse processo, o professor ganha destaque, porque a sala de aula é um ambiente territorializado e privativo da sua ação docente. Assim, dependendo das ideias e valores que compartilha, sua práxis pode contribuir para reprodução ou superação das desigualdades sociais. Foi nesse caminho, de sonhos e objetivos compartilhados, que a escola em destaque conseguiu sensibilizar parceiros tanto do lado brasileiro quanto do lado boliviano para estimular a integração cultural. O caminho da pesquisa respeitou a nossa condição de sujeito fronteiriço; o nosso trabalho como docente no curso de Pedagogia e as práticas de extensão e pesquisa desenvolvidas com as instituições de ensino brasileiras e bolivianas. Optamos pela pesquisa participante por nos possibilitar ir além da observação e da descrição, foi possível contribuir com práticas junto a algumas das necessidades que surgirem no decorrer da pesquisa e nas práticas transfronteiriças realizadas por eles. A fronteira, ganha sentido de: ENCONTRO, mais do que símbolos do impossível e do proibido, são lugares de passagem, lugar sempre móvel e fluido, um espaço entre dois, que permite a qualquer pessoa mudar se transformando



com o outro, sem se perder sem se desnaturalizar. Com os estudos de Haesbaert (2013) entendemos a produção do espaço e a os processos de territorialização e (des)territorialização. A escola constitui-se em um espaço com territorialidades diversas: no currículo, na prática docente, na hierarquia administrativa, nas relações subjetivas da sala de aula entre outros, territorialidades que podem contribuir para a manutenção da ordem ou promover resistências e transformações. Os estudos de Alfred Schutz (2012) foram importantes para entendermos as relevâncias que envolvem as relações subjetivas e os Mapas Mentais, aplicado a alunos e professores, representaram o mundo vivido da escola. Os resultados apontam a mobilização, as tramas e as travessias necessárias para transformação do espaço educacional fronteiriço em um espaço integrado.

PALAVRAS-CHAVE: CURRÍCULO. FRONTEIRA. TERRITÓRIO. PRÁTICA DOCENTE.

Valda Inês Fontenele Pessoa
Universidade Federal do Acre

No contexto das políticas educacionais que passaram a predominar no Brasil desde a década de noventa do século passado, temos exercido nossas atividades profissionais cotidianas, com ações conjuntas de estudos, de orientações de pesquisas, seja no mestrado de Letras: Linguagem e Identidade, seja com alunos de iniciação científica ou com trabalhos de conclusão de cursos dos discentes vinculados ao curso de graduação de Pedagogia. As idas ao campo de pesquisa, ou melhor, às escolas do Ensino Fundamental das redes estadual e municipal de Rio Branco, têm gerado a percepção cruel do quanto a correlação de forças na negociação de significados curriculares, tem sido desigual entre os agentes intraescolares, que vivenciam as instituições e os agentes disseminadores das propostas curriculares oficiais. Temos observado uma certa acomodação, mas também as visíveis tentativas de iniciativas, propondo alternativas curriculares diferenciadas, que perdem forças diante da avalanche discursiva neoliberal com suas insaciáveis formas e intencionalidades de fixação de sentidos, controle social e dominação subjetiva (CORAZZA, 2009). Estamos entendendo o conceito de currículo como espaço-tempo de integração e produção cultural híbrida, fluida que integra duas dimensões, ou seja, o proposto oficialmente e o vivido por um grupo em uma determinada época, fugindo da dicotomia binária desses espaços de produção e espaço da prática. Dessa forma, pelo contexto do proposto e do vivido, estamos pensando o currículo como algo que está sendo e menos como algo que já foi ou que será eternamente, buscando nesse processo enxergar a dinamicidade e a hegemonia provisória nele existente. Assim, percebemos o caráter construído do espaço e do tempo do currículo, sendo importante colocar relevo no cunho não-natural da sua existência. Eles são criados por meio de práticas e desdobramentos materiais, utilizados para a reprodução da vida social em uma determinada direção. A partir dos anos de 1990, o tema currículo passou a ocupar centralidade no panorama do campo educacional, seja na perspectiva da política, seja na produção teórica e da prática. Essa efervescência pode ser identificada pela volumosa quantidade de pesquisas, publicações e inúmeros eventos realizados que trazem a nomenclatura currículo em destaque. Por outro lado, decorrido longos anos da publicação em 1998 dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, seguidos das diretrizes curriculares para esse nível de ensino, muitas alterações foram sendo colocadas, ajustando o currículo a cada

passagem de governo, aos imperativos de mercado, culminando no final da gestão de Dilma Rousseff com a formulação do documento Pátria Educadora (BRASIL, 2015) que sofreu descontinuidade com o impeachment da presidente. Com o novo governante, vigoraram as “discussões” da Base Nacional Curricular Comum – BNCC para todo o país, estando a última versão no Conselho Nacional de Educação para exarar parecer e elaborar projeto de resolução e devolver ao MEC. Em contrapartida, numerosos estudos e pesquisas do campo curricular colocam em questionamento os efeitos das linguagens isolacionistas da eficácia, da disciplinarização, da avaliação, da técnica, presentes na BNCC, que acabam por restringir outras possibilidades, fortalecendo a padronização e homogeneização, assumindo uma prática monocultural e, especificamente, tornando a escola um espaço-tempo sem cheiro, sem sabor, sem sentido e doentio para um considerável grupo de crianças, jovens e professores que não sentem prazer em viver o cotidiano dessas instituições. Essas estratégias produzidas e propagandeadas, a quatro décadas, têm fornecido aos governos desse período uma áurea de compromisso, seriedade e de preocupação com a área educacional. Por esse intermédio, propaga-se a imagem de empenho em organizar, em gerar uma ordem, um caminho acertado na condução educacional. Por outro lado, junto à população, proporciona uma certa tranquilidade por se saber que “muito está sendo feito” e apontado com objetividade o que deve ser ensinado. Nesse conjunto de imagens, proporciona-se um marco fundacional, divisório entre os governos anteriores e uma sensação de avanço em relação ao passado. Aqui, entendendo o passado, como sinônimo de precariedade, obsolescência, indefinição e caos e o atual momento, como modernizado, permeado de clareza e ordem. É inserida dentro dessa espacialidade-temporalidade de hegemonia que estamos propondo a presente comunicação, na qual discute sobre a fertilidade das infinitas possibilidades curriculares e as firmes tentativas oficiais de negação dessa pluralidade. Para essa empreitada dialógica, contamos com o apoio de Corazza (2009); Macedo (2006); Veiga-Neto (2002; 2012); Varela e Alvarez-Uria (1992); Gallo e Veiga-Neto (2009); Farias (2017).

PALAVRAS-CHAVE: CURRÍCULO. PLURALIDADE. ENSINO FUNDAMENTAL. FUNDAMENTALISTA.

**CURRÍCULO NA FRONTEIRA: REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO DE
MATEMÁTICA NAS CIDADES DE GUAJARÁ-MIRIM (RONDÔNIA-BRASIL) E
GUAYARAMERÍN (BENI-BOLÍVIA)**

André Pereira Lopes
Instituto Federal do Amazonas

Gislaina Rayana Freitas dos Santos
Instituto Federal do Amazonas

O presente estudo tem como objetivo debater o currículo de matemática do Brasil e da Bolívia, tendo como enfoque as práticas curriculares na disciplina de matemática com os métodos utilizados para o ensino e aprendizagem da matemática, sendo mediados pelo multiculturalismo, entre os profissionais da educação boliviana com os profissionais da educação brasileira, possibilitando o intercâmbio de cultura entre os sujeitos envolvidos. O objetivo foi norteado pela seguinte problemática: Quais as contribuições do estudo do currículo da matemática na fronteira no olhar para uma educação bilíngue? Como transmitir o conteúdo de matemática para um aluno boliviano? Como inserir o multiculturalismo no ambiente escolar? O presente estudo se caracteriza como sendo descritivo-exploratório e de abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida a partir das discussões no Foro Debate Pedagógico Internacional “Calidad Educativa”, realizado nas cidades de Guayara-Mérim/Beni Bolívia e Gujará-Mirim/Rondônia Brasil, bem como das relações pedagógicas dos educadores brasileiros e bolivianos, foi realizada também pesquisa bibliográfica (D’AMBROSIO 1996; FORQUIN 1993; SACRISTÁN 2000; PCN MATEMÁTICA 1998; LEI N° 70, 2010) e diálogos com docentes brasileiros e bolivianos. Os estudos curriculares contribuíram para a transmissão do conteúdo da disciplina de Matemática no contexto multicultural na sala de aula, melhorando o aprendizado na vertente qualitativa da educação matemática.

**PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. FRONTEIRA.
CURRÍCULO. MULTICULTURALISMO.**

O CURRÍCULO COMO ESPAÇO DE INTERCESSÕES ENTRE O INSTITUÍDO E O INSTITUINTE

Tania Mara Rezende Machado
Universidade Federal do Acre

Há seleções culturais para compor o currículo escolar que só poderão ser feitas de modo democrático se os sujeitos e instancias que fazem a educação ouvirem outras vozes e enxergarem culturas que não apenas as suas, mediante um processo de partilha de experiências; movidos por uma epistemologia transdisciplinar com vista ao desenvolvimento de um currículo que tenha por princípio a ética da diversidade e do cuidado para com o outro. Nesse sentido, o estudo ora apresentado tem como objetivo analisar como a configuração curricular dos cursos de formação de professores pode se dar referenciada tanto em subsídios advindos do currículo instituído quanto do instituinte, contemplando assim, parte do que estabelece a Resolução CNE/CP - 2/2015 em seu § 2º do Art. 13, Capítulo V ao prever que os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos/temáticas como diversidades étnico-racial, de gênero, de faixa geracional e educação especial. Trata-se do levantamento e análise de ações desenvolvidas por membros da sociedade de Xapuri-Acre, município localizado na Amazônia Ocidental Brasileira, que podem servir de subsídios para a elaboração desses currículos. Procede da análise dos projetos elaborados e desenvolvidos com a participação popular. Todos os projetos contemplam os conteúdos indicados na legislação citada. A metodologia adotada para o estudo correspondeu à realização de entrevistas com os participantes dos projetos, registro de imagens fotográficas e gravação de vídeos das atividades desenvolvidas, seguido da análise fundamentada em referenciais teóricos que afirmam o papel dos sujeitos na construção e transformação cultural. Dentre estes autores citamos Arroyo, Freire, Giroux, Gramsci, Castoriadis, Gimeno Sacristán e Larrosa. Os resultados da pesquisa indicam que a construção de currículos comprometidos com a democratização passa pela capacidade dos sujeitos que o organizam admitirem a diversidade e intercessão cultural, social e geracional. Ação viável apenas mediante a sensibilização e desenvolvimento de afeto pelos grupos sociais especiais, étnicos, raciais e geracionais, no sentido de sentirem-se afetados por eles e de terem clareza a respeito de que projeto educacional se quer servir.


PALAVRAS-CHAVE: CURRÍCULO. INSTITUÍDO E INSTITUINTE.
DEMOCRACIA. ÉTICA DA DIVERSIDADE E DO CUIDADO.

O SUJEITO QUE APRENDE E ENSINA: UMA PERSPECTIVA DE UMA ESCOLA DEFORMADA

Simone da Silva Pinheiro

Secretaria de Educação do Estado do Acre

O objetivo desta comunicação é debater a possibilidade de um outro currículo a partir das teorias de Gilles Deleuze. O filósofo francês nos fala da possibilidade de ensinar pela arte, essa que para ele a arte é a ferramenta de decifrar signos, nesse sentido é possível romper com as estruturas fragmentadas e daí construir possibilidades de ser, mas esse ser artístico é rizomático, ou seja, espalha-se em meio ao processo. Partindo desta perspectiva o currículo possibilitara ao professore e ao aluno um intercambio de conhecimento, pois através de um currículo artísticos podemos ter um escola que deforme e não uma que forma. Para Albuquerque Junior (2014) um currículo que deforme criar um espaço diferente de ensinar, pois não produz signos vazios, o currículo deformado segundo o autor carrega possibilidades, nele não há superiores e nem inferiores, mas artistas em contastes trocas. Para Deleuze o conhecimento pré formado é a chaga mais pesada da sociedade, pois não permite ao sujeito rupturas. O filósofo do Devir afirma que nosso corpo, nossas expressões, “fazer é um Egito, ou seja como cercado de hieróglifos cabendo a aqueles que se propõe decifrar, agir como arqueólogos, artista na arte de decifrar, o professor e os alunos são verdadeiros símbolos a serem decifrados”, são signos em construção não podendo ser limitados aos cárceres linear da escola que forma, ambos são hieróglifos, portanto a escola deve ser arqueológica, encontrando nas diversas camadas dos escritos, dos sopros, das vontades, dos não ditos, a memória dos que o projeto escolar moderno fez questão de anular. Educar é uma arte que se revelam por signos praticados pelos sujeitos em constante desterritorialização, desenrolando em múltiplos locais, são sujeitos em fuga, sem pátria, exilados, deslocados, no que Hall chamou de diásporas. Os sujeitos são diáspóricos, falam de vários lugares, são híbridos. O filósofo do Devir afirma que nosso corpo, nossas expressões, “fazer é um Egito, ou seja como cercado de hieróglifos cabendo a aqueles que se propõe decifrar, agir como arqueólogos, artista na arte de decifrar, o professor e os alunos são verdadeiros símbolos a serem decifrados”, são signos em construção não podendo ser limitados aos cárceres linear da escola que forma, ambos são hieróglifos, portanto a escola deve ser arqueológica, encontrando nas diversas camadas dos escritos, dos sopros, das vontades, dos não ditos, a memória dos que o projeto escolar moderno fez questão de anular. Educar é uma arte que se revelam



por signos praticados pelos sujeitos em constante desterritorialização, desenrolando em múltiplos locais, são sujeitos em fuga, sem pátria, exilados, deslocados, no que Hall chamou de diásporas. Os sujeitos são diáspóricos, falam de vários lugares, são híbridos. O professor do devir não reproduz cartilhas, exclui os padrões, elimina discursos de coitados, de mal remunerados, respeita a diferença, dialoga com as opostas línguas. O aluno será senhor das suas vontades, verá no quadro os seus desejos, povos, línguas, quebrará as grades, entrará de cabeça erguida na vida, escreverá e representará seus próprios espetáculos.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO. CURRÍCULO. PROFESSOR E DELEUZE.

PEDAGOGIAS DO CORPO: A LEI DE COMBATE À OBESIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ACRE

Romário Ney Rodrigues de Souza
Universidade Federal do Acre

Em se tratando de uma pesquisa em andamento, este texto propõe um estudo em torno das intervenções das políticas públicas no campo da educação a partir da lei estadual nº 3.248, de 27 de abril de 2017. Tendo como base uma metodologia de análise documental, isto é, uma investigação em torno da própria lei, trata-se de estudar tais procedimentos como um conjunto de normas que implicam em avaliações físicas pelas quais deve passar todo estudante da rede pública da Educação Básica no início do ano letivo. Sua finalidade principal é fazer com que, por meio de uma equipe multidisciplinar e inúmeras práticas discursivas, o estudante que apresente sobrepeso possa passar por uma “reeducação” alimentar assim como metas de perda de peso. Tendo como aporte teórico as contribuições de Michel Foucault no campo da biopolítica - de uma perspectiva da “anatomopolítica do corpo” (homem-corpo, individualizante) para uma “estatização do biológico”, (biopolítica da espécie humana) -, o texto propõe algumas reflexões sobre os modos estratégicos em que o corpo – neste caso, o estudante – passa a ser, não somente controlado por meio das relações de poder, mas se torna alvo de um gerenciamento e governamento de sua própria existência no campo da educação.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO. CORPO. BIOPOLÍTICA.

PROTAGONISMO FEMININO E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS MOVIMENTOS DE MULHERES NO ACRE (1980-90)

Liberacy Sousa Oliveira
União Educacional do Norte

A proposta desta pesquisa incorre em descrever o contexto histórico do movimento de Mulheres no Acre, bem como suas influências no movimento das mulheres indígenas. O movimento feminista, a princípio, passou por vários vieses sociais e políticos e funcionou como uma espécie de trampolim para as diversas manifestações de cunho político, inquietações das mulheres, cujas vozes ecoavam de acordo com o espaço e localização social do qual cada grupo se pronunciava, de modo que tais vozes refletiam sua conjuntura sociopolítica. Como nem tudo não são somente flores e perfumes, o movimento feminista passou por momentos de contradições, de resistências, de discussões ideológicas entre os homens e mulheres. Tais discussões políticas pautaram-se na reflexão acerca da tentativa de justificar as diferenças biológicas e teológicas dos papéis sociais que foram definidos entre os sexos femininos e masculinos, papéis estes perpetuados nas relações de desigualdades de participação e direitos na vida em sociedade. As contradições serão manifestadas ou identificadas sempre quando houver manifestações do certo e do errado; o movimento de mulheres por ser uma manifestação de um coletivo, não é diferente no aspecto contraditório, das confusões internas e externas no entender e propagar conceitos e sonhos. A esse respeito, Osborne afirma que existem alguns equívocos sobre o movimento feminista, Ele garante que a proposta não se embasa na ideia de superioridade da mulher sobre o homem, seria a continuidade das relações de gêneros que foram desenvolvidas pelos homens por muitas décadas em afirmar que a mulher seria inferior ao homem. Ser feminista significa a igualdade no ver o outro como igual, ambos (homem e mulher) são importantes para o desenvolvimento da vida coletiva, a sua formação social, política, cultural e econômica respalda isso. As mulheres foram, nas práticas das relações sociais, contestar suas situações sociais, políticas e econômicas, dentro das suas singularidades, primeiro o de ser mulher; segundo, nas suas condições econômicas desfavorecidas que as impediam de viver de forma digna. Assim, elas buscam, nas teias sociais, o fortalecimento da sua natureza de sujeitos diversos, dentro do universo social que estavam constituídas. As comunidades eclesiais de bases e o próprio movimento foram os caminhos para aquelas articulações que se fizeram no âmbito sociocultural multifacetado dos sujeitos diversos. A ação e reação determinada pela teologia da libertação foram instituídas entre aqueles

grupos sociais como fortalecimento e libertação do mundo opressor da sociedade que divide pessoas em classes sociais e conseqüentemente em gênero. As mulheres foram buscando suas visibilidades por meio de um olhar fotográfico no qual a máquina fotográfica foi o movimento de evangelização, um recurso de luz, de conversão e de estratégias para suas lutas e conquistas. Os encontros de evangelização levavam à reflexão religiosa; ao pautar as discussões sobre a fé e justiça, por meio do evangelho, tais reflexões se projetam nas relações sociais e nas próprias relações de gênero. O movimento de mulheres em seu contexto histórico, já citado, mostra que foram construídos por várias mãos, corpos biológicos e sociais, corpos intelectuais e empíricos, ideias e ideologias, partidos políticos e discursos. Foi a partir do movimento de mulheres, que as primeiras teias sociais humanas entre mulheres não indígenas e indígenas foram se constituindo, entrelaçadas pela temática: relações de gênero, e o desejo de sair da invisibilidade. Esse movimento também estimulou a criação de novas perspectivas sociais de sujeito da sua história junto as suas comunidades étnicas, esses fatores representam os principais motivos para a criação da organização do movimento de mulheres. O poder simbólico no movimento de mulheres conquistou as indígenas que começaram então a participar das dinâmicas das atividades realizadas por aquela representatividade social e identidade social do grupo. O movimento indígena das mulheres comungou sua política da identidade, com a defesa da identidade da mulher indígena que já não definia as questões culturais como simplesmente cultural. O sentir diferente, e ao mesmo tempo singular foi o que levou a algumas mulheres indígenas a criar o próprio movimento social de mulheres. Desse modo, a inquietação social e a política da identidade fora o que podemos constatar como umas das principais contribuições deixadas pelo MMA (Movimento de Mulheres no Acre) ao Movimento de mulheres indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE. MULHER. GÊNERO. MOVIMENTOS SOCIAIS. RELAÇÕES DE PODER. SITOAKORE.

PSICOLOGIAS DA EDUCAÇÃO: POR UM CURRÍCULO NOS LIMIARES DO DESENVOLVIMENTO

Veridiana Chiari Gatto
Instituto Federal do Acre

A proposta da presente comunicação é refletir acerca dos saberes historicamente reivindicados do campo da Psicologia para o campo da Educação na formação de professores e fazer ecoar algumas questões acerca da educação contemporânea que poderiam ser pensadas com mais vigor quando compostas com outros saberes que não aqueles que são construídos tradicionalmente nesta relação. A Psicologia, desde o seu surgimento como ciência no século XIX, tem sido marcada por uma multiplicidade de projetos que vão na contramão da criação de um campo homogêneo, afirmando, outrossim, a dispersão deste saber. No que se refere à sua relação com a Educação, esta consagrou-se pela perspectiva escolanovista em seu desejo de desvendar os meandros internos do processo de conhecimento por parte do aluno, isto é, uma Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem que viria instrumentalizar o professor a lidar com os processos psíquicos essenciais de um aluno que raramente seria concebido contextual, histórica e virtualmente. Um dos resultados do processo de redução da relação Psicologia/Educação à Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem é produzir no professor recém formado uma perplexidade diante de seus alunos vivos e indóceis cujos processos de desenvolvimento, singulares, são concebidos como deficitários por uma concepção evolucionista e cristalizada de desenvolvimento. É neste sentido que nossa proposta é refletir sobre um currículo em Psicologia na formação de professores que traga, para o diálogo com a educação, outros projetos de Psicologias, sobretudo aqueles que têm propostas transversais e que atualmente são compreendidos como a área dos estudos da subjetividade. Uma proposta é se pensar um currículo nos limiares do desenvolvimento, isto é, a partir das potências virtuais, dos possíveis e não ancorada num desenvolvimento teleológico.

PALAVRAS-CHAVE: PSICOLOGIA. SUBJETIVIDADE.

DESENVOLVIMENTO.FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Aluizio Oliveira de Souza
Universidade Federal do Acre


Está pesquisa de título “Sala de Aula: Aprender a Desaprender”, trata exclusivamente do aprendizado dos estudantes no território sala de aula, dos conteúdos previamente selecionados, aplicados ou desenvolvidos pelos professores em sala de aula de algumas escolas de Rio Branco. Nosso objeto de análise são as falas de três estudantes, professores e coordenadores, de três distintas escolas de ensino médio da rede pública de Rio Branco-Acre. Para as observações dessas falas, utilizaremos metodologicamente os conceitos e as implicações conceituais do termo Aprender, tais implicações são desenvolvidas (inventadas ou criadas) pelo pensador Gilles Deleuze (1925-1995), o filósofo descreve os agenciamentos do termo em duas de suas principais obras, a saber: “Proust e os Signos” (1964), “Diferença e Repetição” (1968). Com isso, discutiremos argumentativamente sobre as problemáticas, o estudante aprende na sala de aula? O estudante aprende os conteúdos ministrados pelos professores? É possível aprender os múltiplos conteúdos das diversas disciplinas no território sala de aula? Como se aprende com os signos? Portanto, nosso objetivo é apresentar as possibilidades de aprendizados com os signos, e conseqüentemente, produzir uma investigação, filosófico/crítico, do acontecimento ou não do aprendizado na sala de aula da escola pública.

PALAVRAS-CHAVE: APRENDER. DESAPRENDER. SALA DE AULA. SIGNOS.

**¿CUÁL CIENCIA, VALIDADA POR QUIÉN Y PARA FORMAR A QUIÉN,
SE ENCUENTRA EN LA PROPUESTA DE LOS ESTÁNDARES BÁSICOS DE
COMPETENCIAS EN CIENCIAS NATURALES PARA LA EDUCACIÓN BÁSICA Y
MEDIA EN COLOMBIA?**


Yonier Alexander Orozco Marin
Universidade Federal do Acre

El presente trabajo parte de la concepción del currículo como un producto cultural concretizado en diversos niveles y que busca condicionar los procesos de enseñanza y de aprendizaje, dirigiendo las conductas de los agentes de esos procesos y naturalizando padrones de lo que representa ser un “buen-esperado-necesario ciudadano o ciudadana”. Partiendo de esa consideración, el objetivo de este trabajo fue analizar críticamente las concepciones de ciencia, criterios de validez de las ciencias naturales y ciudadano “formado científicamente” en el documento del Ministerio de Educación de Colombia que trata sobre los estándares básicos de competencias en ciencias naturales para la educación básica y media en el país, levantando cuestionamientos más que afirmaciones. El documento se divide en dos partes, una de fundamentación y otra donde se expresan explícitamente los estándares. Se realizó lectura íntegra del documento analizando la coherencia entre los fundamentos y los estándares, y seleccionando fragmentos que trataban explícitamente de los objetivos del trabajo. Estos fragmentos fueron analizados a la luz de los estudios culturales y la epistemología de las ciencias. Tres cuestionamientos para la reflexión se derivaron de esos análisis: 1) En un país como Colombia de tanta diversidad cultural o de cultura de la diversidad, donde están registrados diversos casos de comunidades que reconocían-reconocen la unidad, la diversidad y la interdependencia sin necesitar de una ciencia occidental, ¿Por qué se recurre a un documento que trata de las “ciencias para los americanos” para fundamentar la propuesta de enseñanza de las ciencias naturales? 2) Siguiendo esa línea, ¿Puede decirse que en Colombia se enseña “ciencia para todos los americanos”? O mejor dicho, ¿ciencia para una sociedad de “ciudadanos” que aspira homogeneizarse y americanizarse?, y c) Si bien la propuesta de los estándares no desconoce la diversidad cultural de Colombia, cuando se refiere a ella aparece asociada a términos de lo diferente, de lo otro, lo alternativo, de lo ETNO (etnocidio, étnicos, populares, ancestrales...), en ese sentido, Lo ETNO está dirigido a los “culturalmente diferentes” y la propuesta de los estándares estaría dirigida a la población normal? (la americana o la que aspira parecerse a la americana). Encuentro que la propuesta curricular se fundamenta en una concepción de ciencia occidental, con un locus de enunciación



y validación en Europa y Norte-América, dirigida a una sociedad que aspire a la homogeneidad, colocando a otras cosmovisiones sobre el mundo, la naturaleza y la misma ciencia, en un lugar invisible, subalterno o como puntos de partida que deben superarse (apagarse) a fin de aproximar a los ciudadanos al conocimiento científico “riguroso” y “legítimo”. Este trabajo invita-desafía a la reflexión sobre el hecho de que falta mucha periferia, transgresión, reflexión, negritud, África, saberes y conocimientos indígenas, clase social y diversidad a la propuesta de enseñanza de las ciencias naturales de Colombia.

PALAVRAS-CHAVE: CURRÍCULO. EPISTEMOLOGÍA DE LAS CIENCIAS NATURALES. ESTÁNDARES BÁSICOS DE COMPETENCIAS. FORMACIÓN PARA LA CIUDADANÍA.



ST 11 - DAS VIAGENS E
PAISAGENS DE UM MOSAICO EM
TRANSFORMAÇÃO: ANTROPOLOGIA,
FLORESTA E ARTES NA AMAZÔNIA
INDÍGENA

Rosângela Pereira de Tugny
Universidade Federal do Sul da Bahia


Ibã Huni Kuin e José Antoninho Maxakali são hoje herdeiros e guardiões dos cantos de seus pais Tuim Romão Sales (do povo Huni Kuin) e Toninho Maxakali (do Povo Tikmũ'ũn). Além de mantê-los vivos em suas vozes, fazem-nos circular na produção de desenhos e filmes, ofertando uma via de tradução de complexas cosmologias e narrativas, bem como imagens de regiões inacessíveis ao imaginário do mundo não-indígena. Estamos diante de universos bastante distintos entre povos da floresta amazônica (os Huni Kuin) e povos que vivem em saga há mais de três séculos (os Tikmũ'ũn, antigos senhores da Mata Atlântica). Diante destes repertórios de cantos, modalidades acústicas e emissões vocais diversas, propomos, nesta fronteira entre arte e xamanismo, apresentar e discutir o trabalho de pesquisa e de cuidado com os cantos recebidos dos seus pais, bem como os esforços tradutórios realizados por este dois artistas na sua relação com os conhecimentos tradicionais de seus povos.

PALAVRAS-CHAVE: CANTOS AMERÍNDIOS. TRADUÇÃO. ARTE.
XAMANISMO.

ARTES VERBAIS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA: EXPERIÊNCIAS DE AUTORIA E PARCERIA

Cláudia Neiva de Matos
Universidade Federal Fluminense

Pretendo discutir o lugar ocupado pelas práticas e estudos de linguagens poéticas na educação escolar indígena e na formação de seus professores. Uma primeira questão é a constituição do corpus textual para as leituras e reflexões desenvolvidas no quadro da educação indígena. Em primeiro plano, certamente, estão as próprias textualidades nativas, tanto as que provêm da cultura tradicional e da comunicação áudio-oral quanto as produzidas no âmbito da cultura escrita. Estas últimas ganharam recentemente corpo e variedade, correlatamente à expansão do letramento das populações nativas. Mas o corpus da educação indígena inclui também textos poéticos e literários da cultura geral do Brasil, representativos das diferentes dimensões etnoculturais que a compõem, do cancionário popular à literatura canônica. Uma segunda questão refere-se aos critérios e procedimentos pedagógicos aplicados às artes verbais na formação de professores e estudantes indígenas, incluindo a produção, publicação e uso de materiais de leitura. Finalmente, trata-se de pensar de que maneira e até que ponto as noções e práticas poéticas ou literárias podem servir à construção e afirmação da cultura indígena contemporânea. A trajetória desta reflexão principiou na minha participação como docente em dois projetos pioneiros da formação de professores indígenas no Brasil: o da Comissão Pró-índio do Acre (onde trabalhei de 1994 a 1998) e o do 3º grau indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso (em 2002 e 2003). Em ambos os programas minha função foi planejar e oferecer a cadeira de Literatura. Tais experiências docentes abriram outras vertentes de trabalho em parceria, notadamente a de tradução de cantos tradicionais. A elaboração das questões levantadas nessa trajetória foi apoiada por uma bibliografia crítico-teórica de caráter principalmente literário, antropológico e etnomusicológico. Minha proposta é repensar e atualizar o histórico das práticas criativas e pedagógicas vinculadas aos campos do poético e do literário no momento atual, quando a educação indígena diferenciada expandiu-se no Brasil e seus protagonistas nativos estão presentes na universidade e em outras instituições, públicas e privadas. No curso dessa expansão, também se veio produzindo e disponibilizando um acervo bibliográfico cada vez mais vasto, capaz de transmitir a palavra dos povos autóctones, seus conhecimentos, sua visão de



mundo, suas artes verbais. Todo esse processo contou também com a colaboração ativa de professores, pesquisadores e artistas não-indígenas. Assim, cabe pensar a presença e o papel das artes verbais na educação indígena contemporânea sob a perspectiva dos diálogos, trânsitos e ações interculturais. Nos anos 1990, a CPI-Ac denominou seu projeto pedagógico “uma experiência de autoria”. Para atores não indígenas que, como eu, tiveram a felicidade de participar desse processo, ele representou uma inestimável “experiência de parceria”. As noções de autoria e parceria parecem-me capazes de conduzir e suscitar ideias e propostas que, além de informarem o conhecimento e a divulgação das artes verbais dos povos autóctones na oralidade e na escrita, revitalizam, renovam e ampliam a compreensão da linguagem poética em geral, iluminando o papel que ela desempenha na aproximação e articulação entre diferentes culturas.

PALAVRAS-CHAVE: ARTES VERBAIS INDÍGENAS; EDUCAÇÃO INDÍGENA. POÉTICA E PEDAGOGIA. DIÁLOGOS INTERCULTURAIS.

AYAHUASCA E TERRITORIALIDADE ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO ALTO JURUÁ

Terri Valle de Aquino
Governo do Estado do Acre

Minha proposta é relatar e refletir sobre a experiência, como antropólogo, no processo de identificação e demarcação de algumas terras indígenas no Acre, no período de anos 1977 e 1996, pensando na importância dos ensinamentos do “nixi pae” (ayahuasca) na conquista desses territórios. O xamã Carlito Katayana e o líder Sueiro Sales Cerqueira, ambos do povo Kaxinawá, me conduziram no uso dessa bebida da floresta. As mirações e experiências espirituais dela decorrentes inspiraram e conduziram as ações e trabalhos que resultaram na demarcação das terras indígenas: Kaxinawá do Rio Jordão, Kaxinawá do Rio Humaitá, Kaxinawá e Ashaninka do Rio Breu, Yawanawa e katukina do Rio Gregório, Katukina do Rio Campinas, Puyanawa, Nukini do Rio Moa, Arara do Igarapé Humaitá, Jaminawa Arara do Rio Bajé, Jaminawa do Igarapé Preto, Katukina e Kaxinawá do rio Envira e Ashaninka do Rio Amônia. Quero refletir sobre o fato de que as experiências com a Ayahuasca foram mais significativas para minha formação como antropólogo do que as teorias aprendidas na academia.


PALAVRAS-CHAVE: ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA. AYAHUASCA. NIXI PAE. IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS.

BIO-GRAFIAS DA FLORESTA: METODOLOGIA TRANSDISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO DE LIVRO E WEBSITE MAXAKALI.

Cinara de Araújo

Universidade Federal do Sul da Bahia

Reflexão sobre processos metodológicos e inscrições dos saberes da Floresta na criação e realização coletiva do website “Biografias Maxakali”, parte integrante do Projeto-Āpũ yũmũyõg hãm mainã – “Vamos ensinar a cuidar de nossa terra”. (<http://livrosdafloresta.lettras.ufmg.br>). O projeto dos graduandos da etnia Maxakali, na Licenciatura da Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI/UFMG), 2008 a 2012, foi elaborado em ambiente transdisciplinar, no grupo de pesquisa Literaterras – leitura escrita, traduções(FALE/UFMG), construindo e redimensionando a metodologia dos Laboratórios Interculturais. Os Laboratórios Interculturais são formados por pesquisadores índios e não-índios, tendo como suporte um campo literário-imagético e cultural que (re)significa fortemente o espaço epistemológico e os caminhos socioambientais para “trazer a Floresta de volta”. Neste trabalho investigaremos, sobretudo, o método de inscrições biográficas (rastros) de sujeitos e da comunidade Maxakali na passagem e na sobreimpressão (Llansol) realizadas durante o processo de feitura do website. Apesar do trecho da Mata Atlântica nas terras indígenas habitadas estar muito desmatado e ter sua biodiversidade fortemente diminuída, os Maxakali possuem um profundo conhecimento ecológico (cantos, desenhos, inscrições gráficas) sobre a Mata Atlântica. Estes conhecimentos sobre a natureza e o universo da Floresta são parte da sua cosmologia e têm sido transmitidos oralmente de geração a geração. Nos rituais são cantados mamíferos, planícies, aves, insetos, plantas, répteis e peixes. Durante a realização do projeto, os Maxakali fizeram uma viagem ao Acre para (re) conhecer a Floresta Amazônica, em companhia dos Yawanawá. Tal encontro permite-nos pensar uma continuidade da Floresta, desde o mundo amazônico aos lugares atlânticos. E novamente, um espaço metodológico que afirma “paisagens e viagens” tão intensamente, reafirmando uma concretude da Floresta, tal como nos conhecimentos ancestrais. Inicialmente o objetivo do projeto era o de registrar estes conhecimentos (em livro e website), para “trazer a Floresta de volta” (em seu sentido físico, simbólico e ritual). Configurou-se como uma prática educadora ambientalista quando tomou como eixo “ensinar a cuidar de nossa terra”. (O imperativo é da etnia Maxakali, são eles que nos ensinam). Para os Maxakali,



a Floresta existe, ainda que saibamos que fisicamente o que resta dela é quase nada. Desse encontro entre os diversos “mundos” da floresta, nasceu o website, inscrevendo textos, viagens, vídeos, paisagens e desenhos da Floresta Ancestral, Ritual e Concreta.

PALAVRAS-CHAVE: LIVRO E WEBSITE DA FLORESTA.

LABORATÓRIOS. INTERCULTURAIS, METODOLOGIA

TRANSDISCIPLINAR.SOBREIMPRESSÕES BIOGRÁFICAS.

COMO O DEVIR PLANTA

Rafael Otávio Fares Ferreira

Universidade do Estado de Minas Gerais

A partir de livros como O LIVRO VIVO HUNI KUIN(2012) e o LIVRO DAS ÁRVORES(1997), respectivamente dos Huni Kuin (Acre e Peru) e dos Ticuna(Amazônia, Colômbia e Peru), o trabalho busca delinear uma poética das árvores. Como elas permeiam os devires, os rituais, enfim, as cosmovisões destes povos amazônicos que acabam tendo uma atitude, e aqui me refiro ao ponto de vista do não-indígena, extremamente respeitosa e, portanto, ecológica com o meio ambiente que eles convivem. Uma aproximação que reforça esta proposta de ler a textualidade indígena, parte da poética do poeta português Fernando Pessoa, quando este formula no prefácio do livro “Cancioneiro” seu conceito de paisagem. Conceituação que prevê diversas intersecções entre humanidades e paisagens ao afirmar que “que todo estado de alma é uma paisagem”. Estados de alma que se apresentam neste trabalho como vegetais. Uma pesquisa dos pontos de vistas, das perspectivas vegetais. Neste sentido, as ideias de Viveiros de Castro são parafraseadas para dizermos que dentro da expressão “eu como o outro” estão incluídas as plantas.

PALAVRAS-CHAVE: FLORESTA. DEVIR. PERSPECTIVISMO. HUNIKUIN. TICUNA. AMAZÔNIA.

DE SUCURIS E QUEIXADAS: TRANSFORMAÇÕES DOS MITOS PANO DE ORIGEM DA AYAHUASCA

Marcos de Almeida Matos
Universidade Federal do Acre

Dentre os mitos contados pelos povos indígenas Pano que atualmente habitam o estado do Acre-Brasil, um dos mais difundidos é sem dúvida aquele que conta sobre como os antigos adquiriram o conhecimento do preparo da ayahuasca. O enredo mais comum deste mito é bem conhecido: um homem abandona sua mulher e seus filhos e vai viver com uma mulher-sucuri, indo morar junto a seus sogros em um mundo submerso. Lá ele aprende como preparar a ayahuasca, conhecimento que leva consigo quando deixa de morar no fundo das águas e volta para a sua antiga família. Este mito, escrito desde pelo menos 1914 (quando teve uma de suas transformações registrada por Capistrano de Abreu), é, talvez, o que tenha sido mais contado pelos narradores indígenas aos antropólogos, indigenistas e missionários no Acre. O capítulo parte da diversidade de versões escritas deste mito, para, a partir da comparação com outros mitos registrados na Amazônia Ocidental e da discussão sobre a literatura etnológica da região, propor uma chave de compreensão desta narrativa, ligando-a à história da expansão do extrativismo gomífero na região do alto dos rios Juruá e Purus.

PALAVRAS-CHAVE: AYAHUASCA. MITO. TRANSFORMAÇÃO.
HISTÓRIA. POLÍTICA.

Maria Inês de almeida

Universidade Federal de Minas Gerais

O trabalho dos educadores socioambientais indígenas (professores, agentes de saúde, de saneamento e agroflorestais) constitui hoje um dos campos mais férteis de pesquisas e ensino transdisciplinares. Minha comunicação proporá o debate sobre o possível papel emblemático que a educação indígena, de modo geral, e a escola da aldeia, de modo particular, poderá exercer no horizonte de uma significativa melhoria da qualidade do ensino escolar na Amazônia, em todos os níveis. Sobretudo para a Universidade Federal do Acre, um programa de extensão, ensino e pesquisa, que tenha como meta apoiar as iniciativas de formação dos educadores indígenas, traria uma oportunidade ímpar de desenvolvimento científico. Como? Esta seria a pergunta a ser lançada para um debate a partir da comunicação proposta. Como pesquisadora do AFLORA, pretendo colocar em questão a aliança que o grupo almeja entre as áreas do conhecimento de forma genérica designadas como antropologia, floresta e artes. De modo, que esta comunicação se colocaria como uma oportunidade de amarrar um feixe no simpósio que levaria a futuras novas ações de apoio aos povos indígenas e às pesquisas universitárias.

PALAVRAS-CHAVE: TRANSDISCIPLINARIDADE. EDUCAÇÃO INDÍGENA.

EDUCAÇÃO INDÍGENA DIFERENCIADA EM GUAJARÁ-MIRIM

Albert Silveira de Azevedo
Universidade Federal de Rondônia

O objetivo deste estudo foi distinguir as etapas essenciais para elaboração do projeto de pesquisa para o Simpósio e posterior conclusão do curso de letras. O assunto destaca a importância da valorização educacional indígena. Promover uma discussão acerca da valorização das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica; fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna em cada comunidade indígena, formulação e manutenção de programas de formação de pessoas especializadas, destinadas a educação escolar nas comunidades indígenas. Mostrar a educação, apontar as dificuldades escolares indígena do Laje Novo e da cidade de Guajará Mirim município de Rondônia. A metodologia utilizada foi analisar através de pesquisas e dados coletados a questão da educação existente entre os mais novos e os mais velhos no meio social em que vivem. Trazer o grupo para uma reflexão sobre o “diferente” e o “igual”. Levantar questionamentos comportamentais pertinentes à educação indígena. Mostrar como os povos indígenas estudam, aprendem e como repassam a sua língua materna, e as demais matérias.

PALAVRAS-CHAVE: SIMPÓSIO. LÍNGUA MATERNA. EDUCAÇÃO INDÍGENA.

EXPOSIÇÃO DE CABEÇAS E FORMAÇÃO DAS ROTAS INDÍGENAS NO RIO TAPAJÓS - AMAZÔNIA

Daniel Belik

Universidade Federal do Acre

Essa comunicação versará sobre as relações de troca desenvolvidas pelos índios Munduruku do Alto Tapajós tendo por base a produção e adorno das cabeças-mumificadas. Cabeças-mumificadas dos índios Munduruku podem ser encontradas em diversos museus no Brasil e ao redor do mundo. Os principais países que guardam tais objetos de arte são Portugal, França, Espanha, Inglaterra, Itália, Alemanha, Rússia, Suécia e Suíça devido aos inúmeros viajantes que tiveram contato com esses índios durante os séculos XIX e XX. As cabeças-troféu passaram a ser trocadas devido ao florescente comércio que se desenvolveu após o contato mas ao mesmo tempo fomentaram um imaginário dos índios Munduruku como guerreiros implacáveis e impiedosos. De fato, as cabeças-mumificadas e os adornos de penas estavam implicados em um intrincado ritual que era capaz de reunir diversas aldeias espalhadas por uma vasta área. Esses diversos grupos, apesar de serem chamados todos de Munduruku possuíam seus próprios nomes locais (associados aos igarapés onde moravam) e suas especialidades de materiais usados. O ritual deixava transparecer uma hierarquia entre os participantes que assumiam posições especiais na estrutura. Ao mesmo tempo, tal grau de integração entre aldeias permitia que caminhos e rotas se desenvolvessem para além do tronco central do rio Tapajós, favorecendo o encontro com grupos indígenas vizinhos. Ao mesmo tempo, então que os Europeus estavam em busca de objetos colecionáveis do rio Tapajós eles tinham contato com inúmeros grupos indígenas distintos que indicavam novas rotas de colonização e exploração da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: RITUAL. ARTE INDÍGENA. ROTAS. COLONIZAÇÃO.

ÊXTASE RELIGIOSO EM CONTEXTO DE UMA RELIGIÃO USUÁRIA DE AYAHUASCA

Wladimyr Sena Araújo
Prefeitura Municipal de Rio Branco

O objetivo deste trabalho será de o de realizar uma discussão sobre as formas de êxtase no Centro Espírita Luz, Amor e Caridade. Este espaço religioso foi fundado em 1967 pelo casal Juarez e Maria Rosa na margem esquerda do rio Acre, na zona rural de Rio Branco, a capital acreana. Os mesmos foram médiuns de Daniel Pereira de Mattos que criou a capelinha de São Francisco, conhecida oficialmente como Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. Os praticantes do Centro Espírita instituído por Juarez e esposa utilizam o Daime (ayahuasca) em seus trabalhos espirituais. Pretendemos, neste contexto, apresentar a miração, irradiação e incorporação como componentes de um sistema extático que conjuga elementos simbólicos de práticas culturais afrobrasileira, indígena e européia no âmbito do contexto cosmológico e ritualístico desta religião. Será inevitável no âmbito deste debate uma discussão acerca de sincretismo religioso e como este é interpretado pelos seus adeptos.

PALAVRAS-CHAVE: AYAHUASCA. ÊXTASE. SINCRETISMO.

Marcia Maria Spyer de Resende
Universidade Federal de Minas Gerais

Apresentação e reflexão sobre a experiência de criação da cartografia indígena no Acre, abrangendo cerca de nove povos. A consolidação de um diálogo entre as diversas cartografias e geografias, as “tradicionais” e as “científicas”. As lideranças indígenas trabalharam para a demarcação dos territórios. Os professores indígenas, os agentes agroflorestais, trabalham para a escrita desses territórios. A elaboração e a edição dos livros “Geografia Indígena”, “Atlas Geográfico do Acre”, “Geografia Kaxinawá”, “Geografia Manchineri”, dentre outros, feitos com a Comissão Pro-Índio do Acre, constituiu um campo de pesquisas e aprendizado intercultural que serviu de base para os posteriores etnozoneamentos e planos de gestão territoriais e ambientais das terras indígenas do Acre. Esta comunicação, além de relatar tais experiências científicas ocorridas nos últimos vinte e sete anos, pretende trazer ao simpósio uma discussão sobre o papel da arte como eixo transdisciplinar que reúne a geografia, a história, a economia, a etnografia, a filosofia, quando se trata das textualidades indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: CARTOGRAFIA INDÍGENA.

INTERCULTURALIDADE. TERRITORIALIDADES. TEXTUALIDADES.

HISTÓRIA, NATUREZA E ETNOGRAFIA INDÍGENA NOS RELATOS DE TASTEVIN, PARRISIER

Larissa Oliveira dos Santos
Universidade Federal do Acre

Maria Ariádina Cidade Almeida
Universidade Federal do Acre

Os missionários espíritanos Tastevin e Parrisier que estiveram no Alto Juruá entre 1897 e as primeiras décadas do século XX deixaram importantes relatos sobre natureza, cultura e populações humanas. Escrito em forma de diário, estes textos apresentam o vale do Juruá sob a ótica de dois missionários que refletem a visão eurocêntrica da época sobre natureza e cultura, mas também evidenciam aspectos de um momento de intensa atividade e exploração da goma elástica. A abertura dos seringais, a “pacificação” dos indígenas por meio das correrias, e as redes de mandonismo criadas em torno do barracão são assuntos testemunhados pelos dois missionários. Com base nestes relatos, que se constituem em ricos registros etnográficos sobre a região, este trabalho visa apresentar como as concepções de homem, cultura e natureza estão inter-relacionadas, ao mesmo tempo em que busca explorar as informações sobre as populações pano e as conexões existentes entre indígenas e não indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA. ETNOGRAFIA. ALTO JURUÁ.

**LIVROS E FILMES: O CUIDADO E A CURA DA TERRA E DA VIDA NO
“TEMPO DA CULTURA”**

Mara Vanessa Fonseca Dutra
Universidade Federal da Bahia

Discutir os processos de criação de livros e filmes feitos por pessoas e comunidades indígenas, com a força de uma poética nascida de uma cosmovisão em que tudo está interligado: bichos, plantas, floresta, canto, desenho. O livro como um objeto em si, para além das palavras e histórias, para além da narrativa, sendo sua realização uma viagem repleta de intertextualidades, de misturas de linguagens, de um grande prazer em fazer o objeto, em criar a forma. E os filmes como uma consequência quase que natural de mundos nos quais a imagem tem um poder diferente daquele que nos sufoca em nosso cotidiano sobrecarregado de estímulos visuais. A centralidade dos processos constantes e intermináveis de cura como o grande objeto (e ao mesmo tempo, sujeito) das narrativas indígenas, cura das pessoas, cura da paisagem, cura das relações, cura do planeta. Filmes e livros que traduzem uma filosofia xamânica e criam um espaço de diálogo intercultural, espaços de criação envolvendo indígenas e não indígenas, de forma colaborativa e respeitosa, demonstrando a possibilidade da transdisciplinaridade em uma terceira margem, aonde a escuta é a chave para se navegar. A palavra, o risco, a letra, o pensamento dos artistas e sábios indígenas, pedem para ser ouvidos com uma escuta atenta e delicada, vistos com olhos preparados para enxergar além do visível. A relação das escolas indígenas com os livros e filmes produzidos nesse “tempo da cultura”. Foco nos filmes de Zezinho Yube Huni Kuin e nas publicações dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) dos povos indígenas editados pela Comissão Pró-Índio do Acre, pela AMAAIAC e outras organizações indígenas da região.

PALAVRAS-CHAVE: INTERCULTURALIDADE. CURA. ESCOLAS INDÍGENAS PLANOS DE VIDA. CINEMA INDÍGENA.

MÁS ALLÁ DEL PASAJE VISIBLE. APRENDIZAJE E INTERACCIONES DE LOS CANTOS CABÉCAR DEL BULU SIKÉ (COSTA RICA).

Alice Lamounier Ferreira

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales

El bulu siké o bul es un tipo de canto del pueblo cabécar evocado durante las fiestas tradicionales, que se caracteriza por estar en lenguaje ritual y ser indisoluble a un baile. La mayoría de los cantos de ese repertorio están relacionados a la creación del lugar donde viven los cabécares (el mundo actual), y más precisamente a la celebración de su “inauguración”. En ese momento, Sibö (héroe creador), responsable por esa creación, invita a todos que le ayudaran a crear y cantar sus propios temas de bulu siké. Esta ponencia se propone reflexionar sobre un canto bulu siké en particular, el canto de la Tierra, y su proceso de aprendizaje, como construcción de un saber especializado sobre el origen y conformación del mundo actual. La palabra ritual permite al especialista establecer caminos distintos de interacción con el otro mundo y sus habitantes. En el caso de las palabras rituales del bulu siké, se pretende dilucidar cuáles son los caminos y las interacciones establecidas a partir del canto de la Tierra. La forma y el contenido del canto, las relaciones entre este y las historias de orígenes, además de aspectos etnográficos, conforman elementos fundamentales en el análisis desarrollado.


PALAVRAS-CHAVE: APRENDIZAJE. CABÉCAR. CANTOS HISTORIAS DE ORÍGENES; COSTA RICA.

MITOLOGIA CINTA-LARGA: O SABER NAS RELAÇÕES ENTRE ANIMAL HUMANO E SERES NÃO HUMANOS

Heloisa Helena Siqueira Correia
Universidade Estadual de Campinas

Márcio Moreira Costa
**Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Rondônia**

Em contexto de crise da antropologia e da virada animal surge uma abertura, nunca antes vista, para a descentralização do antropos na cultura ocidental. As intensas preocupações com o meio-ambiente terrestre, em especial a Amazônia, potencializam o deslocamento do foco das pesquisas em âmbito antropológico, literário, ético e biológico. Já não se trata de pensar hierarquicamente no homem como único ser vivo que deve ter sua vida respeitada, sob pena de contemplarmos a morte do planeta. Entre os muitos modos de desconstrução do humanismo (de sua versão violenta) encontra-se, de um lado, a crítica às ações humanas sistemáticas de destruição do planeta dirigidas pela razão instrumental e de outro a emersão da natureza de acordo com uma concepção que percebe continuidades entre o natural e o cultural. Para tanto, concorrem pesquisas e saberes antropológicos, filosófico-éticos, literários e biológicos, entre outros. Essa diversidade de saberes pode estar operando no interior do campo denominado Ecocrítica, em que se incluem também os Estudos Animais. Levando em consideração que o modo ocidental de relacionamento com os seres vivos não é exclusivo, antes é antípoda dos modos adotados pelos povos originários, objetiva-se investigar determinada hipótese, segundo a qual a cosmologia dos povos amazônicos oferece alternativas de perspectivas para as relações entre os seres vivos, humanos ou não, relações não instrumentais ou ocidentais. Isto colocado conquista-se um passo na direção da partilha democrática do planeta por todos os seres, questão urgente em nosso século. Nesse sentido, objetiva-se estudar a mitologia Cinta Larga, mais precisamente como se encontra expressa em Histórias da maloca antigamente, por Pichuvy Cinta Larga, focando principalmente as relações entre os seres humanos e não humanos, possuidoras de processos de conhecimento diferentes do padrão ocidental de pensamento. Depositárias de saberes milenares, as mitologias, cujas narrativas (contadas oralmente) são hoje escritas pelos povos indígenas podem oferecer novos olhares sobre os modos das relações entre seres animais, vegetais, minerais e humanos. O objetivo desta pesquisa é justamente identificar e analisar tais olhares na



mitologia que se lê em *Historias da maloca antigamente*, qualificando-os como sábios e resistentes ao processo de devastação do planeta e alavancadores de novas posições éticas e políticas da intersecção de natureza e cultura. Entre os autores com que se dialoga encontram-se Maria Ester Maciel, Dominique Lestel, Eduardo Viveiros de Castro e Philippe Descola e João Dal Poz Neto.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. CINTA-LARGA. MITOLOGIA. ANIMAIS. HISTORIAS DA MALOCA ANTIGAMENTE.

MULTILOCALIDADE NA ALTA AMAZÔNIA: PAISAGENS HÍBRIDAS, CIDADES NÔMADES

Gisela de Andrade Brugnara
Universidade de São Paulo

A multilocalidade caracteriza-se por uma rede estabelecida por certos grupos populacionais entre cidade e floresta. É um padrão observado de comportamento social que institui um padrão de ocupação na Alta Amazônia contemporânea. Estando ora na cidade, ora na floresta, e sendo ambos espaços concretos de um cotidiano que se reveste de atividades e relações ora urbanas, ora rurais, a multilocalidade acaba por estabelecer circuitos que dilatam as territorialidades antes circunscritas aos lugares isoladamente, advindos de longos percursos permeados por pausas. Ela é criadora de cidades nômades, um espaço líquido pouco denso gerado pelo percurso, que permite e favorece a troca e a reinvenção de modos de viver. Nesse padrão movediço, as pausas características formam uma rede de multilugares: as conexões da multilocalidade. Estas, especialmente quando nas franjas das cidades, favorecem a definição de territórios interculturais como extensões não contínuas de territorialidades imbricadas, desenhando uma paisagem híbrida, diversa e animada, e introduzindo assim, aqui e acolá, manchas de diferenciação na paisagem homogênea que tenta se estabelecer para sempre seja na cidade, seja na conversão da floresta em campo bidimensional. São lugares balizadores da paisagem. Lugares de resistência e expansão cultural. Marcos. Bandeiras fincadas. Neles, cotidianamente, a força do lugar evidencia-se como uma racionalidade paralela que afronta a ordem universal pela existência de um sentido próprio e comum, construindo as vias futuras de seu destino. São contra-racionalidades. Objetiva-se a identificação e mapeamento de alguns lugares em tais condições de fronteira entre cidade e floresta formando redes locais e extra-locais, que não apenas representam mas promovem a diversidade cultural e epistemológica na Amazônia. São lugares onde, cada qual a seu modo, a ciência da floresta está presente e colabora na investigação de novas respostas formais da cidade ao novo padrão de multilocalidade.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. ESPAÇO. CULTURA.
MULTILOCALIDADE. CIDADES.

O PROPÓSITO DO MAL NOS MITOS INDÍGENAS E NA OBRA DE GEORGES BATAILLE

Rafaella Dias Fernandez
Universidade Federal do Pará

O livro *Moqueca de maridos* – mitos eróticos indígenas, da antropóloga Betty Mindlin, publicado em 1997, narra os mitos de seis comunidades que habitam nas áreas de Rio Branco e Guaporé, em Rondônia. As narrativas surpreendem por abordar temas como violência, vingança, perversões sexuais e mutilações. A leitura do imaginário indígena possibilita o diálogo com a novela *História do olho*, de Georges Bataille, publicado em 1928. Nas duas narrações há a presença do mal, seja por vingança, como no caso dos mitos, seja por prazer, como vemos na novela batailliana. A leitura de ambas nos propõe um mundo onde os personagens agem conforme seus desejos e impulsos. Tentaremos, ao longo deste trabalho, ressaltar os momentos em que essas narrativas convergem e divergem, pois após uma leitura investigativa, percebemos que há algumas semelhanças, mas também há diferenças consideráveis, principalmente quando nos perguntamos de que forma se descortina uma ética do mal em *Moqueca de maridos* e em *História do olho*. Assim, o objetivo deste artigo é incitar o diálogo entre dois mundos tão distantes, ressaltando algumas convergências e divergências entre eles, principalmente pensando na presença de uma ética do mal em ambas as obras.

PALAVRAS-CHAVE: MITOS. MAL. VINGANÇA. PRAZER.

Os BORA E OS WITOTO DOS DISTRITOS DOS RIOS IÇÁ-JAPURÁ AOS OLHOS DE UM VIAJANTE BRITÂNICO

Helio Rodrigues da Rocha
Universidade Federal de Rondônia

Nesta comunicação buscar-se-á demonstrar algumas representações antropológicas dos Bora e dos Witoto, povos indígenas dos distritos dos rios Içá-Japurá, no Amazonas, elaboradas por Thomas Whiffen (1878-1922) em *The north-west Amazons: notes of some months spent among cannibal tribes*, relato publicado em Londres no ano de 1915. Traduzidas diretamente do texto-fonte para o português do Brasil, esses retratos e construções discursivas sobre essas tribos do noroeste amazônico nos permitem saber tanto como viviam esses povos ditos ‘primitivos’ no início do século XX, como nos possibilitam algumas reflexões sobre a situação política, social, cultural e identitária na contemporaneidade. Utilizam-se alguns recortes traduzidos do relato de Whiffen e algumas concepções teórico-críticas de cultura(s) (SAHLINS, 2004), WILLIAMS, 2011), EAGLETON, 2005), discurso e poder (FOUCAULT, 2002, 2009), entre outros estudiosos. Demonstra-se, portanto, as culturas Bora e Witoto como ‘formas de vida relativas e históricas’ (SAHLINS) sendo alteradas e reflete-se sobre a trajetória política, social, cultural e identitária desses povos ameríndios.

PALAVRAS-CHAVE: NOROESTE AMAZÔNICO. REPRESENTAÇÕES CULTURAIS INDÍGENAS. BORA. WITOTO.

Fernando Alves da Silva Júnior
Universidade Federal do Pará

Compreendendo que na Amazônia existe um protagonismo não-ocidental de elaboração poética, este trabalho objetiva expor um trajeto de pesquisa com textos de complexos culturais ameríndios para pensar a criação, o xamanismo e a tradução. Como considera Adauto Novaes em *A Outra margem do ocidente* há uma parte do mundo que se situa à margem do Ocidente, a qual Eduardo Lourenço em *A morte de Colombo* tratará como um Ocidente a ocidente do Ocidente, a qual chamamos América, a qual chamamos Brasil, a qual poderíamos chamar de outro Brasil, justamente porque habitam outros brasileiros, comumente chamados de selvagens, quase sempre chamados de indígenas e sempre chamados de índios. São os povos da floresta, ou os não-ocidentais, que elaboram um pensamento radicalmente oposto ao daqueles que aqui aportaram. Não-ocidentais como Davi Kopenawa que poeticamente apreende o mundo, e sua relação com os brancos, em *A Queda do Céu* e nos dá uma noção outra de formação do pensamento. A fundamentação teórica desta proposta agencia os trabalhos de Viveiros de Castro com o perspectivismo ameríndio à fenomenologia do ver de Didi-Huberman. O objeto de estudo é a obra *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa. Os xapiri, como exemplo desse não-humano, aparecem no sonho, olham e se interessam pelo sonhador. Quando os espíritos olham a pessoa, quando os espíritos se interessam por alguém, diz Kopenawa, ela passa a se comportar como fantasma, ela entra em estado de fantasma e começa a sonhar. Somente sob o efeito do alucinógeno, neste caso a yãkoana, é possível entrar em estado de fantasma e sonhar, isso porque a força do alucinógeno yãkoana faz morrer (nomaï). O xamã é aquele que morreu ou que adoeceu profundamente e conseguiu se curar. Não por menos o efeito do alucinógeno cria essa sensação de morte, a possibilidade de enxergar o outro lado está nessa experiência limiar. São as palavras dos espíritos xapiri que aumentam o pensamento daquele que sonha, é seu estudo, por isso, afirma Kopenawa, aquele que não sabe beber o sopro dos espíritos não conseguem pensar, se não é olhado pelos xapiri, não sonham, não pensam, apenas dormem como machados largados no chão. Como diz Viveiros de Castro em *A floresta de cristal*, xamã e filósofo assemelham-se na medida em que todo sujeito que raciocina tem um pouco de filósofo assim como quem sonha tem um pouco de xamã. Aquele é amigo do conceito, este é amigo da imagem. Deste modo, sobre as imagens dos xapiri, imagens que nos olham antes para que possamos vê-las, Viveiros de Castro dirá

que são imagens ativas, imagens que nos interpretam para poderem ser interpretadas. Algo na mesma esteira de Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha*. A proposta de Didi-Huberman com esta via de duplo acesso da imagem é flertar com o conceito de dialética da obra de arte e fundar uma fenomenologia do ver que revela, resumidamente, em perceber que o que vemos é radicalmente distinto do que nos olha. Distante de uma síntese, tal proposta direciona a imagem a nos questionar na mesma proporção em que é questionada, a imagem antes nos questiona. Viveiros de Castro em *A inconstância da alma selvagem* assegura que uma das questões indígenas sobre o mundo é que antes tudo era humano, ou melhor, animal e humano não se diferenciavam, mas algo aconteceu e alguns permaneceram animais fazendo com que o fundo comum entre a humanidade e a animalidade seja o humano, ou seja, isso permite que a posição de sujeito seja ocupada por outros seres, os não-humanos (espíritos/animais). O xamã é aquela figura capaz de comunicar os dois lados. Modos distintos de apreender o mundo, linguagem diferenciada compreendida por quem atravessa os lados, cujo único modo viável de traduzir o outro é tornando-o legível por meio das “palavras torcidas”, conforme anota Carneiro da Cunha em *Cultura com asas*. Essa “palavra torcida” é o modo de apreensão poética possível para dar conta deste outro espaço. É nesse viés que pretendemos alinhar poesia, tradução e xamanismo nesta margem outra do Ocidente.

PALAVRAS-CHAVE: POESIA .TRADUÇÃO. XAMANISMO. NÃO-OCIDENTAIS.

**POVOS NATIVOS, LUGARES, MEMÓRIAS E IDENTIDADE: AS IMAGENS NAS
NARRATIVAS RESISTENTES DOS WARI**

Auxiliadora dos Santos Pinto
Universidade Federal de Rondônia

Márcia Dias dos Santos
Universidade Federal de Rondônia

As construções de imagens que o indivíduo tem de si perpassam pela forma que este ouve o mundo, compreende e o reproduz. Para os povos indígenas, as histórias são constituídas de textualidades que traduzem forma de pensar o mundo. Este trabalho propõe investigar, junto aos Wari em Rondônia, comunidade Ribeirão, falantes da língua Tchapacura/xapacura, as narrativas permanentes nas memórias da comunidade, considerando o “des”locamento físico e geográfico que provocou nocivos descolamentos culturais destes povos. Os objetivos específicos da proposta apresentada intencionam investigar as narrativas remanescentes; o lugar do contador de histórias na comunidade; a noção de lugar, construção de identidade e imagem de si nas narrativas. A metodologia utilizada será a da história oral, subsidiada por ALBERTI (2005) HALBWACHS (2003) BOSI (1999). Para as discussões sobre as narrativas de tradição oral, teremos como aportes teóricos MUNDURUKU (2014), QUEIROZ E ALMEIDA (2004), e CASCUDO (1984); também para sustentar as discussões apresentadas, teremos SPIVAK (2003) que dialoga com a voz do sujeito e seus saberes em territórios coloniais. A pesquisa apresentada será uma contribuição para que as vozes culturais, sociais e identitárias que compõem as narrativas indígenas no espaço pós-colonial não sejam anuladas ou renegadas pelos discursos estereotipados construído pela cultura hegemônica ocidental.

**PALAVRAS-CHAVE: VOZES INDÍGENAS. NARRATIVAS. IMAGEM.
LUGAR DE MEMÓRIA.**

RELATOS DE VIAGENS NO SUDOESTE AMAZÔNICO E O PROTAGONISMO INDÍGENA

Cliverson Pessoa

Secretaria Municipal de Obras Públicas-Acre

Esta comunicação propõe uma abordagem do protagonismo indígena no momento da expansão colonial na região Madeira-Purus. A tentativa de modernização vinculada a um projeto econômico no sudoeste amazônico se materializou na construção de 366 km de ferrovia da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, e se estende para a questão do Acre. Três viajantes de diferentes nacionalidades participaram ativamente desse projeto colonial, sendo dois engenheiros, o alemão Franz Keller e o norte-americano George Church, e o coronel e seringalista maranhense Antonio Labre. A despeito de suas importantes contribuições para compreensão da geografia, fauna e flora, para fins comerciais, ressalta-se que esses viajantes descreveram uma terra emblemática entre os rios Madeira e Purus, povoada por povos falantes de línguas diferentes que configura uma região multilinguística. A geografia é descrita com importantes modificações nas paisagens que convergem com as evidências materiais encontradas em sítios arqueológicos tipo geoglifos, localizados nos Estados do Acre e Rondônia. A finalidade da análise historiográfica produzida para o século XIX possibilita a construção de um quadro histórico indígena, em que os índios são vistos como os protagonistas de uma ampla rede de relações culturais.

PALAVRAS-CHAVE: HISTORIOGRAFIA. MADEIRA-PURUS. RELAÇÕES CULTURAIS.

Mariana Ciavatta Pantoja Franco
Universidade Federal do Acre

Este trabalho se localiza na interface entre saberes científicos e saberes ditos tradicionais, mais especificamente de povos indígenas, e parte de uma experiência acadêmica: o desenvolvimento da disciplina “Ambiência” no Curso de Licenciatura Indígena (CLI) da UFAC, entre 2017 e 2018. Nesta oportunidade, as ideias do antropólogo Tim Ingold sobre o conceito de “ambiente” nortearam, mesmo que implicitamente, a forma como o tema foi apresentado e desenvolvido com os alunos, todos professores indígenas das etnias Huni Kuin, Nukini, Nawa, Apolima Arara, Shanenawa e... Foi, por um lado, surpreendente certas sobreposições conceituais que surgiram nos debates, textos e desenhos produzidos em sala, levando a sensação de estar na presença de um conceito científico com ressonância na realidade de vida das pessoas ali presentes. A descrição de ambientes ou paisagens, por exemplo, trazia a perspectiva da agência local e das transformações no tempo, além de conhecimentos associados ao engajamento em atividades do dia a dia. Diferenças apareceram, contudo, na discussão sobre a ideia de “natureza”. E, principalmente, chamou atenção as formas como os alunos apropriavam-se de conceitos e formulações discutidas naquele contexto (universitário) de interação com a sociedade “branca” e acadêmica. Nestes momentos a ressonância acima referida parecia um tanto quanto artificial, ou forçada. Assim, pretende-se, nesta apresentação, além de descrever brevemente os principais aspectos dessa experiência no CLI, focando na descrição e recriação de paisagens de vida/existenciais pelos alunos, discutir algumas indagações que ficaram da experiência relativas à possibilidade de uma relação de conhecimento mais simetrizada.

PALAVRAS-CHAVE: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS. CIÊNCIA. AMBIENTE. PAISAGENS. CULTURA.

**TRAMAS DE SABERES E TRADIÇÃO:UM ESTUDO SOBRE MEMÓRIA E
IDENTIDADE EM CONTOS INDÍGENAS**

Lilian Castelo Branco de Lima

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

De acordo com Lima (2012, p. 42): “Pensar literatura indígena é indiscutivelmente perceber que se está diante de um caleidoscópio que incita visões diversas e por muitos ângulos”, pois ela se apresenta “[...] como uma importante marca identitária da nação brasileira, que desenha, em um cenário metafórico, os valores tradicionais de um povo”. E exatamente no campo das diferenças culturais entre as comunidades indígenas e as não-indígenas, que centraremos a discussão sobre literatura indígena, partindo da premissa de que as narrativas dessas comunidades não seguem o modelo ocidental do fazer literário, contudo não deixam de carregar consigo o poder do saber de um povo que se expressa com a criatividade das artes de fazer (CERTEAU, 1995). Sendo que este trabalho se estrutura com vistas a responder a seguinte problemática: Que marcas identitárias dos saberes tradicionais indígenas são percebidas em contos de três etnias? E para responder esse questionamento se desenvolveu uma pesquisa bibliográfica, colocando em diálogo a literatura e os estudos antropológicos. Sendo que no desenvolvimento desse estudos pudemos constatar que as narrativas indígenas com características de contos literários, e que denominamos como contos indígenas, com base nos estudos de Daniel Munduruku (2005), apresentam elementos importantes para se refletir e discutir sobre a memória e a identidade, considerando a rica herança étnico cultural dos saberes dos povos originários para a nação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE. LITERATURA INDÍGENA. MEMÓRIA. SABERES TRADICIONAIS.

Camila Bylaardt Volker
Universidade Federal do Acre

A intenção dessa comunicação é tentar cercar os problemas sobre a exposição da Amazônia como paisagem que atravessa a escritura de Euclides da Cunha (1866-1909) e de Constant Tastevin (1880-?1963). Nosso objeto de análise estará restrito aos textos que Euclides da Cunha escreveu sobre a Amazônia, publicados principalmente em *Contrastes e Confrontos* (1906) e *À Margem da História* (1909). No caso de Constant Tastevin, ficaremos restritos aos textos publicados sobre as viagens que o missionário fez para aldeias e povoados que atualmente se encontram no estado do Acre. Como referencial teórico, utilizaremos os conceitos de paisagem e *ex-peau-sition*, ou exposição, tal como foram analisados por Jean-Luc Nancy em *Au fond des images* (2003) e em *Arquívoda* (2014). A abordagem do teórico francês nos permitirá pensar na transformação da paisagem amazônica experimentada por Euclides da Cunha e Constant Tastevin através do deslocamento e do contato, ainda que exista em ambos autores uma intenção de mapeamento do espaço. Refletiremos, portanto, sobre os problemas engendrados pela tentativa de definição da paisagem, o que desvela os conceitos e os preconceitos de quem escreve; assim, poderemos estabelecer perspectivas de observação que possam fazer emergir a ficção dos autores sobre a floresta. Apesar dos recortes que faremos nas obras dos autores aqui em questão, não queremos perder de vista a Amazônia como uma paisagem, apontando sempre para uma amplitude inapreensível. As molduras se abrem, tentam se encerrar, sem perder o seu caráter irrevogavelmente quebrado, incompleto. A Amazônia aparece como essa fronteira a se estabelecer, esse marco a se fixar; mesmo que se tenha a ilusão de um marco fixado, não se pode esquecer que ele poderá ser destruído em uma próxima enchente.


PALAVRAS-CHAVE: EUCLIDES DA CUNHA. CONSTANT TASTEVIN. AMAZÔNIA. PAISAGEM.

VARIAÇÕES EM TORNO DA CABEÇA DECEPADADA: DOS CAXINAUÁS À POESIA CONTEMPORÂNEA

Izabela Guimarães Guerra Leal
Universidade Federal do Pará

Entre os Caxinauás, as narrativas que giram em torno da cabeça decepada assumem aspectos inesperados, tal como ocorre no mito da criação da lua transcrito por Capistrano de Abreu. As três narrativas em torno da lua, presentes no livro *A língua dos caxinauás do rio Ibaçu* afluente do Muru, apontam para a metamorfose da cabeça em lua, ressaltando não a ideia da morte, e sim da transformação. De acordo com Eliane Robert Moraes, no livro *O corpo impossível*, o tema da cabeça decapitada, na cultura ocidental, aparece nas artes a partir do final do século XVIII. A poesia moderna e contemporânea está repleta de imagens de decapitados, e a própria narrativa da lua dos Caxinauás foi incluída num livro de traduções do poeta português Herberto Helder. Essa imagem dos decapitados, em certa medida, aponta para a figura do poeta como aquele que, juntamente com a cabeça, perdeu o sentido da língua, livrando-se dos constrangimentos impostos pelas convenções sintáticas. Desse modo, podemos notar uma ressonância entre a poesia contemporânea e as narrativas indígenas, na medida em que a decapitação não deve ser entendida como falta, mas como abertura de possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVAS INDÍGENAS. POESIA CONTEMPORÂNEA. METAMORFOSE. DECAPITAÇÃO.



ST 12 - DIÁLOGOS SOBRE SAÚDE,
DOENÇAS, SABERES MÉDICOS E
OUTRAS ARTES DE CURAR NAS
AMÉRICAS E AMAZÔNIAS

DIALOGOS OFICIAIS EM SAÚDE POR MEIO DO SUBSISTEMA DE SAÚDE INDÍGENA

Alcilene Oliveira Alves

Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz

A discussão visa destacar o contexto em saúde a partir da criação da “Lei Arouca”, Lei nº 9836/99, instituído a partir de 1999 com a implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas, resultantes das reivindicações dos povos indígenas. Essa lei complementa a Lei orgânica do Sistema Único de Saúde (Lei 8.080, de 1990), instituindo o subsistema de saúde indígena, na forma de 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas, bem como a participação dos povos indígenas nas instâncias decisórias, como o controle social. A perspectiva traçada pelo modelo de organização dos distritos sugere que seja valorizado o respeito ao conhecimento e aos aprendizados tradicionais indígenas, relacionados à saúde e à doença, nesse sentido, envolvendo a medicina tradicional e a biomedicina. Objetiva refletir sobre os serviços de saúde e participação de indígenas, considerando a interpretação da relação saúde-doença a partir discussão de interculturalidade e intermedicalidade. O estudo baseia-se na metodologia da pesquisa social e qualitativa enfocando o diálogo com as diferentes abordagens e concepções de interculturalidade em saúde, presentes na legislação.

PALAVRAS-CHAVE: SUBSISTEMA. SAÚDE INDÍGENA.

**INTERCULTURALIDADE. MEDICINA TRADICIONAL. DISTRITO
SANITÁRIO.**

DSOPPINEJE: SISTEMA DE SAÚDE MADIJA (KULINA) E O USO DE SUBSTÂNCIAS SAGRADAS

Wladimyr Sena Araújo
Prefeitura Municipal de Rio Branco

Os Madija, povo indígena da família Arauá, vivem no sul do Amazonas, região central do Acre e no Peru (fronteira com o Acre/Brasil). Madija significa gente e desta forma os mesmos afirmam que se reconhecem pelos clãs ou gentes que habitam estes territórios. É um povo indígena extremamente voltado ao xamanismo que, por sua vez, é designado por eles de dsoppineje. O dsoppineje é o sistema de saúde e a relação central de existência destes índios, visto que é ele quem possibilita a conexão direta do plano ordinário para outras realidades sagradas. Os Madija vivem em constante conflito entre a doença e a cura. Esta relação é mítica e se materializa no cotidiano das aldeias por meio de enfermidades, geralmente causada por espíritos a mando de terceiros. Neste contexto, o xamã (também chamado de dsoppineje) tem o papel de buscar o reestabelecimento daqueles que estão em desequilíbrio físico e espiritual. Neste contexto, duas plantas sagradas são fundamentais no processo doença/cura: o tabaco (sina) e a ayahuasca (rami). As duas tem significados simbólicos importantes que aproxima a “história antiga” (mito) ao mundo humano através de rituais e celebrações do sistema dsoppineje.

PALAVRAS-CHAVE: CURA. PLANTAS SAGRADAS. XAMANISMO.

O DIREITO AO CORPO E À CURA: ESCRAVIDÃO, DOENÇA E MORTE NO VALE DO GUAPORÉ - SÉCULOS XVIII E XX

Tatilene Silva de Oliveira
Universidade Federal de Rondônia

Uílian Nogueira Lima
Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

O Vale do Guaporé foi considerado uma região altamente insalubre, desde o período colonial até a primeira metade do século XX. As doenças eram consideradas o maior empecilho a toda empreitada colonizadora. O primeiro governador colônia, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, chamou a região de “o inferno da América”. Os negros escravizados e seus descendentes estavam entre as maiores vítimas das doenças regionais e os registros históricos são ricos em detalhes acerca da morbidade local e de como as populações escravizadas padeceram sob as duras condições ambientais regionais. Durante quase 150 anos, os conceitos da medicina evolutiva e higienista impuseram aos negros a responsabilidade sobre os males tropicais que afetavam o Brasil. Tal posição vem sofrendo duros reveses. As formas de entendimento da doença, em como dos elementos de sua cura sofreram consideráveis mudanças ao longo desse período. No conjunto das doenças pairavam as febres sazonais, encabeçadas pela malária (sezão), mas também outras tantas doenças, tidas como inerentes a negros e que afetavam as pessoas mais vulneráveis como os escravizados, libertos pobres, indígenas aculturados e outros. Os tratamentos eram incertos e marcados por práticas híbridas de herbalismos, rezas e devoções religiosas e, quando possível, integrados a algum elemento medicinal europeu. Só tardiamente a medicina científica chegou à região. Doenças e curas ainda portam, em algumas comunidades, um evidente componente sobrenatural e religioso. O objetivo desse trabalho é analisar o quadro das doenças e formas de tratamento que afetaram as populações escravizadas do Vale do Guaporé e seus descendentes. A pesquisa foi realizada através de revisão da bibliografia historiográfica e de documentos ligados às questões envolvendo as populações escravizadas e seus remanescentes que habitam a região. Os resultados são apresentados nas formas da descrição das doenças que mais afetaram as populações locais e os tratamentos utilizados e acessíveis a essas populações.

PALAVRAS-CHAVE: ESCRAVIDÃO. DOENÇA. MORTE. CURA.
POPULAÇÕES DO VALE DO GUAPORÉ.

SABERES MÉDICOS, FEITICEIROS E CURANDEIROS NO ACRE TERRITORIAL (1904 A 1930)

Sérgio Roberto Gomes de Souza
Universidade Federal do Acre

A perspectiva desta proposta consiste em analisar a maneira frequente com que parte significativa dos habitantes do então Território Federal do Acre recorria a outras artes de curar, bem como possíveis ações de repressão à essas práticas, desenvolvidas pelo poder público. O recorte cronológico utilizado corresponde ao período que vai de 1904 a 1930, escolha que possibilita o desenvolvimento de análises em dois momentos da história do Território: a fase de descentralização política e administrativa, caracterizada pela divisão do Acre em Departamentos, sob a responsabilidade de prefeitos nomeados pelo governo federal, e a fase da centralização política e administrativa, quando a chefia do Executivo passou a ser exercida por governadores. As fontes históricas pesquisadas e analisadas foram relatórios oficiais produzidos por prefeitos departamentais e governadores do Território, jornais editados no Território e processos judiciais. As fontes trazem importantes evidências de que, entre os anos de 1904 e 1930, foi significativo, entre os habitantes do Acre, o uso de saberes e fazeres relacionados às práticas de cura, constituídos, principalmente, a partir de relações empíricas com o espaço da floresta. Um dos fatores que pode ter contribuído para esse processo, foi a frágil estrutura dos serviços públicos de saúde existentes no Território, o que dificultava o acesso à assistência médica e medicamentosa. A busca por outras artes de curar, nessa perspectiva, pode ser compreendida como uma importante estratégia de sobrevivência, considerando que, para muitos, as práticas de cura tradicionais passaram a representar a única alternativa, para fazer frente às moléstias que se manifestavam de forma endêmica e epidêmica na região.


PALAVRAS-CHAVE: MEDICINA POPULAR. MÉDICOS. FEITICEIROS. CURANDEIROS.

Evelyn Martina Schuler Zea

Universidade Federal de Santa Catarina

A publicação de “Soy Sontone. Memorias de una vida en aislamiento” (Sueyo & Sueyo, 2017) é uma contribuição recente na crescente literatura elaborada por autores, narradores e tradutores ameríndios. Trata-se do relato do nativo harakbut Antonio Sueyo Irangua, quem reconstrói a trajetória de sua vida com anterioridade aos primeiros contatos com colonos e missionários, evocando também algumas passagens posteriores. O relato oral é traduzido e registrado pelo seu filho, o sociólogo harakbut Héctor Sueyo Yumbuyo, que aparece como coautor do livro. Entre os vários motivos de interesse não apenas desta obra mas também do processo do qual emerge, gostaria de considerar na minha apresentação particularmente a parte do autor e as implicâncias deste estatuto, assim como a parte da tradução, tanto sua dinâmica, pressuposições e preposições, quanto a elaboração que ela faz das conjunções e disjunções ao momento de operar suas múltiplas transposições. A complexidade e alcances deste fator serão indagadas tomando em conta, por um lado, interseções com “A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami” (Kopenawa & Albert 2015), onde a questão da tradução aparece densamente, e, por outro lado, atendendo ao eventual impacto das traduções dos nativos nas traduções na antropologia.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO. AUTORIA. NARRATIVAS AMERÍNDIAS.



ST 13 - DISCURSOS PERIFÉRICOS:
PATRIMÔNIO E LITERATURAS

A EXPERIÊNCIA TRADICIONAL COMO RESISTÊNCIA NO CONGO DO ESPÍRITO SANTO

Elisa Ramalho Ortigão
Universidade Federal Fluminense
UFES - FAPES/CNPq

Este artigo é resultado parcial da pesquisa financiada pela Fapes e CNPq no LEENA/CAr/UFES, e é parte também da pesquisa de pós doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES, intitulada Saberes do Congo, Saberes da Universidade, que promove a troca de saberes e traz a visão dos mestres para a universidade. Assim, os discursos dos mitos e das toadas da prática tradicional do congo deve ser aprendido diretamente com os mestres para se fundar uma nova bibliografia abandonando os preconceitos do discurso acadêmico e do teor folclorista da bibliografia crítica até então. O congo é uma prática sincrética de louvor aos Santos feita no Estado do Espírito Santo. A religiosidade no congo é festejada em um cortejo performático. É uma prática de vida que se aproxima do conceito de Weltanschauung, como uma visão de mundo peculiar, que mantém viva uma experiência ancestral pré-moderna, a experiência autêntica, segundo Walter Benjamin. As relações da modernidade e da contemporaneidade são suspensas no processo da realização performática do congo, de modo a se recriar as condições para que o passado ocupe e preencha de sentido o presente. O ritual é variado e obedece a um calendário cíclico, no qual o tempo é medido pela sua qualidade e se interrompe o curso positivo e linear. A prática sincrética traz à tona a permanência dos conceitos arcaicos de arte, que a pesquisa visa descortinar a partir dos conceitos de Walter Benjamin. Nossa pesquisa acompanha a Banda de Congo Amores da Lua, do Mestre Ricardo Sales. O jovem mestre se apresenta como figura icônica de resistência à modernidade, esquivando-se de ajudas financeiras que possam cercear a sua liberdade e autonomia como mestre de congo. Ricardo representa uma espécie de anti-flâneur benjaminiano, e mantém viva uma experiência ancestral que se torna o bastião da resistência à assimilação da cultura congueira pela cultura hegemônica e mercadológica.

PALAVRAS-CHAVE: WALTER BENJAMIN. EXPERIÊNCIA. CONGO
CAPIXABA. BANDA DE CONGO AMORES DA LUA.

APROXIMACIÓN A LA LITERATURA INDIGENISTA PERUANA EN EL SIGLO XXI

Amancio Edison Flores Muñoz
Universidad Nacional Federico Villarreal

El presente trabajo es un acercamiento a las diversas lecturas, surgidas desde el siglo XX, sobre el indigenismo peruano. Centra su atención en las conceptualizaciones formuladas por los críticos literarios Antonio Cornejo Polar, Tomás Escajadillo, Efraím Kristal y Juan Carlos Ubilluz. El objetivo del trabajo es indagar sobre la vigencia del indigenismo en el Perú, sobre todo, explicar por qué en el siglo XXI se utiliza las nominaciones como narrativa indigenista o tradición indigenista para aludir a escritores que representar el mundo andino. En ese sentido, se busca identificar algunos rasgos distintivos dentro de la tradición indigenista para ver si estos han sido actualizados, resemantizados o ampliados por los cultores de esta tradición. Por ello se analiza la novela *Criba* (2014) de Julián Pérez Huarancca, quien, en el campo de crítica literaria peruana, es considerado, por algunos investigadores, como un narrador de corte indigenista o neoindigenista o andino; además, de ser incorporado dentro de un grupo de novelistas que vienen representando a nivel ficcional la violencia política acaecida en la década de los 80 en el Perú.

PALAVRAS-CHAVES: INDIGENISMO. NARRATIVA PERUANA. JULIÁN PÉREZ HUARANCCA. CRIBA. VIGENCIA. RUPTURA.

BARBANTES EM MOVIMENTOS: VERSEJOS DE MASSACRES NA BOCA DA NOITE

Aline Silva e Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Hiran de Moura Possas

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

A pesquisa realizada na Faculdade de Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, descreve e procura tecer análises para folhetos de cordéis acompanhados de entrevistas realizadas com as autorias. Seria um estudo do que chamaremos de poéticas “subalternas” orais-escritas circunscritas agora ao Assentamento Palmares II (Município de Parauapebas/PA). Os exercícios de descrições, interpretações e escutas iniciados em 2015 desconheciam, talvez por subestimar, a faculdade de tender-distender, contrair e dilatar dessa dobra comumente batizada de folheto de cordel. A mera oposição oral/escrito não nos coube mais nessas experiências demarcadas por gradações de várias ordens. Essa tentativa de acompanhamento dos movimentos desses barbantes físico-simbólicos, sustentando ecos abafados recontando a luta pela terra pela perspectiva “dos massacrados”, reforça a compreensão de que as memórias compulsadas, a partir de “Seu Poeta” e de “Biô”, sejam em que suportes escolherem para “profanar”, estéticas dionisiacas capazes da destruição e reconstrução dos sentidos “majoritários” insistindo em tecer “páginas em branco” para as barbáries da região sul e sudeste do estado do Pará. Como premissas metodológicas, levando-se em consideração o intenso e embaralhado tráfego de “barbantes” na região, vem sendo realizado levantamento e escudo bibliográfico de literatura acadêmica acerca das conexões da letra com a voz, bem como pesquisa etnográfica e realização de entrevistas pensadas como diálogo ou experiência de encontro de perspectivas com cordelistas em organicidade nos movimentos sociais. Posteriormente, serão realizadas análises dessas gravações e desses folhetos, destacando-se, em tese, a abordagem dos temas recorrentes à exploração, à rapinagem humana nos garimpos e nas fazendas e à luta pela terra, como também à tecitura/tessitura, a nosso ver, de poéticas reconstruídas pela marchetaria de superfícies orais e escritas.

PALAVRAS-CHAVE: CORDEL. MOVIMENTOS SOCIAIS. MEMÓRIAS.

CAIS NÃO DORME: O PORTO NO CONTO-REPORTAGEM “UM DIA NO CAIS”, DE JOÃO ANTÔNIO

Mariana Filgueiras de Souza
Universidade Federal Fluminense

“A cidade, os prédios e os morros dormem de todo. Cais não dorme”, escreveu o jornalista e escritor João Antônio em “Um dia no cais”, em 1968, considerado o primeiro conto-reportagem brasileiro. O presente trabalho analisa o simbolismo do espaço do cais em diferentes excertos literários nacionais, como na poesia de Gregório de Matos, na crônica de Machado de Assis, na reportagem de João do Rio, no romance de Jorge Amado e no conto-reportagem de João Antônio. País com sua história colonial marcada pela chegada de naus portuguesas à localidade batizada de Porto Seguro em 1500, e com 37 portos públicos em atividade em toda extensão de sua orla em 2018, o Brasil tem na figura do cais importante elemento de representação ao longo da sua história literária. A maneira como o cais surge nos exemplos trabalhados neste artigo – ora como referência de origem, ora como ante-sala idílica de um país que recebe imigrantes, ora como espaço de socialização e de formação de uma classe trabalhadora – acompanha a mudança do olhar de escritores em relação ao espaço periférico das cidades, a exemplo do cais. No conto-reportagem de João Antônio, o cais aparece pela primeira vez como personificação da sociedade, com sua subjetividade construída a partir do espelhamento das relações sociais, comerciais e de trabalho. Depois de passar um mês vivendo no cais para melhor reportar seus personagens, dramas e detalhes, o escritor dá a ele caráter, transformando o cais em um pastiche do mundo. A partir da reflexão teórica do lugar do escritor feita por Jonathan Crary em “Técnicas do observador” e do conceito de não-lugar de Marc Augé em “Não lugares” verifica-se como o ambiente híbrido, ligando o mar e a terra, é contado por um gênero híbrido, ligando o conto e a reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: CAIS. PERIFERIA. NÃO-LUGAR. MODERNIDADE. CONTO-REPORTAGEM. JOÃO ANTÔNIO. HIBRIDISMO.

DO CHÃO DA ÁFRICA PARA O CHÃO DO BRASIL: TEMPO, MEMÓRIA E TRADIÇÃO NAS OBRAS DE MIA COUTO E RADUAN NASSAR

Maria de Nazaré Barreto Trindade
Universidade Federal do Pará

A proposta deste artigo nasce das minhas indagações acerca de algumas categorias teóricas que comumente emergem das discussões quando se trata das relações entre literatura e realidade, ou entre literatura e sociedade. São temas muito presentes na academia que dão margem às diferentes interpretações sobre a escrita literária, ou ainda, sobre os significados que adquire a linguagem em uma obra em prosa ou poesia. Assim, como trabalho humano que é, rarefeito e sujeito a todas as intempéries próprias dos seres humanos, a produção literária, a meu ver, faz um esforço de dar significado à experiência humana em sociedades, em diferentes lugares, e em tempos diversos. E dar significado a experiência humana é muito próprio da antropologia. Neste sentido, a partir da leitura de dois romances escritos em língua portuguesa, um produzido no chão africano, em Moçambique, e outro no Brasil, pensei em tecer uma malha teórica das relações entre eles. Para tanto, elegi três categorias: tempo, memória e tradição. O primeiro romance é “Um rio chamado Tempo e uma casa chamada terra”, do escritor moçambicano Mia Couto (MC). O segundo livro é o romance “Lavoura Arcaica”, obra do escritor brasileiro natural de Pindorama, cidade do interior do estado de São Paulo, Raduan Nassar (RN).

PALAVRAS-CHAVE: TEMPO. MEMÓRIA. TRADIÇÃO. LITERATURA.

DOS DISCURSOS LITERARIOS DE LAS DINÁMICAS URBANAS PERIFÉRICAS EN RIO DE JANEIRO Y MEDELLÍN

Juan Sebastián Rodríguez Amarillo
Universidad de la Salle

Esta ponencia reflexiona sobre la construcción literaria de ciudad en Latinoamérica, tomando por caso el Rio de Janeiro (Brasil) y la Medellín (Colombia) de *Cidade de Deus* (1997) y *La Virgen de Los Sicarios* (1994) respectivamente; desde la perspectiva centro-periferia. Las ciudades como las muestran los autores no serán necesariamente una, sino que reflejarán dos caras dentro de un espacio único y cercano que coexisten. Asimismo, las obras muestran la construcción de ciudad, a partir de la apropiación de la montaña. En estos asentamientos urbanos no solo generan un espacio para habitar sino que también generan tradiciones culturales y dinámicas sociales propias del territorio. Dicha cultura reflejará en las obras la identidad y la apropiación de los personajes de territorios que ellos mismos consideran, más que su espacio para habitar, su patrimonio. Patrimonio que no solo se limitará al espacio físico sino a las prácticas de apropiación del espacio y socialización de sus habitantes. Las dos obras muestran -desde la violencia de pandilleros y sicarios- las dinámicas urbanas de dos grandes ciudades que, por su génesis, se encuentran envueltas en conflictos que promueven el imaginario de espacios urbanos identificables como un centro seguro y civilizado y una periferia violenta y bárbara. Por lo anterior, se recrea en las obras una ciudad escindida y en tensión consigo misma, a saber, de los valores que promueven la civilización contra las concepciones de sobrevivencia de la población víctima de la misma.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA URBANA. URBANISMO. PERIFERIA. VIOLENCIA.

José Otavio Lobo Name
Universidade Federal Fluminense

Este trabalho propõe uma revisão descritiva do documentário “O que é meu vem a mim”, deste mesmo autor, à luz de uma breve revisão de conceitos de memória, história, e narrativa. Na leitura proposta aqui, o filme é um registro coletivo da memória: seu personagem compartilha com o autor suas lembranças, que retornam ressignificadas pela edição e pelo espectador. Nesta perspectiva, os fatos ganham sucessivas narrativas, que se complementam: a consciência individual, o relato, o vídeo, e a memória coletiva. Parte da premissa que o filme, realizado a partir de uma entrevista com o Mestre Ricardo Sales, da Banda de Congo Amores da Lua, acumula diversas camadas narrativas que, por sua vez, resultam de processos relativos a memória individual e coletiva, e de registro histórico. As linguagens e as técnicas de produção documental audiovisual apresentam-se também, neste contexto, como formas diversificadas de narrativa, constituindo, ao mesmo tempo, tipos de registros históricos e de lugares de memória.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA. MEMÓRIA. HISTÓRIA. CONGO. DOCUMENTÁRIO.



ST 14 - ECOCRÍTICA E LITERATURA
NA AMÉRICA LATINA

CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA EM ELIZABETH BISHOP: A REPRESENTAÇÃO AMAZÔNICA

Isabel Cristina Rodrigues Ferreira
Universidade Federal de Lavras

Elizabeth Bishop (1911-1979), além de poeta estadunidense, era uma viajante, e chegou ao Brasil no final de 1951, aos 40 anos, trazendo consigo as imagens exóticas do país e as leituras da infância. Já havia tido a experiência de morar em Key West e no México. Sua intenção era visitar amigas e conhecer pontos turísticos no Brasil, pois tinha planos de continuar a viagem pela América do Sul. Sua estadia, no entanto, se estendeu por quase vinte anos. A flora e a fauna do país permeiam seus primeiros poemas, mostrando seu olhar atento. No início de 1960, Bishop realizou o sonho de conhecer a Amazônia. Ela registrou essa experiência em alguns poemas e cartas escritas a amigos brasileiros e estadunidenses. Para esse trabalho, escolhi “The Riverman” (1960) e “Santarém” (1978) para analisar a representação do Brasil e investigar como Bishop traduz culturalmente a imagem da Amazônia, levando o leitor a observar e questionar a maneira como enxergam o mundo e a si mesmos. Em “The Riverman”, apesar de escrito antes da viagem à Região Norte, o eu-lírico leva o leitor para conhecer a trajetória e as mudanças de um ribeirinho para se tornar um sacacá. Em “Santarém”, por meio de uma das marcas estilísticas de Bishop, a sua atenção a vários aspectos triviais e ordinários da existência humana, o eu-lírico revela a confusão e caos da cidade ribeirinha. Assim os dois poemas, escritos em duas fases distintas da vida da escritora, traduzem culturalmente por meio de seu olhar poético a região amazônica e chamam a atenção para o equilíbrio e a consciência ecológicos. Portanto, para realizar esse trabalho, parte-se tanto da fundamentação teórica dos estudos culturais como da ecocrítica.

PALAVRAS-CHAVE: ELIZABETH BISHOP. ECOCRÍTICA. ESTUDOS CULTURAIS. THE RIVERMAN. SANTARÉM.

ECOCRÍTICA E LITERATURA NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL

Susylene Dias de Araujo

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Em atendimento à chamada do ST 14, apresentado no XIII Jalla, nosso trabalho tem intenção de apresentar uma leitura de *Areôtorare* (1935) e *Poemas Concebidos Sem Pecado* (1937), obras poéticas de Lobivar Matos e Manoel de Barros respectivamente, tendo a Ecocrítica como parâmetro de análise. De acordo com a origem do termo Ecocrítica, (William Rueckert, 1978), desenvolvido como aproximação entre ecologia e expressão literária, a palavra remete a um dos mais recentes campos de comparação e interpretação da poesia. Quando observarmos a escolha temática de Matos e Barros em seus livros de estréia, fica evidente que os referidos poetas lançaram-se a à tentativa de compreender a estética modernista como base de sua poética e ainda assim, sem distanciamento de suas raízes, na vanguarda de seu tempo, valeram-se de seu lócus de origem e imersos na ambientação de um espaço privilegiado pela natureza, chegaram às imagens dos poemas que, por nossa seleção iremos então demonstrar a partir de características comuns aos dois autores escolhidos.

PALAVRAS-CHAVE: ECOCRÍTICA. LOBIVAR MATOS E MANOEL DE BARROS. LITERATURA EM MATO GROSSO DO SUL.

**FLAUSINO VALLE: QUESTÕES DA NATUREZA E INFÂNCIA EM SEUS
POEMAS**

Leonardo Vieira Feichas
Universidade Nova de Lisboa

Letícia Porto Ribeiro
Universidade Federal do Acre

O presente artigo tem como objetivo analisar poemas selecionados de Flausino Valle (1894 - 1954), mostrando como suas temáticas poéticas relativas à natureza, à infância e também à saudade se relacionam com os seus Prelúdios para violino solo. Buscamos, também, a divulgação da obra poética de Flausino Valle, ainda pouco estudada. Valle foi violinista, compositor, advogado e escritor mineiro, natural de Barbacena e radicado em Belo Horizonte. Se tornou conhecido internacionalmente por um de seus Prelúdios para violino solo intitulado Prelúdio XV - “Ao pé da fogueira”, que foi gravado por violinistas conhecidos mundialmente. No entanto compôs ao todo 26 Prelúdios tendo como inspiração a paisagem sonora do interior mineiro, que hoje se encontram em processo de divulgação graças às pesquisas que vêm se desenrolando desde o final do século XX (Alvarenga, 1993; Frésca, 2008; Feichas, 2016). No entanto, Valle também atuou durante sua vida como estudioso do folclore e escritor, tendo publicado colunas em jornais sobre os mais diferentes assuntos. Dentre suas obras escritas, estão o “Elementos do Folclore Musical Brasileiro” e “Calidoscópico”, sendo o último um livro de poemas e sobre o qual nos deteremos neste artigo. O livro “Calidoscópico” publicado em 1923 pela Typografia do Diário de Minas, contém diversos poemas escritos por Valle desde 1912 até o ano de sua publicação, e tratam principalmente de temáticas de amor, natureza, pátria, infância, saudade, família e relativos à cidade de Barbacena. Analisaremos os poemas sobretudo a partir de seus conteúdos, tendo como principais autores de apoio Williams (1979, 2008, 2011), Bakhtin (2003) e Bhabha (2005).

**PALAVRAS-CHAVE: FLAUSINO VALLE. POESIA. INFÂNCIA.
NATUREZA.**

**GÊNEROS LITERÁRIOS COM INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE GOIÁS: UMA PROPOSTA
ECOCRÍTICA.**

Adriana Gomes Bezerra
Universidade Estadual de Goiás

Diante do contexto contemporâneo dos movimentos de preservação e conscientização ambiental, surge a ecocrítica com a proposta de condensar metodologias de diversas disciplinas numa perspectiva interdisciplinar para analisar o fenômeno literário. Este estudo, particularmente, apresenta uma abordagem ecocrítica, visando uma proposta de educação ambiental através dos gêneros literários nas escolas públicas de ensino fundamental da cidade de Goiás, no Estado de Goiás. Deste modo, acredita-se que a leitura e interpretação de textos é uma prática capaz de estabelecer uma relação intrínseca entre o ensino da literatura e a educação ambiental e, conseqüentemente, desenvolver no ser humano a consciência das conseqüências que o desequilíbrio ambiental poderá acarretar sobre os seres humanos e não humanos no espaço natural. Esta metodologia de ensino ainda é pouco explorada, porém, com o acréscimo desta área de estudos no currículo escolar brasileiro, esta prática educativa poderá ganhar força na construção de um pensamento crítico sobre as questões ambientais.

**PALAVRAS-CHAVE: GÊNEROS LITERÁRIO. EDUCAÇÃO AMBIENTAL.
ECOCRÍTICA. ESCOLAS PÚBLICAS.**

LENDO FRANS KRAJCBERG: A ÁRVORE COMO ARTE E COMO CRÍTICA

Dennys da Silva Reis
Universidade de Brasília

Frans Krajcberg (1921-2017) imigrou para o Brasil em 1948 e desde então permaneceu até seu último dia. O artista polaco-brasileiro é autor de inúmeras esculturas, fotografias, gravuras, pinturas e artes plásticas. Conhecido por ser o “mestre dos vestígios”, tendo como ponto fundamental de sua obra as matérias-primas oriundas da própria natureza, Krajcberg se tornará no Brasil um dos maiores ativistas ecológicos por meio da arte. De fato, todas as obras de Krajcberg estão entre a beleza da arte e a crítica denunciativa. Para este trabalho, elenca-se a questão da árvore na carreira artística deste ativista nos seguintes quesitos: (a) enquanto matéria-prima, (b) enquanto tema artístico e (c) enquanto discurso crítico. Pretende-se analisar qual o pensamento de Frans Krajcberg sobre a árvore enquanto arte, elemento da natureza e recurso natural em prol da sociedade. Nos deteremos em particular nas esculturas e nas fotografias realizadas pelo artista, bem como em algumas exposições específicas em que o elemento árvore foi mais presente. A partir da recepção e da própria exploração dos escritos do autor em várias mídias, objetiva-se mostrar que leitura ecocrítica é possível se fazer da obra artística de Frans Krajcberg.

PALAVRAS-CHAVE: FRANS KRAJCBERG. ESCULTURA. FOTOGRAFIA. ARTE CRÍTICA. BRASIL.

LITERATURA INDÍGENA: A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR AS NARRATIVAS INDÍGENAS NA SALA DE AULA, SÉRIES FINAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL

Walquiria Lima da Costa

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Sabe-se que os indígenas são os povos originários do Brasil, contudo ainda não recebem a devida valorização de suas histórias e culturas, nesse contexto surgiu a Lei 11. 645/08, determinando que a educação brasileira contemple também os saberes indígenas e africanos e discuta sobre suas relevantes contribuições para a formação do nosso povo. Dessa forma, por entender a importância de se fomentar o conhecimento dos saberes e valores indígenas, este trabalho se propõe a pesquisar sobre a percepção das crianças acerca da herança cultural desses povos, a partir da leitura e análise de contos indígenas, levando em consideração os estudos de Carvalho (2011). Ressaltamos que este trabalho é resultado de um projeto de iniciação científica desenvolvido no curso de Letras Licenciatura: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. E para alcançar o objetivo proposto foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e de campo, com observação participante, sendo que uma das participantes é a professora dos alunos com quem se pesquisa neste estudo. Percebeu-se que entre os alunos era generalizado o desconhecimento sobre a cultura desses povos e a partir dos trabalhos realizados em sala de aula foi possível desenvolver uma análise que além de propiciar conhecimento sobre etnias indígenas, também serviu para que os alunos realizassem um comparativo entre essas narrativas e outros textos que já conheciam, notando assim as semelhanças e diferenças entre saberes indígenas e não indígenas apresentados em textos literários. Ressalta-se ainda que tal atividade incentivou o conhecimento sobre a cultura e literatura indígena, em um movimento para um processo ensino-aprendizagem que discute o respeito e a valorização das diversidades étnicas.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO. LITERATURA INDÍGENA. CONTOS INDÍGENAS.

LOS LABERINTOS DE LA MEMORIA: INFANCIA Y CLANDESTINIDAD EN TRES NOVELAS DE LAURA ALCOBA

Patricia Belén Ricard

Universidad Nacional de La Pampa

La dictadura militar argentina permanece en la memoria colectiva de la sociedad como uno de los acontecimientos más aberrantes del pasado reciente y continúa siendo objeto de debates públicos, como así conforma también un tema para la literatura actual. La infancia constituye un aspecto fundamental cuando se intenta remitir a dicho período debido a los niños que sobrevivieron al miedo, el horror, el trauma característico de la época. Aquellos que quedaron huérfanos, de padres militantes “desaparecidos” y los nacidos en cautiverio en los llamados centros clandestinos de detención. Estos niños, hoy ya adultos, con una historia fragmentada y una identidad que les ha sido en ocasiones arrebatada, intentan reconstruir aquel pasado incierto. Tanto en la escritura testimonial como aquella que resulta de mayor ficcionalización de los hechos, los ‘archivos de la memoria’ resultan un material esencial para la creación escrita, se trata de recuerdos, fotografías, cartas, relatos, objetos familiares que funcionan como motores para la escritura de la memoria y el pasado. En este caso, pretendo analizar tres novelas de Laura Alcoba, hija de militantes, que reescribe su infancia y el pasado familiar a partir de sus recuerdos de niña. Los textos en cuestión se hallan en los límites, siempre difusos, entre la historia y la ficción, lo que se sabe y lo que se inventa para proporcionar una resignificación de lo acontecido. “La casa de los conejos” (2008), “Los pasajeros del Anna C.” (2012), “El azul de las abejas” (2015), podrían conformar una trilogía que muestra tres momentos diferentes en la vida de la protagonista-niña y narradora de su propia historia, marcada por la clandestinidad desde el momento de su nacimiento en Cuba, el viaje hacia Argentina con identidades cambiadas, el silencio y ocultamiento que significó su infancia en dictadura, el exilio y encarcelación de sus padres militantes. Estas novelas, como tantos otros relatos que constituyen la ‘Literatura de hijos’ demuestran que el tema permanece siendo de interés social y literario, como así aportan material para la memoria colectiva de un país que sigue construyéndose sobre la base de un pasado que consta de vacíos irreparables. Se pretende analizar los modos de narrar y textualizar el trauma y los mecanismos de memoria cuando se cuenta una experiencia de vida desde el presente, lugar donde el pasado adquiere otros sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. DICTADURA. ARGENTINA.
INFANCIA. CLANDESTINIDAD.

**RIO VERMELHO: A POESIA DE CORA CORALINA COMO INSTRUMENTO
DE CONSCIENTIZAÇÃO HUMANA EM RELAÇÃO AO SEU ESPAÇO
NATURAL – NÃO HUMANO**

Mislainy Patrícia de Andrade
Universidade Estadual de Goiás

Atendendo a demanda do simpósio “Ecocrítica e Literatura na América Latina”, este estudo tem como proposta apresentar uma leitura ecocrítica do conto “Rio Vermelho”, de Cora Coralina (2001). Baseado nos estudos ecocríticos, a leitura e interpretação de textos literários não se limitam apenas à fatores linguísticos, históricos e metodológicos. A ecocrítica busca abordar diferentes domínios que nos levam a compreender a literatura dentro do espaço natural, por intermédio das ciências humanas e naturais, bem como trabalhar a conscientização e preservação do nosso cenário ecológico, através de um viés cultural e interdisciplinar, que trará uma nova roupagem para a nossa educação ambiental e literária, visto que, o ser humano também é natureza, e parte integrante do espaço natural não-humano. O “Rio Vermelho”, poeticamente relatado na poesia de Cora, dentre outros contos e poesias, podem ser grandes instrumentos de ensino para trabalharmos nossa conscientização ambiental, e compreendermos que a literatura e a natureza caminham juntas, e nos fazem refletir sobre nossa própria condição humana.

PALAVRAS-CHAVE: ECOCRÍTICA. CORA CORALINA. POESIA.
CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL.

ST 15 - FORMAÇÃO DE
PROFESSORES EM ESPANHOL
COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
EM AMBIENTES VIRTUAIS:
REFLEXÕES SOBRE LINGUÍSTICA
APLICADA, MULTILETRAMENTOS E
TECNOLOGIAS DIGITAIS

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR/A DE LÍNGUA ESPANHOLA E O
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE -
CAMPUS FLORESTA: UM ESTUDO DE CASO**

Maria Alberlani Morais de Brito

Universidade Federal do Acre - Campus Floresta

O estudo intitulado A Formação do professor/a de Língua Espanhola e o Estágio Supervisionado na Universidade Federal do Acre - Campus Floresta: um estudo de caso surge da inquietude sobre a formação de professores de língua espanhola do campus de Cruzeiro do Sul - Acre. Os objetivos são compreender a formação crítico-reflexiva do estudante estagiário, e analisar sua relação com a futura profissão por meio dos relatórios de estágio, como também identificar os desafios e os aspectos positivos e negativos encontrados pelos alunos no desenvolvimento de suas aulas. Para tratar das questões de formação de professores, busquei apoio com os teóricos VAILLANT (2012), ZABALZA (2004), PIMENTA (2002, 2004), PARAQUETT (2006), SUANNO (2010), TEJADA (2002) e como suporte teórico para as questões de análises de resultados nos pautamos em FOUCAULT (1999, 2000) e RAJAGOPALAN (2003). A pesquisa será descritiva e documental pois estaremos realizando uma análise sobre os relatórios de estágio dos alunos do curso de espanhol.

**PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO SUPERVISIONADO. FORMAÇÃO DE
PROFESSORES. LÍNGUA ESPANHOLA. PESQUISA DESCRITIVA.
ESTUDOS CULTURAIS.**

**A FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO LICENCIATURA EM LETRAS
COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA - EAD, NO IFRR: UM
OLHAR SOBRE A PROPOSTA PEDAGÓGICA E SUA EFETIVA EXECUÇÃO NO
CONTEXTO RORAIMENSE**

Duí Barroso Lima Farias
Instituto Federal de Sergipe - Campus Lagarto

Ensinar na educação a distância é atividade intencional e planejada, na qual a interação professor e aluno estão mediadas pelas tecnologias, onde há a necessidade de mudanças na postura do aluno e professor, onde ambos precisam ser ativos nesse processo. Dessa forma, o professor passa a ser o mediador entre o aluno, o conhecimento e a construção das propostas curriculares que se materializam na tele aula, no ambiente virtual, fórum, chat, no material didático e outras formas de mediação pedagógica. Na universidade é fundamental criar espaço/ tempo para refletir sobre o currículo formal e oculto, partindo do pressuposto que o currículo formal é aquele que reflete uma política educacional e representa a proposta das diretrizes curriculares a nível de governo federal, estadual ou municipal. Vale ressaltar que o currículo compreende uma cultura escolar, um elemento rodeado por ideologias, valores e relações de poder, pois as discussões envolvem experiências vivenciadas ao longo do processo. A partir da implantação do Curso Licenciatura em Letras- Espanhol- EAD no Instituto Federal de Roraima no ano de 2009, até o momento com pesquisa em contexto pouco explorado teoricamente, nutrida com a experiência vivenciada e conhecimentos obtidos por ter contribuído para o desenvolvimento do curso, como coordenadora e professora formadora, surgiram as inquietações e uma busca de melhor compreensão, reflexão e contribuição para o entendimento de tais questionamentos relacionados à forma da estrutura curricular organizada para o Curso Licenciatura em Letras Espanhol na modalidade à distância, e como esta proposta pedagógica na prática contribuiu para a formação do aluno, à luz das teorias pautadas em Curriculum (SILVA, 2003), linguagem e interação (BAKHTIN, 1981). Além disso, as produções das disciplinas e acadêmicas no decorrer do curso e como foram organizadas para que preparasse o aluno para ser professor de língua espanhola, através de um ambiente virtual de aprendizagem e encontros presenciais. (SANTAELLA, 2010). Trata-se de uma pesquisa ainda embrionária, com a busca de possíveis respostas para tais questionamentos, já que o curso está em andamento a 9 anos, com graduados já atuantes, e até mesmo em programas de Pós- Graduação, sendo um curso de graduação na Rede Federal pouco pesquisado ainda.



PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DOCENTE EAD. CURRÍCULUM.
MULTILETRAMENTO.

Margarete Edul Prado de Souza
Universidade Federal do Acre

Nessa comunicação, foi feita uma discussão de como melhorar o ensino da literatura no Ensino Fundamental II, utilizando a criação de fanfics, a partir da leitura de contos ou um romance, para fortalecer a escrita dos alunos, bem como incentivar o gosto pela leitura literária, adotando como instrumento de discussão teórica as ideias de Rildo Cosson, Magda Soares, entre outros. A pesquisa foi feita considerando a literatura como instrumento de formação de leitores críticos respeitando a diversidade existente na sociedade. Com a aplicação da experiência foi possível perceber que não há um ensino de literatura sistematizado para o Ensino Fundamental, quando ocorre, é na forma de pretexto, para ensinar outros conhecimentos, por exemplo, a gramática. Sendo assim, como sugestão para introduzir a leitura literária na sala de aula, realizamos algumas aulas com o conto citado, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. A introdução do uso da fanfic foi muito bem recebida pela turma, com algumas reclamações, mas todos gostaram de utilizar a plataforma e escrever suas fanfics, de modos que o passo seguinte dessa pesquisa será aprimorar o uso de fanfics em sala de aula, no intuito de contribuir com a existência real do ensino da literatura na escola básica.

PALAVRAS-CHAVE: FANFICS. ENSINO DE LITERATURA. TECNOLOGIAS DIGITAIS.

HETERODISCURSIVIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO
COMENTÁRIO ONLINE: UM ESTUDO SOBRE O OLHAR DA POLÍTICA
BRASILEIRA PELOS ESPANHÓIS

Maria Francisca da Silva
Universidade Federal do Maranhão

O presente estudo tem como objetivo geral: analisar a heterodiscursividade na constituição do gênero comentário online em seu aspecto temático, composicional e estilístico, com destaque para o que dizem os espanhóis sobre aspectos políticos dos brasileiros. A heterodiscursividade é inerente a todo enunciado proferido pelo indivíduo, conforme Bakhtin (2003[1979]) dentro de uma língua existem muitas linguagens sociais que fundamentam o dizer sobre o outro. Bakhtin (2015[1934-1936]) propõe que o estudo da língua aconteça a partir dos gêneros discursivos. Diante disso, questionamos: Como as diferentes vozes são organizadas no gênero comentário online traduzindo em vozes sociais sobre o brasileiro? Como a forma composicional contribui para organização dessas vozes e para construção do (s) sentido (s) para os leitores? Qual a influência das relações dialógicas para as escolhas linguístico-estilísticas feitas pelo falante/comentaristas sobre a política dos brasileiros? Diante desses questionamentos, adotamos como corpus comentários gerados a partir de uma notícia que tem como manchete: “El ‘caso Lula da Silva’: ¿con qué pruebas ha sido condenado?”, publicada no Portal El País da Europa-Espanha, na seção Internacional no dia 26 de janeiro de 2018. Nosso referencial teórico está centrado, principalmente, em Bakhtin (2003 [1979], 2015 [1934-1936]) e em outros autores que discutem a teoria dialógica, dentre eles: Fiorin (2008), Dias (2005), François (2005), Cunha (2014). Dentre os resultados alcançados destacamos a percepção de que no gênero comentário online, o contexto extraverbal é de fundamental importância para a construção das relações de sentidos, assim como, o conhecimento linguístico/discursivo sobre o tema amplia a capacidade de compreensão em língua espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: HETERODISCURSIVIDADE. GÊNEROS DISCURSIVOS. COMENTÁRIO ONLINE. DIALOGISMO.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA ESPANHOLA EM FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Maria Francisca da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Essa comunicação tem o objetivo de esclarecer como se desenvolve o estágio supervisionado do curso de Licenciatura Interdisciplinar de Linguagens e Códigos, no componente de Língua Espanhola, no Campus São Bernardo- MA. Tal proposição esclarece em linhas gerais, como se articulam as ações teórico-metodológicas do curso de Linguagens, no decorrer da formação na área de Linguagens e Códigos (Artes Visuais, Música, Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Língua Inglesa), em seus sete anos de existência. Os principais aportes são: o conceito de formação docente (PERRENOUD, 1993); Projeto Político Pedagógico do curso Interdisciplinar de Linguagens e Códigos (2013); a noção de interdisciplinaridade (LUCK, 2017); Estágio Supervisionado (PIMENTA; LIMA, 2004). A metodologia traduz a sequência de estrutura e organização das atividades desenvolvidas no curso. Destacaremos algumas experiências desenvolvidas no processo de aplicação do estágio em suas etapas, tanto no Ensino fundamental como no Ensino Médio, assim como, as limitações que sinalizam para reflexões sobre como se efetua tais ações, principalmente no que tange as pesquisas provenientes desse processo de formação. O estágio visto como ambiente de pesquisa do fazer docente e não como um fim somente didático, isto é, enquanto processo de ministrar aulas sem uma reflexão crítica do processo educativo em contexto de formação interdisciplinar


PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DOCENTE. CURSO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS. INTERDISCIPLINARIDADE. LÍNGUA ESPANHOLA.

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA ESPANHOLA: ESTÁGIO COM PESQUISA E GÊNEROS MULTIMODAIS

Francemilda Lopes do Nascimento
Universidade Federal do Acre

O objetivo dessa comunicação oral é relatar o processo de produção de material didático de Língua Espanhola, com foco em gêneros multimodais, elaborado a partir de duas intervenções pedagógicas realizadas no Colégio Estadual Barão do Rio Branco e Colégio de Aplicação da Ufac. A produção de material didático teve lugar durante as disciplinas de Estágio Supervisionado I e III, no curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal do Acre, ofertada no 2º semestre de 2017. O estágio buscou uma ressignificação da prática docente a partir da investigação e reflexão da realidade escolar, bem como do processo de construção da identidade profissional centrada no conceito de professor pesquisador. Para fundamentar a ação, nos embasamos nos estudos de Pimenta e Lima (2012), que discutem acerca da importância do estágio para a construção identitária dos professores em formação e do estágio em forma de projeto; Ghedin, Almeida e Oliveira (2015) que discorrem sobre o conceito de professor pesquisador a partir de estudos de diferentes autores; Passarelli (2012) e Marcuschi (2008) para a discussão sobre os gêneros textuais e ensino, além da leitura de documentos oficiais de ensino fundamental e médio. A partir dessa experiência, verificamos que o estágio elaborado em forma de projeto possibilita uma construção de sentido e profissionalização pelos futuros docentes, que passam a adquirir uma postura mais crítica e reflexiva do magistério, atuando de forma intencional e ética no contexto da escola e dos saberes escolares.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO COM PESQUISA. ENSINO. LÍNGUA ESPANHOLA. GÊNEROS TEXTUAIS.



ST 16 - HETEROGENEIDAD
CULTURAL EN LAS LITERATURAS Y
PRÁCTICAS ESCÉNICAS ANDINAS

**DEL INKARRÍ A LAS UMAS VOLADORAS. UNA TRAVESÍA PRELIMINAR
POR LAS MENTALIDADES ANDINAS EN LA TRADICIÓN ORAL
LATINOAMERICANA**

Brayan Jayro Aloysius Jurado Urbina
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Raúl Germán Jurado Párraga
**Universidad Nacional de
Educación Enrique Guzmán y Valle - La Cantuta**

Una extensa cantidad de trabajos de recopilación y análisis sobre relatos populares nos recuerda que la identidad del sujeto latinoamericano admite una innegable base mítica. Por ello, creemos necesario revisar parte del corpus discursivo de este constructo del imaginario andino, el cual corresponde a las llamadas umas o cabezas voladoras. Estos seres míticos propiciarán la propuesta del presente trabajo para tratar de hipotizar las connotaciones “sancionadoras y de búsqueda” de estos seres dentro de las comunidades andinas del sur del Perú. Para ello, se realizará una revisión de sus apariciones documentadas en distintas comunidades andinas. Contrastar sus variantes, sus semejanzas y de la función mítico-fantástico dentro de las mentalidades andinas. Asimismo, trataremos de establecer relaciones pertinentes respecto a otro mito fundacional panandino, el del Inkarrí., tratando de hallar vínculos sociohistóricos explicados en las formas como se manifiestan el Inkarrí (imagen del inka degollado) con el uma volador (cabeza que se desprende del cuerpo para vagar buscando donde posarse) de los relatos populares que se “cuentan” en la actualidad. Esperamos lograr, al menos trazar hipótesis de trabajo preliminares para una discusión mayor de la mítica en la literatura oral latinoamericana. Especialmente, poniendo énfasis en aquel relato vinculado a tradición oral de nuestro ayllu andino peruano.

**PALAVRAS-CHAVE: UMAS. INKARRI. IMAGINARIO ANDINO.
MENTALIDADES. TRADICIÓN ORAL.**

**DESTERRITORIALIZACIÓN Y MARGINACIÓN: EL CASO DE LA GABRIELA
BLAS BLAS Y LA RECONSTRUCCIÓN DE LA REALIDAD DE BOSCO CAYO
EN LA DRAMATURGIA**

Carolina Alejandra Vallejos Vallejos
Universidad de Concepción

Abordamos aquí el estudio de la dramaturgia de Bosco Cayo Álvarez, en particular de *Limítrofe, la pastora del sol* (2013), en su contexto espacio-cultural: la precordillera andina del Norte. El espacio es un eje fundamental que tendrá decisiva incidencia en las acciones y personajes, y simbolizará a su vez, el espacio propio de sectores marginalizados. *Limítrofe*, en palabras de su autor, es el resultado de un proyecto de investigación de creación colectiva, en que lo real, es decir, el proceso judicial de la pastora aymara Gabriela Blas Blas, es un objeto concreto que está en el exterior, pero que no es una verdad, mejor dicho, es una versión de lo que se cree una verdad. De ahí surgen conceptos como “reconstrucción” y “simulacro” (los mismos personajes buscan reconstruir y simular el acontecimiento teatral). El estudio realizado por Bosco y compañía limitada se nutrió de una versión expuesta en diarios, revistas, noticias difundidas a través de la web. La obra se escribe a partir del caso de una pastora de llamas, quien en el año 2007 es acusada de asesinato por la desaparición de su hijo de cuatro años de edad, mientras pastoreaba en pleno altiplano. Más allá de lo noticioso, este proceso expresa cómo el país impone soberanía y poder sobre la idiosincrasia de sus habitantes frente a una situación limítrofe y entran en disputa los procesos penales y las creencias culturales de una minoría. Por ende, el desarrollo de este trabajo comprenderá el comentario y análisis de la obra citada, a partir de procedimientos escénicos contemporáneos, el imaginario nortino y su referente histórico, junto a propuesta política del dramaturgo. Para ello será necesario indagar la dramaturgia sobre el norte que aborda Cayo y los procesos de desterritorialización y marginalización de los lugares geográficos a los que alude la propuesta y ver de qué modo la dramaturgia visibiliza la confrontación con las instituciones públicas.

PALAVRAS-CHAVE: BOSCO CAYO. ALTIPLANO. GABRIELA BLAS BLAS. CRISIS INSTITUCIONAL. MARGINALIZACIÓN.

HETEROGENEIDAD CULTURAL E IMAGINARIO EN LA LITERATURA DEL NORTE DE CHILE

Mauricio Ostria González
Universidad de Concepción

El Norte Grande chileno es mucho más que una zona geográfica, mucho más que un territorio, un clima, un paisaje, un conjunto de ciudades y poblados. El Norte Grande es un cosmos, horizonte de complejas y múltiples relaciones que resultan de la interacción del hombre (el originario y el migrante) y la naturaleza (la montaña, el desierto, el mar); diversidad de zonas geográficas (cordilleranas, ribereñas, pampinas, costeras), diversidad de culturas (andinas originarias, salitreras, urbanas) que entretejen una heterogeneidad cultural no siempre comprendida por el resto del país; Pero aquí, no nos referimos sólo a la realidad múltiple y diversa del Norte (física, histórica, cultural), sino a la representada imaginariamente por los textos literarios. Se trata, entonces, de Ilustrar y leer la heterogeneidad de la cultura nortina, su 'realidad contradictoria', a través de diversos ejemplos tomados de la poesía y de la narrativa (oral y escrita) en el contexto de una cultura que tiene como elemento fundamental espacial al desierto.

PALAVRAS-CHAVE: HETEROGENEIDAD CULTURAL. LITERATURA DEL NORTE CHILENO. ORALIDAD Y ESCRITURA. DESIERTO.

LA TIRANA: TEATRALIDADE ANDINA.

Douglas Henrique de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais

A festa de La Tirana, celebração andina que acontece no meio do Deserto do Atacama, no Chile, é composta por coloridas manifestações de fé principalmente de danças religiosas. São por volta de duzentos grupos que cada ano se dedicam a reverenciar a imagem de Nuestra Señora del Carmen. As coreografias são uma fusão entre antigas cerimônias incas e danças típicas em honra a Virgem del Socavón, padroeira dos mineiros bolivianos. A “Fiesta Grande” acontece no dia de Nossa Senhora do Carmo, feriado nacional no Chile, mas as danças e os preparativos começam em março, com a confecção dos vistosos figurinos e os ensaios da coreografia. Com o passar do tempo, os grupos foram transformando em associações de fiéis, também chamadas de “irmandades”. Este trabalho relaciona as manifestações das irmandades com os conceitos de teatralidade. Teatralidade não é, em nenhum caso, um sinônimo de Teatro e sim um conceito que busca chamar a atenção sobre a encenação de imaginários sociais. Entre suas características destaca-se a performatividade e sua potência política. Ou seja, seu caráter construtor de repercussão na realidade.

PALAVRAS-CHAVE: TEATRALIDADE. FESTA. DESERTO DO ATACAMA. ANDINO. DANÇA.

**MEMORIA INCA Y PODER AUTORAL: LA HETEROGENEIDAD COMO
ANTECEDENTE DEL DISCURSO DE TESTIMONIO EN COMENTARIOS
REALES DE LOS INCAS**

Gustavo V. García
University of Wisconsin

La literatura colonial latinoamericana es un “texto” heterogéneo que organiza varios y diversos capítulos a través de una unidad que le da “sentido”: la escritura al servicio de agendas que pretenden legitimarse, incorporarse o ser parte privilegiada del discurso oficial. Esta práctica, y sus connotaciones ideológicas, construyen discursos (des) articulados por los “hechos” del Nuevo Mundo donde su percepción e interpretación responden a un enunciado ideológico con independencia de la “verdad”. En efecto, en la mayoría de las obras coloniales, la percepción de lo “real” fue reemplazada por descripciones librescas y/o “testimoniales” subordinadas a la agenda del cronista, la cual privilegia, por encima de ciertas inclinaciones colectivas, una postura individual interesada en construir una retórica más persuasiva que la de los historiadores del imperio. La característica de este discurso radica en la manipulación de los “hechos” presentados por el “testigo” frente a las versiones oficiales de los mismos. Esta forma de producir “historia” al margen de las instituciones y funcionarios oficiales estructura un discurso contestatario que, priorizando la memoria, la experiencia del testigo, y el poder autoral, inicia la construcción de una identidad indígena alternativa además de fundar e influir en la moderna literatura testimonial. Mi propuesta explora, a pesar de la distancia cronológica que los separa, la hipótesis de que los orígenes formales e ideológicos de la literatura testimonial se encuentran, en términos relativos, en Comentarios reales de los Incas del Inca Garcilaso de la Vega. Esta tarea es necesaria para contextualizar el testimonio en el desarrollo histórico del canon literario y, también, para resaltar la importancia e influencia de este tipo de crónicas en la construcción de una identidad diferente basada en diferencias culturales y lingüísticas, la aproximación ética al otro, la discusión teórica y la praxis defensora de los derechos humanos, los tópicos centrales de la moderna literatura testimonial.

PALAVRAS-CHAVE: INCAS. TESTIMONIO. ORALIDAD. ESCRITURA.

Ño Carnavalón Afrodescendiente en San Miguel de Azapa: UNA PERFORMANCE DE REIVINDICACIÓN

Daniela Andrea Sandoval Villalobos
Universidad del Bío-Bío

Históricamente el Norte Grande de Chile ha sido un espacio de carácter heterogéneo en el que confluyen elementos, manifestaciones y expresiones pertenecientes a diferentes culturas. Una muestra de esta diversidad cultural es la celebración de la fiesta de Ño Carnavalón, llevada a cabo año a año por la comunidad afrodescendiente que conforma la Organización Cultural y Social Lumbanga en San Miguel de Azapa. Esta ponencia explora el estudio de esta manifestación cultural afrodescendiente desde la perspectiva de la performance, pues la celebración involucra un repertorio de prácticas escénicas en donde el cuerpo constituye no solo el medio para la representación, sino también para la actualización y transmisión de saber social, memoria individual y colectiva. Además, la fiesta de Ño Carnavalón hace visible un conjunto de estrategias destinadas a la cohesión, a la reivindicación y a la reconstrucción de la identidad de una cultura que por generaciones se mantuvo invisibilizada y relegada al ámbito de lo privado.

**PALAVRAS-CHAVE: NORTE GRANDE. HETEROGENEIDAD.
AFRODESCENDIENTES. PERFORMANCE. REIVINDICACIÓN.**

**O CÁRCERE COMO ESPAÇO PARA A IMUNIDADE E A COMUNIDADE EM
LOS DÍAS DE LA PESTE, DE EDMUNDO PAZ SOLDÁN**

Ellen Maria Martins de Vasconcellos
Universidade de São Paulo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar as primeiras indagações geradas pela leitura da obra *Los días de la peste*, do escritor boliviano Edmundo Paz Soldán (2017), que faz parte do corpus do projeto de doutorado “As formas de vida no tempo e no espaço da contiguidade e do desastre iminente: um estudo pós-humanista nas ficções latino-americanas”. Nesta obra literária, o espaço do cárcere é o espaço de convívio e de destruição da humanidade e da animalidade, onde as relações são marcadas não só pela violência, mas também pelo instinto de sobrevivência à peste que desorganiza o orgânico e desagrega coletivos. A doença viral que assola os personagens até que percam seus privilégios e identidades parece ser tão contagiosa quanto a corrupção institucional que afeta as máximas autoridades, os agentes penitenciários e os presos. Assim, nas condições mais adversas, seres diversos buscam estender sua ínfima singularidade na resistência, na cultura, na linguagem, nas religiões pagãs andinas indígenas amazônicas, para que a catástrofe não os aniquile tão brevemente. Para a leitura da obra, traremos os conceitos de comunidade e imunidade de Roberto Espósito (2017) – a comunidade sendo o lugar que libera o homem de sua excessiva preocupação pela autopreservação, pelo resguardo de sua individualidade, que acaba por ameaçar suas experiências e seu desenvolvimento, precisamente, por ultrapassar o limite da imunidade e transformar a existência humana em uma cela incomunicável – e a perspectiva multinaturalista de Eduardo Viveiros de Castro (2015), na qual, justamente, cada espécie assume uma posição não antropocêntrica, que recusa a hierarquização cognitiva e psíquica entre os distintos seres, e que, portanto, não define um homem ou ser de ordem especial acima dos outros ou de domínio separado e, deste modo, as espécies se colocam num prolongamento horizontal, metonímico, sem transformismo continuísta.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA BOLIVIANA. CÁRCERE.

IMUNIDADE. COMUNIDADE. PERSPECTIVA MULTINATURALISTA.

TEATRO CHILENO DE TEMÁTICA NORTINA: CARTOGRAFÍA DE UN TERRITORIO INVISIBILIZADO

Patricia Henríquez Puentes
Universidad de Concepción

La dramaturgia del chileno Bosco Cayo propone una cartografía del territorio nacional que elude las capitales regionales para dibujar un mapa físico y mental de otro Chile, invisibilizado por la imposición de políticas de homogenización cultural. Para ello, trabaja con las premisas del teatro documento, en tanto forma de contrapoder, de resistencia y de denuncia. En este sentido, hace uso de materiales textuales que refieren a coyunturas actuales de importancia social y política, cuestionando la forma dramática clásica vinculada al principio mimético de representación y al dominio de la fábula. Cuatro son sus obras de temática nortina: *Limítrofe. La pastora del sol* (2013), *Negra, la enfermera del general* (2013) *Taltal* (2014) y *Plan vivienda* (2017). Las dos primeras, emplazadas en Alcérreca y Potrerillos, localidades precordilleranas de las regiones de Tarapacá y Atacama, respectivamente; y las dos últimas, emplazadas en Taltal y Chañaral, ciudades puerto de las regiones de Antofagasta y Atacama. En este trabajo se propondrá una lectura de las obras representativas de las ciudades portuarias.


PALAVRAS-CHAVE: TEATRO CHILENO. BOSCO CAYO. TEATRO DOCUMENTO. NORTE.

TRANSFORMACIONES QUE ASUSTAN: EL ENCLAVE ANDINO-AMAZÓNICO EN LA NARRATIVA DE GAMALIEL CHURATA

Elizabeth Monasterios
University of Pittsburgh

La escritura churatiana posee una extraordinaria capacidad para “asustar” al lector, ya sea porque visibiliza aspectos impensables de la realidad o porque propone ecuaciones culturales que desequilibran el edificio de la razón moderna. En esta ponencia me concentraré en uno de los episodios más desconcertantes de su narrativa: la transformación de uno de sus personajes en Puma, mientras diserta ante un auditorio universitario que se ha reunido para escucharlo. El episodio aparece en Resurrección de los muertos, el primer libro póstumo de Churata, y el personaje en cuestión es el Profesor Analfabeto. Propongo que esta transformación del profesor en animal selvático requiere cuidadosa consideración por cuanto revela el profundo conocimiento que tuvo Churata de contactos culturales entre sociedades andinas de tierras altas y sociedades amazónicas de tierras bajas, expertas precisamente en “transformaciones shamánicas”.

PALAVRAS-CHAVE: CHURATA. ANDES. AMAZONÍA.



ST 17 - HISTÓRIA, ECONOMIA,
MEMÓRIA, SOCIEDADE, CULTURA E
QUESTÕES AMBIENTAIS

**A SERINGUEIRA NA UNIVERSIDADE: MOVIMENTO ESTUDANTIL
UNIVERSITÁRIO NO ESTADO DO ACRE E A QUESTÃO DA TERRA (1970-
1980)**

Queila Batista dos Santos
Universidade Federal do Acre

Pensando na relação que o Movimento Estudantil universitário acreano, estabelece com as questões que permeavam a sociedade acreana nas décadas de 1970 e 1980, é que voltamos nossa atenção para evidenciar de que forma este movimento de estudantes dialogava com o contexto social/político/econômico do estado do Acre. Após o golpe militar de 64, a Amazônia se torna alvo, de projetos e políticas visando a ocupação de seu território, em um processo para a “integração” da região na onda da modernização e do acúmulo do capital no país. A região passa a ser o principal alvo nesse processo de modernização e acúmulo de capital, sendo alvo de cobiça principalmente do capital internacional. Em 1977 chega a liderança do Diretório Central de Estudantes da universidade Federal do Acre estudantes que já participavam de outros segmentos sociais e fazem do movimento estudantil mais um agente na luta pela defesa da terra, num momento em que a expropriação da mesma gerava mazelas sociais, eles trazem a discursão da floresta para a universidade. As narrativas construídas pelos estudantes sobre a Amazônia, encontradas em nome de Chapa como Seringueira (1977) e em slogan como Preservar para Sobreviver (1981), nos apontam para representações nas práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social. Dialogamos com a noção de representação na visão de Roger Chartier e sobre a ótica de Paul Ricoeur, por acreditamos que ao trazer para dentro do movimento estudantil as questões que eram latentes na sociedade em que estavam inseridos, os jovens enquanto agentes sociais, representam o vínculo social e sua contribuição a esse vínculo, tornando-se assim, leitores do seu ser e do seu agir na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE: MOVIMENTO ESTUDANTIL. AMAZÔNIA.
REPRESENTAÇÃO. RESISTÊNCIA.**

**A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
NO ENSINO DE HISTÓRIA EM EXPERIÊNCIAS DO PIBID HISTÓRIA
UFAC/2017**

Maria Rosana Lopes do Nascimento
Universidade Federal do Acre

Wálisson Clister Lima Martins
Universidade Federal do Acre


Este trabalho decorre de um projeto – em andamento – pensado nas disciplinas de Pesquisa Histórica I e II do Curso de Licenciatura em História, e pretende explorar as associações entre as tecnologias da informação e comunicação e ensino de História estabelecidas em experiências do subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Acre (Ufac) no ano de 2017. O programa em questão (Pibid) é uma iniciativa governamental, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), voltada para o aperfeiçoamento e valorização da formação docente, concedendo bolsas a alunos de licenciaturas para que estes desenvolvam atividades didático-pedagógicas em escolas da rede pública. Como objetivo geral do trabalho, busca-se compreender de que forma essas tecnologias foram utilizadas no Ensino de História pelos Bolsistas de Iniciação à Docência (ID) do programa, valendo-se das experiências compartilhadas durante o último ano. A metodologia utilizada será qualitativa, fazendo uso de análise de materiais bibliográficos, entrevistas e de artigos produzidos pelos bolsistas IDs – a serem selecionados. Em relação à base teórica, são utilizados os textos de BITTENCOURT (2011), no que tange à definição de conceitos e possibilidades de usos de materiais no ensino; PERRENOUD (2000), em diálogo com as possibilidades e deveres do ser docente no século XXI; GABRIEL (2013), discutindo a penetração das tecnologias na educação e a necessidade de atualização do docente; bem como outros artigos científicos que discorrem sobre a temática proposta. Diante do exposto, defende-se a utilização das tecnologias no ensino de História como recurso auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, que, aplicadas ao Pibid, contribui de maneira bilateral com a formação dos discentes de licenciatura em História e com os alunos que compartilham dos saberes presentes nos encontros.

**PALAVRAS-CHAVE: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO. ENSINO DE HISTÓRIA. PIBID. EXPERIÊNCIAS.**

**ANÁLISE DE CAPITAL SOCIAL NUMA PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL:
UMA PROPOSTA DE ESTUDO COM MULHERES NA RESEX CHICO
MENDES – ACRE - BRASIL**

Tânia Gomes Façanha
Universidade Federal de Santa Catarina

Esta pesquisa tem por escopo analisar a organização comunitária e formação do capital social na Resex – Chico Mendes enfocando a participação das mulheres no processo histórico, em suas lutas e nas conquistas do movimento seringueiro no Acre. Para tal, utilizamos a metodologia da História Oral. Historicamente, os movimentos de ocupação da Amazônia, em especial o extrativismo da borracha, basearam-se na subordinação da força de trabalho de homens e mulheres oriundos do Nordeste brasileiro. Os seringueiros e seringueiras eram de todo modo coagidos por este sistema, que se mantinha da exploração de seu trabalho. Pode-se destacar o amadurecimento do Capital Social, no Acre, a partir de 1970, por meio das organizações sociais que nascem da necessidade e do impulso dos trabalhadores e trabalhadoras diante da ameaça de perderem seu modo de vida, cultura e condições de acesso a terra, ou meios de acesso à extração da borracha e castanha, vencem as dificuldades de articulação política e se organizam em prol desse objetivo comum, assegurados nas relações de confiança e solidariedade articulados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, dentre outros, sob a liderança de Chico Mendes. Neste contexto, os trabalhadores ditos rurais, mas da floresta, da categoria de seringueiros criaram duas formas de cooperação, conceitos elaborados por eles próprios, que foram importantes para o debate da formação do Capital Social e que impulsionaram a criação das Reservas Extrativistas no Acre: os Adjuntos e os Empates. Salvo rara literatura, os registros e reconhecimento da mulher como trabalhadora nos seringais acreanos ainda é insipiente. Nas pesquisas e registros pouco se faz menção desse universo feminino, destacam mais a projeção masculina, principalmente por conta de uma tradição cultural endrocentrica resultante de uma racionalidade hegemônica colonizadora, um pensamento único, de um consenso fabricado sobre os campos de significados produzidos acerca da sociedade que relegam a mulher a personagem secundária. Assim, pretendemos registrar o protagonismo histórico dessas mulheres que aturaram e atuam ativamente na dinâmica das relações materiais, simbólicas, culturais e subjetivas. Partindo da premissa de que a avaliação dos aspectos que promovem o crescimento



econômico e desenvolvimento social de uma comunidade, município, região ou país, geralmente está relacionada aos aspectos históricos ou a dotação de diferentes estoques de capital, como capital natural, físico, financeiro, humano e social. A compreensão do papel das interações sociais possibilita a inclusão, bem como, uma participação mais efetiva das pessoas nos processos de desenvolvimento socioambiental. Este desenvolvimento relaciona-se com o nível de organização social dos agentes, distribuídos em grupos de ação coletiva, onde a atuação conjunta proporciona o fortalecimento de Capital Social que, por sua vez, pode vir a tornar-se ferramenta de promoção do desenvolvimento da comunidade. O aumento da exclusão, desigualdades sociais, insuficientes políticas de governo ou estado, degradação ambiental, frágil governabilidade e descaracterização cultural são aspectos que desafiam as propostas e projetos para o desenvolvimento, configurando necessidades de fortalecimento do capital social como coparticipante no exercício de gestão das políticas voltadas para as comunidades, como aquelas mulheres situadas nas florestas do Acre, atuantes na RESEX Chico Mendes.

PALAVRAS-CHAVE: CAPITAL SOCIAL. MULHERES SERINGUEIRAS. ACRE.

AS MEMÓRIAS DAS FAMÍLIAS ASSENTADAS NA DÉCADA 90 EM ANAPU/ PA

Edisa Assuncao Correa
Universidade Federal de Santa Catarina

O objetivo deste ensaio é elaborar um debate sobre a importância da memória para pesquisa cujo lócus situa-se em comunidades situadas ao longo rodovia transamazônica (BR-230), a luz de autores como Halbwachs (2013), Yates (2007), Le Goff (1990), Bérghson (1999), teóricos que abordam essa temática em seus estudos, dando destaque aos conceitos elaborados dentro da perspectiva teórica a que cada autor se filia, dentro de seu campo de estudo. Parte-se do pressuposto que a memória é responsável por armazenar os acontecimentos das experiências ora vivida por um determinado sujeito, ora por uma coletividade, no qual somos capazes de revisita-las, de interpreta-las, ou mesmo de priorizar umas e esquecer outras. Intui-se que a constituição da memória é composta por aquilo que ficou de bom ou ruim de uma dada experiência. Nesse processo a experiência ocupa papel relevante porque dela advém os fatos que poderão ser evocados por uma imagem, pelos sentidos, um dado evento. A memória é um elemento essencial para a construção histórica de um povo, comunidade, família. É por meio dela que valores, hábitos, costumes podem ser transmitidos. São essas memórias que nos interessam e por isso nós direcionamos para a comunidade de Anapu, que na década de 90 recebeu famílias oriundas de diversas partes dos pais para residir na localidade, o que nos permite discutir as experiências de seus sujeitos a cerca do entendimento da história local e dos sentidos que atribuem às suas vidas naqueles espaços amazônicos. A memória é uma construção individual, subjetiva, que pode ser compartilhada vindo ou não a tornar-se coletiva, de acordo com a situação histórica na qual os sujeitos estão envolvidos. Por isso vamos tomar memória como uma fonte de conhecimento que possibilita trazer para o debate, nesse caso para a pesquisa, a interpretação de fatos históricos, através dos sujeitos, com seus testemunhos, que de certa forma, foram excluídos de um processo ou colocados no anonimato. Neste projeto recorreremos à história oral como base metodológica para a pesquisa de campo.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. AMAZÔNIA. HISTÓRIA ORAL.

CORONÉIS EM FOCO: EXERCÍCIOS DE PODER DOS SERINGALISTAS EM RIO BRANCO, ACRE

Daniel da Silva Klein

Universidade Federal do Acre

O texto procura interpretar as ações de execução de poder vinculadas a práticas econômicas e sociais de um grupo de seringalistas do vale do Rio Acre no início do século XX, debatendo como estruturas gerais determinantes são criadas no cotidiano em redes de socialização. O foco será direcionado para práticas de coerção e submissão que reforçam, ampliam e espraiam os domínios de uma determinada elite da Amazônia, a saber, aquela proprietária de seringais e que detinham cargos nas mais variadas esferas do Estado. Como pano de fundo, iremos propor o argumento de que tais relações foram fundamentais no processo de construção da república brasileira, garantindo assim a continuidade nos meandros do poder pelas elites locais em pleno século XXI. Para a investigação foram utilizados processos do arquivo do Tribunal de Justiça do Acre, sobretudo os vinculados a empresa N & Maia e Companhia, telegramas trocados entre o governo federal e o local bem como bibliografia de apoio tanto especializada quanto metodológica. Como método de abordagem, debateu-se em um segundo plano com a chamada microhistória de inspiração italiana, principalmente a noção de que os indivíduos socialmente organizados criam redes estruturantes de determinação social. Com o texto esperamos ampliar os debates sobre os métodos historiográficos e as contribuições para compreensão das amazônias.

PALAVRAS-CHAVE: SERINGALISTAS. AMAZÔNIA. PODER.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA AMAZÔNIA SOB A ÓTICA DA OBRA DOIS IRMÃOS

Adão Ferreira de Albuquerque Filho
Universidade Federal de Roraima

O desenvolvimento da região Amazônica, ainda que tardio, devido à sua densidade demográfica e localização, ascende-se vertiginosamente ao final do século XIX à medida que a mão de obra açucareira nordestina e a migração de estrangeiros são atraídos para a região em função da extração do látex. O apogeu da indústria da borracha (1870-1912) dá lugar a uma desaceleração ao passo que a Ásia desponta como concorrente dos seringais brasileiros, já em meados da década de 10. Do apogeu à decadência da atividade, junto à transição política e econômica pela qual o Brasil atravessou, é que buscamos no romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, encontrar vestígios/indícios que representam uma Manaus marcada pela ânsia em redescobrir-se, por meio da memória do narrador-personagem Nael. O romance ambientado em Manaus se passa entre o ápice da atividade borracheira até os efervescentes reflexos da ditadura militar. Desenha diferentes cenários por conta de diferentes contextos históricos que são abordados por Nael. A narrativa ilustra essa transição da conjuntura social, política e econômica da época. Além disso, a obra aborda, ainda que de maneira preconcebida, os impactos ambientais e os avanços na infraestrutura que a cidade viria sofrer com a eclosão da indústria (implementação da Zona Franca de Manaus no início dos anos 70) e a vinda de capital externo (políticas de desenvolvimento econômico adotadas pelo governo militar). As memórias do personagem tornam clara essa transformação e demonstram/esboçam a intenção do autor em levar-nos a essa verificação, a medida que a denominada Cidade Flutuante passa a crescer e desenvolver-se rapidamente, tornando-se uma das metrópoles com mais destaque no contexto nacional atual. Dessa forma, é possível, de modo analítico/reflexivo e comparativo, compreender e apontar a dinâmica, os componentes e os agentes que participaram e possibilitaram esse processo de desenvolvimento da metrópole nortista. Assim sendo, acreditamos que por meio do viés literário, pudemos apontar parte da história econômica, política e social da Amazônia sob a ótica hatouniana.

PALAVRAS-CHAVE: DESENVOLVIMENTO. AMAZÔNIA. MEMÓRIA.

ENTRE MACHADINHAS E FACAS: TRANSFORMAÇÕES NO SABER-FAZER DOS SERINGUEIROS

Eduardo Di Deus
Universidade de Brasília

Hélio Melo, seringueiro, músico, pintor, artista de muitos talentos e grande conhecedor do mundo da floresta e dos seringais, escreveu o livro “O caucho, a seringueira e seus mistérios (1986; 1996), no qual traz uma rica, detalhada e ilustrada apreciação dos modos de se relacionar com estas duas árvores que produzem borracha. Na passagem da primeira para a segunda edição ocorre uma pequena alteração, aparentemente sem grande significado: foram retirados o texto e o desenho que se referiam ao uso das machadinhas, que antecederam as facas como ferramentas principais para o corte da seringueira. Deliberada ou não, esta alteração é reveladora de um processo de “purificação” muito comum em história das técnicas e das ciências. A Minissérie televisiva Amazônia, de Galvez a Chico Mendes curiosamente repete em parte este procedimento, ao retratar cenas de seringueiros no primeiro ciclo borracha utilizando machadinhas, mas realizando com eles o gesto característico do corte com facas, que marca as cascas das árvores em linhas paralelas, em vez das incisões golpeadas que eram típicas das machadinhas, ferramentas hegemônicas no auge da economia da borracha. Nesta comunicação pretendo partir destes fatos para discutir de que maneira a transformação técnica no modo de extração do látex é reveladora dos saberes e fazeres na complexa relação do seringueiro com as árvores. Proporei também, a partir das transformações na extração do látex, um diálogo entre os campos da história ambiental e da história das ciências e das técnicas.

PALAVRAS-CHAVE: SERINGUEIROS. TÉCNICA. HISTÓRIA. AMBIENTE.

HINO DO SERINGUEIRO: MÚSICA CANTADA PELOS SERINGUEIROS DE XAPURI NOS EMPATES COMO ENFRENTAMENTO AO PODER

Marilene Nascimento da Silva
Universidade Federal do Acre

Este texto o qual apresenta informações de uma dissertação de mestrado em andamento, pretende reconhecer a música, de autoria de Toinho do Jutai, denominada hino do seringueiro, cantada originalmente pelo movimento de seringueiros do município de Jutai - Am, motivado pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e pelo Movimento de Educação de Base – MEB, ambos ligados à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, que tornou-se, para os seringueiros de todos os estados da Amazônia brasileira presentes no 1º Encontro Nacional de Seringueiros (1985), como símbolo de enfrentamento ao poder. Este hino foi cantado diversas vezes, nos empates, pelos seringueiros de Xapuri – Ac. Este texto está vinculado ao programa de pós-graduação em letras: linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre – UFAC e tem como objeto de estudo a Memória das Práticas Educativas do Projeto Seringueiro. O seu objetivo é analisar as práticas educativas do Projeto Seringueiro na formação dos alfabetizando adultos acerca das questões cotidianas e insere-se na metodologia dos estudos qualitativos e documental.

PALAVRAS-CHAVE: MÚSICA. EMPATES. SERINGUEIROS.

HISTÓRIA AMBIENTAL E OS RELATOS DA CHEIA DO RIO ACRE EM 2015

Inayane Melo Lima
Universidade Federal do Acre

A comunicação HISTÓRIA AMBIENTAL E OS RELATOS DA CHEIA DO RIO ACRE EM 2015, que ora se apresenta, faz parte do Projeto de Iniciação Científica denominado de História e Jornalismo: reflexões e apontamentos para o uso de fontes hemerográficas, que em seu segundo ano vincula-se para o exercício de 2017/2018 ao edital nº 004/2017 da PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA UFAC, e está voltado na presente fase para a interligação entre a História e Imprensa com a História Ambiental, tendo como referencial teórico e metodológico materiais de autores como Marialva Barbosa, Heloísa de Faria Cruz, Eric J. Hobsbawm, Donald Worster, José Augusto Pádua, Marieta de Moraes. Neste sentido, fazendo uso de material publicado nos periódicos acrianos no último quinquênio, observamos as associações entre Imprensa, História do Tempo Presente e História Ambiental, em suas representações de nuances políticas e econômicas, concatenadas com a aspectos socioculturais no Acre. O foco central de nossas observações são as intempéries climáticas que resultaram nas grandes cheias do Rio Acre, por conseguinte nos problemas relativos tanto a inundações de bairros e abastecimento da capital acriana, quanto as suas repercussões sobre a sociedade rio branquense. De tal maneira, se inserindo no Simpósio Temático História, Economia, Memória, Sociedade, Cultura e Questões Ambientais visto os diálogos sobre as relações de poderes e as ditas práticas de sustentabilidade no Acre recente, colaborando aos debates em torno das formas de apropriação da natureza pelos seres humanos, e de que modos isso se percebe pela escrita da história regional.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA E IMPRENSA. HISTÓRIA AMBIENTAL. ENCHENTES. RIO BRANCO.

**HISTÓRIA AMBIENTAL, HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E
HISTÓRIA (SÓCIO)ECONÔMICA NO EXTREMO OCIDENTAL DA
AMAZÔNIA: REFLEXÕES SOBRE AS MEMÓRIAS DO, NO E SOBRE O
ACRE**

Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque Franco
Universidade Federal do Acre

Esta comunicação decorre de observações e anotações feitas ao longo dos últimos anos a partir de pesquisas em andamento no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre, que reuniram História Ambiental, História do Tempo Presente, História e Imprensa e concatenadas à História (Sócio)Econômica Acre. O intuito da comunicação é expressar reflexões a respeito de como têm sido constituídas e registradas as memórias do, no e sobre o Acre (situado no extremo mais ocidental da Amazônia) inserindo-as dentro dos apontamentos feitos a partir da História Ambiental, História do Tempo Presente e História (Sócio)Econômica - entendendo o neologismo da última como um caráter provocativo e não desconexo no estudo interdisciplinar de fontes históricas e econômicas, bem como de dados sociais. A provocação é advento da compreensão de que os usos e apropriações dos recursos naturais existentes na região são indissociáveis das transformações sociais e políticas vivenciadas na sociedade acriana desde o fim do regime de ditadura civil militar brasileira. A metodologia de trabalho vincula-se ao pensamento de Morin da transdisciplinariedade, perpassando análise de referenciais como Enrique Leff, Marieta de Moraes, Carlos Alberto Franco da Costa, Marialva Barbosa, dentre outros. Tendo como justificativa de inserção no presente Simpósio Temática a proposta de contribuir aos debates e interligações a respeito de cultura e tempo presente no contexto das ciências humanas e sociais aplicadas.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA. TEMPO PRESENTE. HISTÓRIA E IMPRENSA. HISTÓRIA AMBIENTAL.

MEMÓRIA DA FLORESTA

Marcos Fábio Freire Montysuma
Universidade Federal do Acre

Neste trabalho nos propomos abordar aspectos relativos à memória da floresta, compreendida em perspectivas que refletem uma relação cultural de seringueiros do Acre com a floresta amazônica. Para tal fim nos embasamos nas pesquisas efetuadas na região de Xapuri/Acre, onde tivemos a oportunidade de interagir com a comunidade de mulheres e homens que atuaram e atuam no extrativismo da borracha e castanha do Brasil. E na interação com um dado meio ambiente constroem seus modos de vida e culturas das florestas. As abordagens que efetuamos consideram como essencial a memória. E memória não ocorre aqui tomada apenas como conceito ou fundamentação filosófica, mas é acima de tudo, como uma condição pela qual alinhavamos os discursos dos sujeitos na relação e expressão dos espaços, na representação e construção do fazer diário tomando a floresta como referência de ser e de agir. Os relatos que utilizamos neste trabalho foram coletados através da metodologia da história oral.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA. HISTÓRIA ORAL. MEIO AMBIENTE FLORESTA.

Iana Carla Couto

Universidade Federal de Santa Catarina

O presente trabalho tem como objetivo argumentar sobre a relação entre as práticas realizadas por mulheres permacultoras brasileiras e o ecofeminismo. Abordando questões históricas de impacto na área ambiental, como exemplo da revolução verde e os movimentos subsequentes a esse processo, demonstra que a Permacultura, uma ferramenta de design de ambientes sustentáveis, aplicada para a reorganização de espaços de terra produtiva, e o ecofeminismo, que traz uma pauta ecológica ao feminismo, dando espaço ao conhecimento holístico e uma conexão orgânica entre humanos e natureza, caminham na mesma direção. Esse trabalho traz uma reflexão sobre as pesquisas de campo realizadas com mulheres permacultoras, onde é possível observar que, apesar do termo “ecofeminismo” não ser algo utilizado, há uma tendência a práticas direcionadas ao feminismo e uma preocupação com pautas de preservação ambiental. As mulheres permacultoras brasileiras do século 21, aliam conhecimento holístico, pautas feministas e uma vida em harmonia com a natureza para a defesa da ocupação de territórios, seguindo uma perspectiva menos impactante, preocupadas entre outras coisas, com a alimentação e vida saudável, levantando uma bandeira ecológica de consumo consciente.


PALAVRAS-CHAVE: MULHERES. PERMACULTURA. ECOFEMINISMO.

O EMPODERAMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA EM SANTA CATARINA –REFLEXÕES SOBRE A INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES (ITCP- UNISUL) DA UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

Elisete Gesser Della Giustina Da Correggio
Universidade do Sul de Santa Catarina

João Antolino Monteiro
Universidade do Sul de Santa Catarina

A economia solidária (ES) é no Brasil um movimento, cuja articulação gerou a criação de um fórum nacional, bem como de uma secretaria específica, vinculada ao Ministério do Trabalho. É um movimento social em rede que têm contribuído para educar para a cidadania, na medida em que vêm repensando sobre o lugar da natureza nas relações sociais, defendendo a transversalidade dos direitos sociais e ambientais, respeitando tempos e processos históricos, por meio do reconhecimento de raízes culturais tradicionais sem desconsiderar o compromisso de sustentabilidade com as gerações futuras, transpondo fronteiras territoriais, pensando globalmente e agindo localmente, e, radicalizando a democracia, quando articulam os sentidos da justiça social, com o da autonomia do sujeito e o da responsabilidade social. Em Santa Catarina a economia solidária avançou recentemente na sua articulação e tem buscado avançar em sua organização com a constituição do Grupo de Trabalho, hoje denominado, Fórum Catarinense de Economia Solidária e com apoio das Incubadoras Universitárias. O artigo tem como principal objetivo apresentar algumas considerações sobre a trajetória, os atores e a relevância da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unisul (ITCP-Unisul) no processo de construção e de empoderamento da rede de economia solidária no Sul do estado de Santa Catarina. A metodologia utilizada foi uma pesquisa documental, realizada nos relatórios de atividades da ITCP-Unisul no que tange a atividades de disseminação e capacitação em economia solidária na região Sul de Santa Catarina, bem como outras leituras e fontes de dados que contribuíram para uma melhor compreensão do objeto de estudo. O período definido para o estudo foi de março de 2014 a setembro de 2017. A preocupação central é conhecer o que mantém a ITCP-Unisul, buscando compreender as forças sociais que mobilizam ou enfraquecem e que produzem também outras articulações, por exemplo, com movimentos sociais e culturais, com organizações civis. Através da análise é possível identificar



as mudanças que ocorreram com a implantação da ITCP-Unisul bem como perceber que é um espaço de participação e qualificação da vida dos/as envolvidos/as e manifestam-se como caminhos possíveis para a construção de uma sociedade socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável, na certeza de que “uma outra economia acontece”.

PALAVRAS-CHAVE: ECONOMIA SOLIDÁRIA. FÓRUM. MOVIMENTOS SOCIAIS. REDES. SOCIEDADE CIVIL.

**PERSPECTIVAS DOS TRABALHADORES DO PROJETO DE
ASSENTAMENTO DIRIGIDO BOA ESPERANÇA EM SENA MADUREIRA
ACRE FRENTE ÀS POLÍTICAS AMBIENTAIS 2005-2017**

Cicero Dantas dos Santos Filho
Universidade Federal do Acre

As políticas de colonização dirigida no contexto posterior à década de 1970, tiveram como uma de suas premissas, resolver os problemas sociais de famílias expropriadas da terra, tanto no Acre como em estados do Sul e Nordeste. Nessa perspectiva foram estabelecidos os Projetos de Colonização Dirigida e centenas de famílias foram assentadas sem infraestrutura e sem o apoio técnico para o desenvolvimento das atividades agrícolas. Os lotes foram abertos através de derrubada e queima da mata, o que gerava dano ambiental cujas consequências na época não eram consideradas. Com as mudanças nas políticas ambientais, os assentados passaram a enfrentar sérios problemas de sobrevivência, pois as limitações de desmate os impede de plantar até para o próprio consumo. A presente comunicação trata de pesquisa em curso, que tem como objetivo discutir questões ambientais a partir das perspectivas de desenvolvimento econômico de trabalhadores do Projeto de Assentamento Dirigido Boa Esperança em Sena Madureira-Acre no período de 2005 a 2017. Utilizaremos como metodologia a análise de narrativas orais coletadas através da realização de entrevistas com questões abertas. Quanto aos pressupostos teóricos tomo por base as elucubrações de Bakhtin/Volochinov sobre índice de valor no âmbito da luta de classes.

PALAVRAS-CHAVE: COLONIZAÇÃO. TRABALHO. SOBREVIVÊNCIA. AMBIENTALISMO.

POVOS INDÍGENAS, CIVILIZAÇÃO E TRABALHO NO ALTO JURUÁ

Gaby Gama da Mota Lima
Universidade Federal do Acre

Teresa Almeida Cruz
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho está relacionado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em andamento, do projeto de pesquisa intitulado “Releituras da história: Povos indígenas nos arquivos de Rio Branco” e visa discutir o contexto de abertura dos seringais acreanos que sangraram os territórios indígenas e suas populações do Alto Juruá, no final do século XIX e início do século XX, incorporando os sobreviventes no sistema de exploração gumífera através da “civilização” e trabalho, também conhecido como “amansamento”. Neste sentido, analisa a relação entre os povos indígenas e os não indígenas que pelas relações de poder desenvolveram diferentes formas de controle do trabalho, do corpo e do território indígena, especialmente pelo método das correrias ao longo do Alto Juruá. Para o aprofundamento desta temática baseia-se nos escritos etnográficos de Parrisser e Constant Tastevin, missionários Espiritanos que estiveram no Juruá no período citado acima. Inspira-se em trabalhos na perspectiva da Antropologia Histórica como os de João Pacheco de Oliveira (2016) e Marcelo Manuel Piedrafita Iglesias (2012), dentre outros autores. Também se fará uso da tradição oral, por meio de narrativas indígenas presentes em diferentes veículos de divulgação, como cadernos de educação indígena, e outras mídias relacionado a temática com as lutas que foram travadas pelos povos indígenas a partir da década de 1970 pelos seus territórios.

PALAVRAS-CHAVE: POVOS INDÍGENAS. ALTO JURUÁ. TRABALHO. CIVILIZAÇÃO.

QUESTÕES DE CIDADANIA DO IDOSO NO JORNALISMO IMPRESSO

ACRIANO

Janaina da Silva Pinheiro
Universidade Federal do Acre


A presente comunicação QUESTÕES DE CIDADANIA DO IDOSO NO JORNALISMO IMPRESSO ACRIANO, se constituiu a partir dos estudos e pesquisas feitas no primeiro semestre de atividades do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária denominado de HISTÓRIA E CIDADANIA ACRIANA: A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS EM RIO BRANCO (2007-2017). O projeto que está em seu semestre inaugural, se insere dentro do Edital nº 004/2017 da PROPEG/UFAC, para o exercício 2017-2018 e tem por objetivo investigar a construção histórica da cidadania no Acre, por isso a propositura para o período é pesquisar a criação e atuação das estruturas estatais vigentes destinadas à defesa dos Direitos Humanos, usando como marco espacial a cidade de Rio Branco e baliza temporal de 2007-2017. Para tanto, o projeto tem como suporte teórico-metodológico as obras relativas a História do Tempo Presente, História e Cidadania, a partir do olhar de autores como Lucília de Almeida Neves Delgado, Marieta de Moraes Ferreira, José d'Assunção Barros, Jayme e Carla Pinsky. A metodologia de projeto em comento se dividiu em duas etapas, sendo a primeira já integralizada até fevereiro de 2018, com a pesquisa e leitura de bibliografia sobre a temática, ao passo que a segunda e final está em curso com as investigações nos acervos da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH), confrontados com os dados do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do Acre (CDDHEP) e das fontes hemerográficas (públicas e privadas) de Rio Branco.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA. CIDADANIA. SOCIEDADE.

RACIONALIDADE E EXPLORAÇÃO MADEIREIRA NA AMAZÔNIA: EXPERIÊNCIAS ACRIANAS NO ALVORECER DO XXI

Carlos Alberto Franco da Costa
Universidade Federal do Acre

O presente texto resulta do trabalho de doutoramento e publicação em prelo acerca da “Racionalidade e Exploração Madeireira na Amazônia: experiências acrianas no alvorecer do XXI”. O intuito da pesquisa ora comentada era evidenciar nos fatos históricos citados no corpo do trabalho, a construção de uma racionalidade insustentável, tendente à dilapidação dos recursos naturais na Amazônia, é fruto de um processo histórico marcado pela herança de uma cultura de exploração econômica de curto prazo, introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses e consolidada por políticas econômicas associadas aos interesses da burguesia agrária e do grande capital monopolista brasileiro e multinacional. Os principais fatores geradores desta racionalidade insustentável foram: (a) o modelo econômico primário exportador, que durou de 1500 a 1930, responsável pela formação dos latifúndios no país, e pela cultura de substituir florestas por explorações baseadas na monocultura; (b) o modelo de desenvolvimento baseado na substituição de importações que vigorou de 1930 a 1980, responsável pela concentração de riquezas a nível regional e pessoal e o excessivo endividamento externo do Brasil e; (c) o processo inflacionário da economia brasileira, que perdurou da década de 1940 até 1993, deixando a herança de comportamentos imediatistas nos agentes econômicos. No caso específico da Amazônia, ademais dos fatores acima expostos, some-se: (a) o processo de ocupação no final do século XIX, em função dos interesses do capital internacional, ligados às indústrias de artefatos de borracha da Europa e Estados Unidos; (b) os acordos de Washington na década de 1940, para atender os interesses dos Estados Unidos no fornecimento de matérias primas estratégicas para o desfecho da Segunda Guerra Mundial, entre elas a borracha; (c) a ocupação pela doutrina de segurança nacional, durante o regime militar, no período de 1964 a 1985, responsável pela indução por parte do governo de atividades econômicas altamente geradoras de impactos ambientais e sociais negativos para a região. A soma de todos esses fatores gerou uma racionalidade caracterizada pela tendência a comportamentos econômicos voltados ao curto prazo, pela homogeneização da produção e da cultura e pela dilapidação dos recursos naturais. E assim, com o somatório destes fatores, pode-se afirmar que a história econômica do Brasil e da Amazônia



brasileira se confundem com a história da devastação das florestas, da criação de desigualdades sociais e dos interesses do grande capital em detrimento do trabalho e da pequena produção. Os referenciais teóricos metodológicos tiveram por base as obras de J. M. Naredo e J. Martinez Allier.

PALAVRAS-CHAVE: MANEJO FLORESTAL. EXPLORAÇÃO MADEIREIRA. ECONOMIA ECOLÓGICA.

**REFORMA AGRÁRIA, CAPITAL SOCIAL E GESTÃO DOS RECURSOS
NATURAIS: O CASO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
BONAL**

Ana Paula Diniz Brito
União Educacional do Norte

A discussão em torno do capital social é relativamente nova na academia, não obstante está diretamente relacionada com um antigo problema da vida social: os dilemas da vida coletiva, ou seja, a necessidade da sociedade em desenvolver ações que gerem confiança mútua entre seus membros e cooperação, buscando atingir objetivos comuns, evitando problemas que envolvem os bens públicos e possibilitando atitudes que influenciam a geração de renda e, conseqüentemente, a diminuição da pobreza no meio rural e a preocupação ambiental. É justamente nessa direção que o presente trabalho apresenta discussões sobre o tema questão, com uma análise sobre o pds bonal, assentamento situado na amazônia, buscando entender as estratégias no processo de estruturação e fortalecimento da agricultura familiar. observando a responsabilidade, influência de valores pautados na nova forma de reprodução familiar sustentável. por sua vez, representa as normas e valores partilhados com membros e instituições que garantem a cooperação dentro dos grupos sociais. Para um melhor entendimento acerca da situação agrária que permeia a amazônia, é importante compreender os ciclos produtivos da região, levando-se em consideração três principais momentos: a exploração das drogas do sertão; o período áureo e a decadência da borracha; e os grandes projetos oriundos das políticas desenvolvimentistas do governo militar, pós-1970. A história da gestão dos recursos naturais na amazônia inicia-se com as denominadas “drogas do sertão, que eram produtos da região vendidos como especiarias, época em que a amazônia pertencia à subordinação da coroa portuguesa (tocantins, 1979). no segundo momento, a gestão das florestas na amazônia está diretamente ligada ao extrativismo da borracha, iniciado com a primeira revo-lução industrial. Em um primeiro momento, a borracha foi explorada exclusivamente com a extração do caucho. Alguns autores descrevem essa fase da história da economia do extrativismo da goma elástica como “extrativismo expedicionário”. Os seringueiros, em sua maioria, eram indígenas e a forma evidenci-ada pela produção os tornava nômade. as condições de técnicas da operação podem ser expressas pela seguinte forma: nesse contexto, os seringueiros referenciavam-se

em um universo sociocultural próprio, estabelecendo suas relações de tensões e harmonia – uma dialogia com o mundo, fazendo sua língua-gem e proposta de sustentabilidade própria, ou seja, homem e natureza em consonância (lima, 1994). Por outro lado, a forma da extração do caucho enfraquece a composição da relação de produção, nota-damente em decorrência da forma de produção. Octavio ianni (1978) relata que a relação de produção evidenciada pelo extrativismo não significa a inexistência da afinidade com a natureza ou fraco relacionamento com ela. A segunda fase ocorre com a utilização da borracha no processo industrial por meio da vulcanização e, por último, após o desenvolvimento da indústria automobilística e a invenção dos pneus (lima, 1994). Esta fase ocorreu na segunda metade do século XIX, quando os imigrantes nordestinos vieram para o acre, em busca do enriquecimento através da exploração da borracha. Foi à fase denominada “ciclo da borracha”, constituído, sobretudo, em virtude de sua ação monopolizadora que propiciou um período de grande expressão política, cultural e socioeconômica, gerando condições materiais de vida (martinello, 2004). Assim, ocorrem profundas transformações na maneira de produção, como, por exemplo, o surgimento do sistema de aviamento, que funcionava como uma cadeia a base de créditos, ou seja, com relações de interdependência vertical, em que o seringueiro era uma figura quase escrava, dentro de uma estrutura montada com base nas casas exportadoras- casas importadoras → intermediários (seringalistas ou não) →seringalistas- seringueiros (martinello, 2004). a economia do aviamento na amazônia cresceu de forma instantânea, ocupando toda a região, promovendo um surto de ocupação humana e de exploração dos recursos naturais. com a inserção da região amazônica no movimento do capital industrial, inicia-se uma nova fase relacionada à gestão dos recursos naturais, com relação direta com o progresso técnico no processo de extração do látex. A mudança na forma de “sangrar” a árvore, proporcionando maior vida útil à floresta, serviu para a fixação do homem no seringal e, por conseguinte, elevou a produção e produtividade do trabalho (lima, 1994).

PALAVRAS-CHAVE: CAPITAL SOCIAL. REFORMA AGRÁRIA.

DESENVOLVIMENTO LOCAL. AGRICULTURA FAMILIAR. AMAZÔNIA.

REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS EM ARQUIVOS DE RIO BRANCO

Danilo Rodrigues do Nascimento
Universidade Federal do Acre

Teresa Almeida Cruz
Universidade Federal de Santa Catarina


O presente trabalho vincula-se ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em andamento, intitulado “Releituras da história: Povos indígenas nos arquivos de Rio Branco”. Os objetivos deste texto são: descrever os arquivos do Museu Universitário e do Museu da Borracha, em Rio Branco, Acre, mostrando as situações estruturais destes arquivos; analisar as representações dos indígenas nos jornais, sobretudo, O Rio Branco e A Gazeta, analisando as temáticas de assuntos que englobam esses povos e compreendendo os discursos criados sobre esses grupos étnicos das Amazônias. A metodologia utilizada foi, a princípio, um levantamento nesses arquivos dos Jornais, pesquisando e analisando as matérias em que aparecem os povos indígenas. Além disso, o levantamento bibliográfico de textos de embasamento teórico ao tema, sobretudo, ligados à História e à Antropologia Histórica, bem como as discussões dos textos e a escrita dessa temática deste assunto, a fim de divulgar novos conhecimentos e romper com o saber tradicional imposto. Tivemos como resultado deste trabalho uma nova mentalidade acerca das representações dos indígenas dentro dos jornais da cidade de Rio Branco – Acre, sabendo que foi estabelecida a partir de uma interferência colonialista. Por fim, se compreendeu a importância de ressignificar os discursos impostos a partir de abordagens e compreensão de autores como a historiadora Maria Regina Celestino de Almeida e o antropólogo João Pacheco de Oliveira. Sendo assim, é importante perceber que o estudo das representações indígenas é bem mais amplo e diverso do que se supõe e o mesmo pode se dizer das culturas indígenas que, embora silenciadas, influenciaram profundamente nossa mentalidade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: POVOS INDÍGENAS. RIO BRANCO.
REPRESENTAÇÕES DE INDÍGENAS.

**SER SOCIAL E CONSCIÊNCIA: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DA
CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA “CONSCIÊNCIA AMBIENTAL” NA
AMAZÔNIA-ACREANA**

Israel Pereira Dias de Souza
Instituto Federal do Acre

Durante as décadas 1960-1980, a luta dos seringueiros acreanos ganhou projeção nacional e internacional. Tratava-se de uma resistência contra a modernização capitalista tal como esta chegava por essas paragens amazônicas, resultando em devastação, expropriação, violência e mortes várias. Em razão de seus objetivos e de algumas características de suas lutas, começa-se a formar uma visão segundo o qual a luta desses sujeitos era uma luta ambientalista. Tal se devia ao fato de que, ao lutarem por sua sobrevivência, os seringueiros lutavam também pela proteção da floresta, do que dependia sua sobrevivência física e cultural. Foi a “face ecológica” daquelas lutas, expressa nas preocupações com a preservação das florestas, que abriu as fronteiras nacionais e internacionais para a divulgação da luta daqueles seringueiros. Definimos esse entendimento como “interpretação clorofilada”. Com essa expressão designamos a concepção segundo a qual o movimento aqui em tela seria um movimento eminentemente “ambiental”, “ecológico”. Graças a essa interpretação, sujeitos daquele movimento chegaram a ser considerados os “maiores ambientalistas do mundo”. De tão considerável, essa visão chegou mesmo a moldar como nacional e internacionalmente Chico Mendes, sua figura de maior projeção, seria entendido maiormente. Passou a influir até sobre a perspectiva de estudiosos do movimento dos seringueiros e de ativistas que tomaram parte diretamente naquela luta. Uma das principais marcas dessa interpretação é atribuir “consciência ambiental” às populações locais da Amazônia (e até de além dela), definindo-as como sujeitos que, naturalmente, são “amigos da natureza” e, conseqüentemente, ambientalistas. Tomando como referência a trajetória dos seringueiros acreanos, num arco temporal que vai do final do século XIX ao início do século XXI, nosso objetivo aqui é mostrar como essa “consciência ambiental” é histórica e socialmente construída e a quem ela serve. Rompendo com a tendência de atribuir à natureza o que é próprio do mundo humano-social, procedemos à “desnaturalização do mundo social”. Ver-se-á como, mudando as condições sociais, mudam também a relação do “homem da floresta” com seu entorno e a consciência que desta relação ele tem. Afinal, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto



existirem homens. Toda consciência tem sua raiz nas relações sociais, pelas quais é condicionada e moldada. Propomo-nos mostrar que a consciência do homem da/na floresta não é exceção a isso. Ela nada tem de natural e intrínseco. Se em dadas circunstâncias, essa consciência - que orienta e dá significado à relação que ele mantém com seu entorno - pode apresentar uma dimensão ecológica, em outras, pode trazer algo diverso ou mesmo oposto.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA. SOCIEDADE. AMAZÔNIA. ACRE. SERINGUEIROS.

**SÍMBOLOS INTERAMAZÔNICOS DO SAGRADO NO CORTEJO DA
“VIRGEM DE SANTA ROSA” E NA PROCISSÃO DO “BOM JESUS DO
ABUNÃ”**

Geórgia Pereira Lima
Universidade Federal do Acre

O foco desta comunicação é apresentar experiências sociais de homens e mulheres nos entre-lugares fronteiriços da fronteira Brasil–Bolívia no campo simbólico do sagrado de Plácido de Castro (Acre/Brasil) e Santa Rosa del Abuná (Pando/Bolívia). Esses espaços fronteiriços interamazônicos produziram elementos complexos da cultura (Bhabha, 2005) e de religiosidades que permitem analisar as recriações do universo social, cultural, religioso e plural daquele espaço de fronteiras bi–nacional. As procissões do “Bom Jesus do Abunã” (Acre) e da “Virgem de Santa Rosa do Abunã” (Pando) realizadas pela fé católica mostra que a igreja se constituiu como um dos marcos, sobretudo, culturais e religiosos de além–fronteiras, extrapolando os limites geopolíticos de países latino-amazônicos. Entretanto, esse universo católico ao mesmo tempo permite entrever interações, mas também, a influência da fronteira nacional. Nesse sentido, ao pensar as representações da procissão do “Bom Jesus do Abunã”, do cortejo “Virgem de Santa Rosa” e da simbologia da romagem do andor dos santos para os devotos, para além da manifestação de fé podem ser vistos como elementos de contato linguístico e cultural entre povos, mas também, mostra que a travessia do rio Abunã realizadas por homens e mulheres nos dias de festejos do sagrado esta influenciada pelas culturas nacionais. Portanto, o contínuo e descontínuo das fronteiras e religiosidades expõem uma forma de hibridismo sob o signo do sagrado da manifestação de fé dos devotos, as procissões aos santos daqueles lugares um entre-lugar da religião católica como uma fronteira simbólica (Bauman, 2001).

**PALAVRAS-CHAVE: FRONTEIRA SIMBÓLICA. SAGRADO NA
FRONTEIRA DO ABUNÃ. RELIGIOSIDADE.**

Thaline Luize Ribeiro Fontenele
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O objetivo deste artigo é mostrar a relação entre o capitalismo e a questão ambiental no século XXI. Explanando um olhar inicial para os povos indígenas e sua relação com a técnica, chegaremos até os problemas do século XXI, que tem o meio ambiente como principal escopo para os interesses econômicos, destacando nessa passagem, o uso da racionalidade técnica e as formas de produção como elo e ao mesmo tempo distanciamento entre os seres humanos e a natureza. E por último, mostrar que na perspectiva marxista, o estado de alienação se refletirá tanto na classe trabalhadora, como na natureza, sendo excluídos de forma autônoma de um processo político, social e econômico. Enfim, o sentido de abordar aqui as sociedades indígenas é mostrar que o uso de sua técnica compromete menos ao meio ambiente do que a ideia de técnica produzida atualmente, de larga escala de produção. A proposta de sustentabilidade discutida nas políticas públicas da ONU desde o início da década de 50 e enaltecida hoje pela mídia e algumas redes de consumo, não são capazes de fazer uma crítica mais profunda ao sistema, sendo ilusória numa perspectiva mais ampla, já que não questiona as relações de produção do mundo global, que insistem em manter a lógica capitalista, colocando em risco todo o ecossistema em nome dessa produção. Com isso, o objetivo deste trabalho é mostrar que a modernidade da técnica trouxe rapidez na vida dos seres humanos, porém, manteve-os alheio a diversos outros processos, inclusive com a esfera da própria natureza, interferindo na sua vida social como um todo, porém, sem se dar conta disso, o que se leva a crer que muito mais que um problema moral, os problemas sobre produção, técnica e meio ambiente são também políticos.

PALAVRAS-CHAVE: MEIO AMBIENTE. TÉCNICA. SOCIEDADE.

**VARADOURO - JORNAL DAS SELVAS: MEMÓRIAS E HISTÓRIA
AMBIENTAL NO ACRE (1977-1981)**

Lauane Laura da Silva
Universidade Federal do Acre

A comunicação Varadouro _ Jornal das Selvas: memórias e história ambiental no Acre (1977-1981) é fruto do projeto de pesquisa que resultou na monografia denominada de JORNAL VARADOURO: UM PONTO E UM CONTO DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS, defendida com o intuito de obter o título de bacharel em História pela Universidade Federal do Acre, tendo como temática o Varadouro – Jornal das Selvas, como fonte histórica sobre o período de Ditadura Civil Militar no Acre. A opção por participar do presente Simpósio Temático se justifica porque os apontamentos feitos sobre o Varadouro – Jornal das Selvas (publicado nos últimos anos da década de 1970 e início dos anos 1980) se adequam tanto na baliza cronológica, quanto no eixo temático aqui proposto e assim, ao nosso ver, ao expormos nossas anotações sobre o periódico (que se tornou referência constante como imprensa alternativa no Brasil, sobretudo no Acre para o estudo quanto as transformações da sociedade acriana em função dos impactos da expansão da frente pecuária em desfavor do extrativismo vegetal como principal atividade econômica nos fins do XX) colaboramos com os diálogos sobre História, Sociedade, Cultura e Questões Ambientais. A abordagem da comunicação foi influenciada pelo mencionado trabalho monográfico, tomando como referências os escritos acerca de História e Imprensa feitos por Marialva Barbosa, de História Ambiental a exemplo dos artigos de José de Augusto Drummond, somando-os as discussões sobre Fontes Históricas de Carla Pinsky e Tania de Luca, complementadas por textos de José d'Assunção Barros e Marieta de Moraes relativos a Escrita e Metodologia da História.


PALAVRAS-CHAVE: VARADOURO-JORNAL DAS SELVAS. HISTÓRIA. IMPRENSA. FONTES HISTÓRICAS.

**VISUALIDADES, SENTIDOS E OUTRAS ARTES NO TEMPLO DE NUESTRA
SENÕRA DEL PILAR - COBIJA**

Romário Ney Rodrigues de Souza
Universidade Federal do Acre

Tendo como aporte teórico os Estudos Culturais, este texto, de caráter não conclusivo - pois se trata de uma pesquisa em andamento - tem por objetivo refletir sobre os processos imagéticos que compõem a cultura e o imaginário de sujeitos na fronteira do Acre com a Bolívia. A metodologia é de análise descritiva das imagens a partir de visitas feitas ao templo de nuestra Señora del Pilar. Em torno da arte religiosa, social e política, implementaram-se visualidades híbridas especificamente relacionadas às “imagens cristãs” dentro do templo de Nuestra Señora del Pilar, na cidade de Cobija. Ao lado das “imagens cristãs” tradicionais se alocam outras “imagens não cristãs”, porém, ressignificadas, “cristianizadas”, imiscuindo as experiências sociais de seringueiros à instituição de outros sentidos/narrativas religiosos, culturais e históricos – reconfigurando o modo de ver, sentir e interpretar a vida cotidiana. Partindo de um conjunto de epistemes locais - mas não homogêneas -, os sujeitos representados nas paredes do templo buscaram se reinventar nos processos de criação, resistência, e, sobretudo, na produção de “memórias coletivas”. O texto dialoga com autores como Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Eni Orlandi, Castro-Gomez, Serge Gruzinski, Albán Achinte.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGENS. CULTURA. COLONIZAÇÃO. MEMÓRIA.



ST 18 - IMAGINARIOS SOCIALES
EN LA CIENCIA FICCIÓN
LATINOAMERICANA RECIENTE:
ESPACIO, SUJETO-CUERPO Y
TECNOLOGÍA

CIENCIA FICCIÓN E IMAGINARIOS SOCIALES. LA CLONACIÓN COMO MOTIVO CENTRAL EN DOS NOVELAS CHILENAS RECIENTES

Fernando Moreno Turner
Université de Poitiers

Vinculado directamente con los temas del doble y de la creación artificial, el motivo de la clonación, que cuenta con una importante tradición literaria, aparece en forma destacada en dos novelas chilenas de ciencia ficción publicadas en estos últimos años: *Errantes. Fugitivos de Terra Sur* (2015) de Sofía Bartelsen y *Amor de Clones* (2017) de Alicia Fenieux. Las peripecias de los numerosos personajes inmersos en mundos distópicos, sean estos humanos o copias genéticas idénticas de otro ser vivo, las diversas subjetividades desarrolladas, los vínculos con la tecnología, los diversos grados de inmersión en el espacio virtual pueden querer mostrar cómo en las sociedades actuales la fusión entre el hombre y la técnica parece estrecharse y profundizarse y, por eso mismo, volverse más crucial y problemática. Insertos en el nuevo régimen digital, los cuerpos contemporáneos se presentan y se conciben desde otras perspectivas. Las reflexiones de Rosi Braidotti (*Lo Posthumano*) y de Peter Sloterdijk (“El post-humanismo. Sus fuentes teológicas, sus medios técnicos”), entre otras, pueden permitir visualizar las dimensiones éticas y políticas que parecen estar contenidas en estas novelas, y redimensionar algunas de las interrogante que surgen de ellas.

PALAVRAS-CHAVE: NOVELA CHILENA. CIENCIA FICCIÓN. CLON. CUERPO. TECNOLOGÍA.

Stella Maris Poggian

**Universidad Nacional del Comahue e
Instituto Universitario Patagónico de las Artes**

Pensemos en una adaptación al cine de “El Eternauta” de Héctor Germán Oesterheld. Se trata de una historieta que narra la vida cotidiana de una familia de fines de los años cincuenta que vive tranquilamente en una casa de Buenos Aires. Es de noche y el padre de familia juega a las cartas con tres amigos. Su esposa y su hija Martita descansan en sus cuartos. Nada hace suponer lo que vendrá y el relato tranquiliza y retrotrae a las tertulias de aquellos años. La historia se inicia con un interesante ejercicio de metaficción. Mientras escribe, un guionista de historietas (que es el propio autor) ve aparecer a Juan Salvo. El personaje relata los acontecimientos que surgirán y que involucran una invasión extraterrestre con voluntad sojuzgadora. Los dibujos que diseñan cada silueta son de Francisco Solano López. La primera parte de El Eternauta se publicó entre 1957 y 1959 y luego tuvo varias continuaciones que no alcanzaron el brillo y la trascendencia de la original. Aunque hubo intentos por adaptarla al cine, esta obra cumbre de la historieta moderna argentina, jamás llegó a las pantallas. Entre las posibilidades que trascendieron estuvo la de que esa realización fuera encarada por Lucrecia Martel. Incluso se conocieron declaraciones de la directora, ventilando ideas provocadoras. También se difundieron debates acerca de la conveniencia de encarar la versión filmica de la historieta como versión libre o como adaptación fiel. Las únicas versiones audiovisuales de “El Eternauta” son las que cobraron forma en forma de relatos experimentales en laboratorios académicos que no requieren derechos de autor por ser obras para exclusiva utilización pedagógica. La ponencia aborda esas experiencias didácticas y de investigación realizadas en materias de Guión y Cine de carreras universitarias de Artes Audiovisuales y Ciencias de la información patagónicas. Nuestro trabajo también repasará otras adaptaciones cinematográficas argentinas en torno a la ciencia-ficción. Esa recorrida nos permitirá pensar en el futuro de este comic, que desde la apertura democrática reapareció vigorosamente y con características de epifanía. A su vez, evocaremos una copiosa investigación realizada en vísperas de la “Muestra 50/30: 50 años con el Eternauta.... 30 años sin Oesterheld” realizada en el marco de un homenaje a HGO, desaparecido junto a sus hijas en 1977. La obra y la historia de su autor reflejan un juego de espejos y de anticipación mediante la idea de una invasión extraterrestre que parte



de lo cercano para expandirse al terreno de lo universal.

PALAVRAS-CHAVE: CINE. NARRATIVA. CIENCIA-FICCIÓN. PEDAGOGÍA.
EPIFANÍA.

**CUERPO, ESPACIO Y POLÍTICA EN LA LITERATURA DE CIENCIA
FICCIÓN CHILENA (1959-2010)**

Pamela Elizabeth Gutiérrez Chavarría
Universidad de Arte Y Ciencias Sociales- ARCIS

El objetivo general de esta ponencia es analizar la intersección entre cuerpo, espacio / lugar, política, globalización y tecnología en la literatura chilena de ciencia ficción. El género ciencia ficción generalmente aborda temas como la tecnología y su relación con el cuerpo, espacios externos y locales (globales), guerras y destrucción, vigilancia y control bio-político, que pueden enmarcarse mayoritariamente en visiones distópicas de la sociedad actual. La ciencia ficción latinoamericana problematiza los acontecimientos históricos, económicos, políticos y culturales de la región y del mundo, representando, en momentos, los imaginarios sociales del miedo y la esperanza, en el contexto distópico, y utilizando una estética que extiende los límites de la creatividad. Mis principales preguntas se refieren a la relación entre el cuerpo y la política, especialmente la llamada globalización, y las posibles máquinas de guerra (Deleuze-Guattari) que se pueden cartografiar en algunas de las obras. Mi presentación explorará las sociedades futuras y la creación de un nuevo cuerpo (artificial, virtual, biológico). Las preguntas principales son: ¿Cuál es el devenir del cuerpo en el futuro imaginario? ¿Cuál es su carne y sus límites? ¿Qué lugares y espacios rodean estos cuerpos? ¿Cómo se relaciona el nuevo organismo con la burocracia, las políticas públicas de los gobiernos, las estructuras militares, los medios de comunicación y otros organismos nuevos? ¿Qué cuerpos-máquinas resisten este proceso? Delimitaré mi investigación al trabajo de Hugo Correa, Jorge Baradit, Claudio Jaque y Diego Muñoz.

**PALAVRAS-CHAVE: CUERPO. ESPACIO. POLÍTICA. DISTOPÍA.
TECNOLOGÍA.**

DEZOITO DE ESCORPIÃO: FICÇÃO CIENTÍFICA, ÍNDIOS, BIOPOLÍTICA

Vítor Castelões Gama
Universidade de Brasília


A obra de ficção científica de Alexey Dodsworth, “Dezoito de Escorpião” (2016), insere-se em uma discussão biopolítica ao apresentar como foco narrativo a eugenia e a “preservação” de tribos indígenas ameaçadas, as levando para outro planeta com a intenção de criar um “novo mundo”. Perante a esta premissa, questionamos os modos de representação indígena na ficção científica e como a identidade dos mesmos é criada em um contexto cultural e territorial exógeno. Apoiamo-nos em Fredric Jameson para pensar os conceitos de “Identidade” e “Diferença” no campo específico da FC, assim como o aporte teórico de Gary K. Wolfe e Darko Suvin para este gênero literário. Procedemos também à análise do aparelho da “biopolítica” foucaultiana e seus subsequentes desenvolvimentos por Giorgio Agamben e Toni Negri. Aprofundamos-nos também quanto aos desdobramentos do “biopoder” e dos aparelhos de dominação estudados por Alfredo Veiga-Neto e Maura Corcini, que propõem a inclusão da tutela como movimento de subjugação. Desse modo, esperamos discutir além do contato da ficção científica com a representação indígena, uma questão problemática por si só, a relação da biopolítica com os povos originários.

PALAVRAS-CHAVE: FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA. DEZOITO DE ESCORPIÃO. BIOPOLÍTICA. IDENTIDADE INDÍGENA.

Macarena Areco

Pontificia Universidad Católica de Chile

La antiutopía, contrautopía o más comúnmente distopía, contracara del género utópico que construye un modelo ideal de sociedad, se desarrolla principalmente como una figuración imaginaria que expone las consecuencias monstruosas de la civilización y el racionalismo moderno que empiezan a visibilizarse sobre todo a propósito de las dos guerras mundiales, el auge del fascismo y los sistemas totalitarios. En la Latinoamérica de fines del siglo XX y de comienzos del XXI, esta modalidad genérica sigue mostrando su potencialidad a través de un número creciente de obras que profundizan y especifican el catálogo de los monstruos de la razón. En este ensayo se propone hacer un recorrido por algunas novelas distópicas escritas en algunos países de la región en el fin de siglo y en la actualidad y por sus hibridaciones, intentado mostrar cuál es la visión que de su tiempo y de su historia presentan estas obras. Entre las expresiones del género distópico de los ochenta, podemos mencionar dos novelas chilenas poco conocidas, pero significativas: De repente los lugares desaparecen de Patricio Manns y El ruido del tiempo (1987) de Claudio Jaque. En las décadas siguientes, el género prolifera y se hibridiza con otras modalidades. Así, la distopía puede devenir novela apocalíptica, como ocurre en 2010: Chile en llamas (1997) de Darío Oses y en Iris (2014) del boliviano Edmundo Paz Soldán. En tanto, en otras obras se trata de lo posapocalíptico distópico, de lo cual son ejemplo dos novelas argentinas: Plop (2006) de Rafael Pinedo y Un futuro radiante (2016) de Pablo Plotkin. Podemos agregar que la diferencia entre ambos imaginarios, el apocalíptico y el posapocalíptico, es que mientras en el primero se da cuenta de un proceso de destrucción del espacio, en el segundo el fin ya ha ocurrido y el mundo representado es un lugar moribundo. Por otra parte, en su primera novela, Ygdrasil (2005), el chileno Jorge Baradit construye una distopía a través de la mezcla del ciberpunk y el splatter punk, con mitos americanos y también europeos, mientras que el mismo Baradit escribe, a fines de la década, una novela distópica-ucrónica, Synco (2008). Estas hibridaciones también pueden percibirse en Habana Underguater (2010) del cubano Erick Mota, en lo que respecta al ciberpunk y a la ucronía. En cuanto a esta última, Mota y Baradit imaginan una historia alternativa a la real: no hubo disolución de la URSS ni dictadura militar en Chile. No obstante, y a diferencia de lo que podría pensarse, estos cambios no implican mejoramiento alguno, sino que todo lo contrario, pues lo que las tramas desarrollan son las posibilidades extremas de violencia y explotación involucradas en el



desarrollo tecnológico.

PALAVRAS-CHAVE: NOVELA LATINOAMERICANA. CIECIA FICCIÓN.
DISTOPÍA. APOCALIPSIS. UCRONÍA.

ESPACIOS ALTERADOS: EXPERIENCIAS URBANAS Y ESTÉTICAS DE INTERACCIÓN EN LA CIENCIA FICCIÓN CHILENA DEL SIGLO XXI

Olga Ostria Reinoso
Universidad del Bío-Bío

Esta ponencia plantea una lectura crítica de una selección de cuentos chilenos recientes enmarcados en el género de la ciencia ficción. Dicha interpretación se enfoca en evidenciar la representación de los espacios urbanos llevada a cabo en los textos, en donde la acción de la tecnología contribuye a configurar nuevas formas de interacción, nuevos entornos comunicativos, que sugieren, por ejemplo, la idea de una “desespacialización” de los discursos. En ese proceso de virtualización, la ciudad parece devenir más que un espacio convencional una experiencia urbana alterada. En aras de brindar una mirada sobre las dinámicas actuales de nuestras culturas latinoamericanas, el trabajo analiza las visiones de mundo expresadas en los relatos, procurando distinguir aquellos modos de explicar y valorar los vínculos de los seres humanos con el mundo audiovisual y virtual. Se trata, en ese sentido, de rastrear nuevas formas de coexistencia, de lazos sociales, y de reflexionar a partir de esta literatura sobre cómo se construye, en una época de dispersión, la relación con los otros, y cómo se erige la ciudad, en qué espacios o vivencias espaciales. Objetivos y abordaje teórico y metodológico: Con miras a interpretar la configuración literaria de los textos en torno a imaginarios urbanos e interacciones sociales tecnologizados, se recurre a diversas perspectivas teóricas (Haraway, Asimov, Brown, Jameson), poniéndose énfasis en categorías y autores latinoamericanos (Cornejo Polar, Mabel Moraña, Lucía Guerra, Rosalba Campa), en la medida en que se pretende revalidar el marco sociocultural de producción, reconociendo, por tanto, problemáticas particulares de la ciencia ficción en las regiones periféricas. Así también, la metodología convoca herramientas provenientes de distintas disciplinas vinculadas al amplio marco de los estudios literarios y culturales, como la semiótica, la hermenéutica textual, el análisis de discurso; todas las cuales faciliten el propósito de tender puentes entre el texto y la sociedad.

PALAVRAS-CHAVE: CIENCIA FICCIÓN CHILENA. EXPERIENCIAS URBANAS. INTERACCIÓN SOCIAL. TECNOLOGÍA.

**IRRUPCIÓN DE LA OTREDAD: PERCEPCIÓN DEL SER HUMANO Y SU
RELACIÓN CON EL MEDIO AMBIENTE EN OBRAS DE CF PRODUCIDAS EN
CHILE**

Javiera Fuentes Vega

Pontificia Universidad Católica de Chile

En Chile, desde la segunda mitad del siglo XX, la CF comenzó a escalar en popularidad, reflejándose en el auge de ejemplos de obras de este género. Esto es un fenómeno que sigue en aumento, situación que puede verificarse en la proliferación de nuevos autores que incursionan en este y en el aumento de editoriales, revistas y estudios que lo tratan. En el presente proyecto de ponencia, utilizaré distintas obras producidas en Chile después del año dos mil, entre ellas la novela *Ascesión/blanco*, de J.Y. Zafira, el cuento *Dino Bonsai*, de Francisco Ortega y *Los Altísimos* que, aunque producida antes del nuevo milenio, fue reeditada en el año 2015, teniendo plena vigencia en la actualidad de acuerdo a distintos críticos del país. El objetivo tras esto es repensar la construcción de imaginarios de sujeto y espacio (Castoriadis) que envuelven la CF y su porvenir en el país, cuyo eje transversal es la irrupción de un novum sociológico (Suvín), es decir, una alteridad proveniente desde fuera de la tierra con sistemas de desarrollo cognitivo, tecnológico y social muy distintos a los conocidos, y las consecuencias de su aparición en la realidad circundante. Este contacto con seres-no-humanos provoca, en la mayoría de los casos, un cambio sustancial en el ambiente en el que los personajes se desenvuelven y su percepción inmediata de la realidad, por lo que sujeto y espacio se ven irremediabilmente entrelazados. No solo los seres provenientes desde fuera de la tierra pueden determinar cambios en el ambiente, sino que se crea una simbiosis e interdependencia entre ser humano-ecosistema-otredad, generándose un nuevo bioma que engloba esta realidad, guardiana de sistemas de desarrollo alternativos. El análisis, así, se sustentará en teorías ecocríticas (Glotfelty y Fromm) con el fin de dar cuenta de esta nueva realidad en las posibilidades ucrónicas, utópicas y distópicas disponibles en la literatura de CF chilena, y su relación con el contexto inmediato de creación, cuestionando la ideología subyacente que estas obras revelan sobre nuestro propio actuar y nuestra relación con la naturaleza.

PALAVRAS-CHAVE: CHILE. ECOCRÍTICA. ALTERIDAD. CIENCIA FICCIÓN.

MISTICISMO, FUTURISMO Y PODER: UNA REFLEXIÓN EN TORNO A DOS CASOS DE NARRATIVA GRÁFICA DE CIENCIA FICCIÓN CHILENA

Javiera Irribarren Ortiz

Pontificia Universidad Católica de Chile

La creciente producción de narrativa gráfica chilena, en lo que va del siglo XXI, ha consolidado al país como un paradigma regional en dicho formato. En estos casos, además, es posible identificar una proliferación del género de ciencia ficción, ya sea en sus dimensiones distópicas, utópicas, futuristas, retrofuturistas, por mencionar algunos subgéneros (Suvin 1984; Roberts 2000; Jameson 2005); y en cuyos textos se configura una ideología de corte místico-futurista. En esta propuesta se trazará un recorrido respecto a dicha temática en dos ejemplos: E-Dem: La conspiración de la vida eterna (Montes Lynch 2012) y El informe Tunguska (Romo y Figueroa 2012). En ambos se proyecta una estética futurista en la cual predomina la idea del misticismo unido al ejercicio del poder. Ahora bien, en e-Dem la supremacía de la tecnología es correlato del “misticismo agudo” (López-Pellisa 2015), entendido como una patología contemporánea en la cual la cibernética es el gran recurso para la evolución; mientras que, en Romo y Figueroa, el contraste se articula al unir el poder con una ecología pos-antropocéntrica (King y Page 2017), alejada de la visión futura de corte poshumanista, pues la evolución conlleva a un cambio genético que fusiona a los humanos con el espacio orgánico circundante. En otro ámbito, en ambos ejemplos el acceso a la dimensión psíquica, considerada una fase ulterior para el ser humano, se da mediante sicotrópicos, intervenidos por un complejo sistema mecánico y de reclutamiento, respectivamente. Finalmente, la reencarnación y la imperiosa necesidad de ser legión, como elementos fundantes del destino de los personajes, son tópicos latentes: la paciente espera por el desarraigo que los haga parte de la legión de ángeles inquisidores en e-Dem; y la ansiada transmutación en seres etéreos y orgánicos, que les permitirá unirse a los sublimes organismos de la flor azul en El informe Tunguska.

PALAVRAS-CHAVE: EL INFORME TUNGUSKA. E-DEM. NARRATIVA GRÁFICA. MISTICISMO. CIENCIA FICCIÓN CHILENA.

Ricardo Miguel Haye
Universidad Nacional del Comahue

Héctor Germán Oesterheld producía novedades. Una de ellas fue arrebatarle a la cultura sajona del comic la exclusividad de las locaciones de sus historias de ciencia ficción. Otra fue añadirle varias lecturas posibles a relatos que acostumbraban a agotarse rápidamente en sí mismos. Y una más consistió en evadir el individualismo extremo y el mesianismo en la construcción de las figuras heroicas. Por otra parte, sus relatos no están situados en futuros lejanos o indeterminados, sino que posibilitan una familiaridad o identificación que reposa sobre marcas de época que pueden señalarse con toda precisión. La ponencia que presentamos hará mención a la producción cuentística de HGO pero, sobre todo, se referirá a dos de sus trabajos como guionista de comics. El primero de ellos es *El Eternauta*, historieta con ilustraciones del dibujante Francisco Solano López, cuya primera parte se publicó entre 1957 y 1959. (Luego hubo varias secuelas y reediciones). La otra obra se llamó *La Guerra de los Antartes*, comenzó a aparecer en el año 1970 y el argumento de HGO fue acompañado por los dibujos de Gustavo Trigo y León Napo. En ambos casos la anécdota de superficie se basa en invasiones extraterrestres, pero esa excusa argumental sirve de pantalla para proyectar el ideario del autor. Oesterheld abogaba por la unidad de las naciones subdesarrolladas y pintaba severamente el retrato de las potencias imperiales. Su mirada también se revela profética, dado que las alegorías trazadas simbolizan fuerzas de ocupación terrenales, aunque no por ello menos sanguinarias. En numerosas ocasiones se mencionó la posibilidad de que *El Eternauta* llegase al cine, pero eso nunca ocurrió. En cambio, sí se realizó una adaptación radiofónica novelada que se desarrolló en 22 episodios. Además, en 2010, un grupo de artistas plásticos patagónicos montó una exposición colectiva que situaba la invasión alienígena en el Alto Valle del Río Negro.

PALAVRAS-CHAVE: IMPERIALISMO. OCUPACIÓN. RESISTENCIA. DISTOPÍA. ANTICIPACIÓN.

Imara Bemfica Mineiro

Universidade Federal de Pernambuco

“O ciborgue é nossa ontologia, ele determina nossa política” afirma Donna Haraway no Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX (1985). A condição contemporânea de certa promiscuidade entre o humano e a máquina, que desnaturaliza as cisões tradicionais da modernidade ocidental entre ciência e natureza manifesta nos clones, ciborgues “e outros híbridos tecnonaturais” (Tadeu, 2000) vem sendo pensada, desde o final do século XX, em sua articulação com as práticas sociais e políticas. Como sinalizou Hari Kunzru (1997), os ciborgues estão entre nós desde meados do século passado e sua existência tem implicações nos modos de conceber, experimentar e agir sobre o mundo. É desde essa discussão que articula os ciborgues a uma consciência social – uma “consciência ciborgue” nos termos de Chela Sandoval – que propõe-se, aqui, a leitura do conto “O ano em que viramos ciborgues”, de Olavo Amaral, publicado no Dicionário de Línguas Imaginárias (2017). O conto tem como pano de fundo as manifestações que marcaram o agitado e controverso contexto da política recente no Brasil e abre espaço para a discussão tanto dessa condição e “consciência ciborgue” e suas implicações políticas, quanto, por exemplo, da reconfiguração das fronteiras entre público e privado e do delineamento de epistemologias outras. Além disso, “O ano em que viramos ciborgues” permite discutir a ideia de Chela Sandoval de pensar o “amor como tecnologia política” e colaborar para a reflexão sobre o determinante ciborgue dos movimentos de massa que emergiram no contexto nacional dos últimos anos.

PALAVRAS-CHAVE: CIBORGUES. CULTURAS POLÍTICAS. FICÇÃO CIENTÍFICA.



ST 19 - LATINOAMÉRICA
HETEROTÓPICA

Tiago de Holanda Padilha Vieira
Universidade Federal de Minas Gerais

O escritor João do Rio lançou em 1908 ‘A alma encantadora das ruas’, coletânea de crônicas originalmente impressas em periódicos cariocas entre 1904 e 1907. O texto de abertura do livro, “A rua”, qualifica o narrador-personagem como flâneur. Essa autodefinição é aceita sem questionamento em várias pesquisas sobre a obra, que, assim, não apontam possíveis diferenças entre seu modo de “passar” pelo espaço urbano e a caracterização fundamental da flânerie, proposta por Charles Baudelaire e retrabalhada por Walter Benjamin. Nosso trabalho se propõe cotejar, minuciosamente, os aspectos do narrador de João do Rio e as caracterizações de flânerie apresentadas pelos dois autores europeus. Buscaremos demonstrar que a flânerie “clássica” é, em alguns de seus traços essenciais, negada nas crônicas, que desse modo sugerem que um método – ou anti-método – praticado nas ruas (especialmente, nas galerias) da Paris oitocentista não poderia ser, simplesmente, replicado em uma proposta de conhecimento e (re)configuração de espaços do Rio de Janeiro do início do século XX. A flânerie sofre uma espécie de adaptação, para que seja útil a uma tentativa de experienciar e, em alguma medida, superar cisões socioespaciais expostas na obra. O narrador pretende eliminar ou atenuar o descompromisso social e político próprio ao flâneur parisiense; busca reencontrar certo tipo de comunidade, sem escamotear os conflitos constituintes da cidade (re)construída textualmente.

PALAVRAS-CHAVE: JOÃO DO RIO. A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS.
WALTER BENJAMIN. CHARLES BAUDELAIRE. FLÂNEUR.

Jáder Vanderlei Muniz de Souza
Universidade de São Paulo

Ao lado de Ulises Lima, Arturo Belano protagoniza o romance *Los detectives salvajes* (1998), do escritor chileno Roberto Bolaño. A trajetória de Belano, que ultrapassa essa obra, e desembarca com semelhante força e espaço no romance *Amuleto* (1999), confunde-se propositalmente com a biografia do autor. Configura-se na construção desse personagem a clássica figura do alter ego, aqui servindo ao escritor como instrumento de revisão da própria história e de sua relação como a vida política e literária de uma América Latina em ebulição na década de 1970. A referida relação é, como este trabalho pretende demonstrar, utópica. Essa utopia, ao frustrar-se no exercício da política propriamente dita, migra para o campo literário, convertendo a poesia em horizonte, o único possível. Assim, num exercício autobiográfico, Bolaño funde-se com seu representante imediato nas letras, numa tarefa que compreende a poesia como etapa, mas não fim de uma utopia. O romance aqui é a etapa subsequente e realiza uma sistematização literária do vivido.

PALAVRAS-CHAVE: ROBERTO BOLAÑO. ARTURO BELANO. UTOPIA.
LITERATURA E HISTÓRIA. AMÉRICA LATINA.

CONEXÕES E DESCONEXÕES ENTRE O CAMPO E A CIDADE NO FILME COLOMBIANO **PISINGAÑA (1985)**

Carlos Germán van der Linde
Universidad de La Salle

“Pisingaña”, de Leopoldo Pinzón (1985), recria um episódio credível na história colombiana do conflito armado entre exércitos insurgentes e oficiais. Essa violência produziu deslocamentos humanos forçados dos campos para as cidades. O drama de uma mulher estuprada, Pisingaña, no contexto de uma guerra rural, continua na cidade quando é abusada por seu empregador. Este agressor da cidade é, por sua parte, uma vítima dentro do sistema econômico burguês. Assim, o conflito de guerra nos campos é entretecido com o vazio vital (familiar e profissional) de uma classe social pequeno-burguesa insatisfeita. Nesta linha de leitura do filme, este trabalho pretende demonstrar que Pisingaña encena lugares distópicos e disfóricos sem conexão causal entre o espaço rural ou urbano. Consequentemente, não é possível analogias romantizantes como “o campo é para a cidade o que a liberdade é para a constrição”, ou analogias modernistas como “a cidade é civilização na mesma medida que a selva é a barbárie”. Em conclusão, o filme concebe um topos nacional marcadamente desencorajador e, sobretudo, frustrante. Eu destaco do filme as tensões que podem habitar um lugar diverso como a nação colombiana. Assim, começo, teoricamente, com Michel Foucault a prestar atenção ao não-lugar habitado pela alteridade, ou seja, a camponesa na cidade e o assalariado na sociedade burguesa. A tensão em Pisingaña é indubitavelmente distópica. No entanto, uma estranha afinidade entre Pisingaña e seu padrão parece ser a possibilidade de outro tipo de sociedade, ou talvez seja a oportunidade de uma pequena heterotopia: a experiência da reconciliação. A grande questão deixada pelo final do filme, em termos de David Harvey, é se essa heterotopia pode escapar da dominação da classe. Finalmente, para explicar o conflito colombiano e a violência que desloca as pessoas do campo para a cidade, me baseio em contai com o estudo de Guzman, Fals Borda e Umanha intitulado “La Violencia en Colômbia”.

PALAVRAS-CHAVE: HETEROTÓPIA. CINEMA COLOMBIANO.
VIOLÊNCIA. CIUDADE. CAMPO.

CRÍTICA DEL ESPACIO OCCIDENTAL EN “EL PEZ DE ORO” DE GAMALIEL CHURATA

Cesar Augusto López Nuñez
Universidade Tuiuti do Paraná

El pensamiento occidental presenta coordenadas de comprensión del mundo y sus relaciones con una forma básica de arriba-abajo. Es decir de lo trascendente y lo inmanente, en el cual, el primero marca la pauta del segundo. Estas relaciones espaciales han sido transmitidas en distintas expresiones humanas como arquitectura, pintura, música, entre otras. La lingüística no es una excepción a esta regla general en su significante-significado y cierta imposición tiránica de lo que debe ser, desde el arriba y lo que debe ser controlado, en el abajo. Frente a esta situación, Gamaliel Churata, en “El pez de oro”, indica que el conocimiento y la sabiduría implican un adentrarse en la tierra “Pachamama”, en la profundidad. En otras palabras, su coordenada es inmanente y, a partir de esta premisa, el libro se convierte en crítica del pensamiento occidental y de sus formas de relación cognoscente. Así, podemos observar que se valora el delirio chamánico, relaciones animales, transformaciones corporales, etc. Nuestro trabajo busca explorar esta veta que abre el libro y cómo, de esta forma, se le brinda a la simultaneidad de la experiencia contra la linealidad un valor siempre invisibilizado.

PALAVRAS-CHAVE: GAMALIEL CHURATA. “EL PEZ DE ORO”. ESPACIO. INMANENCIA. PENSAMIENTO.

**DECOLONIZAR Y TRADUCIR EL ESPACIO: LA EXPERIENCIA INDÍGENA-
URBANA DE DANIEL MUNDURUKU Y DAVI KOPENAWA**

Christian Alexander Elguera Olortegui
University of Texas at Austin

¿Es posible habitar las ciudades modernas desde una toma de posición amerindia? Las experiencias de dos figuras indígenas en Brasil nos permiten abrir discusiones sobre esta interrogante. Daniel Munduruku lanzó en 2004 el libro *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*. Davi Kopenawa, en colaboración con el antropólogo francés Bruce Albert, publicó en 2010 su testimonio titulado *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. Ambos autores, a través de sus viajes o desplazamientos, resignifican el orden urbano hegemónico. En este trabajo propongo que Munduruku y Kopenawa traducen sus experiencias urbanas a partir de ontologías y epistemologías indígenas, y de este modo decolonizan nuestra comprensión espacial. Esto implica entender las cartografías urbanas ya no como modelos multiculturales sino como redes de diferencias epistémicas y afectivas en tensión. Para demostrar mi propuesta analizaré los capítulos “Ibirapuera” en *Crônicas de São Paulo* y “Na cidade” en *Queda do céu*. Para entender las formas de control e insurgencia en el espacio urbano utilizaré los trabajos de Henry Lefebvre y Lorraine Leu. Mi noción de traducción parte de las ideas de Homi Bhabha, Claudia de Lima Costa y Anna Tsing. Para una comprensión de ontologías y epistemologías indígenas me baso en las investigaciones de Marisol de la Cadena, Eduardo Viveiros de Castro y Jean Tible.

PALAVRAS-CHAVE: ESPACIO. TRADUCCIÓN. DECOLONIZACIÓN.
DIFERENCIA INDÍGENA.

HETEROTOPÍA, MEMORIA Y VIOLENCIA POLÍTICA EN LOS RETABLOS AYACUCHANOS DE LA FAMILIA JIMÉNEZ

Alex Marchand Alvarado
Univesidad Autónoma de Barcelona

Oscar Giovanni Gallegos Santiago
Pontificia Universidade Católica de São Paulo

El objetivo de este trabajo es el de analizar la configuración de la memoria sobre la violencia política y los espacios otros en algunos retablos ayacuchanos de la familia Jiménez. Estos retablos constituyen objetos artísticos-populares de la región andina de Ayacucho en el Perú. Son también conocidos como “cajas de la memoria”, las cuales contienen representaciones plásticas y narrativas de los rituales, historias, identidades y experiencias de los desplazamientos de los migrantes, en su mayoría ayacuchanos, en sus periplos por las zonas marginales de Lima. La metodología se sustenta tanto en el análisis textual y pictórico de algunos retablos sobre la violencia política como también en el análisis discursivo del material etnográfico (trabajo de campo, entrevistas, testimonios, diálogos, etc.). De esta forma, se busca comprender a los actores (artistas populares) y los espacios heterotópicos que ellos, como agentes heterogéneos, constituyen tanto en sus desplazamientos entre la tradición y la modernidad como en sus obras donde proponen no solo la configuración de espacios otros o contrahegemónicos en las urbes donde migran, sino también el reconocimiento de sus propias identidades a través de una mirada crítica y de cambio social. Dado que nuestro estudio no se enfoca únicamente en el objeto artístico en sí (retablos), sino también en el testimonio de los artistas o artesanos, su agencia y su contexto, el marco teórico presenta múltiples perspectivas. Entre ellas, recurrimos a las siguientes bases teóricas: “heterogeneidad cultural y sujeto migrante de Antonio Cornejo Polar; “culturas híbridas” de Néstor García Canclini; “comunidades imaginadas” Benedict Anderson; “estudios subalternos” (Spivak, Beverly y Chaterjee); “análisis crítico del discurso” (Fairclough y Van Leeuwen) y “Heterotopía” de Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: RETABLO. MIGRANTE. HETEROTOPÍA. MEMORIA. VIOLENCIA POLÍTICA.

LA VIOLENCIA ANIMALIZADA DE LIMA: LA MIMESIS DEL ESPACIO Y EL PERSONAJE EN *QUE TE COMA EL TIGRE* DE AUGUSTO HIGA

Fabiola Estephanie Guzmán Loayza
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

En la ciudad de Lima, distritos como La Victoria, Barrios Altos y el Rímac, son espacios donde predomina la violencia del más fuerte, donde el diferente es sometido a actos de constante agresión. Estamos ante una ciudad que ejerce su violencia sobre seres vulnerables como el provinciano, las mujeres o el débil de aspecto y de mente, quienes no son respetados dentro de este espacio, y como consecuencia son marginados. Es por esto que en libro de cuentos *Que te coma el tigre* (1977), del escritor peruano-japonés Augusto Higa, la ciudad es representada como un animal violento. La propuesta de este trabajo es demostrar que la violencia animalizada del espacio determina el comportamiento y la identidad de los personajes, sus roles de virilidad o sumisión. En este sentido, los personajes de Higa están mimetizados con su entorno de violencia pues es el único que conocen y que moldea sus afectos. Para mostrar mi planteamiento, analizaré y compararé los cuentos de Higa, titulados “Que te coma el tigre”, “Lolita guau guau” y “El edificio”. Para entender cómo la violencia es una costumbre heredada que constituye el signo del espacio donde se desenvuelven los personajes, me basaré en *La poética del espacio* (1965) de Gastón Bachelard, y “Muerte y transfiguración de la ciudad: territorios urbanos y marginalidad” de Gisela Heffes. Asimismo, para ejemplificar las formas de violencia en el espacio representado por Higa, usaré “Utopías y Heterotopías” de Michel Foucault y *Teorías do espaço literário* (2013) de Luis Alberto Brandao.

PALAVRAS-CHAVE: ESPACIO URBANO. VIOLENCIA. MIMESIS. ANIMALIDAD.

O ESPAÇO LABIRÍNTICO EM “O LARGO DO MESTREVINTE”, DE JOSÉ J. VEIGA (1958)

Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia

Discutiremos como o labirinto configura o espaço em o “O Largo do Mestrevinte”, do brasileiro José J. Veiga. Em “O Largo do Mestrevinte”, o leitor tem a chance de suspeitar de algo estranho diante de uma história bastante cotidiana - um homem aborrecido por andar muito seguindo indicações que não permitem que encontre uma área amplamente conhecida. No entanto, o narrador não suspeita da mudança perturbadora em que ele estará envolvido, o que o levará até o desfecho. O conto assume um caminho duvidoso, de progressão improvável, que se instala sinuoso. O espaço torna-se desconfortável, sem referências e cheio de imagens deformadas. O inusitado, o questionamento terrível da racionalidade e o contínuo avanço das posições dos personagens resultam na ruptura com o espaço utópico e no vislumbre de conjuntos heterotópicos. A estrutura labiríntica do espaço dá origem ao vazio como centros, embora tudo seja malgrado ao final porque existe uma condição: perder-se. Tanto a descrição dos objetos quanto a sua disposição geram efeitos. As análises demonstraram a configuração do incomum em Veiga, relacionada aos recursos dedicados ao espaço, capaz de elevar o grau de suspeita no mundo. O espaço é um espaço fantástico, é um limiar onde vive o narrador, do qual relata, no qual as semelhanças são perceptíveis e há forças devastadoras. Reconhecemos que a questão do espaço permanece como um elemento central para a análise do trabalho da Veiga, propondo entrar na “terra ignota”, aquela em que os personagens habitam e que mantém a homologia no mundo extratextual.

PALAVRAS-CHAVE: ESPAÇO LABIRÍNTICO. JOSÉ J. VEIGA. ESPAÇO. LITERATURA FANTÁSTICA NO BRASIL. HETEROTOPIAS.

Leonardo Lani de Abreu
Universidade Federal do Acre

Roberto Godofredo Christophersen Arlt, ou, mais simplesmente, Roberto Arlt, nasceu em Buenos Aires, em 2 de abril de 1900, e é um dos renovadores da literatura argentina, ao lado de Jorge Luis Borges. A presença de laivos autobiográficos em seus romances colaborou, junto com sua preferência por registrar o cotidiano de marginais e marginalizados e pelo seu emprego do lunfardo, modo de falar específico dos portenhos, para que Arlt recebesse por parte da crítica a pecha de autor menor. Nessa apreciação, que encerra indisfarçável elitismo, o romancista argentino é tido como alguém que, além de não saber escolher o tema e linguagem apropriados, não é dotado de criatividade, já que precisa valer-se das próprias experiências para produzir seus textos, em vez de extraí-los tão somente da imaginação. Contudo, referido distanciamento do cânone literário, das fórmulas linguísticas estandartizadas e assépticas, que muitos enxergam como falha, talvez seja a maior virtude de Arlt, cuja grande transgressão não é formal, mas temática: em “Los siete locos”, por exemplo, seu magnum opus, publicado em 1929, ele se mostra a par das principais questões abordadas pelo existencialismo filosófico, como a solidão intrínseca à condição humana, a angústia frente à falta de sentido da vida e a prática do mal como gesto último de afirmação da liberdade. O propósito deste trabalho é refletir sobre a problemática do mal no obra de Arlt à luz do conceito foucaultiano de heterotopia, no qual a uniformidade logocêntrica, responsável pela homogeneização da vida e da arte, cede passo à sobreposição de experiências muitas vezes antagônicas.

PALAVRAS-CHAVE: HETEROTIPIA. MAL; EXISTENCIALISMO.
ANGÚSTIA. TRANSGRESSÃO.

Nancy Calomarde
Universidade do Contestado

El “giro territorial” (Calomarde: 2017) que expone la literatura la teoría, la crítica y el arte contemporáneos vuelve visible el quiebre con los paradigmas que proveyó la modernidad para pensar los territorios. Al mismo tiempo, ese giro visibiliza la conflictividad de los escenarios del presente y nos coloca en el ambiguo horizonte de una experiencia territorial abierta, expandida y omnipresente pero también clausurada, surcada por muros y férreos controles aduaneros, en una frontera donde se juega la vida (y la muerte). Así entendido, este oxímoron de la espacialidad contemporánea se vuelve forma (estética), escritura de un modo de habitar y registro performático de un mundo “espacializado”, atravesado por una hiperconciencia del topos. El incremento y diversidad de procesos migratorios y las experiencias de espacialidad múltiple que concita nuestro presente, impone otro modo de percepción regido por la virtualidad y la multidimensionalidad. Este sensorium amplificado reclama otro “reparto de lo sensible” (Ranciére, 2009:34) y atraviesa a la reconfiguración de la producción estética en tanto concepto y en tanto forma. La literatura latinoamericana de las últimas décadas ha venido socavando la formación triádica con la cual se forjó la Modernidad crítica latinoamericana y sus principales nociones y sistemas. La relación literatura- espacio- subjetividad que permitió explorar las nociones de identidad y la misma noción de literatura ha venido siendo puesta en jaque tanto por la crítica, como por la teoría, el arte y la literatura. En este escenario, es preciso revisar las nociones nucleares que ordenaron el pensamiento crítica de la región, entre ellos de modo fundamenta la noción de espacio-territorio. Desde diversas disciplinas se viene llevando a cabo esta labor, a través de una práctica transdisciplinaria y dinámica que renuncia a la posibilidad de construir conceptos rígidos y opta, más bien, por perspectivas deconstruccionistas y particularizadoras que permitan realizar la ruta crítica que va del texto a la teoría interrogando sus matices. Un prolífica escritura latinoamericana viene operando metafóricamente en esa línea y produciendo crecientes desafíos teóricos y epistemológicos. En esta ponencia me propongo realizar un reevalúo crítico de estas nociones y un recorrido por dos textos clave: una novela de un escritor argentino y un diario de viaje de un escritor brasileño. El narrador argentino Leonardo Oyola, construye en su novela Chamamé (2017), un territorio metafórico y real de transfrontera haciendo conjugar los bordes de diferentes imaginarios culturales, restos de lenguas, operaciones traductororas disímiles y el

aparato del delito como dispositivo problematizador de la idea de nación y de ley. Atravesado por un emblemático territorio “fuera de la ley”, fronterizo en diversos planos y transfronterizo (Calomarde 2010), la novela dibuja una territorialidad viscosa y vigorosamente política, que apuesta a una estética del espacio al margen de los conceptos establecidos por la modernidad. El escritor brasileño, Wilson Bueno, por su parte en su *Diario de frontera* (2009), problematiza en la deriva metafórica de una subjetividad alterada, los límites fijados por los sistemas políticos y por un discurso historiográfico y regresa a imaginarios transfronterizos, a solidaridades antiguas y otra forma de pensar la territorialidad pero también la subjetividad, la vida y la muerte. Ambas obras trabajan poéticamente un territorio transfronterizo, un territorio que no solamente discute los límites históricos y políticos de las fronteras nacionales sino que, de modo fundamental, recoge imaginarios, lenguas y memorias compartidas. La violencia y el tránsito configuran los dispositivos ficcionales a través de los cuales ambos textos construyen una trama a partir de subjetividades nómades que, en las formas de diario de viaje, nota, registro, trazan la huella de existencias precarias que bordean, y anticipan, la muerte. Por otra parte, un presente apocalíptico deconstruye la noción de tiempo occidental y se sitúa en un entre-lugar del espacio-tiempo, que podemos postular también como una transfrontería. En mi lectura, los textos trazan una zona imaginaria en la transfrontería de los sistemas culturales políticos y económicos, entre Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay y abren para la literatura (¿latinoamericana?) una serie de interrogantes.


PALAVRAS-CHAVE: TERRITORIALIDAD. SUBJETIVIDAD. FRONTERA. TRANSFRONTERÍA. OYOLA. BUENO.

VAGABUNDO ENTRE MUNDOS NEOBARROSOS. NÉSTOR PERLONGHER E O BRASIL

Philipp Seidel
Universidade de Salzburgo

O poeta, escritor e sociólogo argentino Néstor Perlongher (1949–1992) é uma das personagens mais emblemáticas da literatura latino-americana recente. Fervoroso defensor do trotskismo na juventude, desenvolveu um forte sentido de igualdade que fazia com que –sendo ele mesmo um excluído– lutasse pelos direitos das minorias, dando-lhes não só uma nova voz, mas também uma nova forma de expressão: o neobarroso. Essa corrente com raízes no Caribe abriu-lhe novas perspectivas e, mais importante, novas possibilidades de criar, escrever, se expressar, na mesma forma que o neobarroco em si abriu-se a via para se tornar um fenômeno importante para quase todo o continente, divulgando-se de maneira rizomática nas palavras de. Assim como o Neobarroco atravessa as fronteiras, Perlongher também as atravessa, e muitas, primeiro porque tem que deixar seu país natal –durante a ditadura militar é preso várias vezes até ele optar pelo exílio brasileiro– e com isso, até certo ponto também perde sua língua materna. Em São Paulo entra em contato com a comunidade de marginalizados par excellence, os gays, os prostitutas, os pobres, os doentes, os/as loucos/loucas, e, dessa maneira, outra vez ultrapassa barreiras, esta vez mais bem sociais e/ou raciais. É também no Brasil onde conhece novas formas de percepção por meio da ayahuasca ou iagê, a bebida alucinógena que desempenha um papel fundamental no rito do Santo-Daíme. Esse movimento espiritual, sincretista, fortemente ligado à natureza será uma das últimas influências que marca Perlongher e se integra no seu ponto de vista estético. Essa comunicação tem o objetivo de analisar alguns de seus escritos, especialmente os do último período, com foco na conceitualização do neobarroso perlongheriano, esse neobarroco sem a leveza caribenha, assoreado como a água do Rio da Prata e finalmente influenciado não só pela língua portuguesa, mas também pelo culto do Santo-Daíme. É uma poética como poucos elementos fixos, é um constante processo e/ou movimento, para, assim, deixar atrás as normas da sociedade, poesia, cultura e construir novas formas de ser e não-ser, de ser e perder, de ser e devir.

PALAVRAS-CHAVE: NÉSTOR PERLONGHER. NEOBARROSO.
PORTUNHOL.DEVIR.



ST 20 - LENGUAS Y SONIDOS DE LA
INCERTIDUMBRE

**CONTRA LA REDUCCIÓN NOMINAL: TENSIONES DE LA MEMORIA Y
RECONFIGURACIÓN DE LAS IDENTIDADES EN FORMAS DE VOLVER A CASA
DE ALEJANDRO ZAMBRA**

Raúl Antonio Estrada Sánchez
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

La naturaleza de un presente adjetivado como postdictatorial obliga a quien se proponga la tarea de intervenir críticamente el pasado a conservar esta adjetivación y protegerla de una posible reducción nominal. En ese sentido, el entramado que sostiene Formas de volver a casa de Alejandro Zambra remite a la experiencia dictatorial no solo como memoria no detenida, sino también como un conglomerado de recuerdos que reclaman su reactivación en el complejo andamiaje de la memoria oficial. La condición irresoluta de la tensión entre las memorias emerge en el discurso novelístico como una suerte de recomposición compulsiva de la memoria mutilada por el aparato estatal para recobrar los vínculos que la conducen al pasado y, con ello, fracturar su condición estática dentro del escenario postdictatorial. De esta manera, el discurso de Formas de volver a casa se ubica dentro de la llamada literatura postautónoma, en tanto oscila entre la realidad y la ficción para inaugurar un procedimiento progresivo de interpelación y enjuiciamiento que asiente la posibilidad de una experiencia liberadora, por medio del trabajo sobre la pérdida y la instrumentalización de su principal efecto: el olvido. En la novela, el desmembramiento de la memoria en la conciencia ficcionalizada de los niños de la dictadura revela la necesidad de auscultar el silencio que recorre un pasado impreciso y difuso, más bien heredado y al cual se le ha sustraído la experiencia secundaria o “menor”, desvinculando así esa memoria otra que se advierte oculta o soterrada por la homogeneidad del relato sobre el trauma dictatorial. La experiencia de los padres como objeto no transmisible da lugar así a la pérdida experiencial en favor de una transformación del relato hegemónico sobre el trauma. Este abandono del espacio experiencial ajeno que opera al sentar como punto de partida la infancia puede ser interpretado no solo como una pérdida, sino como la pulsión manifiesta de la necesidad de escapar de la que brota el deseo, a la que se refiere Ernst Bloch en *El principio Esperanza*. Sin embargo, no es la reconstrucción del escenario de la infancia y sus vínculos con el trauma lo que nos ocupa enteramente, sino la imbricada estrategia de relaciones que se construyen a partir de esta y como el discurso exhibe una estrategia contra postdictatorial, donde se descubre que si el anonimato era una forma de no ser aniquilado durante la dictadura, la restitución de las identidades configuran aquí una estratagema cuyo




objetivo es impedir la desaparición del pasado en el presente.
PALAVRAS-CHAVE: POSTDICTADURA. MEMORIA. TRAUMA.
AUTOFICCIÓN.LITERATURA POSTAUTÓNOMA.

EL BRAMIDO ANIMAL DE LA POESÍA TESTIMONIAL EN COLOMBIA, UNA TRADICIÓN AL MARGEN

Angélica Patricia Hoyos Guzmán
Universidad Andina Simón Bolívar

Esta propuesta pone en discusión la ubicación dentro del campo literario de una tradición al margen la de la poesía testimonial. Interpreto un corpus de poesía contemporánea escrita en Colombia que durante finales del siglo XX y lo que va del XXI manifiestan una estética de la sobrevivencia, desde la cual se piensan las huellas de las violencias vividas en el país. Por ello esta poesía emerge como una respuesta crítica a la política de la memoria, cuya movilización de políticas afectivas interpelan a los lectores desde la ontología de la lengua resto o lengua del testimonio. La propuesta de las formas de esta tradición es híbrida, entre la lírica y la crónica y se ubica dentro de las escrituras posautónomas, respondiendo también a la sensibilidad que amplía la imaginación pública sobre los sujetos marcados por el trauma de la guerra. Con todo esto la poesía testimonial transgrede no solo lo canónico literario sino los discursos hegemónicos de la memoria de la violencia en Colombia. Encuentro así una poesía que propone abiertamente una manera de escribir el país desde lo político, ético y estético respondiendo a los temas del desplazamiento y la migración interna a causa de la violencia, la desaparición forzada, la marginación de los otros y una escritura colindante en la subjetividad de quienes sobreviven a esta realidad y del poeta testigo como sujetos enunciadores de discurso afectivo frente a la violencia. En el análisis propuesto desde la crítica de la memoria y el giro afectivo, encuentro que las comunalidades trazadas por la poesía testimonial dibujan en el país un mapa de intensidades, donde la animalidad es la salida militante que propone la poesía ante lo que resta de la guerra, la única forma de restituir lo perdido por la violencia, tanto las vidas, como los derechos, es el ruido como agente del resto, como configuración de los cuerpos ausentes, como lenguaje del testimonio, la única posibilidad de dignificar y sobrevivir afectivamente al trauma. Esta propuesta literaria altera la sensibilidad oficial de la poesía y altera también las posibilidades de representación del dolor, al mismo tiempo que crea lazos comunes frente a la falta, aliados a través del amor, la amistad, la esperanza, el miedo, la vergüenza y la culpa. El animal poético emerge en los textos testimoniales para sobrevivir ante la destrucción, el poeta testigo se vale del lenguaje fallido, del bramido, para crear y a partir de allí decir y poner a decir a las



víctimas que no son más objeto de memoria, sino ya sujetos de discurso. Las fronteras entre lo narrativo y lo lírico también recrean este devenir sobreviviente en la escritura, son coherentes con la misma articulación de lo ruidoso posible únicamente a través del recuerdo que la poesía recrea hacia el presente, como fuerza vital y movедiza ante el olvido por acumulación.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÉTICA DE LA SOBREVIVENCIA. POESÍA TESTIMONIAL. POESÍA COLOMBIANA. CRÍTICA DE LA MEMORIA.

INCERTIDUMBRE DE FRONTERA: ESCRITURAS MIGRANTES, DESPLAZAMIENTOS Y BILINGÜISMOS

Cristina Burneo Salazar
Universidad Andina Simón Bolívar

Todo desplazamiento humano hoy está ligado el orden de lo nacional, todo control lo es también y se reproduce a la vez en fronteras menos visibles en cuerpos, comunidades y textualidades. Ciertas escrituras contemporáneas incorporan bordes políticos y lingüísticos no solo como preocupación temática, sino sobre todo como condición de su producción, y esos bordes son los que las abren a la incertidumbre. Al ser producidas por sujetos migrantes bilingües, disidentes y desobedientes de las monolenguas del Estado, estas escrituras se definen por su pertenencia problemática a los territorios en donde aparecen. La incertidumbre de frontera ligada al origen nacional, productora de “ilegalidad”, extraterritorialidad e impureza, halla salidas estéticas con particular potencia política en ciertas textualidades, como lo sugiere Cristina Rivera Garza en *Los muertos indóciles*. Haciendo del diálogo entre estos factores una posibilidad de elaboración teórica, este trabajo abordará un conjunto de textos bilingües migrantes provenientes de los corredores migratorios americanos para pensar en las lenguas de la incertidumbre y, a partir de allí, en una particular fuerza poética que habla de la centralidad de las subjetividades migrantes en la realidad contemporánea.

PALAVRAS-CHAVE: ESCRITURAS MIGRANTES. FRONTERA. POESÍA
FRONTERIZA. INCERTIDUMBRE.

INCERTIDUMBRE Y DESVARÍO EN LA NARRATIVA LATINOAMERICANA CONTEMPORÁNEA

Juan Manuel Acevedo Carvajal
Universidad del Quindío/Colombia

En la perspectiva que interesa a la presentación, el desvarío es un recurso estético que elabora creativamente la resistencia a la realidad, un recurso no convencional que tiende a una rearticulación de los mismos modelos de lo real, pero en un sentido díscolo y transgresivo. Algunos narradores latinoamericanos despliegan ficciones delirantes en nuestros días. Existe un amplio número de casos, en donde el desvarío se evidencia en la literatura de nuestro continente, que surgen en puntos dispersos del mapa contemporáneo sin conformar tendencias, movimientos o grupos. Pienso en autores como: César Aira, Roberto Bolaño, Diamela Eltit, Mario Bellatín, Rodrigo de Souza, Rita Indiana Hernández, Alvaro Enrigue, Horacio Castellanos Moya, Cristina Rivera Garza, entre otros. Las ficciones delirantes resisten los cánones de la representación y la verosimilitud; los aspectos fantásticos de las ficciones delirantes, no refractan, sino que agudizan una fuerte tematización de los contextos sociales específicos que protagonizan el relato; elaboran las formas y figuras de los medios y el consumo; Modelan personajes, subjetividades y deseos colectivos desconectados de las identidades, ideas, sensibilidades y proyectos modernos relacionados con el estado, la nación, el progreso, la utopía y la moral cívica; además, tiende a simular la inmediatez de la experiencia delirante a partir de recursos estilísticos. Son múltiples las ficciones delirantes de nuestro continente. De ahí la pertinencia de la propuesta, pues si se tiene una base crítica que permita analizar los procesos de construcción del relato delirante, se podrán establecer constelaciones narrativas, a partir de la aplicación de los principios de conexión y heterogeneidad en la literatura latinoamericana contemporánea.

PALAVRAS-CHAVE: CONSTELACIÓN. INCERTIDUMBRE. DESVARÍO.
DELIRIO. CONTEMPORÁNEO.

**LÍNGUA SOLTA: DO QUE FALAM AS NARRATIVAS DA ESCRITORA PERUANA
GABRIELA WIERNER? UM OLHAR QUE PERPASSA A LITERATURA E O
JORNALISMO**

Joana de Fátima Rodrigues

Universidade Federal de São Paulo EFLCH

Na proposta narrativa da escritora e jornalista Gabriela Wiener que vem sendo difundida entre as páginas do jornal e dos livros, há uma convergência de elementos que mescla política, intelectualidade, sentimentos e direitos femininos, sob a chave de uma literatura calcada no conceito de Josefina Ludmer de pós-autonomia em que a autoficção se entrelaça com um grito de guerra e de explosão sobre o lugar da mulher no meios de comunicação e na sociedade. É para essa produção literária, em particular para suas crônicas, que este trabalho se volta na medida em que essa escritura, impregnada de realidade nos permite enxergar parte do funcionamento do imaginário público. Mais, tem nos permitido igualmente conhecer e entender o movimento da fala feminina e feminista junto a um público diverso, atraindo reflexões entre a literatura e o jornalismo literário como um discurso calcado na alteridade. Questionamentos como de onde e como Gabriela Wiener vem falando, e com que língua vem conversando com seus leitores, integram este trabalho que tem entre os alicerces teóricos os pensadores latino-americanos, Ángel Rama e Néstor Canclini.

**PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. JORNALISMO. FEMINISMO.
TESTEMUNHO.**

POESÍA, POBREZA Y HAMBRE EN LA OBRA DE IGOR BARRETO

Gina Saraceni

Universidad Simón Bolívar Caracas

Esta ponencia tiene el propósito de recorrer dos libros del poeta venezolano Igor Barreto, *El duelo* (2010) y *El muro de Maldestham* (2016) como textos que responden a la crisis política y económica que atraviesa el país y dan cuenta de un paisaje afectivo marcado por la incertidumbre, la precariedad, el hambre y la pobreza. En este sentido, las lecturas de algunas escenas de ambas obras me permitirá mostrar los modos cómo Barreto construye una poética de la pobreza y del hambre para mostrar cómo, ante la reducción de la vida a su constante eliminación; ante la naturalización de la violencia y del hampa que descartan y desaparecen cuerpos; frente a la precariedad que se instaura como única condición posible para los habitantes del barrio, la palabra también se degrada y se vuelve pobre “para significados tan enormes”. PALAVRAS-CHAVE: IGOR BARRETO. POESÍA. LITERATURA.

UNA “SOMBRA TERRIBLE”: ENFERMEDAD Y MUERTE COMO
INTERDICTOS EN LA CORRESPONDENCIA DE JULIÁN DEL CASAL

Adriana Kanzepolsky
Universidade de São Paulo

Las cartas de Julián del Casal (1889-1893), cartas de extrema juventud, están acechadas por dos temas que simultáneamente se enuncian y se soslayan: la enfermedad que lo persigue y que terminará con su vida en una explosión de sangre, y la guerra por la independencia de Cuba, en la que en 1897 morirá Eduardo Rosell, seguramente su corresponsal más asiduo. Mientras Rosell imagina su participación en la guerra como un bello final para el spleen que atraviesa sus días y del que se queja reiteradamente, la tuberculosis de Casal es una enfermedad sin nombre, que se multiplica en la paráfrasis y en una serie de propedéuticas aconsejadas por parte de diferentes corresponsales, que apuntan a minimizar su devastación, la cual sólo se dirá en detalles en la correspondencia que intercambian sus amigos y familiares después de su muerte; cartas, éstas, que explotan y se regodean en el detalle de la espectacular muerte del poeta. A partir de estas condiciones del decir y no decir la angustia, nuestro trabajo se interroga acerca de: ¿Qué es lo que se puede o no escuchar a finales del siglo XIX en Hispanoamérica en un género supuestamente íntimo? ¿Qué es lo que se puede o no decir en ese momento sobre la amenaza y el no saber acerca del propio cuerpo, pero también acerca del cuerpo social? ¿Dónde encontrar palabras para decir lo indecible de la muerte joven?

PALAVRAS-CHAVE: JULIÁN DEL CASAL. CORRESPONDENCIA.
ENFERMEDAD.

Pablo Gasparini
Universidade de São Paulo

En el libro *Voces* (1943 y sus reediciones) Antonio Porchia (1885-1968), inmigrante calabrés arribado a la Argentina en 1902, publica una serie de aforismos que excederán, en ocasiones, el circuito de la cultura letrada para inscribirse en ámbitos contemporáneos como el del grafiti callejero, generalmente sin la mención de su autor. Compuestos con la complejidad retórica inherente al género y con un imaginario de lengua que en su diafaneidad desafía los estereotipos sociales asignados a la inmigración, estos aforismos han sido también objeto de lecturas que, como la de Laura Cerato (1992), pone al descubierto la heterogeneidad lingüística intrínseca a su escritura. El continuo trabajo de reelaboración realizado por Porchia en las diversas ediciones de *Voces*, su incesante trabajo de depuración e incluso abandono de algunos de sus aforismos, señala hacia un trabajo poético que hace de la incertidumbre en relación a la gramaticalidad de la lengua uno de los focos de su indagación. En el artículo que presentamos para este congreso, retomamos algunas reflexiones que hemos realizado en otras ocasiones, aunque releyéndonlas a la luz de las lecturas que Antonio Porchia efectúa de sus *Voces* para Radio Nacional de La Plata durante la década del sesenta. Se trata de una serie de registros que nos permiten preguntarnos por los agenciamientos entre poesía, inmigración, y voz pública que propondremos leer o más bien escuchar a partir de la lógica del “sentido sensible”, establecido por Nancij en *A la escucha*, y de los pensamientos de Barthes en torno a “El cuerpo de la música” en *Lo obvio y lo obtuso*.

PALAVRAS-CHAVE: PORCHIA. VOCES. INMIGRACIÓN. RADIO. LENGUA.

Maria Candida Ferreira de Almeida
Universidad de los Andes

“Roteiros, roteiros, roteiros, roteiros, roteiros, roteiros, roteiros” enunciou Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago de 1928, nos seus 90 anos de idade, este aforismo ainda nos instiga a pensar em caminhos abertos, e não em respostas prontas, nos provoca à incerteza, ao balbucio da expressão da nossa interioridade, nossa intimidade. Mas temos alcançamos a falar de outras mulheres, outras experiências. Esta comunicação buscar discutir a pertinência de falar por outras, por outra experiência corpórea, em tudo que ela envolve: a experiência cultural, a geografia, o uso linguístico. Imersa em nossa dimensão humana, buscamos Tateando no escuro a outra pessoa, história, corpo. Com o tato subalternizado frente aos demais sentidos, nos dedicamos a ver e ouvir, mas será suficiente para compreender? Nossas palavras que recobrem o corpo impróprio terminam por relar, ou por tapar ainda mais? Quero dar palavras e gestos para a incerteza proposta pelas coordenadoras do simpósio, sem nenhuma pretensão de apresentar algum tipo de resposta.

PALAVRAS-CHAVE: CORPO. ALTERIDADE. VOZ. TATO. INCERTEZA.



ST 22 - MULHERES E TERRA

Jéssica de Pontes Alves
Universidade Veiga de Almeida

Na borda é um projeto que tem como proposta reunir pessoas interessadas em comunicar a linguagem do coração através das mãos. Agulhas, linhas, botões, retalhos, tecidos que se encontram e ganham cor através de mãos com vontade de entrelaçar histórias. Este trabalho tem como objetivo contar a experiência de um ano do Projeto Na Borda - Poesia e Bordado, que aconteceu na biblioteca de Armação de Búzios, RJ. Apesar de ser oficina aberta à todos, os encontros reuniram somente mulheres. Mulheres de diferentes idades, que compartilharam sua emoções não somente em forma de bordado, mas também pela arte do crochê, da poesia, da prosa, da culinária e da beleza de saber desfrutar do silêncio que tece, da fala que inspira, da escuta que faz crescer, dos olhos e abraços em reconhecimento de uma n'outra e da outra em todas. Bordamos em roda, para resistir ao tempo de produção que nos afasta de nós mesmas e de nossos potenciais criativos individuais e coletivos, fiamos em espera ativa, na construção de um futuro que exige nossa atuação, mas também se faz além de nossas mãos. A intenção deste trabalho é mostrar como as histórias contadas e a prática do bordado livre se tornou um veículo de exploração da intuição, de contato com o força criativa de cada uma e de recriação de si em suas vidas pessoais, do sentido de vida em Terra.

PALAVRAS-CHAVE: SUBJETIVIDADE(S). PERTENCIMENTO. FEMININO. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. BORDADO.

Raquel Alves dos Santos Nascimento

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas


Essa proposta pretende identificar o sentido de Terra na obra de Carolina Maria de Jesus. Autora considerada, nos anos 1960, um fenômeno literário que sofre, depois disso, uma trajetória descendente até sua morte em 1977. No entanto, sua trajetória não se resume somente nessa fase. Sua obra nos conta que sua vida é marcada por itinerâncias principalmente nos estados de Minas, estado onde nasceu e São Paulo, estado que elegeu como sua morada, o que revela uma busca por um território, uma terra para ser acolhida. Nesse sentido, nos questionamos sobre o que teria então essa trajetória peculiar a revelar no que diz respeito à sua relação com o que tem de essencial e vital em Terra? Na busca por possíveis respostas, nos debruçamos a identificar esse elemento em sua obra por quatro perspectivas: (1) terra em seu sentido concreto de onde vem alimentos e sobre a qual se constrói casas e todo tipo de edificações; (2) terra enquanto território ao qual se pertence; (3) figurativamente, pensando na autora, ela própria como Terra que gera a vida e representatividade com seus escritos e, por fim (4) ainda no âmbito figurativo, Terra como sendo o sistema literário brasileiro, onde a literata buscou semear e fixar as raízes de sua literatura. Para tanto, serão analisados trechos em sua obra, em especial em Quarto de Despejo e Diário de Bitita, que explicitem de maneira clara ou analógica a importância da Terra em seus diversos desdobramentos identificando os apontamentos para traços de uma poética pela terra e a necessidade de ter, pertencer conquistar e ser terra. E por fim elencar os possíveis caminhos na busca por Terra sendo Terra.

PALAVRAS-CHAVE: CAROLINA MARIA DE JESUS. TERRA. QUARTO DE DESPEJO. DIÁRIO DE BITITA. SISTEMA LITERÁRIO.

COLONIZAÇÃO LUSOTROPICALISTA E FICÇÕES FALOGOCÊNTRICAS EM
NOVE NOITES, DE BERNARDO CARVALHO

Raquel Parrine
University of Michigan

Em *Nove Noites*, a investigação do suicídio do antropólogo americano Buell Quain aparece entretecida por relatos biográficos do narrador. Essas duas instâncias tocam a história da criação do Parque Indígena do Xingu em momentos decisivos, como a Expedição Roncador-Xingu, o loteamento de terras indígenas feitos pela ditadura militar e o projeto da usina Belo Monte. Por outro lado, os deslocamentos dos personagens e suas perspectivas são afetados decisivamente por fatores de gênero e sexualidade. Quain enfrenta a repressão do Estado Novo ao defender os indígenas da violência integradora do projeto varguista, enquanto a descoberta de sua sexualidade pode provocar perigo ao povo que estuda. O narrador, por sua vez, tem sua visão do Xingu aderida às demonstrações de masculinidade tóxica de seu pai, cuja doença e morte produzem um trabalho emocional e de care que ele não hesita em delegar para a sua irmã. Os papéis de gênero no romance parecem mimetizar a força falocêntrica do Estado ao se manifestar como poder e logos organizador da nação, em detrimento dos espaços nativos indígenas. Esta força homogeneizadora de ocupação do território brasileiro, através de um controle específico de gênero e sexualidade, dialoga com o projeto lusotropicalista colonial brasileiro, conforme delineado por Gilberto Freyre. Freyre, que defende sua tese em Columbia poucos anos antes de Quain ser enviado pela mesma universidade ao Brasil, argumenta que a “lubricidade” das relações sexuais no Brasil facilitaram a mestiçagem e a ocupação bem-sucedida do território. Ao contrário de outros colonizadores, os portugueses tinham relações sexuais com pessoas de outras origens, o que dissolvia, através da mestiçagem, as tensões sociais e criava um povo híbrido, brasileiro. Por outro lado, Freyre também assinala que o mesmo tratamento não era dado a mulheres brancas, que eram confinadas no espaço da casa grande, além das indígenas e negras, que sofriam os resultados da violência sexual empregada no processo colonizador. Neste contexto, as relações homossexuais aparecem em *Casa Grande & Senzala* ora como alívio e consolo (entre mulheres), ora como pedagogia da tortura e opressão (no caso de homens). De todas as formas, o Brasil aparece nesta fantasia como um país liberal, do ponto de vista da sexualidade, em contraposição à repressão conservadora dos EUA nos anos 30. Entretanto, a realidade que Quain encontra quando chega ao sul do Atlântico é de vigilância extrema e chacina de povos indígenas. Suas experiências homossexuais anteriores e suas



interações homoafetivas na aldeia Krahô parecem ser suficientes para que se espere uma repressão profunda do Estado. Ele decide se suicidar para salvar os índios – mas eles acabam sendo perseguidos e mortos por jagunços um ano depois. Está em jogo no romance uma linguagem falocêntrica de coerência, nacionalismo e integração que se embate a cada momento com o seu próprio limite, que aparece na forma do feminino, do queer e do indígena. Ainda que preso no seu próprio lugar de fala, o narrador consegue antever uma dimensão perspectivista em que existe a possibilidade de uma alteridade desestabilizadora que se contraponha ao processo colonizador ainda em operação hoje.

PALAVRAS-CHAVE: LUSOTROPICALISMO. BERNARDO CARVALHO.

PERSPECTIVISMO. TEORIA QUEER. ESTUDOS DE GÊNERO. POLÍTICA INDÍGENA.

DA EUROPA AO PERU E DO BRASIL À EUROPA: TRÂNSITOS LITERÁRIOS DE FLORA TRISTÁN E NÍSIA FLORESTA NO SÉCULO XIX

Ana Miriam Wuensch
Universidade de Brasília

Propomos a consideração da obra de duas escritoras do século XIX: Flora Tristán e seu relato de viagem ao Peru, em *Peregrinações de uma pária* [1838], e Nísia Floresta, em seu *Opúsculo Humanitário* [1853], no que se refere às suas reflexões sociais e políticas sobre a condição das mulheres em seu tempo e lugares que conheceram. É certo que escreveram em formas literárias diversificadas e que a obra de cada uma constitui um universo próprio, por meio de seus percursos, biográfico e autobiográfico, como leitoras e autoras (ZAMBRANO, 2000, 2001, 2005). Todavia, no contexto do XIII JALLA 2018 – Éticas e Poéticas dos Povos Andinos-Amazônicos: Trânsitos de Saberes, Linguagens e Culturas - interessa destacar o olhar histórico das autoras para a pluralidade étnica e a desigualdade da condição feminina que observam desde a sua própria experiência e a situação das outras mulheres – indígenas, negras, brancas, mestiças. O projeto de uma crítica literária feminista (PERRY, 1997), ou de revisão do cânone literário brasileiro (MUZART, 2000), juntamente com uma reconstrução feminista da filosofia (JAGUAR e BORDO, 1997) vem buscando reinterpretar o mundo com mulheres, em todas as áreas dos saberes e práticas sociais. Deste modo, são demarcadas algumas semelhanças e dessemelhanças no percurso das autoras entre mundos, continentes e civilizações que se referem, em última instância, a um ideal moderno de progresso de matriz europeia, no qual a inclusão social de todas as mulheres no âmbito dos direitos e da economia formal torna-se uma prova de princípio para o projeto colonizador universalista. Nele identificamos pressupostos liberais e socialistas com os quais as autoras escrutinam o projeto civilizador no Peru e no Brasil, atentas aos debates políticos europeu, latino e norte-americano. O profeminismo de ambas as autoras nos permite pensar, a partir do presente, algumas questões sobre a condição das mulheres brasileiras, em que persistem problemas identificados pelas autoras, bem como emergem outros não suficientemente considerados em sua época, relativos aos direitos humanos (BOBBIO, 1992).
PALAVRAS-CHAVE: FLORA TRISTÁN. NÍSIA FLORESTA. CRÍTICA LITERÁRIA. FEMINISMO E FILOSOFIA. DIREITOS HUMANOS.

ENTRE BECOS E TERRAS: MOVIMENTOS E ESCRIVIVÊNCIAS NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Calila das Mercês
Universidade de Brasília

Por meio de escriturivências, conceito alcunhado pela escritora e pesquisadora negro-brasileira, Conceição Evaristo, o artigo apresenta diálogos sobre trânsitos, movimentos e as ficções da memória produzidas pelo imaginário e pela vivência de uma mulher negra e dos seus, outros corpos negros, frente a miséria, a fome, a pobreza e as complicações da sociedade desigual e preconceituosa, mas também frente a solidariedade, a histórias, a quilombos e a ternura em *Becos da memória* (2006). Evaristo traça pluralidade de personagens e de visões sobre estar e ser de um lugar afastado do considerado centro, e discorre sobre afetos e vivências ancestrais, e o mover-se contemporâneo. O artigo tem como proposta discutir as relações, presentes na narrativa, de corpos negros com a terra, compreendendo esta como negação, movimento e também como lugar-geográfico, lugar-pertencimento e lugar-afeto, experienciadas ou coletadas por meio da escuta da narradora-personagem, Maria-Nova. Romance publicado após vinte anos de escrito, por falta de atenção do mercado editorial, *Becos da memória* traz aspectos intertextuais que também são diálogos possíveis sobre ser mulher negra e escritora em terras brasileiras marcadas por problemas sistêmicos e de estrutura como o racismo e o machismo.

PALAVRAS-CHAVE: AUTORIA NEGRA. CONCEIÇÃO EVARISTO.
ESCRIVIVÊNCIA. MOVIMENTOS. RESISTÊNCIA.

Claudia Cristina Maia

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

O trabalho pretende apresentar uma leitura de *Desesterro* (2015), romance de estreia de Sheyla Smanioto, que narra a vida dura de Maria de Fátima, a protagonista, em dois espaços marcados pelo exílio e pela violência: a pequena cidade de Vilaboinha, no sertão nordestino, e a favela de Vila Marta, em São Paulo. Com um experimentalismo linguístico, o romance apresenta a relação entre quatro gerações de mulheres (quatro Marias) em um Brasil assolado pela miséria e pelo sofrimento. A mudança do sertão para a cidade grande não diminui o sentimento de abandono da personagem principal, que vive ao mesmo tempo um exílio territorial e um exílio de si mesma, já que está irremediavelmente ligada às outras personagens femininas. Sonhos, fantasmas e lembranças colaboram na construção da narrativa e das personagens, que não escapam das várias metamorfoses presentes no livro, inclusive aquelas que se referem à linguagem. O neologismo do título aponta para as diversas relações que o ser humano e a mulher, especificamente, estabelece com a terra. Nesse sentido, pretende-se investigar como o conceito de desterritorialização, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pode ser problematizado pelo romance em questão, tanto no que toca ao trânsito das personagens, temporal e espacial, quanto no que se refere à sua linguagem e aos sentidos que a palavra terra possa ter em *Desesterro*.

PALAVRAS-CHAVE: MULHER. TERRA. DESESTERRO. SHEYLA SMANIOTO.

IXCANUL: LA FUERZA DENTRO DE LA MONTAÑA QUE HIERVE Y BUSCA CÓMO SALIR


Mariana Ruggieri
Universidade de São Paulo

Ixcánul, filme guatemalteco de 2015, dirigido por Jairo Bustamente, tensiona a complicada relação entre as políticas públicas, o reparto agrário e os direitos reprodutivos femininos nos anos posteriores à guerra civil que assolou o país entre os anos de 1960-1996, em que a maioria indígena do país foi vítima de assassinatos, tortura e desaparecimento forçado. O filme coloca questões ao discurso de integração nacional afirmado nos acordos de paz ao construir sua narrativa entre as esferas de influência do estado, da propriedade privada, das políticas de saúde pública, esferas que por sua vez estão em constante embate com a comunidade, com a posse coletiva e com percepções distintas a respeito de modos de tratar o corpo. O corpo em questão, no centro dessa disputa, é o corpo de María, maya kaqchikel de 17 anos, que se encontra grávida em uma situação pouco favorável, tanto para ela, quanto para a sua família.

**PALAVRAS-CHAVE: DIREITOS REPRODUTIVOS. GUATEMALA.
IXCANUL.**

Kirca Reyna Yucra Medina
Colegio Santa Ana

En el poemario *Pirotecnia* (1936) de Hilda Mundy (Laura Villanueva) uno de los temas principales es la modernidad y cómo esta cambia la vida de los ciudadanos, pero se puede observar cómo la imagen de la mujer pone cierta resistencia. Aunque una de las intenciones de la modernidad sea alejarse de la naturaleza, de los bosques y animales mediante el concreto y los ladrillos, la animalidad se encuentra también en la ciudad. En el poemario se observa la presencia de aquella en las personas y objetos modernos. Los hombres pueden ser también representados por animales como burros o perros, en el poemario también se hace la comparación de un auto con la giba de un camello. Aunque estos se relacionan estrechamente con la ciudad y la modernidad porque son animales ya domesticados que están al servicio de la humanidad. Aquella absorbe también lo que la rodea y la vuelve parte de sí, modificándolo. En este punto, la animalidad en la poesía de Mundy se expresa de manera diferente en relación a lo femenino ya que la caracteriza de una manera distinta. A diferencia de la animalidad expresadas en el hombre o la ciudad los animales asociados a la imagen de la mujer en el poemario no son parte de la modernidad y no están al servicio de esta. Las mujeres son representadas como tigresas o garzas, animales que están en la modernidad, pero no son parte de esta. Como si estas mantuvieran su esencia natural a pesar de todo el cambio. Estos animales no pueden ser parte de la modernidad sin generar algún cambio, como los zoológicos, pero aún dentro de este hábitat creado para conservarlos su actitud cambia. Entonces, según las imágenes del poemario las mujeres contendrían un animal interior que se manifiesta en algunos aspectos del cuerpo. Esta animalidad hace resaltar cierta resistencia por parte de las mujeres hacia el cambio brusco que representa la modernidad. Pareciera que a diferencia de los hombres las mujeres llegan a tener más contacto con la naturaleza y lo expresan de manera inconsciente o conscientemente en la ciudad que las limita. De esta manera, las imágenes de Mundy con respecto a la animalidad y la mujer pueden mostrar un lado salvaje, el cual sería el otro lado del lado civilizado de las personas. Por otro lado, si se da el caso de que esta animalidad femenina se relaciona con el hombre y la modernidad, esta se presenta como algo comestible. En resumen, se observa que la imagen de la mujer relacionada con lo animal está en tensión con la modernidad y ofrece cierta resistencia, aunque en el momento en el que entra en contacto con ella y con el hombre la



pueden absorber. De esta manera el poemario y el análisis del mismo remarca una oposición con la teoría de Aristóteles, sobre una mujer que debe ser supervisada por su esposo para encajar en la sociedad.

PALAVRAS-CHAVE: ANIMALIDAD. MUJER. MODERNIDAD. RESISTENCIA.

**LA FUNDACIÓN DE OTRA GAUCHESCA ARGENTINA: EL DESEO Y EL
GOCE DE UN MUNDO LIBRE EN LAS AVENTURAS DE LA CHINA IRON
(2017) DE GABRIELA CABEZÓN CÁMARA**

Marta Urtasun
Univeresidad de la Pampa

Las aventuras de la China Iron (2017) de Gabriela Cabezón Cámara es una novela que apuesta a leer desde una perspectiva queer la literatura gauchesca argentina. En el poema épico Martín Fierro (1872), la china es un personaje desdibujado y sin voz, en cambio, en el texto narrativo se corporiza y habla en primera persona como China Josephine Star Iron, nombre con el que se bautiza y subvierte tanto las reglas que ordenaban el desierto como el territorio de la barbarie, la imagen del gaucho, y el nacimiento de la Patria, representados en el texto canónico nacional. La voz y la mirada de la China en la novela, se apartan de los estereotipos y se construyen por fuera de los patrones heteronormativos. En este sentido, la escritora construye personajes nómades entendidos como conciencias críticas que se resisten a los modos codificados socialmente: se fusionan los mundos y las lenguas en novísimos paradigmas culturales, genéricos y amorosos; los personajes aprenden palabras para nominar la fundación de un mundo libre, sin jerarquías. Su errancia, más allá de los desplazamientos geográficos al desierto, Tierra Adentro y hacia el río Paraná (la China junto con el personaje de Liz, inglesa emblemática que le enseña el mundo de las manufacturas en su carreta-universo) implica atravesar diversos niveles de experiencia con la responsabilidad de estar ancladas en una posición histórica, atento no solo a la perspectiva de asumir la identidad de un deseo, con diferentes figuraciones subjetivas sino además revitalizar la dicotomía civilización-barbarie por la de civilización-civilización.


PALAVRAS-CHAVE: MUJERES. GAUCHESCA TIERRA ADENTRO.
GÉNEROS.

MULHERES E REFORMA AGRÁRIA: DO LUTO À LUTA DESENHAM SUA CORAGEM

Laíse Rabêlo Cabral
Universidade de Brasília

Tamiris Lima de Sá
Universidade de Brasília

Em Rondon do Pará, distante 538 quilômetros da capital paraense, vive Dona Joelma, mulher de uma força incrível, como, ousa-se dizer, são as mulheres que lutam pela terra. Imbricadas pela força que rege a História do Brasil, colonial, patriarcal, exploradora, a ligação entre a terra e mulheres como Joelma, essencial ao sustento e à (re)existência daquelas pessoas, pode ser analisada pela condição primeira de Joelma, mulher. Joelma preside o sindicato de trabalhadores rurais do município, “herdou” a função quando o sindicalista José Dutra da Costa, o “Dezinho”, pai de seus filhos, companheiro de amor, de luta e de vida, foi assassinado em Rondon do Pará no dia 21 de novembro de 2000 por fazendeiros conhecidos mas até hoje impunes. Joelma herdou não só o sindicato, herdou as ameaças de morte. Hoje vive sob escolta 24h para exercer seu direito primeiro, viver. Mulher, mãe de 4 filhos, evangélica, busca na fé, a força para suportar a pressão e diante dos algozes, da sociedade, do Estado e da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, honrar a luta que começou há algumas décadas. Joelma não está sozinha nesse cenário, há Laísa (irmã de Maria do Espírito Santo da Silva, esta, por sua vez, esposa José Cláudio Ribeiro da Silva, ambos assassinados em 24 de maio de 2011), há Elisabeth Teixeira, há Maria Oneide da Costa Lima, Helena de Paula, Maria de Fátima Bandeira, todas viúvas que se fizeram para a luta... Há centenas delas pelo país. Há Margarida Maria Alves, paraibana, assassinada com um tiro na face, por um pistoleiro de aluguel, em frente ao marido e o filho de apenas 10 anos. Seu pecado? Lutar pelos direitos trabalhistas e pelo fim da violência no campo. Margarida se foi mas hoje milhares de mulheres latinoamericanas marcham por seus direitos espoliados. Margarida se foi mas sua memória permanece, mulheres marcham até que todas sejam livres. Estes assassinatos tem em comum algo para além da tipificação criminal. O que mais retém atenção está além do que pode ser dito ou escrito, está a força que liga estas mulheres à terra, está a força da mulher que tem sua trajetória marcada não só pelas ameaças de morte e/ou pela viuvez mas pelo valor que agregaram à sua história. Esta comunicação pretende ser um registro da vida dessas mulheres a partir da estampa que a luta pela terra



debuxa às suas histórias e a partir disso, realizar uma análise dessa relação, sensivelmente diferente de quando falado sobre a relação “homem e terra” e que apesar de latente àquelas que trabalham com o tema carece de leituras sobre o assunto. As informações utilizadas são colhidas de reportagens jornalísticas e livros que falam de suas histórias, bem como da experiência pessoal das autoras com o tema. E por fim, esta comunicação pretende ser uma homenagem àquelas que por ocasião de tragédias foram derrubadas mas que se fizeram erguidas pela força da mulher, pela paixão pela terra e pela força do lutar. Do luto à luta desenham sua coragem.

PALAVRAS-CHAVE: MULHERES. TERRA. REFORMA AGRÁRIA. LUTA PELA TERRA.

**O CARIMBÓ “NO MEIO DO PITIÚ” TRANSCENDENDO AS RELÍQUIAS
PARAENSES**

Flávia Barros da Silva
Universidade Federal de Rondônia

Luci Mary Corrêa Lopes
Universidade Federal de Rondônia

Estilo musical que da Identidade ao Estado do Pará, o Carimbó, expressa em sua música, letras, instrumentos e dança certas características do modo de vida das populações tradicionais ribeirinhas e rurais da região, assim como a relação dessas populações com o ambiente que as envolve. Dona Onete, mulher paraense, trás através desta vertente musical o empoderamento feminino e proporciona a reflexão de como a arte da voz àqueles que socialmente são excluídos. O objetivo desta pesquisa foi compreender algumas características estéticas e étnicas que abrangem este movimento. Como metodologia aplicou-se a pesquisa bibliográfica interdisciplinar e a pesquisa empírica etnográfica. Por intermédio do carimbó “No meio do Pitiú” Dona Onete celebra em uma letra contemporânea a vivacidade desta atitude melódica evidenciando as transformações sociais, artísticas e culturais que o Estado do Pará vem compondo-se. Com o reconhecimento do carimbó como patrimônio cultural imaterial do Brasil ressalta-se a necessidade de implementar cada vez mais a razão da luta de um povo por reconhecimento de seu potencial artístico e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: CARIMBÓ. CULTURA TRADICIONAL.

EMPODERAMENTO FEMININO.

O PERFIL IDENTITÁRIO FEMININO?

Larícia Pinheiro Silva Ramos
Universidade Federal do Acre

O estudo tem como intuito uma problematização do perfil identitário feminino através da análise do romance “No tempo frágil das horas”, de Luzilá Gonçalves Ferreira, e a relação entre história e literatura pela observação da personagem Antonia Carneiro da Cunha. A protagonista é como a representação de muitas mulheres que foram silenciadas e ocultadas pela história, pois através dos recortes historiográficos pouco se sabe dessa e de muitas outras mulheres e o pouco que se tem de informação é por conta de ser casada com um homem de destaque social e pertencer a uma linhagem prestigiada ou ser transgressora dos costumes. Então, como pontos que interligam os elementos históricos dos literários são: as figuras históricas de Antonia e seu esposo (Barão de Vera Cruz), Engenho de Monjope em Iguarassu-PE que são interligados pelo discurso narrativo que faz uma releitura dos fatos relacionados a figura de Antonia. Como aporte teórico se faz uso de Antônio Esteves sobre “Romance histórico brasileiro contemporâneo”, “Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos” de Sandra Azerêdo, “A mulher escrita” de Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão, “História das mulheres no Brasil” de Mary del Priori, “Minha história das mulheres” de Michelle Perrot, “História, ficção e literatura” de Luiz Costa Lima, “A força das representações” de Roger Chartier, entre outros. Como resultado buscamos evidenciar a importância de se trabalhar com o resgate das vozes femininas, mostrando as formas sociais de opressão que muitas mulheres viveram/vivem e os discursos ideológicos que são incorporados a tal ponto que dificultam a percepção da sua presença. Além disso, tenta-se evidenciar no romance essa relação entre história e literatura na construção do perfil identitário da figura feminina, Antonia.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA. LITERATURA. IDENTIDADE
FEMININA.

Laura Castro

Universidade Federal do Sul da Bahia

A partir de um encontro afetivo com a pequena índia pataxó Xica, me encontro engajada, neste momento, junto com ela, na feitura de um livro poético sobre a Mãe D'água, sereia que permeia o imaginário desta e de outras comunidades na Bahia. Xica pertence ao território de identidade Comexatiba, do povo pataxó, que pertence ao município de Prado/BA. A terra pataxó apresenta suas marcas inexoráveis da colonização, da dominação do território. As meninas e mulheres que a habitam, nas suas águas se banham com um imaginário cada vez mais ameaçado pelas fábulas da globalização, das imagens midiáticas. Muitos mundos ameríndios no Brasil já desapareceram, o fim do mundo já chegou para muitos povos. Há mundo por vir?, pergunta provocativamente o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e a filósofa Déborah Danonski, que guião essa reflexão. A partir desse paradigma de degradação da vida, de mudança climática e de intenso desmatamento, a aldeia de Xica é ameaçada tanto pela disputa de território, pelas instabilidades políticas que ameaçam a demarcação de terras indígenas no Brasil quanto pelos domínios da monocultura do eucalipto extinguindo as nascentes de água desta região. Como falar, então, da Mãe D'água neste contexto? O que representa a mãe d'água na cosmovisão pataxó? Seguindo o rastro da pergunta de Espinoza do que pode um corpo, este trabalho interroga: o que pode um livro? Como a escrita deste livro pode se formar a partir dos modos de contar pataxós e de suas relações com a terra, com as águas? O que um livro pode enraizar neste território instável e ameaçado? Esta comunicação oral tem como objetivo expor e discutir as inúmeras questões que aparecerão entre gestos íntimos e espaços imaginativos nas zonas de criação poética entre Xica, Laura e a Mãe D'água. Duas mulheres, uma sereia e uma terra de mar, onde se inter cruzam vozes, imaginários e territórios.

PALAVRAS-CHAVE: IMAGINÁRIO. PATAXÓS. TERRITÓRIO. CRIAÇÃO POÉTICA. LIVRO.

**QUESTÃO AGRÁRIA E MULHER NAS LITERATURAS DO CARIBE:
PROGRAMA DE PESQUISA ENGATINHANDO**

Paola Giraldo-Herrera

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Esta pesquisa quis examinar, na produção literária de vários países latino-caribenhos, o campo cultural latino-americano e caribenho conformado pelo conjunto dos diversos discursos e representações da questão agrária e o campesinato nas literaturas latino-americanas e caribenhas, entendendo esse campo enquanto raiz e fonte das ficções fundacionais, as imagens, imaginários e imaginações que sobre estes, as múltiplas sociedades nacionais latino-caribenhas desenvolveram em momentos diferentes da sua história. Porém, pese ao papel central da mulher em relação com a terra; deusa e fonte de fertilidade, veículo da herança patriarcal, raiz e mãe mas também lavradora e escrava, entre muitas imagens da mulher camponesa, fomos reparando como, nos estudos sobre questão agrária e campesinato o papel da mulher como protagonista das lutas pela terra apenas está despontando: com as soldadeiras da revolução mexicana, as margaridas brasileiras e as arpilleras de Puente Alto, com as Rigobertas Menchú, Domitilas Barrios, Bertas Cáceres e Yoryanis Isabel Bernal Varela do continente, entre outras tantas mulheres que não cabem neste resumo mas que, pese a todo, existem e resistem como as haitianas de Edwige Danticat: nou led, nou la (seremos feias mas estamos aqui). O problema, além de nos buscar e nos encontrar dentro do campesinato, é também nos sintetizar -chegar à existência, resumir-nos sem nos recortar- e nos sistematizar. Nos trabalhos sobre campesinato e identidade surgem as questões étnicas e raciais, a economia, e com certeza o gênero, porém, muito menos frequente do que sabemos. Nos estudos sobre a questão agrária nos adentramos no debate sobre a mestiçagem quase sem mencionar os nossos ventres, mas vemos que na literatura eles se revelam, se revoltam, aparecem para nos lembrar que continuam aqui, que ainda estamos sendo tratadas como veículos de fertilidade, riqueza, prosperidade sem, no entanto, acolher o trabalho feminino (o trabalho de parto, o trabalho do lar). Eis, por exemplo, uma das hipóteses que revisamos no programa mais amplo da nossa pesquisa: o entendimento dos seus principais atores, os camponeses, se encontra dificultado pelo desconhecimento das estruturas agrárias que antecederam à chegada dos europeus (Stavenhagen, 1972), Enquanto que lhe são aplicadas ferramentas analíticas e históricas herdadas da questão agrária do velho continente. E ao mesmo tempo, como o assinala Stavenhagen (1972), é falso que a integração nacional em

América Latina seja produto da mestiçagem, pois esta, entendida como branqueamento, oculta uma série de dispositivos de diferenciação racial que mais que alterar fortalecem a estrutura socioeconômica vinda da colônia, favorecendo a exploração dos grupos mestiços. Aproveitando as frestas da crítica aos estudos tradicionais sobre questão agrária e campesinato, vemos na hipótese levantada por Sevilla e Gonzáles (2013) sobre o processo de conformação da latino-americanidade, um caminho grávido de presenças femininas: eles propõem a existência de uma matriz do pensamento popular latino-americano, cujos elementos são “(1) a existência de etnicidades profundas negadas por um marco de legalidade no que se constrói um imaginário que nega, igualmente, o reconhecimento social da mestiçagem; (2) desde a homogeneidade de uma elite crioula, de origem europeia; (3) que controla as bases legais e morais das formas históricas de dominação política. No amplo mapa latino-americano persiste uma sincronia manifestada pelas realidades políticas e pela homogeneidade das classes privilegiadas. No entanto frente a isso, aparece uma (4) heterogeneidade sociocultural nas classes oprimidas, portadoras de (5) diferentes formas de conflictividade latente vinculadas à heterogeneidade sociocultural, articuladas não poucas vezes a um catolicismo popular (como sincretismo das crenças ancestrais das cosmovisões de suas etnicidades profundas) com um potencial liberador.” (2013:19) Esta matriz de pensamento latino-americana serve para desencadear processos de reconhecimento do papel central das mulheres na construção da diversidade do território (isto é, da terra re-significada). Permite também pensar a produção de alimentos além do darwinismo social, que apenas enxerga a agricultura desde um ponto de vista unilinear que termina na industrialização do campo, e à mulher como apenas uma máquina de reprodução e consumo. Disso se trata a nossa pesquisa, ainda engatinhando: de evidenciar as mulheres, as raízes, os imaginários e representações que constituíram esses discursos, e neles, ressaltar a centralidade da mulher no processo cultural que, desde indo-américa deu a luz ao que hoje é essa Nuestra América. As experiências da escravidão e da vida colonial com suas rígidas normas sociais e religiosas, se encontram, por exemplo, em *Wide Sargasso Sea*, (1982) da dominicana Jean Rhys, cujo diálogo intertextual com *Jane Eyre*, evidencia a profunda dominação racial e de gênero que permeia a vida nas colônias. Já *The cost of sugar* (1987), da surinamesa Cynthia McLeod, assinala outras contradições do papel da mulher na sociedade colonial ao tempo que ressalta a crueldade deste sistema econômico para com as suas vítimas, especialmente afrodescendentes e mulheres. Indo e vindo entre as ilhas e as metrópoles, a literatura do Caribe perpassa as linhas espaciais e temporais pulando entre passado e presente para contar suas histórias

de migração e exílio. Dentre elas, por exemplo, em *Unburnable* (2006) da antiguana Marie-Elena John, e em *Breath, Eyes, Memory* (1994) da haitiana Edwidge Danticat, as protagonistas, jovens mulheres radicadas nos Estados Unidos (tal como as autoras) viajam entre o continente e as suas ilhas costurando feridas e lembrando histórias familiares, ao tempo que voltam ao passado dos seus ancestrais para entender as cicatrizes que as proibições sexuais e sociais provocaram. A dissertação *Os afetos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas* (Rogers 2006), nos aproximar a o corpo camponês coloca o corpo feminino de novo no centro. *The autobiography of my mother* (1996), da antiguana Jamaica Kincaid retoma e amplia de maneira estridente o tema da mãe endurecida que aparece tão evidente em *Unburnable* e *Breath, Eyes, Memory*. Com uma linguagem mais contemporânea e uma perspectiva humorística afiada, *La breve y maravillosa vida de Oscar Wao* (2007), do dominicano-estadunidense Junot Díaz conta entre suas personagens com uma mãe que desvela as razões políticas e sexuais da sua dureza, recriando assim uma variável de gênero e classe que é capaz de abrir diálogos com uma figura do feminino no exílio, também presente nas *mulheres da Casa em Mango Street* de Sandra Cisneros (2009).


PALAVRAS-CHAVE: LUTAS PELA TERRA. GÊNERO. QUESTÃO AGRÁRIA. SOCIOLOGIA DA LITERATURA. MULHERES.

TERRA EM SANGUE, MÃES NEGRAS EM LUTO: CONDIÇÕES DA CRÍTICA E DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO BRASIL DIANTE DA VIOLÊNCIA RACISTA

Fabiana Carneiro da Silva
Universidade de São Paulo

Considerando as práticas de violência racista e genocídio a que está circunscrita a população negra no Brasil, nesta comunicação partirei da análise do tom melancólico que tingiu o romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, em suas passagens finais para vincular o contexto que ele transfigura, a saber, parte do período escravista no Brasil, a certo estatuto da representação da mãe negra na sociedade contemporânea. Os procedimentos formais que constituem a obra literária e delimitam a maternidade negra como chave estruturante de sua composição serão explicitados e lidos em cotejamento com outras obras artísticas de autoria negra enquanto potentes problematizadores do discurso nacionalista brasileiro, o qual, por sua vez, tem na interdição do reconhecimento da matriz africana de constituição desse território um de seus pilares (visível nos modos como se dá, quando se dá, a representação do negro e da negra nas obras integrantes dos cânones nacionais). Os desdobramentos dessa reflexão analítica subsidiarão, por fim, que se discuta a responsabilidade ética da arte e da crítica no processo de desnaturalização e visibilização das experiências traumáticas impostas à comunidade negra no país, sobretudo às mulheres negras, interrogando-se assim sobre a efetividade e as possibilidades do literário em relação a tal cenário.

PLAVRAS-CHAVE: MATERNIDADE NEGRA E REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA. CRÍTICA. ÉTICA E RACISMO. UM DEFEITO DE COR E NACIONALISMO.



ST 23 - NARRATIVAS DE
FLORESTAS E CIDADES AMAZÔNICAS:
PATRIMÔNIOS, HISTÓRIAS E
LITERATURAS

“SERINGAL” POR ENTRE DIFERENÇAS E REPRESENTAÇÕES

Aluizio Oliveira de Souza
Universidade Federal do Acre

Nossa pesquisa trata da obra literária de Miguel Jeronymo Ferrante (1920-2001), “Seringal” (1972). Literatura de caráter amazônico que desperta grande curiosidade e desejo nos leitores, de sentir e caminhar (de modo empírico/sensitivo) por um seringal. O trabalho tem por objetivo saber o quão representacional ou diferencial é esta obra literária, isto é, o romance de Ferrante é uma literatura da diferença ou uma literatura da representação? Pretendemos averiguar o romance “Seringal” no trata com os “signos” da representação e os “signos” da diferença e para tal análise, situaremos nossas observações nos elementos literários (narrador, enredo, personagens, espaço e tempo) da narrativa “Seringal”. Com isso, nossa perspectiva metodológica centra-se numa concepção teórico-bibliográfica de cunho conceitual, em que os conceitos (da representação: identidade, semelhança, oposição e analogia. Da diferença: desterritorialização, política, agenciamento, signos, rizoma e vida) terão papel fundamental. Para isso, os teóricos pertinentes ao desenvolvimento desta pesquisa, são: Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992), com maior ênfase no primeiro. Por conseguinte, utilizaremos várias obras produzidas pela dupla, no entanto, “Diferença e Repetição” (1968) e “Kafka: Por uma literatura menor” (1975), serão os centrais livros para constituição da análise. Portanto, nossa problemática insurge-se em questionarmos até que ponto, “Seringal” de Ferrante, posiciona-se como literatura da representação, ou em qual medida constitui-se como literatura da diferença, e, para respectivo exame analisaremos conceitualmente os elementos da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: DIFERENÇA. LITERATURA. REPRESENTAÇÃO.
“SERINGAL”.

**A CASA VERDE E SEMPREVIVA : FRONTEIRAS NARRATIVAS E RELAÇÕES
DE PODER**

Suely da Fonseca Quintana

Universidade Federal de São João del-Rei

A proposta deste trabalho é fazer uma leitura comparativa entre os romances *A casa verde*, de Mario Vargas Llosa e *Sempreviva*, de Antonio Callado. Os livros são separados por 15 anos, considerando as datas das publicações, 1966 e 1981, respectivamente. A problematização das fronteiras, da cultura, do processo de urbanização, contrabando e exploração dos povos das florestas terá como suporte teórico as discussões de Walter Mignolo, sobre as histórias locais e as relações de poder. Mario Vargas Llosa, em uma conferência de 1968, cujo título é “História secreta de um romance”, revela o processo da escritura do seu livro, *A casa verde*. Por meio desse texto é possível acompanhar o processo utilizado pelo autor para juntar o tempo e o espaço que compõem a narrativa. Há uma junção entre as memórias dele, quando era menino e viveu em Piura, no litoral e a viagem pelo interior do Peru, até a região que já constitui a Amazônia. A viagem ao interior é feita quando ele já é adulto e vai em companhia de um antropólogo. Essas épocas diferentes é o que permite o amadurecimento crítico sobre os problemas comuns aos países com grandes desigualdades sociais, como o Brasil e o Peru. Seus personagens pertencem ao chamado mundo civilizado, urbano, com a exploração do trabalho, do contrabando e dos aspectos contraditórios da religiosidade, os quais se mesclam com os povos indígenas que ainda conservam seus valores tribais. *Sempreviva*, de Antonio Callado, desvela um Brasil de contrastes, com vários focos narrativos, em um livro que trata das relações de exploração e do poder nas regiões de fronteira na Amazônia. As personagens se movimentam num espaço de conflito entre os contrabandistas de peles de animais e outros produtos furtados das reservas naturais do Brasil, os quais formam seus bandos de homens armados dispostos a tudo para defender o território do “patrão”. A violência das sociedades de fronteira, no livro de Antonio Callado, se mescla aos percalços do personagem Quinho, um exilado político, que volta ao Brasil para se vingar dos torturadores que prenderam e mataram sua mulher, durante o golpe Militar de 1964. O espaço fronteiriço, Peru/Bolívia/Brasil, cenários das duas narrativas, se constitui no embate ideológico, no embate econômico e nos jogos de poder e lucro. Além das questões ligadas à posse da terra, ao poder político, aos conflitos ideológicos, nesse espaço limite também se constitui a mistura entre os diversos imaginários étnicos, que serão formas de resistência cultural.


PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. FRONTEIRA. RESISTÊNCIA.

A COLÔNIA CINCO MIL, O DAIME E OS “CABELUDOS”: CARTOGRAFIAS NÃO MAPEADAS

Julia Lobato Pinto de Moura
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal do Acre

Este é um estudo introdutório sobre alguns aspectos relacionados às histórias e literaturas acerca da Colônia Cinco Mil, reconhecendo-a como parte do patrimônio cultural acreano silenciado. Mapear esta territorialidade amazônica, ouvir os sujeitos e suas interpretações com foco na relação da comunidade daimista com o “movimento hippie”, no passado e na atualidade. As narrativas sobre os saberes e fazeres presentes na cultura do Daime são praticamente invisíveis para a historiografia e geografia acreana oficiais, seus discursos e currículos escolares. Menor ainda quando se refere a Cinco Mil, onde hippies e mochileiros que chegaram ao Acre a partir de 1975 imprimiram significativas transformações na cultura do Daime. Na comunidade fundada por Sebastião Mota de Melo localizada na zona rural de Rio Branco, estes visitantes “cabeludos” foram acolhidos, e no diálogo com os conhecimentos tradicionais da comunidade daimista, trouxeram influências dos movimentos de contra-cultura, como o incentivo ao trabalho em mutirões, a socialização da produção agrícola, a adoção da propriedade coletiva das terras, e o polêmico uso da Canababis, sobretudo entre os anos de 1977 a 1983. (Ramos, 2002). Desde então, grupo fundado por Sebastião, o CEFLURIS, posteriormente denominado ICEFLU, que é o principal responsável pela expansão do Daime pelo Brasil e outros países, é envolto de “Novas e velhas acusações: a ‘droga’, a ‘Umbanda’, os ‘de fora’” (Goulard, 2004) e vive certo “isolamento local” pois não tem sido convidado a participar das políticas públicas para as comunidades ayahuasqueiras (Labate, 2014). Porém centenas de estrangeiros de todos os continentes, e brasileiros de todas regiões ainda hoje passam pela comunidade todos os anos, conhecida como porta de entrada para o Céu do Mapia, a maior comunidade daimista localizada na floresta amazônica. O Encontro Rainbow Gathering realizado em maio de 2014, na Colônia Lual, dentro da Comunidade Cinco Mil, reuniu artistas e artesãos de várias partes do mundo e aparentemente recolocou a Cinco Mil na rota dos mochileiros que buscam “plantas de poder” e uma espiritualidade ligada aos princípios da “nova era” (Guerrero, 2009). O crescimento do número de artistas de rua verificado nos últimos anos na capital, por exemplo, em grande parte está relacionado a estes intercâmbios no âmbito da cultura ayahuasqueira. São cartografias sociais e territórios não mapeados (Rolnik, 1989). Uma segunda edição do Encontro da “Família Arco Iris” está prevista para acontecer em junho deste ano na Cinco Mil. O tradicional

evento hippie não está vinculado ao Centro do Daime, como noticiado por Ribeiro (2014) e confirmado com os apoiadores locais, mas o uso ritualístico da ayahuasca é uma das atividades prevista no Encontro. Em linhas gerais, o Rainbow Gathering acontece anualmente a mais de 40 anos em locais que favoreçam o contato com a natureza e duram um ciclo lunar. Promovem o vegetarianismo, os ideais de paz, amor e críticas a sociedade de consumo. A proposta do estudo é escutar e dialogar com os sujeitos que, com suas afetividades, mobilidades, conflitos, buscas individuais e coletivas, fazem o lugar Colônia Cinco Mil existir, como espaço do vivido, apropriados através dos corpos (Carlos, 2007). Trata-se de uma tentativa de interpretar as interpretações (Albuquerque, 2010) sobre as continuidades e descontinuidades da comunidade Cinco Mil com o “movimento hippie”, lembrando que os documentos e os testemunhos sobre a história de um lugar, sejam eles orais ou escritos, não são portadores da verdade sobre os fatos, mas são leituras possíveis. (Hall, 2008). Localizada na fronteira do rural e do urbano, de lá brotam da convivência conflitos e harmonias entre os diferentes sujeitos que lá moram e/ou frequentam, sejam os antigos moradores, muitos dos quais nem participam mais do Daime, os que administram o Centro e os feítios da Igreja, mas não necessariamente moram lá, os visitantes e moradores temporários, “os hippies”. Assim como foi no auge da Colônia Cinco Mil nas décadas de 1970 e 1980, nos dias atuais chegam muitos visitantes de diversas origens, aqueles de passagem, e aqueles que ficam, aderem ao fardamento no Daime, casam, constituem famílias, etc. A questão da titulação das terras, que se encontram registradas em nome da organização religiosa, não é uma questão bem resolvida, e segue há anos em litígio no Instituto de Terras Acre. Localizada na fronteira da ordem da doutrina deixada pelo Mestre Irineu e da relativa subversão permitida pelo Padrinho Sebastião, eles seguem o fardamento, o rito disciplinado na execução dos hinários, no cumprimento das extensas horas de bailado, mas compartilham costumes não reconhecidos pelos Centros daimistas tradicionais, como a incorporação de elementos do Espiritismo e da Umbanda, e outras questões, que contribuem para que a comunidade seja envolta de estereótipos inferiorizantes, processos judiciais e ataques caluniosos. Foi lá que se traçou o caminho pelo qual se deu a expansão do Daime graças à chegada dos “cabeludos”, narrada geralmente como o cumprimento de uma profecia pois Sebastião dizia que “já esperava” um “novo povo” que o Santo Daime iria colher. (Assis, 2017). A progressiva expansão para além das fronteiras amazônicas exigiu aumento das áreas de cultivo do cipó e do arbusto que fornece a folha, o Jagube e a Rainha, que misturados, dão origem ao preparo sacramental. Para atender a crescente demanda, o Acre e o Sul do Amazonas tornaram-se áreas fornecedoras de ayahuasca/daime, o que tem movimentado o turismo étnico-religioso, gerado subempregos e trazido a tona a polemica questão sobre a



comercialização da ayahuasca/Daime. Neste sentido, o universo cultural daimista vivenciado na Colônia Cinco Mil é muito próprio e complexo, de onde brotam interessantes sentidos sobre as cidades e as florestas.

PALAVRAS-CHAVE: SANTO DAIME. CONTRA-CULTURA. CINCO MIL.

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias
Secretaria de Estado de Educação do Pará

Este trabalho direciona-se para a escuta das narrativas orais (re) contadas pelas crianças caboclas-ribeirinhas da parte dos furos e florestas da Ilha do Marajó. O interesse por esse tipo de narrador, dá-se pela constatação de que há no mundo acadêmico um extenso campo de pesquisa que vai em busca das narrativas de tradição oral contadas pelos adultos, ou então, muitos estudos sobre a literatura produzida e narrada para as crianças. Dessa maneira, objetiva-se dar voz e vez às narrativas orais contadas pelas crianças, em busca do imaginário infantil. Aqui, lança-se um olhar em especial para três narrativas contadas por três crianças. As narrativas falam sobre um animal ainda muito temido por elas, o Boto, por conta das narrativas que envolvem esse animal. As crianças da ilha desde cedo estão em contato direto com as águas e grandes extensões de florestas, paisagens que fazem parte do seu cotidiano. Entretanto, ainda são vozes silenciadas, em diversos contextos, e por isso, ratifica-se a importância de discussões que envolvam as crianças sujeitos “produtores de cultura”, para isso, se faz necessário ouvi-las, para que haja a possibilidade de entendermos como essas crianças se reconhecem nos espaços em que permeiam. Nesse percurso, busca-se amparo para compreender o papel da voz das tradições orais principalmente em Zumthor (1993). Em Bachelard (2006) solidifica-se os estudos sobre o imaginário. Benjamin(1993) para os estudos sobre o papel do narrador, e Cohn (2005) para discutir a criança como “produtora de cultura”.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA ORAL. CRIANÇAS. IMAGINÁRIO.

A IMPORTÂNCIA DE UM ATLAS INTERATIVO DE LÍNGUAS INDÍGENAS DO ACRE E SUA UTILIZAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Francisco Marcelo da Silva Araújo
Universidade Federal do Acre

O presente trabalho tem como principal objetivo mostrar a importância de se criar um Atlas Interativo de Línguas Indígenas do Acre e Sua Utilização no Ensino Médio. Além disso, iniciar um registro das línguas existentes no estado do acre com vistas à utilização desse registro para fins pedagógicos. Quanto aos procedimentos metodológicos para a elaboração do “Atlas interativo de línguas do Acre” seguiremos as seguintes etapas: 1ª Etapa: Pesquisa bibliográfica; 2ª Etapa: Pesquisa in loco; 3ª Etapa: Tabulação dos dados, construção do atlas linguístico e análise dos resultados. No que concerne ao referencial teórico, a proposta deste trabalho mostra que são vastas as contribuições que um atlas linguístico pode trazer para o ensino da língua portuguesa nas escolas e, principalmente, para a eliminação de visões preconceituosas e distorcidas sobre uma língua utilizada cotidianamente em uma sociedade (CARDOSO, 2006; RAŽKY, LIMA, OLIVEIRA, 2006). A língua e sociedade são elementos inseparáveis, o estudo, a descrição e a análise de uma língua possibilita também entender um pouco da cultura, história e identidade de uma sociedade (BRANDÃO, 1991, p.5). De acordo com Biderman (1998, p. 91): [...] investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo em um determinado grupo. Para a elaboração Atlas interativo de línguas do Acre e sua utilização no ensino médio, seguiremos o método da Dialetoлогия e da Geolinguística Contemporânea com aplicação nas línguas indígenas encontradas no estado do Acre. Será aplicado um Questionário, para falantes bilíngues (língua indígena e língua portuguesa), em seguida, será realizada a transcrição dos dados para, por conseguinte, elaborar as Cartas Linguísticas. Assim, o presente trabalho, ao final, tenciona de abrir espaço para a elaboração de um atlas linguístico interativo das línguas indígenas do Acre para fins pedagógicos. Outrossim, propõe-se produzir um atlas geográfico destacando a diversidade de línguas indígenas do Acre e apresentar formas de utilização do atlas como recurso didático-pedagógico em salas de aula do ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: ATLAS INTERATIVO. INDÍGENA. ACRE.
GEOLINGUÍSTICA. LÍNGUAS.

A LITERATURA AMAZÔNICA: O EROTISMO E A AFRICANIDADE NA LITERATURA DE MATIAS MENDES

João Pedro da Silva Antelo
Fundação Universidade Federal de Rondônia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é Identificar e reconhecer o erotismo, a africanidade e os elementos amazônicos na obra do escritor rondoniense Matias Mendes. O estudo do tema é relevante porque há poucas pesquisas sobre a temática em epígrafe. Dessa forma, compreende-se que este trabalho contribuirá para a valorização da literatura erótica, afrodescendente e amazônica produzida pelo escritor Matias Mendes e para o registro, o reconhecimento e a valorização dessa temática. O estudo está sendo norteado pelas seguintes problematizações: qual a importância da obra de Matias Mendes para a constituição da literatura amazônica? Quais as principais características formais e temáticas da produção literária de Matias Mendes? De que forma a história e a cultura afro-brasileira se inserem na obra de Matias Mendes? A pesquisa bibliográfica está sendo desenvolvida a partir de estudos sobre as relações entre a literatura amazônica, a erótica e a afro-brasileira. Pretende-se desenvolver, neste trabalho, a leitura e análise de poesias das obras literárias “A lira e o crepúsculo” e “Apologia da Negritude”, mostrando aspectos da poética, da poemática, do erotismos e da africanidade. A pesquisa está sendo fundamentada pelos pressupostos Teórico- Metodológico (poesia), pelos Estudos da Literatura erótica, e pelos Estudos Culturais, destacando-se os estudos da literatura de autoria de minorias étnicas, Dentre os autores que irão fundamentar a elaboração da pesquisa, destacam-se: Cortez & Rodrigues (2009), que destacando alguns operadores de leitura da poesia; Reis (2013), que apresenta as características da linguagem literária, destacando a dimensão estética do texto literário; Cortez & Rodrigues.(2009), que apresenta os operadores de leitura do texto poético e outros. Durigan (1985), que apresenta definição de texto erótico e discute sobre a relação entre erotismo e literatura; Também estabeleceremos diálogos com os autores: Fonseca (2016) e Hattnher 2009, que apresentam traços e feições da poesia afro-brasileira. Os resultados preliminares evidenciaram a importância da obra do escritor Matias Mendes na constituição da literatura amazônica e afrodescendente.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA AMAZÔNICA. POÉTICA E POEMÁTICA. EROTISMO. AFRICANIDADE.

A MIGRAÇÃO DE NORTISTAS RUMO A FLORESTA ACREANA: FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Priscila da Silva Machado Carvalho
Universidade Federal do Acre

Este artigo permite uma reflexão sobre a grande migração de trabalhadores oriundos do Norte brasileiro no final do século XIX e início do século XX para a Amazônia brasileira. Toda narrativa se constituirá sobre aqueles que deslocaram-se para a região conhecida como “terra de ninguém”, vindo tornar-se o Território Federal do Acre, pela participação desses trabalhadores por meio de luta armada, cuja mão de obra teve representatividade para o desenvolvimento da região, sendo a borracha o símbolo de seu trabalho. O objetivo é identificar os elementos históricos que convalidam a presença desses migrantes no Departamento do Alto Juruá; verificar a contribuição dos seringueiros para a conquista do Território do Acre e por fim, analisar os discursos proferidos por Thaumaturgo de Azevedo no período de 1904 a 1906, ênfase para a punição dos patrões que exploravam os seringueiros no Departamento do Alto Juruá. A pesquisa ancora-se em uma análise documental, numa perspectiva qualitativa, fundamentando-se em autores como: Hall (2000), Foucault (1996; 2016), Reis (1953), Albuquerque Júnior (2011), Tocantins (2009) e outros. Espera-se com isso, subsidiar pesquisas para o resgate de fatos históricos da vida amazônica nos seringais acreanos, considerando as adversidades da região, a exploração do seringueiro pelo patrão e a conquista do Território do Acre. Com isso, procuro ampliar o campo de debate para os estudiosos e interessados em conhecer os elementos que se caracterizam como registros da ocupação e do desenvolvimento no Território acreano.

PALAVRAS-CHAVE: MIGRAÇÃO. SERINGUEIROS. BORRACHA. TERRITÓRIO DO ACRE.

Ivanete da Silva Alves

Universidade Federal de Minas Gerais

Manaus é um dos maiores construtos urbanos na Amazônia. Nela percebe-se um espaço marcado pela complexidade em virtude das ações colonialistas, dos processos migratórios. Esse cenário, claramente heterogêneo é palco de muitos revezes em relação às questões socioculturais. Refletir sobre as problemáticas em torno dessa capital é o propósito deste trabalho, pois, a partir dele, poderá compreender melhor as cidades que se desenvolveram praticamente do meio da floresta com a presença de diversos povos, diferentes sujeitos sociais. Para isso, tomou-se como objeto de análise o romance, Cinzas do norte (2005), de Milton Hatoum, visto que, essa narrativa apresenta uma abordagem significativa para se pensar a representação dessa urbe na região. A obra hatouniana põe em evidência o projeto colonialista, baseado nos preceitos de civilização e progresso. Em detrimento dessas ideologias é notável a transfiguração da realidade do nativo perante a hegemonia do colonizador. Isso porque, as ideias progressistas e civilizatórias efetivaram um processo modernizador excludente para a população local e os retirantes desprestigiados financeiramente. Desse modo, o romance focaliza um ambiente bastante complexo e heterogêneo.

PALAVRAS-CHAVE: CIDADE. MIGRAÇÃO. HETEROGENEIDADE. AMAZÔNIA.

A RELAÇÃO CIDADE/ FLORESTA NOS TEXTOS DE JOSÉ MARQUES DE SOUZA- (MATIAS)

Débora de Almeida

Universidade Federal do Acre

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as relações estabelecidas entre a cidade e a floresta amazônica, seus moradores, modos de vida, relações de poder e classe, bem como os desdobramentos acerca do discurso sobre a modernidade e cultura nos textos de José Marques de Souza, mais conhecido como Matias, artista de teatro, ativista político e cultural, seringueiro, que atuou no estado do Acre entre as décadas de 70 e final de 90. Nos basearemos em textos escritos por ele, analisando as formas e estruturas utilizadas em seus escritos, com a perspectiva de compreender a dinâmica de seu trabalho e pensamento. Partiremos da abordagem teórica de Michel de Certeau, em sua obra *A invenção do Cotidiano*, Bakhtin, no que se refere à construção de discurso e ideologia e Roger Chartier, no que se refere à representação. O presente trabalho faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no programa de pós-graduação em Letras- Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, que pretende trazer reflexões acerca das formas de representações utilizadas por Matias em seu trabalho literário e teatral.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. MATIAS. TEATRO ACREANO.

Elizeth Gonzales Cordero

Fundação Universidade Federal de Rondônia

O objetivo deste estudo foi distinguir as etapas essenciais para elaboração do projeto de pesquisa para o Simpósio e destacar a importância da valorização cultural indígena. Promover uma discussão acerca da diversidade étnica, social e cultural na comunidade indígena pesquisada, percebendo as formações sociais dos grupos indígenas, com seus hábitos e sua integração com o mundo que os cercam bem como a relação dos indígenas no seu habitat, com o seu grupo, utilizando os recursos que se dispõe para sua sobrevivência. As informações apresentadas foi coletado durante pesquisas e visitas realizadas à comunidades indígenas Lage Novo e às indígenas que residem na cidade, onde é apresentado diversidade de etnias com cinco comunidades, cada um com sua língua, mas vivendo harmoniosamente. Povos com quase um século de contato com a nossa sociedade e outros ainda livres, povos que moram em aldeias e outros que moram na periferia da cidade, povos com sua terra tradicional demarcada e outros sem terra ou vivendo na terra indígena de outros povos.

PALAVRAS-CHAVE: PROJETO DE PESQUISA. SIMPÓSIO. COMUNIDADE INDÍGENA. TERRA INDÍGENA.

Maria Florencia Donadi
Universidad Nacional de Córdoba

Propongo una lectura de dos imaginarios contrapuestos en las décadas del '50 y '60, la modernización cristalizada en Brasilia y la Amazonía como lugar aún susceptible de misterio “natural”. A través de la exploración de textos e imágenes de ambos espacios se observará el modo en que se construyen esos imaginarios. Para ello me centraré en los discursos políticos relativos a la construcción de Brasilia – especialmente los proferidos por el presidente de la nación Juscelino Kubitschek, pero también haré referencia a los textos de Mario Pedrosa- y las imágenes del “fotógrafo oficial” de su construcción, Marcel Gautherot, por un lado y, por otro lado, en la producción textual de Flávio de Carvalho, quien en 1958 realiza una expedición al Alto Río Negro, la novela Quarup de Antonio Calado y las fotografías que el mismo Gautherot realiza en la Amazonía. De esta manera, intento probar que conviven en esas décadas temporalidades diferentes y conceptualizaciones disímiles en torno a lo que sería la definición de la nación “moderna” brasileña, disimilitud que se vincula a las discusiones en torno a los proyectos utópicos latinoamericanos y que conlleva, por un lado, procesos de impugnación de las matrices fundacionales de la nación, revelando su estatuto como un centro vacío y una ficción discursiva que es preciso revisar y, por otro lado, acarrea la espectralización de las comunidades indígenas a partir de procesos materiales de exterminio, acompañados de operatorias simbólicas de conversión del indio en “vestigio”, índice, fantasma o sustrayéndolo tanto a la visión como al oído. La Amazonía se presenta como último confín al que “progreso” y “ley” desean, convirtiéndola en metáfora y en imagen de conceptualizaciones, acciones y fuerzas en conflicto. La Amazonía adquiere entonces un papel central en las disputas, que se dan a ver en regímenes escópicos diversos (la visión resulta ser un sentido fundamental para “dimensionar” ese espacio, y aquí incluyo también la imposibilidad de ver) y en discursos que hacen oír respecto de ese espacio. Tres conceptos son fundamentales para mi propuesta: imagen, confín y Amazonía. El primero de ellos se comprende como “imágenes territoriales” y se liga al tercero, es decir, se compone una diáda en que imagen y Amazonía son interdependientes. Escogemos imagen, término amplio y no lo acotamos a una materialidad – fotografía, pintura...- dado que esta noción permite hacer resonar las diferentes temporalidades que conviven en ella, tal como lo refiere Didi-Huberman, permitiendo la reconstrucción de supervivencias

y sus efectos, y, al mismo tiempo, porque permite explorar, en la superficie de nuestro texto crítico, los juegos que se efectúan entre diferentes regímenes de funciones (estéticas, artísticas, discursivas, que se reúnen y contrastan) para producir “pensatividad”, como la entiende Jacques Rancière, en torno al espacio amazónico. En cuanto a la Amazonía, justamente de lo que se trata es de imbricar diferentes dimensiones que den cuenta de su heterogeneidad y, principalmente, de las tensiones, poderes y fuerzas que se ejercen y se evidencian en las disputas por su definición desde el dispositivo nacional-estatal (Brasil) y en qué medida se entrevén y se dejan oír fisuras de éste. En tal dirección, el concepto de confín resulta operativo puesto que en tanto sitúa el espacio en la paradoja interior-exterior (a la nación) posibilitaría el aparecer, la conjura, de esas fisuras o fallas. Si, como sostiene Foot Hardman, la configuración de la ilusión-Brasil está marcada por la violencia instituyente (a las que él contempla en diferentes modos de operación: deleble, monumental, ruiniforme), se vuelve necesario comprometer a las imágenes y los discursos en esas operaciones, así como esbozar las modalidades en que los espectros de esos enclaves materiales de violencia invocan una memoria y la exigen.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZONÍA. BRASÍLIA. MODERNIZACIÓN. NACIÓN. IMÁGENES TERRITORIALES.

AS DISCURSIVIDADES “INDÍGENAS” E OS PROCESSOS DE NEGOCIAÇÕES CULTURAIS

Manoel Messias Feitosa Soares
Universidade Federal do Acre

Nesta pesquisa iremos investigar as mudanças que estão ocorrendo nas comunidades indígenas que habitam as margens do Rio Jordão, presentes no documentário, “As voltas do Kene”, que trata das práticas e os valores culturais que são transmitidos de gerações para gerações, no fazer artesanal do povo, indígena Huni Kuin. O objetivo é identificar as marcas identitárias que estão impulsionando as transformações no modo de ser e de se relacionar destas comunidades, com os brancos, “cariú”, moradores do município do Jordão, apresentadas no vídeo, de Zezinho Yube. Além de buscar compreender esses processos de mudanças, através da dizibilidades e visibilidades das personagens do audiovisual aqui analisado. Utilizaremos neste estudo autores dos estudos culturais, apoiados nos estudos de Hall (2006), para entender como os valores incorporados ao grupo, estão transformado os valores culturais dos indígenas Huni Kuin, no fazer e desfazer dos valores identitários e culturais desses grupos sociais. Neste estudo os valores que são subjetivos aos grupos sociais. Valores que são significados e transformados na relação, interação social, entre os sujeitos, e estes com a natureza. Utilizarei abortes teóricos dos estudos da Análise do Discurso, dialogando com (Bakhtin/Volochínov, 2006), especialmente o seu livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, obra em que os autor/autores, discute o processo linguístico, não como um dado em si, mas como fruto de processos dialógicos, em que os sentidos são construídos nas relações sociais, a língua é tida como processos ideológicos, entre os dominadores e os dominados no processo dialógico, onde os sujeitos constroem e reconstroem significados na interação social, e Orlandi (2007), em sua obra “As formas do silêncio que trabalha os conceitos discursivos; (ORLANDI, 1990), que em seu livro “Terra À Vista”, faz um diálogo com os textos dos relatos dos descobridores/colonizadores do Brasil, e da Região que hoje conhecemos como Amazônia, . Além de autores que tratam da temática indígena, como: UGARTE (2009), que trata das sociedades indígenas, e outros.

PALAVRAS-CHAVE: POVOS INDÍGENAS. CULTURA. RELAÇÕES SOCIAIS. INTERCULTURALIDADE.

**AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 NO CURRÍCULO DA ESCOLA GLÓRIA
PEREZ**

Rafaela da Silva de Lima
Universidade Federal do Acre

Este estudo objetiva analisar os processos de implementação das Leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008 na Escola Estadual de Ensino Médio Glória Perez, tendo como fonte o Projeto Político Pedagógico (PPP) a nível estadual e o Parecer CNE CP N° 03/04, a nível nacional. Para a análise utilizar-se-á referências aportadas nos estudos culturais, como Stuart Hall (2011), Paul Gilroy (2001), Achille Mbembe (2014), bem como autores que trabalham com a história do negro, do índio e das questões educacionais como Orlandi (1990), Chauí (2008), Goodson (2008), Moreira (1997), dentre outros, refletindo sobre as diásporas e as formas de apagamento e exclusão, bem como formas de resistência de negros e indígenas que buscam também o acesso e o direito a uma educação de qualidade. A partir da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Glória Perez busca-se identificar como está sendo proposta a temática história e cultura afro-brasileira e indígena inserida pelas leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008, e como tem atendido o que preceitua o Parecer CNE N° 03/04. Adotou-se como metodologia estudo bibliográfico visando adentrar no universo em que os africanos chegaram à América, especialmente no Brasil, além disso, abordar o processo de “amansamento” dos povos indígenas no Brasil, para entender como se estruturou a educação para negros e indígenas no Brasil e como as políticas de reconhecimento, reparação e valorização das culturas minoritárias, propostas para a área educacional estão sendo desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Médio Glória Perez.

PALAVRAS-CHAVE: LEIS 10.639/03 E 11.645/08. HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA. ESCOLA GLÓRIA PEREZ.

CRIAÇÃO CÊNICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: UMA DÉCADA DE ENCONTROS/DESENCONTROS TEATRAIS (2006-2016)

Vanessa Nogueira de Oliveira
Secretaria Estadual de Educação


O teatro apenas se concretiza no encontro com o espectador (Grotowski, 1987). Encontro capaz de suscitar experiências silenciosas, mas por vezes transformadoras. Jacques Rancière em O espectador emancipado afirma que “olhar também é uma ação” (2012, p.17), neste sentido ele sugere a abolição do espectador passivo através do surgimento de um “teatro novo”, um teatro que possibilite a emancipação do espectador e não a manutenção de sua condição passiva. Ao propor um teatro novo, o autor critica essa “nossa” mania de criar espetáculos cuja a proposta é apenas ser visto, distanciando “aquele que vê” daquele que faz. Nossa proposta é corroborar com ideia principal de Rancière sobre o espectador emancipado. Para haver essa emancipação é necessário romper com os modelos etnocêntricos de criação teatral, modelos ratificadores da contemplação passiva. Por isso nos propomos fazer uma breve análise das produções teatrais realizadas na Universidade Federal do Acre entre os anos de 2006 a 2016, período que compreende a implementação do curso de Artes Cênicas: teatro. As criações cênicas teatrais apresentadas durante esse período, foram em sua maioria, coordenadas por professores, e de certo modo reforçavam os modelos etnocêntricos europeus para produção teatral (Bião, 2009), ratificando por assim dizer, o lugar passivo do espectador. Nossa análise buscava identificar, quais os espetáculos apresentados na Universidade a partir da implementação do curso de Artes Cênicas: teatro, foram capazes de romper com o modelo etnocêntrico de criação teatral. Para nós o espetáculo teatral “Beco do Mijo” foi o responsável por causar essa ruptura com as demais criações cênicas realizadas na Universidade. Isso porque o corpo tornou-se objeto de comunicação e contato entre atores e espectadores, e não mais o texto.

PALAVRAS-CHAVE: CRIAÇÃO TEATRAL. ESPECTADOR. CORPO. TEATRO.

DE XIXINAWA A JAMINAWA? IMPLICAÇÕES IDENTITÁRIAS NO USO DE ETNÔNIMO(S) INDÍGENA(S)

Shelton Lima de Souza
Universidade Federal do Acre

De maneira geral, os povos Jaminawa estão localizados em três países da América do Sul, a saber: Peru, Bolívia e Brasil (EAKIN, 1991; SÁEZ, 1995 e 2006; RODRIGUES, 1994; VALENZUELA, 2000; FAUST e LOOS, 2002, TOWNSLEY, 1988). Os grupos indígenas Jaminawa da tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Peru, juntamente com outros indígenas de filiação linguística Pano, distribuíam-se, outrora, em sua maioria, na bacia do Rio Juruá. Não obstante, devido a várias contendas internas, desenrolares históricos e elementos próprios da organização social Jaminawa (SÁEZ, 1995, 2006, 2015; NAVEIRA, 2007; TOWNSLEY, 1988), há grupos desta etnia que vivem fora das duas terras indígenas já demarcadas no estado do Acre, não mais vivem nos antigos seringais da região e passaram a transitar pelas cidades acreanas próximas às terras indígenas já demarcadas ou em identificação. Devido à complexidade sociocultural Jaminawa, falar deste (s) grupo (s) se consubstancia em algo desafiador. Destarte, neste trabalho, discuto algumas questões concernentes à relação existente entre o uso dos etnônimos Jaminawa e Xixinawa, se concentrando, principalmente, nos aspectos identitários advindos desta relação. Considerando que Jaminawa foi um termo imposto pelo não-indígena a grupos indígenas amazônicos e que Xixinawa poderia ser o termo de origem de alguns destes grupos, defendo a ideia de que, hodiernamente, o etnônimo Jaminawa tornou-se uma denominação apropriada que atende aos anseios contemporâneos dos indígenas que se autodenominam como tal; discuto, ainda, as implicações identitárias advindas do etnônimo Jaminawa e, desta maneira, analiso a ampliação de significados existentes no uso contemporâneo deste etnônimo. Aliei, para o desenvolvimento do trabalho em tela, pesquisa bibliográfica – sobretudo trabalhos de antropólogos que estudaram etnias Pano e, particularmente, grupos Jaminawa – a relatos dos indígenas agentes sociais desta pesquisa. Assim, o uso do termo Jaminawa, ou de um termo referente a um clã em situações sociais específicas, ocorre devido ao desenvolvimento de modelos identitários que foram construídos pelos grupos Jaminawa ao longo das interações sociais com indígenas de etnias diferentes e com não-indígenas. Por conseguinte, esta maleabilidade identitária construída historicamente tem diferentes implicações sociais. Não se trata, apenas, de uma simples mudança de denominação




(de Xixinawa “ou outra denominação” para Jaminawa); trata-se de identidades construídas, pelos hoje denominados Jaminawa, que apresentam diferentes lugares de ação social, ocasionando o desenvolvimento de novas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: JAMINAWA. XIXINAWA. INDÍGENA. IDENTIDADE. ETNÔNIMO.

Valdir Aparecido de Souza
Universidade Federal de Rondônia

Esta comunicação retoma hipóteses aventadas em minha tese defendida em 2011 no Programa de Pós da UNESP/Assis. Na ocasião grande parte de minha argumentação estava baseada em abordagens generalistas sobre a civilização amazônica desenvolvida há milhares de anos em sua base indígena. Boa parte das ideias que teci a crítica legitimavam a violência contra as populações autóctones, seja pelo atraso em que se encontravam em relação ao Ocidente, seja pela sua incapacidade de se adaptar às novas condições impostas pelo “branco”. Neste sentido, questioneei inúmeras vezes o discurso do pioneiro, o qual tratava a região como um grande vazio, premissa que jamais havia aceito sem questionar, porém as provas eram esparsas diante das minhas indagações. Entretanto, passados sete anos, novas pesquisas arqueológicas têm revelado que o vazio amazônico, do período da colonização agrária da região, não passava de uma grande falácia. Esta farsa envolvia desde agentes públicos federais, lideranças políticas locais e até mesmo “cientistas” estadunidenses. Ao ler a tese de Love Eriksen defendida em 2013 ao registrar 12 (doze) produtos amazônicos que circulavam, há milhares de anos, do Caribe até o norte do Chile e da Argentina, da costa do Pacífico até o Litoral Atlântico, por meio de rotas fluviais, marítimas e terrestres. A partir destas revelações pude comprovar que minhas hipóteses não eram inconsistentes. Recentemente foi publicado um artigo também na área da arqueologia, geografia e etnologia escrito por inúmeros pesquisadores, inclusive brasileiros que redimensionaram a tese de Eriksen para mais de 85 (oitenta e cinco) produtos comercializados na Amazônia, muito mais extensa e universalista do que acreditavam os conquistadores quando aportaram nestas paragens em 1492. Neste sentido, esta comunicação busca diálogo para se compreender a gigantesca tarefa de decifrar este mundo pré-colombiano, muito mais rico em termos de civilização do que poderíamos pensar a partir da razão europeia. A história da Amazônia, bem como do continente, ainda está por ser escrita. É nesta perspectiva que este texto busca diálogo com a literatura e a história, bem como as ciências sociais, campos que até o momento têm negado o passado e a memória aos nativos. Em minha tese eu nominava esta prática de duplo silenciamento, pois nesta se extermina o sujeito fisicamente e depois se cria uma nova cosmologia, negando a anterior, para legitimar o saque. Felizmente não somente a arqueologia, mas também a antropologia está cada vez



mais dando evidências que esta falácia tem seus dias contados. Textos básicos para esta discussão. 1492: el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad (DUSSEL), “A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira” (NOELLI, FERREIRA, 2010), “Ética, capitalismo e arqueologia pública no Brasil” (FUNARI, ROBRAHN-GONZALEZ, 2008), Nature and Culture in Prehistoric Amazonia: Using G.I.S. to Reconstruct Ancient Ethnogenetic Processes from Archeology, Linguistics, Geography, and Ethnohistory (ERIKSEN, 2011), “The domestication of Amazonia before European conquest” (CLEMENT et al, 2015), Desafios da antropologia brasileira (FELDMAN-BIANCO, 2013), A inconstância da alma selvagem (VIVEIROS DE CASTRO, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: SILENCIAMENTO. LITERATURA. NARRATIVA. IMAGINÁRIO. COLONIALIDADE.

**EN EL CORAZÓN DE LA AMÉRICA DE JULIO QUIÑONES:
CONFLUENCIAS ENTRE LA VOZ DE ORIGEN UITOTO Y EL TESTIMONIO**

Alexis Francisco Uscátegui Narváez
Universidad Andina Simón Bolívar

En el corazón de la América virgen (1924) de Julio Quiñones es la primera novela amazónica en Colombia, primera no tanto por la cronología (La vorágine de José Eustasio Rivera es también de 1924), sino por la carga cultural y ancestral que entrega esta obra a la literatura nacional y porque además el autor desde su propio testimonio, proyecta la selva hacia el resto del mundo, por ello quizás, decidió publicarla primeramente en Francia. Además, es la primera en —idear la heterogeneidad cultural por el intercambio de experiencias y conocimientos entre las comunidades bosquesinas y el mundo mestizo—, así, esta novela devela la hipótesis de que la novelística colombiana se constituye heterogéneamente en la medida en que se incluya la Amazonía dentro de su representación nacional. La heterogeneidad de *En el corazón de la América virgen* frente a otras novelas, se debe a su consistencia etnográfica, por el modo de representar a la comunidad indígena Uitoto y más específicamente el clan de los nonuya, con quienes su autor convivió durante cuatro años en la Amazonía colombiana. Quiñones al aprender de la *Weltanschauung* de este clan amazónico, entrega a inicios del siglo XX a la literatura colombiana (y latinoamericana) una historia altamente metafórica, en la que dirá que el corazón de la América del sur es la selva, un espacio ostentoso de imaginarios ancestrales, que incluso, no han sido suficientemente estudiados por los estudios literarios.

PALAVRAS-CHAVE: NOVELA. SELVA. JULIO QUIÑONES. VOZ DE ORIGEN. TESTIMONIO.

FIGURAÇÕES DAS AMAZÔNIAS NAS LITERATURAS DE MILTON HATOUN, FERREIRA DE CASTRO E ABGUAR BASTOS

Gilson Penalva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Este trabalho propõe discutir figurações nas literaturas de Milton Hatoun, Ferreira de Castro e Abguar Bastos, com o objetivo de problematizar discursos produzidos sobre esta região que historicamente produziu/produzem processos de identificação cultural marcados por negatividades e inferiorizações. A proposta enseja estudar as Amazônias a partir de suas poéticas, subjetividades e culturas, o que por si só já contribui para desfazer ideias apressadas que associam a região a espaços de brutalidade e selvageria. A partir de teorias dos Estudos Culturais e pós-coloniais estamos propondo compreender as Amazônias como espaço entrecortado de culturas e saberes, da diversidade e da diferença cultural, marcados pela presença de poéticas afro e indígena, assim como de culturas híbridas. Historicamente a figura indígena ou não apareceu ou fora representada nos discursos elaborados pelo colonizador associadas à barbárie e violência. Por outro lado, o negro esteve praticamente inexistente nas figurações e discursos construídos sobre ou na região. Nesse sentido, esta proposta visa valorizar a presença dessas etnias subjugadas nas histórias consideradas oficiais.

PALAVRAS-CHAVE: CULTURA. AMAZÔNIA. IDENTIFICAÇÕES.
DISCURSOS.

HISTÓRIA E CULTURA POPULAR NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: A FESTA DO TORITO

Estela Chau Ojopi
Universidade Federal de Rondonia

Ester Chao Ojopi Simo
Universidade Federal de Rondonia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento que pretende identificar, registrar e analisar alguns aspectos da cultura popular na fronteira Brasil-Bolívia, destacando a história do Torito, uma festa popular de origem Boliviana que acontece, anualmente, no município de Guajará-Mirim(RO). A referida festa folclórica é protagonizada por uma família de imigrantes bolivianos. O estudo do tema é relevante porque contribuirá para a reconstituição e registro das manifestações folclóricas e das identidades culturais dos povos amazônicos, O estudo está sendo norteado pelos seguintes questionamentos: Qual a origem da festa do Torito? Quais as principais características da referida festa folclórica? De que forma a festa do Torito contribui para a constituição e a valorização da cultura popular na fronteira Brasil-Bolívia? Qual a importância da festa do Torito para a constituição das identidades culturais dos povos que vivem na fronteira Brasil-Bolívia? Os dados estão sendo coletados a partir de conversas informais e da realização de entrevistas com os brincantes de Torito no município de Guajará-Mirim/RO. Na coleta, descrição e análise dos dados da pesquisa, utilizamos como aporte teórico-metodológico os estudos dos seguintes autores: Arantes (1990), que apresenta conceitos de cultura popular; Brandão (1982), que apresenta conceitos para a palavra folclore; Laraia (2001), que apresenta um conceito antropológico de cultura e outros; Hall (2016), cuja obra discute sobre os temas: representação, cultura, linguagem e sentido; Loureiro (2015), cuja obra discute sobre a constituição e as características da cultura amazônica e outros. Os resultados preliminares evidenciaram que a festa do Torito expressa e valoriza a cultura popular amazônica, contribuindo, também, para a valorização da cultura popular na fronteira Brasil-Bolívia.


PALAVRAS- CHAVE: CULTURA AMAZÔNICA. CULTURA POPULAR. FOLCLORE. FESTA DO TORITO.

HISTÓRIA, CULTURA E LITERATURA NA FRONTEIRA BRASIL/ BOLÍVIA: DIÁLOGOS ENTRE AS OBRAS “ESPERANÇA: 50 ANOS DEPOIS...” E EL REY DE LA GOMA”

Auxiliadora dos Santos Pinto
Universidade Federal de Rondônia

Bethânia Moreira da Silva Santos
Secretaria do Estado de Educação de Rondônia

O processo de colonização da Amazônia foi marcado por conflitos pela exploração das riquezas, posse de terras e detenção do poder. Nesse contexto, a região onde atualmente estão localizadas as cidades de Guajará-Mirim-RO/Brasil e Guayaramérin-Beni/Bolívia foi o palco da construção de dois grandes empreendimentos: a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e a criação do povoado Cachuela Esperanza. Naquela época, as correntes migratórias foram intensas, pois, motivados pelas notícias sobre os recursos naturais da região, homens do Brasil e do mundo se aventuraram nas matas e nos rios amazônicos em busca de riquezas. O objetivo deste trabalho é discutir sobre alguns aspectos da constituição da história, da cultura e da literatura na fronteira Brasil/Bolívia. Essas discussões serão construídas a partir das leituras da obra “Esperança 50 anos depois...” de autoria do escritor rondoniense Paulo Cordeiro Saldanha, que descreve aspectos sócio-históricos, políticos e culturais da formação dos seringais na Amazônia rondoniense; 2. El Rey de la Goma de autoria do escritor boliviano José Luís Durán Mendoza, que registra a história do processo de formação da localidade Cachuela Esperanza, no Departamento do Beni, que na época do 1º e 2º ciclos da Borracha foi a sede de um grandioso seringal que fomentou a economia na fronteira Brasil/Bolívia. A pesquisa está sendo fundamentada pelos pressupostos Teórico-Metodológico dos Estudos Culturais, destacando-se os estudos da literatura Amazônica. Dentre os autores que irão fundamentar a elaboração da pesquisa, destacam-se: Bosi (2013) que na obra entre literatura e histórica apresenta conceitos chave que favorece a compreensão da relação das narrativas históricas e literárias; Reis (2013), que apresenta as características da linguagem literária, destacando a dimensão estética do texto literário; Loureiro (2015), cuja obra apresenta conceitos e características da literatura amazônica; Hall (2016) que discute sobre os temas: representação, cultura, linguagem e sentido; e outros. Os resultados da análise apontam que os autores correlacionam história, memória e ficção, mostrando, a partir da reconstituição da história e da memória, os dramas vividos pela população autóctone e pelos migrantes, o contatado com moradores



da fronteira boliviana e o conseqüente desenraizamento e hibridismo cultural.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA. CULTURA E LITERATURA AMAZÔNICA.

**LA AMAZONÍA ESCRITA Y DESCRITA EN EL DIARIO MISIONERO DE LA
CONGREGACIÓN MISIONERA MARÍA INMACULADA Y SANTA CATALINA
DE SENA**

María E. Osorio Soto
Universidad de Antioquia

Si bien El diario de las misiones podría ser considerado como un género literario por sí mismo, no encontramos trabajos en los que se reconozca su valor literario, y tampoco histórico o antropológico. Lo anterior quizá pueda explicarse por el hecho de que la academia no acepta la posibilidad de tratarlo como un género discursivo que, por un lado, se distancia de las características que tiene el diario personal y, por otro, se aproxima a lo que durante el período colonial conocemos como relaciones. Existen, además, reservas para ser tratado como documento, lo cual podría explicarse por las prevenciones que los académicos suelen tener con la presencia o con las actividades que desarrollan los misioneros. No obstante, nos interesa detenernos en el estudio de los diarios misioneros escritos por la congregación Misioneras de María Inmaculada y Santa Catalina de Sena, desde su llegada al Putumayo en la década del treinta, e indagar sobre la manera en que dichos textos participan de una creación discursiva de la Amazonía. Sospechamos que estas obras constituyen un material valioso para entender los procesos sociales y culturales que se han dado en la región durante el siglo XX, puesto que así como denuncian las secuelas que ha dejado el genocidio de la Casa Arana, a principios de siglo XX, los crímenes ecológicos, también registran la presencia de los grupos participantes del conflicto colombiano: guerrilla, paramilitares, traficantes de droga o los organismos gubernamentales que inciden en la atomización de las comunidades indígenas. En suma, partimos de la hipótesis de que los diarios de la misión en la Amazonía aportan al entendimiento de dicho territorio, en tanto que en ellos se escribe y se describe la región como ese espacio indómito, rico y diverso, a la vez que denuncian la tragedia política, social, económica y ecológica de la que han sido víctimas el territorio y sus habitantes.

PALAVRAS-CHAVE: DIARIO DE MISIONES. CREACIÓN DISCURSIVA. AMAZONÍA. TERRITORIO. TESTIMONIOS.

LA VIRGEN DE LOS SICARIOS DE FERNANDO VALLEJO Y SU VISIÓN CRONOTÓPICA DE “MEDALLO” COMO ANTESALA DEL INFIERNO

Jesús José Diez Canseco Carranza
Universidade Nacional de Trujillo

La virgen de los sicarios (2006) de Fernando Vallejo es una novela cuya irrupción en el panorama de la literatura colombiana y latinoamericana finisecular, constituye una continuidad temática con el denominado “ciclo de la violencia en Colombia”. No obstante, logra diferenciarse con narrativas anteriores similares, por inscribirse dentro del campo de la autoficción y por difuminar, a través de su técnica, los límites entre realidad e invención, entre lo verdadero y lo falso. Dentro de este locus narrativo autoficcional, el Medellín de los años 90 aparece como un lugar maldito, irredimible y asfixiado por una interminable espiral de violencia. La ciudad es construida, así, por el discurso polémico y descentrado de Fernando, el narrador-protagonista, quien, junto a sus amantes adolescentes y asesinos, la recorre con el fin de restaurar un ordenamiento casi perdido. Es a través de su deambular antisocial que Fernando mapea y liga su espacio-temporalidad y configura un cronotopo de color de la sangre: “Medallo”. Para llevar adelante el análisis de esta narrativa, que es nuestro objetivo principal, utilizaremos la categoría de cronotopo de Mijail Bajtín, desarrollada en su ensayo: *Las formas del tiempo y del cronotopo en la novela. Ensayos de poética histórica*. De este modo, situaremos y desmontaremos los nudos argumentativos donde historicidad (tiempo) y lugar (espacio) se funden con el fin de darle consistencia al relato. Igualmente, emplearemos la categoría de hegemonía de Raymond Williams, presente en su tratado *Marxismo y Literatura*, pues la novela, en sí misma, constituye un campo beligerante donde es posible percibir el accionar de diversas operaciones discursivas en torno a la noción de poder y donde el embate de los sectores tradicionales (aún dominantes) colisiona permanentemente con distintas formas emergentes o contraculturales. Finalmente, tomaremos la categoría de carnaval de Mijail Bajtín, teorizada en su libro: *La Cultura Popular en la Edad Media y el Renacimiento: el Contexto de François Rabelais*, por ser el Medellín representado (“Medallo”) un lugar dominado por una carnavalización interminable y por ser el punto donde confluyen (y desfilan) las caricaturas o distorsiones grotescas del castellano “oficial” colombiano, de los intelectuales, del modelo heteronormativo, de la religión católica, de las instituciones hegemónicas y sus respectivos funcionarios.

PALAVRAS-CHAVE: MEDELLÍN. CRONOTOPO. HEGEMONÍA.
CARNAVAL. VIOLENCIA.

**LÍNGUA(GEM), CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA LEITURA
DAS REPRESENTAÇÕES, SABERES E PRÁTICAS DAS POPULAÇÕES
TRADICIONAIS RIBEIRINHAS DA RESEX RIO OURO PRETO/RO**

Bethânia Moreira da Silva Santos

Secretaria do Estado de Educação de Rondônia

É nossa tarefa estudar o homem e devemos, portanto, estudar tudo aquilo que mais intimamente lhe diz respeito, ou seja, o domínio que a vida exerce sobre ele [...]. (MALINOWSKI, 1978. p. 38). Nosso objetivo nesse trabalho é refletir sobre alguns aspectos que contribuem para a formação da linguagem, da cultura e da identidade das populações tradicionais ribeirinhas residentes na Reserva Extrativista rio Ouro Preto em Guajará-Mirim/RO. Pretendemos também evidenciar as representações construídas por essas populações sobre o seu espaço vivido, assim como a importância dos saberes e práticas desses sujeitos na constituição da cultura, da identidade e do patrimônio cultural local. A pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa foi fundamentada pelos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, dos Estudos Linguísticos e dos Estudos Culturais. São resultados de estudo bibliográfico e pesquisas de campo em andamento e trabalhos realizados no período de 2013-2015. A fundamentação teórica será norteada com base na história oral destacando-se Portelli (2016) que apresenta uma metodologia para a pesquisa com História Oral; pela noção de cultura Amazônia e das múltiplas representações dos sujeitos amazônicos apresentadas por Loureiro (2001); pelo conceito de cultura apresentado por Laraia (2004); Fraxe (2004), que apresenta as características da cultura cabocla-ribeirinha, destacando a importância do rio para as construções das representações linguísticas e culturais dos sujeitos amazônicos; Delgado (2006), que aborda as relações entre História, Memória e Identidades ; nas ciências do léxico sintetizada por Antunes (2007); Cevasco (2008), que define cultura como o pronunciamento sobre o significado de um modo de vida; Hall (2016) que destaca as instituições culturais, símbolos e representações como elementos constituidores de identidade e outros. Os dados foram coletados a partir de conversas informais e gravações de entrevistas com moradores da Reserva Extrativista rio Ouro Preto. Os resultados preliminares evidenciam que o espaço do rio Ouro Preto, no Estado de Rondônia, é repleto de representações, signos e linguagens que permitem a reconstituição da história e da cultura dessa população ribeirinha e que as vivências e saberes desses sujeitos amazônicos, contribuem para que a identidade local seja plural.

PALAVRAS-CHAVE: LINGUAGEM RIBEIRINHA. REPRESENTAÇÕES

**LIZZIE HESSEL E MARIANNE NORTH: CIVILIZAÇÃO E
TRANSCULTURAÇÃO EM NARRATIVAS DE VIAGEM DO SÉCULO XIX**

Raquel Alves Ishii
Universidade Federal do Acre

Cultura, civilização e transculturação são conceitos importantes em abordagens pós-coloniais de narrativas de viagem produzidas durante o século XIX sobre o Brasil e sobre a Amazônia. A partir de cartas e relatos de viagem da pintora inglesa Marianne North e de Lizzie Hessel, uma dama vitoriana, como descrita por seus editores e compiladores, o objetivo dessa comunicação oral é refletir sobre como a escrita dessas mulheres viajantes é parte de uma ordem discursiva colonial, caracterizada pelas marcas civilizatórias do pensamento eurocêntrico e, ao mesmo tempo, constitui-se de um registro das trocas e intercâmbios transculturais que se dão quando da relação “eu” e “outro” que escreve e que é escrito. Na esteira de Mary Pratt (1999), Edward Said (1995) e T. Todorov (1993), busco problematizar os escritos dessas viajantes para além das dicotomias da dominação, como nos alerta Stuart Hall (2005), sem deixar de lado a experiência e as questões de hegemonia.

PALAVRAS-CHAVE: DISCURSO. EUROCENTRISMO.

TRANSCULTURAÇÃO. NARRATIVAS DE VIAGEM.

**LOURIVAL DO BENFICA: NARRATIVAS NA VARANDA DO MÚSICO
AGRICULTOR**

Arthur José de Souza Martins
Universidade Federal do Acre

Joana de Oliveira Dias
Instituto Federal do Acre

Este artigo tem como objetivo narrar as trocas de experiências vividas com o músico e agricultor Lourival de Jesus Pessoa, residente no Pólo Agroflorestal Benfica, na cidade de Rio Branco. Inicialmente, a pesquisa com a memória e as narrativas orais teve como referência teórico-metodológica os trabalhos de Alessandro Portelli e Michel de Certeau. O trânsito entre cidades e florestas amazônicas nos espaços e tempos da memória narrados por Lourival nos provocaram ao diálogo com os trabalhos de Gerson Albuquerque e João Veras. Na sua trajetória desde as lembranças do seringal onde nasceu até seus plantios nas praias nas margens do Rio Acre, Lourival apresenta seu universo cultural, no limiar entre diferentes perspectivas de acolhimento e exclusão. Na relação com o instrumento e com seu estudo musical autodidata, atravessada pelos diferentes contextos sócio-históricos que viveu, Lourival faz da sua própria memória o Norte de suas práticas, tanto da música quanto da agricultura.


PALAVRAS-CHAVE: ACRE. AMAZÔNIA. DECOLONIALIDADE.
MEMÓRIA. MÚSICA.

MARIO DE ANDRADE: EL ESCRITOR QUE APRENDE (APREHENDE) LA AMAZONIA

Mónica Bueno

Universidade Nacional de Mar del Plata

Como señala Raúl Antelo, hacia 1925 Mário de Andrade se encontraba empeñado en elaborar un concepto de vanguardia fundado en la libertad estética y la responsabilidad del intelectual (Antelo, 1986, p. 26) Estos requisitos indispensables para Mário en su definición de literatura fueron una tensión en toda su obra, una necesidad de experimentación y búsqueda constante. Para Benjamin, la vanguardia trabaja con la gran consigna de unir el arte y la vida. En este intento, opera con un concepto de tradición en ruinas y establece una relación sinuosa que anula la continuidad. Se trata de una crítica a un tipo de circulación de sentido, a las relaciones entre las construcciones sociales del sentido y las construcciones artísticas. Los viajes a la Amazonia de Mário tienen la huella de ese concepto nuevo de la imagen de escritor entre acuñado en su respuesta peculiar a la relación arte/vida. De este modo, Mário se constituye a sí mismo en una nueva figura; el turista aprendiz. De esta manera, lee la extrañeza y la diferencia en el marco de un espacio que lo asombra. Su Diario de viajes exhibe una mirada de lo propio que resulta frente a la tradición nacional, irreverente y peculiar. Mário, como Borges, intenta desprenderse de “un nacionalismo desbragado” (Antelo, 1986, p.166) que abundaba en Brasil. Adquiere, entonces, ese cariz de “intérprete” que Silviano Santiago le adjudica. “Mário de Andrade, Oswald de Andrade y Carlos Drummond de Andrade, algunos de nuestros grandes escritores modernistas, ¿podrían ser también considerados intérpretes de Brasil? ¿Habrían presentado a la sociedad letrada brasileña, desde los años veinte, década en que despertaron a la literatura, interpretaciones originales de la nación y de los brasileños? ¿Habrían sido precursores de los científicos sociales que en los años de 1930 a 1940, nos ofrecerán las interpretaciones de Brasil que se tornarán canónicas? “se pregunta Silviano. (Celehis, Núm. 17 (2005) La experiencia con lo real se metaforiza en ese personaje extraordinario que es Macunaíma. Como una especie de alter ego a la inversa “Macunaíma, o grande desconstrutor de linguagens, ao voltar de canoa para o Uraricoera, traz na mala o contrabando de signos de diferentes origens”(Souza, 1999, p. 3) La novela es la obra que mejor concretiza las propuestas del movimiento de Antropofagia, creado por Oswald de Andrade, “como um antropófago, comer o que mereça ser comido”. En Macunaíma, “la rapsodia” establece la multiplicidad y fuga de sentidos que se



diseminan a lo largo del libro, las condiciones vanguardistas que le permiten a Mário establecer una relación nueva entre civilización y barbarie, entre cultura popular y alta cultura y establecer un modo inestable ambiguo de un relato de identidad (Un héroe sin ningún carácter). “O que procurei caracterizar mais o menos foi a falta de caráter do brasileiro que foi justamente o que me frapou quando li o tal ciclo de lendas sobre o herói taulipangue. (...) Macunaíma também não é índio propriamente: é um ente de lenda” (Andrade, 1988, 395), declara su autor al respecto. La Amazonia es para Mário de Andrade un lugar de aprendizaje que le permite reelaborar literariamente temas de mitología indígena y visiones folclóricas de Brasil pero también le permite aprender sobre lo humano. Ese aprendizaje lo hace “otro”, libre, sin ataduras.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZONIA. VANGUARDIA. ESCRITOR. ÉTICA. EXPERIENCIA.

**O FEMININO EM MAD MARIA DE MÁRCIO SOUZA: AS METÁFORAS
CONTRACULTURAIS E A CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DE UMA “PERIFERIA”
GEOGRÁFICA E DISCURSIVA**

Izís Melo da Silva

Universidade Federal do Acre

O romance histórico de Márcio Souza nos conduz pelo campo da ficção, porém os dados históricos e os referentes geográficos que norteiam e dão consistência à narrativa, elementos cujo referencial os transformam em subsídio literário, fogem das normas metodológicas historiográficas. Isso mostra que estamos no campo da representação literária e que tais elementos serão revisados e apresentados por um narrador próprio, que utiliza as construções oficiais, consideradas certas, fechadas, para reformular e apresentar novas abordagens. A partir da personagem Consuelo procuramos demonstrar como dentro de um universo feminino degradado, marcado pela presença de mulheres estigmatizadas onde ela, apesar das contradições dessa ordem selvagem, governada pelas arbitrariedades do “macho”, se fortalece ao longo do enredo. Deste modo, aparece como uma mulher dona do seu destino e não como a criatura limitada e submissa, que geralmente compõe os romances. Embora Consuelo seja autônoma, dona de si, isso não é suficiente para reverter e reformular os embasamentos patriarcais da sociedade amazônica e brasileira desses anos. Para isso, dialogaremos com as categorias de caos-mundo e identidade de raiz única de Edouard Glissant, expostas no seu livro *Introdução a uma poética da Diversidade* 2013, a noção de imperialismo e como esse conceito se aplica através da literatura discutida por Edward Said em *Cultura e Imperialismo* 2011.

PALAVRAS-CHAVE: MAD MARIA. MULHER. HISTÓRIA. FICÇÃO.
PATRIARCADO.

**O PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DOS
CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA LITERATURA INDÍGENA: UMA
ANÁLISE DE CONTOS DE ETNIAS BRASILEIRAS ORGANIZADOS POR
DANIEL MUNDURUKU**

Maria de Lourdes Alcântara da Silva Macedo
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão


Os povos indígenas brasileiros são povos de tradição oral e exatamente pela oralidade transmitiam seus saberes. Com o intuito de divulgar e valorizar os conhecimentos e a cultura desses povos, o intelectual indígena Daniel Munduruku elaborou uma coletânea reunindo contos de diversas etnias brasileiras. E em resposta a uma das exigências do Ministério da Educação quanto à inserção da cultura e história indígena nas discussões acadêmicas, o que de forma relevante busca contribuir para a formação de um profissional que valorize a diversidade e riqueza étnica do nosso país, surge este trabalho com o objetivo de analisar de forma descritiva explicativa a relação entre memória e saberes tradicionais em contos indígenas publicados no livro “Contos Indígenas Brasileiros”, de Daniel Munduruku. O estudo teve como aporte teórico Bergamaschi, (2002), Bosi (1999) e Lima (2012). Para alcançar esse objetivo este trabalho foi desenvolvido adotando a perspectiva da pesquisa bibliográfica, com o foco para estudos que discutem sobre Memória e Literatura Indígena numa abordagem teórica. Após as análises foi possível constatar que, nos contos objetos deste estudo, a memória está presente de forma notória, validando a figura dos “velhos/anciãos” como detentores e guardiães da memória e dos saberes tradicionais dos povos indígenas. Além da função de ensinar, os contos servem também para entreter, sendo contados em rodas de conversas. Os mais velhos são os responsáveis pela memorização e repasse desses saberes aos índios mais jovens, que são os responsáveis pelo futuro da nação indígena.

PALAVRAS-CHAVE: INDÍGENA. MEMÓRIA. SABERES.

O REI DA GOMA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES CULTURAIS NO DISTRITO CACHUELA ESPERANZA, NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

José de Ribamar Muniz Ribeiro Neto
Universidade Federal de Rondônia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento e discute sobre a constituição da história, da memória e das identidades culturais no Distrito Cachuela Esperanza, na fronteira Brasil/Bolívia. Pretende-se registrar o processo de ocupação do referido distrito, que no 1^a e 2^o ciclos da borracha foi a sede de um grandioso seringal e fomentou a economia, a cultura e as inovações tecnológicas da região. Pretende-se, também, identificar alguns aspectos que contribuíram para a constituição das identidades culturais dos povos que viveram/vivem na fronteira Brasil/Bolívia. A localidade situa-se nas proximidades dos rios Yata e Mamoré e era ponto estratégico para o escoamento da borracha produzida nos seringais bolivianos. Inicialmente, o Distrito foi ocupado pela população boliviana e por brasileiros que habitavam na fronteira. Porém, devido à expansão da localidade, Nicolás Suárez, importou mão de obra especializada de outros países, especialmente, da Europa. No Distrito foi implantada a primeira escola profissionalizante da região. Porém, apesar da construção de uma moderna infraestrutura, as relações de poder instauradas na localidade foram marcadas pela dominação e autoritarismo. O estudo do tema é relevante porque é necessário compreender a complexidade do processo de formação, desenvolvimento e declínio de inúmeras localidades que surgiram no período áureo da extração do látex na Amazônia. A pesquisa também justifica-se pela necessidade de reconstituir a história e as memórias visando a preservação deste patrimônio cultural. O estudo está sendo norteado pelos seguintes questionamentos: Quais os principais impactos do processo de formação, desenvolvimento e decadência da localidade Cachuela Esperanza para a formação socioeconômica, cultural e identitária das cidades gêmeas Guayaramerin/Bolívia e Guajará-Mirim/Brasil? Como era a organização sociopolítica e econômica do referido Distrito no período em que ele foi criado? Na atualidade, de que forma o patrimônio cultural remanescente pode contribuir para o desenvolvimento do Distrito Cachuela Esperanza? Por se tratar de uma região de múltiplas fronteiras (histórico-geográficas, sociolinguísticas e culturais), a coleta e análise dos resultados da pesquisa serão fundamentadas pelos estudos de: Mendoza (2014), que na obra “El Rey de la Goma”, registra a história do processo de criação da referida localidade, enfatizando a importância do Distrito para o desenvolvimento da fronteira; Portelli (2010 e 2016), que concebe a História Oral como dialogia, etnografia e usos da memória; Hall (2016), que discute sobre: representação, cultura,



linguagem e sentido; Silva (2012), cuja obra defende que a construção das identidades faz parte do processo de hibridização das culturas. A pesquisa, bibliográfica e de campo, do tipo qualitativa, será desenvolvida no período de janeiro a julho de 2018, a partir da análise da obra “El Rey de la Goma”, de autoria do escritor boliviano José Luís Durán Mendoza, conversas informais, aplicação de entrevistas e registros fotográficos. Os critérios utilizados para seleção dos sujeitos da pesquisa foram definidos através da amostragem, observando-se, os seguintes critérios: ter idade superior a 60 anos, e residir no Distrito há mais de 30 anos. Os resultados preliminares evidenciaram que durante o processo de ocupação do referido Distrito, os habitantes foram submetidos às normas impostas pelos administradores e proprietários do local. Porém, na medida em que os imigrantes e a população autóctone foram convivendo na região, as mudanças foram sendo implementadas. A população que ainda reside no Distrito preserva as memórias, as histórias e o patrimônio histórico da localidade.

PALAVRAS-CHAVE: CACHUELA ESPERANZA. AMAZÔNIA.
IDENTIDADES CULTURAIS. MEMÓRIA.

**O RIO E A FLORESTA: UMA ENSAÍSTICA DO ESPAÇO AMAZÔNICO EM
EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS**

Luis Fernando Ribeiro Almeida
Universidade da Amazônia

O espaço amazônico pode ser entendido como um universo simbólico, entrecruzado por diferentes histórias, que vem sendo, ao longo dos séculos, representado e/ou visto por ângulos distintos. Nesse sentido, a literatura, ou seja, o grafo literário (BARTHES, 2007) é um dos caminhos que se pode trilhar na busca de observar como a Amazônia foi e é representada. Poder-se-ia apontar que o espaço na narrativa cria uma cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a subjetividade e a interpretação (BARBIERI, 2009), podendo ainda assumir feições antropomórficas (MOISÉS, 2007). Muitos foram os autores que se debruçaram sobre esse espaço e deixaram estudos consideráveis sobre essa parte do Brasil, a exemplo de Inglês de Sousa, José Veríssimo, Peregrino Júnior, Dalcídio Jurandir, valendo-se quer seja por meio da prosa, quer pela poesia. Neste vasto campo de escritores, dois autores fizeram importantes registros desse espaço: Leandro Tocantins e Euclides da Cunha; o primeiro nas correntezas do rio e o segundo nos dilemas da imensidão da floresta, respectivamente. Com base nas premissas anteriores, este trabalho tem por objetivo discutir as representações do espaço amazônico por meio de textos do escritor fluminense Euclides da Cunha (1866-1909), a partir da obra “À Margem da História” e do historiador da cultura, poeta e jornalista paraense Leandro Tocantins (1919-2004), em sua relevante obra “O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia”, buscando observar por meio do texto literário/narrativa, pelo viés da ensaística, como, dependendo da época e do autor, essa região é percebida/caracterizada, uma vez que “ler a Amazônia a partir de ensaios é ler a Amazônia como um ensaio” (PEREIRA, 2016). Espera-se com as discussões aqui realizadas fomentar, no espaço acadêmico, os estudos deixados pelos escritores Euclides da Cunha e Leandro Tocantins, no ensejo que surjam profícuos trabalhos em especial aqueles que tomam a paisagem, cultura e tradições amazônicas como objeto de estudo.


PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. ENSAÍSTICA. LITERATURA. ESPAÇO.

O VAGÃO DOS ESQUECIDOS: A LITERATURA AMAZÔNICA NA VOZ DE ANTÔNIO CÂNDIDO DA SILVA

Sâmela Fernandes da Costa
Universidade Federal de Rondônia

Tatiane Simão Souza
Universidade Federal de Rondônia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é mostrar a inter-relação da história da Amazônia com a produção da literatura amazônica. A pesquisa está sendo desenvolvida a partir da leitura e análise da obra literária “Madeira – Mamoré: o vagão dos esquecidos”, de autoria do escritor amazonense Antônio Cândido da Silva. A obra em epígrafe trata do processo de construção, funcionamento e fechamento da Estrada de Ferro Madeira Mamoré-E.F.M.M, grandioso empreendimento construído no Início do século XX, em plena selva amazônica. Este estudo é relevante porque há poucas pesquisas sobre a temática em questão e porque é necessário compreender os processos de ocupação humana na Amazônia. Dessa forma, compreende-se que este trabalho contribuirá para o registro e a valorização da História e da Literatura amazônica. O estudo está sendo norteado pelos seguintes questionamentos: qual a importância da obra de Antônio Cândido da Silva para a constituição da literatura amazônica? Quais as principais características formais e temáticas da obra literária “Madeira-Mamoré: o vagão dos esquecidos”? De que forma os processos de ocupação humana na Amazônia foram implementados? Como a história e a cultura amazônica se inserem na obra “Madeira-Mamoré: o vagão dos esquecidos”? A pesquisa está sendo fundamentada pelos pressupostos Teórico- Metodológicos da Teoria literária (poesia), pelos estudos da Literatura amazônica e pelos Estudos culturais. Dentre os autores que irão fundamentar a elaboração da pesquisa, destacam-se: Cortez & Rodrigues (2009), que apresenta alguns operadores de leitura da poesia; Reis (2013), que apresenta as características da linguagem literária, destacando a dimensão estética do texto literário. Também estabeleceremos diálogos com os autores: Loureiro (2001), que discute sobre as singularidades da Amazônia, destacando os espaços sociais e tradicionais da cultura amazônica; Nunes (1988), que apresenta as características da narrativa histórica e da narrativa ficcional; Halbwachs (2003), que apresenta conceitos para memória individual e memória coletiva e outros. Os resultados preliminares evidenciaram a importância da obra do escritor Antônio Cândido da Silva na constituição da história e da literatura amazônica,



pois, além de ser uma obra inovadora, trata-se de um rico conjunto de informações.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA AMAZÔNICA. HISTÓRIA. E.F.M.M. POÉTICA. POEMÁTICA.

**OCO DO MUNDO: O DESMORONAR DA FANTASIA EM UM CONTO
AMAZÔNICO**

Maria José da Silva Morais Costa
Universidade Federal do Acre

Raelisson do Nascimento Walter
Secretaria do Estado de Educação e Esporte do Acre

Este artigo se propõe uma aproximação da mulher presente na narrativa “Espelho meu” de Florentina Esteves, que compõe a coletânea de contos *Direito e avesso*. Para a leitura desse texto, alguns pontos de discussão são fundamentais, como, a reflexão elaborada por Pizarro e Wolff, o conceito de esquizofrenia como epíteto do tempo caracterizado no âmbito da colocação/seringal, a poética da imaginação de Bachelard, o jogo de relações que se estabelece nos espaços dentro/fora ou interior/exterior. Pizarro critica o fato de a Amazônia ter sido construída pela voz do estrangeiro e quase nunca por uma voz local. Wolff teve posicionamento na escrita de seu texto como o “outro”, para distanciar-se dos locais em razão de sua postura de pesquisadora. A reflexão feita aqui se estrutura a partir da análise do conto “Espelho meu” em consonância às ideias das pesquisadoras Pizarro e Wolff, direcionando ao leitor pensar o próprio processo de extração da borracha sendo representado ficcionalmente pelo estupro da personagem principal, fazendo uma analogia a seringueira através de cortes que se fazem no caule da árvore gomífera. Florentina Esteves direciona a construção discursiva de uma realidade ficcional que convida a problematizar um drama específico de um espaço tipicamente amazônico. É o drama de uma mulher que, a partir de um ato de violência, precisou criar alternativas para continuar a existir. Esse foi o drama do Acre, da Amazônia, do Brasil, da América Latina, territórios que tiveram que se recriar a partir de atos de violência jamais vistos.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. BORRACHA. FLORENTINA ESTEVES.
MULHER.

**OLHARES E VERTIGENS QUE A PALAVRA INVENTA: DIÁLOGOS COM A OBRA
“NOVA SUBÚRBIOS” DE ALDISIO FILGUEIRAS**

Joana de Oliveira Dias
Instituto Federal do Acre

Maria Cristina Lobregat
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

A temática tratada no artigo circunscreve-se a partir da vertigem que nos causa lançar olhares sobre as florestas e cidades amazônicas sob a ótica dos estudos culturais. Portanto, aceitamos o desafio de tatear passos teórico-metodológicos que nos permitam problematizar em outros termos, novos verbos, os insistentes esquemas dualistas de análise dessa realidade social. O objetivo deste artigo consiste em traçar relações entre a obra Nova Subúrbios de Aldisio Filgueiras (2006) e a desconstrução da representação de uma Amazônia singularizada. Conduzimos assim uma análise do universo do poema inspiradas nos textos de Beatriz Sarlo e Michel de Certeau. Categorias e conceitos desaprendidos visibilizam diferenças, mobilidades, formas de relação com a natureza, formulações políticas, oralidades, e desvelam proposições políticas na caverna dos assuntos humanos. Assim, alimentam a inquietude diante da possibilidade de construção sócio-histórica de diálogos com espaços e tempos inteligíveis apenas a partir da pluralização de perspectivas. Com a liberdade noturna das palavras construímos esse percurso: desaprender palavras que o homem inventa e assina embaixo para não esquecer.


PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. NATUREZA. CIDADE.

REPRESENTAÇÃO. LITERATURA.

OS SENTIDOS QUE O NEOLOGISMO “FLORESTANIA” GANHA E PERDE NOS LUGARES DE FALA EM SEU PERCURSO

Lamliid Nobre de Souza
Universidade Federal do Acre

O lugar de fala, de quem fala pode proporcionar a perda ou ganho de sentidos e significados às palavras ditas ou escritas ou mesmo a um neologismo como é o caso de “florestania”, o qual é estudado seu percurso desde sua gênese, ao seu ápice, sua mudança de ‘lugares’, aparecimento em uns e desaparecimento em outros. Se uma palavra é viva, então como tudo o que é vivo, a palavra morre, transmuta? Tomando emprestadas as metodologias empregadas por Raymond Williams e Stuart Hall. pretende-se realizar um esforço para ou demonstrar um caso em que uma palavra nasceu e percorreu caminhos, cumprindo ciclos, incorporando papéis, sentidos e significados, num processo de mutação constante. Portanto, o presente estudo concentra-se, a princípio, no campo da análise do discurso e pretende, sem nenhuma pretensão, investigar o percurso do neologismo “florestania”. Mostrar como perdeu e ganhou sentidos e quais sentidos ganhou ao conviver com outras palavras, fatores, signos, significantes e é claro, os fatos, os sujeitos, as diferentes narrativas e os contextos que foram compondo os discursos e conceitos pelos quais percorreu. Começando pelo poder de influência exercido pelos discursos dos textos jornalísticos não apenas na opinião pública, mas na linguagem e seu trânsito pelas identidades, ou como os jornais influenciaram na introdução, absorção e, no contraponto e contestações presentes nos textos acadêmicos e levantar quais os usos do termo “florestania” na linguagem. Uma desafiadora tarefa que move o intento de compreender o poder exercido pela imprensa escrita que, aliada à vulnerabilidade de uma população carente de símbolos e afagos subjetivos, proporcionaram a ousada criação e significação de uma palavra, tornando-a tão popular e falada, quanto “cidadania”, tendo esta sido até substituída por aquela tanto nas linguagens textuais, quanto nas faladas a partir do período em que os partidos de esquerda chegaram ao Poder Executivo Estadual, no Acre. Da mesma forma, observou-se um decréscimo na intensidade de uso do termo “florestania”, alguns textos acadêmicos debruçaram-se sobre sua desconstrução e observando o trajeto percorrido pelos diversos lugares de fala ou lugares de onde foi sendo narrada, nota-se desuso, desaparecimento tanto dos discursos oficiais, quanto dos jornais, bem como do linguajar comum, beirando ao esquecimento por alguns e/ou uso restrito por outros. Contribuir para a elucidação de tal fenômeno, descrevendo seu percurso é o principal objetivo deste estudo.



PALAVRAS-CHAVE: “FLORESTANIA”. ACRE. NEOLOGISMO. LINGUAGEM.
DISCURSO.

PERFORMANCES E ESTÉTICAS NA AMAZÔNIA ACREANA (1970-90)

Gerson Rodrigues de Albuquerque
Universidade Federal do Acre

Na Amazônia acreana dos anos 1970-1990 ocorreu uma significativa transformação física, histórica e cultural. Espaço, tempo, natureza e cultura se transformaram como parte da própria dinâmica de transformação dos corpos de mulheres, crianças e homens de diferentes grupos sociais ou étnico-culturais em deslocamentos no sentido floresta-cidade, cidade-floresta. Este estudo é resultado do exercício de pensar a relação entre a cidade, a floresta e o rio na região na Amazônia acreana. Uma relação que leva em consideração as formas a partir das quais a cidade de Rio Branco, capital do Acre foi sonhada por diferentes sujeitos e sujeitas sociais em diferentes narrativas ao longo de diferentes espaços/tempos do século XX. Narrativas escritas, orais, imagéticas povoam este ensaio e são povoadas de afetividades, tentativas de percepção de si e do outro, conflitos, tensões, encontros, desencontros, silêncios e silenciamentos. Este é um estudo sobre a cidade de Rio Branco. Um estudo tecido de memórias escritas, imagéticas, poéticas, performáticas, literárias, orais. Um estudo que articula e se articula em torno de narrativas pessoais (individuais e coletivas) confrontando documentos/monumentos oficiais e instituídos sob o invólucro da totalidade da memória histórica, aqui entendida como um tipo de memória que se alimenta do apagamento das coletividades humanas que inventam e reinventam suas cidades no viver e sobreviver, no experimentar as tristezas e alegrias da vida, no produzir de suas consciências existenciais em meio às coisas, palavras e imagens de seus espaços/tempos cotidianos.


PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA ACREANA. CULTURA. NARRATIVAS.
ARTE. ESTÉTICA.

VISIBILIDADE E ENUNCIADO: A VELHICE PROBLEMATIZADA EM “VIAGEM À PETRÓPOLIS”, DE CLARICE LISPECTOR

Lays Emanuelle Viédes Lima
Universidade Federal do Acre

Este estudo tem como proposta analisar, na ficção de Clarice Lispector, particularmente o conto *Viagem à Petrópolis* (1964), procurando identificar os constituintes do enunciado – em sentido bahtiniano – no que tange a problemática da velhice mediante a ideologia da realidade sociocultural em espaços/tempos marcados pelo regime militar de 64, período em que o conto foi publicado, e o modo como a literatura clariceana internalizou esse tempo histórico. O estudo procura mostrar que a literatura também assume uma função social, na medida em que estimula o leitor para uma atitude responsiva ativa do mundo e de si mesmo, dando destaque as características da expressividade do enunciado no conto em estudo para dar ênfase ao tema discutido. Para analisar os constituintes do enunciado acerca da velhice, o presente estudo toma como suporte teórico os estudos de Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2011); e Volochínov, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017); Simone de Beauvoir, em *A velhice, a realidade incômoda* (1976); Ecléa Bosí, em *Memórias e sociedade, lembranças de velhos* (1994). Para discutir a questão da literatura como função social, tomamos como teoria as reflexões de Antonio Candido, presentes no livro *Literatura e sociedade* (2011), o pensamento de Raymond Williams em *Marxismo e Literatura* (1979) e *Cultura e materialismo* (2011). A discussão compreende o modo como Clarice Lispector, mulher, casada, escritora, intelectual, apesar de viver numa sociedade patriarcal, que passou pela diáspora, e foi estrangeira em muitos lugares onde viveu, não se furtou de buscar na palavra (escrita), forma(s) de expressar seu testemunho em relação às mudanças por quais passavam: a mulher, a família, a política e a sociedade brasileira à época. O conto analisado, *Viagem a Petrópolis* (1964), possibilita apreender a negação com categorias identitárias, nos modos de agir e se relacionar das pessoas, fazendo-nos refletir acerca da “incômoda” realidade social tão presente nos tempos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: CLARICE LISPECTOR. ENUNCIADO. VELHICE. CULTURA E SOCIEDADE.




ST 24 - NATURALEZA Y
CULTURA EN LA LITERATURA
LATINOAMERICANA (SIGLOS XIX Y
XX)

A FLORESTA BRASILEIRA: DESTRUIÇÃO E CONSERVAÇÃO NAS PALAVRAS E TRAÇOS DE ARAÚJO PORTO-ALEGRE

Claudete Daflon
Universidade Federal Fluminense

Keith Thomas, em *Man and the natural world: changing attitudes in England, 1500-1800* (1983), observa uma mudança de comportamento importante na sociedade inglesa do final do século XVIII, quando passa a haver maior preocupação com a destruição dos bosques e a valorização de paisagens selváticas. Nesse contexto, estabeleceu-se verdadeiro culto às árvores enquanto representantes de um sentido de continuidade e, conseqüentemente, de identidade do indivíduo, da família e, em última instância, da nação. Contudo, a ideia de preservação está também presente nos escritos de Alexander von Humboldt (1769-1859). O naturalista alemão, ao fazer sua famosa viagem à América do Sul, considera, a partir de uma concepção de mundo marcada pela integração e organicidade, a relevância da natureza tropical. Na contramão da crença que Deus teria feito a natureza para plena utilização do homem, Humboldt aponta para conseqüências indesejáveis da destruição do mundo natural. Nessa perspectiva, valorização e preservação encontram-se associadas. Por sua vez, a convergência dessas visões mais protecionistas no contexto europeu da virada do século XVIII para o XIX, ainda que movidas por razões distintas, torna plausível indagar se no Brasil também ganharam expressão concepções favoráveis à conservação da natureza. E ainda: como tal perspectiva manteria relação com processos de valorização da fauna e flora locais. A necessidade de refletir sobre as particularidades do pensamento local aponta para a complexidade da relação entre, de um lado, a difusão de modelos de representação artística e científica da natureza entre letrados brasileiros e, de outro, a percepção de que parâmetros críticos referentes à realidade cultural de diferentes localidades europeias são insuficientes ou mesmo inapropriados para a leitura da produção cultural desenvolvida em outras regiões. A simples transposição desses critérios de leitura representa a atribuição de universalidade a ideias urdidas a partir de uma realidade específica, bem como a ratificação de relações coloniais de dominação (Mignolo, 2010). Por outro lado, a reflexão de como, no caso brasileiro em especial, o sentido de conservação da natureza se atrelou aos interesses e concepções de sujeitos atuantes na esfera pública supõe considerar formas de representação observáveis em obras literárias e artísticas. Por esse viés, almeja-se discutir como perspectivas voltadas à preservação da floresta se fizeram presentes



e que sentido assumiram nas obras de letrados e artistas, mais propriamente na produção romântica no Brasil. Nesse sentido, destaca-se publicação de 1863 intitulada *Brasilianas* que reúne poemas de Manuel Araújo Porto-Alegre (1806-1879), dentre os quais “A destruição da natureza”. Neste a floresta se impõe, porém, não pelo viés da afirmação de sua presença, mas pela denúncia da destruição a que vinha sendo submetida. Essa preocupação aparece ainda na organização e na nomeação dos cantos que o compõem, a exemplo de “A derrubada” e “A queimada”. Todavia, a análise da produção poética de Porto-Alegre ganha densidade ao ser atrelada à sua atuação como artista plástico, o que torna mais interessante a abordagem conjunta de poemas, desenhos e pinturas. Diante disso, propõe-se indagar que significados a ideia de preservação da natureza assume em obras de românticos brasileiros como Araújo Porto-Alegre a fim de compreender, a esse respeito, como se dão as particularidades de posicionamento e suas ressonâncias no contexto histórico-cultural do Brasil do Oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE: NATUREZA. ROMANTISMO BRASILEIRO. ARAÚJO PORTO-ALEGRE.

**DEL NATURALISMO A LA ACULTURACIÓN EN TRES NARRADORES
PERUANOS: JULIO RAMÓN RIBEYRO ENTRE ARGUEDAS Y VARGAS
LLOSA**

Joaquín Castillo Vial
Pontificia Universidad Católica de Chile

La adopción de técnicas de las vanguardias por parte de los narradores latinoamericanos de los años sesenta y setenta no fue razón solamente de su éxito comercial. También permitió, de acuerdo con Ángel Rama, el rescate de una identidad y una cosmovisión que se estaba perdiendo en las formas anquilosadas de la novela regionalista e indigenista. El caso peruano, por sus históricas características de oposición entre dos culturas y por la dominación de una de ellas sobre la otra, es paradigmático. La renovación estética que llevan a cabo autores como José María Arguedas o Mario Vargas Llosa ha sido reconocida por la crítica desde hace décadas. La figura de Julio Ramón Ribeyro, sin embargo, queda algo desenfocada en este panorama: su primera novela, “Crónica de San Gabriel”, fue leída en claves regionalista, y suele destacarse, sobre otras cosas, su capacidad para hacer de Lima un tema literario. No cabe duda de que su modo de narrar se hallaba en las antípodas de los experimentalismos del boom. Sin embargo, su capacidad para profundizar en sus narraciones la relación del hombre con la naturaleza refleja una observación lúcida de los mundos enfrentados en el Perú. Esta ponencia busca resaltar la continuidad que existe entre autores disímiles como José María Arguedas, Julio Ramón Ribeyro y Mario Vargas Llosa. A pesar de ser contemporáneos, la crítica suele observar las estéticas de Arguedas y Vargas Llosa como opuestas. Sin embargo, la figura de Ribeyro puede servir como bisagra para dibujar un panorama donde los quiebres y oposiciones adquieren matices que enriquecen y hacen dialogar obras como “Los ríos profundos” y “La casa verde”. El animismo de Arguedas y la fragmentación radical de Vargas Llosa adquieren nuevos significados cuando dejan de interpretarse como oposiciones infranqueables: el proceso de aprendizaje y maduración del personaje de Lucho en “Crónica de San Gabriel” o el célebre Silvio buscando un sentido trascendente en su hacienda son puntos intermedios, sin duda menos dicotómicos, para comprender los vínculos del hombre con la naturaleza. Esos personajes y algunos elementos propios de la estética y trayectoria ribeyriana (ausencia de experimentalismo, escepticismo) permiten vincular su obra con el escenario de la novela peruana de la segunda mitad del siglo XX, dejando de leerla como una excepción de un narrador de repertorio urbano y europeo.



PALAVRAS-CHAVE: JULIO RAMÓN RIBEYRO. JOSÉ MARÍA ARGUEDAS.
MARIO VARGAS LLOSA. NATURALEZA.

INDAGACIÓN SOBRE LOS INICIOS LITERARIOS DE UN “ESPACIO AMERICANO”

Vanina María Teglia

Universidad de Buenos Aires - CONICET

En los orígenes de la Modernidad occidental, los viajes transatlánticos y las variadas representaciones del espacio contenidas en textos de viajeros del siglo XVI al Nuevo Mundo abrieron y modificaron el campo de las percepciones del espacio tal como, hasta el momento, las entendía el discurso europeo de la época en general. En este trabajo, revisamos un corpus de literatura colonial de viajeros para comenzar a deslindar aquellas representaciones de las Indias “nuevas”. Este espacio es, por momentos, exuberante y pródigo, pero, inmediatamente, puede asumir el carácter de enemigo yermo; en todo caso, siempre acompaña la suerte voluble de los sujetos coloniales. Aquí, quiero plantear que estas representaciones fueron modificadas, específicamente, por las agencias indígenas y analizar cómo ellas, con su otredad radical, han contribuido con la conformación de la oposición naturaleza/cultura característica de las concepciones de la espacialidad americana. Propongo, en este trabajo, que la espera de lo novedoso, constituido por tradiciones mayormente orientalistas y de lo exótico proyectadas sobre el espacio indescifrable ha contribuido con aquella dicotomía fundante. Sin embargo, tal diferenciación, también ha sido una de las principales puertas de entrada del sincretismo de tradiciones y de la conformación de mitos y simbolizaciones heterogéneas de los imaginarios hispanoamericanos.

PALAVRAS-CHAVE: NATURALEZA. CULTURA. SIGLO XVI. COLONIA. LITERATURA.

**CULTURA Y NATURALEZA: ALUSIONES Y ELUSIONES EN LA OBRA DE
PEDRO HENRÍQUEZ UREÑA**

Gabriela Edith Luque

Universidad Nacional de la Patagonia Austral

En esta comunicación nos proponemos revisar el uso del concepto de cultura en algunas de las obras más relevantes del intelectual dominicano pedro henríquez ureña en las que este término se presenta como núcleo articulador para establecer la historia y la historiografía del continente. a la vez, y en atención a la propuesta del presente simposio, buscamos pensar también las maneras en que la naturaleza aparece aludida/eludida e los textos seleccionados, desde sus obras más importantes de conjunto, las corrientes literarias de la américa hispana y la historia de la cultura de la américa hispana hasta algunos de sus ensayos señeros. en ellos, el concepto de cultura impregna cada unos de los momentos de la periodización que henríquez ureña propone para leer y organizar la historia literaria, tomando como punto de partida el desarrollo de santo domingo, su patria de origen, espacio fundante de un linaje familiar e intelectual en el caribe.

PALAVRAS-CHAVE: CULTURA; LITERATURA LATINOAMERICANA.

PEDRO HENRÍQUEZ UREÑA. HISTORIOGRAFÍA LITERARIA. SIGLO XX.

**NATURALEZA Y PAISAJE: LA IDENTIDAD LATINOAMERICANA EN LA
OBRA DE GERMÁN ARCINIEGAS**

Romina Gabriela Salcedo

Universidad Nacional de la Patagonia Austral

El trabajo consistirá en releer y analizar críticamente las figuraciones de la naturaleza y el paisaje en la obra de Germán Arciniegas. Se propondrá un viaje por algunos de los textos que el intelectual latinoamericano dedicara, en tanto travesía por la historia, la geografía y los espacios de la cultura latinoamericana. El foco estará en ver cómo se erige esta cultura, cómo se piensa y se forma la “voluble” identidad latinoamericana desde la escritura de “un visitante curioso, que ahora tiene el privilegio de estar viendo las raíces elementales de este mundo cambiante, donde aún se conserva la materia original de unos pueblos alucinados y alucinantes” (Arciniegas 1972: 19). Arciniegas comienza a delinear la cartografía del mundo desde el mar y en medio de una compleja red cultural, destacando escenarios, momentos y figuras (como Simón Bolívar y José Martí, entre otros) que señalan un ámbito de pertenencia y reconocimiento: el de la cultura letrada.

PALAVRAS-CHAVE: AMÉRICA LATINA. PAISAJES. IDENTIDAD.

GERMÁN ARCINIEGAS.

O LUGAR DA NATUREZA EM “DOORWAY TO BRASILIA” E “BUENOS AIRES, BUENOS AIRES”

Elisa Maria Amorim Vieira

Universidade Federal de Minas Gerais

Na segunda metade do século XX, foram publicados na América Latina diversos fotolivros que buscavam plasmar grandes centros urbanos, ao mesmo tempo em que conjugavam imagens e textos. Em muitas dessas obras, nota-se a prevalência dos elementos arquitetônicos sobre os da natureza como um aspecto positivo, numa tentativa de se afirmar a monumentalidade e a modernização das grandes metrópoles latino-americanas. Alguns fotolivros dessa época, no entanto, ao configurar a paisagem urbana, apresentam as contradições da desigual relação entre natureza e cultura. O objetivo deste trabalho é analisar a presença conflitiva dos elementos naturais em *Doorway to Brasília* (1959), de Aloísio Magalhães e Eugene Feldman, e em *Buenos Aires, Buenos Aires* (1968), obra que contém fotografias de Alicia D’Amico e Sara Facio e textos de Julio Cortázar. Enquanto o primeiro gira em torno do projeto utópico da construção da nova capital do Brasil, tanto nas imagens apresentadas quanto nos textos de John dos Passos e Oscar Niemeyer, dentre outros, o segundo fotolivre apresenta um tom memorialístico, como se as fotografias que o compõem desencadeassem as lembranças de Cortázar que, do outro lado do Atlântico, as associa com as imagens da Buenos Aires de sua infância. Considerando as observações de George Didi-Huberman a respeito da montagem, serão analisadas as relações entre texto e imagem presentes em ambas as obras. Por outro lado, serão imprescindíveis as reflexões do geógrafo brasileiro Cássio Vianna Hissa sobre a construção da paisagem urbana, assim como as de Terry Eagleton em torno da dicotomia natureza-cultura.

PALAVRAS-CHAVE: “DOORWAY TO BRASILIA”. “BUENOS AIRES, BUENOS AIRES”. FOTOLIVROS. PAISAGENS URBANAS. NATUREZA.

**PAISAJE Y UT PICTURA POESIS EN EL SIGLO DE LAS LUCES DE ALEJO
CARPENTIER**

Carolina Toledo

Universidad Nacional de La Plata

Este trabajo se propone exponer un análisis del diseño del paisaje en la novela *El siglo de las luces* (1962) de Alejo Carpentier a partir de los cruces entre la literatura y las artes visuales centrandó el estudio en las diversas significaciones que adquiere el tópicó *ut pictura poesis* en la obra. En efecto, las artes visuales ocupan un lugar central en la poética carpentieriana y, fundamentalmente, en su modo de concebir los rasgos de lo latinoamericano; sus ensayos orientados al problema de la identidad americana hallan en la arquitectura barroca —en particular fachadas y retablos de iglesias mexicanas— los ejemplos más acabados para elaborar su teoría del mestizaje. Su contacto con los artistas mexicanos Diego Rivera y Clemente Orozco en 1926 impactó en su visión sobre las potencialidades del arte latinoamericano, particularmente por la profunda vinculación entre estética y política. Los escritos sobre artes visuales publicados por Carpentier entre 1951 y 1961 en el periódico caraqueño *El Nacional* (reunidos en *Letra y solfa. Alejo Carpentier. Artes visuales* (1993)) destacan la excepcional riqueza y sofisticación del arte latinoamericano desde la época precolombina hasta sus manifestaciones contemporáneas y subrayan el desconocimiento que de este aspecto tenía el público europeo. En esta línea, se examinarán aspectos concernientes a la funcionalidad de diversas tradiciones plásticas, géneros y recursos propios del ámbito de las artes visuales —en particular provenientes de la pintura, la escultura y la arquitectura— que imprimen un relieve singular a la narrativa de este escritor cubano.

PALAVRAS-CHAVE: ALEJO CARPENTIER. LITERATURA Y ARTES VISUALES. PAISAJE. UT PICTURA POESIS. NARRATIVA CUBANA.

PAISAJES, CARTOGRAFÍAS Y LUGARIZACIONES EN LA POESÍA DEL SUR ARGENTINO

Luciana Andrea Mellado

Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco

Nos interesa relevar y dar cuenta de algunos sentidos, tensiones y desplazamientos de la dicotomía naturaleza/cultura que la literatura del sur argentino pone en discurso, puntualmente en un corpus de poesía y ensayos de los autores Graciela Cros y Juan Carlos Moisés. Nos interesa asimismo desarrollar una reflexión sobre las cartografías literarias y las lugarizaciones epistemológicas que produce y disemina la literatura patagónica. Entendemos las cartografías como mecanismos de lectura y de escritura que producen ficciones de identidad así como direcciones e itinerarios de producción e interpretación de los espacios entre cuyas definiciones, en relación con la Patagonia, distinguimos y resignificamos, las ideas de unidad geocultural (PALERMO, 1998), geografía imaginaria (SAID, 1978), domicilio existencial (KUSCH, 1976) y lugar de enunciación diferencial (MIGNOLO, 1996). Rescatamos, en este marco, la posibilidad de revisar definiciones actuales de las cartografías literarias como versión de las distancias intersubjetivas, relativas, polisémicas e históricas (MELLADO, 2015) y dispositivos intelectuales, ideológicos y retóricos (NALLIM, 2017). Lugar de llegada, de tránsito, meta o domicilio, la Patagonia se describe desde una óptica en constante desplazamiento que incorpora su localización en una dinámica relacional con otros espacios para construir su propia definición. La literatura asocia el territorio geocultural con los significados de periferia, marginalidad y vacío en coyunturas diferenciales y específicas procedentes de cartografías simbólicas que diseñan primeramente los proyectos coloniales y luego los nacionales desde sus respectivas metrópolis. Pero, la naturaleza no es suficiente para trazar un paisaje, y se vuelve necesaria la perspectiva de un espectador que junto con observar relate lo visto (SILVESTRI Y ALIATA 2001). Así, las preguntas sobre el espacio entonces se desplazan desde las territorialidad hacia la subjetividad o mejor la intersubjetividad interpretante. Finalmente, en torno a los elementos antedichos, y de acuerdo al imperativo de indisciplinar las ciencias humanas y sociales, planteamos diálogos posibles con algunas ideas de Arturo Escobar y Boaventura de Sousa Santos, central y respectivamente las que derivan de la solicitud de perspectivas epistémicas lugarizadas (ESCOBAR, 2003) y las que alientan a ejercitarnos contra el desperdicio de la experiencia (BOAVENTURA, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: CARTOGRAFÍAS LITERARIAS. DISCURSOS DEL



ESPACIO. ESPACIOS DEL DISCURSO. LUGARIZACIONES POÉTICAS Y
EPISTEMOLÓGICAS.

SIGNIFICACIONES DEL PAISAJE EN ALGUNOS POEMAS DE OCTAVIO PAZ (1958-1961)


Daniela Evangelina

Universidad Nacional de La Plata

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

A partir de un marco teórico sobre el paisaje (Aliata y Silvestri 2001, Barrera Lobatón 2014, Collot 2010) en línea con bibliografía concerniente al espacio en movimiento (Clifford 1999, Certeau 1986, Bachelard 1975) revisamos las estrategias con las que el paisaje se construye en algunos poemas de Octavio Paz correspondientes al período 1958-1961 que, antes de la última edición de las Obras completas, conformaban Salamandra. El diseño del páramo, en relación con una austeridad e inefabilidad expresiva, se sustenta a partir de la concepción de la naturaleza como una radical otredad. El ritmo, entonces, resignifica la categoría que enlaza instantes en que se puede consolidar una religación entre sujeto poético y espacio. La espacialidad textual se impregna además del movimiento con el que se construye el paisaje moderno dando cuenta de las relevancias que en este contexto adquieren el tópico de la mudanza y la traducción en la poética de Paz.

**PALAVRAS-CHAVE: OCTAVIO PAZ. PAISAJE. ESPACIO. POÉTICA.
SALAMANDRA.**



ST 25 - NUEVAS TENDENCIAS EN
LA LITERATURA CENTROAMERICANA
CONTEMPORÁNEA

A ORALIDADE NARRATIVA ÉTNICA E SUAS REACOMODAÇÕES NA ESFERA LITERÁRIA

Albino Chacón

Universidad Nacional de Costa Rica

Ressalto de maneira particular o choque entre tradição e modernidade, convencido como estou de que na realidade das sociedades fortemente estratificadas, como são as latino-americanas, as relações de força, as distâncias entre seus membros, aquilo que os separa está sempre presente, tanto nas operações simbólicas mais complexas quanto nas relações mais cotidianas. Isso permitirá, ao mesmo tempo, destacar os principais aspectos políticos e culturais que se depreendem do trabalho. A partir duma experiência vivida na Guatemala, procuro mostrar como diante da presença “branca” o acesso real dos indígenas à modernidade, a seu disfrute, lhes está restringido por uma razão histórica: seu pertencimento étnico. Nessa comunicação faço uma relação entre essa experiência e “Anansi en la ciudad”, reelaboração de uma narração proveniente da oralidade afrocaribenha do escritor negro costarricense Quince Duncan, que permitirá fazer algumas reflexões a respeito do que podemos chamar de “matrizes sociais de exclusão”, e sobretudo o rol que em nossas sociedades latino-americanas joga a que talvez seja a mais perversa matriz de exclusão de todas: a matriz étnica. A conclusão é se para as comunidades tradicionais a Modernidade e seus signos poderiam resultar numa experiência que faz ainda mais flagrante a exclusão da qual são objeto, ou ainda mais grave, uma sorte de armadilha que os leva à sua aniquilação. É dentro desse contexto, que nos interessamos de maneira particular nas reelaborações feitas dos textos proveniente da oralidade, nas marcas estéticas e ideológicas que afloram nessas reelaborações literárias, assim como nas novas condições de recepção que sofrem os textos orais.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. ORALIDADE. MODERNIDADE.
MATRIZES DE EXCLUSÃO. ETNICIDADE.

**DU BLEUE DE LA MER AU BLANC DE LA NIÈGE: VESTÍGIOS DA
ESCRITA DE SI EM PHILOSOPHIE DE LA RELATION (2009), DE
ÉDOUARD GLISSANT**

Maria Fernanda Isidoro Chaves
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Philippe Lejeune, em seu O pacto autobiográfico (2008) - referência para os estudos da escrita de si – associa a presença do autobiográfico essencialmente ao romance. Segundo ele, autor, narrador e personagem precisam apresentar uma mesma identidade para que a obra possa ser considerada, então, uma autobiografia. Ao analisarmos a vasta produção do escritor martiniquenho Édouard Glissant (1928-2011), é evidente a presença do autobiográfico não apenas em suas obras narrativas, mas também em seus ensaios. Os traços da presença do eu na produção ensaística glissantiana - principalmente em Philosophie de la Relation (2009), foco do presente trabalho - se dão por meio do uso da primeira pessoa, pela referência aos lugares onde viveu o autor, pela descrição de fatos ocorridos em sua vida, como também pela própria escolha do gênero ensaio, já que esse é uma mescla de poetização e realidade, além de trazer à tona aos olhos do leitor o processo mais íntimo da produção escrita: a escolha do tema, a construção e as reflexões que vão surgindo juntamente com a escrita, fundindo, na obra, passado (assunto), presente (escrita) e futuro (reflexões). Para o presente trabalho, iremos analisar de que forma as referências à natureza em Philosophie de la Relation apresentam-se como instrumentos que externalizam o eu mais íntimo do ensaísta. Levando em consideração que Édouard Glissant nasceu e viveu parte da vida na ilha da Martinica, é preciso considerar o quanto os cataclismos naturais presentes nessa região serão de suma importância na construção da biografia não apenas de Glissant, mas de todo o povo caribenho. Terremotos, ciclones e vulcões, causas do caos e da instabilidade, alegorizam, em suas obras, o interior do ser humano conturbado, assim como a natureza caribenha. Tais desastres naturais proporcionam, segundo o ensaísta, a possibilidade de construção de um chaos monde, estrutura apta para uma vivência baseada em incertezas, desconstruções e reconstruções não apenas de residências, estradas e prédios públicos, mas sobretudo de pensamentos, comportamentos e discursos históricos. A força da natureza que se manifesta e mostra ao homem o tamanho de sua pequenez, já que nada pode fazer para detê-la, também é símbolo de destruição de um passado que não mais se deseja: o passado da escravidão, das plantations, da desigualdade social e da pobreza.

Como está sempre à espera da próxima catástrofe, da próxima destruição, o povo caribenho sabe lidar com a inconstância, com a necessidade de reconstrução; é um povo que tem seu pensamento moldado por uma estrutura que se adapta bem à mudança, que aceita o novo, que reconstrói a todo o momento as certezas e que, por tudo isso, está apto e aberto à Relação, conceito proposto por Glissant em que o homem não vê no outro um inimigo ou uma ameaça, mas um prolongamento de si mesmo. Em entrevista concedida à Patrick Chamoiseau no ano de 1993, Édouard Glissant relata o quanto a intensidade de sua relação com a natureza foi essencial para o seu processo de escrita: o blanc de la niège com o qual teve contato pela primeira vez em Paris inspirou seu primeiro ensaio, *Soleil de la Conscience*, enquanto o exuberante bleu de la mer das águas caribenhas o fez voltar seu olhar para a realidade da Martinica, vislumbrando nos espaços arquipelares caribenhos a possibilidade da Relação. Este trabalho pretende, afinal, adentrar as mais profundas entranhas da natureza caribenha, sabendo que assim adentra também o eu mais íntimo e profundo do autor de *Philosophie de la Relation*.

PALAVRAS-CHAVE: NATUREZA. AUTOBIOGRAFIA. ILHAS.
CATACLISMOS. RELAÇÃO.

Werner Mackenbach
Universidad de Costa Rica

En las décadas recién pasadas Centroamérica y el Caribe se han convertido en espacios en los que el transporte, el pasaje y la circulación, así como el consumo de estupefacientes han resultado en un problema de dimensiones trascendentales en y para sus sociedades. Ante esta situación cabe preguntarse si se puede hablar también en el caso de Centroamérica –como se hizo para México– de la emergencia de un nuevo género o subgénero llamado narcoliteratura, narconovela o narconarrativa. La ponencia busca respuestas a este interrogante con base en un análisis de novelas publicadas en Honduras, Nicaragua y Costa Rica entre 2006 y 2010 –entre ellas *Caribe Cocaine* (2006) de Ernesto Bondy (Honduras), *El cielo llora por mí* (2008) de Sergio Ramírez (Nicaragua) y *Verano rojo* (2010) de Daniel Quirós (Costa Rica)– y partiendo de los estudios transareales y transnacionales que han analizado el Caribe y Centroamérica como espacios dinámicos, mundos en movimiento y Transit Areas. Propone funcionalizar y traducir el concepto de Transit Area en el término de Transit Zone, en varias dimensiones, para contribuir a una comprensión de la novelística centroamericana que se ha ocupado del narcotráfico.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA. CENTROAMÉRICA. NARCOTRÁFICO. NARCOLITERATURA. TRANSAREA STUDIES.

**ESCRITURA Y MEMORIA: EL VIAJE EN LA NOVELA AMARÁS A
DIOS SOBRE TODAS LAS COSAS (2013), DEL ESCRITOR MEXICANO
ALEJANDRO HERNÁNDEZ**

Mariana Rodrigues Lopes
Instituto Federal de São Paulo-Campus Capivari

En este artículo nos proponemos analizar el tema del viaje de los migrantes centroamericanos en su paso por México rumbo a los Estados Unidos, reelaborado por la novela *Amarás a Dios sobre todas las cosas*. Nuestro análisis se centrará en las relaciones entre lectura, memoria y escritura en la construcción de la novela, ya que el relato se compone a partir de la memoria del narrador, Walter. Cabe recalcar que lectura, memoria y escritura son una tríada fundamental en la novela y por eso son primordiales en nuestro trabajo interpretativo. En un primer momento, examinaremos los viajes a partir de la memoria individual del narrador y, en un segundo momento, a través de su memoria familiar, colectiva. La reflexión que planteamos forma parte de una discusión más amplia desarrollada en nuestra tesis doctoral, que tiene como eje central las migraciones centroamericanas y las representaciones que de estas se hacen en la narrativa contemporánea, en especial la novela citada. Para emprender dicho análisis nos fundamentamos en los estudios de Homi K. Bhabha, sobre todo en lo concerniente a las nuevas minorías entre las cuales destacan los migrantes, los estudios de Zilda Kessel acerca de la memoria y la memoria colectiva, los estudios de Bajtín sobre el cronotopo de viaje, además de los estudios de Fernando Aínsa, Alejandro Grimson, Adolfo Prieto, João Camillo Penna, entre otros.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. LITERATURA. VIAJE. ESCRITURA. MIGRACIÓN.

**FLUXOS CULTURAIS NO DEVIDR DO MIGRANTE HAITIANO:
REFLEXÕES SOBRE “PAÍS SEM CHAPÉU”, DE DANY LAFERRIÈRE**

Jeissyane Furtado da Silva
Universidade Federal do Acre

A identidade americana é heterogênea, construída por povos migratórios que por razões políticas, econômicas e sociais se deslocaram (in)voluntariamente de seus países em busca de uma nova perspectiva. É equivocado falar que a identidade americana se constitui apenas de três povos (o índio, o negro e o branco), pois negligenciamos a influência dos árabes e dos nativos da Ásia Oriental. Considerado como um dos expoentes da literatura francófona, mas que se auto denomina da Literatura Migrante, Dany Laferrière disseca, em âmbito literário, o que viria a ser discutido quanto à globalidade por Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Em “País sem Chapéu”, um haitiano exilado retorna ao seu país de origem e conflita a imagem do país real e o país sonhado, não apenas o país do antes e do depois de sua partida, mas também o país da miséria social e o país da magia que ronda a religiosidade afro-americana do vodu. Nessa perspectiva, trazemos Stuart Hall, Frantz Fanon, Edward Said, Zygmunt Bauman e Hommi K. Bhabha para analisarmos o devir do sujeito migrante em seus percursos físicos, culturais e identitários.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA MIGRANTE. CRIOULO HAITIANO. IDENTIDADE.

LA ESTÉTICA DE LA VIOLENCIA Y LAS TRADICIONES MAYAS EN LA LITERATURA CONTEMPORÁNEA CENTROAMERICANA: UN ESTUDIO SOBRE LOS SORDOS (2012), DE RODRIGO REY ROSA

Rodrigo de Freitas Faqueri
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Esta comunicación busca sacar a luz la estética de la violencia presente en la literatura centroamericana contemporánea a partir del análisis de las obras del escritor guatemalteco Rodrigo Rey Rosa. Vencedor de premios nacionales e internacionales, el guatemalteco se destaca por construir sus narrativas a partir de elementos ficcionales cargados de un carácter histórico, que ponen en duda los límites entre el universo ficcional y la realidad, proporcionando, en las obras seleccionadas, una estructura narrativa engendrada en un juego con las palabras y sus significados, dando al lector un camino construido por veredas oscuras, teniendo como elemento indisociable la violencia, no sólo como temática, pero principalmente como componente estructurador de las narrativas. A partir de tres puntos clave, se investiga la obra de Rey Rosa: el universo insólito, el silencio o falta de comunicación y la construcción de imágenes, que proporcionan al lector una visión diferente de los hechos narrados. En algunos de sus textos, se construye una supuesta estabilidad que se podrá cambiar y contestada a cualquier rato, no sólo por el críbo del lector simplemente, sino, principalmente, por el direccionamiento dado por el narrador a la historia contada. Para este análisis, se eligió la novela *Los Sordos* (2012), en la cual el autor, a partir de la violencia, temática y estética, y de los rasgos de las tradiciones mayas, se utilizan para enfatizar las denuncias presentes en la novela cuanto a la historia de Guatemala, sino también para proporcionar reflexiones acerca de las construcciones imagéticas creadas por el contraste entre las tradiciones de los pueblos guatemaltecos y su pasado frente a la realidad contemporánea violenta.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÉTICA DE LA VIOLENCIA. SILENCIO. IMÁGENES. INSÓLITO. REY ROSA.

LITERATURA COSTARRICENSE CONTEMPORÁNEA Y EL IMAGINARIO DE LOS CONFLICTOS CIVILES CENTROAMERICANOS

Verónica Ríos Quesada
Universidad de Costa Rica

En la historiografía literaria centroamericana, pervive la noción de que la literatura costarricense es ajena a las tensiones de la región y a sus dinámicas. De cierta forma, esta idea se afianza específicamente para el caso de las décadas de los años ochenta y noventa, por la debilidad de los estudios académicos relacionados con el impacto y la agencia de la sociedad costarricense durante la Guerra Fría y, por ende, en el marco de las guerras civiles centroamericanas. Se trata de un campo de estudio que recién se abre espacio. Con el fin de problematizar la forma en que se representan estas relaciones transnacionales desde Costa Rica, me interesa explorar el grupo de obras costarricenses publicadas en los últimos 25 años que, desde perspectivas distintas, recrean los conflictos civiles centroamericanos. Me refiero a los siguientes textos: *La huella de abril* (1989) de Alicia Miranda, *De qué manera te olvido* (1990) de Dorelia Barahona, *Los ojos del antifaz* (1999) de Adriano Corrales, *Desconciertos en un jardín tropical* (1999) de Magda Zavala, *Cruz de olvido* (1999) y *Mojiganga* (2015) de Carlos Cortés, *Limón reggae* de Anacristina Rossi (2007), *Te llevaré en mis ojos* de Rodolfo Arias (2007), *De todas las selvas* (2006) de Danièle Trottier, la novela *Verano rojo* (2010) de Daniel Quirós y las crónicas *La ruta de los filibusteros* (2012) de Samuel Rovinski y *Los amigos vienen del sur* (2014) de José Picado. En el análisis de los textos se entrecruzarán conceptos clave como solidaridad, sociedad hospitalaria, subalternidad, utopía y nostalgia.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA COSTARRICENSE. SOLIDARIDAD. UTOPIA. NOSTALGIA. GUERRAS CIVILES CENTROAMERICANAS.

NUEVOS USOS DE LA CIENCIA FICCIÓN EN LA NARRATIVA
CONTEMPORÁNEA CENTROAMERICANA

Valeria Grinberg Pla
Bowling Green State University

En esta ponencia me propongo discutir el recurso a la ciencia ficción en tres novelas centroamericanas recientes: *Tikal futura* (2012) de Franz Galich, *Mazunte* (2015) de Daniel Quirós y *Fábula asiática* (2016) de Rodrigo Rey Rosa. Desde las altamente probables premisas sobre el desarrollo tecnológico de *Fábula asiática* hasta la transformación radical del mundo prevista para mediados del siglo XXI en *Tikal futura*, pasando por la ensoñación de un régimen totalitario brutal que aparece en *Mazunte*, en los tres casos la ciencia ficción es una herramienta para imaginar el futuro centroamericano (y mundial) como proyección distópica de las múltiples formas de violencia que aquejan actualmente a la región, desde las heridas abiertas por las guerras de los años 80 hasta la colonialidad del poder que reafirma la división del mundo entre sujetos que merecen vivir dignamente y sujetos desechables. Por ello, las realidades distópicas imaginadas en estas novelas remiten oblicuamente al presente neoliberal que las hace posibles, aunque más no sea en una dimensión fantástica o de ciencia-ficción, y de este modo invitan a pensar críticamente tanto sobre la situación sociopolítica actual como sobre el pasado histórico que le dio lugar. Es en ese sentido que la ciencia ficción, combinada con procedimientos típicos de la novela negra y del thriller, pero también de los relatos míticos y las fábulas, abre las puertas de la literatura centroamericana a una exploración de las consecuencias más aberrantes de la hegemonía de la racionalidad occidental y su necropolítica.

PALAVRAS-CHAVE: CIENCIA FICCIÓN. CENTROAMÉRICA. REY ROSA. GALICH. QUIRÓS.

**¿MIRAR NICARAGUA? REENCUADRE Y MONTAJE DEL TIEMPO (POST)
UTÓPICO Y AFECTIVO EN EL PROYECTO VISUAL DE SUSAN MEISELAS
(1981-2004) Y LA NOVELA ASÍ EN LA TIERRA (2009) DE RAMIRO
LACAYO DESHÓN**

Cristina Elena Pardo
The Graduate Center
The City University of New York

Con la llegada de los años noventa en Nicaragua y dado el fin de las grandes utopías, la deuda de la guerra y los restos de la violencia de los setentas comienzan a “negociarse estéticamente” (Mackenbach). En esta década, las condiciones críticas bajo las que se está reconstruyendo la región se hacen eco en el campo cultural a partir de representaciones -tanto discursivas como visuales- de unos afectos más que evidentes. Serán discursos que, como la nación, también están en proceso de (re)construirse, siguiendo una lógica particular de continuidades y quiebres que desencadenan un intento por volver a escribir la historia desde el pesimismo y el desencanto del presente, pero una historia que opera de manera irregular entre el pasado y el futuro. En esta comunicación, a partir del proyecto visual de Susan Meiselas (1981-2004) y de la novela Así en la tierra (2009) de Ramiro Lacayo Deshón, veremos cómo se ha asumido la descoyuntura del tiempo de la crisis y sus afectos (post)utópicos no ya como un mandato de imposibilidad sino como una llamada a la reorganización del sentido bajo una nueva praxis de articulación temporal y posicional llamada “montaje” (Huberman). Ambas obras operan desde la búsqueda de un nuevo lugar donde ubicar los antiguos compromisos colectivos del tiempo de la revolución, provocando una superposición de instantes en el devenir del tiempo histórico y a través de la asunción de la complejidad de aquello que se llama ‘posguerra’: la ausencia total de paradigmas sociales, la impunidad y la corrupción política. ¿Cómo mirar Nicaragua? El ejercicio visual de reencuadre que veremos en ambos trabajos nos permite volver a pensar el discurso de la memoria sin restricciones con respecto a la construcción de lo visible y lo decible, pues el montaje opera de antemano a partir del caos: el tiempo de la (post) utopía y de los afectos rigen ahora la ordenación de un país en crisis. PALAVRAS-CHAVE: NICARAGUA. FOTOGRAFÍA. NOVELA. (POST) UTOPIA. MONTAJE.



ST 27 - POÉTICAS AMAZÔNICAS:
SABERES E LINGUAGENS

A VOZ AMERÍNDIA EM PAULINE MELVILLE: A ORALIDADE EM FACE À ESCRITA “CIENTÍFICA”

Miguel Nenevé

Universidade Federal de Rondônia

Pauline Melville é uma escritora que vive em Londres, mas tem sua origem na Amazônia, na região da Guiana, conhecida como Rupununi, fronteira com Brasil. Seus personagens ameríndios, parecem confiar mais na linguagem oral que na escrita. Neste trabalho em me proponho a investigar como a oralidade e as vozes ameríndias aparecem em duas obras desta autora: o prólogo do romance *A História do Ventríloquo* e o conto *O papagaio de Descartes* da coleção *Migration of Ghosts*. Nestes dois textos, parece ser possível identificar uma crítica ao discurso “científico” que procura classificar os ameríndios de acordo com padrões europeus. Apoiado em estudiosos “Decoloniais” que discutem a geopolítica do conhecimento como Walter D. Mignolo (2002) Anibal Quijano (2008) e Ramon Grosfoguel (2008) e pós-coloniais, como Bill Ashcroft (2008) eu argumento que é possível identificar nos textos de Melville um convite a repensar algumas “verdades” escritas propostas por colonizadores que não ouviram a voz ameríndia, principalmente perceptível em sua oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: ORALIDADE. ESCRITA. AMERÍNDIOS. PAULINE MELVILLE. AMAZÔNIA.

A “TRILOGIA DE IRENE”: UM BILDUNGSROMAN NA AMAZÔNIA

Elanir França Carvalho
Universidade Federal do Pará

A “Trilogia de Irene” constitui-se de um enfeixe de obras, de autoria da escritora brasileira Lindanor Celina (1917-2003), que circunscreve a trajetória de vida da personagem Irene, da infância à adolescência e desta à vida adulta. Em seu conjunto, os títulos *Menina que vem de Itaiara* (1963), *Estradas do tempo-foi* (1971) e *Eram seis assinalados* (1994), narrando o fluxo da vida de Irene, remetem à forma modelar do romance de formação (*Bildungsroman*), especificidade do gênero romanesco inaugurada pela obra *Os anos de aprendizado* de Wilhelm Meister (1795-1796), do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe. Suscitada por essa afinidade, o escopo proposto para o estudo A “Trilogia de Irene”: um *Bildungsroman* na Amazônia é perscrutar os anos de formação da menina, da jovem e da mulher Irene, suas potencialidades como indivíduo, num contexto ambientado nas cenas e paisagens, na vida, nos costumes e nas maneiras de pensar da Amazônia paraense e do Brasil. E, no plano formal das obras, inquirir também em que medida são operados os deslocamentos e modos de apropriação dos paradigmas e conceitos estabelecidos pela tradição clássica do gênero, pois se insere em contexto histórico e ideológico diverso daquele da forma modelar. Ademais, a produção de Lindanor Celina se situa no panorama de um *Bildungsroman* nacional, já que houve no Brasil da primeira metade do século XX acentuada constituição de uma linhagem dessa vertente literária, da qual se destaca o veio de um *Bildungsroman* feminino, de autoria e com personagem central femininas, procedimento que subverte o modelo masculino do personagem matricial, como aponta Cristina Ferreira Pinto, em seu estudo *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. Cronologicamente, Lindanor Celina é herdeira desse cenário, que teve as seguintes obras e autoras como principais destaques no gênero: *Amanhecer* (1938), de Lúcia Miguel Pereira; *As três Marias* (1939), de Rachel de Queiróz; *Perto do coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector; *Ciranda de pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles. Na perspectiva da discussão proposta, ainda se problematiza questões do cânone literário e a participação feminina no quadro da historiografia nacional brasileira, visto que essa produção apontada subverte padrões do campo dominante, colocando-se num ponto de vista que estaria à margem.

PALAVRAS-CHAVE: LINDANOR CELINA. “TRILOGIA DE IRENE”.
BILDUNGSROMAN (ROMANCE DE FORMAÇÃO).

AMAZÔNIA, SEUS SABERES E LINGUAGENS POR JOSÉ VERÍSSIMO (1886)

Aline Costa da Silva

Universidade Federal do Pará

Em 1886, José Veríssimo publicou *Scenas da Vida Amazônica*. Na primeira edição do livro, um extenso estudo introdutório denominado “As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia: Suas Linguagens, suas crenças e seus costumes, subtítulado: Os Tapuios e seus descendentes” é basilar para compreender a visão do literato acerca da Amazônia, suas linguagens e saberes. Portanto, o que se objetiva nesta comunicação é discutir acerca do olhar de José Veríssimo para a cultura amazônica, suas representações próprias do séc. XIX e, com isso, compreender a configuração do pensamento social do autor, basilar para a compreensão de sua evolução intelectual. Para isso, o estudo será baseado em teóricos como Karlheinz Stierle [1979], Cancline [1983], Spivak [201], Barbosa (1974), Dimas 2012] Neto [2002- 2016]. Considera-se, assim, que o que faz o ensaio importante é não somente o valor que confere à *Scenas da Vida Amazônica*, ou o fato de ter sido o primeiro estudo de cunho etnográfico sobre a Amazônia oitocentista, o que já é suficiente para uma discussão desenvolvida, mas o fato de marcar, em um campo interdisciplinar, a primeira apresentação do Brasil periférico ao leitor, de um país, a partir da Amazônia, ainda incógnito, mas que representava o ideal de construção nacional .


PALAVRAS-CHAVE: JOSÉ VERÍSSIMO. AMAZÔNIA. LINGUAGENS. SABERES. REPRESENTAÇÃO.

**AS MEMÓRIAS COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO NA TRAJETÓRIA POÉTICA
DE HÉLIO MELO: O QUE DIZEM SUAS PRODUÇÕES ACERCA DO HOMEM
SERINGUEIRO**

Gertrudes da Silva Jiménez Vargas
Universidade Federal do Acre

Maria Izauníria Nunes da Silva
Universidade Federal do Acre

O presente artigo tem por objetivo compreender a importância das memórias para a trajetória poética de Hélio Melo registradas em sua produção “O CAUCHO, A SERINGUEIRA E SEUS MISTÉRIOS”, visando organizar um quadro-síntese do repertório do homem seringueiro presente nesta obra. O trabalho foi ancorado nas reflexões sobre memória de Marc Bloc., Introdução a La Historia. Michel Foucault, Ordem do discurso. Julio Pinto. Uma memória do mundo: ficção, memória e história. Herbert Costa Levy. As obras de Hélio Melo e suas possibilidades interpretativas acerca do contexto acreano. Margarida de Souza Neves, História e Memória: os jogos da memória. Lucília de Almeida Neves Delgado. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. O objeto de pesquisa foi alcançado por meio do método da pesquisa qualitativo-exploratória e da técnica da entrevista não estruturada com três pessoas que conheceram e trabalharam com Hélio Melo e que fizeram uma evocação do passado buscando resgatar lembranças de falas e fatos vivenciados por ele. A partir da apreciação da obra “O Caucho, a seringueira e seus mistérios” e dos dados coletados nas entrevistas procurou-se identificar o repertório presente em sua obra capaz de demonstrar que Hélio Melo mesmo passeando por outras paisagens e tecendo outras pautas musicais nunca saiu de seu habitat natural; em cada palavra, nos gestos e produções, vê-se o seringueiro que alçou grandes voos mas sempre pousou no mesmo lugar – ali onde seu peito transbordava de recordações e sinestésias variadas, para falar e cantar seu cotidiano impregnado de tons e gestos nos traços e formas de uma lida seringueira que nunca abandonou sua essência. Hélio Melo seringueiro, pintor, músico, compositor, poeta e escritor nasceu dia 20 de julho de 1926 na Vila Antimari, Boca do Acre, divisa do Amazonas com o Acre. Sua infância e juventude foram marcadas por seu intenso contato com a natureza, cenário de suas construções mentais acerca da mata e seus mistérios nos seringais Floresta e Senápolis onde viveu até seus 33 anos de idade. Autodidata que com seu olhar atento acerca das “coisas da mata” como se referia ao imenso repertório nativo pintou singularidades do cotidiano com a delicadeza de quem tece uma rede




cujos fios entrelaçam sons, tintas e cores - com um jeito especial de denominar coisas e sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. SERINGUEIRO. MEMORIA. TRAJETÓRIA. POÉTICA.

CULTURA AMAZÔNICA: TRADUÇÃO, ORALIDADE E MEMÓRIA NA ARTE E NA POÉTICA DE WALTER FREITAS

Marlize Borges de Lima
Cásper Líbero - São Paulo

Este trabalho tem como objetivo principal trazer contribuições aos estudos de cultura brasileira e amazônica, através dos processos de criação e mediação em arte e comunicação, que estão no trabalho artístico-cultural de Walter Freitas, escritor, dramaturgo, músico e compositor paraense. Procura-se compreender a dimensão de sua arte: o quanto ela pode fazer ressoar a amazonidade e o conhecimento fundamental desta cultura e ainda ativar uma certa memória coletiva, uma vez que a tradução da cultura amazônica presente na produção artística deste autor é repleta de fatos que dizem respeito a todo um conjunto social. Freitas realiza, portanto, um trabalho de arte, cultura e comunicação, que ganha dimensões universais. Na música, no teatro ou na literatura, constrói e reconstrói poéticas que cumprem o seu papel de forma alternativa. Na linguagem sonora cria uma nova estética musical, quando insere ritmos, compassos irregulares, estruturas harmônicas e melódicas complexas e sonoriza, com maestria, os subdialetos indígenas e africanos. Na linguagem cênica escreve em versos e procura sempre trabalhar a questão do teatro a partir de uma perspectiva experimental. Aborda temas sociais, políticos e culturais (de forma poética), apresentando sempre um material muito rico de reflexão a respeito das tradições na Amazônia. Comparecem os temas da migração dos povos ribeirinhos, da preservação da floresta e outras referências, que trazem à tona questões universais inerentes à condição humana, mesmo partindo de elementos desta cultura, em particular. Na literatura, Freitas apropria-se 'fisicamente' da linguagem popular e a potencializa. Traz de volta expressões em desuso, acrescenta novos termos aos dialetos indígenas e africanos (já existentes) e chega ao requinte de inaugurar uma linguagem nova, ao criar sinais gráficos (acentos invertidos, apóstrofes no início, meio e final das palavras) para significar peculiaridades de pronúncias, sonoridades, supressão de letras e fonemas. Deste modo, suas obras de arte verbo-visual-sonoras, da primeira à última sílaba, da primeira à última nota e à última cena, se constituem em sequências desdobradas em caleidoscópio, que, passando pelos mosaicos, finalmente concretizam a estrutura de uma unidade. Para abordar os conceitos de tradução cultural e mediação em arte/comunicação, a pesquisa fundamenta-se na Semiótica da Cultura, através dos




semioticistas Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Paul Zumthor, entre outros. Nos territórios da comunicação e da cultura, as teorias de Jesus Martin Barbero, Serge Gruzinski e Boaventura de Souza Santos e outros autores, que pensam o Brasil e a América Latina como lugares de ‘multiconfluências’ de elementos diversos. E sobre noções de mestiçagem, cultura popular, oralidade e memória, foram utilizados os estudos de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO. CULTURA. AMAZÔNIA. ORALIDADE. MEMÓRIA.

**DESENHO INFANTIL: A REPRESENTAÇÃO DE DOIS PERSONAGENS DAS
NARRATIVAS ORAIS TRADICIONAIS DO MUNDO AMAZÔNICO – CURUPIRA E
MAPINGUARI**

Maria Izauníria Nunes da Silva
Universidade Federal do Acre

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa em andamento que tem como objetivo analisar os sentidos da linguagem dos desenhos de um grupo de crianças com idade de cinco e seis anos da escola de Educação Infantil Hélio, em Rio Branco-AC. O trabalho está ancorado na teoria histórico-social de VYGOTSKY (2007, 2000, 1987), cuja questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para este teórico, o homem é produto da interação dos aspectos biológicos e sociais dentro de um tempo e espaço, em processo permanente de construção histórica. Em sua teoria Vygotsky enfatizou o papel da linguagem e da aprendizagem no processo de desenvolvimento. Para ele o desenvolvimento é fruto de uma grande influência das experiências do indivíduo. O desenho da criança fornece preciosas informações sobre o seu desenvolvimento. A criança não desenha o que vê, ela desenha o que sabe e sente no momento em que desenha. Essa representação muda ao longo dos anos, de acordo com a experiência de vida e com o conhecimento de novas linguagens expressivas. Segundo alguns estudiosos, o desenho infantil passa por diversas etapas/fases, conforme seu desenvolvimento global. Para a criança, desenhar é uma maneira de lidar com a realidade que a cerca, representando situações que lhe interessam. O trabalho com desenho dá significado ao mundo imaginário da criança, mas para que a ela desenvolva essa linguagem é preciso ser estimulada pelo adulto. O desenho é uma forma da criança expressar o que sente e pensa sobre si mesma e o mundo. Além de VYGOTSKY, (2007, 2000, 1987), o trabalho dialoga com autores que se dedicaram ao estudo desenho infantil, como LUQUET (1969), LOWENFELD E BRITAIN (1970), MÈREDIEU (2006), PILLAR (2012), RABELLO (2014) FERREIRA (1996), WECHSLER E NAKANO (2012), DERDY (2015), BÉRDAD (1998) e autores que trabalham com a questão da amazonicidade, dentre eles: ALBUQUERQUE(2016), VALDI VIGINI; LOUIZE VIGINI E NETTO(2014), AMARAL(2014), FREIRE(2014), SOUSA(2009), MELO(2000), BARAHUNA(1998), MIGUÉIS(1987). Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa em educação, com elaboração e análise de desenhos a partir de dois contextos distintos; história do Curupira, considerado



o defensor da floresta e história do Mapinguari, monstro da floresta. A partir da revisão bibliográfica realizada, percebe-se que vários autores se debruçaram sobre o estudo do desenho infantil, e que apesar das diferentes perspectivas abordadas, há uma convergência de que o desenho precede a escrita e que revela muito do mundo individual e social das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: DESENHO INFANTIL. LINGUAGEM.

IMAGINAÇÃO. REPRESENTAÇÃO. CRIATIVIDADE.

INTERTEXTUALIDADE E OUTRAS REFERÊNCIAS POÉTICAS EM JORGE TUFIC

Diogo Sarraff Soares
Universidade Federal do Amazonas

Jorge Tufic (13 de outubro de 1930) é um poeta brasileiro natural de Sena Madureira-AC, que ainda em sua adolescência passou a morar na cidade de Manaus, onde se integrou ao Clube da Madrugada, movimento modernista do Amazonas que a partir da segunda metade do século XX contestou a cultura local, que era academicista, reformulando-a e aproximando-a do restante do país. Por meio do movimento, o poeta acriano realizou uma profícua produção poética entre as décadas de 1950 e 1980, obra que é caracterizada por técnicas poéticas variadas. Tendo como base o procedimento mimético, o presente trabalho trata a respeito desta estratégia que os poetas do Clube da Madrugada utilizaram para estabelecer diálogo com os modernistas brasileiros, retomando textos em um processo que indica filiações estilístico-temáticas. O poeta Jorge Tufic, em seu livro de estreia, *Varanda de pássaros*, publicado em 1956, utiliza-se deste artifício em alguns poemas para fazer referência a textos não só da tradição modernista, mas também da tradição popular. No livro ele alude, em “Poemas”, ao fazer poético de Carlos Drummond de Andrade e também aos olhos verdes em “Menina dos olhos verdes”, como já haviam feito os trovadores da tradição medieval portuguesa e Luís Vaz de Camões em uma de suas redondilhas. Neste trabalho, realiza-se a leitura dos poemas de Tufic, destacando, no primeiro, a estilística que se inspira no estilo de Drummond e, no segundo, as temáticas que se originam através da alusão aos olhos verdes de Camões e das cantigas trovadorescas. Com este estudo, objetiva-se realizar, como metodologia de interpretação dos poemas, uma leitura de caráter mimético, assegurando que Tufic utilizou este procedimento para dialogar com grandes poetas do cânone nacional e universal. Por fim, espera-se contribuir para a crítica de um poeta que, tendo grande relevância na poesia amazonense, ainda é pouco lido.


PALAVRAS-CHAVE: INTERTEXTUALIDADE. PROCEDIMENTO MIMÉTICO. POESIA.

**LINGUAGEM, MEMÓRIAS E PRÁTICAS CULTURAIS: UM ESTUDO EM
COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO VALE DO MAMORÉ/RO, NA
FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA**

Aline Ferreira de Moraes
Universidade Federal de Rondonia

Jamita Santos Tirina
Universidade Federal de Rondonia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é reconstituir e registrar alguns aspectos da linguagem, das memórias, e das práticas culturais em comunidades ribeirinhas do Vale do Mamoré, na fronteira Brasil/Bolívia. Os dados serão coletados a partir de diálogos informais, da realização de entrevistas e de registros fotográficos. Ressalta-se que a população que reside na região é, na maioria, descendente de migrantes nordestinos, bolivianos e negros, remanescentes de comunidades quilombolas do Vale do Guaporé. Objetiva-se contribuir para o registro, o reconhecimento e a valorização da linguagem, da memória e dos modos de vida dos moradores das comunidades ribeirinhas do Vale do Mamoré, na fronteira Brasil-Bolívia. O estudo está sendo norteado pelos seguintes questionamentos: Quais as marcas identitárias linguísticas evidenciadas na fala de moradores das comunidades ribeirinhas do Vale do Mamoré, em Guajará-Mirim/RO? De que forma essas marcas contribuem para a constituição e valorização da História, e da Cultura da população rural-ribeirinha do Vale do Mamoré? Quais as práticas culturais cultivadas pelos moradores das comunidades ribeirinhas do Vale do Mamoré? Os dados estão sendo coletados e analisados a partir dos princípios teóricos e metodológicos da História Oral e pela reconstituição das memórias e das identidades dos sujeitos da pesquisa. Na coleta, descrição e análise dos dados da pesquisa, utilizamos como aporte teórico-metodológico os estudos dos seguintes autores: Delgado (2006) e Halbwachs (2003), que discutem sobre memória, história e modos de subjetivação; Portelli (2010), que concebe a história Oral como arte da escuta e usos da memória; Laraia (2001), que apresenta um conceito antropológico de cultura; Hall (2016), cuja obra discute sobre os temas: representação, cultura, linguagem e sentido; Fraxe (2004), que discute sobre a cultura rural-ribeirinha, destacando os mitos, as lendas e a transculturalidade; Bortoni-Ricardo (2011), que na obra “Do Campo para a cidade”, apresenta um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais; e Loureiro (2015), que na obra “Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário” apresenta aspectos da cultura, história e imaginário do povo Amazônia. Os



resultados preliminares evidenciaram que a linguagem utilizada pela população rural-ribeirinha do Vale do Mamoré representa a identidade linguística e cultural do referido grupo de falantes e também, que as práticas culturais contribuem para valorização da cultura e história do município de Guajará-Mirim (RO), na fronteira Brasil/Bolívia.

PALAVRAS-CHAVE: LINGUAGEM. CULTURA. MEMÓRIA. PRÁTICAS CULTURAIS.

**ORALIDADE E IDENTIDADE RIBEIRINHA EM “TRILHA D’ÁGUA”, DE
ALCIDES WERK**

Everton Vasconcelos Pinheiro
Universidade Federal do Amazonas

Priscila Vasques Castro Dantas
Universidade Federal do Amazonas

Nesta comunicação, trataremos de questões da oralidade e da identidade ribeirinha em “Trilha d’água”, de Alcides Werk. Nesta obra, ouvimos ecoar vozes caboclas, visualizamos faces de seu cotidiano, por meio de uma poesia que, carregada da oralidade do universo cultural amazônico, mostra-se de um ritmo quase musical e, a partir dessa oralidade, apresenta ao leitor uma identidade ribeirinha, na qual se revela uma paixão pela terra e pelas relações que com ela e nela se estabelecem. É dessa perspectiva, portanto, que olharemos para “Trilha d’água” neste trabalho. Para tratar de questões que permeiam a oralidade, recorreremos a Paul Zumthor, em sua obra “Performance, percepção, leitura” (2007), a José Miranda Justo, no texto “Caminhando por um círculo imperfeito – Ernesto de Sousa: estética, palavra e tempo”, prefácio à obra “Oralidade, futuro da arte?” (2011), de Ernesto de Sousa e, ainda, a José Guilherme dos Santos Fernandes, com “Escritura e oralidade: versões e ficções da Amazônia”, presente na obra “Diversidade cultural: temas e enfoques” (2006). Vamos ainda a T.S. Eliot, com a obra “Notas para uma definição de cultura” (1996) e à Ana Pizarro, com “Imaginário y discurso: la Amazonia” (2005), para tratar sobre a unidade e a diversidade em uma mesma região. No que tange à questão das identidades amazônicas, recorreremos a João de Jesus Paes Loureiro, na obra “A arte como encantaria da linguagem” (2008) e a Samuel Benchimol, com “Amazônia – Formação Social e Cultural” (2009).

PALAVRAS-CHAVE: ORALIDADE. IDENTIDADE RIBEIRINHA. ALCIDES WERK.

Cilene das Mercês Barreto Nabiça
Universidade Federal do Pará

Ver-o-Peso – Corpo Espalmado em Imagens e Sons adentra o universo das imagens e dos sons das intervenções cotidianas produzidas por trabalhadores do Complexo do Ver-o-Peso – maior feira a céu aberto da América Latina – e do centro comercial em seu entorno, localizados em Belém (PA). Considerando esses espaços como um Corpo Espalmado Movente – proposição da pesquisadora em seu mestrado –, que compreende a totalidade urbana e humana como uma imensidão, espaço obrado dinamicamente espalhado, fragmentado, organismo em expansão regido por suas movências. A partir da experiência em tradução visual e sonora, por meio de fotografias, gravações em áudio e criação de bulas que tentam retratar a paisagem de sons desse corpo movente, exercidas por uma Etnografia de Passagem, descubro a dinâmica cultural desse universo do trabalho, traçando meus próprios caminhos e refazendo-os sempre que necessário, mantendo-me perto e dentro. De passagem, percebo a Semiosfera desse corpo, baseada nos estudos do semioticista da cultura Iúri Lotman; seu estado de Liminalidade, conceito de Victor Turner; e as correlações entre Trabalho, Obra, Arte-Ação, apoiada nas teorias de Hannah Arendt. No atravessamento entre diversas linguagens, aproprio-me da Intermedialidade, presente em Claus Clüver; dos princípios da Música Aleatória, representada por John Cage; e da Paisagem Sonora, explorada por Murray Schafer e Carlos Fortuna. Os resultados são desenhados por esses tecidos fotográficos – ensaio de imagens recriadas pelas frestas saturadas do Ver-o-Peso; além de uma (inicial) grafia sonora, mapas construídos a partir das ocorrências sonoras das paisagens.

PALAVRAS-CHAVE: VER-O-PESO. CORPO ESPALMADO MOVENTE.

TRADUÇÃO VISUAL. TRADUÇÃO SONORA.


VER-O-PESO[:] _POESIA EM POSTAIS DO[S] SUBMUNDO[S]

Raphaella Marques de Oliveira
Universidade Federal do Pará

Ver-o-peso[:] _poesia em postais do[s] submundo[s] valoriza o acaso e os encontros cotidianos, atravessando campos de ciência para exercer artisticamente a subversão da linguagem. por uma escrita performática, o corpo-linguagem da pesquisadora pratica poeticamente conceitos, enfrentando o corpo do outro, do texto e o da cidade. a partir de uma experiência corpo[+]gráfica pelos labirintos do Complexo do Ver-o-Peso – maior feira livre da América Latina, localizada em Belém-PA e considerada cartão postal – encontro as pessoas e os lugares que não estão nos cartões postais da cidade, mas que constroem diariamente as narrativas sub_escritas da história [!] esta pesquisa, apresentada inicialmente como dissertação de mestrado em forma de livro de artista, é resultado da vivência por entre os submundos do ver-o-peso, conceito inspirado no mundo subscrito do poeta paraense Max Martins e entendido como as entrelinhas da cidade, de uma Belém marginalizada, contadora de histórias que só existem nesses submundos. aberta aos encontros com feirantes, benzedeadas, prostitutas, traficantes, batedores de carteira, vendedores ambulantes, etc., me infiltro nos labirintos da feira [inspirada na corpografia urbana de Paola Jacques], em todos os seus imbricamentos de tempos, silêncios, cenas e lugares [o transtempo, do escritor paraense Benedicto Monteiro]; compreendendo a passagem do filosófico para o poético [a viragem, do filósofo paraense Benedito Nunes em traduções sobre Heidegger]; na própria existência das pessoas [baseada na estética da existência de Foucault]. _transtempos e viragens da existência corpografada de uns submundos_ . ou: ratos deslizando uns sobre os outros [segundo o rizoma, de Deleuze]. isso tudo vivido e escrito, feito em formas de postais poético-narrativos que subvertem os cartões-postais que priorizam imagens da arquitetura da feira e pouco/quase nada contemplam os sujeitos dali. a cada encontro com as pessoas dos submundos do ver-o-peso, o que me dizem retrato em forma de postal _sem foto, sem desenho, a única imagem são as palavras. seguido de uma crônica para cada momento desse, sobre cada postal poético-narrativo. artisticamente, a pesquisa localiza-se no tempo da poesia e constitui uma coleção de crônicas experienciadas esteticamente no ver-o-peso. [além de uma escrita intuitiva, inspirada por obras de poetas brasileiros, especialmente da Amazônia paraense]. cientificamente, atravessa os campos da Arte, Filosofia e Comunicação e compila metodologias, sendo ao mesmo tempo uma poética autoetnográfica e uma corpografia rizomática poética.[:] juntas, arteciência, fazem uma reunião de escritos, de palavras e imagens, do mundo sub_escrito do ver-o-peso, do resultado dos encontros com as pessoas de lá: do submundo.



PALAVRAS-CHAVE: VER-O-PESO. POESIA. POSTAL. SUBMUNDO. PALAVRA-
IMAGEM/PALAVRIMAGEM.



ST 28 - POÉTICAS ORAIS
AMAZÔNICAS: NARRATIVAS DAS
CULTURAS POPULARES E SEUS
TRÂNSITOS E DIÁLOGOS

A COLÔNIA CINCO MIL (1975-1983): NOTAS DE PESQUISA

Rodrigo Monteiro de Carvalho
Universidade Federal do Acre

Discussão bibliográfica sobre os principais eventos e histórias (mitos fundantes) do período de 1975 a 1983 da Colônia Cinco Mil, igreja do Santo Daime na liderança de Sebastião Mota de Melo (Padrinho Sebastião) a partir Froes (1984), Silva (1986), Couto (1989), Mortimer (2000; 2004), Polari (1984; 1993), MacRae (2000). Esse período de oito anos trata da formação de uma nova expressão de comunidade daimista, na capital acreana sendo marcado pela chegada de muitos viajantes e outras referências culturais que serão incorporadas ao grupo, início das investigações do governo federal as religiões da Ayahuasca (Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal) e ainda migração do “povo do padrinho” do Acre para o Amazonas, primeiro ao seringal Rio do Ouro perfazendo um número de 260 pessoas que depois de maneira epopéica se dirigem para o Céu do Mapiá em 1983, tendo essas migrações características messiânicas associadas a “relembrar e replantar” as Santas Doutrinas. A Palavra de Sebastião é o verbo encarnado de São João na terra. Nosso objetivo está em aproximar as discussões bibliográficas e para análise do material utilizaremos, Raymond Williams (1977), Bosi (1979) Le Goff (2003), Stuart Hall (2007) e Alessandro Portelli (2010) para uma abordagem dos estudos sobre cultura, memória, identidade e história oral em consonância com a pesquisa em andamento no PPGLI, UFAC. PALAVRAS-CHAVE: COLÔNIA CINCO MIL. SANTO DAIME. HISTÓRIA ORAL. MEMÓRIA.

Andréa Almeida Campelo
Universidade Federal do Acre

O presente trabalho versa sobre a presença do mito no processo histórico de formação do território que hoje conhecemos por Amazônia. Partiremos da análise do que é o mito, suas funções e características. Faremos um breve relato do processo histórico de construção do território amazônico e como isso repercutiu na vida dos nativos que aqui já estavam antes da chegada do europeu, e que por conta do processo de colonização sofreram aculturação, silenciamento de suas línguas, apagamento de suas culturas, além do extermínio de inúmeras etnias que aqui viviam. Como referencial utilizaremos autores como Mircea Eliade, Marilena Chauí, Lévi-Strauss, Terry Eagleton, Márcio Souza, Hardman, Zigmunt Bauman, dentre outros. A proposta deste texto é refletir sobre os mitos e as lendas da região amazônica a partir dos relatos do Frei Gaspar de Carvajal, membro da expedição de Orellana, e como essas narrativas interferiram na construção do que é a Amazônia hoje e na constituição dos traços identitários do homem amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: MITO. AMAZÔNIA. CULTURA. IDENTIDADE. INDÍGENA.

BOTO COR-DE-ROSA: UMA “HIPERNARRATIVA” SOBRE GÊNERO E RAÇA PARA ALÉM DA COMARCA AMAZÔNICA

Aquésia Maciel Góes

Universidade Federal do Acre

Partimos da proposição que a narrativa do boto cor-de-rosa metaforiza em primeiro lugar a questão racial, considerando que a cor rosa do boto alude à cor branca do forasteiro que chega à Amazônia. Em segundo, aborda a questão de gênero interseccionado à raça, pois este estranho tem uma relação inter-racial, efêmera, com a mulher amazônica/ribeirinha – portanto não branca, nem física nem socialmente embranquecida. Essa mulher se encontra em uma possível situação de vulnerabilidade, sem uma proteção masculina, que segundo a cultura patriarcal se faz necessária para sua integridade. A narrativa transitória oralmente através de sua reprodutibilidade artesanal, e em diversas mídias através da reprodutibilidade técnica. Por isso, analisamos a narrativa oral comparada ao filme *Ele*, o Boto, trabalho dirigido por Walter Lima Jr. lançado em 1987 e o curta-metragem *Boto*, episódio da web-série *Imaginário*, dirigido por Bruno Esposti, lançada na plataforma YouTube em 2016. Dialogamos com os aportes teóricos de Walter Benjamin ([1936] 2003) para tratarmos a narração do boto como uma “hipernarrativa” que reverbera para além da comarca cultural amazônica atingindo dimensão massiva. Pensamos que a partir dessa reprodutibilidade ocorre uma exacerbação da mesma, reproduzindo discursos, através de imagens, que explicitam as relações hierárquicas de gênero e raça presentes na sociedade. Na presente comunicação buscamos elucidar através de produções audiovisuais inspiradas no Boto, a violência presente nas entrelinhas da narrativa romantizada. Para isso, nos embasamos nos estudos decoloniais de Lugones (2008) que abordam questões de Colonialidade e Gênero, e nos escritos de Aníbal Quijano (2005) que refletem sobre Colonialidade e Poder. As pesquisas supracitadas nos oferecem suportes para compreender as questões raciais e de gênero implantadas na América Latina a partir da colonização e suas incomensuráveis consequências.

**PALAVRAS-CHAVE: BOTO COR-DE-ROSA. GÊNERO E RAÇA.
COLONIALIDADE. REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA.**

Ana Maria de Carvalho
Escola Municipal João Paulo II

Falar de memória e oralidade remete ao folheto de cordel, nele a palavra, a imagem e a voz se cruzam. A seu respeito é possível dizer que eles se situam entre a fronteira da escritura e da voz, fronteira que não deve ser entendida como separação, mas como continuidade e complementação. Nesse caso o verso impresso seria essa continuação e complementação do oral, tendo em vista que embora seja uma produção escrita, sua transmissão não ocorria somente por meio da leitura silenciosa e individual. Ela também se dava através da leitura oral que se materializava nas leituras comunitárias feitas nas rodas de terreiros. A leitura em voz alta também era um meio do poeta vender seus folhetos nas feiras, uma vez que eram lidos alguns trechos das narrativas para chamar a atenção do público leitor. No que diz respeito à temática desta comunicação, é proveniente da pesquisa realizada no mestrado, na qual dou destaque aos cordéis sotádicos de Antonio Juraci Siqueira, autor paraense. Em geral, as classificações dos cordéis são para fins didáticos, distribuindo-se em blocos que podem ser temáticos ou baseados na sua estrutura. Ao pesquisar sobre elas encontrei classificações temáticas sobre: religião, cangaço, amor etc. No entanto, nesta comunicação darei destaque às narrativas que versam sobre o deslocamento do nordestino para a Amazônia, em busca de ganhar dinheiro nos seringais, a partir dos cordéis de Antonio Juraci Siqueira e de outros escritores paraenses. O objetivo desse trabalho é analisar esses cordéis e lê-los como um texto cultural, capaz de dizer algo sobre esse processo de mudança, de adaptação do novo espaço e da troca de saberes entre os migrantes e os nativos. Assim, podemos olhar o folheto de cordel e suas narrativas também como um modo de transmissão dos fatos ocorridos, dos acertos e decepções vividas na época da borracha pelos migrantes nordestinos. Informações estas, que podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Por meio desse olhar podemos trabalhar com o folheto de cordel em sala de aula (espécie de paradidático, texto de apoio), com o intuito de provocar discussões sobre a tradução do oral para o escrito; a interpretação e compreensão textual decorrente da leitura dos mesmos; fazendo uma análise da memória literária presentes nessas narrativas. A discussão apresentará os pressupostos teóricos baseados em Salles (2003), Alves Sobrinho (2003), Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (2006), Helder Pinheiro e Ana C. Marinho Lúcio (2001), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: ORAL. ESCRITO. SABERES.

MITOS E IDENTIDADES: AS REPRESENTAÇÕES DA COBRA NAS NARRATIVAS INDÍGENAS DA REGIÃO DO VALE DO JURUÁ

Leandro Faustino Polastrini

Universidade Federal de Mato Grosso

Este trabalho objetiva-se a apresentar uma reflexão sobre as representações da cobra nas narrativas, histórias e/ou mitos de alguns povos indígenas da região do Vale do Juruá – Acre, entrelaçando suas temáticas e refletindo sobre as questões culturais e identitárias que as compõem. A metodologia de estudo quanto ao objetivo é qualitativa e quanto aos procedimentos é bibliográfica. Foram utilizadas para esta análise as seguintes histórias e/ou narrativas: O dono do “pitsithari” - A história do arco-íris e O segredo da cobra, que estão publicadas nos livros: Shenipabu Miyui: história dos antigos (1995) e na Enciclopédia da Floresta (2002). A primeira narrativa, Ashaninka, conta a história de um dos costumes tradicionais dessa cultura, que era o de tingir a sua vestimenta, o *cushma*, com o barro, atividade designada somente às mulheres. Nesta narrativa/mítica há a representação da *sucuri* (cobra) como sendo a dona do *pitsithari*, que é o barro, também símbolo do arco-íris para esta cultura, a cobra seduz uma jovem da aldeia a conduzindo para seu mundo, onde ela passará a viver. Pode-se entender de acordo com a desenrolar da história que cobra é representada como símbolo de fertilidade e também como guardiã do universo mágico e paralelo ao dos Ashaninka, ora ela aparece como parente ora como ser mítico. Já na segunda narrativa, Kaxinawá, conta-se a história de um menino indígena que foi raptado por uma cobra que o cria como seu aprendiz. Destarte, a cobra é representada como símbolo da sabedoria (totem), pois é ela quem instrui o menino na arte da caça e da guerra, fazendo com que ele se torne um exímio caçador e também guerreiro. Para este trabalho buscou-se as narrativas de autorias indígenas, preferencialmente, já publicadas. Pois, os indígenas brasileiros perceberam que registrar e codificar suas línguas e culturas seriam formas de sobrevivência e resistência, fator que fez com que a educação escolar indígena atendesse à necessidade da produção de materiais paradidáticos de acordo com as línguas e culturas de cada grupo étnico. Portanto, quando a escrita começa a fazer parte das culturas indígenas, os substratos culturais, cosmológicos etc. que eram prerrogativas da oralidade, agora, são transcritos e/ou registrados pela escrita.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVAS INDÍGENAS. MITOS.
REPRESENTAÇÕES DA COBRA E IDENTIDADES.


NATUREZA E SOBRENATUREZA: A SERPENTE NO IMAGINÁRIO POPULAR NO QUILOMBO DE MATA CAVALO, N^a S^a DO LIVRAMENTO – MT

Mário Cezar Silva Leite
Universidade Federal de Mato Grosso

Ronaldo Henrique Santana
Universidade Federal de Mato Grosso

A imagem da serpente constitui um dos mais importantes arquétipos da história humana, presente em diferentes mitos cosmogônicos e estruturas simbólicas. Perfaz incontestável engrama do simbolismo da transformação temporal, do princípio da fecundidade, guardião dos mistérios do tempo e da morte, além de ser um símbolo eminentemente ambivalente, polissêmico e plurissemântico. Considerando as complexas e multifacetadas conformações da imagem-serpente, buscamos investigar numa comunidade negra rural, denominada Quilombo de Mata Cavallo, as representações/aproximações simbólicas sobre as cobras a partir de narrativas orais dos moradores. A comunidade rural de Mata Cavallo está situada no município de Nossa Senhora do Livramento-MT, a 50 km da cidade de Cuiabá, com uma área de 11.722 hectares onde vive aproximadamente 420 famílias, que vivem em contato direto com o ambiente natural da região, que se caracteriza pela interseção de ecótono entre o bioma pantanal, cerrado e floresta amazônica. Partimos do pressuposto que a imagem da serpente nesta comunidade se apresenta em universos que se entrecruzam, entre natureza e sobrenatureza, com assentamentos religiosos. Assim, fundamentamo-nos nos estudos de cultura e estudos do imaginário para discorrer e analisar o objeto, além da descrição de cunho etnográfico da comunidade para compreendermos a dinâmica e os enredos que perpassam o cotidiano de seus moradores e, por conseguinte, a relação com as cobras daquele ambiente. Segundo os relatos registrados, a serpente em Mata Cavallo é apresentada com características humanas, antropomorfizada a partir de elementos como vingança, rancor, astúcia e perspicácia contra aqueles que as atinge. O animal também está associado ao símbolo vegetal durante os processos de cura, ao demônio judaico-cristão, negativamente simbolizado por alguns moradores que as eliminam por esta associação. Assim, a serpente se estabelece no imaginário popular de Mata Cavallo que se desloca em diferentes planos no processo de culturalização da natureza, no trânsito desfronterizado em que vai circular, entre o universo simbólico o mundo sensível.

PALAVRAS-CHAVE: SERPENTE. IMAGINÁRIO. QUILOMBO DE MATA CAVALLO.



ST 29 - PROCESSOS E QUESTÕES
EM TORNO DA QUESTÃO DA
CIRCULAÇÃO LITERÁRIA, CULTURAL
E LINGUÍSTICA NA AMÉRICA LATINA

A COLONIALIDADE DO SABER E SEUS REFLEXOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTO LITERÁRIO

Julianne Rodrigues Pita
Universidade Estadual do Ceará

Este trabalho busca discutir como a colonialidade do saber se insere no contexto do ensino de língua portuguesa em caráter literário, buscando refletir acerca do perfil eurocêntrico do ensino de língua materna da Educação Básica no Brasil. A pesquisa tem como referencial teórico autores da área de letras, sociologia e filosofia. Os principais desses autores são Azibeiro (2016), Bosi (2012), Candido (2000), Castro-Gómez (2013), Cereja (2009), Dussel (2013), Holanda (2013) Lander (2013) e Quijano (2013). Os eixos de análise são a concepção do conhecimento colonialista e as leis educacionais sobre o que deve ser proposto no ensino de nossa língua vernácula. Trata-se de um confronto ideológico entre as “verdades eurocêntricas” disseminadas no ensino de língua portuguesa e a análise dos documentos que o regem. A partir do estudo efetuado, munidos do conceito de colonialidade do saber, constatamos a existência da influência europeia em contexto escolar no ensino de língua portuguesa em contexto literário.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO. COLONIALIDADE DO SABER. LÍNGUA PORTUGUESA. EUROCENTRISMO. CULTURA.

**A VOZ DOS BOOKTUBERS: NOVOS CAMINHOS DA CIRCULAÇÃO
LITERÁRIA**

Ana Lucia Trevisan
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Os booktubers protagonizam mais um fenômeno de interatividade presente na internet e estão compondo um panorama inovador para pensar e discutir as relações entre textos, autores e leitores. Este trabalho analisa a fala de Booktubers latino-americanos a fim de identificar qual conceito de literatura subjaz aos comentários e resenhas feitos sobre diferentes obras literárias, pertencentes a variados contextos históricos e culturais. Propõe-se a reflexão sobre os modos de configuração de modelos de leitura bem como os paradigmas que são postulados como definidores do texto literário. No momento em que os Booktubers propagam e divulgam os textos da literatura surge a objetivação da recepção, no seu aspecto sócio histórico mais abrangente, assim, é possível problematizar os conceitos da teoria literária contrapondo a voz dos Booktubers e a dinâmica do sistema literário, fundamentado por Antonio Candido. É possível pensar o fenômeno dos booktubers como uma espécie de laboratório vivo para refletir sobre crítica literária, na medida em que os booktubers, tornam-se mediadores de leitura e formando parte dos elementos externos que compõem a dinâmica do sistema literário.

PALAVRAS-CHAVE: BOOKTUBERS. AMÉRICA LATINA. LITERATURA. SISTEMA LITERÁRIO. INTERNET.

ANTROPOFAGIA, CORPOS ABJETOS E TEORIA QUEER NO ENTRE-LUGAR DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Marcelo Spitzner

Universidade Federal de Santa Catarina

A Antropofagia é uma prática literária que propõe uma estratégia específica para refletir sobre a identidade/experiência brasileira. Decorre disso o fato de que a Antropofagia foi lançada como um termo modernista como tentativa de resgatar corpos e práticas abjetos brasileiros sem perder a percepção das ideias externas que estavam “viajando” para o Brasil. Tal perspectiva criou um duplo movimento entre teoria e prática que é precisamente o movimento entre Antropofagia e abjeção e também práticas brasileiras e modelos de experiência exógenos. Se a Antropofagia pretende incorporar - através da deglutição - o corpo externo (ou as teorias), e o que Kristeva chama de abjeção é precisamente a remoção do corpo do outro, como reconciliar esses modos de operação conflitantes? Embora, por um lado, essas práticas possam entrar em conflito umas com as outras, por outro lado, elas têm a vantagem, pode-se argumentar, de tornar visíveis os corpos queer. A abjeção, em outras palavras, embora não livre da ambiguidade, também é produtiva: vidas e preocupações queer tornam-se visíveis e viáveis, embora em um espaço imaginário liminar, muitas vezes sob o olhar antropofágico. Volto-me para a “abjeção” e para o espaço liminar do “entre-lugar” (Silviano Santiago) como termos críticos para explorar as várias estratégias literárias dos autores brasileiros, como Caio Fernando Abreu e Herbert Daniel, que nas décadas de 1970 e 1980 exploraram vidas, temas e sujeitos queer. Assim, neste trabalho, o “queer” informa tanto a discussão teórica como as representações literárias a serem analisadas. Como veremos, alguns autores encontrarão formas de lidar com a abjeção de diferentes formas, desde a sublimação e ao desaparecimento até a aceitação de seus próprios corpos abjetos, como demonstrará Herbert Daniel.

PALAVRAS-CHAVE: ANTROPOFAGIA. ABJEÇÃO. QUEER. ENTRE-LUGAR. IDENTIDADE.

**ASSIMILAÇÃO CRÍTICA, APROPRIAÇÕES E “PENSAMENTEAÇÃO” NO
TEXTO MARIOANDRADINO**

Sheila Praxedes Pereira Campos
Universidade Federal Fluminense

No estudo do processo de criação de Macunaíma, é possível detectar em Mário de Andrade uma forma assaz autoconsciente de um discurso metaficcional de apropriação, principalmente ao considerarmos os diversos mecanismos utilizados com o intuito de “misturar o Brasil todo”, como ele explica em carta a Cascudo. Cerca de 20 anos depois, no ensaio oriundo da palestra em comemoração aos 20 anos da Semana de Arte Moderna, “O movimento modernista”, de 1942, Mário declara: “Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e minha terra”. Essa declaração, embora já sem o fervor entusiasmado da juventude, revela como o autor era extremamente consciente daquilo que estava se apropriando e modificando ao lidar com o processo de transferências literárias e culturais. Dessa forma, ao identificar e “pensamentear” os trâmites e mecanismos na construção de Macunaíma, Mário apresenta sua obra como sendo um modelo de como a questão do nacional deveria ser enfatizada e como isso, necessariamente, passava pela criação/estilização de uma “língua brasileira”. Sua “cópia” deliberada de Koch-Grünberg é muito mais do que uma simples “cópia” ou do que a superposição da infinidade e diversidade de materiais combinados. À frente do seu tempo, o ofício de bricoleur por ele exercido está mais para um bem elaborado processo de assimilação crítica em que diversos textos dão origem a um novo texto. Está, assim posto, o caráter híbrido e inovador de uma obra que vai da cultura popular à erudita problematizando, de forma crítica e irônica, questões de nossa identidade cultural – cerne do projeto modernista. É o que esta comunicação intenta discutir.

**PALAVRAS-CHAVE: MÁRIO DE ANDRADE. MACUNAÍMA.
APROPRIAÇÃO. ASSIMILAÇÃO CRÍTICA.**

**CULTURA E LITERATURA NA AMÉRICA LATINA, O ESPAÇO CULTURAL
AMAZÔNICO E A LITERATURA INDÍGENA**

Isabel Maria Fonseca

Universidade Federal de Roraima

Partindo do reconhecimento das literaturas americanas enquanto parte do processo de expansão de longa duração da cultura e da literatura europeia, o presente trabalho tem por objetivo discutir as peculiaridades das formas de manifestações literárias amazônicas, em particular, dentre as manifestações das culturas literárias latino-americanas, como um todo. Para tanto, a abordagem da presente comunicação dá ênfase tanto às formas de permanência e de atualização peculiares das textualidades produzidas pelos povos originárias das américas, os povos indígenas, quanto à transposição e à adaptação dessas mesmas textualidades para outros campos da produção do conhecimento (como os campos da etnografia e da literatura, por exemplo); a comunicação também se empenha em discutir o modo como grupos bastante diversos e diferenciados de escritores americanos de diferentes nações do extremo norte da América do Sul têm incorporado uma tradição discursiva que vem pouco a pouco se adensando em torno das problemáticas, das personagens e das autorias indígenas.

**PALAVRAS-CHAVE: LITERATURAS AMERICANAS. LITERATURA
AMAZÔNICA. LITERATURA INDÍGENA.**

**DESENREDO, MACUNAÍMA E A TRADIÇÃO ORAL INDÍGENA:
METACONTÍSTICA E O NARRADOR BENJAMINIANAMENTE (DES)
CONFIÁVEL**

Roberto Mibielli
Universidade Federal de Roraima


Do narrador a seus ouvintes há distâncias plenas de enganos, incomunicabilidade, certezas e silêncios, questões calcadas no lastro moral do narrador, na sua forma de lidar com o verossímil, na presença de fatos dados como já conhecidos, que permitem, por exemplo, o emprego de ironia, de lacunas a serem preenchidas e/ou do sugestionamento do leitor de modo a levá-lo a concluir e fabricar sentidos que não pertencem originalmente ao texto. Escrito ou oral, o texto literário adota procedimentos que lhe conferem características como a confiabilidade, a verossimilhança, os implícitos, o estilo, as marcas intertextuais (e, em alguns casos intertexturais). Este trabalho, fruto de um estudo em andamento, busca discutir, num ciclo restrito a Mario de Andrade, João Guimarães Rosa e Narradores Indígenas, um projeto de perspectiva da narrativa moderna brasileira, ensaiado pelos dois autores, com base na perspectiva da narrativa oral, tanto em Macunaíma, quanto no conto Desenredo. Debate-se inicialmente o modo como o desprezo pela oralidade não permitiu que se percebesse na narrativa marioandradina e rosiniana um projeto de migração da atenção/intenção vanguardista da forma para a linguagem, em sua performance oral, e do quanto isso enriqueceu a vanguarda de nossa modernidade em relação a outras.

PALAVRAS-CHAVE: MÁRIO DE ANDRADE. JOÃO GUIMARÃES ROSA. NARRATIVA INDÍGENA. ORALIDADE E LITERTURA. MODERNISMO E PROJETO DE VANGUARDA.

DO REGIONAL AO UNIVERSAL: GUIMARÃES ROSA EM DIÁLOGO COM GRACULIANO E PICASSO

Marli Fantini Scarpelli
Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais

Ángel Rama, diz Antonio Candido, faz parte de uma “geração crítica” de intelectuais “participantes” e “desmitificadores” que “transformaram a cultura latino-americana numa fecunda mediação entre a dimensão nacional e a universal.” Em *Transculturación narrativa en América Latina*, 1984, Rama identificará, na “nova narrativa” que desponta em 1920, indícios do “sistema literário comum” a regiões latinoamericanas, incluindo o Brasil. Assim como seus contemporâneos hispânicos, modernistas brasileiros como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa souberam conciliar técnicas vanguardistas aos repertórios temáticos de suas regiões. É assim que, décadas depois, ocorre a “síntese inesperada” que produzirá o traço mais original e fecundo das nossas literaturas, “a penetração das técnicas renovadoras das vanguardas no universo regionalismo, na obra de Arguedas, Juan Rulfo, García Marquez, Guimarães Rosa”, dentre outros. Assim como as obras literárias supra citadas, *Guernica*, de Picasso, não se reduz à representação de um acontecimento meramente histórico ou político. O testemunho referencial do bombardeio é filtrado pelo sentimento de consternação e pela visão epifânica que invadiram o artista, e é essa dimensão estética extremamente humanizadora que fará do painel cubista uma obra prima a ultrapassar acontecimentos datados. Em criativo diálogo com Adorno, em suas reflexões sobre a impossibilidade de se fazer poesia após Auschwitz, Argan (2010, p. 592) postula que “Picasso quis fazer e objetivamente fez o quadro mais importante do século XX (...) um quadro depois do qual não há nada a dizer, e nada pode ser dito porque não há mais possibilidade de discurso”. Não obstante a admirável importância da crítica de Argan, abrimos um parêntese para endossar a postulação de Foucault, segundo o qual, diferentemente daquele, o “discurso” funda na linguagem aquilo que se perdeu no real, na história. Precisamente porque desejamos algo que nos foi efetiva ou imaginariamente subtraído, é que nos é dado enunciá-lo em alguma forma de linguagem, seja ela verbal, performática ou imagética. Em síntese, porque se perde, porque falta algo de fundamental, é que “a ausência [se torna] o primeiro lugar do discurso”. Em síntese, a tensão do regional com o universal é o objeto central deste trabalho, que privilegia, numa perspectiva



comparatista, o diálogo, mediado pelas vanguardas europeias, entre o episódio “matança dos cavalos”, do romance Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, com o romance testemunhal Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos (ambos os autores emblemáticos do “super-regionalismo” brasileiro) com o painel cubista Guernica, de Pablo Picasso, três obras atravessadas por experiências extremas de violência, bestialização e trauma.

PALAVRAS-CHAVE: REGIONALISMO E VANGUARDA NA AMÉRICA LATINA. ANGEL RAMA. ANTONIO CANDIDO. GUIMARÃES ROSA. GRACILIANO E PICASSO.

EM QUAL LÍNGUA?

Fábio Almeida de Carvalho
Universidade Federal Fluminense

Diante da emergência de uma literatura indígena no sistema cultural brasileiro e latino-americano, a presente comunicação se propõe a discutir a situação dos escritores indígenas brasileiros frente à questão da necessidade de uso da língua portuguesa e do desejo de uso das línguas indígenas no fazer literário. Para tanto, a comunicação propõe uma abordagem em perspectiva comparativa da situação vivenciada pelos escritores indígenas brasileiros com aquela vivenciada pelos escritores africanos, que antes dos indígenas brasileiros tiveram de enfrentar problemas que guardam similaridades entre si. Descontadas as devidas diferenças do caso dos escritores indígenas brasileiros e do caso dos escritores nativos de Angola, bem como as reações divergentes que os dois casos têm suscitado na história cultural brasileira e angolana, a questão parece interessante para que se possa pensar problemas atinentes à questão da posição autoral frente a noções como o original e o próprio, senão também sobre o impróprio e o derivado.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA INDÍGENA. LITERATURA AFRICANA. AUTOR/AUTORIA.

LA NOCHE DE TLATELOLCO - TESTEMUNHO, HISTÓRIA ORAL E VIOLÊNCIA

Livia Maria de Freitas Reis
Universidade Federal Fluminense

A partir dos anos 1990, em todo o mundo, e também na América Latina, no campo dos estudos de literatura, assistimos a uma explosão de produções oriundas das minorias e/ou de gêneros não canônicos. Proliferaram textos escritos por mulheres, produções queer, de minorias étnicas e escrita de subalternos, todos incluídos no que se tornou conhecido por literatura de testemunho. Junto às novas textualidades, também surgiu um forte pensamento crítico teórico que acompanhou a trajetória das novas escrituras. A partir da constatação que nos últimos anos as literaturas das margens voltaram a ganhar força no nosso campo de estudo, este texto pretende revisitar a literatura testemunho, através de um texto emblemático, e pouco conhecido no Brasil, La noche de Tlatelolco, de Elena Poniatowska, publicado em 1971. O texto apresenta um testemunho coletivo, através de uma delicada compilação de testemunhos de diferentes personagens, que ajudaram a escrever a outra história, dos eventos ocorridos na Plaza de las Três Culturas, na Cidade do México, no dia 2 de outubro de 1968, quando em meio a uma onda de protestos de estudantes, a violenta ação repressiva as forças armadas, resultou na morte de centenas de jovens. Além dos testemunhos organizados por Poniatowska, os eventos de outubro de ainda estão vivos na memória e na história recente do México, como um momento de grande explosão de violência, que ocorreu apenas 10 dias antes dos Jogos Olímpicos, sediados naquela cidade. Conhecidos como os Jogos da Paz, em contradição com o próprio ano de 1968, que entrou para a história como um momento de repleto de rebeliões protagonizadas por estudantes, em diferentes partes do mundo. A atualidade da pesquisa e do movimento de escuta de vozes que testemunharam/ viveram o trágico momento apresentada por Poniatowska se justificam na medida em que essas textualidades nos ajudam a pensar e refletir sobre acontecimentos reais, cortados pela violência, que frequentam nossas narrativas até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: TESTEMUNHO. HISTÓRIA ORAL. VIOLÊNCIA.

MILTON HATOUM E A CIRCULAÇÃO LITERÁRIA E CULTURAL

José Luís Jobim
Universidade Federal Fluminense

Milton Hatoum é um dos escritores contemporâneos de língua portuguesa mais traduzidos, e uma das explicações para esta circulação de sua obra é a presença de temas que despertam grande interesse em outros países. Se considerarmos somente a língua inglesa, que abrange internacionalmente um grande número de leitores, e também serve de base privilegiada para traduções em outras línguas, temos: *The Brothers* (Dois irmãos); *Orphans of Eldorado* (Órfãos do Eldorado); *Ashes of the Amazon* (Cinzas do norte); *Tale of a Certain Orient* (Relato de um certo Oriente). Todos estes livros, de uma maneira ou de outra, tematizam a região amazônica, região de origem do autor, que é também foco de interesse de movimentos internacionais ecológicos e ambientalistas muito populares. Sua última obra, *A noite da espera*, ao mesmo tempo confirma algumas tendências anteriores e traz novidades. Em nossa comunicação, vamos formular hipóteses sobre o sentido desta última obra e sua conexão (ou não) com as anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: MILTON HATOUM. CIRCULAÇÃO LITERÁRIA E CULTURAL.

Eduardo de Faria Coutinho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Como a Literatura Comparada é uma disciplina que já surgira sob o signo da transversalidade, não somente por transpor as fronteiras das nações e/ou dos idiomas que serviam de base para o estudo das literaturas nacionais ou pertencentes a um mesmo sistema lingüístico, como também pela interdisciplinaridade com relação tanto às demais formas de manifestação artística quanto a outras searas do conhecimento, ela foi marcada na segunda metade do século XX por um acirramento do diálogo entabulado com as demais disciplinas, particularmente no que diz respeito à troca de conceitos e categorias e à interferência de objetivos de uma área na outra. Neste texto, focalizaremos algumas amostras representativas deste diálogo, principalmente no que concerne às relações entre o comparatismo e algumas das correntes mais recentes do pensamento que com ele se têm imbricado, como os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, ou a áreas do conhecimento que com ele vêm mantendo hoje um acentuado intercuro, como a própria História e a Geografia.

PALAVRAS-CHAVE: COMPARATISMO. TRANSVERSALIDADE. DIÁLOGO CULTURAL. ESTUDOS CULTURAIS. ESTUDOS PÓS-COLONIAIS.

ÓRFÃ DE ESPAÇO COMUM: UMA AMAZÔNIA EM QUE O ESPAÇO MIGRA/ MUDA DE FUNÇÃO NA LITERATURA

Anna Paula Ferreira da Silva
Universidade Federal de Roraima

Órfãos do Eldorado traz como epígrafe os versos de A Cidade, de Konstatinos Kaváfis. Tal poema propicia uma percepção prévia e prenuncia o papel de destaque que a categoria do espaço assume na obra de Milton Hatoum. O espaço literário é um componente essencial para construção das narrativas de ficção, por esse motivo, em nossa pesquisa, o escolhemos como elemento norteador. Trata-se de uma categoria que se molda e é moldada conforme a necessidade do texto. Pode representar e (re)criar novas realidades, tornando a narrativa dinâmica e com marcas temporais. Na maioria das vezes espelha e reflete os sentimentos das personagens, possibilitando a criação de um cenário fantástico quando construção da psique. No geral, entre essas e outras, há também a possibilidade de um mesmo espaço ser transformado pelo contexto histórico, político, social e literário ganhando roupagens diversas. Dessa forma, partindo de Órfãos do Eldorado, procuramos verificar e comparar a forma como o espaço amazônico é constituído e se apresenta (circula) nos textos Contos Amazônicos, de Inglês de Sousa, Chove nos Campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir e Nará Súé Uarená, de Nenê Macaggi. Interessa-nos entender, nessas criações literárias, como se dá a transição e a construção do espaço amazônico, no tempo, e como isso é refletido e representado nas obras em questão, constituindo-se, assim, uma imagem da Região.

PALAVRAS-CHAVE: ESPAÇO AMAZÔNICO. TRANSIÇÃO. AMAZÔNIA.

ÓRFÃOS DO ELDORADO, UMA CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA E SÓCIO-HISTÓRICO-FILOSÓFICA

Eduany da Luz Siqueira

Centro Universitário Barão de Mauá

O estudo “Órfãos do Eldorado, uma contextualização literária e sócio-histórico-filosófica” apresenta a proposta de analisar o romance Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum, a partir de um olhar literário estabelecendo diálogos com as vertentes sociológica, histórica e filosófica de conhecimento, cujo enfoque analítico se justifica por entender que, para a criação literária, principalmente no tocante à referida obra narrativa, o escritor entende como ponto de partida o contexto social, histórico e filosófico de uma determinada época, atendendo assim às premissas da mimesis aristotélica. Embora buscar elementos extrínsecos na abordagem literária não seja uma prática comum para alguns críticos literários, observa-se, entretanto, que os aspectos que transcendem a fonte literária é comum à escrita de Hatoum, por conta de ser uma obra em que ocorre criação de um complexo painel narrativo que soma a ficção à contextualização sócio histórica e filosófica da existência humana agregada à riqueza de detalhes da movimentação do Ciclo da Borracha em Manaus. Dentro desse princípio, ainda se observa o enfoque psicológico a partir de tipos humanos comuns à época colocando-os em constante reflexão sobre si e sobre a condição do outro.

PALAVRAS-CHAVE: ANÁLISE. LITERATURA. HISTÓRIA. FILOSOFIA.

OS CAUSOS POPULARES NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

João Antolino Monteiro

Universidade do Sul de Santa Catarina

Nos anos 70, no interior no município de Imbituba/SC, assim como em várias partes do Brasil, não havia a presença dos meios de comunicação de massa, como a televisão, e o rádio ainda era acessado por poucas famílias; logo, as alternativas de lazer eram poucas e muito diferentes das que temos hoje. Isso não quer dizer que as pessoas não tinham atividades de lazer, sendo que era comum, depois do trabalho na roça, a família ficar reunida a escutar histórias e causos, que tinham diversas temáticas, personificando heróis e mitos, que eram contados pelos membros mais velhos da família ou da comunidade, cuja motivação era o ensinamento, o resgate do que as lembranças do passado podem trazer se transformando assim esses encontros em momentos de lazer. Essas histórias que eram contadas ainda continuam sendo contadas e por mais que sejam repetidas ainda mantém a mesma forma. O Objetivo deste trabalho é discutir como a memória social presente nos contos populares se mantém. Como fundamento teórico, traremos, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, a função da memória discursiva, procurando entender como funciona a memória nos causos, a questão da autoria, que terá como objeto de análise um recorte de histórias apresentadas no filme *As Aventuras de Pedro Malazartes*, produzido por Amácio Mazzaropi, e de histórias obtidas a partir de conversas informais realizadas com moradores da comunidade de Sambaqui, Imbituba, que serão comparadas com as do filme, buscando compreender como está memória se mantém ao longo do tempo e em diferentes lugares

PALAVRAS-CHAVE: CAUSOS POPULARES. IMAGINÁRIO SOCIAL. MEMÓRIA.

**REPRESENTAÇÕES DO SERINGUEIRO EM EUCLIDES DA CUNHA
E MÁRIO DE ANDRADE: OLHARES PRETÉRITOS E PERCURSOS
ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS**

Cesar Garcia Lima

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ao percorrer as representações do seringueiro em À margem da história, de Euclides da Cunha (1909), e Dois poemas acreanos (I- Descobrimto e II – Acalanto do seringueiro), de Mário de Andrade (1927), este trabalho busca relacioná-las a produtos culturais do século XXI como o documentário audiovisual e o teatro, sob a perspectiva do Novo Comparatismo e suas possibilidades de vincular literatura, imagem e performance, a partir da abordagem de Eduardo F. Coutinho (2016). Expressões literárias significativas da visão do intelectual do Sudeste brasileiro sobre o operário da floresta, tanto os poemas de Mário quanto os textos de Euclides permanecem como paradigmas do olhar de aproximação do escritor de influência eurocêntrica sobre o outro, habitante da Amazônia. A fala do próprio seringueiro é subtraída sob o discurso dos autores. Ao estabelecer uma relação desses textos com o depoimento dos próprios seringueiros no documentário audiovisual Soldados da borracha, de minha autoria, e a releitura performática de Euclides em Arigós – Primeiros riscos da borracha, da Cia. Mundu Rodá, pretende-se abordar a questão da subalternidade problematizada por Gayatri Chakravorty Spivak (2010) em Pode o subalterno falar? e vinculá-la ao estabelecimento de uma identidade latino-americana. A pesquisa averigua, assim, como a ansiedade de integração nacional do modernista Mário e o cientificismo de Euclides, ao fazerem circular retratos distanciados dos seringueiros durante o século XX, abriram caminho para a fala dos chamados “soldados da borracha” e converteram-se também na antropofágica montagem de suas histórias em performance teatral que estiliza e fragmenta narrativas, fugindo da catarse. A proposta reflete, dessa maneira, não apenas de quem se fala, mas as possibilidades de novas leituras da narrativa euclidiana e dos poemas de confiança andradina.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. DOCUMENTÁRIO. TEATRO. NOVO COMPARATISMO.

**SOSTENIENDO EL BARCO CONTRA VIENTO Y MAREA – O PAPEL
DE EDITORAS INDEPENDENTES PARA A CIRCULAÇÃO DE OBRAS
LITERÁRIAS NA AMÉRICA LATINA: O CASO DA EDITORA ARGENTINA
FINAL ABIERTO**

Karina Lima Sales

Universidade Federal de Minas Gerais

O número de editoras independentes na Argentina tem crescido cada vez mais. Segundo a última edição do “Libro blanco de la industria editorial argentina”, publicado pela Câmara Argentina de Publicações (CAP), as pequenas editoras, com publicação de até 20 títulos por ano, representam 51% do conjunto de editoras do país e foram responsáveis, em 2016, por 11% do total de títulos publicados. Embora a categoria “independente” seja polissêmica e seja estudada sob diferentes enfoques, no que se refere a essa realidade de Argentina, não se pode deixar de considerar que essa multiplicação de pequenas editoras esteja vinculada a um movimento social específico, no qual a crise do mercado editorial somou-se à crise econômica e política de 2001 e, nesse contexto, o surgimento de editoras independentes respaldou-se em projetos culturais de âmbito coletivo, cuja tônica principal foi a busca de saídas para a crise por meio de estratégias de resistência cultural. Esse primeiro momento de criação heroica e pioneira de editoras independentes, associado à situação econômica e política do país, estava associado a formas de contraculturas que originaram organizações como a Feria del Libro Independiente y Alternativo (FLIA), de retórica abertamente política e de resistência cultural, ou a Aliança de Editores Independentes (Edinar), com uma visão mais empresarial de mercado, lutando também pela visibilidade das publicações independentes nas vitrines das pequenas e grandes livrarias. Hoje, os pequenos empreendimentos editoriais (estimam-se até 400 editoras argentinas independentes) movimentam-se e são o motor da bibliodiversidade e inserem-se em um dinâmico cenário cultural que conta com o fortalecimento de eventos como a Feira de Editores (FED), que reuniu mais de 8000 pessoas em 2017. Embora os números possam parecer otimistas, diversos são os desafios enfrentados por uma editora independente no processo de editar uma obra, imprimi-la, distribuí-la e fazê-la circular. Para discutir esses aspectos, o presente trabalho pretende centrar-se no caso da editora argentina Final Abierto. Com 10 anos de existência, a Final Abierto coloca a público livros organizados em três coleções. A primeira coleção, Inédita, com sete livros publicados, possui a proposta de editar textos de ficção inéditos na Argentina de ontem

e de hoje. Já a Coleção Crítica, com oito títulos de não ficção, traz discussões de pensadores e intelectuais nacionais e internacionais com temáticas sociais diversificadas. A Coleção Vanguarda possui quatro títulos publicados até agora, com a proposta de trazer a público a vanguarda literária latino-americana, com textos sempre precedidos de cuidados estudos introdutórios de renomados críticos. No site da editora, a Final Abierto é apresentada como “un proyecto ideológico/cultural amplio, que intenta rescatar el pasado y dar espacio a las nuevas camadas de escritores, artistas e intelectuales para poner al pensamiento crítico nuevamente en el centro de la escena. Como parte de esto es que presentamos esta editorial independiente que desde la ficción y la no ficción intenta contribuir al debate político/cultural”. E, regida por esse projeto ideológico / cultural, a Editora Final Abierto segue seu curso, sustentando o barco contra “o vento e a maré” das forças adversas. A editora assume como seu norte a tarefa de superar a fronteira nacional argentina, publicando e fazendo circular produções ficcionais e não ficcionais de autores de distintos países de América Latina, para que essas produções sejam lidas e discutidas para além dos espaços de origem dos escritores. Assim, o presente texto pretende refletir sobre esses aspectos, bem como as estratégias utilizadas pela editora independente para a publicação e circulação das obras literárias que constam de seu catálogo, em sua atuação como força de resistência cultural em um panorama editorial.


PALAVRAS-CHAVE: EDITORAS INDEPENDENTES ARGENTINAS.
FINAL ABIERTO. CIRCULAÇÃO LITERÁRIA. RESISTÊNCIA
CULTURAL.

**TRADUÇÃO E DIÁSPORA: A LITERATURA DO SURINAME TRADUZIDA
PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL**

Julio Cesar Neves Monteiro
Universidade de Brasília

Ainda largamente desconhecida do público mundial, a literatura do nosso vizinho Suriname é uma agradável surpresa, uma vez vencidos os percalços para ter acesso a ela. Uma das razões a que se pode atribuir o fato de a literatura surinamesa permanecer um bem-guardado segredo é sua produção ocorrer em uma língua de menor difusão, o neerlandês, mas a isso somam-se outras questões. Muito conhecida na ex-metrópole, circula pouco em traduções mundo afora. Esta comunicação tem como objetivo lançar luz sobre a possibilidade de que se possa estabelecer um diálogo entre os sistemas literários brasileiro e surinamês por meio da tradução para o português brasileiro de, entre outras obras, romances históricos surinameses, em especial os que têm a diáspora como tema. O Brasil e o Suriname compartilham uma história de migrações forçadas e relatos sobre essas migrações perpassa o sistema literário de ambos os países. presume-se que o leitor brasileiro possa se interessar pela representação desses temas que lhe são tão familiares e que se disponha a ler literatura surinamesa traduzida para o português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: SURINAME. LITERATURA. DIÁSPORA.
TRADUÇÃO.



ST 30 - PRÓPRIAS CARTOGRAFIAS
ALHEIAS - LITERATURA, CULTURA E
MOBILIDADES LATINOAMERICANAS

A CANÇÃO DE PROTESTO “LATINO”-AMERICANA DAS DÉCADAS DE 60 E 70: TRÂNSITOS E DISSOLUÇÕES FRONTEIRIÇAS

Letícia Porto Ribeiro
Universidade Federal do Acre

Marcello Messina
Universidade Federal do Acre

Nossa proposta tem como objetivo analisar como a ideia de uma união “latino”-americana foi proposta por músicos de protesto de diferentes países nas décadas de 60 e 70, realizando, simultaneamente, uma abordagem crítica do conceito de América “Latina”. A canção de protesto fez parte do cenário cultural na América “Latina” durante a década de 60/70 em diferentes países, seja no Movimiento del Nuevo Cancionero Argentino, na Nueva Canción Chilena e Uruguaia ou na Nova Trova Cubana, para citar somente alguns exemplos. Em muitas dessas canções havia propostas de união dos povos latino-americanos contra a exploração de classe, contra a exploração estadunidense ou em prol da construção do socialismo. A composição musical se dava, também, buscando transpor fronteiras nacionais - com uso de instrumentos e ritmos de países vizinhos, por exemplo. Além de reconhecer o potencial de articulação inerente a essas propostas, queremos aqui identificar as implicações de raça, etnia e classe incorporadas no significante América “Latina”, discutindo de forma crítica as importantes exclusões que esse termo implica e determina. O apoio metodológico se dará por meio da teoria decolonial, principalmente em autores como Mignolo e Dussel, e pelas reflexões acerca do conceito de “povo” e de “nação” trazidas por Bhabha.

PALAVRAS-CHAVE: NOVA CANÇÃO. CANÇÃO DE PROTESTO. AMÉRICA LATINA. FRONTEIRAS. DECOLONIALIDADE.

A CORRELAÇÃO ENTRE OS MITOS ERÓTICOS INDÍGENAS E A LITERATURA ERÓTICA DE GEORGES BATAILLE

Rafaella Dias Fernandez

Universidade Federal do Pará

Moqueca de Maridos – mitos eróticos indígenas (1997), assinado por Betty Mindlin e narradores indígenas, narra os mitos de seis povos de Rondônia: os Makurap, Tupari, Wajuru, Arikapú, Djeoromixí e Aruá. São seis tribos que falam línguas diferentes e possuem tradições distintas. O livro propõe uma leitura desconcertante, nos mitos há tortura, violência, vingança, autofagia, antropofagia, incesto, estupro e várias formas de mutilação. Todas essas imagens de violência exacerbada quebram o imaginário idílico em torno dos índios. O que percebemos na leitura é a subversão dos paradigmas em torno dos indígenas e a riqueza por trás desse imaginário tão desconhecido. A compreensão dos mitos revela que a distância entre nós e eles vai muito além das fronteiras geográficas: as tribos estão no território nacional, porém pouco conhecemos de sua cultura. As imagens de violência erótica e de antropofagia presentes no imaginário indígena nos possibilita associá-las à literatura erótica de Georges Bataille. A leitura de mitos indígenas, como Moqueca de Maridos e da novela História do Olho (1928) de Georges Bataille, nos propõe um imaginário onde os personagens agem conforme seus desejos e impulsos. Aparentemente esses dois mundos nada possuem em comum, mas após uma leitura investigativa, percebemos que há pontos em que eles convergem. Em que sentido existe uma correlação entre os mitos eróticos indígenas e a literatura erótica de Georges Bataille? Essas duas obras, longe de serem conflitantes, flagram a relação intrínseca que há entre dois campos literários tidos como distintos. Assim, nosso objetivo é propor uma análise comparativa entre os mitos indígenas eróticos e a novela História do Olho, revelando a condição primordial que norteia todos eles: o erotismo.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA COMPARADA. MITOS. EROTISMO.

A LINGUAGEM DO CORPO E DO CABELO NEGRO: DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADE NEGRA E A APROPRIAÇÃO CULTURAL NO BRASIL

Andressa Queiroz da Silva
Universidade Federal da Bahia

Temos visto recentemente um debate no Brasil pelos meios midiáticos, mais intensificado nas redes sociais via internet, sobre o tema da apropriação cultural nos discursos dos indivíduos, principalmente quando falamos da cultura negra ou afro-brasileira do país. O passado histórico e a formação sociocultural do Brasil sofreu muita influência da diáspora africana, afinal foram cerca de 12,5 milhões de negros africanos que foram trazidos para terras brasileiras sob a condição da escravização, influenciando estas que estão além da comida, dança, música, língua etc. As tranças afros, o black power e dreadlocks que outrora eram característicos do cabelo da população negra por possuírem o cabelo crespo ou encaracolado e também símbolo de resistência e luta por ser fora do padrão de beleza liso, ganham destaque e aceitação no século XXI. Entretanto, essa aceitação muitas vezes só é direcionada quando os estilos de cabelos acima citados são usados por pessoas brancas, o que gera bastante debate sobre apropriação cultural e/ou apagamento cultural do povo negro. Assim, o presente estudo objetiva realizar diálogos acerca da apropriação cultural da cultura afro-brasileira no Brasil, especificamente sobre o indivíduo negro e o cabelo negro (crespo e encaracolado). Para alcançar tal objetivo utilizaremos para embasamento teórico Laraia (2009), Canclini (2008), Bernd (1988) e Amanda Braga (2015), entre outros. Chegamos à conclusão de que para compreendermos a apropriação cultural diante de um país multicultural como o Brasil precisamos compreender que apropriação é uma relação de poder e/ou colonização entre cultura inferior, dominada, negra, versus cultura superior, dominante, branca, analisados sob o ponto de vista coletivo, não individual. Ademais, é necessário ver a apropriação da cultura negra perante o racismo, a cultura hegemônica e o eurocentrismo.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE NEGRA. CULTURA AFRO-BRASILEIRA. CULTURAS HÍBRIDAS. CORPO NEGRO. CABELO NEGRO.

**ATRAVÉS E ALÉM DO RIO—A MOBILIDADE DA LÍNGUA EM JOSÉ MARÍA
ARGUEDAS**

Ezilda Maciel da silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

A comunicação tece o fio argumentativo do texto literário como lugar desde onde as mobilidades migratórias transculturais podem viabilizar o acesso às diversidades culturais disseminadas pelo continente americano. Tomando como objeto de análise a obra *Os Rios Profundos*, de José María Arguedas, e afinando-se às interlocuções críticas entre a Teoria Literária, os Estudos Culturais e Estudos Pós-coloniais lançados por estudiosos como de Édouard Glissant, Maria Bernadete Porto, Paul Zumthor, Zilá Bernd entre outros, o texto se propõe a refletir de que maneira as línguas heterogeneizam memórias, saberes e culturas, elas mesmos em constante deslocamento de sentidos. Assim a vivência e a prática das línguas serão tomados como paradigma para se pensar os processos culturais onde se estabelecem hibridismos entre as diferentes culturas que transmigram no espaço das Américas. Ao mapear os percursos da personagem Ernesto, o ensaio aponta ainda, os deslocamentos linguísticos, culturais e simbólicos através dos quais o texto literário representa as mobilidades migratórias transculturais de sujeitos, culturas e saberes pelo território das Américas. A culminância desse estudo reside, por conseguinte, na compressão de que a mobilidade das línguas viabilizam o acesso a culturas em constante deslocamento.

PALAVRAS-CHAVE: AMÉRICAS. HETEROGENEIDADE. LÍNGUAS.
MOBILIDADE.

**BORDAS DA FLORESTA, MARGENS DO SERTÃO – ITINERÁRIOS DO
MIGRANTE GUIMARÃES ROSA E MILTON HATOUM**

Andresa Dávila Silva de Oliveira
Universidade Federal do Acre

Esta comunicação propõe examinar a figuração do migrante em Um oriental na vastidão, de Milton Hatoum, e Orientações, de Guimarães Rosa, a partir da interlocução entre a Literatura Comparada, Teoria Literária e os Estudos Pós-Coloniais. Os dois contos expandem as redes dos lugares através do trânsito de personagens nacionais e estrangeiras na floresta e no sertão brasileiros, traçando pontes de interação entre culturas locais e globais, de tal forma a disseminar a errância de vozes des(re)territorializadas na trama das trocas intersubjetivas. As duas porções do lugar latinoamericano são habitadas por alteridades migrantes cujas experiências se (des)encontram no território da estrangeiridade da vida, tornada matéria-prima para ultrapassar as fronteiras do conhecimento de si e migrar por outras rotas das interconexões. Com olhares e vozes em deslocamentos, os narradores e personagens dos contos solidarizam-se, sobretudo, na travessia pela zona de fuga para além dos limites, vivendo a contingência disjuntiva de línguas, culturas e saberes. O contínuo roçar do tempo latinoamericano desnaturaliza a prática cartesiana de enclausurar o outro sobre a bandeira do mesmo, nascendo daí a constelação de humanidades provisórias que dão o tom da cartografia rosiana e hatouniana. Destarte, a figuração da floresta e do sertão traça o roteiro da vacância onde é preciso (re)aprender a traduzir o signo das cidadanias provisórias que fundamentam o deslocamento da voz, do olhar, do corpo e das memórias. Dentre as brechas dessas movências, estão desenhadas algumas pistas das mobilidades literárias através das quais Rosa e Hatoum exercitam a imagem da escrita como lugar de fragmentação, precariedade e instabilidade de quem narra e é narrado através das geografias do texto em seu movimento contínuo de (re)descoberta do intercâmbio entre os imaginários latinoamericanos.

PALAVRAS-CHAVE: MIGRANTE. ESTRANGEIRIDADE.

DESLOCAMENTOS.

**DISIDENCIA HOMOERÓTICA Y RESISTENCIA SEXUAL EN DOS POEMAS
DE EL INNOMBRABLE CUERPO DE EL DESEO (1992) DE VIOLETA
BARRIENTOS**

Carmen del Pilar Magdalena Suárez Pomar
Universidad Nacional Federico Villarreal

Una ciudad donde se expanden las cenizas del terror y la sombra de lo que significaría un cambio paradigmático en la economía de la sociedad peruana es el escenario para la aparición, hace 25 años, de *El innombrable cuerpo del deseo* de Violeta Barrientos. El 24 de julio de 1992 se publica en Lima *El innombrable cuerpo del deseo* poemario que está siendo considerado por la crítica como un antecedente para los estudios LGTBI en el Perú. Los ocho poemas que conforman este libro evidencian la presencia de un hablante lírico que subvierte patrones sexo-genéricos dominantes e incorpora formas de deseo que se alejan de lo hegemónico y abre nuevas posibilidades eróticas que escapan a la rígida moral impuesta por la sociedad patriarcal heteronormativa. En este sentido el propósito de esta investigación es rastrear las formas de disidencia homoerótica en la que convergen la propuesta de Jonathan Dollimore (1991) de “disidencia sexual” [sexual dissidence] y el concepto de “homoerotismo”, de uso frecuente en la investigación historiográfica LGTB, en dos poemas de *El innombrable cuerpo del deseo*. Estos son: *¿Quo Vadis?* y *Los nuevos amores*. Ambos poemas cuentan con importantes componentes homoeróticos en un marco histórico y sociocultural adverso donde los derechos humanos eran transgredidos por el propio estado y donde las minorías LGTB sufrían el castigo de la sublevación de este orden sexo-genérico. De ahí que hoy en día, la crítica revalore el libro como una joya de la poesía peruana interesante de analizar y estudiar en nuestros días.

PALAVRAS-CHAVE: DISIDENCIA HOMOERÓTICA. LGTBI.
HETERONORMATIVIDAD. RESISTENCIA.

ESCALAS DO ROMANCE, PAISAGENS DA DERIVA – O DESLOCAMENTO EM VIDAS PROVISÓRIA

Vanessa da Silva Pereira
Universidade Federal do Acre

Esta comunicação se apoia na análise da narrativa *Vidas Provisórias* (2013), de Edney Silvestre, lendo-a como lugar textual onde são sinalizadas algumas escalas intersemióticas e paisagens da deriva sobre o deslocamento de línguas, alteridades e memórias no contemporâneo. A metáfora da tenacidade da vida é a imagem caleidoscópica que alinha o romance de Silvestre, transladando o leitor para o universo das fronteiras simbólicas como estratégia para compreender a fugacidade do tempo-lugar e incentivar a pedagogia da fabulação solidária de corpos silenciados que têm a oportunidade de exilar-se da homogeneidade e viver a errância das provisoriiedades para além do mesmo. O trânsito pelas pátrias imaginárias de culturas como Chile, Suécia, Estados Unidos, França e Iraque aponta para a elaboração de escalas geográficas para as quais o narrador de Silvestre exercita a mirada estrábica, como diria Ricardo Piglia, diante da heterogeneidade do mundo em transformação. As duas personagens migram aquém das lembranças de seu lugar de nascimento, tendo de aprenderem a redigir histórias diárias cuja singularidade ganha volume na dinâmica coletiva de sujeitos tecidos de estrangeiridades. Do ponto aderente ao múltiplo, a grafia da paisagem da deriva se desdobra no transbordamento da experiência de viver no lugar estrangeiro, jogando os latinoamericanos na trama do deslocamento por entre as culturas do contato. Deslocar-se pela instabilidade dos atos é a premissa sobre a qual o narrador de Silvestre espalha sua visão de provisoriiedade, testemunhando a mobilidade das situações-limite, bem como aderindo à distância que ronda os sujeitos da narração. Assim compreendida, a narrativa de Silvestre escala e pinta paisagem da deriva, apostando no deslocamento como marca dos imaginários em travessia, por conseguinte, ponte de tradução da vida em movimento de devir.

PALAVRAS-CHAVE: VIDAS PROVISÓRIAS. DESLOCAMENTO. CULTURA. MEMÓRIA. TRADUÇÃO.

MARCAS DO LUGAR, REDES DE AFETO - MAPA DA ESTRANGEIRIDADE EM AMRIK E HANÓI

Aina de Oliveira Rocha
Universidade Federal do Acre

Este trabalho coloca em diálogo a escrita de Ana Miranda e Adriana Lisboa, tendo como foco principal examinar os romances Amrik (1997) e Hanói (2013), analisados sob a perspectiva dos estudos literários e pós-coloniais. Mapa e estrangeiridade serão os conceitos-chave sobre os quais haverá maior índice de reflexão, pois eles carregam as marcas do lugar de onde as personagens deslocam-se para além dos estratos da nacionalidade libanesa, americana, mexicana, brasileira, vietnamita, (re)construindo redes de afeto entre línguas, cultura, dança, trabalho, amizade, amor e ética no limiar das relações interplanetárias. Mapa assume, aqui, a interpretação de que o próprio texto das autoras projeta releituras das epistemologias narrativas do imaginário, apontando para configurações de encontros plurais em lugares heterogêneos. Em trânsito, as personagens cooperam entre si através da atmosfera da estrangeiridade como trilha de acesso à faceta do contato das gentes no contemporâneo, mas também entreposto para traduzir o contexto das tensões existentes entre o plano físico e simbólico das trocas e transferências culturais. O mapa da estrangeiridade é, assim, aberto ao leitor como paisagem literária rascunhada sob o clima da apetência à mobilidade das marcas do lugar e das redes de afeto, sugerindo a remodelagem dos gestos e das práticas de leitura frente à escrita romanesca. Pensada em escalas transfronteiriças, a escrita das autoras oportuniza, finalmente, uma viagem ao saber das culturas latinoamericanas conectadas às latitudes e longitudes da América do Norte e do Oriente, franqueando a interação da voz própria e alheia nas teias do literário, com seu dinamismo intersubjetivo e intercultural, portanto, lugar de hibridismos e desvios de toda sorte.

PALAVRAS-CHAVE: ALTERIDADE. ESTRANGEIRIDADE.
CARTOGRAFIAS.

TECENDO A TRAMA DAS NARRATIVAS GUAJAJÁRA/TENETEHÁRA: A ESTRUTURA DE UMA TRADIÇÃO

Lilian Castelo Branco de Lima

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

A presente pesquisa gravita em torno das Narrativas Indígenas Guajajára, buscando evidenciar suas características literárias e a estrutura destes textos seguindo os estudos de Vladimir Propp (2003), assim como o trabalho de Alan Dundes (1996) sobre a morfologia e estrutura dos contos indígenas norte-americanos. Delimitamos a investigação a uma amostra de narrativas, escolhida com base na preferência da comunidade, que apontou as histórias que mais gostavam de ouvir. Assim, como esta estudo determinou como sujeitos os indígenas Guajajára da aldeia Januária, para atender ao critério da viabilidade. Nesse contexto, investigar a partir da amostra “como se estruturam as narrativas dos Guajajára da aldeia Januária” é a questão central que nos movimenta na construção desta pesquisa, para tal organizamos este trabalho em torno das seguintes aspirações: Realizar uma abordagem históricoantropológica dos Guajajára da aldeia Januária, para situarmos os sujeitos e o campo desta pesquisa e nos dar embasamento para refletir sobre como se interrelacionam identidade-cultura-literatura, para então compreender a estruturação da literatura indígena e sua importância para o reavivamento cultural deste povo, no intuito de nos auxiliar a identificar como se estruturam as narrativas de conhecimentos tradicionais dos Guajajára e que elementos apresentam-se como variantes e invariantes. Para isso, delineamos uma pesquisa bibliográfica para dar suporte aos dados que foram apreendidos através da pesquisa de campo etnográfica, a qual constatou que essas narrativas apresentam a estrutura de contos da literatura popular de outros países, como também apresentam as funções apontadas por Propp e Dundes, contudo com marcas da identidade étnica indígena.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVAS INDÍGENAS. GUAJAJÁRA. CULTURA. IDENTIDADE. ESTRUTURA DO CONTO.

Simone de Souza Lima
Universidade Federal do Acre

Esta comunicação examina a narrativa Macunaíma, o herói sem nenhum caráter (1928), de Mario de Andrade, focando o recorte das mobilidades entre língua, cultura, alteridade e imaginário – instâncias de saberes onde se espalham vias plurais sobre a escrita marioandradiana. As redes intersemióticas dos trânsitos de Macunaíma se dão desde sua condição de vivência na borda das culturas amazônicas, passando pelas dicções do mundo oral e escrito, bem das paródias e paráfrases da memória dos discursos eurocêntricos. Os atritos da língua, natureza e cultura, em seu manuseio da heterogeneidade e pluralidade de cosmologias e cosmogonias, desterritorializam Macunaíma de uma raiz única e o fazem habitar a constelação do rizoma das regiões latinoamericanas, transmigrando pelas rasuras do pensamento francês e peruano, instalando, ainda, as fronteiras como zona de passagem articuladora de signos cujas rotações não cessam de girar, migrar e exilar-se nas tramas da fragmentação. Reconfigurado através da polifonia dos lugares, Macunaíma bordeja novos mapas geo-literários, geo-históricos, geo-antropológicos e geo-culturais, expandindo o contexto das epistemologias transfronteiriças, a tal ponto de esticar o intercâmbio latinoamericano. Assim, urge topografar os trases e trânsitos da voz de Macunaíma para pactuar outros gestos de leitura para além da espessura do já-dito e franquear a mobilidade das paisagens da letra marioandradiana.

PALAVRAS-CHAVE: TRÂNSITO. TOPO(GRAFIAS). ORALIDADE.
LITERATURA.

**TRÊS DAMAS LATINOAMERICANAS – AS FRONTEIRAS DO COMPARATIVISMO
EM ANA PIZARRO, TANIA CARVALHAL E ENEIDA MARIA DE SOUZA**

Amilton José Freire de Queiroz
Universidade Federal do Acre

Esta comunicação é um primeiro gesto de leitura que ensaia uma pauta argumentativa de estabelecer vias de compreensão sobre o lugar e a contribuição do pensamento comparatista de intelectuais da envergadura de Tania Carvalhal, Ana Pizarro e Eneida Maria de Souza na cena dos Estudos Literários Latinoamericanos. Qual cartógrafo em movimento pela atmosfera examinada, este trabalho se detém sobre o mapeamento das coordenadas teórico-críticas de obras como *Crítica Cult* (2002), *O próprio e o alheio - ensaios de literatura comparada* (2003) e *O Sul e os trópicos – ensaios de cultura latino-americana* (2006). Nesses livros, as três damas das letras latinoamericanas sobrevoam, diligentemente, as fronteiras do comparativismo, entreabrindo veredas investigativas coadunadas com o estabelecimento das redes de imbricação entre teoria, crítica e história literárias, sem fecharem os olhos para o ritmo intersubjetivo dos devires epistemológicos como garantia da mobilidade dos saberes literários. Protagonistas em seus respectivos locus de enunciação, as intelectuais exercitam o transbordamento da fronteira dos imaginários como estratégia para expandirem a visão do texto literário inspecionado dentro e fora do contexto das redes do saber em espiral. Destarte, serão empreendidas, aqui, atividades de interpretação balizadas pela finalidade de dimensionar em que medida a prática comparatista de Carvalhal, Pizarro e Souza promovem abalos sísmicos na espessura do campo da monovocalidade crítica, culminando com a cartografia da polifonia de fazeres e dizeres traduzidos, margeados e transmutados pelo texto literário e seu namoro com a faceta do cosmopolita do agora. A travessia pelo pensamento epistemológico de Tania, Pizarro e Souza será uma abertura semântica para revisitá-lo, desdobrá-lo e torná-lo mais substantivo nas dobras do lugar comparatista que olha para além da região e identifica o arquipélago do diálogo entre outros espaços de saberes, dinamizando, constantemente, as linhas de força do comparativismo latinoamericano. Na leitura fomentada neste trabalho, coteja-se, portanto, topografar uma prática comparatista embalada pelo próprio e o alheio, pela crítica da cultura e pela dinâmica do Sul e trópicos nas Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericanas.


**PALAVRAS-CHAVE: FRONTEIRA. COMPARATIVISMO.
LATINOAMERICANO. INTELECTUAIS.**

Jaidesson Oliveira Peres
Universidade Federal do Acre

Território dantes ocupado por uma diversidade de povos nativos, a Amazônia é resultado primeiramente da imaginação fantasiosa do conquistador. Sua gênese remonta aos discursos concebidos pela escrita dos europeus, os quais encontraram nela o suporte ideal para justificar suas ambições e propagar imagens preconceituosas que se espalharam mundo afora. Assim, a invasão do território é inaugurada por espanhóis e portugueses a partir do século XV por meio de intensas jornadas na cata de ouro e especiarias, conduzidas por um fator que figurara como fundamental para chegar aos rincões até então inexpugnáveis— as águas—, encaradas por esses estrangeiros como um universo mítico que inspirava proezas heroicas. Abundantes por todas as partes, os rios nesta região formam o ethos que confere sentido à vida amazônica. São eles que, além de fonte de abastecimento das cidades e de alimento das famílias ribeirinhas, caboclas e indígenas, ligam extensas áreas e possibilitaram e ainda possibilitam os trânsitos de línguas, culturas, comércio, religiões, conhecimentos. Com efeito, em um permanente diálogo com a natureza, os habitantes da região foram tecendo variadas formas de vida humana, no tocante ao trabalho, à organização social e às suas produções culturais. Espalhadas por imensas faixas de terras, essas pessoas, no entanto, compartilham alguns traços semelhantes em seu imaginário social, ocasião em que as fronteiras políticas parecem se diluir ante às incorporações, influências e trocas difusas. Posto que a Amazônia corresponde a uma imagem construída por um pensamento externo a ela, podemos depreender que a opinião manifestada pelas crônicas de missionários, relatos de viagem e relatórios científicos quando da exploração colonial, evidentemente, reflete a visão do dominador. Só mais recentemente movimentos intelectuais foram buscando trazer a lume e reviver a voz dos vencidos e suas práticas culturais marginalizadas, o que possibilitou a emergência de um novo olhar cultural acerca da região e a preservação de memórias ancestrais. Nessa perspectiva, desponta na Amazônia uma literatura em que a paisagem natural ainda é um referente contumaz, no entanto não deixa de abarcar em seu bojo a diversidade amazônica e a cultura popular. Assim, podemos citar o poeta brasileiro Thiago de Mello e o poeta peruano Jorge Nájjar, escritores que alcançaram reconhecimento além-fronteiras ao criar uma arte lírica oriunda da cidade identificada com o repúdio às injustiças históricas, valorização das práticas culturais locais e denúncia contra ação destruidora da natureza. O objetivo desta pesquisa

é identificar as confluências poéticas no contexto das Amazônias brasileiras e peruanas com base nas obras “Amazonas — Pátria da Água”, do poeta brasileiro Thiago de Mello, e “Malas Maneras”, do poeta peruano Jorge Nájjar, discorrendo sobre a importância do Rio Amazonas em ambos os autores enquanto uma teia constituidora de ethos, lugar de memória e lampejo para poéticas de cunho crítico-político. Indo ao encontro da compreensão atual de que se ocupam os estudos latino-americanos sobre os trânsitos identitários e múltiplos processos culturais, o estudo será baseado no conceito de cultura de Raymond Williams (1992), memória em Walter Benjamin (2012), decolonialidade em Walter Dignolo (2005), identidade em Édouard Glissant (2005), transculturação literária em Ángel Rama (2001) e a experiência poética em Gaston Bachelard (1997). Tal iniciativa se dá pela necessidade de conferir visibilidade à produção artística e cultural das Amazônias, geralmente com um alcance de circulação e recepção limitado. Constituí, outrossim, um ensejo para refletir acerca de significações culturais, aspectos da realidade histórico-social, processos de identificação amazônica, de modo a contribuir para a pesquisa literária da região de forma crítica, integrada, interdisciplinar e supranacional.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA DA AMAZÔNIA. POÉTICAS DAS ÁGUAS. PAN-AMAZÔNIA.



ST 31 - TRADUÇÃO,
INTERMIDIALIDADE E ADAPTAÇÃO
NA AMÉRICA LATINA

Lucas Furtado Esteves

Universidade Federal do Rio Grande do Sul


Este artigo faz uma reflexão sobre como as ferramentas de linguagem utilizadas por Daniel Galera tornam suas obras imagéticas e, em função disso, frequentemente sejam adaptadas para o cinema. Através de uma escrita que intenciona levar o leitor a uma imersão no universo da narrativa, o escritor constrói imagens detalhadas e realiza descrições que englobam a percepção sensorial do personagem para que essa imersão se concretize. Considerando essas características formais, o trabalho apresenta, a partir da metodologia da Crítica Genética, o processo de adaptação do livro “Até o dia em que o cão morreu” para o filme “Cão sem dono”, de Beto Brant, com o objetivo de verificar como o diretor conseguiu transpor para a linguagem audiovisual a escrita do autor. Realizando um processo que conta com improvisação de elenco e participação de não atores, Beto Brant mergulha no universo do autor e se mantém fiel à atmosfera presente no livro. Dessa forma, é possível identificar uma maneira diferenciada de realizar adaptações para o cinema, pois nela a maior preocupação não é reproduzir uma obra igual a que lhe deu origem, mas criar algo novo, capturando a subjetividade existente na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO LITERÁRIA. CINEMA. DANIEL GALERA. BETO BRANT. CÃO SEM DONO.

A TRADUÇÃO DE ARTES VERBAIS AMERÍNDIAS: ESPECIFICIDADES E DESAFIOS

Helena Lucia Silveira Barbosa
Universidade de São Paulo

O universo narrativo ameríndio possui uma produção extensa de poéticas ainda raramente registradas, traduzidas e publicadas. São mais de 150 línguas (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2017) e, conforme expõe Pedro de Niemeyer Cesarino, (...) Cada língua possui um mundo, uma construção de pensamento, uma estética e uma produção ritual. Se somarmos a isso o fato de que esses mundos são bastante distintos daqueles que deram origem às formas ocidentais de pensamento, então perceberemos a distância a ser percorrida para que haja uma compreensão mais efetiva dos referenciais intelectuais e criativos indígenas. Daí a necessidade de uma aproximação tradutória, que busca uma compreensão mais afinada de tais singularidades poéticas. (CESARINO, 2013, p. 7) Hoje percebe-se como tal esforço de tradução cultural profunda é essencial quando se discute a tradução de artes verbais ameríndias para o vernáculo. Entretanto, as primeiras documentações das tradições orais, que datam do século XVI, revelam como os cronistas da época distorciam as narrativas dos povos falantes do tupi-guarani pela escrita em prosa corrida e pelo viés da metafísica cristã (CESARINO, 2013), manipulando e silenciando as particularidades poéticas e metafísicas originais. O padre jesuíta José de Anchieta, por exemplo, imprimia na metafísica indígena a noção de corpo e alma e outras concepções estranhas ao pensamento ameríndio, de forma a naturalizar gradualmente sua manipulação. A partir do século XIX, a documentação das tradições orais começa a ser feita do modo mais sistemático com o trabalho de cientistas e viajantes e, na década de 1970, os materiais desenvolvidos passam a ser analisados com uma compreensão mais sofisticada das línguas e de suas configurações rituais e poéticas, revelando uma série de características das artes verbais até então incompreensíveis, como o paralelismo, o uso de metáforas e léxicos rituais, as enunciações polifônicas e o sistema de evidenciais (ou de modalidades epistêmicas), articulados a uma compreensão mais sofisticada dos gêneros da fala e de canto, de suas formas de aprendizagem, de suas configurações rituais e musicais. A tradução de artes verbais indígenas – como cantos rituais indígenas, por exemplo – deriva do encontro entre dois regimes poéticos e intelectuais: o da narração verbal e o da escrita, o das performances rituais e o do texto. Neste sentido, esta comunicação tem como objetivo central discutir as especificidades relacionadas à tradução escrita das



artes verbais ameríndias a partir do estabelecimento de um diálogo com outras áreas do conhecimento que têm se debruçado sobre o tema, como os Estudos Literários (ALMEIDA, 2014; DIAS, 2017), e, especialmente, com a etnologia ameríndia, que discute um ponto essencial: a variabilidade ontológica existente entre o pensamento ameríndio e o pensamento ocidental (CESARINO, 2013; GALLOIS, 2001; LA CADENA, 2015; VIVEIROS DE CASTRO, 2004). Num segundo momento, serão apresentados exemplos de traduções de cantos e narrativas ameríndias, de modo a se verificar e analisar as soluções encontradas para este tipo tão específico de tradução.

PALAVRAS-CHAVE: ARTES VERBAIS AMERÍNDIAS. TRADUÇÃO. TÉCNICAS DE TRADUÇÃO. PENSAMENTO INDÍGENA. LÍNGUAS INDÍGENAS.

**A TRADUÇÃO EM DIÁLOGO COM A IDENTIDADE LATINO-AMERICANA,
OBRAS DE MANUELA INFANTE**

Aléxia de Oliveira Prado

Universidade Federal de Minas Gerais

O meu trabalho é o processo da tradução de duas obras presentes no livro “Prat seguida de Juana”, da dramaturga chilena Manuela Infante, e a análise literária das obras com base na identidade latino-americana. Com a execução das traduções, o vínculo entre as realidades dos países, Chile ou Brasil por exemplo, são facilmente expressadas e compreendidas em outra língua, ao passar do espanhol ao português. Com consequência dessa semelhança e de um contexto histórico-político, Arturo Prat e Joana d’Arc retomam suas vozes a partir da perspectiva de Infante, que constrói uma estética literária bastante crítica, onde questões chave como o papel da mulher; da política; da religião, assim como o papel da dramaturgia; do autor e a preservação da memória, da identidade latino-americana, e como estas influenciam em uma sociedade com pontos tão frágeis e questionáveis. Meu trabalho de tradução mesclou-se a uma investigação literária, onde a relação entre a história e a literatura reflete tanto na macro política, a sociedade, quanto na micro, cada indivíduo. As ferramentas necessárias para esse trabalho, além da própria tradução e seus desafios, são teóricos que permitem e viabilizam discussões sobre os temas tratados, como Josefine Ludmer, Judith Butler, Breny Mendoza, livros da minha própria orientadora Sara Rojo (nesse Trabalho de Conclusão de Curso), e outros teóricos. A tradução de duas obras dramaturgas me possibilitou a prática e a pulsão por promover o diálogo e discussões sobre alguns dos temas que marcam a realidade latino-americana e estão expressados nas obras de Infante, fragmentados em vozes de indivíduos históricos. Nada mais cômodo que discuti-los através do teatro, que acredito ser o maior ato político que temos em mãos. A minha pretensão é promover a discussão entre todos esses paralelos presentes em meu trabalho, assim como a necessidade de discutirmos essas relações que se fazem tão frequentes e presentes.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO. DRAMATURGIA. AMÉRICA-LATINA.
IDENTIDADE. POLITICA.

A TRADUÇÃO VISUAL EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A IMAGEM TRANSLADADA

Dennys da Silva Reis
Universidade de Brasília

A tradução visual pode ser considerada como uma das especificidades do processo de tradução de histórias em quadrinhos. Entretanto, este processo também está presente em outros tipos de traduções como nos livros traduzidos de arquitetura, na localização de produtos no mercado globalizado e, mais recentemente, com as novas ferramentas do Google (por exemplo: Word Lens). No que tange às HQs, grosso modo, parece que as adaptações de desenhos da obra-fonte para a obra-alvo são concebidas como tradução visual. Todavia, para além deste conceito redutor, este trabalho busca dar uma definição do que vem a ser tradução visual nas histórias em quadrinhos e visa igualmente mostrar os tipos de traduções visuais no processo de tradução de HQs, a saber: a adaptação do desenho realizada pela editora, a adaptação do desenho a pedido do tradutor, a retirada de alguns desenhos da sequência narrativa e o apagamento de alguns desenhos como espécie de censura ou regra editorial. Este tipo de processo de tradução é feito há muito tempo, mas ainda falta uma reflexão mais sistemática neste domínio, o que almejamos realizar nesta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO VISUAL. HISTÓRIA EM QUADRINHOS. ADAPTAÇÃO.

Miriam de Paiva Vieira

Universidade Federal de Minas Gerais

A casa Samambaia, local onde Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop viveram a maior parte do período mais harmônico de seu relacionamento, é fonte de inspiração para diferentes produtos culturais, a saber: o poema “Canção para a estação das chuvas” (1960), os romances Flores raras e banalíssimas (1995) e A arte de perder (2011), e a adaptação cinematográfica Flores raras (2013), foco desse trabalho. Flores raras, produzido por Lucy e Paula Barreto e dirigido por Bruno Barreto, anuncia na primeira cena que o filme é baseado em uma história real, mas não menciona ser uma adaptação do romance Flores raras e banalíssimas (1995), de Carmen Oliveira, fato que aparece em destaque na capa do DVD vendido no Brasil. Rodado em Nova York, Petrópolis e outras partes do Brasil, o filme é bilíngue e as personagens interagem nos dois idiomas. As questões políticas da época são abordadas de maneira mais sutil que no romance, enquanto que a relação amorosa entre as protagonistas é mais enfatizada. Ainda que o filme favoreça o ponto de vista do olhar estrangeiro da poeta desde o momento que chega no Brasil, assim como no romance, o relacionamento entre as protagonistas também é marcado pela arquitetura. Nosso objetivo é demonstrar como as écfrases arquitetônicas, essenciais para o desenvolvimento da trama do romance, foram transmidiadas para a tela do cinema. Para tal, vamos nos valer das noções de transmídiação (ELLESTRÖM, 2010, 2014, 2017), écfrase arquitetônica (VIEIRA, 2016, 2017), e écfrase cinematográfica (PETHÖ, 2010).

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA. ÉCFRASE. LITERATURA. ARQUITETURA. TRANSMIDIAÇÃO.

CORA CORALINA: UMA TRADUÇÃO ECOCRÍTICA

Mislainy Patrícia de Andrade
Universidade Estadual de Goiás

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a velhinha da Casa Velha da Ponte, ou como diria Carlos Drummond de Andrade: “uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada como a vida é, por exemplo, uma estrada”. Cora Coralina, conhecida por muitos, mas desconhecida por vários, tanto na América Latina quanto em outros países, pode ainda não ter sido reconhecida à altura dos seus méritos como escritora, mas possui uma literatura rica que merece ser explorada e difundida. Deste modo, por acreditar na grandeza de sua obra, este estudo apresenta a tradução do conto “Casa Velha da Ponte”, para o inglês, numa proposta de difusão, leitura e interpretação, realizada dentro dos critérios da abordagem ecocrítica, que estuda a relação da literatura com o espaço natural que, na oportunidade, buscará compreender de forma interdisciplinar, a importância do meio ambiente para Cora Coralina, como cenário de sua produção literária.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO. LITERATURA. CORA CORALINA. ECOCRÍTICA. LEITURA.

**DA ARTE RUPESTRE E DA ARTE ARMORIAL: UMA LEITURA DAS OBRAS
DE ARIANO SUASSUNA E MANUEL DANTAS**

Daniella Carneiro Libânio de Almada
Université Paris Nanterre

Na obra *Ferros do Cariri: uma heráldica sertaneja* (1974), o escritor e artista plástico Ariano Suassuna destaca a importância de um estudo aprofundado sobre a arte rupestre brasileira, em especial a Pedra do Ingá - sítio arqueológico localizado no estado da Paraíba - a qual apresenta uma série de imagens “cortadas em baixos-relevos, com formas abstratas e figurativas”. Dentre essas formas, o autor destaca a que ele batiza como “candelabro sertanejo”, devido à sua semelhança com a “antiga forma do candelabro judaico”. Em 1989, na publicação *A Pintura Armorial*, na qual Suassuna atualiza os conceitos sobre a arte armorial, o escritor aponta a arte rupestre como, provavelmente, a “mais apta a possibilitar à Literatura e às Artes armoriais a expressão do Gênesis e do Apocalipse brasileiro, unindo o passado remoto à vanguarda”. Nossa proposta para essa comunicação é refletir a respeito das criações armoriais que têm como referência a arte rupestre brasileira e que, por sua vez, servem como referência para recriações em novas mídias. Serão analisadas obras de Ariano Suassuna e do artista plástico Manuel Dantas, em especial as iluminogravuras e as estilogravuras - gêneros de mídia criados por Suassuna -, bem como a *Ilumiara Jaúna*, obra criada literariamente por Ariano Suassuna, que está sendo recriada pelo artista plástico Manuel Dantas - em um conjunto de rochas localizado no sertão da Paraíba -, a partir das indicações deixadas pelo autor na sua obra póstuma *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017).

PALAVRAS-CHAVE: ARIANO SUASSUNA. MANUEL DANTAS. ARTE ARMORIAL. ARTE RUPESTRE.

EL ARTE DE LOS CONFINES DE GONZALO KENNY. ¿TRADUCCIÓN HIPERMEDIA O “POSTRADUCCIÓN”?

María Inés Arrizabalaga
Universidad Nacional de Córdoba

Stefano Arduini y Siri Nergaard propusieron el concepto “Post Estudios de Traducción” para señalar los objetos integrados al “diseño tradicional” de los Estudios de Traducción, y perspectivas de abordaje y marcos teóricos convergentes e híbridos. Por su parte, Núria Vouillamoz sostiene que el impacto de los entornos virtuales como canales de circulación de obras literarias proporciona un efecto de “reproducción” que, añadida la morfología retórica hipermedia, permite hablar de “traducción hipermedia”. Parece, entonces, procedente considerar la categoría de “postraducción” en casos que, desde los Estudios de Traducción, desafían los bordes disciplinares y aventuran la renovación de escenarios críticos. En esta comunicación, se presentan la obra de Liliana Bodoc, *La saga de Los Confines*, y el blog *El arte de Los Confines de Gonzalo Kenny*. Los objetivos del trabajo son: i) sistematizar procedimientos de “parcelación” y “ensamble” que operan sobre las novelas y resultan en “síntesis visuales” de personajes, tópicos y desarrollos argumentales; ii) listar recursos a los que se apela en el blog para prolongar y diversificar desarrollos argumentales, originales de Bodoc; iii) describir efectos de credibilidad, continuidad y interrupción del “universo ficcional” de *Los Confines*, logrados en un sitio en red a través de diversos lenguajes, técnicas y estéticas, principalmente plásticas. El blog de Kenny sobre *La saga... de Bodoc* parcela significados y los ensambla en una combinatoria que atiende a la tensionada lógica dialéctica de “la confianza” y “la sospecha” en la labor traductora, y ejecuta la retórica del sistema de representación de la traducción hipermedia. En la programación artística de Kenny sobre la poética de Bodoc, el ejercicio de reproducción de la obra autoral acorde a pautas morfológicas de la traducción hipermedia sustancia la ocurrencia de la postraducción en el doble sentido de fusión transdisciplinaria y hecho de “posproducción” artística, siguiendo a Nicolas Bourriaud.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUCCIÓN; HIPERMEDIA. POSTRADUCCIÓN. POSPRODUCCIÓN. TRANSDISCIPLINARIEDAD.

John Milton
Universidade de São Paulo

Parte de um projeto maior que analisa fotografias de intérpretes e tradutores em vários países, com trabalhos já apresentados sobre fotografias de intérpretes de línguas indígenas nos Estados Unidos no século XIX, e na China no mesmo período, este trabalho pretende analisar fotografias de intérpretes e tradutores na América Latina no século XIX e na primeira metade do século XX. Os estudos anteriores mostraram que há três tipos de intérpretes: i) diplomatas que eram também intérpretes; ii) estudiosos, geralmente tradutores de textos religiosos; iii) tradutores comerciais, de empresas de importação e exportação na China, e línguas, nos Estados Unidos, para negociar com as tribos indígenas. esses intérpretes também negociavam por parte das tribos indígenas com as autoridades federais. Podemos ver, por meio das fotografias, o mesmo paradigma na América Latina, ou há diferenças? E quais seriam essas diferenças? Analisando as fotografias a apresentação examina os seguintes elementos: A fotografia enquanto composição artística; A fotografia capturando um momento no tempo; A fotografia enquanto documento histórico; A fotografia mostrando os costumes do passado; A fotografia mostrando as relações inter-culturais; A fotografia mostra as maneiras nas quais uma sociedade se olhava; Susan Sontag, em *Sobre Fotografia*: “As fotografias são sempre evocativas, prendendo a história — ou a visão instantânea dela — como uma borboleta e ‘encarcerando a realidade’”; A fotografia mostra relações entre as pessoas: o intérprete e as pessoas que interpreta; A fotografia conta sobre a profissão do tradutor e do intérprete: o status, formas diferentes de tradução e interpretação; E uma foto “vale mil palavras” Para Roland Barthes, em *A Câmera Clara*, uma fotografia seria um *studium*, uma tentativa de mostrar um evento, a natureza de uma pessoa, ou um ambiente; mas também haverá o *punctum*, elementos que contradizem ou destroem essa tentativa

PALAVRAS-CHAVE: FOTOGRAFIA NA AMÉRICA LATINA.

FOTOGRAFIAS DE TRADUTORES E INTÉRPRETES. TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA.

GUIMARÃES ROSA E “O ÚLTIMO DOS MAÇARICOS”

Angelica Micoanski Thomazine
Universidade Federal de Santa Catarina

O romance pós-moderno *Last of the Curlews*, escrito pelo autor canadense Fred Bodsworth e publicado pela primeira vez em 1954, relata a viagem migratória de um pássaro em extinção. Essa obra foi traduzida para o português brasileiro por João Guimarães Rosa, autor renomado da Literatura Brasileira. A tradução, intitulada *O Último dos Maçaricos*, publicada em 1958 pela editora Ypiranga, é o objeto de estudo dessa comunicação, que visa fazer uma breve apresentação da obra e dos elementos paratextuais nela presentes, com ênfase no primeiro capítulo, de onde serão analisados trechos que ilustram algumas das escolhas tradutórias realizadas pelo autor. Através da tradução proposta por Guimarães Rosa, é possível notar que há, no texto de chegada, exclusão de trechos muito descritivos, preocupação com a sonoridade, e recriação de conteúdo semântico, com uma escolha de palavras que aproximam a tradução ao estilo literário do autor. Esse estudo tem com base os preceitos sobre Tradução Literária de Paulo Henriques Britto (2012) e Umberto Eco (2007).

PALAVRAS-CHAVE: ESTUDOS DA TRADUÇÃO. CRÍTICA DA TRADUÇÃO. GUIMARÃES ROSA. FRED BODSWORTH.

**INOCÊNCIA, DE TAUNAY E INOCÊNCIA, DE WALTER LIMA JR:
SIMULAÇÃO DE BELEZA NA LITERATURA E NO CINEMA**

Rosana Campos Leite Mendes
Universidade de Brasília

O universo literário e interartístico nos permitem identificar as várias formas de beleza. Por outro lado, também nos dá a ver, os fragmentos visuais da feiura que se contrapõe a dita “imagem embelezada”. Pelos aspectos da desarmonia, assimetria, deformação, tosco e rude, o belo se opõe em termos de harmonia. No romance, a ficção literária produz a simetria do belo como uma exigência a um olhar interartístico. E, de outro ponto, o que pode fazer o cinema, enquanto transposição midiática desse particular literário? Nesse sentido, este trabalho investiga as relações entre literatura e produção cinematográfica e os princípios formadores de uma forma artística que apreende os tons do belo. A partir da análise comparativa do romance *Inocência* (1872), do Visconde de Taunay e do filme brasileiro “*Inocência*” (1983), dirigido por Walter Lima Jr. e baseado no livro de mesmo nome do Visconde de Taunay discutiremos os processos interartísticos que inscrevem as imagens, literária e cinematográfica, das visões que se alojam entre o gracioso e o desgraçoso. Importante ressaltar que tal aproximação exige que se considere a diferença entre obras quanto a seu tempo e posições estéticas.

PALAVRAS-CHAVE: TAUNAY. INOCÊNCIA. BELEZA. FILME.

**INTERMEDIALIDADE NA DANÇA: ANÁLISE SOBRE CONFIGURAÇÕES
ARTÍSTICAS LATINO AMERICANA**

Andréa Ferreira Sampaio Mota Santos
Universidade Federal da Bahia

O objetivo principal é analisar e fundamentar conceito sobre intermedialidade na dança, investigando configurações artísticas de Cias de Dança da América Latina: La Perforadora e Edgardo Mercado, a partir das categorias de Irina Rajewisky (2012): combinação, transposição e referências intermediáticas. Esta convergência sobre as mídias, de fato, advinda de pensamentos sobre inovações tecnológicas, frutificou-se em novos impulsos para as invenções de novas técnicas de processo de criação. Uma latência de exposições a partir dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias: a arte, precisamente, a dança vai se firmando no hibridismo cultural, em corpos expandidos mediante as tecnologias analógicas e digitais. Percebe-se um proatividade de confluências, numa busca incessante de diálogos e/ou negociações. Analisando e refletindo sobre esta questão, o primeiro capítulo sustentasse nos autores: Dick Higgins (1984), que conceitua intermedia e Claüs Clüver (2006, 2008 e 2010) Chiel Kattenbelt (2008) e Hugh J. Silverman (2011) e Mary Simonson (2013).

PALAVRAS-CHAVE: INTERMEDIALIDADE. DANÇA.

CONFIGURAÇÕES.COMBINAÇÃO. TRANSPOSIÇÃO. REFERÊNCIAS.

LENDAS AMAZÔNICAS

Maria Angélica Royo
Universidade de São Paulo

Visa desenvolver nas crianças consciência crítica em relação à importância da floresta amazônica para o desenvolvimento sustentável do Brasil e do mundo e a necessidade de lutar pela sua preservação, face aos perigos que lhe impõe a ganância capitalista, através de seu sistema de exploração predatória apoiada em interesses imediatistas. O projeto busca reunir grupo de pessoas interessadas em fazer levantamento de lendas da Amazônia e participar de uma coletânea de histórias infantis que, tenham conhecimento do idioma inglês para, fazerem a tradução do português para o inglês do material produzido, com a finalidade de oferecer à iniciativa dimensão universal, por meio do idioma mais difundido no planeta. O tema percorre a multiplicidade e riqueza de lendas indígenas, tendo por ambiente a floresta amazônica, região que serviu de primeiro abrigo às incursões dessas populações que viriam a se constituir nos primeiros brasileiros nativos a se multiplicarem pela miscigenação com europeus. Tendo em mente que a interação da cultura e principalmente do expertise do tradutor em relação ao assunto é condição fundamental para o sucesso da tarefa que se lhe incumbe, emerge a figura do escritor de literatura infantil bilíngue como protagonista da tarefa superior de contribuir para a conscientização das futuras gerações nos esforços de preservação do meio ambiente. O projeto tem a vantagem de ser autossustentável por ser tema sensível a patrocínios de entidades que possam se beneficiar de seus atributos. Livros infantis estão em alta nos currículos escolares e na preocupação dos pais em relação à educação dos filhos.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. LENDAS. LIVROS INFANTIS.
TRADUÇÃO.INGLÊS.

**LITERATURA E ADAPTAÇÃO TELEVISIVA: A TRADUÇÃO DA IDENTIDADE
DO ÍNDIO JOE CARIPUNA NA MINISSÉRIE MAD MARIA, DE
BENEDITO RUY BARBOSA**

Luciana Maira de Sales Pereira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

Nos últimos anos, a teledramaturgia brasileira tem adaptado importantes obras literárias do universo amazônico para o formato de minisséries. Em 2005 a Rede Globo transpôs para as telas dos lares brasileiros o romance *Mad Maria*, do escritor amazonense Márcio Souza. A minissérie homônima escrita por Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Ricardo Waddington “recriou”, em 35 episódios, a saga dos personagens envolvidos, direta ou indiretamente, na construção da ferrovia Madeira Mamoré, localizada no interior da Floresta Amazônica, no Estado de Rondônia. Partindo da premissa de que toda tradução, seja ela televisiva ou cinematográfica, é um processo de transcodificação, pois transforma, de alguma maneira, o texto que a inspirou, seja em virtude de interesses pessoais, sociais, culturais, ideológicos ou mercadológicos, o presente trabalho tem como objetivo principal realizar um estudo comparativo entre a representação ideológica do índio Joe Caripuna na obra literária *Mad Maria* (1980) e na minissérie homônima sob o viés da teoria da tradução intersemiótica e dos estudos pós-coloniais. Com base nas teorias de Bassnett (2002), Benjamin (2008), Eco (2014) e Plaza (2013), concluímos que o romance histórico de ficção de Márcio Souza trata os aspectos culturais e sociais relacionados à construção da estrada de ferro, sobretudo no que diz respeito ao embate entre colonizador e colonizado, a partir de uma perspectiva pós-colonial, tirando a figura do índio das sombras e revelando aos leitores o apagamento da cultura indígena e a corrupção moral da população nativa em decorrência da ganância financeira do homem. A transposição intersemiótica da obra literária para o gênero televisivo minissérie nos apresenta uma nova representação para o índio Joe Caripuna, construída a partir do conceito estereotipado de bom selvagem e sob o olhar do colonizador que domina, amputa, domestica e castra. Assim, Benedito Ruy Barbosa constrói uma nova representação para *Mad Maria*: menos realista, porém mais romântica; aquém do engajamento cultural e social de Márcio Souza, contudo mais palatável para os telespectadores de um meio de comunicação de massa regido por padrões sociais e comportamentais dominantes.

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO. TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA.

MINISSÉRIE. MAD MARIA. ÍNDIO.

**NATALIE BOOKCHIN E JORGE LUIS BORGES: A LITERATURA
ELETRÔNICA EM JOGO**

Veronica Maria Bianco
Universidade de Brasília

Vítor Castelões Gama
Universidade de Brasília

Partindo da noção de ‘hiperdocumento’ proposta por Pierre Levy, buscamos entender o lugar do jogo eletrônico de Natalie Bookchin, “The Intruder” no panorama cultural da contemporaneidade. Este jogo é uma transcrição, nos termos de Haroldo de Campos, do conto de Jorge Luis Borges, “La intrusa”, que ao deixar de lado a fidelidade textual em prol de uma adaptação criativa, modifica e transpõe o sentido original para outro contexto geopolítico. Apoiando-nos em teóricos da literatura eletrônica como N. Katherine Hayles, Lucia Leão e Janet H. Murray é possível perceber o valor da literatura eletrônica como difusora de conhecimentos e como um procedimento artístico-literário singular. São especialmente úteis os elementos considerados como específicos da poética eletrônica, como por exemplo, a tríade proposta por Murray: Imersão, Agência e Transformação. O jogo, em específico trabalha a “agência” em uma perspectiva do contato literário eivada pelo afeto, que induz a uma “tomada” de posição por parte do leitor/jogador. A virada afetiva do jogo traz ao leitor um corpo marginalizado que atua como uma crítica ao espaço biopolítico. Em outras palavras, o jogo-conto serve de contraconduta, na terminologia foucaultiana.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA ELETRÔNICA. BIOPOLÍTICA. TRANSCRIÇÃO.

**O ESPAÇO DA POBREZA E DA RESISTÊNCIA NAS OBRAS DE CAROLINA
MARIA DE JESUS, ELZA SOARES E MARIA AUXILIADORA DA SILVA**

Beatriz Schmidt Campos
Universidade de Brasília

Sidney Barbosa
Universidade de Brasília

Este trabalho realiza a análise de parte do diário literário “Quarto de despejo” (1960) de Carolina Maria de Jesus, da canção “Meu guri” (1997), interpretada por Elza Soares e do quadro “Natividade” (1971) de Maria Auxiliadora da Silva por meio do estudo da espacialidade marcada pela pobreza e pela resistência presente nas obras supracitadas. As três artistas expressam-se via suas experiências de vida e apresentam uma visão de mundo e uma crítica social que provêm diretamente de suas biografias. Por intermédio do estudo da espacialidade em suas obras e de alguns cruzamentos intermediáticos que vemos nessas três obras intencionamos compreender mais profundamente a temática política e de protesto na representação artística e nas suas práticas sociais no contexto de um país segregador e de altos índices de diferença social como é o caso do Brasil. Para tanto, apoiaremos nossa abordagem nas vertentes teóricas que levam em conta a espacialidade na literatura e outras artes e nas visões críticas que relacionam a espacialidade às questões sociais. Esse aspecto interdisciplinar diz respeito à análise dos aspectos literários, musicais e pictóricos com vistas ao estudo dos espaços das três obras selecionadas. Acreditamos que o estudo da espacialidade nas representações artísticas presentes nas obras em questão poderão enriquecer os estudos entre as artes e a compreensão de um estilo estético cujo método de criação é autodidata, empírico e está relacionado diretamente com vivências pessoais e à crítica social dessas artistas.

PALVRAS-CHAVE: ESPAÇO DA POBREZA E DA RESISTÊNCIA.

CRUZAMENTOS INTERMIDIÁTICOS. VIVÊNCIAS PESSOAIS. CRÍTICA SOCIAL. AUTORA, PINTORA E CANTORA.

O QUIXOTE ADAPTADO PARA O TEATRO: DO CORDEL ÀS MARIONETES

Silvia Cobelo

**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo**

O quarto centenário (2005/2015) do livro de Cervantes, Dom Quixote, foi celebrado em grande estilo. Além de publicações de dezenas de adaptações novas, e novas reedições de outras antigas, tivemos uma explosão de novos Quixotes na dramaturgia. O teatro, está intimamente relacionado com o Quixote, o qual inclui longas representações e inclusive um famoso episódio no qual o cavaleiro ataca as marionetes de um grupo de titeriteiros. Nesta apresentação mostraremos um caso único, a peça *As Aventuras de Dom Quixote*, apresentada pelo Grupo Formosura (CE) como uma adaptação da obra de Klévisson Viana, *As Aventuras de Dom Quixote*: em versos de cordel, baseado na obra de Miguel de Cervantes. Além das comparações entre as três obras (Cervantes, Viana e Linhares) dentro dos Estudos da Adaptação e Intersemiótica; serão mostrados trechos da peça cearense (feita com marionetes) e elementos das entrevistas feitas com os adaptadores.

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO INTERSEMIÓTICA. DOM QUIXOTE. RECEPÇÃO DE CERVANTES NO BRASIL. TEATRO DE BONECOS. CORDEL.

Edgar Rosa Vieira Filho
Universidade Federal de Santa Catarina

Esta comunicação terá como objetivo analisar o contexto de produção e o produto da prática tradutória oswaldiana do poema *Hechos pasados* (Canto do passado) do poeta chileno Arturo Torres-Rioseco, inserido no livro *Poesias de Arturo Torres-Rioseco* (1945). Apesar de não ter feito da tradução um ofício, Oswald de Andrade teve uma única experiência deveras interessante como tradutor. Participou na década de 1940, junto a outros autores brasileiros, do projeto de tradução de poemas do escritor e crítico chileno Arturo Torres-Rioseco (1897-1971). A referência de Oswald a esse projeto, publicada na sua coluna “Telefonema” no jornal *Correio da Manhã* antes da vinda de Rioseco ao Brasil, e a leitura da correspondência trocada entre os dois poetas parecem revelar o papel central de Oswald na idealização do projeto tradutório, que visava principalmente à introdução da poesia de Rioseco no Brasil. A análise contrastiva do poema de partida e da tradução proposta mostrará que Oswald atuou criativamente na reformulação do poema, acrescentado trinta e três novos versos na sua versão para a língua portuguesa. Trata-se de um poema de recopilação de memórias e, ao traduzir essa temática, Oswald parece produzir dois movimentos, ora expande as memórias apresentadas no texto original ora insere novas memórias. Pretende-se discutir ainda as implicações da aproximação entre antropofagia e prática tradutória, e a possibilidade de se pensar em uma poética antropofágica do traduzir. Apesar de Oswald não ter relacionado sua metáfora canibal ao fenômeno da tradução, como vê-se atualmente em algumas reflexões, nosso objetivo nesta análise será adentrar essa discussão, uma vez que a postura de Oswald ao traduzir parece nos sugerir a pertinência de tal aproximação.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO POÉTICA. ANTROPOFAGIA. OSWALD DE ANDRADE. ARTURO TORRES-RIOSECO.

RECEPÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO NA ALEMANHA

Raquel Alves dos Santos Nascimento

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas


Esse trabalho visa a examinar o potencial da recepção, na Alemanha, do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, país que segundo (PERPÉTUA, 2014) foi o que mais reeditou a tradução do livro, alcançando 7 edições entre os anos de 1962 e 1993. No Brasil ele foi lançado em 1960 e alcançou a marca de 10 mil exemplares na primeira edição. Carolina Maria de Jesus, foi considerada um fenômeno literário da época. Buscando saber o que interessou os leitores alemães na obra e na autora, a pesquisa utilizou como corpus resenhas de jornais alemães publicadas sobre a obra e a autora. A moldura teórica para a presente pesquisa fundamenta-se nos Estudos Descritivos da Tradução e o trabalho com o corpus que tem por base a Linguística de Corpus. Esta última viabilizou a identificação de palavras-chave nos textos estudados, que nos permitiram mapear possíveis eixos temáticos, a partir dos quais apontamos aqui algumas condicionantes da recepção da obra, tanto em uma perspectiva sincrônica ao examinar cada texto em particular, quanto diacrônica ao estudar a evolução de conceitos no tempo. PALAVRAS-CHAVE: QUARTO DE DESPEJO. CAROLINA MARIA DE JESUS. ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO. LINGUÍSTICA DE CORPUS.

TRADUÇÃO COMENTADA DE CONTOS FANTÁSTICOS DE SILVINA OCAMPO: UMA SELEÇÃO SOBRE A INFÂNCIA

Mauí Castro Batista Sousa

Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal

Silvina Ocampo integra o grupo de grandes escritores argentinos do século XX da literatura fantástica, juntamente com nomes como Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Apesar de um número considerável de publicações, prêmios e de suas várias facetas, Silvina é o único nome do grupo que não possui traduções de suas obras no Brasil. Dessa forma, a pesquisa tem como foco principal introduzir a autora no Brasil por meio da realização de traduções comentadas de alguns contos selecionados: *El Pasaporte Perdido*, *Viaje Olvidado*, *La Calle Sarandí* e *Esperanza en Flores*, contos que têm como ponto em comum narrativas da infância. A autora constrói personagens infantis misteriosas e escuras, protagonistas de histórias que não podem ser explicadas com racionalidade. Os contos selecionados são repletos de elementos fantásticos que caracterizam sua narrativa e ilustram o perfil de Silvina enquanto contista, influenciada também pela sua formação em Artes Plásticas de vanguarda surrealista. A tradução comentada – enquanto gênero em construção – tem caráter crítico e descritivo e permite que o tradutor descreva seu processo tradutório, justifique escolhas e soluções para problemas encontrados e realize análises do texto original e do contexto em que a obra foi produzida. Para um estudo descritivo e sua aplicação no desenvolvimento de traduções e de explicações formais da metodologia presente nesse estudo, faz-se uma análise comparativa entre os sistemas do texto original e do texto traduzido, e conseqüentemente dos sistemas literários de ambos, o que é bastante explorado nos estudos descritivos de tradução literária de José Lambert e Hendrik van Gorp na obra *The manipulation of literature: studies in literary translation*, no texto *On Describing Translations* (1985). Quanto aos aspectos literários, estes precisam ser compreendidos no contexto de produção para que a tradução reflita as intenções substanciais da autora e dessa forma, a análise de aspectos característicos da Literatura Fantástica faz-se necessária para a criação da consciência literária também no tradutor. Os temas, a análise de personagens e dos traços do estranho e maravilhoso, são melhor compreendidos com os estudos de Todorov (1980). Os discursos de acompanhamento são fundamentais para a concretização desse objetivo, dando voz ao tradutor e fornecendo base para a crítica literária, conduzindo a leitura e facilitando a recepção do texto na língua e cultura de chegada. Na elaboração de discursos de acompanhamento (prefácio, nota da tradutora e notas de rodapé) utilizo os estudos de Genette (1987)



e de Torres (2011).

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO COMENTADA. SILVINA OCAMPO.
LITERATURA FANTÁSTICA ARGENTINA.

**TRADUÇÃO DE FANFICTION DE/PARA LÍNGUA ESPANHOLA -
COLABORAÇÃO, REVISÃO E COMPARTILHAMENTO NO MEIO DIGITAL**

Fabiola do Socorro Figueiredo dos Reis
Universidade Federal do Amapá

Este trabalho apresenta parte da pesquisa doutoral sobre a tradução de fanfictions, histórias escritas por fãs, presentes com maior ocorrência nos últimos anos na internet. A ênfase está na tradução de/para a língua espanhola de leitoras brasileiras de fanfictions. Embora esse tipo de tradução, muitas vezes de forma colaborativa, não seja um fenômeno novo, tendo sido documentada na história da tradução no Ocidente e nas culturas não ocidentais, esta prática (que envolve tradução, revisão e compartilhamento organizado em forma de cadeia por grupo de leitores) ganha força principalmente no meio digital. Duas traduções de fanfictions em espanhol realizadas por um grupo de tradutoras no Brasil servirão como exemplos para salientar algumas características do processo de tradução através de ferramentas tradutórias, revisão e de compartilhamento em nuvens. A pesquisa revela o caráter coletivo da prática tradutória, elaborada e publicada online por tradutoras femininas não profissionais. Destacamos o trabalho em “cadeia”, a interação entre tradutores e leitores, e o processo de elaboração marcado por tempos específicos que resultam dessa dupla interação: entre as tradutoras, de um lado, e entre leitor-colaborador, de outro.

**PALAVRAS-CHAVE: FANFICTIONS. TRADUÇÃO COLABORATIVA.
TRADUÇÃO ONLINE.**

TUÍRA – POLÍTICA E SONORIDADE DA LÍNGUA CAIAPÓ PARA O TEATRO EM MINIATURA

Cássia Macieira

Universidade do Estado de Minas Gerais

A aproximação entre poesia e pintura confirma-se por múltiplas relações. Os pintores tomam seus temas da literatura, recriando a narrativa em quadros, e os escritores celebram os pintores em seus textos, revelando a significação, interpretando subjetivamente as telas. Em Tuíra: Índia Caiapó – espetáculo em miniatura (público infantil e adulto), tal confirmação institui-se no processo de adaptação do texto e em certa intermedialidade entre a fotografia e o storyboard dramaturgic. Tanto a adaptação a partir do fotojornalismo quanto a manutenção da imagem na cena tiveram como premissa não reduzir a complexidade da realidade da vida em uma representação. Tal cuidado em rerepresentar uma imagem após três décadas advém da perplexidade diante da construção da hidrelétrica de Belo Monte, que favoreceu a indústria e destituiu os direitos indígenas. Certamente, nesta década, as crianças espectadores da Caixa Miniatura foram iniciadas na história de Belo Monte. Em Tuíra: Índia Caiapó, por meio da recuperação da imagem fotojornalística, acrescentada à sonoridade da língua caiapó para o “texto dramaturgic”, houve a proposição de se repetir o gesto político da índia Tu-íra, veiculado e explorado na mídia pela aproximação do seu facão (terçado) no rosto do presidente da Eletronorte. Este fato ocorreu em 1989, durante a audiência pública em Altamira/PA para discussão/resistência contra a construção da Usina de Belo Monte, localizada no Rio Xingu.

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO. INTERMEDIALIDADE. BONECOS.

ARTEFATO. TEATRO DE ANIMAÇÃO.

**“ADMIRÁVEL NOVO MUNDO”: O CONTEXTO CULTURAL BRASILEIRO
COMO PALCO SHAKESPEARIANO**

Flávia Rodrigues Monteiro
Universidade Federal de Minas Gerais

Existem mais ligações entre Shakespeare e a cultura brasileira do que sonha nossa ideia de cultura nacional. Uma grande característica do Bardo é seu dinamismo e movimento. Muitos estudiosos e admiradores do Bardo admitem que Shakespeare não se restringe ao campo literário e nem se encontra confinado à cultura britânica e de países de língua inglesa. O legado shakespeariano se transformou em uma série de ecos culturais e produtos midiáticos que desconhece fronteiras históricas, culturais e sociais. A popularidade de Shakespeare, uma vez ameaçada por tendências elitistas de certas mídias – como afirma o estudioso Douglas Lanier –, resiste e persiste no alcance de parâmetros referenciais diversos. No Brasil, podemos considerar que o legado shakespeariano não só exemplifica as categorias propostas por Irina Rajewky quanto à intermedialidade – “transposição midiática”, “combinação de mídias” e “referência intermidiática” – bem como agrega camadas referenciais em sua pluralidade de produtos midiáticos e afins. Filmes, quadrinhos, teatro, cordel, arquitetura, TV e publicidade são apenas algumas das mídias e gêneros de infiltração do Bardo na cultura brasileira. Ao analisar algumas amostras dos exemplos citados, podemos comprovar o dinamismo do Bardo e o caráter transcendente que sua exploração da condição humana possui. Contudo, é um equívoco acreditar que a intervenção shakespeariana é uma via de mão única: Shakespeare se infiltra na cultura brasileira e essa, em contrapartida, deixa sua marca no palimpsesto do legado shakespeariano. Produções brasileiras contribuem quantitativamente e qualitativamente para o enriquecimento intermidiático e cultural gerados pela influência do Bardo na América Latina. Portanto, a relação entre o Bardo e a cultura brasileira é marcada por uma simbiose que não delimita identidades; o compromisso desse hibridismo cultural é com a renovação e expansão das potencialidades shakespearianas. Além disso, esse hibridismo é, cada dia mais, um marcador da falácia de exclusividade cultural das artes, trabalhando em favor da fluidez de produções midiáticas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: SHAKESPEARE. INTERMEDIALIDADE. CULTURA BRASILEIRA. HIBRIDISMO.


The image features a central text element, "COMUNICAÇÃO LIVRE", rendered in a black, serif font. The text is superimposed on a complex, abstract background composed of numerous overlapping, curved lines in a muted olive-green color. These lines form a dense, swirling pattern that resembles a stylized, organic shape or a calligraphic flourish. The lines vary in thickness and curvature, creating a sense of movement and depth. The overall composition is balanced and visually striking due to the contrast between the solid black text and the intricate, textured background.

COMUNICAÇÃO LIVRE

Maya Victoria Aguiluz-Ibargüen

Universidad Nacional Autónoma de México

En el campo de cruce entre historias largas y pequeñas y otras, invisibles y casi extintas, las historias vegetales sobresalen tanto por la resistencia a la escucha de sus lenguajes bioquímicos como porque sus activos se reinscriben en los corps de su explotación y comercio hasta su masiva inversión en la producción farmacointustrial. Y es que a la vida en los mundos vegetales también podrían describirse con las palabras del poeta Humberto Ak-Abal: “no es que las piedras sean mudas solo guardan silencio”, aunque su silencio consiste en haber reconocido diversidad, color, verdor, densidad, y por supuesto aroma pero poco se dice del lenguaje de las plantas. Hace casi diez años, el filósofo Georges Didi-Huberman se encargó de la curaduría de Atlas. Cómo llevar el mundo a cuestras?, el magnífico montaje de imágenes de distinta procedencia que inauguró, la última semana de noviembre de 2010, en el Museo Reina Sofía de Madrid. Con trabajos de diversos tiempos y procedencias que él mismo fue coleccionando durante años de escritura e investigación, significó más que un recorrido visual por las creaciones de artistas que fueron de Goya al cineasta Faruki, del pensamiento en imágenes de Walter Benjamin a la clasificación floral de Karl Blossfeldt, entre otros, que, reunidos reposicionaron a modo el Atlas-Mnemosyne de Aby Warburg en una suerte de homenaje a la obra y su método. Como Warburg, Didi-Huberman compartió con su propio Atlas la manera de ver mundo con sus tiempos dislocados y sus existencias descompuestas que capturaba cada escena visual. Como en las tensiones entre ergon y paraergon, este Atlas dejaba fuera las imágenes inscriptas en las historias asincrónicas del mundo, por lo que para pensar realmente con imágenes demanda tantos otros montajes como crisis atraviesan la pluridad de mundos más acá de la referencia a un mundo visto por la sola mirada humana. Uno de los inmediatos repositorios al Atlas de Didi-Huberman lo montó la argentina Graciela Speranza con un Atlas Portátil de América Latina (Speranza, 2014). En esta ponencia recorro al efecto tensional entre aquello que recoge un marco y sus varios “fuera del marco” para reponer la experiencia corporizante de la ecología afectiva de la Amazonía. Destaco aquí los cantos de las mujeres Shipibo del noroeste del Perú y el horizonte silente de la selva. Reestablezco el recurso del Atlas vegetal de Karl Blossfeldt el fotógrafo comprometido inicialmente con el modelado en hierro del modernismo para ser incluido en ese “gran inventario de la percepción”, que a juzgar de Benjamin, traería efectos imprevisibles no



solamente en el modo como nos representamos el mundo sino en sus concepciones pluriversales. En esta historia perceptiva no previsible, dispersa en tantos medios como plantas les habiten, la ponencia se ocupa de remontarla empezando por el comienzo paradigmático de un legendario texto sobre imitación de Roger Callois (1934) en donde el sentido más acusado de percepción procede de la distinción que un organismo puede demarcar que es separado de su ambiente. Primera escena: los cantos de las mujeres Shipibo.

PALAVRAS-CHAVE: LENGUAJE VEGETAL. EXPERIENCIA
CORPORIZANTE. ECOLOGÍA AFECTIVA. AMAZONÍA PERUANA.
SHIPIBO.

**(DES)ENCUENTROS EN “ADIÓS, AYACUCHO”. UN ACERCAMIENTO A LA
TRANSCULTURACIÓN EN LA NOVELA DE JULIO ORTEGA**

Ibis Samith Meléndez Macazana

Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Este estudio pretende analizar la novela de Julio Ortega, *Adiós Ayacucho*, tomando como punto de partida los planteamientos de Fernando Ortiz, en torno a la transculturación y cómo esta se da en el plano social; así como los conceptos de “transculturación narrativa”, desarrollados por Ángel Rama; de modo que se muestre cómo hay un proceso de transculturación dentro de la novela, dada a raíz del accionar de los personajes y el contexto en el que se encuentran inscritos. Además, el uso de la narratología logrará vislumbrar cada detalle de la novela, personajes, espacio, tiempo, entre otros; lo que permitirá seleccionar dos elementos esenciales para observar el proceso de transculturación presente en la obra: “la muerte” y “el viaje”. Ello será apoyado con lo que Bajtín denominaba “lo carnavalesco”, puesto que ambos elementos serán contextualizados y enmarcados al plano narrativo y social en el que se encuentra la obra. Entonces, se busca visualizar –mediante los planteamientos de Rama y Ortiz, apoyados en otros autores– cómo se desarrolla el mecanismo de transculturación en *Adiós Ayacucho* tomando como elementos de desarrollo a “la muerte” y al “viaje”, ítems culturales de gran arraigo en la zona andina.

**PALAVRAS-CHAVE: CULTURA. TRANSCULTURACIÓN. COSMOVISIÓN
MUERTE. IDEOLOGÍA.**

A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NA OBRA *THE EMPEROR OF THE AMAZON*

Tamara Afonso dos Santos
Universidade Federal do Acre

A presente comunicação tem por objetivo apresentar resultados de uma pesquisa intitulada “Narrativas, Pós-colonialismo e Tradução: vozes e olhares em Galvez Imperador do Acre e sua versão para a língua inglesa”, especificamente no que concerne a análise da obra Galvez, Imperador do Acre (1976), de Márcio Souza, e sua tradução para o inglês, *The Emperor of the Amazon* (1980), feita por Thomas Colchie observando as estratégias de tradução utilizadas e a postura assumida pelo tradutor ao traduzir uma narrativa sobre as Amazônias. Para a realização dessa pesquisa foi utilizada como orientação metodológica a pesquisa bibliográfica no que concerne às obras objeto de análise e na seleção do referencial teórico, estudos de tradução com enfoque na tradução pós-colonial e questões relacionadas ao papel do tradutor a partir de autores como Basnett (2003), Munday (2001) e Zahkir (2009) e Venutti (1995). A partir dessa análise verificamos que a tradução toma caminhos que não têm por intenção de fato de levar o autor e a narrativa juntamente com suas particularidades até o leitor.


PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO. INVISIBILIDADE DO TRADUTOR. *THE EMPEROR OF THE AMAZON*.

**A (RE) EXISTÊNCIA DOS ESPAÇOS HISTÓRICOS/ POÉTICOS DE VILA
MURTINHO – RO: AS VOZES REMANESCENTES NO BERÇO DO RIO
MADEIRA**

Cleusimar Dias dos Santos
Centro de Educação Continuada

Márcia Dias dos Santos
Universidade Federal de Rondônia

O presente trabalho propõe discutir sobre os espaços da memória (re) existentes na comunidade ribeirinha de Vila Murtinho. A comunidade é conhecida como Berço do Madeira, pois é neste ponto que nasce o rio Madeira na confluência entre o rio Mamoré (Brasil) e o rio Beni (Bolívia). Data-se desde o século XIX sua existência e considera-se que, juntamente com Porto- Velho, trata-se de um dos primeiros núcleos de povoamento do estado de Rondônia. Vila Murtinho era o lugar de maior movimento entre as cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim, no período de funcionamento da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM). Considera-se como patrimônio cultural a antiga igreja de Santa Teresinha do menino Jesus (1946), algumas ruínas da estação de parada da Ferrovia Madeira-Mamoré, algumas ruínas dos trilhos, de antigas casas, a caixa de água, o cemitério, famílias (re) existentes e o rio. Esta pesquisa apresenta a memória na , fotografia e na oralidade, como narrativas que possibilitam a compreensão da história e do estado atual deste lugar, que sofreu mudanças com a cheia de 2014. São suscitadas, nesta pesquisa, inquietações, tais como: o que podemos evidenciar na história entre uma fotografia contemporânea e uma fotografia antiga dos espaços históricos de Vila Murtinho? O que a imagem contemporânea representa para a memória dos moradores antigos do local? Quais são as relações históricas e poéticas nas fotografias? Quais foram as modificações do cenário da comunidade após a cheia de 2014? Como o estado atual destes espaços revela a manutenção, conservação deste patrimônio? A pesquisa é de campo e documental, com abordagem qualitativa. Norteiam este trabalho autores que discutem sobre espaços de memória, narrativa e identidade, tais como: Halbwachs (1990) e Loureiro (1995); Kossoy (2001), Sontag (1981) que abordam a fotografia como lugar de memória e Bachelard (2005) que discute sobre a poética do espaço. As contribuições deste trabalho serão de suma importância, pois consideram-se as memórias (re) existentes de Vila Murtinho como um patrimonial imaterial abandonado que sobrevive nas fotografias e na voz resistida deste povo. Desse modo, pode-se afirmar que a presente pesquisa fomentará as discussões acerca do



resgate e preservação de um dos trechos mais importantes da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

PALAVRAS-CHAVE: BERÇO DO MADEIRA. MEMÓRIA. RESISTÊNCIA. IMAGEM. NARRATIVA.

A AUTOFIÇÃO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA, REFLEXÕES A PARTIR DE COMO ME TORNEI FREIRA (2013) DE CÉSAR AIRA

Luana Marques Fidencio

Universidade Federal de Uberlândia

O presente trabalho tem por objetivo a reflexão acerca das relações entre a autoficção e a literatura contemporânea, tendo como ponto de partida o romance *Como me tornei freira* (2013), do escritor argentino César Aira (1949). A obra de Aira é reconhecida por transitar entre gêneros distintos, literários e não literários, caracterizando-se, entre outras coisas, por tender às formas breves mesmo nos seus romances. Nesse sentido, pretende-se a análise da maneira como se manifesta, na obra de ficção desse autor, a constituição de uma escrita capaz de confundir propositalmente os polos vida e ficção. Bem como a proposição de algumas hipóteses para tentar compreender o tratamento que ele autor confere à autoficção enquanto forma narrativa. O entendimento mais difundido do que é a autoficção diz respeito àquelas narrativas literárias que têm por mote acontecimentos e fatos da vida dos seus próprios autores. Essa questão é um desafio para a crítica especializada, não por sua novidade, mas, pela naturalidade reivindicativa com que se confere a esse tipo de narrativa o status de novo gênero literário. No processo de abordagem crítica da autoficção, alguns conceitos são incontornáveis, apesar das aporias e pulverizações conceituais que a crítica e teoria da literatura enfrentam na contemporaneidade. Assim, para além das insuficiências e leituras divergentes, conceitos como o de escritas de si têm contribuído para intensificar ambiguidades quando das abordagens dessas formas narrativas. Contudo, pretende-se lembrar também que o fenômeno de autorreferenciação não é recente, ainda que se faça notar de maneira mais expressiva nas literaturas contemporâneas. Pretende-se, portanto, refletir sobre a constituição dessas autoficções a partir da sua categorização como procedimentos autorreferentes na ficção. Para tanto, será empreendida a definição do que se designa aqui como autorreferência em relação com o conceito de autoficção e suas principais definições, desde a proposição de Serge Doubrovsky, criador do termo, até as definições mais comuns no âmbito da literatura latino-americana contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA. AUTOFIÇÃO. LITERATURAS LATINO-AMERICANAS. CÉSAR AIRA. AUTORREFERÊNCIA.

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS PERSONAGENS DO ROMANCE CON LA MISMA HERRADURA, DE RAMÓN AMAYA AMADOR

Yoslin Rodilio Gómez Galdámez
Universidade Federal de Roraima

O presente trabalho pretende responder à pergunta: cómo se constrói a identidade dos personagens do romance *Con la misma herradura*? Nesta pesquisa procurou-se mostrar que no romance *Con la misma herradura* do escritor hondurenho Ramón Amaya Amador, os personagens indígenas e os espanhóis veem na língua e na religião as maiores fontes de identidade, sem considerar que esta também pode estar marcada pelo vestuário, comidas, expressões artísticas, entre outras. Quanto ao conteúdo, o texto está distribuído da seguinte forma: No primeiro capítulo apresento uma resenha histórica da vida dos povos indígenas hondurenhos incluídos na obra. No segundo capítulo, faço uma análise do que é etnocentrismo e de como ele é mostrado no romance. Em seguida, discuto como língua e religião se constituem nos principais referentes de identidade para os dois grupos do romance. Considerando que a arte possibilita o conhecimento e a compreensão do outro e que é um elemento de identidade, no terceiro capítulo, discuto sobre a arte; mostro a classificação das expressões artísticas presentes nos dois grupos culturais e também a relação entre a arte e a identidade. Finalmente, falo de algumas mostras de hibridismo na obra, posto que há elementos identitários que distinguem cada grupo, também se percebem indícios de que o contato entre as duas culturas deixa misturas, como as mesmas personagens o indicam. Os tópicos dos capítulos anteriores foram desenvolvidos a partir de uma discussão entre os autores que abordam as etnias de Honduras como Pinto (2002) e Rivas (2004), identidade como Woodward (2000), do mesmo modo sobre a língua e identidade, Freitas (2007), identidade e diferença, Cavalcante (2007) e Silva (2000), religião como identidade, Beozzo (1987), Wagua (1987), identidade cultural como Figueiredo (2010). Pela natureza desta pesquisa, se utilizei como metodologia a pesquisa bibliográfica, pois procuram-se os dados do estudo no romance no próprio romance analisado. Conclui-se que, como em muitos casos, os grupos culturais que fazem parte do romance baseiam sua identidade a partir de um elemento, sendo que há vários outros.

PALAVRAS-CHAVE: AMAYA AMADOR. IDENTIDADE. LÍNGUA E RELIGIÃO. EXPRESSÕES ARTÍSTICAS.

A DUPLA CHAMA DO EROTISMO NAS CRÔNICAS DE PIERRE CLASTRES: DUPLA MORTE

Maria Nalrizete da Silva Costa
Universidade Federal do Acre

Esta comunicação busca fazer uma reflexão da configuração erótica a respeito da sexualidade indígena da etnia Guayaki, do livro do antropólogo Pierre Clastres enfatizando a sexualidade de dois índios, a relação de gênero e o itinerário do corpo do homem diante da perspectiva da vida indígena. a narrativa tem como fio condutor a trama de dois indígenas, Chichuachi e Krebengi da etnia Guayaki. enquanto o primeiro era reprimido, o segundo despojado, extrovertido. Cada um, embora dentro de suas respectivas condições, era alvo de preconceito pela comunidade indígena da época. O livro traz diversas crônicas de outras etnias, Aché Gatu, Guarani, Jyykugi, Guayaki, que também habitavam a região do Paraguai perambulando pela região Amazônia Sul Ocidental, abordando o comportamento e socializar as diferenças e semelhanças contemporâneas. Com intuito de enfatizar o preconceito das experiências cotidianas. , conflitos. Dentre essas, a questão do erotismo tem aparecido com frequência no no campo da linguagem literária indígena. Do ponto de vista teórico metodológico, trabalhamos com Otávio Paes, Amor e erotismo a dupla chama do amor.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. EROTISMO INDÍGENA. CRÔNICA. MITO.

A ENSAÍSTICA CARPENTIERIANA: MANUAL DO ROMANCISTA LATINO-AMERICANO DO SÉCULO XX

Amanda Brandão Araújo Moreno
Universidade Federal de Pernambuco

Conhecido tanto por sua produção narrativa como ensaística, Alejo Carpentier foi um dos responsáveis por estabelecer as bases da chamada “nueva novela latino-americana”, bem como um dos precursores fundamentais do “boom”. Autores como Roberto González Echevarría (1990) e Alexis Márquez Rodríguez (2008, 1991) assinalam que o conjunto da obra do autor cubano visava a configuração de um corpus que servisse tanto como teoria – os ensaios – quanto como prática – os romances – de um projeto de literatura latino-americana, cujo objetivo era o de inscrevê-la na literatura universal. A partir da análise de três compêndios de ensaios do autor (“Tientos y diferencias”, “Razón de Ser” e “La novela latino-americana en vísperas de un nuevo siglo y otros ensayos”), buscamos evidenciar o projeto de poética elaborado por Carpentier, assim como a missão que ele relega aos novos romancistas de seu tempo, através da elaboração de preceitos básicos os quais devem ser seguidos por estes.

PALAVRAS-CHAVE: ENSAIO. ROMANCE. ALEJO CARPENTIER.

A ESTRUTURA DE CONTOS INDÍGENAS ORGANIZADOS POR DANIEL MUNDURUKU

Tatiana Santos Oliveira

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Sobre o conceito de literatura gravitam muitos debates, entre eles a validação de narrativas que apresentam características literárias como literatura de fato. O que vem sendo contestado, em especial, por escritores indígenas, entre eles Daniel Munduruku. Sendo que ele coletou diversos mitos de diferentes etnias indígenas do Brasil e os denomina como contos indígenas. Nesse contexto de debate, este estudo apresenta como objetivo central analisar as características de textos que compõe a obra “Contos Indígenas Brasileiros”, com base nos estudos de Vladimir Propp (2003), assim como o trabalho de Alan Dundes (1996) sobre a morfologia e estrutura dos contos indígenas norte-americanos. Ressalta-se que este estudo é uma ação que busca ir ao encontro de uma formação acadêmica que privilegie a riqueza da cultura e história indígena, sendo que é resultado de um projeto de iniciação científica desenvolvido no curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. E para alcançar o objetivo proposto se desenvolveu uma pesquisa bibliográfica, descritiva e explicativa, que nos levou a considerar que os textos analisados de fato apresentam as características desse gênero literário apresentados pelos teóricos que norteiam as análises. Assim, validando-as como contos.

PALAVRAS - CHAVE: SABERES TRADICIONAIS. ESTRUTURA DO CONTO. LITERATURA INDÍGENA.

A FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE MARECHAL THAUMATURGO: REESCREVENDO HISTÓRIAS E TRANSFORMANDO IDENTIDADES

Ney Williams Salgado Mazzaro
Universidade Federal do Acre

O presente artigo procura demonstrar os aspectos da formação dos professores do Município de Marechal Thaumaturgo através do programa de formação de professores PARFOR, suas peculiaridades e influencias na vida do professor da floresta. A Universidade Federal do Acre aderiu ao programa no ano de 2012 tendo iniciado os cursos no segundo semestre de 2013 em todos os municípios do estado. Especialmente no município de Marechal Thaumaturgo foram implantadas duas turmas do curso de pedagogia que contribuem decisivamente para educação dos moradores da zona rural em localidades distantes. Os professores tem a oportunidade de ingressar no ensino superior e levar até as suas comunidades praticas pedagógicas e conhecimentos que ampliam os horizontes dos seus alunos e da própria localidade, através das atividades compartilhadas e das metodologias inovadoras que chegam à escola e conseqüentemente ao seu entorno (MARTINS, 20150). As dificuldades vividas pelos professores no decorrer de suas trajetórias acadêmicas, são desafios importantes que fortalecem a formação e constituem as suas identidades enquanto professores de áreas distintas e localidades longínquas cercadas por perigos e adversidades, trajetórias importantes que trazem a discussão elementos do cotidiano educacional desconhecido por muitos (ALVES, 2009). A condição de professor da zona rural, do campo ou ribeirinho revela as desigualdades de uma formação recheada de conhecimentos científicos, mas também são reveladoras de lutas e desafios de uma vida exposta as adversidades que as localidades impõem (LIMA, 2014). As experiências de formação dos professores e seus relatos têm fornecido material indentitário e pedagógico importantíssimo para pesquisadores na área de educação, configurando-se como objeto de estudo enriquecendo dissertações, teses e trabalhos científicos.

PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DE PROFESSORES ENSINO NO CAMPO. ADVERSIDADES. IDENTIDADE.

A INCONSTÂNCIA DA ALMA AMERÍNDIA NA NARRATIVA DO FILME “O ABRAÇO DA SERPENTE”

Jairo de Araujo Souza

Universidade Federal do Acre

Esta proposta de trabalho pretende apontar de que forma o filme colombiano “O Abraço da Serpente”(2015), apresenta uma narrativa que possibilita tirar dos silêncios, uma cosmologia ameríndia fazendo uso do que Eduardo Viveiros de Castro aponta como uma “inconstância da alma selvagem” como um contraponto a uma suposta constância e objetividade universal estabelecida a partir de uma lógica colonialista do pensamento. Acreditamos que a narrativa da película permite rupturas com um olhar etnocêntrico ao abordar saberes silenciados historicamente, os saberes de sujeitos que são percebidos como um “outro” são fruto da lógica e de uma metafísica platônica-aristotélica que tudo reduz a objetos, o chamado antropocentrismo. Assim, ignoram-se outras formas de estar no mundo, negando um mundo em constante devir, um mundo inconstante na perspectiva ameríndia. Desta forma, apontamos para outros saberes de outras gentes silenciados historicamente, aqui, na narrativa fílmica de “O Abraço da Serpente”, os personagens indígenas centrais na trama, Karamakate e Manduca como representantes singulares de saberes humanos tão complexos e equivalentes quanto aos saberes científicos pertencentes ao mundo antropocêntrico. Em suma, muito mais do que uma busca pelo reconhecimento desses saberes, queremos debater formas de potencializar esses conhecimentos, deslocando-os de silenciamentos históricos impostos desde o período colonial nas Américas.

PALAVRAS-CHAVE: AMERINDIO. SILÊNCIOS. AMAZÔNIAS.


COSMOLOGIA.SABERES.

A LINGUAGEM DESENHANDO A AMAZÔNIA: IMPRESSÕES DE EUCLIDES DA CUNHA E LEANDRO TOCANTINS

Ana Cláudia de Souza Garcia
Instituto Federal do Acre

Vera Lúcia de Magalhães Bamberira
Universidade Federal do Acre

Muito antes de Euclides da Cunha pisar em solo amazônico, expedições europeias, comandadas por Vicente Pinzon, Diego de Lepe, Francisco de Orellana, Pedro de Ursua, Lope de Aguirre e Pedro Teixeira, percorreram essas terras. A partir dessas viagens, vários relatos foram produzidos sobre a Amazônia, com um olhar que ia até onde “a vista alcança”. Na maioria das vezes, esse o olhar é do barco, ou, ainda, de cronistas que sequer vieram às terras amazônicas, como Alonso de Rojas. Desse modo, a Amazônia foi sendo construída, discursivamente, a partir do olhar e sensações de cronistas que pisaram em seu solo ou navegaram em suas águas ou, ainda, daqueles que a desenharam com base em informações que chegaram aos seus ouvidos. Diante de tais circunstâncias, não foram raros os equívocos, os reducionismos e as visões estereotipadas produzidos por esses cronistas, influenciados por referências e informações, muitas vezes distorcidas. Tudo isso acaba por permitir uma compreensão mais aprimorada a respeito da influência dessas narrativas primeiras na produção dos discursos contemporâneos, seja sobre o clima, a fauna, a flora, os habitantes e as condições de vida na Hileia, pois essa visão acabou sendo incorporada, faz parte da história oficial e naturalizada, tornando-se, portanto, em uma espécie de explicação desse lugar, quase sempre visto como uma imensidão verde, habitada por diversidade de espécies impressionante. Assim, o presente texto, tem como objetivo apresentar o resultado de um estudo das obras À margem da história, de Euclides da Cunha (1967), e O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia, de Leandro Tocantins (1973), tentando, a partir de reflexões, desvendar os olhares e sensações voltados para a Amazônia. Para realizar este estudo, de caráter bibliográfico e, a partir dele, ter uma visão mais ampla a respeito dessa temática, além dos autores supracitados, foi necessário mergulhar nas páginas escritas por autores que se aventuram a conhecer e/ou narrar o mundo amazônico, como Wallace (1979), Verne (2003), Gondim (1994), SPIX & MARTIUS (1994), entre outros. Ademais, como suporte teórico, para o estudo da linguagem que se apresenta nos livros de Euclides da Cunha e Leandro Tocantins, foi essencial recorrer a Bakhtin (1997). Ao término do presente estudo, mesmo observando



que Euclides da Cunha descreveu poeticamente a Amazônia, o fez, porém, sem abrir mão da visão de homem republicano, analisando e criticando o modo de ser e de estar daqueles que habitam o espaço amazônico. Aspectos poéticos também são perceptíveis na narrativa de Leandro Tocantins, além dos românticos e fantásticos, ao referir à Amazônia. Porém, ele acaba reproduzindo (pré)-conceitos que também se apresentam em outros discursos produzidos sobre a Hileia, por exemplo, ao usar expressões como “mundo à parte”, “não civilizado”. Portanto, nas obras estudadas, não ocorre a superação do antagonismo Inferno X Paraíso que acabou ficando raízes no imaginário das pessoas que passaram ou mesmo vivem na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: AMAZÔNIA. NARRATIVAS AMAZÔNICAS.

EUCLIDES DA CUNHA. LEANDRO TOCANTINS.

A LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Ana Sílvia Moço Aparício

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Sandra Cristina da Silva Rebelo

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Neste trabalho, apresentamos resultados de uma pesquisa que investigou o processo de inserção da literatura marginal-periférica nos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de São Paulo, por meio do projeto da Sala de Leitura. Seguindo a metodologia do estudo de caso, realizamos análise de documentos oficiais, entrevistas com responsáveis pelo projeto da sala de leitura, professores orientadores de sala de leitura e alunos. Tomamos como aporte teórico do trabalho o conceito de hibridação cultural de Néstor Garcila Canclini, o pensamento dialético e humanista de Paulo Freire sobre a diversidade cultural e as práticas educativas, e o conceito de literatura marginal-periférica de Regina Dalcastagné, Érica Peçanha Nascimento, entre outros. O estudo buscou apontar aspectos sobre como a literatura marginal-periférica, esse “produto cultural” produzido pelas/nas periferias, tem sido inserido em ambientes educacionais formais e quais valores representa, do ponto de vista social, cultural e estético. Os resultados revelam interesse e preocupação de algumas políticas públicas educacionais com a concretização de ações de inclusão social, cultural, de identidade e igualdade, por meio do currículo escolar e da inserção da literatura marginal-periférica na escola. Essas intenções puderam ser observadas tanto na escolha do acervo disponibilizado aos professores e alunos, quanto nas ações e projetos paralelos desenvolvidos junto às Salas de Leitura da rede municipal. Concluímos que as necessidades sociais de práticas de leitura no contexto escolar tornaram-se outras, pois o grande papel que se deve atribuir à literatura, na escola, não está relacionado à formação social dos sujeitos somente por meio dos clássicos, mas também como ferramenta de inclusão social, por meio de diversos gêneros literários, como a literatura marginal-periférica, que nos convidem a reflexões que estabeleçam relações com diferentes contextos sociais. Nesse sentido, a Sala de leitura configura-se como um dispositivo de ação social, cultural e pedagógico, valorizando as literaturas não hegemônicas e garantindo o direito à literatura.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA. SALAS DE LEITURA. FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS. LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA.

A MELANCOLIA DE ERNESTO E ACEDIA MEDIEVAL: APROXIMAÇÕES EM LOS RÍOS PROFUNDOS

Elayne Castro Correia

Universidade Federal do Ceará

O presente trabalho procura tecer relações entre a melancolia identificada no romance *Los ríos profundos*, do escritor José María Arguedas (1911-1969), em especial na personagem Ernesto, e a acedia medieval, mal-estar que atingiu religiosos enclausurados no período da Idade Média. Longe de emitir um juízo de valor do tipo fonte/influência, ainda que legítimo, o estudo, como já dito, se propõe a tecer relações que demonstrem a capacidade da literatura de reelaborar imaginativamente o fato histórico e até mesmo literário. Por meio da leitura do romance arguediano, é possível perceber elementos que aproximem o que Ernesto viveu no colégio interno com o que a história narrou como acedia medieval? A partir de considerações de teóricos assim como Starobinski (2016) e Klibansky; Panofsky; Saxl (2004), como também de Cornejo Polar (2008) e Ángel Rama (2012), é possível perceber que a cristandade do colégio interno, a reclusão e a expectativa de saída e até a memória são pontos também explorados nos discursos históricos e religiosos que instauram profícuas relações texto literário/discurso histórico e religioso.

PALAVRAS-CHAVE: ERNESTO. LOS RÍOS PROFUNDOS. MELANCOLIA. ACEDIA.

Iana Carla Couto

Universidade Federal de Santa Catarina

Júlia da Rosa Savian

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Os símbolos culturais e a utilização de formas simbólicas como modelo para a realidade são, além de fenômenos sociológicos ou históricos, importantes elementos para a compreensão da estrutura mental. A presente pesquisa se constitui como um exercício interdisciplinar que consiste em incluir nos estudos relativos a interpretação psicológica da vida simbólica temas andinos, com o fim de fortalecer a identidade latino-americana. Tendo como base Carl Gustav Jung e partindo da hipótese de que os símbolos culturais não são arbitrários, tampouco simplesmente criados pelos indivíduos, mas projeções impessoais oriundas de fatores essencialmente inconscientes, propõem-se investigar a organização espaço-simbólica da cosmovisão inca, procurando responder em que os símbolos operam. A pesquisa centra-se nos três planos que compunham o universo: Hanan Pacha, o mundo divino dos deuses, representado pela figura do Condor, Kay Pacha, o mundo presente dos homens, representado pela figura do Puma e Uku Pacha, o mundo subterrâneo, representado pela figura da Serpente. Pacha é um conceito andino que aglutina o estático e o dinâmico, o espaço e o tempo, em sua aplicação para expressar tempos relativos é possível conceber o Uku Pacha como o passado, Kay Pacha como o presente, como consciência que pode ampliar-se ou reduzir-se, que recorda do passado e marcha para o futuro, ocupando papel de intermediário entre os opostos-complementares e Hanan Pacha como o que não se vê, o futuro. Através do diálogo entre os conceitos apresentados por Carl Gustav Jung e as pesquisas realizadas sobre os três planos compositores do universo, é possível identificar que a lógica da organização espaço-simbólica andina, baseada na dualidade, na tripartição e na quaternidade, relaciona-se com a unidade, com o processo de tomada de consciência e com a totalidade.

PALAVRAS-CHAVE: PSICOLOGIA ANALÍTICA. VIDA SIMBÓLICA. AMÉRICA LATINA. ESTUDOS ANDINOS.

A REPRESENTAÇÃO DA FLORESTA E DO SACI NA LITERATURA PARA CRIANÇAS: O FANTÁSTICO E A NARRATIVA VISUAL

Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araujo
Universidade Federal do Acre

Esta proposta de comunicação busca aproximar a literatura fantástica com uma narrativa visual criada pela artista Ciça Fittipaldi. Denominado no mercado editorial como livro-imagem, a narrativa visual tem como característica a narração feita primordialmente – ou exclusivamente- pela imagem. A narrativa Saci foi produzida ao longo da pesquisa de doutoramento que buscava compreender os modos de interação/interferência entre a leitura de crianças pré-escolares e a narrativa em processo de criação. A relação do ser misterioso Saci e a floresta proposta pela artista se intercala com as opiniões das crianças e seus conhecimentos acerca da floresta e seus habitantes. Conhecedora profunda das culturas presentes em seu país, Ciça Fittipaldi incorpora em suas obras diferentes elementos desta pluralidade que se irradia nas histórias que produz. A construção da narrativa estava atrelada à leitura das crianças, podendo a artista escolher os elementos a serem usados na história. Em movimentos alternantes de acordo com o desenvolvimento narrativo, acolhia a opinião das crianças e seguia o caminho por elas proposto ou direcionava a narrativa para o improvável num jogo dinâmico com seus leitores. Abrir o processo de criação para que diferentes leitores visualizem – e opinem!- sobre o work in process e conciliar suas ideias primeiras com as proposições posteriores dos leitores representou para esta artista uma grande provocação. Buscamos observar nesta inter-relação (processo e produto) vestígios da literatura fantástica proposta por Todorov (2003) no livro-imagem criado por Ciça Fittipaldi. Na medida que a complexificação da narrativa não prescindiu a palavra escrita mas trouxe elementos fantásticos, fazendo com que a leitura se pautasse na imaginação e não naquilo que era familiar ao leitor e, neste caso específico, leitores crianças. O verbo emanou da imagem. Na sequência visual nascida da interação crianças-artista as imagens são autônomas, expressivas e, sobretudo, detentoras de toda a carga narrativa. Como propõe Todorov (2003) na busca de explicitar o fantástico, o assombro, o deslumbre, a busca de significados permearam esse processo não apenas na presença de acontecimentos estranhos na obra, mas implicaram profundamente os modos que as crianças realizavam a leitura.


PALAVRAS-CHAVE: PROCESSO DE CRIAÇÃO. LEITURA DE IMAGEM. LITERATURA FANTÁSTICA. LIVRO-IMAGEM. CIÇA FITTIPALDI.

**A RESISTÊNCIA ENTRE AS CONTAS DA MEMÓRIA NO ROSÁRIO
METAFÓRICO DO MITO**

Carlos David Larraondo Chauca
Universidade Federal do Acre- Campus Cruzeiro do Sul

Suerda Mara Monteiro Vital Lima
Universidade Federal do Acre

Investigadores como Alfredo López Austin e Luis Millones defendem o pressuposto de que não há nada mais contemporâneo que o mito, tendo em vista que “el pensamiento mítico” segue sendo o pilar, o fundamento para uma série de concepções humanas, entrelaçando-se aos mais variados aspectos da vida. Perpassados pelas impressões dos supracitados autores, assumimos no presente estudo a mitologia andina e mesoamericana como um recurso, um fôlego epistemológico, que propicia a elaboração de lógicas alternativas, permitindo uma reflexão sobre nossos atravessamentos identitários, posto que muitos dos mitos ameríndios ficaram entrelaçados, segundo os próprios investigadores (Austin e Millones) “por uma união na qual até agora se debatem”. Nossa intenção no presente trabalho foi a de apontar uma série de elementos míticos que matizam os textos de autores latino-americanos, tais como César Vallejo (peruano) e Laura Esquivel (mexicana), indicando que alguns elementos, termos, metáforas, bem como o próprio poema, ou obra, assim como os “coricanchas”, lugares sagrados, templos do sol que foram disfarçados pelos colonizadores com construções europeias, como igrejas, são monumentos erigidos para honrar a memória e a tradição dos povos originários, mas também, para além disso, são o signo da resistência da cultura andina e mesoamericana, que se emblematiza bem na metáfora proposta por Esquivel em seu romance “Malinche”, quando a personagem, transmutada das páginas da história da dita conquista europeia, uniu a um fio de algodão, uma série de grãos de milho que lhe foram presenteados por sua avó/mãe (personagem complexo e ambivalente na obra) e todas as manhãs, conversava com seus deuses e seus ancestrais perpassando entre os dedos, os grãos que agora haviam se convertido em contas, contas do rosário da memória, de sua memória particular e das memórias místicas, linguísticas, históricas, agrícolas etc de vários grupos que habita(va)m a região que hoje conhecemos como México. É curioso pensar que um elemento como o rosário, diretamente ligado à cultura religiosa ocidental, é constituído na verdade, pelo milho, que na cultura mesoamericana é o cordão umbilical entre o homem e o deus



Quetzalcóatl, milho que unirá o homem a todas as demais instâncias cósmicas, desde o místico e adivinhatório até as práticas cotidianas que envolvem a arte e a contagem do tempo. Ao longo da pesquisa desenvolvemos reflexões e análises acerca de outros elementos míticos dos Andes e da Mesoamérica, para tanto trabalhamos com os seguintes investigadores e teóricos: Austin e Millones (2015), Carlos Ramos Rosete (2006), Gagnebin (2014), Vargas Llosa (2010), Pedro Granados (2010) e Mercedes López (1989).

PALAVRAS-CHAVE: MITOS ANDINOS E MESOAMERICANOS. VALLEJO. LAURA ESQUIVEL. MEMÓRIA. COTIDIANO.

Riane de Deus Lima

Governo do Estado de Roraima

Rómulo Gallegos, é uma figura venezuelana proeminente, partícipe de diversos episódios de sua literatura e história. Gallegos esteve nos movimentos culturais venezuelanos, como a “Geração de 18” e o “Círculo de Belas Artes” que buscaram transformar as formas de expressão da literatura tradicional do país. Buscou conciliar a sensibilidade do momento histórico em que escreveu com elementos que tipificam a realidade anímica e potente do povo daquela nação, e com força avassaladora representou o mundo natural venezuelano, sendo internacionalmente reconhecido. E dessa consagração como escritor do cânone venezuelano adveio sua carreira política como Deputado Federal, Senador, Ministro da Educação e primeiro presidente democraticamente eleito na Venezuela. Com *Canaima*, romance que discute o ethos venezuelano, Gallegos conseguiu imprimir uma intenção literária, uma poética realista, um ponto de vista etnológico, com nomes e características dos lugares, verossimilitudes, ótima descrição, conjugando a ficção, efeito estético e a ilusão realista na sua obra. Questionávamos se, enquanto *Macunaíma* representa nossa brasilidade, se Marcos Vargas (protagonista de *Canaima*) representaria a “venezuelanidade”, e dessa feita, por consequência, interessava sua contribuição para a edificação de uma identidade literária na tríplice fronteira. Iniciamos o texto com *Convergências: Espaço E Literatura* onde dimensionamos o espaço enquanto categoria fundamental da percepção e do ato de compreensão humanos, como elemento fundamentador da narrativa, meio onde se movem as personagens, capaz de influir em sua constituição e destinação. Refletimos também o processo de construção das nacionalidades, como noção de lugar construída num sentido bastante abrangente e explicitamos o Regionalismo transnacional em que regiões com traços culturais comuns não se limitam aos territórios nacionais, mas abarcam países vizinhos. Adiante, em *CIRCUM-RORAIMA: LITERATURA, ESPAÇO E SOCIEDADE* discutimos a condição da conformação cultural da região circum-Roraima, marcada pela “poética do imaginário” enquanto lugar de seres fantásticos como o Canaimé, o Boto, o Rabudo, a Cobra Grande; um lugar com força suficiente para imprimir sua marca particular nas relações sociais e ambientais. Enfim, em *CULTURA E LITERATURA NA VENEZUELA* adentramos a formação da Venezuela na questão histórica e de constituição de seu território, onde o espaço Guayana (nomenclatura de Francilene

Rodrigues para o circun) pode ser concebido como constituidor e destinador do suposto caráter do venezuelano. Logramos ainda construir um breve panorama literário, onde os primeiros relatos são novelas influídas pelo movimento romântico francês de Rousseau, Chateaubriand, Saint Pierre e Victor Hugo, em que a inspiração europeia origina personagens moralizante, princesas e lugares europeus de sonho, distantes da realidade venezuelana. Mas passado o ideário romântico, um Realismo literário se sobrepõe, com verdade, vida, e o império da natureza. Em seguida, o Modernismo venezuelano é momento literário nacional de espíritos audazes, livres e jovens, e o século XX acresce a preocupação estética e o rigor literário, o cuidado com a linguagem e o adorno retórico. É a instrumentalização do processo lento e laborioso que constituirá as manifestações do naturalismo e reforço expressivo do criolismo venezuelano no campo da narração. O criolismo na literatura é o movimento responsável pela ostensão do ambiente, por personificar a fase de cores nacionais, ornamentada da seiva campesina e da substância da Venezuela. É o momento em que os escritores, sob a força inconsciente da tradição e da terra, buscaram o sentido do ambiente artístico no espírito patriótico das almas. Finalizamos com CANAIMA E A TRADIÇÃO CIRCUM-RORAIMA, a novela de Gallegos faz crítica profunda a esse processo e tem uma finalidade estética que se sobressai frente ao caráter social: denuncia a ambição do ouro, do extrativismo vegetal, a exploração do homem pelo homem, o derramamento de sangue e os assassinatos recorrentes. Nesse afã, aborda e desvela o ambiente de atraso e corrupção; a ineficácia das autoridades civis, os indígenas abandonados, que provocavam reiterados protestos do autor.

PALAVRAS-CHAVE: REGIÃO (CIRCUM-RORAIMA). LITERATURAS NACIONAIS E LATINO-AMERICANAS.

A(S) LEITURA(S) DA MÚSICA “DESPACITO” COMO RECURSO PARA O ENSINO DE E/LE

Luciana Aparecida da Silva

Centro de Referência de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro

As letras das músicas não aparecem com frequência nos livros didáticos para os alunos dos ensinos fundamental e médio no Brasil; desta forma, não se percebe que a música também é um gênero multimodal que contribui para o conhecimento da pluralidade cultural da língua estrangeira espanhol (le). É importante o professor mediador enfatizar a estreita relação entre as imagens visuais do vídeo “despacito” e o texto escrito (a letra da música), e a simbiose é necessária à compreensão do(s) sentido(s); alertar que cada imagem, cenário, sons, vestuários e ritmo da música auxiliam na construção do(s) sentido(s) do texto, e facilita aos estudantes uma melhor assimilação das riquezas culturais do continente americano e das leituras textuais que realizam durante a aprendizagem do espanhol(e)/le. A metodologia empregada será a pré-leitura (informações sobre o que é o regaton e o contexto cultural de San Juan), a leitura interativa (leitura do texto boom de 2017), com as utilizações de dicionários espanhóis (e/ou em celulares on-line dos alunos) para as interpretações e as compreensões da letra da música (fomenta a curiosidade e estimula as leituras dos alunos). O pós-leitura leva aos alunos às comparações entre o *modus vivendi* das duas realidades, a dos alunos no Brasil e a dos porto-riquenhos no vídeo “despacito”; também são efetivadas, para a construção/conscientização da(s) identidade(s) cultural (is) dos envolvidos, o desenvolvimento paralelo da habilidade da expressão oral no uso da le, junto à compreensão leitora. Os resultados apontam uma maior conscientização dos alunos em relação à própria cultura; a construção da identidade nacional frente à estrangeira, diferenças e semelhanças; o desenvolvimento da competência linguística por meio da oralidade e da compreensão escrita do texto multimodal. Letramento crítico como prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: TEXTO DE LEITURA MULTIMODAL “DESPACITO”.
LEITURA COMPREENSIVA. CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S).
IDENTIDADES CULTURAIS.

AFIRMAÇÃO DE VIDA EM “DOS TRAPOS CORAÇÃO (I)” DE SALGADO MARANHÃO

Anny Beatriz Machado Lopes
Universidade Estadual da Bahia

O prazer, por vezes indissociável da experiência poética propiciada pela arte, aparece como um carro-chefe em muitos dos escritos de Salgado Maranhão. Este poeta negro e maranhense traz no jogo poético que constrói uma experiência de afirmação de vida e resistência, seja por meio de um forte traço erótico-amoroso, seja no ato estético-político que encontra, na poesia, um lugar de potência para os sujeitos marcados pela dor e pelo cansaço de viver. Um de seus poemas, “Dos trapos coração”, escrito em 1989 e publicado em *Punhos da Serpente* (MARANHÃO, 1989), permite uma análise de como as palavras, aqui postas pelo poeta, distribuem a partir de si o prazer e jorram uma vontade de vida, principalmente àqueles a quem a estagnação contínua da chamada vida real diria que o desfastio e a fruição lhes são impossíveis. Fez-se então um estudo sobre as possibilidades percorridas por este poema e seus possíveis significados, levando em conta sua produção de saúde (DELEUZE, 1997). Esta se faz quando ocorre o movimento de resistência ao que simbolicamente o esmaga, na chamada vida real, enquanto estabelece uma rasura que proporciona armas de resistência e afirmação de vida. Pensado por este viés, o ensaio/análise desta poesia encontra, na escrita de Maranhão, os traços e as aberturas que permitem linhas de fuga para a sobrevivência, para uma chama da vida.

PALAVRAS-CHAVE: SALGADO MARANHÃO. POESIA LÍRICA.

PRODUÇÃO DE SAÚDE. AFIRMAÇÃO DE VIDA.

**AL NORTE DE ARGENTINA, EMERGENCIAS URBANAS EN LAS
LITERATURAS REGIONALES. POESÍA POSTAUTÓNOMA Y EMANCIPATORIA**

Fernando David Choque
Universidad Nacional de Jujuy

La poesía de los poetas jóvenes de Jujuy, provincia al Norte de Argentina, fronteriza y heterogénea, se presenta fuera de la estética autónoma del arte, y su producción aparece dentro de lo que Josefina Ludmer define como literaturas post-autónomas donde la obra de arte rompe con el aislamiento y deja que su estructura y leyes de producción sean atravesadas por otros discursos además del literario. Estas poéticas se proponen por fuera de las estéticas literarias dominantes. El quiebre deviene en post-autonomía, mientras una forma literaria aparece como pulida, lustrada y acondicionada si se quiere, la nueva poesía irrumpe desde lo irregular. Una irregularidad que compone grito, vulgaridad, suciedad, banalidad, cotidianeidad todos elementos que no pertenecen al sistema literario tradicional. En la poesía clásica la palabra se busca plurivocal, escondiendo o develando algo que debe recuperarse en el proceso de lectura e interpretación. Mientras las nuevas estéticas buscan quitarle significados a la letra y proponen un espacio donde no haya más juegos de palabra que la misma realidad, retrotraerse al primer signo si se quiere, una desautomatización de los sentidos para iniciar un recorrido nuevo. Hay una formulación de un arte “emancipado” de la prisión de la autonomía, del discurso moderno camuflado en la globalización y de la falacia post-moderna que solo reprodujo un sistema anterior. La idea de un contra-postmodernismo es quizá el aporte que posibilite una mejor interpretación de la nueva poesía, visto que su crítica al modernismo ya lleva varias décadas. No podemos dejar de vislumbrar en los jóvenes poetas una revisión del post-modernismo a la vista de su ineficacia para romper con la hegemonía de lo moderno, reinstalado a partir de la globalización, cuando se creía que el horizonte estaba al fin liberado. La generación emancipada es aquella que no requiere de fórmulas fijas, que es consciente de las falsedades del mundo, por ello intentan desarticular la máxima expresión del lenguaje humano: lo poético.

PALAVRAS-CHAVE: POESÍA. JÓVENES. REGIONAL. POSTAUTONOMÍA Y EMANCIPACIÓN.

ALMAS. MADRE LAURA MONTOYA UPEGUI: FUNDADORA, DIRECTORA Y EDITORA

Dahyana Restrepo Sepulveda
Universidad de Antioquia

En el presente trabajo se sientan las bases para profundizar sobre la labor que desempeñó la Madre Laura Montoya Upegui en la revista Almas. La Madre Laura incursiona en el oficio de la edición y de la tipografía y funda esta revista que funciona como una herramienta de difusión, además de que cumple un papel importante en una red de información, de corte cultural y religiosa, que permitió llevar el acontecer de las misiones evangelizadoras de su Congregación en Antioquia a los hogares de las familias colombianas y del extranjero. Para el estudio de revista, nos apoyarnos en teorías y en autores contemporáneos que trabajan en el ámbito de las publicaciones periódicas, de manera que se hace una descripción de la publicación periódica Almas desde todas sus dimensiones: material, inmaterial, ideológica, y en cuanto a su geografía humana, sus características, la periodicidad y el papel evangelizador que desempeña en la tradición antioqueña.


PALAVRAS-CHAVE: EDICIÓN. TIPOGRAFÍA. PUBLICACIONES PERIÓDICAS. MADRE LAURA. LETRAS FEMENINAS.

ANAGNÓRISIS ONTOLÓGICA EN CLARICE LISPECTOR. FLUJO DE CONCIENCIA PARA BAUTIZAR EL SONIDO DE LA INCERTIDUMBRE

Jade Castellanos Rosales

Universidad Autónoma del Estado de México

Se pretende realizar una reflexión y análisis sobre la importancia del lenguaje en *La pasión* según G.H. Esa búsqueda por encontrar el vocabulario preciso y riguroso que medie entre la necesidad de expresarse y el abismo del silencio. Algo muy relevante en la obra de esta autora es el hecho de que una situación aparentemente intrascendente, detona un profundo drama existencial en el personaje principal. Dicho drama suele presentarse por medio del monólogo interior, que dará cauce al cisma emocional del protagonista. En efecto, en este trabajo pretendo estudiar la revelación del ser en tanto que ser, mediante el uso de un lenguaje que deliberadamente emplea el flujo de conciencia para propiciar una epifanía, el abordaje de una revelación ontológica que nombra la confusión, la inquietud generada por un hecho anodino. Y Clarice Lispector lo logra desde un lenguaje sonoro y rico, sensual, que contradice su profundidad e intimismo. La autora brasileña prefería emplear un vocabulario sencillo para nombrar lo que trasciende. Aquí se procederá a definir los principales conceptos vinculados con el objeto de estudio. Los conceptos principales son el monólogo interior y el flujo de conciencia. Aunque muchos autores consideran que los dos son uno mismo, aquí se pretenderá que no son iguales, que más bien el flujo de conciencia es una exacerbación del monólogo interior. Esta técnica se ha usado desde hace mucho tiempo; por ejemplo, William Shakespeare es un maestro del monólogo y lo usa con auténtico dominio en varias de sus obras. Tiempo después, se forma en los primeros años del siglo XX en Gran Bretaña, el Círculo de Bloomsbury, conformado por autores brillantes, filósofos, pintores, entre ellos destacan Virginia Woolf, Bertrand Russell, James Joyce, William Faulkner. Estos autores coinciden en emplear el monólogo interior en sus obras, en ciertos casos con absoluto flujo de conciencia. Clarice Lispector emplea dicho monólogo y flujo de conciencia en la obra seleccionada: *La pasión* según G.H. En ella se aprecia dicho monólogo como una especie de reflexión, un hilo conductor del pensamiento libre que, en el caso de esta autora, llega a provocar una ascesis en el pensamiento; una liberación espiritual precedida por la incertidumbre. Y con ello, también cambia algo en el lector. La vía de la liberación adquiere la forma de una cucaracha, y la ascesis se logra mediante una asunción de la esencia de la cucaracha como propia, así como de una despersonalización que altera la identidad del ser. De manera que casi se intercambian personalidades



entre protagonista (lector) y cucaracha, dando lugar a una ambigüedad extrema en la manifestación o intercambio de la identidad, pues por medio de comerse a la cucaracha se come a sí misma. Objetivo y enfoque teórico-metodológico: El objetivo de esta ponencia es demostrar cómo logra Clarice Lispector transformar el lenguaje de la incertidumbre, por una toma de conciencia plena en certezas en donde se manifiesta una revelación a nivel del ser, que oscila entre un tratamiento filosófico y un discurso expresionista y existencialista. Para ello, resultará vital el estudio de la metapoética según Fernando Martínez Ramírez, así como la estructura de Joseph Campbell en torno a la figura del héroe, y el salvamento artístico y existencial que propone Jean Paul Sartre en *La Náusea*.

PALAVRAS-CHAVE: ANAGNÓRISIS ONTOLÓGICA.

DESPERSONALIZACIÓN. INCERTIDUMBRE. FLUJO DE CONCIENCIA.

METAPOÉTICA.

ANÁLISE DO DISCURSO: SUJEITO E SENTIDO

Ane Caroline Rodrigues dos Santos Fonseca
Universidade Federal de Rondônia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento que pretende investigar as relações de constituição entre sujeito e sentido na Análise de Discurso. A nosso ver, há uma imbricação entre a constituição de um indivíduo em sujeito e a produção de sentido. O estudo do tema é relevante porque compreendemos que a análise do discurso nos traz conceitos importantes sobre a relação existente entre o sujeito e o sentido. O estudo será norteado pelos seguintes questionamentos: Qual a relação sujeito/sentido e suas relações com o conceito de equívoco? Como a construção de sentido está diretamente ligada à de sujeito? Em que consiste uma evidência de sentido? Que relações ela institui e pressupõe? Em quais espaços está evidência se projeta, traça caminhos, solicita posições, desliza em estranheza? Para a Análise do Discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas àquele apreendido num espaço coletivo. Graças ao trabalho com a ideologia, entende-se o sujeito, como construção polifônica, historicamente constituído. Compreende-se que constituição do sentido é socialmente construída. A aparente monossemia de uma palavra ou enunciado é fruto de um processo de sedimentação ou cristalização que apaga ou silencia a disputa que houve para dicionarizá-la. O sentido não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas. Por isso, o sentido é alvo do exercício do poder, principalmente em sociedades cujos governos são autoritários. O estudo está sendo fundamento nos conceitos de Ideologia, de Althusser, e de Inconsciente e Significante, de Lacan, que serão relacionados com dois textos de Pêcheux, a saber, “Só há causa daquilo que falha” (1978) e “A Análise de Discurso: três épocas” (1983), além dos pressupostos de Eni Orlandi. Através dos resultados preliminares observamos que o processo de constituição de um indivíduo em sujeito está diretamente ligado à questão do sentido. Notamos que este processo não se dá de maneira uniforme, sem desvios ou contradições; pelo contrário, o tornar-se sujeito é um percurso constitutivamente falho, disperso, um caminho aberto ao equívoco.

PALAVRAS-CHAVE: ANÁLISE DO DISCURSO. SUJEITO. SENTIDO.
IDEOLOGIA.

ANÁLISE LITERÁRIA COMPARADA DOS CONTOS MISS BRILL E ANGÚSTIA A PARTIR DA “INVISIBILIDADE PÚBLICA” E “HUMILHAÇÃO SOCIAL”

Luiz Eduardo Guedes Conceição

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

Esta pesquisa objetiva analisar os contos Miss Brill, de Katherine Mansfield, e Angústia, de Anton Chekhov, que envolvem contextos sociais acerca da Invisibilidade Pública e Humilhação Social (COSTA, 2004; GONÇALVES FILHO, 1998). Fez-se uso de uma metodologia de estudo qualitativa e de cunho bibliográfico, analisando os contos no contexto da Literatura Comparada (COUTINHO & CARVALHAL, 1994), técnica de interpretação da teoria literária que estuda dois ou mais materiais literários (autor, texto, leitor, tradutor ou interprete), em que se identificam aspectos relevantes da abordagem técnica da narrativa, temas, símbolos dos contos. Chegou-se à conclusão de que os autores priorizaram temas cotidianos, acontecimentos da narrativa, os sentimentos das personagens, o uso vocabular, entre outros aspectos para envolver o leitor em dois fenômenos sociais, humilhação social e invisibilidade pública, que são realidade na sociedade contemporânea e que se reflete em produções antropológicas - literatura - mesmo que escritas em tempo e espaço geográfico distintos.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA COMPARADA. MISS BRILL. ANGÚSTIA. HUMILHAÇÃO SOCIAL. INVISIBILIDADE PÚBLICA.

ANÁLISIS DEL IMAGINARIO DEL “YO” POÉTICO EN NAUFRAGIO DE YOLANDA BEDREGAL

Karen Paola Escobar Centellas
Universidad Mayor de San Andrés

La presente ponencia tiene como objetivo rescatar una obra importante dentro de la literatura de Yolanda Bedregal, siendo Naufragio (1936) su primer libro publicado, con una reedición en 1977. El trabajo hace un acercamiento a la construcción del personaje a partir de recuerdos, desde el mundo infantil hasta, encontrarnos en un mundo adulto desde donde narra la voz poética. De manera que el “yo” poético de Naufragio reconstruye cómo la mujer gradualmente va sumergiéndose en el imaginario social de su colectividad. A partir de la propuesta de lectura, el trabajo es un análisis de cómo este personaje se va descubriendo a sí misma, va creciendo y va formando su imaginario para adentrarse en una sociedad que pasa por un momento de transición, como lo es la guerra del Chaco (1932-1935). Es así que este análisis mostrará cómo se describe un proceso de maduración físico/fisiológico del personaje y cómo este lleva a la construcción del imaginario social.

PALAVRAS-CHAVE: CONSTRUCCIÓN. “YO” POÉTICO. IMAGINARIO.
DESCUBRIMIENTO. GUERRA. CONSTRUCCIÓN. “YO” POÉTICO.
IMAGINARIO. DESCUBRIMIENTO. GUERRA.

ANIMATIC EN EL AULA: PRACTICAS DE ENSEÑANZA LINGÜÍSTICA MEDIADAS POR LAS TIC

Maria Mercedes Sosa

Universidad Nacional de Jujuy

La enseñanza de la lengua y la literatura implica para la práctica del docente el desarrollo de habilidades comunicacionales vinculadas a la expresión oral y escrita. Los dispositivos tecnológicos pueden resultar aliados fundamentales en secuencias didácticas que permitan que los estudiantes se conviertan en protagonistas del proceso de comprensión y producción de textos de circulación social diversa. Publicidades, propagandas, poesías, novelas, biografías son algunos de los tipos textuales que resultaron ejes vertebradores del desarrollo de experiencias con TICS. La ponencia se ocupara de difundir experiencias en aula en las que la tecnología fue el soporte de aprendizajes protagonizados por estudiantes de escuelas públicas de zonas rurales de la Quebrada de Humahuaca en la provincia de Jujuy (Argentina). Selección poética, grabación de poesías leídas en voz alta, edición de un CD colectivo, diseño de tapa de presentación; entrevista a la primera carterera del pueblo de Purmamarca que durante treinta años desarrolló su labor para posteriormente convertir en un audiovisual en stop motion fragmentos de esa vida; lectura de novelas posterior edición en booktrillers, elaboración de videos poemas a partir de la generación de imágenes ilustrativas y la lectura en voz alta; campañas de concientización audiovisual, son algunas de las experiencias que se presentarán describiendo el proceso didáctico implícito en la planificación y ejecución de proyectos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: ANIMATIC. ENSEÑANZA. TIC.

Claudia Cristina Zanela

Universidade Federal de Santa Catarina

O objetivo deste artigo é revisitar contribuições de Antonio Gramsci (1891-1937) sobre educação, em especial no que se refere às dimensões políticas da proposta de escola unitária – processo em consonância com a expectativa de construção de hegemonia por meio também da educação. Analisamos as concepções de Estado e de sociedade civil e os conceitos de liberdade, cidadania, hegemonia e democracia, na tentativa de compreender o movimento dialético da totalidade, para então encontrar a política na qual se insere a luta pela transformação social. As análises tomam como fonte os Cadernos do Cárcere, balizadas por um diálogo com a literatura de comentário, em especial as obras “Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis”, de Giovanni Semeraro, e “Modernidades alternativas: O século XX de Antonio Gramsci”, escrito por Giuseppe Vacca. As conclusões apontam para um projeto que, se passa pela educação, não o faz em sentido da ordem capitalista, mas procurando uma nova organização social. O pensamento gramsciano é lido como um legado filosófico e educativo que nos desafia a pensar e lutar por uma educação emancipadora para todas as crianças e jovens. Sob tal perspectiva, é importante não perder de vista na agenda política educacional esse registro utópico que, mesmo nos limites do tempo presente, pode potencializar discussões e ações que avancem em direção transformadora e na construção da nova sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: ANTONIO GRAMSCI. CADERNOS DE CÁRCERE. EDUCAÇÃO. DEMOCRACIA. HEGEMONIA.

**ARTE NA ESCOLA NARRATIVAS E OS CONTEÚDOS AFRO-BRASILEIROS E
INDÍGENAS EM SALA DE AULA**

Jamila Nascimento Pontes

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Acre

Rafaela da Silva de Lima

Universidade Federal do Acre

Discutir as questões afro-brasileira e indígena em sala de aula têm se tornado um desafio nas escolas brasileiras. Um dos motivos é a falta de formação de professor comprometida e os inúmeros equívocos que se mantêm ao longo da história em relação a estes povos. Para discutir esta temática na aula de Artes, optou-se pela produção e apresentação de autorretratos, conforme a proposta triangular de Ana Mae Barbosa (1998), situando a importância do autorretrato ao longo da história da arte. O referido trabalho foi desenvolvido com os alunos do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. É neste ambiente escolar discutido por Moreira e Candu (2003) que se problematiza os discursos e as narrativas naturalizadas em relação aos povos indígenas e aos negros no Brasil. Para tanto, têm-se como referência Orlandi (1990), Chauí (2008), Hall (2013). À medida que os alunos apresentavam os trabalhos e destacavam os traços anatômicos, formas de resistência surgiram, como por exemplo as preferências musicais.

**PALAVRAS-CHAVE: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS. CONSTRUÇÕES
IDENTITÁRIAS. NARRATIVAS.**

AS CONSEQUÊNCIAS DO (NEO) COLONIALISMO NAS CANÇÕES
“N.E.G.R.A.” (1) DE CECILE E EM “STIAMO TUTTI BENE” (2) DE
MIRKOEILCANE NO FESTIVAL DE SANREMO 2017 E 2018

Teresa Di Somma
Universidade Federal do Acre

Neste trabalho pretendo analisar o Festival de Sanremo como ritual para promulgar o status quo do discurso hegemônico da nação italiana. Com base no trabalho de Foucault, vou demonstrar como o Festival contribui na criação do “verdadeiro” ou seja, a narração aceita e promulgada pela classe dominante. Vou demonstrar como se reflete nas dinâmicas de duas canções concorrentes ao Festival, ou seja, “N.E.G.R.A.” (1) de Cecile “Stiamo tutti bene” (2) de Mirkoelcane e. (2) trata da tragédia dos naufrágios e afogamentos de refugiados, que continuamente tentam de atravessar o Mar Mediterrâneo a partir das costas africanas para chegar à Europa. (1) verte sobre as discriminações subidas pela cantora, italiana negra de origem camaronense, na sua vida na Itália. Não obstante as duas canções tratem sobre as consequências do (neo) colonialismo, só (1) identifica e culpa a origem (neo) colonialista dos seus opressores. O discurso hegemônico vem sendo refletido pelo fato que (1) em 2016 foi eliminada do Festival e foi asperamente criticada. (2) vai participar no próximo Festival em fevereiro 2018 e pode-se perceber um grande favor do público nas redes sociais, dos críticos musicais e dos júris. (2), fazendo comover até as lágrimas, se insere numa retórica da piedade que coincide com aquela do estado italiano no comemorar e “abrigar” em seus cemitérios, os corpos afogados das 368 vítimas do naufrágio de Lampedusa do 3 de outubro de 2013 (cfr. GIULIANI e PUGLIESE), em vez de facilitar os pedidos de asilo dos corpos vivos.

PALAVRAS-CHAVE: NEO COLONIALISMO. RACIALIZAÇÃO.
HEGEMONIA. REFUGIADOS. SANREMO.

AS CONSEQUÊNCIAS PERNICIOSAS DO BULLYING NO CONTO RAQUINHO, DE JOHN BARROSO

Maria Ivonete Santos Silva
Universidade Federal de Uberlândia

A veemência e a intensidade da produção contística de John Barroso sobre a sociedade e sobre o sujeito contemporâneo revelam um olhar crítico e profundamente comprometido com as transformações da intimidade e da subjetividade humana. No seu livro *Contos Psicológicos* (2011) e, sobretudo no conto *Raquinho*, sua preocupação com os problemas que afligem a integridade física e psicológica do personagem protagonista provoca no leitor uma atitude reflexiva, na qual ele próprio questiona seus conceitos, seus valores e suas ações no mundo. Ao abordar o problema da violência sexual cometida contra *Raquinho* e, em continuação, o bullying - problema ético/moral e social de extrema gravidade -, John Barroso deixa em aberto, para uma reflexão crítica mais profunda, a conduta daqueles que optam pela convivência de ações intoleráveis, além de suscitar outros questionamentos: as desigualdades sociais decorrentes de injustiças históricas, os preconceitos contra os mais fracos e mais humildes, o assentimento às malfetorias daqueles que se sentem imunes às regras e punições, o egoísmo, o desrespeito em face das diferenças, a violência doméstica, entre outros. Nesta comunicação, além de refletir sobre as questões estéticas presentes na narrativa do conto *Raquinho*, o objetivo é investigar as inúmeras possibilidades que o conto oferece para uma leitura crítica, substancial, da sociedade e dos indivíduos, haja vista a urgência de se pensar o papel do homem no mundo, esvaziado de sentido devido a perda da humanidade. Através da análise dos elementos composicionais do conto acima mencionado, pretende-se demonstrar a intrínseca relação entre a produção contística de John Barroso e o “Novo Realismo”, vertente artístico-literária utilizada em muitas produções narrativas da atualidade e cuja proposta é abarcar a complexidade da visão contemporânea a partir da problematização do “real”. Para um melhor entendimento das questões que perpassam tais problematizações, se buscará no conceito de “Novo Realismo”, e nos estudiosos responsáveis por suas elaborações teórico-críticas, os esclarecimentos imprescindíveis à compreensão desta proposta de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: BULLYING. JOHN BARROSO. RAQUINHO.
DESUMANIDADE. CONTOS PSICOLÓGICOS.

AS NARRATIVAS DE ALGOT LANGE EM VIAGEM AO ALTO AMAZONAS

Andressa Almeida de Souza Limeira
Universidade Federal do Acre

O objetivo desta comunicação é analisar as narrativas em *Aventuras de um Sueco nos Confins do Alto Amazonas, Incluindo uma Temporada entre Índios Canibais* (2017), traduzida ao português por Hélio Rocha, originalmente escrito em inglês pelo viajante sueco Algot Lange e publicado na cidade de Nova Iorque no ano de 1912. A obra narra, em 1ª pessoa, a viagem feita por Lange em 1910 à vila de Remate de Males, atualmente território do Estado do Amazonas. Por meio de referenciais como Edward Said e Mary Louise Pratt, busca-se compreender o olhar do narrador/viajante que, em grande parte, está orientado sob uma perspectiva etnocêntrica, comum a outros viajantes que se dispuseram a percorrer a região ‘Amazônica’. De modo geral, pode-se dizer que o conceito de civilização do narrador se constitui como um continuador de preconceitos contra nativos e moradores da região, estabelecendo em seu relato a oposição entre o mundo dos ‘civilizados’ e o ‘selvagem’.

PALAVRAS-CHAVE: ALGOT LANGE. RELATO DE VIAGEM. REMATE DE MALES. AMAZÔNIA.

AS REPRESENTAÇÕES COMO PROCESSO CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A NARRATIVA JORNALÍSTICA DO G1/ACRE (2013-2016)

Francielle Maria Modesto Mendes
Universidade Federal do Acre

Este estudo tem por objetivo analisar as representações criadas pelos textos jornalísticos do G1/Acre sobre o estado de mesmo nome, localizado na Amazônia brasileira. O corpus é formado por cinquenta e oito textos, publicado entre os anos de 2013 e 2016 e coletado em uma pesquisa feita na caixa de busca do próprio site. Por questões didático-metodológicas, eles foram organizados em cinco categorias: 1) atividade econômica; 2) relação ser humano/natureza (fauna e flora); 3) mitos, lendas, crenças e encantamentos; 4) povos indígenas; 5) meio ambiente. Essas categorias foram selecionadas a partir da leitura de todo o material, quando se percebeu que havia repetição nas temáticas, por isso elas podiam ser organizadas em pequenos blocos de análise. Assim, foi possível observar quais as representações mais recorrentes e de que forma o veículo organiza as informações sobre a região acreana. Do material analisado, percebe-se que o discurso tradicional que afirma ser a Amazônia brasileira/acreana uma região onde impera atraso, degeneração e passividade se entrecruza com algumas abordagens sobre desenvolvimento cultural e tecnológico, sobretudo, relacionadas aos povos indígenas. Como parte da fundamentação bibliográfica, foram estudados os seguintes autores: Stuart Hall, Kathryn Woodward, Miquel Alsina, Ana Pizarro, Durval Muniz de Albuquerque Junior, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: JORNALISMO. REPRESENTAÇÕES. AMAZÔNIA. G1/ACRE.

BRECHAS DA NARRATIVA: JORNALISMO E MICRO-HISTÓRIA EM O OLHO DA RUA

Francisco Aquinei Timóteo Queirós
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

A corrente investigação busca pensar os sujeitos subalternos na prosa jornalística de Eliane Brum. Nessa perspectiva serão analisadas as reportagens *A floresta das parteiras*, *A casa de velhos* e *A guerra do começo do mundo*, presentes no “livro de repórter” *O olho da rua*. A pesquisa adota como aporte teórico-metodológico a micro-história italiana, tendo-se as pesquisas de Carlo Ginzburg como o leitmotiv para se discutir a presença das pessoas comuns na tessitura da prosa jornalística. O pesquisador italiano serve de parâmetro para se analisar os contextos sociais, históricos e, por extensão, jornalísticos a partir de uma escala reduzida. Desse modo, a micro-história tem se constituído como uma metodologia importante para o trabalho dos historiadores, principalmente, por ajudar na reconstrução de trajetórias e biografias. Tomando-se a microanálise como caminho epistemológico, nota-se que os acontecimentos e fatos assumem uma dimensão social, em que as narrativas engendram uma gama profusa de sentidos e promovem o aprofundamento dos aspectos históricos – adotando como termo central o indivíduo – em contraposição aos valores arraigados que colocam em primeiro plano a história social dominante. O estudo ancora-se também na articulação com o pensamento dos comentaristas Henrique Espada Lima (2006) e Carlos Antonio Aguirre Rojas (2012).

PALAVRAS-CHAVE: O OLHO DA RUA. ELIANE BRUM. “LIVRO DE REPÓRTER”. MICRO-HISTÓRIA.

CAMALEÓN MULTICULTURAL: LA ESTÉTICA Y LA PERFORMANCE
“CHOLA” EN LA ARTISTA RUBY PALOMINO

Sandra Bernal Heredia
University of Texas at Austin

Este ensayo analiza el ascenso a la fama de la cantante peruana Ruby Palomino a través de su construcción discursiva y cosmética como una “chola power” en su etapa emergente. Palomino, de origen ayacuchano, emigró a la capital para avanzar en su carrera como cantante, éxito que consiguió tras ganar en el programa de talentos, “La Voz Perú”. Este ensayo pone críticamente en relieve la construcción mediática de la identidad chola, considerando las mutaciones cosméticas y los tejes y manejes performativos que construyen la mezcla “perfectamente blanqueada” de una chola. Basándome en la teoría de “la chica poder” de la socióloga Anita Harris, analizo la agencia, pero también la subordinaciones y sujeciones de Palomino dentro de la manipulación que, de un modo racializado y multiculturalista, opera en los medios de comunicación de masas en el Perú contemporáneo, poniendo en escena una mujer aparentemente determinada, autosuficiente y fuerte, pero a la vez flexible, moldeable y, en última instancia, “marqueteable”. PALAVRAS-CHAVE: CHOLA. PERFORMANCE. ESTÉTICA. IDENTIDAD. MULTICULTURAL.

CARTÃO VERMELHO: FUTEBOL E FAIR PLAY NA FICÇÃO FOCADA NAS MULHERES

Shawn Stein
Dickinson College

Através da história, a retórica de fair play tem se usado para combater a violência tanto dentro quanto fora do campo de jogo. Nas últimas décadas fair play também começou incarnar a essência de lutas contemporâneas contra a desigualdade, a injustiça e a discriminação xenofóbica (racista, sexista, homofóbica, etc.) que continuam ameaçando a integridade do esporte. Mudanças culturais nos últimos cinquenta anos tem promovido a igualdade de gênero ao oferecer mais poder profissional, econômico, político e sexual às mulheres, tanto no Brasil, como em muitos outros países da América Latina. Porém, a cultura patriarcal ainda domina certos âmbitos, os envolvendo em práticas de discriminação, misoginia e homofobia. Embora as novas percepções de gênero já chegaram a muitos setores das sociedades por todo continente americano, o futebol, em quase toda a América Latina, é uma arena que ainda retém a reputação de ser de “machos”, um esporte dominado pelos homens que somente nas últimas décadas tem começado a aceitar mais integralmente a participação de mulheres como torcedoras, jogadoras, técnicas e juízas. Pouco a pouco, o futebol como esporte e espetáculo, está começando se transformar em um fenômeno mais inclusivo, menos homofóbico e mais heterosocial. A ficção de futebol oferece retratos atenciosos de homens e mulheres navegando as fronteiras de integridade, honra e respeito. Portanto, além de documentar e, muitas vezes, demandar a aproximação das mulheres aos espaços esportivos, a ficção de futebol escrita por, e sobre, mulheres brasileiras e latino-americanas é um gênero excelente para examinar a maneira em que as novas sensibilidades éticas estão sendo navegadas e imaginadas no mundo do futebol. Nestas obras de protesto elementos satíricos são usados como estratégia para revelar as tensões subjacentes que desestabilizam a integridade do espetáculo transnacional de futebol. Esta comunicação contempla as diversas maneiras em que vozes femininas e travestidas polemizam e ridiculizam hábitos de exclusão, intimidação e corrupção no futebol através da ótica da produção literária em torno ao futebol para enfrentar o mito de fair play.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. FUTEBOL FEMININO. JUSTIÇA SOCIAL. FAIR PLAY.

CATEGORIAS INTERCULTURAIS EM LIVROS INFANTIS CONTEMPORÂNEOS

Carlos André Alexandre de Melo
Universidade Federal do Acre

Sara Lavinha Vieira Neri
Universidade Federal do Acre

O termo interculturalidade se refere à “convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade” (VASCONCELOS, 2007). Sob este espectro, a análise dos processos de interculturalidade aplicados à observação de textos voltados para o público infantil possibilita o estudo de fenômenos tão diversos quanto: globalização, multiculturalismo, cidadania, identidade de gênero e raça, migrações, pós-colonialismo, educação, cultura popular e de massa. A escolha dos textos voltados para as crianças como foco da pesquisa foi feita a partir do pensamento que o texto infantil não é apenas um passatempo ou se restringe a uma função pedagógica, mas que traz significados mais profundos. O objetivo foi observar o fenômeno da interculturalidade nestes textos: se há menção e como são tratados. Para um estudo inicial, foram selecionadas seis obras: O ladrão de raios, escrito por Rick Riordan; King & King, escrito por Linda De Haan e Stern Nijiland; The Sneetches, de Dr. Seuss; O Latke que não parava de gritar, de Lemony Snicket; Desenhando na cidade, de Tejubehan; Kindred Spirits, da autora Rainbow Rowell. Observou-se que tais obras permitem o enquadramento em categorias de temas caros à questão intercultural, notadamente as questões de: adaptação cultural à modernidade, gênero, discriminação racial/aparência física, religião, vulnerabilidade econômica/migração e subculturas urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA INFANTIL. INTERCULTURALIDADE.
LITERATURA INGLESA.

CINEMA, LITERATURA E REFLEXÕES SOBRE IDEOLOGIA DE GÊNERO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

José Flávio da Paz

Universidade Federal de Rondônia

Este artigo objetiva analisar, a partir das concepções trazidas pelos estudos literários, cinematográficos e culturais, a questão de gênero que se apresenta no cotidiano das relações e instituições sociais e na sociedade contemporânea nas suas mais diversas formas e estruturas. Utilizando-se do método comparatista estudaremos as produções fílmicas “Boys don’t Cry” e “The Danish Girl”, cujas reflexões colaborará na compreensão do cenário macro que se instala em torno da discussão sobre gênero e a construção de identidade do indivíduo na coletividade. Para tanto, buscaremos sustentação teórico-filosófica e literária nos pensamentos de Bara (2016), Bauman (2005), Carvalhal (2006), Ceia (2016), Coutinho e Carvalhal (1994), Foucault (2015), Hall (2002), Miskolci, (2013), Oliveira (2016), Silva (2005 e 2014) e outros. Desse modo, almejamos cumprir os objetivos propostos, bem como, buscaremos dirimir algumas questões difusas sobre a temática, além de demonstrar possibilidades de aplicação dos Estudos Culturais e Comparados às obras cinematográficas: “Boys don’t Cry” e “The Danish Girl”, produzidas em consonância com a literatura e as artes trabalhadas em sala de aula, na escola e demais espaços da sociedade, onde as causas de gêneros e as construções de identidades sejam uma constante, perpassando também pelas reflexões sobre machismo, micromachismo, masculinidade, feminilidade e outros.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. CINEMA. COMPARATISMO.

GÊNERO. CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.

COR, GÊNERO E ESCOLARIZAÇÃO: OS DISCURSOS ÉTNICO RACIAIS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO LITERÁRIA

Francisco Menezes da Silva
Universidade do Estado do Pará

A reflexão da importância de conjecturar as práticas antirracistas na sociedade, pondera potencialidades da literatura enquanto mediadora de ações formativas favorecedoras de visões profundas da realidade social, tendo em vista, as consequências de problemas refletidos pela discriminação de cor, ao reiterar implicações drásticas na vida daqueles que sofrem, e revela um triste quadro de desigualdade social. Neste estudo, centrar-se-á na análise da constituição das representações do imaginário sobre descendentes africanos, a saber: mestiços, pretos, negros. O mote inicial do estudo é a teoria das representações sociais, que reiteram, por meio do diálogo com os autores que debatem a relevância da formação para relações étnico-raciais, os paradigmas que intencionam a concepção da sociedade, o enfrentamento do preconceito e da discriminação histórica de identidade com a literatura como mediadora da transformação da realidade e do caráter humano, uma vez que Ainda é comum haver práticas discriminatórias nas escolas e comunidades gerais, cotidianamente, através de discursos, linguagem e comportamentos preconceituosos manifestados com o intuito de prover o sofrimento alheio, por meio de expressões carregadas de intolerância e ódio.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO. FORMAÇÃO LITERÁRIA. DISCURSO ÉTNICO-RACIAL.

CULTURA, DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS NA OBRA A NOITE DA ESPERA, DE MILTON HATOUM: REVISITANDO O APRENDIZADO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Júlio César Barreto Rocha
Universidade Federal de Rondônia

Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade Federal de Rondônia

Este estudo aborda a obra *A Noite da Espera*, de Milton Hatoum, sob uma perspectiva histórico-culturalista, considerando os elementos de democracia e direitos humanos no ambiente da contemporaneidade. Escritor amazônida, Brasília é o espaço narrado do encontro de vários Brasis, seja pelo personagem Nortista, seja pelo paulista Martin, seja pela presença dos candangos, seja pelos contrastes sociais presentes no microuniverso de cada personagem. Assim, mais ou menos rapidamente, encontramos alguma semelhança entre 1968 e a nossa atualidade: uma destituição presidencial e o recorte de direitos (agora trabalhistas), apoiados por uma parcela da sociedade “alienada”, em descompasso com outra ativada e engajada com valores democráticos, com a defesa da liberdade e dos direitos humanos. A obra nos conduz ao sentimento de estar em um “[O] lugar mais sombrio”, não numa trama pessoal, cujo personagem principal termina por se exilar na França, mas sim num território no qual o uso do aparelho do Estado contra as liberdades das pessoas é o contexto político mais evidente, fundado no medo e na desesperança que se instala por quase trinta anos no Brasil. Esta é a sua atualidade profética. O nosso referencial teórico-metodológico, fundamentado na Filologia Política, admite postura culturalista relacionando vários aspectos de uma sociedade. Além da perspectiva de teóricos como Terry Eagleton, Aníbal Quijano e George Lukács, tomaremos algumas ideias políticas de José Afonso da Silva e de Konder Comparato. A cultura da violência e do ódio, como reflexão final, passa a precisar ser substituída pela cultura da paz e do respeito aos direitos humanos mais básicos. Os processos políticos, muitas vezes fundamentados em normas jurídicas estatais, devem respeitar os direitos humanos, hoje em ambiente de forte descompasso democrático.

PALAVRAS-CHAVE: CULTURA. LITERATURA. DIREITOS HUMANOS. FILOLOGIA POLÍTICA.

DAS CRIANÇAS IKPENG PARA O MUNDO: ADAPTAÇÃO E CRIAÇÃO

Nathália da Costa Cruz
Universidade Federal do Pará

O objetivo desta comunicação é apresentar uma discussão teórica inicial acerca da coleção Um Dia nas Aldeias, desenvolvida pelo projeto Vídeo nas Aldeias em parceria com a editora Cosac Naify e patrocínio da Petrobrás. Os livros que compõem a coleção vêm acompanhados de documentários em DVD, filmados em seis diferentes comunidades indígenas brasileiras, a saber: Wajãpi, Ikpeng, Panará, Ashaninka, Kidêndjê e Mbya-Guarani. Os filmes todos foram produzidos por cineastas indígenas ou com a colaboração dosicineiros do projeto nas aldeias. A coleção é voltada para o público infantil. A discussão teórica e metodológica apoia-se nos estudos sobre adaptação e literatura comparada, para tanto, detém-se na comparação entre a obra fílmica, documentário de curta-metragem, Das crianças Ikpeng para o mundo, realizada por cineastas indígenas, e sua adaptação literária de mesmo título, com textos e ilustrações feitas por Rita Carelli, a investigar quais as semelhanças e dessemelhanças entre ambas as mídias em tela. As questões são ora apontadas e orientam a pesquisa de tese em desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: COLEÇÃO UM DIA NAS ALDEIAS. DAS CRIANÇAS IKPENG PARA O MUNDO. ADAPTAÇÃO.

DE LA VORÁGINE AL TEATRO DE AHORA (1932). LA SELVA COMO PUNTO DE PARTIDA

Alejandro Ortiz Bullé Goyri

Universidad Autónoma Metropolitana-Azcapotzalco

En 1932 dos jóvenes intelectuales mexicanos, Mauricio Magdaleno y Juan Bustillo Oro, decidieron iniciar un proyecto de teatro político que al mismo tiempo que testimoniara la realidad mexicana de entonces, se vinculara con las luchas sociales hispanoamericanas. De ese proyecto efímero queda una dramaturgia en donde la presencia de la selva y su cauda de explotación y desigualdades sociales fue el punto de partida para su movimiento. Magdaleno y Bustillo Oro supieron retomar en el lenguaje del texto dramático y su representación teatral, el ejemplo del colombiano José Eustasio Rivera y su novela *La vorágine* (1924). La selva no es únicamente un ambiente propicio para la creación literaria, sino un espacio en donde habrá de reflejarse la realidad de América Latina en sus contradicciones. Tanto en esa novela fundacional como en el trabajo dramático de los dos jóvenes mexicanos, la relación entre el hombre y la naturaleza es expuesta con un sentido de denuncia social. La selva en las obras de Bustillo Oro y Mauricio Magdaleno, se va transformando a partir de *Trópico*, en donde se expone críticamente la explotación a la que son sujetos indígenas de la selva lacandona por parte de empresas extranjeras, para luego presentar una crítica social a propósito de la explotación de pozos petroleros en las tierras tropicales de Veracruz en *Pánuco 137* y la exposición pesimista la historia reciente de México en *San Miguel de las Espinas*, ubicada en un páramo sediento. Pero siempre con el interés de manifestar la relación entre el paisaje y en entorno de la naturaleza en la realidad social de los personajes y de las vidas humanas que se van confrontando a lo largo de sus obras, tales como *Trópico*, *Pánuco 137*, *San Miguel de las Espinas*, en donde se aborda en cada una la realidad social y política del México posrevolucionario en 1932 -de ahí el nombre de “teatro de Ahora”, para después abordar temas como las traiciones a las revoluciones en los países hispanoamericanos, como es el caso de Masas. En esta ponencia se reflexionará a propósito de esta experiencia.

PALAVRAS-CHAVE: CINEMA. TEATRO. PINTURA.

Adriana Alves de Lima
Secretaria de Educação do Acre

Pedrinho Nascimento da Silva
Universidade Federal do Acre

O presente trabalho, através da análise discursiva das canções latinas Noche de Ronda, La Barca, Bésame Mucho, interpretada pelo mexicano Luis Miguel Gallego Baster, um cantores latino-americanos mais populares da história, objetiva verificar as muitas imagens identitárias que ficaram indelevelmente marcadas no imaginário social e que muitas vezes foram tomadas como única noção de um povo ou de uma cultura, que recorrentemente trazem para a cena cultural uma imagem passional da américa latino-americana, vista no panorama cultural internacional como uma terra de sujeitos unos. Vale destacar, os elementos de representação que conformam a ideia de América Latina envolta a uma linguagem marcada pelo passional. O estereótipo difundido pela poética dessas canções criara no imaginário social um forte acento melodramático, onde a estética do excesso consegue uma super dimensão ao gesto apresentado, seja pelos cantores, seja pelas telenovelas latinas que acentuaram o melodrama dos romances tradicionais. Desse modo, afiliados aos estudos de Canclini (1997), Bhabha (1998), Hall (2005) e Santiago (2000), constamos que é possível conceber um indivíduo latino que se constituiu em sujeito fragmentado e formado por várias identidades na pós – modernidade, que representa uma América Latina de sujeitos plurais e heterogêneos desconstruindo assim essa ideia de singularidade e a manutenção do discurso cultural até então veiculado a imagem da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: AMÉRICA LATINA. IDENTIDADE. IMAGINÁRIO SOCIAL. POÉTICA. SUJEITOS.

DESCODIFICANDO IMÁGENES Y PALABRAS: LOS LENGUAJES COMPARTIDOS ENTRE EL ASESINO Y SUS VÍCTIMAS

Margarita Pierini
Universidad Nacional de Quilmes

En la noche del 4 de julio de 1976, un grupo armado entró en la Parroquia de San Patricio, en Buenos Aires, y asesinó a cinco integrantes de la comunidad religiosa: tres curas ancianos y dos jóvenes seminaristas. Lo que se denominó la masacre de los curas pallotinos no tenía firma, y fue silenciada por las autoridades eclesiásticas de esos años y por los jueces a cargo de la investigación. El hecho, que puede leerse como parte de la larga lista de esos años de violencia de Estado, desde el presente admite y promueve también otras lecturas que son las que aquí se proponen a partir de una información de la época: de acuerdo con las (escasas) imágenes periodísticas relevadas, sobre los cuerpos de las víctimas alguien había depositado un difundido poster de Mafalda, que ironizaba sobre las armas de la policía y sus efectos disuasivos. A partir de esas imágenes borrosas y de los escuetos comunicados policiales dados a conocer sobre la masacre, nos interesa, en primer lugar, intentar descifrar, en el plano del discurso, los códigos comunes que construyeron un diálogo mudo entre víctimas y victimarios. Y en otro plano, para la lectura de la fotografía periodística nos resulta pertinente la perspectiva de la imagen pobre, que proponen Steyerl y otros estudiosos de la cultura visual. Desde la “imperfección” de esas imágenes tomadas en un contexto de violencia, censura y encubrimiento, hoy leemos y desciframos los códigos de una historia que continúa narrando su relato de los hechos.

PALAVRAS-CHAVE: VIOLENCIA DE ESTADO. ARGENTINA.1976.
IMAGEN POBRE. CÓDIGOS.

DEUS NO ROMANCE *EL HABLADOR* DE MÁRIO VARGAS LLOSA

Marinete Luzia Francisca de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso

O premiado autor peruano Mario Vargas Llosa tem se dedicado a diversas temáticas ao longo de sua carreira, uma delas é a cultura amazônica ensaiada em *A Casa Verde* (1966) e ampliada no pouco conhecido romance *El Hablador* (1987), no qual ele cria um narrador indígena e um crioulo, que se baseia tanto nos dados recolhidos por missionários espanhóis no período colonial, como na própria viagem do escritor à floresta amazônica no início da década de oitenta. Romance narrado a duas vozes, é motivo para apresentação do onipresente do deus machinguenga, Tasurisnhi. Essa condição não é questionada pelo narrador crioulo, nem pelo autor empírico, pois ele é sempre tido como uma criação do coletivo indígena, um deus algo imaginário. Deus e o sagrado estão relacionados, no texto de Vargas Llosa, às ações, ou melhor, a prática religiosa e ao modo como essa prática se vai modificando em função dos sucessivos encontros que se processam no interior da floresta, com os Incas, com os espanhóis e, por fim, com os exploradores da borracha.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. MÁRIO VARGAS LLOSA. *EL HABLADOR*. AMAZÔNIA.

**DOIS LUGARES DE ENUNCIÇÃO, UM SÓ ESCOPO: A NEGRITUDE POÉTICA
EM AIMÉ CÉSAIRE E BRUNO DE MENEZES.**

Ysa Almeida Da Silva
Universidde da Amazônia


No intuito de colaborar com os diálogos latino-americanos sobre territórios, literaturas e personagens sociais que nos circundam e nos constituem, mas que pouco conhecemos ainda, é que trazemos para discussão a representação da negritude na literatura caribenha e amazônica a partir dos lugares de fala de dois poetas negros que iniciam suas escritas de africanidade e negritude no final da década de 30. Aimé Cesaire (Martinica) e Bruno de Menezes (Pará) trazem para seus discursos poéticos questões alinhavadas com a ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas. Os poetas se encontram em lugares diferentes de enunciação, são dois países com histórias e culturas que se assemelham ao mesmo tempo que se distanciam, mas que parecem encontrar na poesia um caminho que os leva de volta as raízes de outrora, a África, este lugar comum os permite enviesarem suas escritas e traços para falar do negro como ser arquiteto na dinâmica social latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: NEGRITUDE. LITERATURA. LATINO-AMERICANA.

Fernando Martínez Ramírez

Universidad Autónoma Metropolitana

La pregunta central de los estudios poscoloniales y subalternos es quién habla y desde dónde lo hace, y las respuestas han tenido una dimensión discursiva y otra teórica: se busca sacar de su parapeto ideológico las relaciones de poder entre el colonizador y el colonizado. Desde ambos flancos se pretende negar toda clase de conceptos marcados por el pensamiento euro-centrista y se ponen en juego las ideas mismas de saber y de ciencia, a fin de no seguir dependiendo de una sola racionalidad cognitiva, hermenéutica y estética, y también para descubrir fuentes teóricas autóctonas y romper el entramado saber-poder que lleva al subalterno, a pesar de ya no ser colonia, a adoptar formas jurídicas y morales que representan modos de dominación a los que Silvia Rivera Cusicanqui llama “colonialismo interno”, formas que excluyen a todo aquel que no nació bajo su imperio y administran la vida de las culturas no hegemónicas. Lo que los estudios poscoloniales buscan redefinir es la relación saber-poder y devolverle la palabra al subalterno, siempre fragmentada y dominada por un discurso universalista que construye de manera arbitraria unidades nacionales, como los Estados-nación, y sin distinciones inserta a los sometidos en la dinámica de la globalización, que también resulta una construcción discursiva, de poder. Sin embargo, tenemos que preguntarnos si todo este alegato de la subalternidad no nos coloca en una situación aporética, si los estudios poscoloniales no son metadiscursos de la nostalgia y la protesta, sin ninguna incidencia real en las formas de vida y en el pensamiento de los colonizados, es decir, sin ninguna eficacia política; metadiscursos que en la praxis siguen los canales de legitimación impuestos por la institucionalidad, pues de no hacerlo así estarían condenados al silencio y sus pretensiones político-epistémicas reducidas a nada. Nuestra hipótesis es que en los estudios poscoloniales y subalternos no sólo se hace una crítica al discurso eurocentrista de la modernidad, a su manera de contar-narrar-proclamar la historia y ordenar sus hitos; también se pretende un desmantelamiento epistemológico y se promueve una visión crítica que poco a poco permee las realidades afectivas y políticas: se desarticulan las narrativas unívocas, se preconizan lugares distintos desde los cuales mirar y ser. Y aunque no tengan una impronta inmediata sobre las formas de vida cotidiana, sobre las micro-realidades, sí tienen, por lo pronto, una consecuencia estética y política, y es posible que tarde o temprano ello alcance en su



materialidad las formas de vida no tocadas. La subalternidad no es la negación radical de la palabra y de la acción política —no obstante su aparente ineficacia en la vida diaria—, es una forma de conciencia que proclama un ecumenismo —en tanto totalidad humana con muchos centros— sin barbarie. Objetivo y abordaje teórico-metodológico: El objetivo de mi ponencia es mostrar cómo se articula discursiva y teóricamente la necesidad de ubicar al otro y de apropiarnos de nuestra centralidad, y para ello resultan emblemáticos —teórica y metodológicamente— Walter Dignolo con su argumentación a favor de la decolonización, Nelly Richard y sus críticas a los discursos sobre las relaciones de poder entre las metrópolis y las periferias, discursos que circulan cómodamente entre una élite intelectual pero que no alcanzan a la realidad material, cotidiana, y en tercer lugar, las propuestas fundamentales de los estudios poscoloniales y subalternos, que propugnan una decolonización epistémica (Gayatri Spivak, por una lado , y por otro y con sus respectivas reservas, Mijaíl Bajtín, Michel Foucault y Max Horkheimer).

PALAVRAS-CHAVE: ECUMENISMO Y BARBARIE. DECOLONIZACIÓN. POSCOLONIALIDAD. SUBALTERNIDAD.

Ângelo Rodrigues de Carvalho
Universidade Federal do Pará

O Movimento por Uma Educação do Campo ao longo de sua história, que acabara de completar 20 anos, tem conseguido, apesar de todas as limitações impostas, efetivar algumas de suas proposições, a exemplo da institucionalização da Educação do Campo apropriada à realidade dos seus sujeitos que vivem e se reproduzem na e da terra. Neste interim, apresenta como uma de suas características o trabalho com a arte poética, como sendo também além de identidade, uma das formas da construção da resistência, frente aos desafios impostos pela política institucional, que tende impor o modelo de educação formal tradicional que tem como sujeito direto o Estado. Nesse sentido, a presente comunicação objetiva apresentar e debater os princípios e a filosofia da Educação do Campo através da poesia, destacando a importância do uso das místicas, músicas e apresentações poéticas culturais que fazem parte do processo formativo dos sujeitos, homens, mulheres e crianças que constituem os atores dos mais diversos cursos de Educação do Campo existentes no país. O uso da arte poética pelo Movimento denota a “Educação do Campo como intencionalidade de transformações culturais em vista de uma humanização mais plena.” (CALDART, 2005, p. 155). A intensão é avançar no conhecimento da pedagogia socialista, base dos princípios da Educação do Campo, valorizando seu alcance, suas ações e limitações, em especial em tempos de golpes, como o que vivemos na atual conjuntura, que ora ameaçam as conquistas do Movimento. Pois, como é sabido, paralelamente a luta pela terra o Movimento também trava a luta pela educação dos (as) assentados (as) e acampados (as), entendendo que não há Reforma Agrária sem educação, assim sendo, a Educação do Campo fundamenta-se na valorização da cultura camponesa, nas transformações cotidianas de seus espaços de vivência, em síntese, na (re)construção de fato e de direito de uma vida digna no meio rural.

PALAVRAS-CHAVE:EDUCAÇÃO DO CAMPO. ARTE POÉTICA.
PEDAGOGIA SOCIALISTA. RESISTÊNCIA. MEIO RURAL.

EL ALEIJADINHO EN LEZAMA

Edinson Aladino

Universidade Nacional Autónoma de México

En 1957 José Lezama Lima leyó un ciclo de conferencias en el Centro de Altos Estudios del Instituto Nacional de La Habana. Dicho ciclo estaba compuesto de cinco conferencias rotuladas con el nombre de “La expresión americana”, que luego se integrarían en un libro de ensayos. Allí el autor cubano se adentra en un tema inherente a la sensibilidad expresiva -tanto artística como literaria e histórica- del continente latinoamericano. Es un estudio que bordea las raíces mismas de la cultura latinoamericana con su exploración escritural y a la vez una mirada dinamizadora que reactualiza nuestro pasado inmediato. La tarea de Lezama es ingente: no le interesa el reducto esencialista, es decir, ahondar en presupuestos que definan provisionalmente el contorno de nuestra identidad; sino el devenir americano, el ir siendo. Es una tarea que retoma gran parte de nuestra historia continental, pasando por el Popol Vulh hasta llegar a José Martí. En este punto, Lezama encuentra que el barroco es la verdadera expresión de América Latina, cuya forma más lograda anida en la representación de la obra del escultor de Ouro Preto: el Aleijadinho. La presente propuesta se centra en observar la presencia y significancia del artista brasileño en el proyecto literario de Lezama de cara a “La expresión americana”, en el decurso asimilativo del barroco o neobarroco americano y el contrapuntea que se decanta entre escritura y escultura.

PALAVRAS-CHAVE: LEZAMA LIMA. ALEIJADINHO. BARROCO AMERICANO. ESCULTURA. LITERATURA.

EL CONTRA MONUMENTO 43 EN LA AVENIDA REFORMA DE LA CIUDAD DE MÉXICO: MEMORIA Y PODER

Blanca Gutierréz Galindo

Universidad Nacional Autónoma de México

Debido a su situación geográfica y política, en las últimas décadas México se ha convertido en el país con más tráfico de estupefacientes hacia los Estados Unidos. El costo humanitario del combate e los grupos de narcotraficantes iniciada en el 2006 es ya incalculable: casi doscientas mil de personas has sido asesinadas y casi cincuenta mil desaparecidos. En esta comunicación nos ocuparemos del contra monumento 43 que, ubicado en la emblemática Avenida Reforma de ciudad de México, recuerda la desaparición de 43 estudiantes en la ciudad de Iguala, Guerrero en el 2014, un caso que conmocionó a la sociedad mexicana y puso en evidencia la incapacidad del gobierno en materia de impartición de justicia, así como la complicidad entre crimen organizado y diversas instancias de las policías municipales y estatales. El anti monumento, colocado por los padres y familiares de los estudiantes desaparecidos, será abordado desde la idea de Elizabeth Jilin de “emprendeduría de memoria”, y su importancia será explicada en relación con su emplazamiento en la histórica avenida que alberga las más importantes marcas de la memoria de la nación, y a las cuales, de manera importante, recientemente se han agregado las marcas del poder económico neoliberal


PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. PODER. ARTE. MONUMENTO.

EL ESTEREOTIPO DEL MATRIARCADO EN LAS OBRAS LITERARIAS
**RIACHO DOCE, DE JOSÉ LINS DO REGO Y LOS FUNERALES DE LA
MAMÁ GRANDE, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Alba Lúcia da Costa de López
Universidad Autónoma de Asunción

Terezinha de Jesus Rodrigues Barbagelata
Escola Superior Madre Celeste

El matriarcado, es un forma de organización como un estadio importante dentro de la historia de la vida en comunidades, que es capaz de desarrollar una cultura centrada en la veneración de lo femenino, entendiendo «lo Femenino» como una cosmovisión en donde la capacidad de fecundación y crianza de los seres humanos en su larga infancia, configuran una manera de ver y organizar a las personas en torno a la necesidad esencial de los seres vivos: la perpetuación. A partir de estos principios y por medio de análisis del discurso se trabajará las distintas maneras en que cada autor de las obras literarias Riacho Doce de José Lins do Rego y Los Funerales de la Mamá Grande de Gabriel García Márquez, aborda el tema del matriarcado. Es importante comprender la relación de poder (autoridad de la mujer en un grupo social) que se establecen entre el lenguaje femenino, en el discurso del matriarcado por medio de las dos obras literarias. La literatura y la mujer son fuente inagotable de conocimientos, la literatura ofrece a los seres humanos la oportunidad de representar los deseos, preguntas y afirmaciones de una sociedad, una época, un pueblo, un grupo. Por lo tanto, la literatura crea un diálogo entre lo que es el resultado de la inspiración artística y el contexto sociocultural en el que se generó la obra, y permite que se expanda este diálogo con otros contextos. Los escritores Gabriel García Márquez y José Lins do Rego desarrollan un estudio que se centra en las implicaciones para hacer frente a la representación de las mujeres. Aunque los escritores proceden de contextos históricos, culturales y literarios distintos, y han escrito en diferentes idiomas, Gabriel García Márquez y José Lins do Rego pueden tener sus obras aproximadas. El momento podemos destacar cómo los dos escritores representan a las mujeres y la necesidad que tuvieron que llamar la atención sobre una región particular de sus naciones. Estas dos características de ellos, la caracterización de América del Sur y el Nordeste brasileño y la representación del femenino, son, por sí mismos, un motivo suficiente para crear un diálogo entre los dos escritores. Al tomar la decisión de abordar el enfoque que los dos



escritores dieron a la figura de la mujer, entendemos que hay una necesidad de repensar las (inter) relaciones que se crean entre la obra y el contexto en que se produjo. Se hace una comparación de la figura del matriarcado, como un recurso de análisis, lográndose acercar a las matriarcas, en un intento de entender la representación de ellas y su influencia en la sociedad en que viven, o sea, lo que se ha verificado en relación al lenguaje femenino en una perspectiva del análisis del discurso en las dos obras.

PALAVRAS-CHAVE: FIGURA. MATRIARCADO. LITERATURA. ANALISES. COMPARAÇÃO.

EL NACIMIENTO DE LA CONCIENCIA EN BALÚN CANÁN DE ROSARIO CASTELLANOS

Pilar Osorio Lora

University of Massachusetts Amherst

En diálogo con el libro de Rigoberta Menchú, *Me llamo Rigoberta Menchú* y así me nació la conciencia, este artículo analiza la construcción narrativa del nacimiento de la conciencia en *Balún Canán* (1957) de Rosario Castellanos (1925-1974). En términos literarios, hablar de conciencia es, de una u otra forma, hablar de Bildungsroman. La estructura tradicional de este género nos presenta un protagonista que sale del ámbito familiar para madurar, descubrir los vicios de la sociedad y volver a casa a mostrar su transformación. Sin embargo, *Balún Canán* nos presenta una protagonista que no sale de casa y que, en el espacio familiar, descubre los vicios de la sociedad; la familia-paraiso al que el personaje tradicional vuelve a mostrar su madurez desaparece en esta narración y es reemplazado por la silenciosa escritura. En este proceso tanto las emociones, como la educación emocional, son fundamentales para que la niña-protagonista-narradora de *Balún Canán* comprenda las expectativas que hay sobre ella en su condición de mujer de clase media-alta en una sociedad postcolonial. En este sentido, el primer objetivo de esta investigación es estudiar las condiciones y límites con las que se construye el nacimiento de la conciencia en una obra con protagonista niña (mujer e infante) en un contexto postcolonial (Revolución Mexicana). Tal como veremos, en este proceso de nacimiento de la conciencia la educación emocional juega un papel central y deviene de tres relaciones significativas de la niña con adultos: la nana, la madre y el padre. Es así como identificamos que la primera le ayuda a configurar un universo emocional donde prima la idea de las comunidades solidarias, mientras sus progenitores le inculcan ideas y comportamientos sexistas y racistas (llenos de tensiones y contradicciones que se analizarán en este trabajo). Aparece entonces el segundo objetivo de este trabajo: comprender la importancia de la construcción narrativa de las emociones para la configuración del nacimiento de la conciencia. Especialmente, la relación entre emoción y los sentimientos de desprecio y reconocimiento desde a las nociones de la Tercera Escuela de Frankfurt. La investigación se apoya en teorías de filosofía ética y los recientes estudios sobre el rol de las emociones en las dinámicas sociales, así como textos clásicos sobre el Bildungsroman, el Bildungsroman femenino y la novela de formación en América Latina. *** Este trabajo es el primer capítulo de la tesis de doctorado sobre la construcción narrativa del nacimiento de la conciencia en *Balún Canán* de Rosario Castellanos, dirigida por Prof. Luis Marentes, Prof. Roberto Márquez, Prof. Bárbara Zecchi y Prof. Francisco



Fagundes.

PALAVRAS-CHAVE: BALÚN CANÁN. ROSARIO CASTELLANOS.

BILDUNGSROMAN FEMENINO. BILDUNGSROMAN POSTCOLONIAL.

**EL REVÉS DE LA MATERNIDAD: DEGENERACIÓN Y PROSTITUCIÓN EN
BLANCA SOL (1888) DE MERCEDES CABELLO DE CARBONERA**

Rubí Eloisa Huamán Durand

Pontificia Universidad Católica del Perú

La presente ponencia busca analizar las contradicciones en el imaginario social sobre la maternidad a finales del siglo XIX. En la novela Blanca Sol, existe una disputa entre dos tipos de madres: la del ángel del hogar y la señora del gran mundo. La segunda, al priorizar sus deberes que la “alta sociedad” exige, descuida y se opone al modelo de la madre de familia virtuosa, cuyas características están ampliamente difundidas en manuales de la época desde 1856 con la publicación de Importancia del bello sexo. Sostenemos que la novela Blanca Sol evidencia la contradicción del discurso republicano sobre la maternidad. Por un lado, se motiva una relación entre madre e hijo para garantizar su educación en pro de la Nación; pero la capital limeña, en su proceso de modernización y camaleonización de París, ofrece diversos eventos y circunstancias que exigen a “las damas de mundo” descuidar o anular sus deberes maternos. Así Blanca Sol, no solo resquebraja el discurso oficial instaurado en el ámbito social y literario del Perú, sino que también evidencia la tan temida degeneración de la raza y el contagio del cuerpo social/moral por la prostitución ejercida de la madre heroína. Lo anterior cobra mayor gravedad en tanto que la protagonista proviene de la aristocracia y es a esta a la que ataca de manera frontal. Es decir, la madre que debería garantizar la preservación de la nación moderna, termina socavando las bases de la familia criolla.

**PALAVRAS-CHAVE: SIGLO XIX. MATERNIDAD. ÁNGEL DEL HOGAR.
DEGENERACIÓN. PROSTITUCIÓN.**

**ENCUENTROS CON EL OTRO: ELEMENTOS DE RUPTURA, Y LA
DESCONFIANZA DE LA PALABRA EN LA VANGUARDIA ANDINA PERUANA,
EL CASO DE ANDE (1926) DE ALEJANDRO PERALTA**

María de los Angeles Morales Isla
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

El presente trabajo se centrará en los poemas “Nocturno del vacío” y “Nocturno de los sapos” de Ande (1926), de Alejandro Peralta. Se buscará, a través de un análisis de los procedimientos enuncivos y enunciativos, demostrar cómo se erige la función de ruptura sobre la continuidad, señalando así un poema de horizonte vanguardista. En función a ello, se trata de ubicar la angustia de la subjetividad del hablante, en la medida que el poema se construye como un punto de fuga (es decir, ubica un indecible). Por tanto, de lo que se trata es de la sustracción de toda «presentación» otorgada por la cultura (es decir, de las fuentes de sentido del valor enciclopédico); significa, entonces, que el hablante opera contra el sentido común; se escenifica una crisis de sentido. En este procedimiento, peralta indaga sobre la escritura señalando una experiencia con el otro, en este caso la situación se torna dolorosa, toda vez que este ya no otorga las significaciones y respuestas posibles al sujeto lírico. Se apela así a la desconfianza de la palabra, se expone al vacío experimentando una ruptura con el lenguaje. De manera que se entrega (en términos de fidelidad) al acontecimiento, empleando un lenguaje disonante (en la búsqueda unificadora de la modernidad y el mundo andino) que plasma un mundo fragmentado y la descomposición del mundo representado. Básicamente las categorías empleadas provienen de la ontología de Alain Badiou y el psicoanálisis de Jacques Lacan, pues nos permitirá ubicar aquello que escapa al sentido (el indecible), así como también la interpretación de la subjetividad y su encuentro con el Gran Otro (dador de sentido). Estas se complementarán con la teoría de la lírica moderna para reflexionar acerca de la disonancia y desconfianza del lenguaje, y la palabra muda (me refiero a Hugo Friedrich, Carlos Bousoño, Jacques Ranciere, entre otros), y se complementarán con la teoría vanguardista para el caso europeo y peruano (tales como Peter Burger, Matei Calinescui, Mirko Lauer, Cinthya Vich, entre otros). En suma, la metodología empleada responderá también a repensar el lenguaje poético de ande dentro de su contexto social: el Boletín Titikaka (1926) y el indigenismo.

**PALAVRAS-CHAVE: FUNCIÓN DE RUPTURA. ERRANCIA DEL VACÍO.
INDIGENISMO. LENGUAJE. VANGUARDIA.**

**ENTRE COLONIA E IMPERIO. EL PERSONAJE POLÍTICO FEMENINO
EN LA NARRACIÓN HISTÓRICA CONTEMPORÁNEA HISPANOAMERICANA:
REELABORACIONES DEL PODER Y LA FICCIÓN EN LAS NOVELAS LA
GOBERNADORA DE MIRTA GONZÁLEZ SUÁREZ Y EL IMPERIO ERES TÚ
DE JAVIER MORO**

Karen Alejandra Calvo Díaz

**Profesora Universidad Nacional y Docente investigadora en
Universidad de Costa Rica**

La novela histórica de los últimos años ha encontrado una saludable ebullición devenida del diálogo entre el pasado y la contemporaneidad, de la interacción que confronta y hermana el mundo occidental y el amerindio, y de la discusión sustentada sobre temas religiosos, políticos, intelectuales y literarios. Desde las décadas del 80 y 90, potenciada por los acontecimientos propios de la región continental, el auge de la llamada nueva novela histórica ha sufrido una evolución constante que proyecta al unísono tanto a las obras literarias como a la crítica y el revisionismo teórico sobre el conqueiteo del discurso histórico y la literatura. Este debate, no exento de polémica, se ha trasladado de la historiografía a la propia novela, de tal suerte que el ejercicio metaliterario ha provocado que no baste la escritura de la novela en sí misma, más aún ella se constituye en una apología sobre el uso de discursos como el histórico para que siga surtiendo efecto la creación literaria, cuya versatilidad es definitoria en nuestros tiempos. La figura categórica en este ejercicio de producción ficcional ha sido la representación del hombre y por tanto, aun cuando la mujer como figura histórica se asoma en diversos textos contemporáneos de esta tendencia, el interés ha sido menor, quizá porque incluso el mismo discurso histórico apenas si comienza a reconocer la existencia de estas figuras. A sabiendas de que la novela histórica es y existe en tanto irrespete, quebrante, exagere y ficcionalice la historia, como discurso unitario y oficial, este estudio pretende reevaluar la representación literaria de dos mujeres relativamente desconocidas: una la gobernadora de Guatemala, Beatriz de la Cueva de Alvarado (1490-1541), considerada como la única gobernante mujer del periodo colonial, ficcionalizada en la novela *La Gobernadora* (2017) de la escritora costarricense Mirta González Suárez; y la otra María Leopoldina de Austria (1797-1826), regente y emperatriz de Brasil y reina de Portugal que aparece en la novela *El imperio eres tú* (2011) del autor español Javier Moro. Se propone por lo demás reconocer cuáles son los mecanismos literarios que se emplean en ambas novelas para re-crear las figuras femeninas y determinar en qué medida opera la dualidad poder-política en la construcción de la hiperficcionalidad histórica de los dos textos. Se recurre para ello a las nociones de reescritura de Fernando Aínsa, y a las teorizaciones sobre los modelos de la novela histórica de Marina Galvez


Acero, Robin Refere, Werner Mackenbach, Kurt Spang y Dina de Luca.
PALAVRAS-CHAVE: MUJER. POLÍTICA. HISTORIA. PODER. FICCIÓN.

**ENTRE OS LIMITES DA FORMAÇÃO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA:
CONCEPÇÕES DE ALUNOS(AS) DO ENSINO MÉDIO NAS ESCOLAS PÚBLICAS,
SOBRE A POSSIBILIDADE DE INGRESSO NA UNIVERSIDADE**

Ângela Maria Bastos de Albuquerque
Universidade Federal do Acre

Jorge Fernandes da Silva
Universidade Federal do Acre

A presente pesquisa centra-se em buscar compreender as concepções de alunas e alunos do ensino médio que estudam em escolas públicas sobre suas possibilidades de adentrarem no espaço acadêmico universitário na condição de graduandos. A investigação foi realizada no ano 2017 em duas escolas públicas estaduais em bairros periféricos no Estado do Acre. Foram contatadas 17 turmas entre os segundos e terceiros anos do ensino médio, com uma média de 35 alunos(as) em cada sala. A proposta foi prestar orientações sobre as possibilidades de ingresso na universidade, com direcionamentos sobre ações afirmativas, reservas de vagas para alunas e alunos negros, indígenas, baixa renda e com deficiências. As diferenças entre cursos de bacharelado e licenciaturas e as proposições de bolsas e auxílios estudantis no interior da universidade também foram temas em pautas. Na sequência foram realizadas as devidas orientações propostas quanto às possibilidades de ingresso na universidade e respondidas as eventuais dúvidas dos discentes. Após as palestras foram distribuídos folders com o conteúdo apresentado como forma de incentivo e orientação aos futuros candidatos a ingressarem na universidade. A metodologia foi centrada inicialmente nas respostas que cada estudante registrou em um questionário fechado na intenção de atender aos objetivos da pesquisa. Todos os questionários foram recolhidos e as respostas tabuladas como subsídio das análises e discussões propostas aos objetivos da pesquisa: Identificar as concepções sobre a universidade na visão de alunas e alunos das escolas públicas no ensino médio. Investigar o grau de aproximação versus distanciamento entre alunos concludentes da educação básica e a universidade. Buscou-se também analisar os horizontes e as perspectivas de futuro concebidas pelos alunos das classes populares ao se encontrarem nos limites da educação básica. A pesquisa



contou com as bases teóricas de Arroyo (2014) e Lahire (2008) ao tratarem respectivamente das desigualdades de oportunidades entre as populações subalternizadas e as razões do improvável, quando alunas e alunos das classes populares alcançam os degraus da escolarização em nível superior. Os resultados parciais indicam que alunas e alunos de escolas públicas em vias de concluir a educação básica, desconhecem seus direitos quanto aos cursos universitários como também desconhecem as bolsas e auxílios que possibilitam a permanência nos estudos aos alunos em situação de precariedade econômica. Quanto às ações afirmativas, há desconhecimentos dos direitos sobre reservas de vagas aos grupos específicos que podem ser beneficiados por essa política.

PALAVRAS-CHAVE: AÇÕES AFIRMATIVAS. ORIENTAÇÕES.
UNIVERSIDADE. ENSINO MÉDIO.

ESCRITORES-CRÍTICOS NA PRÁTICA DO JULGAMENTO: O CONCURSO LITERÁRIO NO BRASIL

Mônica Fernanda Rodrigues Gama
Universidade Federal de Ouro Preto

A exposição das leituras de um escritor é explorada como uma forma de compreender sua própria visão sobre literatura e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de compreender particularidades da prática literária percebidas apenas por seus próprios autores. Assim, ao autor consagrado cumpre a função de agente privilegiado que pode elucidar, perceber e avaliar a literatura de modo especial em textos sobre seus contemporâneos ou sobre clássicos, posicionando-se em (ou criando) polêmicas ou simplesmente apresentando novos escritores. Escrevendo e abordando criticamente a literatura, o autor desdobra-se em escritor-crítico. Para além dessa exposição (por exemplo, nas páginas dos jornais, apresentações e orelhas de livros), alguns escritores assumem outro caráter da crítica literária, o avaliativo, enquanto jurados em concursos literários. Nesta comunicação, abordarei o problema dos concursos literários a partir de textos de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, recorrendo a textos publicados e a manuscritos, para observar quais critérios são atualizados por ambos para julgar ou promover os textos produzidos por seus contemporâneos. O estudo da produção crítica de autores permite percebermos a ideia de autoria em circulação e, logo, a compreensão da rede de valores e distinções em prática em uma época.

PALAVRAS-CHAVE: ESCRITOR-CRÍTICO. CONCURSO LITERÁRIO.

LITERATURA BRASILEIRA. GUIMARÃES ROSA. GRACILIANO RAMOS.

**ESCRITURA Y HETEROPATRIARCADO: LA ECONOMÍA DE LA VIOLENCIA EN
EL PIBE BARULO DE OSVALDO LAMBORGHINI**

Sonia Berton

Universidad de La Pampa, Argentina

“No se puede descolonizar sin despatriarcalizar” reza la consigna de cierto modo de activismo feminista latinoamericano en contra de las formas hegemónicas de asumir, pero sobre todo, de imponer, conductas de género y prácticas sexuales en el contexto de la colonialidad de América Latina. En este marco, “patriarcado” y “heteronormatividad” constituyen dos sistemas opresivos que se configuran en el cruce de las problemáticas de clases sociales y grupos lingüísticos y culturales y que emergen en múltiples y heterogéneas representaciones discursivas. En *El Pibe Barulo* (1983), Osvaldo Lamborghini asume la literatura como una forma privilegiada de estas representaciones en tanto permite metaforizar la violencia social, física, cultural y simbólica que caracteriza al sistema de heteropatriarcado dominante. Me propongo analizar las estrategias de una escritura que oscila entre el erotismo retórico y la narratividad lineal y que se instituye en el contrapunto entre un discurso autoritario y los modos de su deconstrucción.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA ARGENTINA. OSVALDO

LAMBORGHINI. ESCRITURA. HETEROPATRIARCADO. VIOLENCIA.

**ESCRITURA Y PAISAJE EN LEÑADOR DE MIKE WILSON, LA
TRANSFORMACIÓN DEL INDIVIDUO EN EXPERIENCIA**

Daniel Plaza

Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación - Chile

Este trabajo se inscribe dentro de un conjunto de otros estudios en producción, realizados en torno a la obra de Mike Wilson. Dado el carácter del simposio, interesa referirse a la novela *Leñador* que, entre otras cosas, ha sido considerada una novela que pudiera inscribirse dentro de las obras que pudieran leerse dentro del registro ecológico. El protagonista de *Leñador* realiza un viaje que implica un desplazamiento desde la ciudad hacia la zona canadiense del Yukón. Este desplazamiento supone un conjunto de transformaciones que convierten su estancia en el bosque, junto a los leñadores, en una experiencia diferente. Conectado el protagonista con el paisaje, su experiencia hace que el paso del mundo (entendida como noción universalista) al espacio del bosque, el Yukón, genere la convergencia entre un mundo otro y un sujeto otro. Al producirse esta reunión se configura la idea del espacio comprendida como un lugar vivencial que, dependiendo de cómo sea mirado o vivenciado, modifica su carácter para el individuo. En *Leñador* se asiste a la mirada diferente que otorga el recurso de la descripción para generar la configuración de un masculino diferente. En la medida en que el espacio constituye el lugar donde se produce la reunión entre el individuo y el bosque, surge una representación cultural del paisaje que se consolida desde una perspectiva de encuentro entre el sujeto y su entorno. Así, esta obra levanta una posibilidad que propicia la reunión entre los dos elementos antes mencionados, evitando evidentemente su fragmentación.

PALAVRAS-CHAVE: PAISAJE. ESPACIO. EXPERIENCIA. DESCRIPCIÓN.

**ESTRATEGIAS DISCURSIVAS DE DOMINACIÓN: EL CASO DE DOS
CRONISTAS TOLEDANOS**

Vanessa G. Vera Chaparro

Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Nuestro trabajo consiste en una comparación entre *Notables daños* ([1571] 2012), de Polo Ondegardo, e *Historia de los incas* ([1572] 1988), de Pedro Sarmiento de Gamboa, ambos clasificados tradicionalmente como toledanos; por lo que nos pareció pertinente hacer dialogar la propuesta de sus textos. A través de este análisis comparativo pretendemos demostrar que Ondegardo no reproduce la idea que es considerada, por Porras Barrenechea (1962), como una tendencia toledana: la tiranía y belicosidad de los incas, la cual sí es asumida por Sarmiento. Como segundo objetivo, mostraremos el modo en que ambos españoles persiguen una misma finalidad en cuanto a los intereses de la Corona; pero llevan a cabo sus diligencias reales por medio de interpretaciones diferentes del incario y de una serie de recursos formales que están ligados a sus objetivos: la intencionalidad del tema se materializa en la estructura del texto. De acuerdo con lo mencionado, en la tarea de entender la propuesta de los dos autores, haremos una revisión de la bibliografía secundaria; luego analizaremos nuestro objeto de estudio, tomando como referente las propuestas de Fossa (2006) y Sosa (2000).

PALAVRAS-CHAVE: ONDEGARDO. SARMIENTO. CRÓNICAS. INCARIO. INDIGENISMO.

Marcos Antonio Cavalcante Vitorino
Faculdade da Amazônia Ocidental

A preocupação do tema é apresentar os resultados iniciais de uma investigação a respeito de processos criminais envolvendo indígenas no município de Feijó, Estado do Acre, Brasil, objetivando tornar possível discutir situações de violência e repressão contra esses povos. A ideia de escrever sobre o tema surgiu a partir de outra pesquisa, intitulada “Reeducandos: A invenção do discurso da recuperação social”, concluída em 2009. Praticamente só ao final daquela foi que surgiu o interesse em pesquisar a presença de índios no Presídio Dr. Francisco D’Oliveira Conde, localizado em Rio Branco, Estado do Acre. Feito alguns levantamentos preliminares junto às Varas Criminais, descobriu-se a existência de processos penais envolvendo esses povos, de etnias diversas, que ainda permanecemos ignorantes no que diz respeito à quantas e quais etnias. Apesar da absoluta escassez de estudos publicados a respeito do assunto em âmbito regional, e o difícil acesso a alguns municípios do interior do Estado do Acre – o que dificulta o contato com as fontes – foram pesquisados os arquivos das comarcas dos municípios de Feijó e Tarauacá. A atual [des]organização de ambos os arquivos também não facilita o trabalho do pesquisador que, com recursos financeiros e tempo escassos, se vê cercado de dificuldades.

PALAVRAS-CHAVE: JUSTIÇA. ETNIAS. AMAZÔNIA. PROCESSOS CRIMINAIS. JUDICIALIZAÇÃO.

EUGENIO GRANELL EN LATINOAMÉRICA

Ruben Daniel Castiglioni

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Granell fue, entre muchas otras cosas, escritor, músico, pintor y profesor. Nació en La Coruña, el 28 de noviembre de 1912. En los años treinta publicó sus primeros textos en las revistas Nueva España y PAN y ejerció actividades políticas, primero en el Partido Comunista Español y después en el Partido Obrero de Unificación Marxista. En 1941 se exilió en la República Dominicana, donde vivió hasta 1946 y donde conoció a André Breton y se interesó por el surrealismo. Dos años después, en la época del dictador Trujillo, publicó la revista La poesía sorprendida. Las amenazas a su vida le obligaron a viajar a Guatemala. En 1949 debió mudarse a Puerto Rico, y en ese país vivió un período artísticamente muy productivo. Es de esa época su libro “Isla cofre mítico”. Con el paso del tiempo, Granell se transformó en un gran artista plástico y le fue otorgado el Premio Internacional de Pintura de la Fundación Copley, de Chicago y, en 1964, obtuvo el Premio Internacional Don Quijote, por su novela “Lo que sucedió”. Se destacan entre sus libros “La novela del indio Tupinamba” (1959), “Federica no era tonta y otros cuentos” (1970) y “Estela de presagios” (1981). Poco se ha hablado de la obra de Granell y esta comunicación trata de contribuir para mitigar ese problema. Granell realizó una importante labor en Latinoamérica y a esto daremos destaque. Haremos referencia también a su obra surrealista “La novela del indio Tupinamba”. Casi nada ha sido escrito acerca de esta novela y poco se ha hablado también acerca del surrealismo en español o del surrealismo fuera de Francia y su recepción, dónde orbita nuestro estudio. En escasos textos que hemos podido rescatar en nuestra investigación (realizada en Brasil y en España) Santos Sanz Villanueva y Jesús Hernandez, por ejemplo, hacen referencia a la novela de Granell, y con ellos dialogaremos. Así como también, con la obra de Carlos Arias aparecida ahora en castellano en febrero de 2018, “Un hereje contemporáneo”, buscando elucidar inexactitudes, reivindicar posiciones y ampliar conceptos.

PALAVRAS-CHAVE: EUGENIO GRANELL. LITERATURA DE EXILIO.

FELIPE: EL (ANTI) MODELO PLATÓNICO

Melissa Mariana Orozco Lemus
Universidad Mayor de San Andrés

La novela de Jaime Saenz Felipe Delgado y el Fedón de Platón como dos obras muy estudiadas, plantean la muerte desde distintas perspectivas que parecen no poder relacionarse entre sí. Sin embargo, se puede generar un dialogo bastante amplio sobre las distintas visiones muerte en ambos textos a partir de tres momentos: primero se plantea el alcohol como silenciador y opresor del alma impidiendo que esta piense, atándola al cuerpo y sometiénndola en contraste con la idea platónica de dejar que el alma sea libre; segundo, la creación de uno a partir del fin del otro, los contrarios como generadores de si mismos, por un lado el sonido y el silencio (Felipe Delgado) y por el otro la vida y la muerte (Fedón); por último, la búsqueda de la muerte como forma de liberación, no del alma sino del cuerpo mismo para poder habitarla y solo en ella comprenderla tanto desde la perspectiva Saenziana como desde la perspectiva platónica. El trabajo tiene por objetivo el dialogo entre literatura y filosofía para demostrar que abordar un personaje literario desde la perspectiva filosófica es posible. Teniendo en cuenta que Saenz ha abordado la literatura desde una perspectiva más trascendental donde la vida y la muerte no son espacios separados, sino que se habita en una desde la otra. El personaje en la novel aborda una búsqueda de habitar la muerte (como un “algo”) para entenderla, no saber qué hay más allá (si hay algo) sino habitar la muerte misma. En cambio la perspectiva platónica genera una visión de la muerte como la liberación del alma, alejándose del cuerpo. El cuerpo tiene que morir para que el alma pueda habitar la muerte y ser recompensada. La muerte, desde la perspectiva platónica es un ente liberador que busca del alma (lo que en realidad importa según platón).

PALAVRAS-CHAVE: ALMA. CUERPO. MUERTE. CREACIÓN. LIBERACIÓN.

**GÉNERO, CLASE Y ETNIA-RAZA EN RASTROJO (1944) DE MARÍA
ROSA MACEDO O CUANDO ES POSIBLE IMAGINAR A LA MUJER
AFRODESCENDIENTE MÁS ALLÁ DE SU CUERPO**

Richard Angelo Leonardo Loayza
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

En esta ponencia nos proponemos examinar Rastrojo (1944) de María Rosa Macedo, un texto prácticamente olvidado por la crítica especializada. Esta novela no solo tiene el mérito de presentar como protagonista de su historia a una mujer afrodescendiente (cosa inusual para su tiempo), sino que, también a contracorriente de los usos su época, se atreve a representarla más allá de su cuerpo, es decir, describe a la “negra” sin apelar al empleo de estereotipos corporales como la voluptuosidad o la lubricidad. Nuestro objetivo es demostrar que la autora de Rastrojo instrumentaliza en su texto una propuesta política que busca desracializar a la mujer afrodescendiente, para lo cual se plantea representarla no desde el archivo con el que Occidente la ha definido como un “otro” necesitado de tutela (porque no era capaz de controlar las urgencias de su cuerpo), sino como un ser humano que, como cualquier otro, experimenta una serie de vicisitudes a lo largo de su vida, pero en los que la raza-etnia, la clase y, sobre todo, el género desempeñan roles determinantes. Un aspecto interesante de Rastrojo es que su autora inicia la historia de su novela en el momento en el que los esclavos son liberados por el presidente Ramón Castilla. A partir de este hecho histórico no solo se narra la historia de Martina y su familia, sino que se elabora una especie de ajuste de cuentas con la construcción de la nación peruana, la cual es definida como una sociedad poscolonial. Para analizar el texto, emplearemos una serie perspectivas teórico-metodológicas como los Estudios Subalternos, los Estudios Poscoloniales, los Estudios de Género. Emplearemos los estudios sobre representación elaborados por E. Said y G. Spivak. Asimismo, apelaremos a los estudios de racialización sobre lo afro desarrollados por Stuart Hall, Farhad Dalal y Eduardo Restrepo. Respecto al Género, usaremos los textos de Joan Scott y Maribel Arrelucea. Un texto fundamental sobre lo afro en el Perú es el de Carlos Aguirre: “Breve historia de la esclavitud en el Perú. Una herida que no deja de sangrar”. PALAVRAS-CHAVE: MUJER AFRODESCENDIENTE. REPRESENTACIÓN. CLASE. GÉNERO. ETNIA. RAZA.

GUAMAN POMA DE AYALA, LETRADO INDÍGENA

Carlos García Bedoya Maguiña
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Por múltiples razones, Guaman Poma ocupa un lugar de excepción en la cultura del Perú colonial. Es la única figura a quien cabe considerar, en todo el sentido de la palabra, un letrado indígena. La producción letrada promovida por las élites indígenas en los Andes virreinales implica casi siempre la participación de sujetos escriturarios no indígenas, ya sean mestizos, españoles o criollos, en colaboración con sujetos indígenas. Cuando, con legítimo orgullo, Guaman Poma se proclama “autor y príncipe”, hiperboliza sin duda su jerarquía nobiliaria, pero es plenamente objetivo al identificarse como Autor: es el único sujeto indígena al que cabe considerar miembro de pleno derecho de la ciudad letrada virreinal, en tanto productor individual del texto de la monumental Nueva crónica y buen gobierno, a lo que habría que añadir su condición de artista plástico. Sólo en el caso de Guaman Poma se da a plenitud el tránsito de indio ladino a letrado andino.

PALAVRAS-CHAVE: GUAMAN POMA. PERÚ. COLONIA. LETRADO. INDÍGENA.

HACIA LA POÉTICA CORPÓREA DE UN MITO DE EXTRAMURO: PROSOPOGRAFÍA Y DANZA SECRETA DE LAS AGUAS

Juan Carlos Miranda Ponce

La ponencia propuesta gira en torno a la imagen sagrada del agua y su poética singular, tal como lo han advertido, desde siempre, los espíritus ancestrales de la selva. La intención es recuperar una espiritualidad y una forma de conocimiento que se aventure a navegar los secretos del agua y a despertar la conexión sagrada que los seres humanos tienen con este elemento. Para ello, en un primer momento, se ahonda en una poética del agua, donde el jaguar, los seres rampantes, las aves multiformes, las hojas flotantes, la sombra del humo sagrado, la humedad iridiscente de la corteza vibrátil, se dicen en “un otro lenguaje” que es poesía danzada. En un segundo momento, el trabajo se centra en las pinturas de Ramón Piguawe - Cuyabeno, 1962- y en sus paisajes de la Amazonía Ecuatoriana, donde prevalece el idioma del agua ríos, lagunas, playas, animales y una vegetación extrasensorial. Las líneas de la ponencia también se vierten hacia el Dios Arutam, con el que el autor siente proximidad, por la poética de sus danzas secretas y de sus múltiples viajes. Finalmente, en un tercer momento, prevalecerá el lenguaje cinético del agua y el diálogo corpóreo con las perspectivas que Lezama Lima, Jack London, Gaston Bachelard, entre otros, comparten sobre el agua. El autor se detiene, fétido, ante el Botón de Nácar del cineasta chileno Patricio Guzmán y se reviste de la sabiduría de las imágenes acuáticas en una muestra poético-dancística-iniciática del Agua para aunar a los presentes en un viaje iniciático.

PALAVRAS-CHAVE: POÉTICA. PROSOPOGRAFÍA. AMAZONÍA ECUATORIANA.

HISTÓRIAS EM LÍNGUA GERAL DO AMAZONAS: EXEMPLO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA EM LÍNGUA INDÍGENA SUPRA-ÉTNICA

Eduardo de Almeida Navarro
Universidade de São Paulo

O nheengatu é falado ainda no Amazonas, no Vale do Rio Negro, por cerca de 6000 pessoas. É a língua minoritária de maior importância histórica no Brasil. Desde o século dezenove têm sido feitas tentativas de sua revitalização por meio de publicação de gramáticas (como a de Simpson, de 1876), de dicionários (como o de Stradelli, de 1929), de literatura oral (como a obra “O Selvagem”, de Couto de Magalhães, de 1876). Recentemente, por iniciativa da Área de Línguas Indígenas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, têm sido elaboradas traduções para o nheengatu de obras literárias. Em 2017 foi publicada a obra “Histórias em Língua Geral do Amazonas”, que enfeixa traduções, feitas por alunos, de contos, lendas, mitos de diferentes partes do mundo. Pretende-se, com isso, enriquecer o léxico da língua com termos novos, muitos deles formados por meio de composições descritivas de palavras da própria língua. Além disso, busca-se revitalizar o nheengatu, incentivando-se seu emprego como língua literária.

PALAVRAS-CHAVE: NHEENGATU. LITERATURA. AMAZÔNIA.

**HISTORIZAR EL MITO, MITIFICAR LA HISTORIA: UNA LECTURA
PARÓDICA DEL CICLO NOVELÍSTICO LA GUERRA SILENCIOSA DE
MANUEL SCORZA**

Ana Lucía Salazar Vilela
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

El presente trabajo se propone demostrar la existencia de un acercamiento paródico al género épico en las cinco novelas que componen el ciclo novelístico *La guerra silenciosa* (1971-1979) del peruano Manuel Scorza, como modelo explicativo de su carácter oscilante entre los límites de lo mítico y lo histórico. Esta propuesta de análisis parte de ciertas entrevistas en las que Scorza, víctima de la denominada “conspiración del silencio” por parte de la crítica literaria peruana hasta hace unas décadas, plantea una hipótesis sobre la existencia de dos lecturas paralelas de su ambicioso proyecto narrativo, siendo una a través de los mitos y otra a través de la historia. Por el lado de la teoría literaria, se partirá de una concepción de la parodia desarrollada por Linda Hutcheon como modalidad intertextual constructiva, síntesis de lo antiguo con lo nuevo que enfatiza la diferencia por medio de la ironía. Tras identificar los ejercicios paródicos sobre los tropos de tiempo y personajes, se explicará cómo estos permiten la inscripción en la historia de la gesta de Yanacocha y el resto de comunidades campesinas, estableciendo un diálogo crítico con las lecturas previas de Dunia Gras Miravet, Roland Forgues y Mabel Moraña. Por último, se propondrá una segunda operación de actualización del mito como finalidad última del proyecto scorziano, relativizando los límites de la dicotomía mito-historia para una mayor comprensión de la diégesis compartida por este macrotexto.

PALAVRAS-CHAVE: MITO E HISTORIA. NARRATIVA PERUANA.

TEORÍA LITERARIA. MANUEL SCORZA. LA GUERRA SILENCIOSA.

**HOMENAJE A JUAN JOSÉ ARREOLA, ESCRITOR MEXICANO A CIEN AÑOS
DE SU NACIMIENTO EN ZAPOTLÁN EL GRANDE, JALISCO**

Luz Elena Zamudio Rodríguez

Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa

A través de la interpretación de “Un texto inédito”, publicado por primera vez en la revista *Espejo. Letras, artes e ideas* de México, en 1968, y recopilado en su narrativa completa en 1997; distinguiré algunas de las características de la narrativa del escritor jalisciense, entre ellas: intertextualidad, intratextualidad y referencias autobiográficas. Entre las primeras, destaco pasajes bíblicos, Brueghel el viejo, y música popular. Se alude también a su propia escritura y a varios sucesos autobiográficos ficcionalizados; entre ellos una anécdota de su niñez y varias sobre padecimientos físicos y emocionales de los que no ha podido desprenderse. Al protagonista narrador lo interpreto como un personaje ejemplar del “movimiento pánico”, creado en París en 1962 por Fernando Arrabal, Roland Topor y Alejandro Jodorowsky; quienes ejercieron diferentes tipos de arte. Considero que “Un texto inédito” es de los escasos testimonios de representaciones pánicas; además, como es el resultado de la propia experiencia del narrador protagonista, permite imaginar a los lectores esos procesos artísticos que pretendieron ser efímeros.

PALAVRAS-CHAVE: ARREOLA. AUTOBIOGRAFÍA.

INTERTEXTUALIDAD. MOVIMIENTO PÁNICO. CENTENARIO.

HORTA-OCA: ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA, HABITAÇÃO, TROCAS, APRENDIZAGEM E CULTIVO DE IDEIAS

Joana da Costa Lyra

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes

Instituto Nacional de Educação de Surdos

O presente texto apresenta um relato de experiência sobre a horta-oca do Instituto Nacional de Educação de Surdos que vem sendo cultivada por professores de artes e alunos surdos com idade entre 8 e 21 anos. Iniciada em 2015 junto a uma turma de 1º ano do ensino fundamental, a horta-oca configura-se como um espaço de convivência, trocas, aprendizagens e cultivo de ideias. As práticas pedagógicas experimentadas e a utilização de ferramentas como a enxada, escavadeira e pá possibilitaram o agenciamento e ampliação das vivências corporais e sensoriais das crianças e jovens conforme os princípios da educação pela experiência e pela prática de Paulo Freire. A horta-oca, conectada à noção da Agroecologia, proporciona um ambiente favorável à revalorização de tradições e sabedorias populares e indígenas, ao encontro com a diversidade de saberes e sabores, à conexão com a terra e os ciclos da natureza e à reflexão sobre a relação entre ciência e arte, com ênfase em ações coletivas que promovam o Bem Viver. Ao relato das experiências vividas consolidado no formato de um diário das ações, agrega-se uma narrativa visual integrada por fotos e pequenos vídeos produzidos no curso do processo. A constelação de propostas, conteúdos e práticas instauradas nos encontros na horta se desenvolvem na forma de entrelaçamentos, conforme o conceito do rizoma, de Deleuze e Guatarri (1992) e confirmam a necessidade da arte contemporânea de conchamar pelo outro, pelo par, pelo conjunto apontados por Roberto Corrêa dos Santos(2015). Perpassam as práticas a noção de Interculturalidade, descritas por Vera Candau(2014) e Richter(2008), ressaltando a diversidade étnica brasileira e seus diálogos com outras culturas, e conhecimentos que emanam das brincadeiras, experimentações e manifestações populares. A conexão com elementos da natureza encontrados nas falas e práticas de Fritjof Capra(2006), Celso Sánchez(2011), Leonardo Boff(2004) e Ghandy Piorski(2016) aportam sentidos e fundamentos para as ações na horta-oca em consonância com as múltiplas possibilidades encontradas no campo da arte e da cultura. E Skliar(1999) nos faz compreender a surdez como experiência visual, ressaltando o aspecto visual da cultura surda bem como suas produções linguísticas, artísticas, científicas e as relações sociais.



PALAVRAS-CHAVE: ARTE. AGREOCOLOGIA. CULTIVO DE IDEIAS.
HORTA. EDUCAÇÃO DE SURDOS.

IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DE CONTOS INDÍGENAS

Maria Carolynny Doana Brito Teixeira
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Sabe-se que o Brasil é um país pluriétnico, e que entre os muitos povos que compõe essa nação, os indígenas se destacam como povos nativos. Assim, no contexto da discussão sobre a identidade nacional brasileira, no intuito de buscar conhecer aspectos da cultura e história dos indígenas brasileiros, desenvolveu-se este trabalho que apresenta como objetivo principal analisar de forma descritiva exploratória o papel das narrativas literárias para o fortalecimento da identidade étnica nas sociedades indígenas. Para realizar tal intento este trabalho, que é resultado de um projeto de iniciação científica desenvolvido no curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, foi realizado adotando a perspectiva da pesquisa bibliográfica, com o foco para estudos que discutem sobre Identidade Étnica e Literatura Indígena numa abordagem teórica. Os resultados demonstraram que é uma constante a transmissão de valores identitários através das narrativas literárias de povos indígenas. E que tais narrativas são imprescindíveis para que também se transmitam saberes tradicionais desses povos. A pesquisa então visa discutir o fortalecimento da identidade étnica nas sociedades indígenas por meio da literatura, abordando o uso da literatura indígena como um dos elementos na composição de um novo olhar para os povos indígenas, bem como as relações de identificação com a história e a cultura indígena. Mostrando que a literatura tem força para fortalecer identidades, valorizar e promover a continuidade da cultura, tradições e saberes. Além do mais, o conhecimento sobre a literatura indígena possibilita e contribui para o conhecimento das práticas culturais dos povos indígenas por meio das narrativas construídas pelos próprios indígenas, tornando assim as memórias ancestrais preservadas.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE. LITERATURA INDÍGENA.
MEMÓRIA.

IDENTIDADE, ARTICULAÇÃO E HEGEMONIA NO ROMANCE LATINO-AMERICANO DO ESTADO FALIDO

Dionisio David Marquez Arreaza
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nesse trabalho, comento dois romances: um brasileiro, *Cidade de Deus* (Lins, 1997), e outro cubano, *Trilogía sucia de La Habana* (Gutiérrez, 1998). Enquanto no primeiro texto, a ação desenvolve a violência criminosa em um universo social fechado carioca—o conjunto habitacional homônimo, *Cidade de Deus*—dos anos 1960s até os 1980s dentro do estado liberal ausente brasileiro; no segundo, desenvolve-se a carência material e moral no bairro histórico de Centro Habana durante o chamado Período Especial, especificamente 1994-1995, dentro do estado socialista onipresente cubano. A partir de um método multidisciplinar, aproxima-se ao estudo da literatura a antropologia do estado e os estudos gramscianos. Discutirei a escrita e leitura da linguagem literária como “articulação” de um novo sujeito político vinda da revisão das categorias de estado e hegemonia que considera as propostas pós-estruturais (Laclau, 2001). Com efeito, a ficção do estado falido—por parte de narradores “apolíticos” nos anos 1990s divididos entre o fim das utopias e o anelo pela democracia—interpela o leitor contemporâneo pedindo ação após a narração. Primeiro: para reconhecer, por um lado, a herança latino-americana da exclusão social dos sujeitos historicamente marginalizados, e pelo outro, a atualidade desta exclusão nas tendências político-partidaristas no tempo histórico extenso e recente representado nos romances. E segundo: para reconhecer essa escrita e a própria leitura como atos democráticos que têm como o objetivo “se identificar” com aquele sujeito desfavorecido na história para “articular” no presente uma posição como novo sujeito político coletivo capaz de transformar a hegemonia excludente. Conclui-se que tal projeto literário transformador e democratizante, a despeito dele, é tão falido quanto o estado que representa por causa da prática disfuncional de leitura no subdesenvolvimento latino-americano (Cândido, 1989) que impede desarmar, no caso, as hegemonias conservadora ou unipartidarista de estados liberal ou socialista.

PALAVRAS-CHAVE: ROMANCE. EXCLUSÃO. ESTADO. HEGEMONIA. IDENTIDADE.

LA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. UNA APROXIMACIÓN A LA EXOTIZACIÓN DE LOS NATURALES DE LA TERRA DE VERA CRUZ

Haydee Mercedes Salcedo Fonseca

Universidad Nacional Mayor de San Marcos

En el presente trabajo de investigación se realizará el análisis de la Carta de Pero Va de Caminha en relación a la estrategia discursiva que se utiliza en base a la lógica del conquistador como parte de nominalizar, describir, los usos y costumbres de los pobladores del Brasil. Se presentarán algunas estrategias por el cual Vaz de Caminha legitima su discurso con la finalidad de poder recibir de la corona portuguesa un apoyo; una de las estrategias que se fundamentará es la exotización de las personas encontradas en el territorio de Vera Cruz. Como parte de nuestro análisis se tiene en cuenta el Diario a bordo de Colon, se realizará, grosso modo, una comparación entre similitudes y diferencias en ambos textos para observar la estrategia de Pero Vaz de Caminha. Así, el texto representará los primeros albores del conocimiento y la importancia que se le otorgará a las tierras brasileñas.

PALAVRAS-CHAVE: CAMINHA. NOMINALIZACIÓN. LÓGICA DEL CONQUISTADOR. EXOTIZACIÓN. NATURALES.

LA COLONIALIDAD DE LA NATURALEZA: DIFERENCIAS ECOLÓGICAS Y PERSPECTIVAS MITOLÓGICAS DEL MITO DE INKARRÍ

Ginett Pineda
Universidade de Kansas

Este estudio se enfoca en un aspecto del mito de Inkarrí aún no discutido en los estudios andinos: la eco-espiritualidad runa y las “diferencias ecológicas” dentro de la mitología amerindia. El objetivo es explorar desde la época prehispánica hasta la edad moderna los distintos significados de la Pachamama expresados en los mitos andinos y su presencia en los ritos agrícolas, organizaciones sociales, producciones culturales y en el desarrollo ecológico de bienestar y sostenibilidad. Con el propósito de mostrarnos el otro lado de la relación andina con la tierra. Mi argumento principal es que el mito de Inkarrí revela diferencias ecológicas constitutivas a la cosmovisión andina. En este sentido, “diferencia ecológica” se refiere a la diferencia cultural articulada en términos ecológicos o aquellos que se refieren a la relación humano y Naturaleza dentro de una representación oral, performativa o material. Esta diferencia ecológica fue articulada en los textos europeos desde una perspectiva antropocéntrica que defendió el binomio cultura/Naturaleza y sirvió para distinguir al europeo y al runa justificando así la conquista y colonización. La primera parte del binomio representó al europeo en relación con la escritura, la cristiandad y el uso pragmático de la Naturaleza, que sobre todo establecía una relación que no incluía las prácticas animistas del sujeto americano con su medioambiente y además convocaba prácticas específicas en cuanto a qué cultivar, cómo hacerlo y qué animales se podían comer. La segunda parte del binomio relacionó la Naturaleza con el demonio, la barbarie, y sobre todo con el concepto de territorio “salvaje,” como un espacio peligroso y desconocido que debía ser controlado. La formación de estas dicotomías y su manipulación en cuanto a la construcción del sujeto runa produjo en los Andes identidades sociales en referencia a sus diferencias ecológicas. Y en la medida que estas identidades se configuraron en relaciones coloniales de dominación, tales diferencias ecológicas se convirtieron en una de las herramientas para legitimar las relaciones superioridad/inferioridad entre europeos y americanos. Para el runa - que no participaba de la visión dualista del mundo-la mirada androcéntrica europea que rechazaba la idea de una Naturaleza orgánica que incluía al ser humano, afirmó su desprecio hacia los colonizadores y esto se desprende en el mito de Inkarrí. Inkarrí es un mito andino, narrado en quechua circa a finales del siglo XVII que adquirió mayor importancia durante la época revolucionaria

del siglo XVIII (Graziano 29). La figura del Inca asesinado y su presunta resurrección se convierte en el emblema del pensamiento utópico de las rebeliones indígenas posteriores que comenzaron en el siglo XVIII, como la lucha armada liderada por Juan Santos Atahualpa entre 1742 a 1752 y la rebelión de José Gabriel Condorcanqui Túpac Amaru II en 1780. A mi parecer, el emblema de esta restauración simbólica de la cabeza de Inkarrí a su cuerpo incide en uno de los tropos más persistentes en la cultura quechumara: la facultad de la Madre Tierra de concebir y dar a luz. En este contexto, la Pachamama cumple su función de nutrir, alimentar y potenciar la regeneración del Inca. Detrás de los componentes milenaristas de la utopía andina presentes en el mito, las relaciones runa-Naturaleza subyacen. La constante presencia de relaciones sinestésicas contribuye a la personificación de la tierra, aboliendo las fronteras que separan al ser humano del cosmos, a los vivos de los muertos y entre fundiendo lo real con lo irreal. De su lectura ecocrítica alternativa, se rescata una explícita dimensión social ecológica que resuena con los estilos de vida del runa actual. De aquí que el mito sea una narración “environmentally-oriented” como lo definiera Bauell, por su esfuerzo en acercarnos a la eco-espiritualidad runa. Esa manera mágica en el mito de Inkarrí de relacionarse con los tirakuna, de animar la tierra, de entrefundir lo real con lo irreal y de abolir las fronteras que separan al humano de un animal, de un vegetal o de una divinidad, no fue posible en la psique de los invasores, y entonces se reconstruyó la relacionalidad entre humanos y Naturaleza en los Andes coloniales. El mito de Inkarrí nos ofrece un camino alternativo, un despertar frente a la violencia medioambiental, donde entendemos que todos los seres humanos tienen una relacionalidad con todos los otros seres humanos y no-humanos, animados o inanimados, vivos o muertos, porque en el espacio andino nada en la ecoesfera es aparte, sino uno solo.

PALAVRAS-CHAVE: INKARRÍ. PACHAMAMA. COLONIALIDAD.

LA CONCEPCIÓN DE LA MUJER EN LOS CORRIDOS REVOLUCIONARIOS

Ana Liliana Pastrana Ramos
Escuela Preparatoria Oficia 29

Daniel Guzman Flores
Universidad Autonoma del Estado de Mexico

El presente trabajo analiza la presencia de la mujeres en los corridos, canciones creadas durante la revolución mexicana, los soldados de las tropas de Villistas, Zapatistas o Carranzistas siempre eran acompañados por sus esposas, a ellas se les conoció como “Soldaderas”, fueron inspiración, sustento, y apoyo de los soldados durante y después del combate, siempre alentado a sus hombre a la feroz combate. Fueron inmortalizadas en canciones por las tropas revolucionarias, su nombre, su sola presencia, eran sinónimo de amor, esperanza, valor y fuerza, ¿mujer abnegada?, ¿fiel?, eso es lo que creemos de ellas, pues acompañaban a sus maridos a la batalla con sus hijos detrás, envueltos en un reboso, (si es que estas los tenían) siempre detrás de ellos. Aunque no podemos negar que por letras como la Adelita, La rielera, La soldadera o La Jesusita, podemos observar a una mujer que no permanece nunca a la espera de un hombre, es la novia, la novia del cuartel, atrevida, libre y decidida, pero no solo es así, en el corrido de La güera vemos a una mujer fuerte y valiente, es ella la coronela, una mujer que manda y da ordenes a los soldados que tiene las “enagua bien puestas”De forma clara podemos ver a tres mujeres, ambas inigualables pero totalmente diferentes entre si, es por eso que este trabajo se dedica a analizar la figura de la mujer en los corridos revolucionarios

PALAVRAS-CHAVE: CORRIDO. MUJER. CONCEPCIÓN.

**LA DESFAMILIARIZACIÓN Y LA MULTICIIDPLIDAD DE LOS UNOS EN LA
“CLASE DE ANTROPOLOGÍA VISUAL” (2015) DE BRUS RUBIO**

Andrea Cabel García
Universidad de Pittsburgh

Este artículo, de carácter profundamente interdisciplinario e intertextual, se interesa por analizar la problemática de la violencia y la desigualdad hacia los indígenas amazónicos peruanos en estos últimos años, con una variante: nuestro énfasis no está en la violencia que reciben, sino en las formas en las que responden. Nuestro ejemplo central lo desarrollamos a través del análisis de una pintura titulada “Clase de antropología visual” (2015) del pintor bora-huitoto Brus Rubio. No obstante, lo que incorporamos en nuestro análisis no es solo un análisis de los elementos del cuadro, sino su contexto de producción y el efecto que tuvo en nosotros, como observadores/lectores de este, a partir de nuestras entrevistas con el autor. Nombramos a este efecto, “desfamiliarización” y creemos que lo que esta produce es una “multiplicidad de unos” que desequilibria la clásica dualidad Uno/Otro, lo que nos puede ayudar a releer la violencia hacia los indígenas amazónicos y la agencia de estos. Así las cosas, nuestro objetivo, espera contribuir a examinar la agencia, las propias formas en las que ellos le dan sentido a la invisibilidad a la que están expuestos, y a sus propias estrategias para denunciar y confrontar la violencia, incluyendo entre ellas, la ironía y el humor.

PALAVRAS-CHAVE: VOLENCIA. AMAZONÍA. BRUS RUBIO.


DESFAMILIARIZACIÓN. INDIGENEIDAD. IRONÍA.

LA DISFORME DISTANCIA: INJUSTICIA IMPERIAL E INDIGENEIDAD EN DOS MANIFIESTOS DE VICENTE MORA CHIMO

Jaime Vargas Luna

University of Wisconsin - Madison

La participación política de los miembros de la ‘nación indiana’ al interior del sistema imperial español inicia con este y recorre toda su historia, abarcando la totalidad de lo que Carlos García-Bedoya llama “producción discursiva andina”, y que agrupa crónicas, textos del barroco andino y memoriales del renacimiento inca. Aunque habitualmente menos considerados en los estudios literarios, a este corpus pertenecen también los “pleitos” (voluminosa producción documental dirigida a defender derechos de tierras, linajes, y otras causas civiles) y la producción simbólica andina desarrollada más allá de la tecnología alfabética (keros, quipus, textilera, pintura, arquitectura, etc.). Si bien algunos discursos corresponden a proyectos políticos e intelectuales individuales (los Comentarios Reales del Inca Garcilaso como el caso más emblemático), una constante de esta producción es su correspondencia directa con proyectos políticos colectivos articulados a través de redes de élites indígenas, con frecuencia en alianza con ciertos sectores de la iglesia. Franklin Pease, por ejemplo, habla de un conjunto de “curacas gestores”, quienes dedican años a la gestión de reclamos en favor de sus cacicazgos produciendo y circulando textos desde sus comunidades o incluso viajando a España. A este grupo corresponde sin duda Vicente Mora Chimo, cuya figura evolucionó, de líder indígena local de la costa norte peruana, a representante legítimo y autorizado de la nación indiana en las cortes peninsulares, desde donde desplegó su proyecto discursivo de nación indianizada como reacción a la mala administración imperial. Proyecto relativamente exitoso y enormemente influyente en el establecimiento de discursividades indígenas andinas a lo largo del siglo XVIII. A partir de una lectura de la totalidad de su obra, y del examen minucioso de dos manifiestos previamente ignorados por la crítica, “El desamparo total de los miserables indios” (1722), además de “Y si se continúan los agravios” (1724), propongo en este trabajo lo siguiente: Primero, que la obra de Mora Chimo no solamente advierte del deterioro del pacto colonial (consenso actual de la crítica sobre su obra) sino que denuncia la injusticia imperial en términos radicales. Segundo, que al erigirse como una voz en representación de la nación indiana, Mora Chimo propone una nación indianizada y fundamenta — poniéndolos en práctica —, los mecanismos de legitimación para



ejerger la representación de la nación. Tercero, que el marco de la indianidad permite articular en el mismo campo simbólico tanto la producción discursiva como las rebeliones, evidenciando sus continuidades, contradicciones, y la complejidad de los procesos de participación política de la nación indianizada.

PALAVRAS-CHAVE: INDIGENEIDAD. RENACIMIENTO INCA.

COLONIALIDAD. NACIÓN INDIANA. DISTANCIA.

**LA IDENTIDAD TRANSNACIONAL EN LA NARRATIVA CONTEMPORÁNEA:
UNA LECTURA DE LAS OBRAS UNA VEZ ARGENTINA, DE ANDRÉS
NEUMAN, Y ÁRBOL DE FAMILIA, DE MARÍA ROSA LOJO**

Juliana Bevilacqua Maioli
Universidad de Salamanca

Vinculado al proyecto de investigación del postdoctorado Identidades en tránsito: procesos de subjetivación del sujeto migrante en la literatura contemporánea, desarrollado desde de 2017 en la Universidad de Salamanca, este trabajo propone averiguar los procesos de subjetivación llevados a cabo por los sujetos transnacionales en dos narrativas latinoamericanas contemporáneas, entre ellas, *Una vez Argentina* (2014), de Andrés Neuman, y *Árbol de familia* (2010), de María Rosa Lojo, con el fin de resaltar cómo sus discursos proyectan, a nivel estructural, las fisuras y los desplazamientos que constituyen la identidad del mismo sujeto que los enuncia. A caballo entre la autobiografía y la novela, esos textos autoficcionales, híbridos, cada uno con sus singularidades estéticas y estilísticas, presentan un eje semántico común que los hermana, es decir, el tema de la desterritorialización engendrada por la experiencia de la inmigración y del exilio. Por las líneas conducidas por la memoria, en ambas narrativas, los sujetos, desde un espacio fronterizo, realizan un constante ejercicio de vuelta al pasado, rescatando los fragmentos de historias y leyendas con las que objetiva recomponer a la vez, su identidad individual y familiar, bien como la historia de su país de origen, Argentina. El presente estudio se dedica a examinar de modo más detenido el discurso literario resultante del juego entre memoria, ficción y autobiografía, concibiéndolo como espacio privilegiado para la construcción y legitimación de identidades transnacionales, fragmentadas y fluidas, que a su vez, son capaces de resignificar la “condición de exilio” y el sentimiento de desarraigo inherentes a las narrativas de escritores desplazados. Las nociones de autoficción de Ana Casas (2012); de crítica trasatlántica formulada por Julio Ortega (2001; 2010) y Ana Gallego Cuiñas (2012), y, también, el concepto de identidad radicante, de Nicolas Bourriaud (2009), sostienen teóricamente ese trabajo.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA E IDENTIDAD. ANDRÉS NEUMAN.
UNA VEZ ARGENTINA. MARÍA ROSA LOJO. *ÁRBOL DE FAMILIA*.

LA IRRUPCIÓN DE LA MODERNIDAD COMO DESTRUCTORA DEL AYLLU EN QAPARIKUY / GRITO DE DIDA AGUIRRE

Laura Lucía Gómez Rojas
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

En el presente trabajo, revisaremos el poemario Qaparikuy/Grito de Dida Aguirre García, publicado en el año 2012. Para ello, trabajaremos con planteamientos de la retórica, aunque también utilizaremos algunas nociones de la semiótica para complementar determinados puntos, con el fin de demostrar nuestro planteamiento principal: la modernidad como destructora del ayllu en este poemario. Asimismo, consideraremos los planteamientos de Adorno, Lienhard y Quijano para enmarcarnos correctamente, debido a que estas teorías, retórica y semiótica, son utilizadas para entender textos escritos en un contexto occidental. Inicialmente, presentaremos el marco teórico a trabajar, así como la postura de críticos latinoamericanos con respecto a las literaturas amerindias. Finalmente, analizaremos tres poemas con el fin de demostrar nuestra hipótesis global. Con esta investigación, buscamos ampliar el corpus a través de la literatura amerindia escrita por mujeres. Creemos que la poesía de Dida Aguirre en Grito muestra la ruptura del locutor personaje con el mundo del ayllu. Nuestra hipótesis es que esta es provocada por la inserción de los elementos modernos, como los autos, el pavimento, la minería y la idea de progreso, vista desde la minería, ya que poseen una gran carga disfórica y se utilizan diferentes elementos retóricos para reafirmar esta idea, ya sean figuras o argumentos. Así, en este poemario, encontraremos la dicotomía entre la modernidad y la colonialidad. Asimismo, observamos la destrucción del universo al que ella pertenece, no solo el colectivo, sino también el mítico.

PALAVRAS-CHAVE: MODERNIDAD. AYLLU. DIDA AGUIRRE. QAPARIKUY /GRITO.

**LA MIRADA CRÍTICA HACIA OCCIDENTE EN LA TRIADA HERAUD, CALVO
Y HERNÁNDEZ, COMO EJES REPRESENTATIVOS DE LA POÉTICA PERUANA
DE LOS AÑOS 60**

Sofía Yanez

Facultad de Comunicación Social

Este trabajo halla las coordenadas de representación más claves de la poética peruana de los años sesenta, según el autor Oviedo, centrándose en la triada de los poetas Javier Heraud, César Calvo y Luis Hernández. El propósito es indagar en un momento clave de la modernidad incipiente que se gestaba en la década de los sesenta en el Perú y recuperar, desde los textos poéticos de Heraud, Calvo y Hernández, el sentir que caracterizó a una generación de poetas inconformes con su entorno. Esta disconformidad se expresa en una actitud crítica hacia la lógica de Occidente, es decir, a su tendencia a construir el conocimiento desde la racionalidad práctica utilitaria, desde los apegos materiales y el desconocimiento de otras formas aprehender y trascender el mundo de las apariencias. Así pues, en textos como Krishna y el deseo de Heraud, el poema Ayahuascha de César Calvo, como también las Constelaciones de Luis Hernández es posible responder a la pregunta acerca de cómo la búsqueda estética-espiritual de estos autores se opone a los antivalores de la época. Heraud, se ciñe al mundo oriental, como siguiendo el legado que Blanca Varela dejó atrás, en relación al budismo zen. Calvo, como poeta amazónico, recupera el conocimiento ancestral y autóctono de la amazonía. Hernández, en cambio, la holgura de lo lúdico y de la poesía errante y espontánea. Se trata, en conclusión, de dialogar con los textos propuestos para entender cómo estos autores expresan su divergencia y desaprobación hacia la organización del mundo en la época en que vivieron.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA PERUANA. JAVIER HERAUD. CÉSAR CALVO. LUIS HERNÁNDEZ.

LA NOVELA CENTROAMERICANA SOBRE EL MIGRANTE: AL OTRO LADO DEL SAN JUAN

Gustavo Camacho Guzmán
Universidad Nacional de Costa Rica

Este trabajo analiza una muestra de la novela centroamericana sobre el migrante: *Al otro lado del San Juan* (2007), del escritor costarricense-nicaragüense Petronio Marcenaro. La novela responde a las tendencias contemporáneas de la literatura del Istmo, en tanto se trata de una literatura que, según Werner Mackenbach, ha ampliado sus formas y temáticas desde 1970 hasta la actualidad. La novela, que participa de la corriente en la que también se inscriben *Big Banana* (Honduras, 2000) y *Las murallas* (Guatemala, 1997), cuenta con características tales como el desarraigo, la marginalidad, la discriminación y la hostilidad de un medio que prometía mejores condiciones de vida (de las novelas mencionadas, la excepción a esta temática es *Big Banana*). No obstante las similitudes entre los tres textos, *Al otro lado del San Juan* cuenta con un aspecto particular, que la diferencia de los otros dos: los acontecimientos de la novela se encuentran situados en un futuro con respecto al momento de la escritura (entre los años 2020 y 2030), en el cual, recrudecen las situaciones de pobreza y marginación, en el marco de una guerra inminente entre Costa Rica y Nicaragua por una antigua disputa: los derechos de navegación por el río San Juan, cuyo cauce marca la frontera entre ellos.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA CENTROAMERICANA. NOVELA CENTROAMERICANA. NOVELA SOBRE EL MIGRANTE. AL OTRO LADO DEL SAN JUAN.

LA NOVELA DE MI VIDA DE LEONARDO PADURA: EL EXILIO EN LA
LITERATURA Y LA HISTORIA CUBANAS

Sonia Berton

Universidad de La Pampa, Argentina

Fernando Terry regresa a Cuba luego de largos años de un exilio forzado y angustiante sumido en la incertidumbre que se teje en torno a las razones de la traición. Y lo hace buscando conocer la identidad del traidor pero más aún, tratando de recuperar unos papeles que lo atan a ese espacio y ese tiempo de su vida en la isla. Así, pasado y presente, Historia y Literatura, héroes y traidores juegan en contrapunto en La novela de mi vida (2002) de Leonardo Padura a través de los desasosiegos de Fernando y José María Heredia, el personaje histórico y literario en torno al cual se configura esa búsqueda. Pero en el entresijo de estos contrapuestos se traza el espacio de las ausencias –la de los muertos, la de los documentos y la del exilio– en el que, sin embargo, lo que sí se hace presente es la construcción de una nueva genealogía no solo literaria sino también histórica. Me propongo analizar, entonces, el modo en que la escritura de Padura interviene en este espacio para proponer una mirada sesgada a la literatura y la historia cubanas.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA CUBANA. LEONARDO PADURA.

EXILIO. LITERATURA. HISTORIA.

LA POESÍA DE DAVID AÑIÑIR: FRICCIONES Y PROBLEMÁTICAS DEL DISCURSO POÉTICO EN EL CAMPO IDEOLÓGICO

Gonzalo Rojas Canouet
Universidad de Chile

La idea central de la ponencia es la inscribir la poesía (Mapurbe, 2004; Gullitránalhue, 2014) de David Añiñir desde la idea de la marginalidad como condición ideológica que produce una diáspora en el relato étnico. Esto es, la poesía de Añiñir problematiza la figura del indígena en la posmodernidad: el lenguaje y cosmovisión mapuche desacralizada, desde sus pruritos ancestrales, instalando al mapuche en la ciudad y la hegemonía capitalista: este sujeto es marginado no sólo desde lo étnico como a todo sujeto en oposición a la globalización, sino que su función esta en lo ideológico. La voz de sus poemas imposta una otredad: Bajtín (Arte y responsabilidad, 2008) instala una ética del artista en la sociedad capitalista: debe ser plenamente responsable, todos sus momentos no sólo tienen que acomodarse juntos en la serie temporal de su vida, sino que también deben compenetrarse mutuamente en la unidad de culpa y responsabilidad. Desde Žižek (El sublime objeto de la ideología, 1992), la poesía vendría a ser un acto vital que interrumpe al Capitalismo desde su mismo síntoma. Para ambos casos teóricos, Añiñir, es el impostor de voces ancestrales manifestadas en sus sueños. Similar a la voz del surrealismo bretoniano: el artista como médium (conocido como Azar Objetivo) entre lo invisible (lo onírico, la realidad no tangible) y la realidad concreta. Por lo tanto, este médium no tiene un papel revelador del mundo, es más bien, una voz de alerta a las marginalidades humanas, especialmente desde su categoría étnica que son parte de sinsabores del Capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: POESÍA MAPUCHE. IDEOLOGÍA. DISCURSO POÉTICO.

LA POESÍA DE GABRIELA MISTRAL EN REVISTA SUR DE ARGENTINA (1937 - 1948): UN ESTUDIO DE EDICIONES Y MANUSCRITOS

Yenny Ariz Castillo

Universidad Católica de la Santísima Concepción

La poeta chilena Gabriela Mistral realizó colaboraciones de prosa y poesía a diversos medios, entre los que se cuenta la Revista Sur, medio argentino de importancia artística, cultural y política, de gran influencia en el continente americano. Es de amplia difusión la entrega de “recados” y discursos de la autora a medios periodísticos y revistas especializadas, pero son menos conocidas las publicaciones de poesía, editadas posteriormente en los libros de Mistral. En el caso de Revista Sur, entre los años 1937 y 1948 la poeta envió ocho poemas; dos de ellos constituyeron adelantos de Tala, cuya primera edición fue realizada por Sur: “Día” (1937) y “Recado a Victoria Ocampo en la Argentina” (1938), fechas de edición muy cercanas a Tala (1938). En este sentido cobran especial relevancia los poemas restantes que son adelantos de Lagar (1954), pues cuatro de ellos se publicaron con más de una década de antelación al poemario, de tal forma que son algunos de los textos más antiguos del corpus de este libro. Me refiero a las ediciones de Sur de los poemas: “La huella” (marzo de 1939), “Manos de obreros” (enero de 1943), “Último árbol” (mayo y junio de 1943), a los que se agrega “La loca” (enero de 1942) perteneciente al proyecto de la sección “Locas mujeres” pero descartado de Lagar. Más próximos a la edición del poemario, Mistral entregó a Sur los poemas “Luto” (marzo de 1946) y “Una palabra” (mayo de 1948). El trabajo consiste en un estudio de estas versiones editadas en Revista Sur, de las versiones de los textos en Lagar y de los manuscritos disponibles de los poemas mencionados, digitalizados por la Biblioteca Nacional de Chile; este análisis se hará a partir de la metodología de la crítica genética, que se dedica al estudio de los manuscritos contemporáneos con el objetivo de conocer el proceso de creación de un texto determinado. En específico, se estudian los mecanismos de supresión, añadido, desplazamiento y sustitución, operaciones básicas de la crítica genética para describir el proceso de escritura. En la ponencia se presentarán los resultados más significativos del proceso de elaboración de los poemas.

PALAVRAS-CHAVE: POESÍA CHILENA. GABRIELA MISTRAL. LAGAR.
REVISTA SUR. CRÍTICA GENÉTICA.

Vicente Francisco Torres Medina
Universidad Nacional Autónoma de México

Conquistadores y cronistas se refirieron a la selva mediante símiles en virtud de que no tenían palabras para nombrarla. Después vinieron los hombres de ciencia como Humboldt y La Condamine que designaron con expresiones latinas lo que habían encontrado los primeros hombres que pusieron en América su pie. A finales del siglo XIX, los primeros autores románticos escribieron novelas con nombre de mujer, como Iracema. Estas obras eran más recreaciones de leyendas que ficciones nacidas de su conocimiento del entorno. Fue hasta el surgimiento de la novela telúrica que nuestros narradores entregaron obras nacidas de su contacto con la manigua, ya fuera porque nacieron en ella o porque la visitaron. Tales son los casos de César Uribe Piedraíta, Arturo Hernández, José Eustasio Rivera, Rómulo Gallegos, Virgilio Rodríguez Macal, Raúl Botelho Gozáves y Jorge Mendoza, entre otros. Con el tiempo se publicaron otras novelas de la selva que fueron meras recreaciones documentales, como las novelas históricas de Demetrio Aguilera Malta, William Ospina y La aventura Equinoccial de Lope de Aguirre, de Ramón J. Sender, para citar sólo algunas. Mi ponencia se centrará en estas últimas novelas, que muestran selvas de papel, que recrean lo que vieron los europeos pero no supieron nombrar. La visión teórica con que me aproximaré a estas obras está dada por un libro de Seymour Menton publicado en México: La nueva novela histórica y en los planteamientos de Dámaso Alonso consignados en Ensayo sobre la novela histórica (Gredos, 1984)..

PALAVRAS-CHAVE: CRÓNICA. NOVELA DE AVENTURAS.
CRIOLLISMO. NARRATIVA TELÚRICA. ECOLOGÍA.

LA SORDERA COMO REPRESENTACIÓN SIMBÓLICA: UN ACERCAMIENTO SEMIÓTICO, EN LOS SORDOS, DE RODRIGO REY ROSA

José Francisco Bonilla Navarro
Universidad Nacional de Costa Rica

El estudio aborda uno de los más recientes textos del escritor guatemalteco Rodrigo Rey Rosa, titulado *Los sordos* y publicado en 2012. La propuesta planteada se basa en las ideas de la semiótica textual, específicamente en el aporte de Iuri M. Lotman y su concepto de la semiosfera como «continuum semiótico». Guatemala es descrita desde una división bipartita; por un lado la ciudad, como representación del centro de poder y orden y, por otro, el campo, visto como la periferia. Bajo estos preceptos la sordera que se presenta en el texto adquiere distintos matices simbólicos a nivel político, social e individual. La ponencia ubica contextualmente el texto de Rey Rosa dentro de la lógica discursiva que sigue, actualmente, la literatura centroamericana de los últimos diez años. De esta manera, la relaciona con un conjunto de textos que han marcado sustancialmente la transformación discursiva de espacios como la ciudad y sus relaciones con las estructuras de control de poder político y hasta epistemológico. Tomando en consideración los discursos sobre la violencia en Centroamérica y sus relaciones con la representación de esta en formas discursivas como la literatura, el análisis de este texto de Rey Rosa, se concibe como una primera parte de un estudio mayor, cuyo objetivo es determinar los códigos estético-literarios por los que se guían las principales vertientes de la literatura centroamericana actual. Estos serían, de manera hipotética aún, dos: las representaciones literarias metonímicas de temas como la identidad, el narcotráfico y la migración, por un lado; y aquellas que reniegan de la contextualización identitaria tradicional centroamericana, por otro.

PALAVRAS-CHAVE: SEMIÓTICA. CENTRO. PERIFERIA. NARRATIVA CENTROAMERICANA. LOS SORDOS.

LAS POÉTICAS DEL DESPLAZAMIENTO Y LA BÚSQUEDA DEL TERRITORIO COMO LUGAR DE ENUNCIACIÓN

Elvira Rodríguez Droguett

Idea

Cómo y para qué se articula la noción de territorio en las poéticas indígenas actuales? Para revisar esto, trabajaremos con algunos poetas mapuche de la última década en donde la idea de territorio se aleja del locus amoenus, para transformarse en un engranaje clave que vincula los textos a los movimientos autonomistas y a las organizaciones medioambientales. En ese contexto, el objetivo de esta ponencia es establecer una relación entre la poesía, la ecocrítica y el movimiento autonomista mapuche. En esa tríada, la idea de territorio se vuelve fundamental, pues desde ahí surgen estas relaciones. Desde el territorio se critica el desarrollo industrial que atenta contra la tierra, además, se (re)construye y/o (re)significa un espacio identitario. La aproximación a la poesía se realizará a partir del concepto de lugar (que homologaremos con la noción de territorio) propuesto por L. Buell y las ideas sobre el territorio trabajadas desde el movimiento autonomista mapuche.

PALAVRAS-CHAVE: POESÍA MAPUCHE. AUTONOMÍA. ECOCRÍTICA. LUGAR. TERRITORIO.

**LEITURA LITERÁRIA E PEDAGOGIA DE PROJETOS: OS TEXTOS DE LEITOR
NA GERAÇÃO DE TEMAS DE PESQUISA**

Arthur Ribeiro Costa e Silva
Universidade Federal do Pará

Defendendo a necessidade de explicitar as concepções pedagógicas que baseiam os usos escolares da literatura, a comunicação apresenta os resultados de um trabalho de leitura literária realizado com alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola municipal em Belém-PA, em que foi proposta a leitura do romance “Silêncio no bordel de Tia Chininha”, de Eliziário Goulart Rocha, com vistas à geração de textos de leitor para escolha de temas de pesquisa no interior de uma pedagogia de projetos. Adotam-se as formulações teóricas e metodológicas de Hernandez e Ventura, Jolibert e Lúcia Helena Leite acerca da pedagogia de projetos, bem como os trabalhos de Zilberman, Lajolo e Rouxel acerca da leitura literária na escola, em que os textos de leitor são concebidos como a diversidade de interpretações permitidas pelas obras, que são criticadas e transformadas pelos leitores a partir de suas próprias concepções de mundo. A partir da leitura do romance em sala de aula, passou-se à atividade geradora de textos de leitor, que consistiu na escrita pelos alunos de cartas entre os personagens, que a seguir eles deveriam ler e decidir se seu autor era do sexo masculino ou feminino. As respostas foram socializadas posteriormente em debate, no qual foram registradas falas de alunos que basearam a seguir a escolha dos temas. Os resultados evidenciam: a) um alto nível de motivação e engajamento da parte dos alunos nas atividades propostas, derivado do caráter aberto e diversificado da pedagogia de projetos; b) a pluralidade encontrada entre os textos de leitores gerados a partir da obra, em que a interpretação particular de cada aluno sustenta, em muitos casos, textos com alto nível de autoria; c) o debate de opiniões entre os alunos como momento de aprendizagem significativa; d) as amplas possibilidades abertas para a geração de temas de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO DE LITERATURA. TEXTO DE LEITOR.
PEDAGOGIA DE PROJETOS.

LOS SABERES MILENARIOS ANDINOS VS EL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO-ACADÉMICO: CHOZA COMO DISCURSO INTERCULTURAL, LA APROPIACIÓN DE LOS MECANISMOS DEL OTRO CULTURAL Y LA REIVINDICACIÓN DE LA CULTURA ANDINA

Evelyn Isamar Huarcaya Gutierrez
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

En el presente trabajo, se analiza la figura del hablante lírico en Choza, poemario del escritor puneño Efraín Miranda. Para este cometido se observa los mecanismos discursivos que utiliza el hablante lírico para expresarse. Se busca así examinar de qué forma el autor, Efraín Miranda, articula un discurso de procedencia indígena y occidental. Se tiene cómo hipótesis que el hablante lírico en Choza se apropia de los mecanismos discursivos del Otro como la escritura y el español para entablar un proceso comunicativo que le permita dirigirse al Otro (detentador de poder), y formular su proyecto de reivindicación de los saberes y aportes de la cultura milenaria andina. Desmitifica así signos como la Escuela, critica la naturalización de la supuesta “superioridad occidental”, desarticula imágenes preconcebidas del indígena, la postura aculturadora de la Escuela y la negación del valor de lo andino en el engranaje del “progreso” o la “modernidad”. Para este propósito, utiliza la lengua del conquistador, pero a nivel de la estructura profunda del pensamiento podemos observar la presencia de los principios de la lógica andina que le confieren mayor riqueza a sus poemas. Para este estudio contamos con la edición de Choza (1978) publicada en los talleres gráficos de Empresa Editora Humboldt. Objetivo(s): Analizar el proyecto poético de Efraín Miranda y los recursos o mecanismos de los que se vale para construir un discurso alternativo que considere lo subalterno y lo marginado como parte de la nación. Explicar bajo qué mecanismos discursivos el autor de Choza, reivindica la cultura andina, su permanencia y validez en el camino al progreso y la modernidad. Abordaje teórico/metodológico: Tomamos como base teórica los textos de Josef Esterman (Filosofía andina. Sabiduría indígena para un nuevo mundo, 2006) y Cornejo Polar («Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrante en el Perú moderno», 1996) para el análisis de la posición del hablante lírico en los poemas de Choza, además del análisis textual de algunos poemas en concreto como “EK”. PALAVRAS-CHAVE: MECANISMOS DISCURSIVOS. HABLANTE LÍRICO. INTERCULTURALIDAD. CULTURA ANDINA. PRINCIPIOS ANDINOS.

Isis Milreu

Universidade Federal de Campina Grande

Jorge Luis Borges é considerado por muitos críticos um dos autores mais importantes do século XX. Atualmente, sua obra e suas ideias filosóficas continuam a provocar vários estudos e múltiplas leituras. Além disso, o autor argentino tem sido transformado em personagem de inúmeras ficções. Uma delas é *Los testigos* (2005), do escritor peruano Jaime Begazo. A referida narrativa gira em torno de um encontro entre Borges e um professor de literatura em Genebra. Durante suas conversas, o escritor desvela que foi testemunha dos acontecimentos narrados no conto borgeano “Emma Zunz”, publicado em *El Aleph* (1949). Assim, Borges problematiza a relação entre a literatura e a história, tensão que já está presente na ficcionalização do autor argentino na narrativa de Begazo. Tendo em vista essas considerações, objetivamos examinar nesse trabalho como o escritor peruano dialogou com a poética borgeana e como caracterizou Borges em sua ficção. Para atingir nossos objetivos, inicialmente, apresentaremos alguns estudos sobre a ficcionalização de escritores. Em seguida, analisaremos a obra mencionada verificando a relação que o autor peruano construiu entre a literatura e a história em sua narrativa. Entre os nossos referenciais teóricos destacam-se Esteves (2010), Perrone-Moisés (2011; 2016) e Weinhardt (1998; 2011).

PALAVRAS-CHAVE: BORGES PERSONAGEM. LITERATURA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA. JAIME BEGAZO.

MADRINHA ANTÔNIA, A CONSELHEIRA DO MESTRE

Antônia Aparecida Lima Lopes
Universidade Federal do Acre

O objetivo deste artigo é tecer os fios das memórias da madrinha Antônia, uma mulher negra, analfabeta, nascida em 1896, no Distrito de São Francisco das Chagas, atualmente Canindé do Ceará. Ela ganhou voz através de sua neta que narra sua história de lutas, encontros, desencontros, descobertas, determinação e fé. Antônia era a primogênita de oito filhos do senhor Paulo e dona Rosa, a qual foi prometida a Pedro Severino Lima desde criança, mas um encontro na escadaria da capela da Congregação Mariana um ano antes de seu casamento poderia mudar seu destino. Ela conheceu um rapaz chamado Irineu Serra que marcou sua vida de forma indelével. Antônia e sua família migraram do nordeste para a Amazônia acreana e precisamente em 1942 chegaram a Rio Branco, traziam consigo a esperança de uma nova vida longe da seca. Nesse lugar sua história foi atravessada pelo reencontro com o mestre Irineu Serra que a consagrou sua conselheira.


PALAVRAS-CHAVE: ANTÔNIA MESTRE IRINEU. SANTO DAIME.

MARINA VILTE, DOCENTE DESAPARECIDA, PASADO Y PRESENTE DE SU LUCHA. CONTRA LA AMNESIA SINDICAL DOCENTE EN LA JUJUY MACRISTA

Maria Mercedes Sosa
Universidad Nacional de Jujuy

Silvia Alejandra Torres
Universidad Nacional de Jujuy

La ponencia versará acerca del rescate de la memoria de la docente jujeña Marina Vilte desaparecida durante la última dictadura militar argentina. Géneros de distinta naturaleza aportaron a configurar el retrato de una referente política sindical. Si bien su figura tiene un reconocimiento a nivel nacional irradiado desde la urbe capitalina porteña (biografías, documentales) dado que Marina fue co-fundadora de CTERA (Confederación de Trabajadores de la Educación Argentina); a nivel provincial su proyección no alcanzó aun el reconocimiento que la erija en emblema de la lucha docente actual. Los discursos que la ponderan se circunscriben a homenajes familiares que se extienden al círculo de su pueblo natal tales como canciones, coplas y testimonios orales. Sólo se conoce una referencia bibliográfica jujeña de índole periodística que la recupera entre todos los desaparecidos de la provincia cuya edición se registra en el año 2003 (téngase en cuenta que ella es secuestrada en el año 1976). En un contexto político neoliberal en nuestro país -y de marcado trazo en nuestra provincia- reivindicar a Marina Vilte resulta clave para desnaturalizar el discurso macrista que asocia sindicalismo con corrupción con el fin de deslegitimar la asociación de trabajadores en defensa de sus derechos laborales. Ahora más que nunca traer al presente su memoria significa levantar las banderas que cimentaron un gremio fundado en directrices que señalaban al docente como obrero de la tiza, como sujeto político transformador de la realidad que se sabe hermano de otros trabajadores en la lucha por los derechos laborales pero fundamentalmente humanos. Objetivo: Realizar un aporte investigativo en la recuperación de la memoria de Marina Vilte en sus diferentes facetas: mujer, docente, política, sindicalista, artista popular (coplera) para lo cual recorreremos diferentes fuentes en aras de que la reconstrucción de su figura interpele la devaluada imagen sindical docente de su provincia natal. Abordaje Teórico Metodológico: indagación y análisis de estrategias narrativas procedentes de pluralidad de géneros que conformen un retrato fragmentario de la figura de la docente Marina Vilte. Recopilación de producciones periodísticas, audiovisuales y de la cultura popular (coplas, canciones, anécdotas). Este proceso de investigación será analizado también a modo de bitácora de



viaje que dé cuenta de un modo de hacer historia a contrapelo de la historia oficial.

PALAVRAS-CHAVE: MEMORIA. NARRATIVA. MARINA VILTE. HERENCIA SINDICAL.

MÁS ALLÁ DE LA LA CULPA O LA FOMULACIÓN DE UNA JUSTICIA
ALTERNATIVA EN EL DESIERTO DE CARLOS FRANZ

Lenin Lozano Guzmán
University of Wisconsin Madison

El desierto problematiza la lectura del pasado en torno a las memorias de la posdictadura chilena. Buscando ir más allá de una visión maniquea, la doble instancia discursiva construye perspectivas diversas sobre la época dictatorial: por un lado, aparece un relato con narrador omnisciente; por el otro, una extensa carta de carácter testimonial. El pacto ficcional de la novela permite reconocer que detrás del narratorio de la misiva (Claudia), también estamos presentes los lectores. Por eso, este trabajo sostiene que a través de una interpelación al lector se hilvanan dos épocas distantes, pero condicionadas una por la otra: el régimen dictatorial en el que la protagonista (Laura) sufre torturas y el contexto de “Transición a la democracia”, en el cual se viven las secuelas sicosociales de años anteriores. Asimismo, propongo que la novela traza una justicia alternativa (tiempo mesiánico, según Walter Benjamin) ante los crímenes del gobierno, porque la jueza Laura asume su culpabilidad por haber traicionado a la propia estructura del sistema Judicial que ella en-carna (no solo lo representa, pues su propio cuerpo es sometido para la instauración de una nueva Justicia, controlada por los militares). Posteriormente, a través de un acto radical, ella logra romper la lógica dictatorial (vigente a través del silencio cómplice durante la época de Transición) y abre paso a un nuevo tipo de justicia (personal, familiar y social) así como al breve e instantáneo triunfo del discurso de la memoria, y de su verdad subversiva.

PALAVRAS-HAVE: POSDICTADURA. MEMORIA. TRAICIÓN. JUSTICIA.
TIEMPO MESIÁNICO.

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: VIOLÊNCIA E SILENCIAMENTO EM EDUARDO GALEANO

Elizabeth Cavalcante de Lima
Instituto Federal de Rondônia

Eduardo Galeano, escritor e jornalista uruguaio, no livro de contos intitulado *Mulheres* (1997), traz à tona a discussão acerca da submissão e atrocidades sofridas pelas mulheres numa sociedade patriarcal e machista da América Latina. Especificamente na narrativa *A carícia*, o autor de “As veias abertas da América Latina” representa a ditadura militar em La Plata (Argentina), ao resgatar a história e as vicissitudes de uma mulher que, mediante as rígidas estruturas políticas, foi esquecida pela história oficial, pois, conforme Galeano, em seu *O livro dos abraços*, “até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça seguirão glorificando ao caçador”. O conto *A carícia* joga luz sobre as discussões a respeito do silenciamento dos esquecidos e condenados pela ditadura militar. De forma trágica e poética, o narrador mostra a frágil história de Maria Isabel, que perde seus filhos, seu lar e luta contra a tentativa de apagamento da sua história/memórias. De forma velada, a abrupta modernidade que paira neste conto revela que, nos dias atuais, ainda há a mesma tentativa de emudecer, imposta por instituições “modernas políticas”. Nesse sentido, o nosso objetivo é traçar uma linha de similaridades entre o texto de Galeano e outros autores contemporâneos, tais como: Jaime Ginzburg, Hannah Arendt, Walter Benjamin e Xavier Crettiez, sublinhando, a um só tempo, um diálogo entre tradição e ruptura; violência e modernidade, o qual também passa pela discussão sobre a poética do conto e de certas funções da literatura, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: MODERNIDADE. LITERATURA. VIOLÊNCIA.
EDUARDO GALEANO.

METAFICÇÃO E ENCAIXE NO CONTO O COCO QUE GUARADAVA A NOITE

Danielle dos Santos Pereira Lima
Universidade de Roraima

Nesta análise do conto *O coco que guardava a noite* (2012), de Eliane Potiguara, propomos um debate sobre o caráter metaficcional dessa narrativa indígena. Nela identificamos o processo de encaixe, com a inserção de uma nova história na trama principal, nesse caso, a mãe/indígena potiguara narra aos filhos Poti e Tajira uma lenda Karajá sobre a origem da noite. Com o encaixe da lenda no interior do conto, coexistem dois tempos e espaços. Identificamos a inserção do nível mais interno com a mudança de tempo verbal, em que a mãe indígena invoca um passado antigo (em que atua Boiuna, Aruanã e Tuilá), e emprega o tempo verbal no pretérito imperfeito do indicativo, enquanto o nível externo/conto transcorre no presente, com a marca verbal representada pelo presente do indicativo. Além das marcas sintáticas, diferenciamos os dois níveis pelo vínculo que a narrativa encaixada estabelece com as tradições indígenas e com a literatura oral. Por outro lado, o conto estrutura-se a partir de uma perspectiva ocidental, sofrendo as influências do mercado editorial e apresentando um caráter pedagógico e didático que serve tanto no contexto escolar quanto nas situações comunitária e familiar. Interessa-nos estudar a composição do conto e os seus diferentes níveis: interno (a lenda), externo (o conto), extratextual (as influências que exerce sobre os leitores indígenas e não indígenas) e autorreferencial (a formação do alter ego da autora, com o protagonismo da mãe indígena). Optamos por uma pesquisa teórica-descritiva, relacionamos as interpretações extraídas do conto com teorias sobre o encaixe (TODOROV, 2006), os processos metaficcionais (FERNANDES, 2005) e a produção das memórias coletivas (HALBWACHS, 2015). Nossa análise está baseada na abordagem teórica-metodológica qualitativa descritiva, do tipo bibliográfica. Inferimos que o conto em estudo constitui uma narrativa metaficcional, a partir de dois processos: o encaixe e a formação do metaconto implícito (relativo ao ensinamento moral para os personagens e para os leitores sobre a revitalização das memórias indígenas).

PALAVRAS-CHAVE: METAFICÇÃO. ENCAIXE. MEMÓRIA.

**MEUS DOCUMENTOS E FORMAS DE VOLTAR PARA CASA: O ATO
CONFESSIONAL E O TRAÇO AUTOBIOGRÁFICO EM ALEJANDRO ZAMBRA**

Raianny de Andrade Amaral
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O objetivo desse trabalho é discutir como o escritor chileno Alejandro Zambra utiliza-se das formas da confissão e do traço autobiográfico, no conto *Meus Documentos* (2015) e no romance *As formas de voltar para casa* (2014), para constituir a sua escrita autobiográfica. Diferenciaremos a confissão, intrínseca em *Meus Documentos*, em duas formas distintas: o ato religioso (FOUCAULT, 2006; 2009; AGOSTINHO, 1980) e o ato confessional da escrita (DERRIDA, 1992; 1996), com o intuito de analisar a passagem do narrador de cristão para não-crente. Nesse processo, o narrador percebe a confissão não mais como ato religioso mas como ato de escrita. Em relação à noção de traço autobiográfico (DERRIDA, 1996;1992), no romance *As formas de voltar para casa*, perceberemos a sua rasura na narrativa a partir da menção da ditadura de Pinochet e do terremoto em Santiago em 1985. Sendo assim, em *Meus Documentos*, o narrador só encontra a possibilidade de confissão a partir da escrita, assim como Zambra, que ao escrever, confessa uma parte de sua infância. A mesma infância que reaparece em seu romance, agora mais marcada pela ditadura e a impossibilidade de ação daqueles que a sofreram como crianças.


PALAVRAS-CHAVE: CONFISSÃO. TRAÇO AUTOBIOGRÁFICO. MEUS DOCUMENTOS. AS FORMAS DE VOLTAR PARA CASA. ALEJANDRO ZAMBRA.

MUJERES, ENFERMEDAD Y SOBREVIVENCIA EN VIVIR CON VIRUS DE MARTA DILLON

Jose Maristany

Universidad Nacional de La Pampa - Argentina

La representación del VIH-SIDA –en sus diferentes formatos discursivos: crónicas, diarios personales, autoficción, relatos, novelas, poesía, etc– pone en evidencia tabúes, prejuicios y estigmas vinculados tanto a la enfermedad como a los portadores del virus. Durante casi diez años, a partir de 1995, Marta Dillon periodista y activista feminista argentina, escribió la columna “Convivir con virus”, en el suplemento juvenil No del periódico Página 12. Estas crónicas fueron recopiladas y publicadas en libro en 2004, con el título Vivir con virus. Relatos de la vida cotidiana. En parte, son una especie de diario personal en el que la periodista va relatando los primeros años de su vida con HIV en una etapa en que la enfermedad era aún mortal y, luego, su tránsito hacia una dolencia crónica. Dillon pone en palabras sus temores, su incertidumbre, su sentimiento frente al estigma social del HIV, la muerte de amigos y amigas afectados por la epidemia. Pero también son numerosas las historias de jóvenes y adultxs en los que se aúnan la enfermedad, la pobreza, el desconocimiento y, en especial, el silencio, que lleva a la muerte. Me interesa centrarme aquí en estas historias, crónicas en sentido estricto, que tienen en su mayoría como protagonistas a mujeres con vih. Estas historias, en las que la autora se involucra con mayor o menor distancia, permiten descentrar la escritura del yo hacia otras realidades y repensar la condición femenina y su relación con la enfermedad. La voz de Dillon feminiza la enfermedad en un momento en que la epidemia se asociaba casi exclusivamente a sujetos masculinos homosexuales, pero al mismo tiempo “contagia” la representación hegemónica de las mujeres con un habla que transgrede las imágenes tradicionales del amor, el sexo y la corporalidad propias de la ideología patriarcal. El objetivo del trabajo es indagar en las crónicas de Dillon la relación entre los discursos sociales sobre VIH-SIDA y el género, la identidad y el poder, como así también el vínculo entre representación del VIH-SIDA y las imágenes del cuerpo sano/enfermo y la sexualidad normal/disidente de las mujeres. Sabemos asimismo que la literatura, en especial a partir del siglo XIX, ha sido una vía privilegiada para representar enfermedades, como situación límite de la experiencia humana –especialmente la enfermedad producto de grandes epidemias y pestes que diezmaron poblaciones enteras–. Esta



tradición incluye a los géneros que se ubican en la frontera entre literatura y periodismo como lo es la crónica: en esta modalidad se insertan los textos de Dillon, torciendo la estructura “canónica” de la crónica hacia formas más autobiográficas, confesionales y de autfiguración como lo es el “diario personal”. Por último, en cuanto a las problemáticas de género, el trabajo se nutre de aquellos estudios que teorizan las matrices que moldean, determinan y configuran las prácticas sexuales, los cuerpos y las identidades de género como así también las perspectivas que postulan formas no esenciales de la identidad femenina y construyen una mirada crítica sobre la heterosexualidad compulsiva.

PALAVRAS-CHAVE: VIH/SIDA. CRÓNICA. MUJERES. CUERPO. DISIDENCIA.

MULHER, VELHICE E AVÓ: REPRESENTAÇÕES NAS LITERATURAS DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

José Flávio da Paz

Universidade Federal de Rondônia

O presente trabalho é um estudo comparado das literaturas brasileira e moçambicana, por meio da análise das obras “Vó Melinha: cigana e rainha”, de Elias José, “A avó, a cidade e o semáforo”, de Mia Couto e “Vó Cória”, de Oscar Henrique Marques Cardoso, respectivamente e objetiva discutir a função, o tempo e o espaço, inclusive geográfico, que ocupa as personagens das avós nos contextos das literaturas contemporâneas, no cotidiano da sociedade e as memórias e imagens que se constroem em torno dessa figura. Igualmente importante, é o desejo de fomentar uma discussão sobre a velhice que acomete as populações desses países, de maneira mais geral e abrangente, ora em evidência e estado crescente a cada novo levantamento estatístico. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, em obras, cujas especificidades recaem sobre o público infantojuvenil buscaremos suporte em premissas teóricas de estudiosos desses temas, bem como da psicanálise, da filosofia e da sociologia da infância, da geriatria e da educação.

PALAVRAS-CHAVE: MULHER. AVÓ. ELIAS JOSÉ. MIA COUTO. OSCAR HENRIQUE MARQUES CARDOSO.

NARRADORES MENINOS E CLANDESTINIDADE EM CONTOS DE OS CAVALINHOS DE PLATILANTO, DE JOSÉ J. VEIGA

Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia

O espaço e a atitude de resistência dos narradores meninos em “Ilha dos Gatos Pingados” e “Tia Zi Rezando” será o objeto nesta comunicação. Levantou-se as marcas no espaço ficcional que provocaram a percepção do insólito e a reflexão dos narradores em primeira pessoa. As análises foram feitas a partir da teoria de Franz Stanzel (1971) sobre a modulação do “eu” entre experiencing self e narrative self na elaboração do relato em primeira pessoa; as teses sobre o conto, de Ricardo Piglia(1980); a definição de “fronteira” como limiar que se habita, por Wilson Alves-Bezerra (2008); as contribuições da teoria social de Pierre Bourdieu (1989) sobre a performatividade do espaço. Os recursos do fantástico literário na escrita veigueana foram discutidos, com base nas proposições de David Roas (2008; 2011; 2012; 2014). Os resultados da investigação empreendida permitiram problematizar e compreender como, nos contos analisados, o narrador foi escolhido dentre aqueles que teriam vivido a experiência, mas que angariaram as condições de estabelecer o relato sobre a experiência vivida desde o limiar no qual passam a habitar, em plena clandestinidade, através da modulação do “eu”. O espaço ficcional assume sua clandestinidade e dali os narradores reagem, vislumbram as condições de emancipação, confrontam os dispositivos integradores e violentos do mundo adulto e, por vezes, revidam. Deste modo, demonstraremos que nos contos analisados, a clandestinidade se constitui como lugar no narrador e, do ponto de vista da narrativa, os recursos da espacialidade incidem performativamente sobre os esquemas de percepção do narrador-menino acerca da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: JOSÉ J. VEIGA. ESPAÇO. NARRADOR.
LITERATURA FANTÁSTICA NO BRASIL.

**NARRATIVAS DEL RETORNO EN PERÚ Y CONGO: RECUERDOS DE
PERDIDA EN LOS TEXTOS DE JULIÁN PÉREZ HUARANCCA Y DE
CHARLES DJUNGU-SIMBA**

Gilbert Shang Ndi
Universidad de Bayreuth

Esta ponencia examina las complejidades de los viajes del retorno a los espacios trastocados por la violencia en las novelas *Criba* de Julián Pérez Huarancca y *Las Nubes encima de Bukavau: Cuadernos de un retorno a la tierra natal* del autor congoleño Charles Djungu-Simba. Basados en dos contextos distintos, estos textos constituyen entradas múltiples y perspicaces en las memorias de las guerras civiles en Perú (1980-2000) e en Congo (1996-2003) respectivamente y en la relación problemática e ambigua de los sobrevivientes de guerras civiles con sus espacios natales. A partir del concepto de “*lieux de mémoire*” desarrollado por Pierre Nora, la ponencia analiza la poética/política del espacio y de memoria al nivel individual y al nivel colectivo, indagando en las particularidades, los matices y las contradicciones que se producen en contextos pos-guerra en el Perú andino e en el este de Congo. Planteamos que las narrativas literarias constituyen intervenciones subversivas en las conmemoraciones oficiales de la historia violenta, obligándoles a incorporar las experiencias marginales como pre-requisitos claves para la construcción de una sociedad justa en la posguerra. En esta perspectiva, cabe subrayar también en esta investigación las convergencias y las divergencias en las experiencias/trayectorias poscoloniales de guerra en diferentes contextos como Perú (América Latina) y Congo (África).

PALAVRAS-CHAVE: PERÚ. CONGO. ESPACIO. VIOLENCIA.

NATUREZA E ESPAÇO HISTÓRICO NA TRILOGIA INDIANISTA DE JOSÉ DE ALENCAR

Ana Maria Amorim Correia
Museu Ciência e Vida

Dentre as obras destacadas do escritor José de Alencar, estão aquelas que compõem a chamada trilogia indianista: O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874). A ideia de contar as histórias e lendas fundacionais do povo brasileiro, filho do solo americano, traz aspectos de nacionalidade e, em consequência, de afirmação de independência a Portugal, que aparecem no tema e na forma. Neste artigo, pretendemos mostrar esta trilogia como um processo de “caminhos e fronteiras” (HOLANDA, 2017), resultando em um movimento. Neste movimento, o escrever de uma natureza brasileira resulta em formas de pensar a paisagem: aqui, nos interessa refletir sobre a relação da escrita da natureza com a da história/território, aproximando-a, assim, de uma leitura enquanto patrimônio brasileiro. A natureza é formada em uma ideia de spatial history (CARTER apud BEWELL, 2017), com os espaços físicos compreendidos não como preexistentes, mas trazidos, através do ato da escrita, a uma declaração cultural presentificada. Em José de Alencar, reconhecido como o grande nome do romantismo brasileiro, esta forma de retratar a natureza também nos coloca a necessidade de refletir sobre como a natureza se coloca no processo histórico brasileiro através de uma perspectiva “modernizante”, em contraponto com a ideia de oposição a um “sentimento ecológico” (THOMAS, 2010), como é tão destacado nas considerações gerais sobre o movimento romântico - com isso, portanto, ressaltando a necessidade de reflexão sobre a natureza romântica e a escola do Romantismo no país para além de uma influência europeia ou reprodução automatizante.

PALAVRAS-CHAVE: JOSÉ DE ALENCAR. NATUREZA. PAISAGEM. PATRIMÔNIO. ROMANTISMO.

NATUREZA VIVA: UMA AÇÃO-BANQUETE-PERFORMANCE-COLETIVA

Ana Adelaide Lyra Porto Balthar (Nena Balthar)
Instituto Federal do Rio de Janeiro

Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Natureza Viva: uma ação-banquete-performance-coletiva é uma obra de performance das artistas Lucia Vignoli e Nena Balthar na qual o público é convidado a fazer desenhos de observação de frutas e também a degustá-las. As frutas são ofertadas sobre um grande rolo de papel branco, com medida aproximada de 5 metros X 1 metro formando uma extensa superfície na qual estão dispostos lápis grafite, lápis de cor e giz de cêra. A atmosfera de diálogo permite revelar modos de pertencimento e de estar no mundo e durante a ação são feitas leituras de textos e poemas. Os gestos de desenhar, degustar, ler, escutar e conversar evidenciam a potência de uma ação coletiva para as partilhas sobre questões de arte, do espaço público e privado. A proposta instaura um campo para além do campo artístico, sua contaminação com outros ramos de conhecimento permite questionar: como pensar esses territórios? Como ocupar e gerir em benefício da comunidade? O projeto se alinha ao que diz Jacques Rancière sobre a dimensão política da Arte ao provocar um deslocamento e/ou uma reestruturação em uma determinada forma de “partilha do sensível”. A ação proporciona uma experiência de compor uma narrativa coletiva em que todos são sujeitos do discurso; ao desenhar, provar os alimentos, conversar, conviver e acionar memórias.

PALAVRAS-CHAVE: ARTE. A DESENHO. POESIA. LITERATURA.
PARTILHA.

NOTAS SOBRE A NARRATIVA FICCIONAL BREVE DE MARÍA ROSA LOJO

Gracielle Marques

Universidade Federal de Rondônia

A narrativa ficcional breve (miniconto, microconto, microrrelato) chama a atenção por sua abundante produção, qualidade estética e divulgação em diferentes meios de comunicação, em muitas literaturas, mas especialmente na Hispano-americana, nas últimas décadas do século passado e início do século XXI. Cultivada por autores de diversas gerações, a forma breve evidencia um novo olhar sobre o mundo devido a sua concisão extrema, o que permite o acesso a outras realidades insólitas, assim como as relações com a tradição literária, a história e o mito. Dentro do amplo e variado panorama que esse gênero oferece se destaca o nome da escritora argentina María Rosa Lojo. Em seus textos *Visiones* (1984), *Forma oculta del mundo* (1991), *Esperan la mañana verde* (1998) e *Bosque de Ojos* (2011) as pequenas narrações se refugiam no universo do onírico, fantástico e mágico, oriundo, especialmente, das tradições celta-galega e da mapuche-ranquel, instando o leitor a romper sua visão com aquelas formas de ver o mundo estritamente racionais. Dessa forma, neste trabalho nos interessa analisar as construções discursivas e temáticas reiterativas que supõe a escrita como exercício óptico e que nos mostra ambivalências e revelações que apenas se acendem nesses relâmpagos ficcionais. Para tanto, esta pesquisa conta com o embasamento teórico-crítico de SAUTER (2006), NOGUEROL (2006), LAGMANOVICH (2006), CRESPO BUITURÓN (2008), ROAS (2013), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA ARGENTINA CONTEMPORÂNEA.
MARÍA ROSA LOJO. MINICONTO. POESIA.

O APLICATIVO DUOLINGO COMO FERRAMENTA DE ENSINO NO CAP: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DOS ALUNOS

João Romário Sinhasique
Universidade Federal do Acre

Marileize França
Universidade Federal do Acre

O presente trabalho trata-se de um recorte do projeto de pesquisa intitulado: “A Aprendizagem em Espanhol e Inglês mediada pelo app Duolingo”, inserido no Programa Rede Digitais da Cidadania, financiado pelo Ministério das Comunicações, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC) e desenvolvido no segundo semestre de 2017 no Colégio de Aplicação (CAp), Rio Branco, Acre. O projeto, direcionado a quarenta e um (41) alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 11 e 13 anos, teve como objeto de estudo o ensino da língua inglesa e espanhola mediada pelo aplicativo (app) Duolingo, que possibilita o ensino de línguas através da plataforma móvel. Em formato de jogo, o aluno vai avançando por níveis, o que torna a aprendizagem mais estimulante e significativa. Todos os idiomas começam com exercícios básicos que evoluem conforme a quantidade de acertos. A estratégia é similar à maioria dos jogos on-line atualmente disponíveis no mercado. Além disso, no Duolingo encontram-se estratégias voltadas para a sala de aulas e uma diversidade de assuntos, especificamente no “Duolingo for Schools”, que oportuniza o professor a criar salas de aula on-line em conjunto com seus alunos. Com este recorte, objetivou-se diagnosticar, através de dados quantitativos e qualitativos (Fonseca 2002, Thiollent 1988, Gerhardt 2009) a percepção dos participantes do projeto. Buscamos identificar, através de questionários, se estes tiveram bom proveito do curso e quais foram os pontos fortes e fracos do mesmo, a fim de prover dados para futuros projetos que façam uso do Duolingo para o ensino de uma língua estrangeira (Munday 2016), no caso do projeto, as línguas inglesa e espanhola. Também damos destaque ao uso dos multiletramentos (Rojo 2012, 2013, 2015) no ensino de uma segunda língua. O resultado evidencia a satisfação para com o projeto, de uma forma geral, por parte dos alunos, e destaca os pontos que poderiam ter sido mais bem trabalhados.

PALAVRAS-CHAVE: MULTILETRAMENTOS. DUOLINGO. ENSINO.

O CONCEITO BAKHTINIANO DE CRONOTOPO EM CONTOS DE JORGE LUIS BORGES

Juciane dos Santos Cavalheiro

Universidade do Estado do Amazonas

Como se sabe, foi Albert Einstein quem acrescentou, às três dimensões espaciais, uma quarta, ou seja, o tempo, em sua Teoria da Relatividade. Bakhtin apropria-se desta teoria ao propor o cronotopo: “o transporemos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase, não totalmente); nele é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo”, mas um tempo concebido como a quarta dimensão daquele (2010, p. 211). Para Bakhtin, em literatura, o princípio condutor do cronotopo é, portanto, o tempo. Exemplo máximo desta assertiva, na literatura hispano-americana, é o caso das obras, conjugadas através do espaço, A revoada (o enterro do diabo) e Cem anos de solidão, de Gabriel García, donde dir-se-á que A revoada prepara o terreno (espaço) para o tempo a ser vivido pelos Buendía, ou seja, os Cem anos de solidão, cronologicamente contados, durante os quais Macondo garante existência efetivamente literária, como releitura de Aracataca, povoado colombiano onde nasceu o autor. Neste estudo, traremos, inicialmente, os princípios básicos da ideia de cronotopo, a partir de Mikhail Bakhtin; posteriormente, analisaremos esse conceito em contos de Jorge Luis Borges.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA HISPANO-AMERICANA. JORGE LUIS BORGES. CONTOS. CRONOTOPO. BAKHTIN.

Thor João de Sousa Veras

Universidade Federal de Santa Catarina

Em *Cultura e Imperialismo*, publicado em 1993, o filósofo palestino Edward Said aponta para aquela que talvez tenha sido a maior negligência dos teóricos que se reuniram em torno da crítica social da assim chama Escola de Frankfurt: “A teoria crítica frankfurtiana, apesar de seus insights seminais acerca das relações de dominação, sociedade moderna e oportunidades de rendição através da arte como crítica, é incrivelmente silencioso sobre teoria do racismo, resistência anti-imperialista, e pratica opositivas no império”. Esse silêncio, reforça Said, é uma consequência da defesa cega de um falso universalismo que incorpora desigualdades e reproduz a cultura europeia como sendo o ponto de partida da crítica. Exatos 25 anos se passaram a situação da teoria continua a mesma: os atuais representantes da terceira e quartas gerações da Escola de Frankfurt, que tem como pensadores mais notórios os filósofos alemães Axel Honneth e Rainer Forst permanecem tendo como base normativa de suas teorias do reconhecimento, e respectivamente da justificação, ideias eurocêntricas como progresso, modernidade, multiculturalismo e universalismo. A intenção deste trabalho é de apresentar, com a contribuição interdisciplinar de teorias decoloniais e pós-coloniais os limites do projeto neoluminista, seja hegeliano ou kantiano, que Honneth e Forst fincam suas bases. Para isso mobilizarei em um primeiro momento o recente estudo de Amy Allen “The end of progress” que tem como objetivo central descolonizar as fundações normativas da teoria crítica da sociedade, para em seguida, contrapor as ideias chaves como progresso a noção de regressão social das formas de vida de Rahel Jaeggi, a de modernidade inacabada ao modernismo antropofágico de Oswald de Andrade, a de multiculturalismo secular a noção de multinaturalismo de Eduardo Viveiros de Castro assim como a noção de universalismo ao perspectivismo ameríndio.

PALAVRAS-CHAVE: TEORIA CRÍTICA. ANTROPOFAGIA.

MULTINATURALISMO. PERSPECTIVISMO. FORMAS DE VIDA.

Ivana Teixeira Figueiredo Gund
Universidade Federal de Minas Gerais

O canibalismo é um tema amplamente retomado ao longo dos processos históricos e culturais do Brasil. É também um traço cultural significativo da literatura brasileira, uma vez que é abordado, em distintas épocas, por muitos escritores brasileiros que, por meio de faces canibais metamorfoseadas em figurações e motivações diversas, apresentam o ato tabu que é a devoração do corpo humano. Nessas variações do rosto canibal, incluem-se os povos indígenas do território brasileiro, passando também pelas categorizações de monstros, selvagens e seres animalizados. Além disso, bem mais tardiamente, o tema ressurge em comportamentos canibais que estampam manchetes de jornais e outros meios midiáticos, em cenários conflituosos e violentos dos atuais centros urbanos; ou ainda, serve de motivo para uma gama bastante considerável de expressões de arte, entre elas, exposições, filmes, músicas e peças teatrais. Diante desse incessante retorno do canibalismo, constantemente em transformação e acréscimo, este texto objetiva incluir a possibilidade de articulá-lo à atitude combativa e de resistência – de certa forma, violenta – que apresentam alguns escritores brasileiros em seu processo de produção literária. A adjetivação de canibal dada ao escritor não se refere ao ser humano, indivíduo social, mas ao teor crítico de seu texto e ao modo de produção textual, que se apropria de um corpus literário de sua própria tradição, devora-o, no sentido de remastigar, ruminar, refletir sobre ele, e, com os resíduos desse corpus, acaba por construir camadas antagônicas de significação. Não é, pois, somente uma questão de ruptura. O texto, produzido por tal categoria de escritor, adquire um valor coletivo, por ser um espaço de reflexões de questões cristalizadas, como verdade, lei, História. Esse ato de devoração é um movimento cíclico que desarticula, para que depois se estabeleça o novo. O corpo-comida não é ocultado na atitude consciente de devorar. Em oposição a isso, ele é pura exposição nos diálogos intertextuais marcados por uma dobra de transgressão e crítica que, de certa forma, profana-o, em uma ação que se aproxima ao que propõe Giorgio Agamben (2007), quando sustenta que profanar não é somente abolir separações, mas é apropriar-se de algo consagrado e fazer dele um novo uso. Portanto, a postura canibal procede de um intelectual que, alimentando-se e ruminando sobre a tradição literária de seu país, faz dela novo uso. A devoração do corpus se dá de forma consciente, dentro dos processos de produção literária de

cada escritor, que podem ser pensados por meio do termo cunhado por Roberto Bolaño (2001), como “cozinhas literárias”. Nesse lugar tão pessoal, cabem os temperos e modos de preparo próprios de cada escritor, ou seja, seu estilo e estratégias de escrita. Pela cozinha literária, o corpus devorado, inserido no campo da produção cultural, aos moldes do alimento cozido, converte-se em outra expressão da literatura contemporânea. Por isso, o escritor canibal não terá a feição indígena ou as faces monstruosas, como as que são descritas em relatos de viagens e demais correspondências dos primeiros anos de contato entre ameríndios e europeus, tendo como exemplos disso os casos relatados por Frank Lestringant (1997). Além de viver em um contexto social urbano, esse escritor canibal apresenta a capacidade de refletir sobre o passado e as marcas identitárias de sua nação, reivindica uma ancestralidade canibal e revisita sua tradição literária. Por essa perspectiva, essa espécie de canibalismo metafórico pode ser compreendida como ação transgressora, no sentido proposto por Michel Foucault (2006), por possuir a condição de romper um limite e criar o novo, provocando novos pontos de observação ao negar o que está posto e rasurar fronteiras. Diante disso, cabem neste texto outros sentidos para o que se compreende por canibalismo, devoração, corpo devorado e transformado em alimento, e demais categorias, como os conceitos de vingança, inimigo, fome, modos de matar e comer. Para essa análise, o texto se fundamentará em estudos de Eduardo Viveiros de Castro (2015), Christian Kiening (2002), Claude Lévi-Strauss (2006). A construção da metáfora do escritor canibal incluirá a fundamentação sobre voracidade, pautada no texto de Georges Didi-Huberman (2013); e no estudo da subjetividade do gosto, conforme Giorgio Agamben (2015).

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. DEVORAÇÃO. CANIBALISMO.
ESCRITOR CANIBAL.

O GLOBAL, O LOCAL, O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (NTIC)

Jannice Moraes de Oliveira Cavalcante
Universidade Federal do Acre

Vanessa Castelo Branco de Melo
Instituto Federal do Acre

A Língua Inglesa funciona como facilitadora da comunicação e do comércio entre os povos, sendo inserida no currículo do Ensino Médio de diversos países no intuito de privilegiar a abordagem comunicativa. A busca por identificação produz novas identidades onde se aniquilam outras em definitivo; não mais existem identidades autóctones. As identidades locais se constituem no contato direto com outras culturas, num constante estado de fluxo (BAUMAN, 2003). Diante dessa realidade é oportuno indagar: como tornar pedagógico os gêneros produzidos pelas NTIC (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação) de forma a não excluir os alunos que não tem acesso aos recursos midiáticos? Devemos então nos apossar das NTIC produzidas pelas economias dominantes e reinventá-las produzindo novos conhecimentos? O que é global e o que é local (BAUMAN, 1999)? Qual o legado de uma tecnologia que permite operacionalizar a linguagem oral em contextos outrora inimagináveis? Nessa perspectiva, os conteúdos (ministrados com o auxílio dos recursos midiáticos) bem como a inserção dos gêneros discursivos oriundos das ambiências digitais são discutidos levando-se em consideração as identidades construídas através do currículo escolar e os aspectos da cultura local. Dada a facilidade com que as informações são propagadas esse artigo discute também a possibilidade de contribuir para a inovação do ensino de língua inglesa, levar o professor a utilizar novas ferramentas, variar os métodos de ensino, deixar de lado a educação tradicional e desenvolver, desta feita, a capacidade de compreender a cultura e o uso social do inglês no mundo globalizado.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (NTIC). GLOBAL E LOCAL.

O JESUS DE SARAMARGO EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO

Edivaldo Da Silva Bernardo

Universidade Federal do Oeste do Pará

O presente trabalho visa entrelaçar duas visões distintas da vida de um mesmo personagem: Jesus Cristo. A pesquisa deu-se em duas vertentes: a análise bíblica, na qual se avaliou os quatro primeiros livros do novo testamento bíblico (evangelhos canônicos) - Mateus, Marcos, Lucas e João; e a análise do romance Evangelho Segundo Jesus Cristo de José Saramago. José Saramago autor renomado da literatura portuguesa, possuidor de uma vasta produção literária, em alguns de seus livros reconta de forma inovadora a história de Portugal. No entanto, um livro bastante polêmico intitulado – “O evangelho Segundo Jesus Cristo”, publicado em 1991, que traça de forma diferenciada a trajetória terrestre do Filho de Deus, lhe rendeu o prêmio Nobel de Literatura em 1998. Este romance é o elemento de análise desse trabalho. Deseja-se destacar aqui, o modo de vida de Jesus, personagem importantíssimo do Cristianismo, dentro da obra literária em questão. No livro, Jesus perde sua postura de filho de Deus e se iguala aos demais homens, tendo uma vida normal, livre de qualquer título pré-estabelecido desde o ventre, como visto nos evangelhos bíblicos. Contudo, Saramago, não nega a divindade de Cristo, apesar de enaltecer com mais força sua humanização. Entretanto, o objetivo desse trabalho não é levantar juízo de valor e sim confrontar tais informações da vida de Jesus, ora mostrada de um modo nos evangelhos e de outro no romance Saramaguiano, ora se complementando. No primeiro capítulo, a vida de Jesus é mostrada a partir da análise dos quatro livros canônicos – Mateus, Marcos, Lucas e João. Estes evangelhos mostram um Jesus totalmente divino, preocupado em ajudar os necessitados, que compreende desde o nascimento a missão que lhe foi confiada. Num primeiro momento, pretende-se mostrar como cada um dos evangelista conta as experiências ocorridas. Depois o foco do estudo, passa a ser o de mostrar as semelhanças e diferenças entre os livros, focando-se na figura do protagonista Jesus Cristo. No Segundo capítulo, tem-se o romance como foco de análise, onde Saramago representa Cristo de modo humanizado. Na análise da obra, pretende-se destacar as passagens equivalentes às mostradas nos evangelhos canônicos, embora sejam apresentadas em realidades distintas. Objetiva-se mostrar, a concepção de Jesus, seu nascimento, suas angustias, os milagres, o chamado, seu encontro com Deus, sua relação familiar, sua vida amorosa, sua morte e demais pontos que também possui

o outro lado mostrado nos evangelhos canônicos. E por fim, o último capítulo, irá fazer o jogo de diferenças e semelhanças entre a obra literária e os evangelhos canônicos. Reforçando os principais pontos, onde ambos apresentam suas versões. Nos evangelhos bíblicos é narrada a trajetória do Filho de Deus na terra, bem como na obra de Saramago, entretanto, no romance vemos um Jesus que surge a partir das ideias já existentes nos livros canônicos. Saramago recria as situações relatadas nos evangelhos, e cria novas, de modo, a desmitificar a divindade de Jesus Cristo. Nesse capítulo, será apresentado lado a lado, o Jesus santo e o Jesus humano, que anteriormente foram mostrados separadamente, no intuito de estabelecer as diferenças e peculiaridades existentes em cada cenário – o bíblico e o histórico. Na obra, Saramago, reconstrói uma história bastante conhecida pela humanidade. Utilizando-se dos escritos dos evangelhos canônicos, recria e cria uma nova trajetória para o divino Jesus Cristo, apresentando-o, dessa vez, como homem. A começar pela sua concepção, que se dá pelo ato sexual entre José e Maria, confrontando os evangelistas, que mostram uma virgem concebendo o filho de Deus pelo poder do Espírito Santo. E por finalizar com a morte, sem que haja ressurreição ao terceiro dia, como relatado nos quatro evangelhos estudados. A rotina desse Jesus histórico é normal, é cuidado pelos pais, que são super protetores, quando ameaçado por Herodes é salvo graças a atitude rápida de José. Sua infância é relatada. É amamentado, chora, sente dores na circuncisão, engatinha, e aos cinco anos começa a ir à escola. Cresce em um ambiente de extrema agonia, por seu pai ter pesadelos noturnos, que desestabilizam emocionalmente toda a família, contudo, nada lhe é revelado a cerca disso. Já a rotina do Jesus Santo, já se inicia divinizada, uma vez que, sua vinda a Terra já tinha um propósito pré-estabelecido, ele é filho do próprio Deus, já habitava nos céus e veio a este mundo na forma humana, para salvar a humanidade do caos.

PALAVRAS-CHAVE: JESUS CRISTO. DIVINO. HUMANIZADO. BIBLIA SAGRADA. SARAMAGO.

O NOVO REALISMO E SEUS EFEITOS NA OBRA “LUGARES QUE NÃO CONHEÇO, PESSOAS QUE NUNCA VI”, DE CECÍLIA GIANETTI

Tatiele da Cunha Freitas

Universidade Federal de Uberlândia

Nas suas reflexões sobre a literatura brasileira produzida na contemporaneidade, o pesquisador Karl Erik Schollhammer (2007) demonstra que existe uma tendência - que ele denomina Novo Realismo - marcada, sobretudo, por uma estreita relação com o real e com a violência dos grandes centros urbanos. No entanto, essa relação é distinta daquela que se dava no Realismo representativo do século XIX, pois a ideia central do Novo Realismo não é fazer um retrato social, mas enfrentar a realidade por meio da escritura artística. Desse modo, os autores brasileiros contemporâneos buscam causar no leitor “efeitos” de realidade por uma via não hermenêutica ou afetiva, de modo que a linguagem, antes descritiva, tornar-se-ia performática, envolvendo o leitor na história narrada. Em outras palavras, a compreensão da obra não aconteceria por meio do distanciamento, porém, melhor dizendo, pela identificação “catártica” e que levaria esse leitor não somente a purificar-se, mas o levaria à ação. Sob essas considerações, este trabalho pretende refletir sobre o Novo Realismo e seus efeitos na obra “Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi” (2007) – que trata de uma experiência de horror vivenciada por uma jornalista em uma favela do Rio de Janeiro, sendo que depois disso o mundo perde suas definições – de maneira a analisar como se articula os efeitos produzidos por essa estética “novo realista”.

PALAVRAS-CHAVE: CONTEMPORANEIDADE. NOVO REALISMO. LITERATURA BRASILEIRA. CECÍLIA GIANNETTI. VIOLÊNCIA.

O PAPEL DA TRADUÇÃO NA DIFUSÃO DA LITERATURA NÁHUATL

Sara Lelis de Oliveira
Universidade de Brasília

Esta comunicação pretende evidenciar a importância da tradução na difusão da literatura náhuatl a partir do século XX pelo historiador e filólogo mexicano Ángel María Garibay Kintana e pelo historiador mexicano Miguel León-Portilla nos séculos XX e XXI. Neste trabalho dos intelectuais mexicanos, elaborado desde a ótica da história e da filologia, identificamos a tradução como instrumento fundamental para divulgar os testemunhos indígenas em língua náhuatl, os quais foram transcritos da oralidade e da interpretação dos códices indígenas para o alfabeto latino durante o século XVI e que, por sua vez, compõem a chamada literatura náhuatl. No século XVI, após a queda do Império Mexica e a desestruturação do universo indígena em 1521, sábios, forjadores de canto, escrivães, pintores de códices e até mesmo frades humanistas, preocuparam-se com o destino das tradições indígenas que vinham sendo destruídas paulatinamente com a evangelização católica. A preservação das antigas tradições tornou-se, portanto, uma tarefa indispensável a fim de perdurar uma memória milenar. Toda a documentação, registrada manualmente pelos indígenas e recolhida pelos frades humanistas, foi resgatada no século XX pelos referidos historiadores e, a partir de um estudo histórico e filológico foi categorizada em *cuicatl*, vocábulo traduzido por ‘poesia’, referente aos documentos que abarcam os cantos, hinos e poemas, e em *tlahtolli*, vocábulo traduzido por ‘palavras’, ‘discursos’, ‘relatos’, referente aos documentos que abarcam narrativas, mitos, lendas, histórias, anais, crônicas. No entanto, no propósito de divulgação de tal literatura em língua mexicana pelos historiadores, a tradução é mera coadjuvante. Constata-se no trabalho de ambos que os textos traduzidos referentes às transcrições em náhuatl são considerados originais, isto é, como se houvessem sido concebidos originalmente em língua castelhana. Neste sentido, colocaremos em questão a invisibilidade dada à tradução neste processo tradutório e, ao contrário dos historiadores, problematizaremos questões tradutórias quanto aos aspectos linguísticos dessa literatura, posicionando a tradução em um lugar central.

PALAVRAS-CHAVE: ÁNGEL MARÍA GARIBAY KINTANA. MIGUEL LEÓN-PORTILLA. LITERATURA NÁHUATL. TRADUÇÃO.

O PROCESSO JUDICIAL COMO FONTE E CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA

Francisco Pereira Costa
Universidade Federal do Acre


A estrutura jurídico-administrativa instalada no Brasil, desde a ocupação dos portugueses, serviu para por em prática um sistema de dominação e exploração do território, que mais tarde se chamaria Brasil. Necessário se fez introduzir um sistema de punições, mediado pelo Direito, cuja forma de fazê-lo resultava em determinadas práticas Jurídicas e judiciárias. Conquanto, as relações sociais que resultavam em conflitos, motins e revoltas, até as de cunho individual, passavam pelo filtro do Poder Judiciário, embora precário, todavia, eficiente na aplicação das penas e castigos impostos pelas leis portuguesas. Podemos citar com exemplo, o caso de Joaquim José da Silva Xavier, conhecido por Tiradentes, que iniciou um processo luta e resistência à dominação portuguesa, considerado na época um delito grave, crime de alta traição: a rebelião. A investigação do suposto delito cometido por ele e seus aliados foi objeto de um julgamento, a partir do qual Kenneth Maxwell, escreveu uma narrativa histórica - A devassa da devassa. Com isso, queremos demonstrar a existência de várias fontes históricas e as diversas possibilidades de suas narrativas, ao tempo em que, é possível, a partir destas narrativas promover a crítica ao Direito, considerando que este é portador de um discurso, de uma verdade, pois na fase do inquérito começa a se deslocar para dentro do processo um discurso saber-poder - verdade. É nesse núcleo triangular que o processo judicial se constitui como uma trama, uma vez que, é resultado de um jogo de interesses de classe, portanto, de interesses econômicos e políticos, pois, a perspectiva do funcionamento da norma é uma perspectiva de classe, em que a burguesia instituiu um formalismo jurídico-abstrato, universal para perpetuar a ideia de isenção, imparcialidade e igualdade. No Brasil, um dos historiadores que assumiu a vanguarda da pesquisa histórica ao utilizar o processo judicial com fonte jurídica, no caso, objeto desta Comunicação, foi Sidney Chalhoub. que usou, precisamente, o processo criminal como testemunho histórico, mesmo, ante o ceticismo dessa fonte diante dos outros colegas historiadores que diziam que tais fontes mentem. Independente do que contenham, é uma possibilidade de reescrita da história, portando, abre um leque de possibilidades de versões da história.

PALAVRAS-CHAVE: PROCESSO JUDICIAL. FONTE HISTÓRICA.
NARRATIVA HISTÓRICA. DIREITO. CRÍTICA.

**O PROJETO ESTÉTICO DE NA ETERNIDADE SEMPRE É DOMINGO
(2015), DE SANTIAGO SANTOS**

Marcia Romero Marçal
Universidade Federal do Mato Grosso

O primeiro livro do jovem escritor brasileiro Santiago Santos, *Na eternidade sempre é domingo*, contemplado pelo edital da Secretaria de Cultura de Cuiabá em 2015, é originário de uma viagem concreta de mochila realizada pelo autor entre dezembro de 2014 e janeiro de 2015 por Bolívia e Peru. Fusão de relato de viagem, ficção histórica, elementos mitológicos, fabulação e registro fotográfico, a obra resgata o passado incaico e de outras culturas das civilizações boliviana e peruana sob uma perspectiva dialógica que leva a relativizar os valores culturais, as crenças e costumes através de uma relação de alteridade estabelecida entre os personagens principais. Baseado em um esquema estrutural fixo, o autor se serve de uma entidade mágica, Nipi, enviada por uma deusa da linguagem, para, em companhia do(a) narrador(a) viajante, contar histórias de reis, heróis, feiticeiras, ladrões, poetas líricos, sentinelas, tecelãs, etc., seres imortais que receberam a dádiva ou a condenação de Inti, deus Sol, conforme as crenças incaicas. A identificação entre essas figuras lendárias, mitológicas e históricas e os membros ordinários das sociedades atuais boliviana e peruana, com os quais o(a) narrador(a) se depara, produz um efeito de sentido singular: por um lado, explica a condição degradada dos descendentes da cultura pré-colombiana; por outro, resgata a dignidade e a felicidade perdidas desses indivíduos na sociedade contemporânea capitalista ocidental, durante e após o processo colonial. O livro aborda, como temas, o desencantamento do mundo, o choque entre culturas diferentes, o processo de transformação e a possibilidade de existência de uma essência das civilizações, a imanência e a transcendência como dimensões de tal processo, a finalidade da escrita e suas fontes. Abertamente, o escritor descreve, em notas epilogais, parte do processo de criação do livro, referindo-se à sua viagem, as fotos tiradas que ilustram e motivam os seus capítulos, o estudo da civilização incaica, os livros em que se apoiam os relatos recriados, sobretudo *Comentarios Reales de los Incas – Vol. I*, do Inca Garcilaso de la Vega, a natureza da obra, etc. Nosso texto tem como objetivo analisar o relato *Na eternidade sempre é domingo* mediante a combinação do método de análise de aplicação teórica e do método de análise sócio-histórico. Pensaremos em que medida o conceito de metaficção historiográfica de Linda Hutcheon e a



reformulação que Santiago Juan Navarro faz do mesmo, aplicada à literatura latino-americana contemporânea, são produtivos para a compreensão do projeto estético de Santiago Santos. O estudo ainda se debruçará sobre a perspectiva que a narrativa apresenta a respeito de alteridade, identidade e diferença. Para tanto, levará em conta as teorias e as pesquisas de Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Steven Connor, Tzvetan Todorov, Angela Arruda, Denise Jodelet, Sandra Jovchelovich, Aníbal Quijano, Santiago Castro-Gómez, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: NA ETERNIDADE SEMPRE É DOMINGO.

SANTIAGO SANTOS. METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA.

IDENTIDADE. ALTERIDADE.

Rita de Cássia Miranda Diogo
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Com o presente trabalho me proponho analisar o livro e o documentário de Juan Carlos Galeano, intitulados respectivamente, *Amazonia* (2004) e *El río* (2017), ambos resultado de pesquisas de campo nos rios dos países amazônicos realizadas pelo poeta colombiano. Entendendo o rio Amazonas como testemunho de uma cosmologia que vem sendo obscurecida pela violência dos processos de modernização da América Latina, podemos dizer que J.C. Galeano retorna a este rio para ouvir as suas vozes e os conhecimentos que guardam sobre o mundo visível/invisível da floresta. Um universo refratário ao pensamento dualista e ao culto da razão característicos da modernidade ocidental, que escreve e fala por linhas retas e por pausas pensadas e previamente decodificadas. Por isso, a poesia de Galeano, seja no livro ou no documentário, respira no ritmo das águas, do vento e da terra, resgatando origens, sementes e movimentos que apesar de adormecidos continuam vivos no homem e na cultura latino-americanos, oferecendo-nos assim uma diferente racionalidade. A obra de Juan Galeano revela o rio Amazonas como um ente e espaço vivos, que reclama uma nova epistemologia baseada na filosofia dos povos indígenas. Por outro lado, meu estudo quer demonstrar que o respeito aos saberes de nossos ancestrais representa uma das vias de construção de um novo modelo de Estado, baseado na interculturalidade e na pluralidade (WALSH, 2008).

PALAVRAS-CHAVE: RIO AMAZONAS. COLONIALIDADE.

MODERNIDADE. INTERCULTURALIDADE. PLURALIDADE.

O TEATRO COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ESTIMULO A LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO


Ane Caroline Rodrigues dos Santos Fonseca
Universidade Federal de Rondônia

O presente trabalho visa compreender como o teatro pode influenciar na aprendizagem e compreensão da língua portuguesa (leitura, interpretação e produção de texto) de alunos do 6º ano do ensino fundamental, da Escola Durvalina Estilbem de Oliveira, como parte do subprojeto/PIBID “Alfabetização Científica Interdisciplinar de Leitura”. Para isso, elencamos como objetivo geral: utilizar o teatro visando contribuir de forma prática e efetiva no aprendizado da língua portuguesa (leitura, interpretação e produção de texto) e como objetivos específicos: II) elaborar e executar um teatro motivacional, relacionado ao cotidiano das crianças com a prática de leitura e escrita; III) promover a interação dos alunos com a língua portuguesa através de atividades lúdicas; IV) ler textos de diferentes tipologias, para a elaboração de diversos resumos, sínteses e textos dissertativos; v) desenvolver habilidades indispensáveis de leitura, interpretação e oralidade; VI) elaborar peças que facilitem a aprendizagem das normas da língua materna; Como base metodológica, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação. Utilizamos como base teórica, Silva (2011), Cunha (2005) e Silva e Leão (2015). As atividades realizadas ampliaram as relações sociais além de proporcionar aos alunos: a) aprendizado de forma dinâmica e prática sobre as normas da língua portuguesa e b) melhora na produção e interpretação textual. Utilizando o teatro como processo metodológico a sala de aula se torna um espaço de interação comunicativa e troca de experiências entre os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: LÍNGUA PORTUGUESA. TEATRO. LEITURA. PRODUÇÃO TEXTUAL. ENSINO.

Arlete Pereira de Oliveira
Universidade Federal do Acre

O uso das tecnologias tem si tornado algo comum e necessário no cotidiano escolar, pois é mais um recurso tecnológico para ajudar no processo de aprendizagem dos alunos. O trabalho aqui apresentado, trata-se de um projeto de fluxo contínuo, desenvolvido no Colégio de Aplicação/Ufac desde 2016 com as turmas do segundo ano do Ensino Fundamental I. O mesmo tem sua relevância por se tratar de uma ação pedagógica que visa sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos desse ano/série no que diz respeito a leitura e a escrita. Nesse período, os alunos se encontram no segundo ciclo da alfabetização e apresentam muitas dificuldades que são características do processo, mas que precisam ser eliminadas, uma vez que é nesse ano/série que devem aprofundadas as competências/habilidades descritas nas Orientações Curriculares Nacionais para que no ano seguinte, esses alunos consigam consolidar tais aprendizagens. Assim sendo, além de outras estratégias utilizadas, pensou-se em desenvolver algo que chamasse a atenção dos alunos e que ao mesmo tempo, auxiliasse na consolidação das aprendizagens iniciadas em sala de aula. Vivemos numa época em que é muito comum o contato com computadores, celulares e tablets, ou seja, os alunos em sua maioria têm acesso a esses equipamentos em casa e fora dela. Diante dessa realidade, o uso das tecnologias no desenvolvimento das atividades escolares é fundamental e torna-se uma expressão das mudanças sociais. Vê-se que os alunos têm muito interesse em realizar trabalho que se faz necessário o uso do computador e passam a compreender a escrita e a leitura para além do uso do papel e lápis. A partir da década de 1970 com a inserção dos computadores na educação brasileira, tem crescido e proporcionado outras formas do processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na alfabetização de crianças. Por essa e outras razões, viu-se a possibilidade de inovar a prática pedagógica com algo que atraísse o aluno, contribuindo para uma aprendizagem significativa no ambiente escolar. Além dos jogos utilizados, o processo metodológico se efetiva em dois momentos: na sala de aula e no laboratório de informática, enfatizando as ações de apreciação coletiva em sala dos jogos, com leitura das instruções e regras dos jogo a ser utilizado, escrita e reescrita no word de pequenos textos em observância às regras de escritas propostas, somatória dos pontos adquiridos nos jogos e a oportunidade de tirar as dúvidas que surgiram durante o jogo. O mesmo trabalha a leitura e a escrita



em todas as áreas com o uso de jogos educativos no laboratório de informática na escola. Dentre os objetivos destacam-se: estimular a leitura e a escrita dos alunos, em processo de alfabetização; despertar o interesse do aluno; praticar a concentração; desenvolver a coordenação motora fina; executar atividade em dupla, exercitar o espírito de colaboração e o respeito ao colega; desenvolver a escrita de numerais; exercitar o cálculo mental; respeitar o tempo do outro na construção do conhecimento; otimizar a prática pedagógica. Como resultado tem-se percebido maior interesse dos alunos sobre os conteúdos estudados, pela forma lúdica com que se apresenta as atividades e um avanço significativo na aprendizagem em relação à aquisição das habilidades relacionadas à leitura e escrita no processo de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: FERRAMENTAS DIGITAIS. ALFABETIZAÇÃO. LEITURA E ESCRITA.

**ORALIDAD, RITMO Y FLUJOS DE CONCIENCIA ANIMALIZADOS EN
EISEJUAZ“ DE SARA GALLARDO**

Marco Thomas Bosshard
Europa-Universität Flensburg

La novela “Eisejuaz” de la autora argentina Sara Gallardo sigue siendo una obra insólita dentro del panorama literario de América Latina: se trata de una novela escrita en primera persona y desde la perspectiva de su protagonista indígena Lisandro Vega, llamado Eisejuaz. Según la clasificación de Antonio Cornejo Polar estamos ante un ejemplo de literatura heterogénea en el cual divergen de manera radical el horizonte de la autora real Sara Gallardo, hija de una familia de alta burguesía porteña, con el del protagonista mataco Eisejuaz radicado en una de las zonas más periféricas de Argentina. Creando un lenguaje sugerente pero gramaticalmente incorrecto basado en la oralidad y el ritmo, Gallardo se convierte en portavoz de un discurso políticamente subalterno que a la vez se nutre de las avanzadas técnicas literarias del flujo de conciencia. Reubicando el texto de Gallardo, casi olvidado fuera de Argentina, entre el indigenismo y el realismo mágico, discutiremos el aporte de Gallardo en la representación tanto estética como política de lo indígena para las letras latinoamericanas en general.


PALAVRAS-CHAVE: INDIGENISMO. REALISMO MÁGICO.

**PRÁTICAS DE LINGUAGEM NA HIPERMÍDIA E SUAS TONALIDADES
DIALÓGICAS NO COMPONENTE CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA DA
BNCC**

Aline Kieling Juliano Honorato Santos
Universidade Federal do Acre

Paula Tatiana da Silva Antunes
Universidade Federal do Acre

As atuais discussões sobre o uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no contexto escolar e, mais precisamente, no ensino de línguas, recebem notoriedade por meio da variedade dos gêneros discursivos presentes nas diversas esferas sociais. No mais recente documento elaborado na esfera educacional pelo governo brasileiro – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) – verifica-se, no componente curricular de Língua Portuguesa (LP), a importância dada a questões sobre “hipertextualidade” e “multiletramentos” e de se trabalhar com textos concebidos como “multimodais” e “multissemióticos”, que circulam na “hipermídia” a partir de práticas sociais situadas. Com base em Bakhtin (2011 [1979], 2016 [1979]), Cristóvão (2009) e Rojo (2012, 2013, 2015), este estudo tem por objetivo verificar se as TDICs influenciaram não só a seleção dos gêneros discursivos destacados no componente curricular de Língua Portuguesa da BNCC, nos anos finais do ensino fundamental, mas também o tratamento dado ao Eixo de Análise Linguística/Semiótica. Para isso, coloca-se em pauta a seguinte questão norteadora: a visão de que os textos possuem características multissemióticas e multimidiáticas, assumida no documento, é condizente às “habilidades” a serem alcançadas no eixo Análise Linguística/Semiótica, ou seja, a perspectiva de linguagem como prática social situada que envolve multiletramentos faz-se presente no estudo da língua materna como um todo? O percurso metodológico desta pesquisa envolve a leitura/análise do componente Língua Portuguesa da Base Nacional Comum Curricular (anos finais do ensino fundamental) de modo a destacar os enunciados referentes aos multiletramentos para, em seguida, verificar se as “Habilidades” referentes à Análise Linguística/Semiótica são pertinentes ao discurso assumido no documento. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, não serão elencadas aqui as conclusões, entretanto, acredita-se que os dados coletados/analísados servirão para verificar se, de fato, esse documento possibilita que o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa esteja condizente “às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século”



(BRASIL, 2017, p. 65).
PALAVRAS-CHAVE: LÍNGUA PORTUGUESA. TDIC.
MULTILETRAMENTOS. BNCC1.

PRODUÇÃO DE UM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO PARKATÊJÊ LÍNGUA DE HERANÇA

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Pará

Pesquisadores de línguas indígenas e povos indígenas têm reunido esforços em favor da preservação do patrimônio imaterial do Brasil. Entre as iniciativas pensadas nesse sentido, está a produção de materiais didáticos para serem utilizados em situações de ensino/aprendizagem na Escola Indígena. Em comunidades de fala onde há ampla presença da língua portuguesa, línguas indígenas são interpretadas como Segunda Língua em tais situações. Para este trabalho, todavia, sugere-se um ensino/aprendizagem como Língua de Herança, com base em materiais elaborados conforme os pressupostos da Abordagem Comunicativa Intercultural, para que a construção do conhecimento seja desenvolvida sob uma ótica crítica e reflexiva entre os alunos diante de sua própria cultura e da heterogeneidade linguístico-cultural com a qual convivem dentro e fora do contexto escolar. Em vista disso, a presente comunicação diz respeito à produção de um livro didático direcionado ao Parkatêjê, língua tradicional de uma comunidade Timbira de mesma denominação localizada na Terra Indígena Mãe Maria, no Estado do Pará, que vivencia uma situação de stress linguístico, com destaque à utilização da língua portuguesa entre os integrantes da aldeia. A Escola Parkatêjê, assim como muitas outras escolas indígenas do Brasil, é carente de material para o referido fim. Com o objetivo de iniciar uma ação voltada ao fortalecimento de sua língua étnica na escola, os Parkatêjê solicitaram aos linguistas que trabalham com a descrição desta língua a elaboração do referido livro, um trabalho que tem contado com a participação ativa de seus integrantes. Esta pesquisa qualitativa, que se encontra em andamento, apresenta enfoque etnográfico, e busca conciliar teorias linguístico-cognitivas e contexto sociocultural, para que o conhecimento sobre língua e cultura indígena e não indígenas reunido no material se faça significativo aos objetivos e necessidades dos Parkatêjê.

**PALAVRAS-CHAVE: LIVRO DIDÁTICO. LÍNGUA DE HERANÇA. ÍNDIOS
PARKATÊJÊ. ABORDAGEM COMUNICATIVA INTERCULTURAL.**

PROJETO “FAMÍLIA E LEITURA: LAÇOS DE AMOR E SABER”

Arlete Pereira de Oliveira
Universidade Federal do Acre

Este Projeto de Ensino realizado com a turma do 2º ano do Ensino Fundamental I no segundo ciclo do processo de alfabetização em buscar o desenvolvimento e consolidação das competências leitoras dos alunos durante esse processo escolar. Tem por objetivos: Aproximar os pais ao processo de alfabetização dos filhos por meio da leitura, possibilitando-os fazer parte do mesmo; Incentivar os pais lerem para seus filhos; Despertar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno; Ler gêneros textuais variados; Promover o desenvolvimento do vocabulário, favorecendo a estabilização de formas ortográficas. O projeto foi desenvolvido entre 17 de abril e 27 de novembro. O mesmo se desenvolveu da seguinte forma: os alunos levaram para casa, toda sexta feira, um livro para que seus pais leiam com ou/e para eles e farão registro escrito no caderno de memórias com os pais sobre a experiência de ler com seus pais. O kit utilizado para registro dos leitores compôs: livro, caderno de memórias, canetas, lápis, borracha, giz de cera. Depois, a professora agendou um horário para que o pai venha 20 minutos antes do final da aula e conte como foi a leitura com seus filhos ou leia para a turma a história (na próxima sexta após a leitura feita em casa). Os pais ficaram à vontade para escolher o dia que pode vir. Caso houvesse mais pais voluntários, acrescentaríamos mais datas, diminuindo o espaço de tempo entre empréstimo e socialização.

PALAVRAS-CHAVE:LEITURA. FAMÍLIA. ALFABETIZAÇÃO.

QUEM VÊ CARTEIRA NÃO VÊ CORAÇÃO

Alanessa Nikole Carvalho da Silva

Universidade Estadual do Maranhão

O amor e o dinheiro são as rodas que movimentam as pessoas por elas estarem sempre buscando um dos dois para alcançar a felicidade, no entanto, somente quando esses são colocados frente a frente é que descobrimos o que realmente interessa para o homem. Assim o presente trabalho intitulado “Quem vê carteira não vê coração” tem como objetivo analisar comparativamente o livro “Amor nos tempos de cólera”, do autor colombiano Gabriel García Márquez com a música “Saga de um vaqueiro”, da compositora brasileira Rita de Cássia, e mostrar dentro destas histórias que as diferenças econômicas têm o poder de influenciar relacionamentos devido à desigualdade social existente do meio em que o casal está inserido. Para comprovar estas colocações utilizamos como embasamento estudos de Tasso da Silveira (1964), Paul Strathern (2004) e Mary Del Priore (2013). Dessa maneira notamos que a valorização e priorização da questão financeira é mostrada nas duas histórias fazendo-nos perceber que, a ganância, pode ultrapassar as fronteiras geográficas e até mesmo as sentimentais.

PALAVRAS-CHAVE: RELACIONAMENTO. SENTIMENTO. DINHEIRO.

RE-DESCOBRINDO O ACRE “EXISTIDO”

Glauco Capper da Rocha
Universidade Federal do Acre

O presente artigo visa comparar narrativas de viajantes/exploradores, usando crônicas ou relatos produzidos a partir do contato com a região que viria a ser o Acre nos dias atuais. A tessitura deste estudo começa em Seraphim Salgado, o primeiro viajante a escrever sobre a região, até a viagem dos quatro amigos cineastas que produziram o filme/documentário cujo é título “O Acre existe”. Para compor o texto a seguir, pretende-se discorrer, também, sobre as narrativas que evidenciam o rio e seu papel na tessitura dos relatos de expedições. Para tal fim, o corpus será construído a partir de consulta bibliográfica, utilizando as leituras e literaturas discutidas em sala de aula, durante a ministração da disciplina “Linguagens, sociedade e diversidade amazônica”, ofertada pelo programa de pós-graduação em Letras: linguagens e identidade. Como aporte teórico para este estudo, consultaremos os escritos de Auxiliomar Silva Ugarte, Marcio Souza, Ana Pizarro, Durval Muniz Albuquerque Júnior, entre outros.


PALAVRAS-CHAVE: “O ACRE EXISTE”. CRÔNICAS DE VIAGEM. IMAGINÁRIO.

RECORDANDO OTRA VEZ A MARCELO

Lis Mollinedo
Universidad Mayor de San Andrés

Wara Shirley Varela Oropeza
Universidad Mayor de San Andrés

El drama, o la obra teatral, es uno de los géneros más antiguos del que se tiene conocimiento. Las representaciones en forma actuada se practicaban desde tiempos remotos. Las obras más importantes recuperadas son las de Esquilo, Sófocles, Eurípides, Aristófanes y Menandro. Todo este movimiento tiene su inicio en las fiestas dionisiacas donde se llevaban a cabo representaciones, tanto comedias como tragedias. El drama ha ido evolucionando, y claramente, ha llegado hasta nuestra parte del continente. El teatro en Latinoamérica se divide, según Bertolt Brecht, en antes del épico y después del épico. Dentro del teatro latinoamericano, y en específico del teatro político, Bolivia no queda atrás y el Teatro de los Andes, hace no mucho tiempo, propone tres obras dentro de esta temática: En un sol amarillo, La Iliada, y Otra vez Marcelo, en un intento de recuperar este (sub)género teatral. Otra vez Marcelo, la tercera obra presentada por el Teatro de los Andes, es la que nos concierne en este trabajo. La propuesta de César Brie, autor de Otra vez Marcelo, nos lleva a cuestionarnos sobre el teatro político (¿cómo se constituye el teatro político?, ¿cuál es la relación arte (teatro) y política?, ¿qué apuesta tiene Brie al traer de vuelta a un personaje como Marcelo Quiroga Santa Cruz? Teniendo muy en cuenta que, la obra teatral de Brie, no es una obra de propaganda política, más bien, es un trabajo muy bien hecho y puesto en escena para no olvidar los estragos de la dictadura. Por otro lado, en nuestra investigación, también, ahondamos en la diferencia de un texto político “ficcional” y un texto en el que se propone una ideología a partir de una corriente y partido político. Es así que tocaremos tres puntos importantes: la construcción de un texto de ficción para exponer una ideología versus una propaganda política, el efecto de la puesta en escena, y por último, el modelo de teatro “dialéctico” que propone Brie. Para contextualizar un poco el personaje de Marcelo Quiroga Santa Cruz. Él fue, es y será una de las mayores figuras bolivianas, nació en Cochabamba en 1931. Resultó ser uno de los más honestos y lúcidos hombres que vivieron la segunda mitad del siglo XX. Era un simpatizante de la izquierda, su capacidad oral y su intelecto lo convierten en uno de los símbolos de la izquierda boliviana. Entró al parlamento en



el gobierno de Barrientos. Interpeló por la masacre de San Juan, lo que le costó la cárcel. También, llevó a cabo la nacionalización de Gulf. Fundó partidos socialistas. Además, que fue candidato tres veces a la presidencia. En su afán de justicia inició el juicio contra Banzer. Esto por el lado político de Quiroga. Por el otro lado, fundó el periódico El Sol, y la revista Clarín Internacional. Filmó el cortometraje “El combate”. Escribió las novelas Los deshabitados y Otravezmarzo, esta se publicó de manera póstuma. El 17 de julio de 1980, fue asesinado y torturado, tras el asalto a la COB. La familia nunca recuperó el cuerpo.

PALAVRAS-CHAVE: POLÍTICA. TEATRO. IDEOLOGÍA. DICTADURA.

Beatriz Ferreira Salles Freire
Universidade Federal de Roraima

A pesquisa busca compreender a constituição da identidade da personagem Daniel, da obra *Meia Pata*, de Ricardo Dantas. A análise da subjetividade da personagem de Dantas será feita a partir da sua interação com o meio. Para isto toma-se como base teórica o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, especificamente, suas obras *Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente e Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Nas referidas obras, o autor apresenta suas reflexões sobre sentimentos dos sujeitos em relação aos lugares, isto é, o elo afetivo estabelecido com o lugar, denominando-o como topofilia. A relação é vista como influência na constituição identitária. Por isso observou-se aspectos da identidade de Daniel considerando a hermenêutica do si desenvolvida por Paul Ricoeur em *O si-mesmo como um outro*. Ricoeur elabora uma crítica em relação ao cogito cartesiano que servirá como ponto de partida para a reconstrução da noção de sujeito e de identidade. Tal crítica possui vários desdobramentos em relação ao conceito de identidade pautado na imediatividade. Um deles conduz a uma concepção de identidade a partir das relações com o outro. Por fim, nesta pesquisa, é apresentada também uma articulação entre os conceitos desenvolvidos por Ricoeur e Tuan, visto que a Geografia Tuaniana possui fundamento fenomenológico, no qual também se sustenta a filosofia de Ricoeur. Optou-se por realizar tal ligação nesta pesquisa ao considerar que tais articulações possibilitam a ampliação da compreensão do ser narrado por Dantas. É, considerando tudo o que foi lido, relacionado e analisado neste estudo, compreendeu-se que a natureza da subjetividade humana exposta por Ricardo Dantas em *Meia Pata* está irremediavelmente ligada ao engendramento de identidades, às relações do si mesmo com a/s alteridade/s, bem como com o espaço. Enfim, a identidade não se constitui de maneira isolada e sim, por meio de diálogos.

PALAVRAS-CHAVE:IDENTIDADE. TOPOFILIA. MEIA PATA.
LITERATURA REGIONAL. RICOEUR.

REPRESENTACIONES PARÓDICAS EN ROSAS MATINALES DE NELLY FONSECA

Judith Mavila Paredes Morales
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Las poetas que aparecieron en las primeras décadas del siglo XX renovaron la percepción que se tenía acerca de la poesía peruana, ellas con su escritura difieren del canon literario. Dicha imagen no solo cuestiona la subordinación femenina, sino también crea un espacio de diálogo con el otro masculino. La presente ponencia se propone abordar el primer poemario de Carlos Fonseca, seudónimo utilizado por Nelly Fonseca Recavarren. Me refiero a Rosas matinales (1934). El objetivo de esta investigación es analizar cómo el travestismo textual de la voz poética funciona como un texto paródico. Entendemos este travestismo como la representación de la ambigüedad y la transgresión sexual por medio de procedimientos poéticos y discursivos que posibilitan una conformación diferente tanto de la poesía como de las representaciones femeninas y masculinas. Lo que hace la poeta peruana es recrear una forma tradicional de poesía que proviene de una voz masculina siendo el resultado una pose de la masculinidad pero también una de las letras hispanoamericanas. Para lograr este análisis asumimos el lenguaje como un campo figurativo capaz de presentar una realidad nueva y transgresora. El Objetivo principal de este estudio es preguntarnos por qué Nelly Fonseca travistió la voz poética en una masculina, cómo ella apela a la poética modernista imitándola pero desde una relación paródica y cómo esa posición nos permite observar que la poesía tradicional tiene voz masculina. Para acercarnos a nuestro objetivo, el método de análisis estilístico y retórico es fundamental porque nos permite entender el poemario a nivel lingüístico también nuestro andamiaje teórico se basa en las propuestas de parodia planteadas por Mijail Bajtin, Julia Kristeva, Gérard Genette, Linda Hutcheon y Judith Butler.

PALAVRAS-CHAVE: PARODIA. NELLY FONSECA. POESÍA PERUANA.
TRAVESTISMO TEXTUAL. MASCULINIDAD.

RUBEM FONSECA: DEL CONFLICTO SOCIAL AL “CONFLICTO DE SÍ”.

OTRA MANERA DE LEER LA NOVELA NEGRA

Dahanna Andrea Borbón Hernández

Universidad de la Salle

El presente texto tiene como objetivo analizar la obra de Rubem Fonseca Y de este mundo prostituto y vano sólo quise un cigarro entre mi mano, con la guía teórica del curso Hermenéutica del sujeto, de Michel Foucault. Específicamente con la noción de “inquietud de sí”. Esta se entenderá como una actitud que puede adoptar el sujeto para la transformación de su vida, más allá del escenario político, social o cultural de cada sujeto. En este caso la inquietud de sí se relacionará con Amanda, quien es no solo el personaje que encarna de mejor manera la noción foucaultiana , sino que, además, es gracias a esta actitud de vida de Amanda, al arte y a la literatura que ella le da una nueva expresión a la novela negra. La novela negra en Latino América, tradicionalmente, ha sido uno de los géneros literarios que acogió en su narrativa la exposición de problemas sociales, culturales, políticos de cada país, dando reconocimiento en estas obras sucesos históricos que marcan el presente y el futuro de cada región. De acuerdo con esto, se ha venido mostrando y leyendo la novela negra como un género que, por medio del crimen, el complot y el enigma, presenta una memoria literaria -de régimen realista- sobre la historia del continente. Entonces, vale la pena apostar por otra manera de ver la novela negra, y a su vez, reconocer que existe otra forma de abordar la historia que configura a nuevos sujetos latinoamericanos por medio de la narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: NOVELA NEGRA. MEMORIA. ARTE. LITERATURA. INQUIETUD DE SÍ.

**RUEDAS DE CONVERSACIONES: UM ESPAÇO DE INTERAÇÃO BILÍNGUE
COM PROFESSORES BOLIVIANOS NA FRONTEIRA DO BRASIL COM A
BOLÍVIA**

Silene Espinosa Quintão Alencar
Faculdade Panamericana de Ji-Paraná

Zuila Guimarães Cova dos Santos
Universidade Federal de Rondônia

O ensaio aqui apresentado descreve uma experiência pedagógica bilíngue realizada através do projeto Ruedas de Conversaciones, na fronteira do Brasil com a Bolívia, em uma unidade educativa da cidade de Guayaramerín no departamento do Beni. Esta fronteira é um espaço marcada pelo uso do português e do espanhol. No entanto, os sujeitos fronteiriços em sua maioria, não dominam as duas línguas. As Ruedas de Conversaciones constituíram-se em espaços de encontros pedagógicos para estimular, através de atividades lúdicas, o uso da língua portuguesa pelos professores bolivianos da educação infantil. O objetivo foi o de contribuir com a inclusão da Língua Portuguesa, através da música, textos, histórias infantis entre outras atividades, no universo da sala de aula boliviana. Os encontros seguiram o método das Rodas de Conversas, que s conforme Warschauer, garante o espaço de diálogo, oportunizando os participantes a relatarem experiências, compartilharem necessidades e propostas. Este método se aproxima dos Círculos de Cultura idealizado por Freire, onde a história do outro ganha sentido, os problemas ganham atenção e propostas são construídas estimulando a condição de criar e recriar. Assim , passamos a conhecer melhor o outro lado da fronteira. Entendemos que a língua é a principal ferramenta para as interações fronteiriças e portanto as escolas brasileiras e as escolas bolivianas precisam estimular as práticas bilíngue em seus espaços. Promovendo dessa forma um empoderamento linguístico e intercultural de alunos, professores, funcionários e pais.

PALAVRAS-CHAVE: FRONTEIRA. LÍNGUA. EDUCAÇÃO.

**SANGAMA, LA SABIDURÍA ANCESTRAL Y SELVÁTICA EN LA AMAZONIA
PERUANA**

Felipe de Jesús Ricardo Sánchez Reyes
Universidad Nacional Autónoma de México


Debido a que esta novela de Arturo Hernández es considerada la más representativa de la amazonia y la más leída en su país, he decidido analizarla y centrarme en dos tipos de sabiduría que me atrajeron y que propone Sangama: la sabiduría ancestral y la selvática en la amazonia peruana. Para ello, primero abordaré la zona geográfica, el contexto histórico y datos biográficos del autor, con la finalidad de ubicar al lector. Segundo, la sinopsis de la novela y los estratos sociales, para saber a qué clase representa Sangama y comprender las razones por las que exalta la sabiduría ancestral y selvática. Y tercero, la sabiduría ancestral y selvática que él propone. Con ello pretendo descubrir qué tan importante resultan estos dos tipos de sabiduría en la mentalidad de la cultura peruana, sobre todo, centrarme en la sabiduría ancestral, presente en su idiosincracia.

**PALAVRAS-CHAVE: AMAZONIA. SABIDURÍA. ANCESTRAL.
SELVÁTICA.**

SERINGA E CAUCHO - SERINGAIS E CAUCHERIAS: OS DITOS E NÃO-DITOS SOBRE O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DA PAN AMAZÔNIA NAS SOCIEDADES DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO, DE LIMA E DE LA PAZ

Maria de Jesus Morais
Universidade de São Paulo

Nesta pesquisa tratamos dos discursos escritos sobre a Amazônia no início do boom comercial das gomas elásticas, na área compreendida pela Amazônia peruana e boliviana e os estados do Acre e Rondônia, no Brasil. A escolha da área é justificada, pois as mesmas passaram pelo mesmo processo de colonização e na mesma época. Esta região entrou em disputas territoriais entre Brasil, Peru e Bolívia no momento em que as gomas elásticas se tornaram matéria prima para a atividade industrial. As gomas foram reveladas ao mundo por Charles-Marie de la Condamine, cientista francês que fez parte de uma expedição na Pan Amazônia, no século XVIII. As estratégias de invasão dos barões do caucho e da seringa foram as mesmas, desde a tentativa de trabalhar com a mão-de-obra nativa ou a sua eliminação física até, o recrutamento de mão-de-obra de outras regiões. Foram iguais também, as formas de imobilização da população trabalhadora, através do aviamento ou enganche e dos altos preços dos gêneros de primeira necessidade vendidas nos seringais e caucherias. Este processo de colonização provocou conflitos de interesses entre as três nações que resultou na assinatura de Tratados de Limites. Os barões do caucho e da seringa que disputaram palmo a palmo as áreas de ocorrências dos gomais, apoiaram ações estatais para a manutenção das fronteiras de seus interesses em uma região, onde a presença do Estado, seja o peruano, o boliviano ou brasileiro era escassa. O recorte temporal desta pesquisa diz respeito, portanto, a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX. Período inicial das “descobertas” da região inexplorada e exploração econômica das gomas elásticas. Período também do martírio para a população nativa, das atrocidades cometidas contra esta; desde a matança generalizada até a submissão ao trabalho forçado dos que não conseguem fugir e dos que não morreram. Neste sentido a pesquisa se deu na análise dos artigos publicados nos Boletins das sociedades de geografia do Rio de Janeiro, de Lima e de La Paz e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, pois estes tiveram um papel importante na produção de informações sobre a produção do espaço nesta região amazônica e na construção de uma doutrinação patriótica (MORAES, 2002). Igualmente nos interessa recuperar a cartografia



da época. Esta pesquisa teve como objetivos, recompor os territórios e as fronteiras dos barões do caucho e da seringa; Analisar as redes de poder, os jogos de interesses e discutir como estes foram decisivas na definição das fronteiras políticas. Recompor as territorialidades da população nativa antes das fronteiras políticas atuais. Estas questões tiveram como fonte de pesquisa a produção bibliográfica e cartográfica das Sociedades de Geografia do Rio de Janeiro, de Lima e de La Paz para analisar a produção do saber científico destas instituições. No intento de discutir o papel das sociedades geográficas na produção, conformação e legitimação de saberes sobre ‘regiões desconhecidas’ e analisar o conteúdo patriótico dos escritos, ou seja, discutir como estes são/foram utilizados nos discursos dos centenários de Pando, Beni, Acre, Rondônia, Uacayali e Madre de Dios.

PALAVRAS-CHAVE: SOCIEDADES DE GEOGRAFIA. PAN AMAZÔNIA. SERINGAIS.

**SEXUALIDAD, GÉNERO Y PODER EN “LA NEGRA MÁS MÁS LINDA” DE
ZELMIRA AGUILAR: LA MUJER AFRODESCENDIENTE EN EL TESTIMONIO
PERUANO**

Janellis Guadalupe Leonardo Masías
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

Las representaciones de la mujer han sido constantes, pero a la vez intrascendentes para la crítica especializada de la literatura peruana, sin embargo, el testimonio le ha permitido a este sujeto social el apoderarse de una voz que anteriormente le fue negada. Este es el caso de *Ser mujer en el Perú* (1978) de Esther Andradí y Ana María Portugal, uno de los primeros textos en el que se exponen diversas situaciones de la vida de las mujeres de Lima de los años sesenta y que incluye el testimonio de Zelmira Aguilar “La negra más linda del Perú”. En este último se narra la historia de una modelo afrodescendiente que tiene que lidiar con los estereotipos marcados por la televisión y la familia, manifestando los puntos de vista interno y externo a los que se ve sujeta, que concluyen en el estado tensional en el que se encuentra el personaje y que termina por condensarse en la apropiación del cuerpo a través del blanqueamiento étnico-racial. En esta ponencia nos preguntamos sobre el papel que desempeña la mujer afrodescendiente en la sociedad peruana. El testimonio que analizamos nos muestra a esta mujer es convertida en un referente cultural que no termina de lidiar con su identidad, sino que esta la transforma desde el plano sexual y cultural, debido a que las esferas sociales en la que se ve inmersa actúan como un conjunto multidimensional atravesado por las relaciones de poder que traspasan dos generaciones: la tradicional, representada por los familiares del personaje principal y la reformativa, que busca la ruptura de los paradigmas étnicos. En el plano de la redacción del testimonio mismo, también constituye un blanqueamiento dirigido tanto por el gestor (quién orienta el sentido del texto) y testor (quien es el que se manifiesta). Este último, nuestro personaje, asimila el blanqueamiento para fusionarse culturalmente y obtener ventaja de ello; es decir la apropiación y modificación de rasgos corporales. Mientras que el primero tiene como objetivo homogenizar el discurso para encontrar puntos de encuentro entre las voces. Para abordar el texto, emplearemos una serie perspectivas teórico-metodológicas como la Teoría del Testimonio, los Estudios Subalternos, los Estudios Poscoloniales y los Estudios de Género. Asimismo, apelaremos a la propuesta de la teoría del Poder de Michel Foucault y la mirada que desarrolla Zygmunt Bauman sobre el amor líquido y las relaciones afectivas.



PALAVRAS-CHAVE: TESTIMONIO. GÉNERO. PODER. MUJER
AFRODESCENDIENTE. IDENTIDAD.

SOBRE A RECONFIGURAÇÃO DO CONCEITO DE LITERATURA EM DYONÉLIO MACHADO

Fernando Simplicio dos Santos
Universidade Federal de Rondônia

A tese intitulada “História, política e alegoria na prosa ficcional de Dyonelio Machado” (2013), entre outras características, teve o mérito de resgatar parte da esquecida produção artística do romancista, médico e político, considerado por muitos estudiosos como um “escritor maldito”, devido à perseguição partidária (e à consequente recusa editorial) por ele sofrida durante a sua trajetória militante e intelectual. Naquele momento, o intuito da pesquisa foi analisar a tetralogia romanesca, composta por “O louco do Cati” (1942), “Desolação” (1944), “Passos perdidos” (1946) e “Nuanças” (1981), comparando-os com a trilogia constituída por “Deuses econômicos” (1966), “Sol subterrâneo” (1981) e “Prodígios” (1980). Ampliando nossas constatações, o objetivo do presente trabalho é verificar como as concepções de história e política; alegoria e modernidade firmam uma acepção de arte literária sui generis – a qual fornece um tom particular à poética dyoneliana. Nesse sentido, analisamos como os conceitos de aura e desaturatização, modernidade e derrota; crítica e alegoria; tradição e ruptura estão estabelecidos nos romances “O louco do Cati” (1942) e “Sol subterrâneo” (1981), contribuindo para compreender a relação entre projeto estético e projeto ideológico de Dyonelio Machado. Para a consecução da proposta, pautamo-nos nas teorias de Walter Benjamin, José Maurício Domingues, Angus Fletcher, Roberto Schwarz, Ismael Xavier, entre outros. Por assim dizer, nas obras do escritor d’ “Os ratos”, o estudo das fontes históricas, econômicas e políticas – interligado à interpretação alegórica – permite identificar um rico diálogo entre textos (ficcionais) e subtextos (não-ficcionais). Sob tal enfoque, constatamos que, para o romancista, a concepção de literatura passa por uma redefinição ampla, a qual, a fim de se instituir, configura-se a partir de outros discursos.

PALAVRAS-CHAVE: DYONELIO MACHADO. CRÍTICA E ALEGORIA. LITERATURA E AUTORITARISMO.

TRAYECTORIA DEL MARGEN EN LA OBRA NARRATIVA DE LUIS CORNEJO

Sergio Francisco Pérez Ojeda
Universidad Tecnológica de Chile - INACAP

La poética de Luis Cornejo es heredera de la narrativa social de la Generación de 1938 y la mentalidad de la época del Frente Popular (ascenso del cuatro estado, formación obrera integral). Una herencia no determina, influencia. Luis Cornejo crea su propio mundo ficcional en base a una matriz estética que lo orienta hacia su propio sector social. La idea temprana de exclusión del canon posee un desarrollo discontinuo que hemos documentado bajo el concepto de “la trayectoria del margen” en relación a su inscripción en la literatura chilena y a su pertenencia a un circuito alternativo que se ha terminado por denominarse Narrativas del margen. En nuestro estudio, la “trayectoria del margen” tiene cuatro ejes: biografía, sector social representado, exclusión del canon y su pertenencia al circuito alternativo. Nuestra propuesta es que al revisar toda la obra publicada de Luis Cornejo, su integración al grupo es problemática: comparte un modo de producción y la exclusión del canon; pero, por otro lado, no es posible afirmar que sea un “autor marginal” en la medida que reivindique un espacio fuera del circuito oficial o desarrolle un discurso antisistema y, al mismo tiempo, su narrador mesurado funciona como un contrapunto.

PALAVRAS-CHAVE: LUIS CORNEJO. POÉTICA. TRAYECTORIA.
NARRATIVAS DEL MARGEN. CANON.

**UM ESTUDO SEMIÓTICO ATRAVÉS DAS LETRAS DO CANTOR E
COMPOSITOR XAPURIENSE JORGE CARDOSO GRAVADAS DE 1980-1989**

José Eliziário de Moura
Universidade Federal do Acre

A presente pesquisa se estrutura a partir de uma análise semiótica de algumas letras de músicas do cantor e compositor Jorge Cardoso gravadas no período de 1980 a 1989. O objetivo principal é problematizar o uso da linguagem em seus aspectos do global ao particular viabilizando o recorte do estudo representado por meio de vocábulos considerados signos ideológicos na visão de Bakhtin (2006). A análise metodológica será feita, segundo recomendações de Antunes (2010) do geral para o específico. Ou seja, a análise dos textos parte da íntegra aos aspectos particulares que revelam a presença de elementos considerados signos ideológicos e/ou expressões semânticas utilizadas pelo autor. Na concepção sobre análise textual Antunes revela que, o texto completo será o “tudo” e o signo linguístico será o recorte textual. O percurso da investigação será de cunho qualitativo e bibliográfico, onde procura-se compreender o contexto histórico e social expressos na linguagem musical sob orientação baseada nos estudos semióticos em letras de músicas desenvolvidos por Tatit (2001) considerando o tempo e o espaço da produção musical. As músicas escolhidas são: Vem meu bem, vamos dançar gravada em (1980), Desculpas em (1982), Lambada do amapá, Xote do Acre ambas em (1985), Dentro do Coração (1987) e Força mulher (1989). Como resultado pretende-se evidenciar uma possível articulação entre o contexto da época descrita por expressões cotidianas da linguagem empregada pelo letrista numa perspectiva semiótica e discursiva, valorizando a linguagem musical como parte integrante da diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: LETRAS. MÚSICAS. LINGUAGEM. SEMIÓTICA.
JORGE CARDOSO.

UM LUGAR PARA MARIA BONITA NA CIDADE DAS DAMAS

Maria Carreiro Chaves Pereira
Universidade de Brasília

O presente trabalho é, ainda, um esboço preliminar de um projeto que visa destacar a figura de Maria Bonita, colocando-a no lugar que ela merece estar: na Cidade das Damas, de Christine de Pizan. Na obra Cidade das Damas encontramos histórias de mulheres comuns ou famosas, mártires ou heroínas, que enfrentaram todo tipo de situação, inclusive situações de violência, como narradas pela autora. Nosso propósito é defender que uma dama do sertão brasileiro, Maria Bonita, a famosa companheira de Lampião, merece estar nesta cidade de memória das mulheres. Nossa intenção é elogiar a virtude da figura feminina de Maria Bonita, mulher valente, amorosa e leal cuja fama até hoje ainda é cantada em prosa e verso, principalmente pelos cordelistas, que exprimem a beleza e a coragem de Maria. Pois a Cidade das Damas reúne mulheres de diferentes virtudes, e de várias origens, buscando fazer justiça às mulheres do passado, do presente e do futuro, como pretende a sua autora.

PALAVRAS-CHAVE: MARIA. BONITA. CHRISTINE. PIZAN.

USO DO APLICATIVO DUOLINGO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CAP/ UFAC

Guadalupe Justa Delgadillo Torrez
Universidade Federal do Acre

Novas didáticas surgem conforme o transcorrer do tempo e da evolução da tecnologia. Assim, com o intuito de inovar o processo de aquisição das duas línguas estrangeiras ofertadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (CAP/Ufac), selecionou-se, dentre vários aplicativos, o (app) Duolingo para ser desenvolvido em duas turmas de 30 alunos, do Ensino Fundamental II. Cabe salientar que esse estudo é fruto do projeto “A Aprendizagem em Espanhol e Inglês mediado pelo App - Duolingo” aprovado no edital 003/2017 MCTIC/FAPAC Programa Redes Digitais da Cidadania. Encontra-se fundamentado teoricamente na perspectiva sócio-interacionista de Vygotsky ([1930], 2007), em que o conhecimento é construído em um meio social, e em Silva (2007), que pontua que o professor deve lançar mão dos aparatos digitais para potencializar sua sala de aula. O Duolingo se justifica por ser uma ferramenta útil e significativa em termos pedagógicos, que promove a aquisição de outras línguas, assim como a construção de novos conhecimentos, o reconhecimento e respeito ao seu entorno cultural, a inclusão digital, dentre outros. O projeto do uso do aplicativo se realizou no período de 29 de junho até dezembro do ano passado. Com o desenvolver das aulas ofertadas tanto em Espanhol quanto em Inglês pode-se observar o desempenho dos alunos nas diversas atividades propostas pela equipe do projeto, assim como a assiduidade em executar as tarefas propostas pelo app Duolingo, a aquisição de vocabulário, e por fim, a manifestação de ideias e opiniões comprovadas mediante análise prévia da produção de atividades postadas no blog do projeto o que demonstrou na progressão do conhecimento cultural e discernimento sobre a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: ESPANHOL E INGLÊS. RESPEITO. DIVERSIDADE CULTURAL.

VIAJES DESCOLONIZANTES: LO FRONTERIZO Y LO QUEER COMO INTERSECCIÓN PARA LA CONSTRUCCIÓN DE COMUNIDADES EN LA ESTRATEGIA DE CHOCHUECA (2003) DE RITA INDIANA Y SEÑALES QUE PRECEDERÁN AL FIN DEL MUNDO (2009) DE YURI HERRERA

David Jonathan Montecino Vieira
Pontificia Universidad Católica de Chile

El trabajo propuesto toma la perspectiva analítica de Sofía Carrizo (2002) para los relatos de viaje, con el fin de observar y relacionar los lugares (“fragmentos de mundo”) propuestos por ambas novelas en la construcción de sus narraciones, enfatizando el valor de las descripciones para articular el sentido de la trama. Los lugares, entendidos desde Augé (1993), serían las relaciones espaciales que existen entre los discursos, recorridos y puntos de vista, que los conforman simultáneamente. Al poner atención a las isotopías descriptivas de estos relatos, notaremos un fuerte rechazo a los binarismos, un desprendimiento de las epistemologías dominantes, cuya crítica dará a lugar a los significantes con los cuales se caracterizará a las comunidades que habitan las protagonistas de los mundos narrados (Esposito 2008). Lo común de estas obras se concretaría en lo que Halberstam (2005) conceptualizó como lo queer, compuesto por subjetividades no-reproductivas biológica ni económicamente, que viven en el riesgo social, fuera de las protecciones del tiempo/espacio burgués. La reivindicación de estos grupos en la obra de los autores puede ser comprendida como un gesto descolonial, que articula un “pensamiento fronterizo” (Mignolo 2000), una doble crítica que instala un intersticio para alejarse de la hegemonía cultural y dar lugar a lo nuevo desde lo local. Entendidos desde la articulación interseccional (Prins 2006), se observa un agenciamiento similar de la enunciación de los autores, posible de enmarcar en un trabajo comparativo de mayor escala que muestre algunos puntos de convergencia estética de las representaciones literarias del género narrativo de viaje en los comienzos del siglo XXI.

PALAVRAS-CHAVE: NARRATIVA DE VIAJE. SIGLO XXI.

INTERSECCIONALIDAD. COMUNIDAD. DESCOLONIALIDAD.

ZONAS DE AMBIGÜEDAD Y CONFLICTO EN LO ÍNTIMO DE JUANA

MANUELA GORRITI

Ana Gabriela Angulo

Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales
Universidad Nacional de Jujuy

Juana Manuela Gorriti (1816-1892) ha hecho de su vida y de su obra un desplazamiento constante. Nacida al Norte de Argentina, debe marchar al exilio junto a sus padres y familiares, se casa en Bolivia con Manuel Isidoro Belzú de quien se separa para instalarse en Lima, ciudad desde la que realiza varios viajes nuevamente a Bolivia, Chile, Argentina. Ella misma se reconoce viajera y peregrina, mujer migrante de la segunda mitad del siglo XIX. El transitar constante entre fronteras y límites se hace evidente en su escritura: fragmentaria, heterogénea, ecléctica. En el libro póstumo, *Lo íntimo* (1898), Juana Manuela hace un racconto de su vida, del “deber ser” de la mujer y de su perfil intelectual en un ámbito propiamente masculino. En este trabajo proponemos analizar cómo a través de esas reflexiones, anotaciones y comentarios, la autora percibe el tono, el latido de una época o su “estructura de sentimiento”, que aunque intangible, tiene grandes efectos sobre la cultura, ya que produce explicaciones, significaciones y justificaciones que influyen en la percepción de la nación como un cuerpo hecho de tensiones y desacuerdos, pero a la vez, de conjunciones entre elementos múltiples. Así podremos apreciar cómo en esta obra confluyen de manera abigarrada –como en todo discurso de frontera- la complejidad estructural del pensamiento andino, la necesidad de dar orden y consenso a una patria escindida y la particularidad de una escritura femenina que está dividida entre la reproducción del discurso patriarcal y el quiebre sistemático que violenta ese “deber ser”. De esta manera, veremos que *Lo íntimo* se sitúa dentro de las literaturas heterogéneas que se caracterizan por la duplicidad o pluralidad de signos socioculturales, donde, por lo menos, un elemento no coincide con la filiación de los otros y crea una zona de ambigüedad y conflicto.

**PALAVRAS-CHAVE: JUANA MANUELA GORRITI. ESCRITURA
SUBJETIVA. MEMORIA. NACIÓN.**

**ASCESIS FORESTAL: GLOSA Y PROYECTO DEL AUTO DO SANTO DAIME,
DE NÉSTOR PERLONGHER**

Enrique Flores Esquivel

**Instituto de Investigaciones Filológicas
Universidad Nacional Autónoma de México**

A su muerte, el poeta argentino Néstor Perlongher dejó inacabado el proyecto de un auto sacramental amazónico vinculado a la iglesia del Santo Daime, con sede en Acre, Brasil. Su intención era realizar investigaciones profundas sobre la historia y la forma del género para crear un espectáculo inspirado en ellas, lo mismo que en las visiones ayahuasqueras del pintor Pablo Amaringo y en su propia experiencia mística y poética sintetizada en sus trabajos “Poética del éxtasis” y “La religión de la ayahuasca”, además de en sus últimos libros de poemas: Aguas aéreas y El chorreo de las iluminaciones. A partir de la extensa investigación que realicé en mi libro Etnobarroco: rituales de alucinación, me propongo realizar una lectura cercana (close reading) y libre del fragmento conservado del Auto, un poco a la manera de las antiguas glosas y comentarios de los poetas Barroco, enfatizando, a la vez, las fuentes barrocas y amazónicas puestas en juego en ese espectáculo proyecto.

**PALAVRAS-CHAVE: POÉTICA. ÉXTASIS. RITUALES. AYAHUASCA.
BARROCO.**

LA CONFIGURACIÓN AUTORAL DE JULIO RAMÓN RIBEYRO

Joaquín Castillo Vial

Pontificia Universidad Católica de Chile

Julio Ramón Ribeyro es un escritor de los márgenes del boom latinoamericano. Escribió novelas y cuentos, vivió en París, frecuentó a Vargas Llosa y Cortázar e incluso habría participado como jurado del premio Casa de las Américas, lo que equivalía a un sello de calidad. Sin embargo, nunca se le menciona al hacer un catastro de aquel auge que suscitó la narrativa hispanoamericana en los años sesenta y setenta. En esta ponencia quiero profundizar en tres elementos que permiten comprender mejor la concepción que el escritor peruano tenía de sí mismo y cómo el campo literario de su época influyó en la configuración de su estética. Para ello se leerá la figura autoral desde su literatura autobiográfica (su diario, publicado en tres tomos bajo el nombre “La tentación del fracaso”, y sus cartas) y sus “Prosas apátridas” y “Dichos de Luder”. Los tres elementos que se analizarán en esta ponencia son la noción de fracaso, su reflexión sobre el boom y su filiación con el moralismo francés. Estos tres vectores configuran una lúcida reflexión sobre su propia estética y su papel en el campo cultural. Son distintos círculos que pueden leerse concéntricamente desde la figura del cuentista peruano: la constante búsqueda de un estilo y la tentación de fracasar en esa tarea, su continua reflexión sobre las grandes novelas de su época (y también sobre las grandes obras francesas del siglo XIX) y su escepticismo a la hora de comprometerse políticamente con el boom latinoamericano están de modo persistente en toda su escritura. Así, la capacidad de Ribeyro para comprender el vínculo entre literatura y política, especialmente en el contexto de la guerra fría latinoamericana que volcó a gran parte del continente a apoyar la revolución cubana, lo hace ocupar una posición privilegiada para observar el rol de los escritores-intelectuales. La comprensión de su trayectoria y del modo en que la crítica ha recibido su obra permitirá, por tanto, dibujar de manera más compleja un panorama donde han florecido algunas de las obras más representativas de América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: JULIO RAMÓN RIBEYRO. ESCRITURA

AUTOBIOGRÁFICA. BOOM LATINOAMERICANO. CAMPO CULTURAL.

**LA CONSTRUCCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD FEMENINA EN LA NOVELA
DE GIOCONDA BELLI: PASIONES, CUERPO Y ENTORNO EN LA
CONFORMACIÓN DISCURSIVA DE LAS MUJERES**

Silvia Alejandra Torres
Universidad Nacional de Jujuy


En la novela *La mujer habitada* de Gioconda Belli hay un juego entre la voz y la mirada en el nivel enunciativo que construye una diégesis donde habitan los personajes. Ese espacio se extiende como un horizonte urdido por y en los cruces y distancias de las percepciones, emociones, sensaciones. Un mundo soportado en las formas de la pasión. Esta complejidad se desentraña cuando atendemos a los modos que tienen los cuerpos- sujetos de sentir(se) y percibir(se) en ese entorno y a los modos de enunciar dichas percepciones por medio de la descripción. Por lo tanto es fundamental acceder a este espacio de tensiones y darle significado por medio del análisis de la descripción porque, tal como lo explica Filinich, ésta permite vehicular toda la dimensión pasional. Entendemos como dimensión pasional al campo en el que se hacen presentes las experiencias sensibles del sujeto. El cuerpo femenino se manifiesta como centro de las percepciones del mundo pero a su vez se realiza como parte constitutiva de ese mundo. Así, por medio de los recursos descriptivos, daremos cuenta de lo que se experimenta en el propio cuerpo: los deseos, las pulsiones, sentimientos, afectaciones y emociones en esa dimensión pasional.

**PALAVRAS-CHAVE: SUBJETIVIDAD FEMENINA. CUERPO. PASIONES.
ENTORNO.**

“LA DOCTRINA MONROE HA MUERTO”: BENJAMÍN VICUÑA MACKENNA FRENTE A LOS ESTADOS UNIDOS Y EUROPA

Marcelo Sanhueza
Universidad de Chile

En el marco de la historia intelectual latinoamericana en la ponencia analizaremos una selección de pasajes del relato de viajes Páginas de mi diario durante tres años de viajes. 1853-1854-1855 (1856) y de artículos periodísticos de Benjamín Vicuña Mackenna publicados en La Voz de la América. Órgano de las Antillas españolas, que él fundó en Nueva York, ciudad en la que permaneció entre 1865 y 1866, en calidad de agente confidencial del gobierno chileno en el contexto de la Guerra contra España. Nuestro objetivo será problematizar, en primer lugar, el pensamiento y discurso antinorteamericano y antiimperialista que Vicuña Mackenna elabora, estableciendo las diferencias geoculturales y geopolíticas entre Hispanoamérica y Estados Unidos y Europa. Vicuña Mackenna estaba rechazando el silencio y la nula protección de los Estados Unidos frente a la invasión de Francia en México y al reciente bombardeo de Valparaíso por parte de la armada española el 31 de marzo de 1866, durante la llamada guerra hispano-sudamericana que involucró a Chile y Perú. El pensador chileno se dedica a criticar y desmantelar, por una parte, el ideario expansionista que había sostenido la llamada Doctrina Monroe y, por otra, las diversas intervenciones imperiales de Francia y España en la región a mediados del siglo XIX. En esta dirección, Vicuña Mackenna será también un promotor de la independencia de Cuba y Puerto Rico a través de sus trabajos en La Voz de la América. En segundo lugar, nos interesa problematizar el proyecto hispanoamericanista y antiimperialista propuesto por Vicuña Mackenna, asociado con el liberalismo decimonónico, en tanto presenta algunas contradicciones y tensiones, como, por ejemplo, intenta reivindicar las naciones americanas de origen latino, pero margina las culturales indias y africanas. Pese a ello, consideramos que este proyecto intelectual y sociocultural criollo-mestizo, en el que se puede enmarcar Vicuña Mackenna y que ayuda a construir desde la experiencia de viaje, escenifica su distancia frente a pensadores latinoamericanos del periodo que reproducen y asimilan pasiva e irreflexivamente los aportes culturales y técnicos de Estados Unidos y Europa. Proponemos entonces que Vicuña Mackenna nos entrega un discurso antiimperialista e hispanoamericanista que, si bien no es sistemático y contiene elementos contradictorios, establece ciertos planteamientos básicos que después se irán depurando y fortaleciendo con el correr del siglo XIX dentro de los intelectuales de América Latina, como en los casos emblemáticos



del cubano José Martí y del uruguayo José Enrique Rodó.
PALAVRAS-CHAVE: IMPERIALISMO. ANTIIMPERIALISMO. HISTORIA
INTELLECTUAL.

“LA EROTIZACIÓN DEL COLONIZADO” : REPRESENTACIONES DE AFRODESCENDIENTES EN LA LITERATURA CHILENA RECIENTE

Iris de Fátima Lima Barbosa
Pontificia Universidad de Chile

El creciente flujo inmigratorio afrodescendiente proveniente de Colombia, Haití, República Dominicana que experimenta Chile en los últimos 5 años, ha convertido a su sociedad en un escenario sociocultural más diversificado y dinámico al que no estaba acostumbrado. En este contexto, los sujetos migrantes de estos países deben enfrentar los desafíos de adaptarse a una cultura y estructura social distinta, siendo sometidos a una serie de discursos estigmatizadores y prejuicioso por representar a otro negro y pobre de la nación que viene a ocupar no solo un lugar sociocultural diferente, sino que también en la división social, racial y sexual del trabajo, amenazando la supuesta homogeneidad nacional y estabilidad laboral de las clases trabajadoras locales. El objetivo de mi ponencia será, en primer lugar, problematizar las representaciones de los cuerpos afrodescendientes en Chile, dentro del campo literario reciente. Para eso analizaremos algunas obras como, *Cuentos de inmigrantes* (2014) y *Vivir más allá* (2017), en que se construye un imaginario social alrededor de esos cuerpos extranjero-migrantes, mediante una retórica que los erotiza, sexualiza y también muestra el universo racista en el que se inscriben. En segundo lugar, analizaré la voz, femenina, inmigrante, negra y subalternizada a través del examen de sus narrativas orales, para mostrar cómo las mujeres afrodescendientes desmantelan los discursos y prácticas patriarcales y racistas, construyendo lugares de enunciación de resistencia en la sociedad chilena.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA CHILENA RECIENTE.
AFRODESCENDIENTES. REPRESENTACIÓN.

**LAS TRES MITADES DE INO MOXO... VALORES Y AUTONOMÍA CULTURAL
DE LOS INDIOS AMAZÓNICOS DEL PERÚ**

Ezequiel Maldonado López

Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco

Analizo en esta ponencia la novela de César Calvo Las tres mitades de Ino Moxo y otros brujos de la Amazonía. Hoy, la expoliación y destrucción del hábitat latinoamericano sigue una marcha que pareciera inexorable, no sólo con el apoyo de Estados y gobiernos sino el poderío y la razón de transnacionales. En Las tres mitades... interactúan tradiciones, mitos y magia de pueblos indígenas que han resistido este asedio y, por ello, constituye una fuente de goce y enseñanza para las nuevas generaciones. En esta ponencia analizo la presencia india en la selva peruana en un contexto marcado por la lucha y resistencia de comunidades por preservar cultura y tradiciones ancestrales. Los objetivos son 1) Analizar las peculiaridades del habla regional que se manifiesta en la novela en oposición a la llamada habla "cult"; 2) Analizar segmentos de un sistema narrativo que recupera formas inconexas y dispersivas de la narración rural; 3) Analizar el funcionamiento de la cosmovisión indígena de la selva peruana con sus valores, el despliegue de las ideologías y, de ser posible, una nueva visión del mito. En cuanto a los aspectos teórico-metodológicos utilizo el texto de Stefano Varese La sal de los cerros me sirve como marco histórico y, en la teoría, y utilizo los textos de ángel Rama, Transculturación narrativa, de Carlos Pacheco, La comarca oral y de Adolfo Colombres, Celebración del lenguaje, entre otros.

PALAVRAS-CHAVE: INDÍGENA. SELVA. LENGUA. COMUNIDAD.
AUTONOMÍA.

**“SÓLO TÚ SABES DE MI VIDA, LA VIDA DE LOS RUNAS.” DIFERENCIA
SEXUAL Y EPISTÉMICA EN CHASKASCHAY DE CH’ASKA EUGENIA
ANKA NINAWAMAN**

Carolina Ortiz Fernández
Universidad Nacional Mayor de San Marcos

La investigación se propone explorar y comprender la configuración de la poética de CHASKASCHAY (Estrellita fugaz) de Ch’aska Eugenia Anka Ninawaman, poeta bilingüe (quechua/español) de Perú desde la diferencia sexual y epistémica como expresión de la poesía quechuaruna contemporánea. Comprendiendo que Chaskaschay conserva imágenes de la memoria desde la visión de la mujer quechua runa como del pueblo quechua, su exploración y comprensión permitirá aproximarnos a entender lo que Lotman denomina “sistemas intelectuales” o “intelecto colectivo” que prefiero llamar patrones de interpretación, valoración y de creación subalternizados en su ubicación espacio temporal, en tanto ésta se acerca mejor a la definición de cosmovisión o episteme y no sólo sistemas intelectuales. En ese sentido, en la presente reflexión, propongo explorar la configuración de CHASKASCHAY / Estrellita fugaz, develando sus componentes y conexiones espacio temporales en situaciones que se inscriben en el cuerpo textual configurando a las y los sujetos actantes, runas en movimiento, a partir de la diferencia sexual y epistémica subalternizadas que singulariza a un sector de la poesía y cultura quechua contemporánea

PALAVRAS-CHAVE: POÉTICA QUECHUA. DIFERENCIA SEXUAL.
EPISTÉMICA.

“TU AMOR, TU DOLOR, SE QUEDA EN MI MEMORIA, GRABADO EN LA HISTORIA”: ¿EL HIP HOP ANDINO COMO UN REMEZCLA CH’IXI DEL TALLER DE HISTORIA ORAL ANDINA?

Caroline Rebecca Edella Shipley
The Ohio State University

En esta ponencia, enfocaré sobre como Nación Rap – un grupo de hip hop desde El Alto, Bolivia – hace posible otros mundos en sus esfuerzos creativos. Grabando su música y tocando en vivo nacional – e internacionalmente desde 2007, yo examino ambos su trabajo y como ellos establecen renovaciones e innovaciones muy distintas en sus espacios de práctica. Más específicamente, analizaré su obra a través del concepto de la autonomía como “el arte de organizar la esperanza,” como es desarrollado por la socióloga política Ana C. Dinerstein. Mi argumento es que este grupo artístico actualiza unos efectos descolonizantes profundos a través de sus proyectos colectivos, mientras que yo voy ampliando el concepto de Dinerstein de “los territorios de la esperanza” para considerar lo que yo llamo los territorios sónicos y visuales de la esperanza. Enfocando mi estudio a través de este acercamiento teórico renovado de la autonomía, yo sugiero que las prácticas de Nación Rap ofrecen una alternativa actual al argumento neoliberal del fin de la historia y los callejones sin salida del discurso de la descolonización. Yo muestro como sus esfuerzos problematizan las maneras convencionales para pensar sobre los movimientos sociales como se relacionan a la historia cultural del presente en La Paz, y crean nuevas maneras de hacerlo. También, yuxtapongo su trabajo con eso del Taller de Historia Oral Andina (THOA) de la misma región andina desde 1983 en adelante, para ver si podemos considerar su obra artística como un remezcla ch’ixi y contemporáneo del THOA, aprovechando el concepto de lo ch’ixi como es desarrollado por Silvia Rivera Cusicanqui. Circunvalando ambos el permiso y el financiamiento del Estado, yo sostengo que Nación Rap nos ofrece una sagacidad muy precisa sobre cómo hacer posible lo que incluso el Estado Plurinacional de Bolivia no haya podido actualizar, y esta sagacidad es sumamente importante para reflexionar sobre la autonomía de hoy.

PALAVRAS-CHAVE: MUSICA. MOVIMIENTOS SOCIALES. ESTUDIOS CULTURALES. AUTONOMIA. HISTORIA ORAL.

“A FAVELA CONTRA-ATACA?” A FESTA LITERÁRIA DAS PERIFÉRIAS NO RIO DE JANEIRO”

Gundo Rial y Costas Geuss
Universidade Federal Fluminense

A alusão a um dos textos pos-coloniais mais canônicos do final da década 80 constitui o contexto para essa pesquisa. Como na coletânea australiana original, “The Empire writes back” (Ashcroft et al.: 1989), o ato de “atacar” entende-se aqui meramente no nível simbólico. Destaca-se a ideia de “reagir”, ao criar espaços para a localização de cultura alternativa produzida nas periferias, sendo muitas delas localizadas nas favelas. Esses assentamentos são ainda hoje em dia testemunhas das injustiças coloniais com um grande número de habitantes afro-brasileiros, muitas vezes estigmatizados pelo lugar de moradia e pela cor de pele na grande mídia e na vida cotidiana. Muitas vezes sem ter a possibilidade de se inscrever no debate de e sobre favela no Brasil, carecem palcos pelos quais as vozes dos moradores de favelas podem ser ouvidas, espalhadas e finalmente introduzidas no discurso hegemônico e no imaginário social. Por isso, esse estudo é dedicado à paradigmática Festa Literária das Periferias no Rio de Janeiro, a FLUP. Esse evento reúne artistas, escritores, ativistas e interessados na área que discutem a periferia a partir dela. Surgida em 2012, a festa anual sempre é sediada em favelas do Rio de Janeiro. Constata-se que ela oferece um novo tipo de visualização das vozes da periferia. Baseado em próprias etnografias, entrevistas e reportagens feitos sobre o evento, a intenção é destacar a natureza paradigmática da festa. Dessa maneira, se refere as edições das festas de 2012-2017, apontando as particularidades, dinâmicas e porta-vozes/atores principais. Aborda-se a forte politização do evento, a formação de uma nova geração de escritores, a criação de um próprio selo de publicação e o estabelecimento de um poetry slam, numa dimensão colegial, nacional e internacional. Parte do material procede da pesquisa de pos-doutorado sobre favela na área da geografia humana (UFF) e apoiada pelo CNPq.

PALAVRAS-CHAVE: FAVELA. LITERATURA. SUBALTERNOS. ESTUDOS POS-COLONIAIS. PERFORMANCE.

¿CÉSAR VALLEJO, POR BULERÍAS?

Pedro José Granados Agüero
Vallejo Sin Fronteras Instituto

El intérprete y compositor peruano, Micky González, lanzó el 2009 un disco titulado “Lando por bulerías”, donde fusiona de modo maravilloso música afro-peruana (marinera limeña incluida) con palos flamencos. Por nuestra parte, hemos publicado ya “Trilce: muletilla del canto y adorno del baile de jarana” (2007) donde demostramos la pertinencia de relacionar la palabra Trilce con “Trila!”, término de resbalosa de la marinera limeña y, a su vez, glosolalia de “La Tirana” (la Madre Patria, España, para los soldados españoles de servicio en las Indias y, en concreto, en el Perú). Por lo tanto, e intentaremos demostrarlo en el presente ensayo, creemos que es tan pertinente y lograda la propuesta de Micky González --de fundir el landó a la bulería-- como puede ser observar ya no sólo qué tanto de ritmo afroperuano existe en Trilce; sino también el grado de conexión y fusión de éste con los palos flamencos --en voz y versos-- y, obvio, asimismo con los tópicos medievales que de manera directa --vía Jorge Manrique-- o a través de sus lecturas de los autores del Siglo de Oro (Góngora o Quevedo, por ejemplo) pasaron a la poesía del peruano. No olvidemos que, étnicamente, César Vallejo es un peruano de segunda generación (abuelos, materno y paterno, españoles). Y curiosa o paradójicamente, un mestizo que con su arte ha gravitado en los movimientos nativos más “beligerantes y descolonizadores” del Perú y Bolivia (Elizabeth Monasterios Pérez); es decir, el Grupo Orkopata. Debate, este último, que al menos en sus rasgos más generales también ventilaremos en este ensayo. Palabras clave: Poesía de César Vallejo, glosolalias y cultura, Trilce y el grupo Orkopata.


PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. CÉSAR VALLEJO. TRILCE. POESÍA.

¿CULTURA PORTEÑA DEL PACÍFICO SUR? SÍ. TRES RAZONES Y UNA MUESTRA

Marco Chandia Araya

Universidade Federal do Pará - Abaetetuba

Existe como existe una cultura amazónica, andina o caribeña una cultura porteña del Pacífico Sur. Las razones se sustentan sobre la existencia de un sujeto-identidad que ha desarrollado su configuración histórica en un espacio cuyo elemento determinante es la presencia inconmensurable del/la mar. Opera éste/ésta como elemento dador que desde los primeros asentamientos ligados a la pesca de sobrevivencia viene generando un “ser porteño”: poseedor de un carácter identitario que se ha potenciado en la relación conflictiva entre los remanentes de su pasado histórico y la arremetida de los procesos modernizadores que se inician sobre todo hacia 1800 en los puertos de la región. Esta es la primera razón. La segunda es que este “ser” relacional ligado inquebrantablemente al espacio natural marítimo pesquero ha construido, en su universo cotidiano, un “habitar”. Esto es una condición entrañablemente influenciada por el pasado remoto y cuyo referente es el “focus” (luz y calor) donde el sujeto genera, en su “estar siendo”, un espacio y un modo de ocupar ese espacio; o sea un “hogar”: reflejo de una relación armónica entre hombre y naturaleza. Esta hoguera, fortalecida por esta experiencia relacional, le ha dado a esta cultura-sujeto-identidad un espesor tal que evita que ese “focus” se extinga, que el contacto ancestral con la figura del “pater-mater familia” no sólo se mantenga sino que con el avasallamiento modernizador se potencie y halle ahí, en el encuentro/desencuentro, su sentido último de existencia/resistencia y su capacidad de resignificarse. Cultura porteña que no se puede estudiar en consecuencia sin los efectos del influjo de Occidente sobre la realidad porteña. Y la tercera razón es que esta lonja que baja del sur de la costa panameña hasta la Patagonia chilena se ha visto resentida además de los efectos del arribo europeo por la constante expoliación por parte del proceso modernizador del Atlántico Sur. Esta hegemonía que recorre el “otro lado” y que funciona sobre el “eje rioplatense” (Rio de Janeiro/São Paulo-Montevideo y Buenos Aires), erige a lo largo del siglo XX y particularmente luego de la apertura del Canal de Panamá, una idea moderna de América Latina que en la práctica invisibiliza el universo del Pacífico Sur a partir de la consabida fórmula de la inclusión simbólica por sobre la exclusión real. El relato latinoamericanista que de ahí surge descuida el poderoso capital de este universo Pacífico que parece estar pero no está, y si lo está lo está más en el discurso que en la realidad. En una integridad más retórica que



concreta y efectiva. Así, estas tres razones que pueden entenderse como de carácter identitario, espacial e histórico, han quedado plasmadas en la creación del arte estético-literario que estos pueblos han producido como fenómeno de sobrevivencia. En este contexto surgen zonas que aglutinan puertos y que son representativas del conjunto. Como la afrocolombiana-ecuatoriana, la serrana-costeña peruana, la de las culturas populares urbanas, etc., está la del universo penquista, por ejemplo. Un espacio cultural que el ejercicio escritural ha hecho de él un referente simbólico al punto que podemos hablar de la presencia innegable de una poética del Golfo de Arauco. Un discurso imaginario que ha potenciado esta particular realidad porteña pero también la del conjunto. En fin, un corpus representativo que resemantiza, da sentido y reafirma la existencia de esta cultura y la continuidad o proceso del discurso literario que la recrea.

PALAVRAS-CHAVE: CULTURA-POPULAR-PORTEÑA. PACÍFICO-SUR-ÚLTIMO. LITORAL-SUBPANAMEÑO. EJE RIOPLANTENSE. POÉTICA DEL GOLFO DE ARAUCO.



Realização



Programa de Pós-Graduação em
Letras: Linguagem e Identidade



GPHCLIM



NEPAN

Apoio



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

ISBN: 978-85-68914-31-1



9 788568 914311